

CLEBER C. PRODANOV

TRAJETÓRIA:
TEMPO E ESPAÇO

Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - Aspeur
Universidade Feevale

TRAJETÓRIA: TEMPO E ESPAÇO

Cleber C. Prodanov



Novo Hamburgo | Rio Grande do Sul | Brasil
2024

EXPEDIENTE - GESTÃO 2018-2024:

PRESIDENTE DA ASPEUR

- Marcelo Clark Alves

REITOR DA UNIVERSIDADE FEEVALE

- Cleber C. Prodanov

PRÓ-REITORA DE ENSINO

- Angelita Renck Gerhardt

PRÓ-REITOR DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO

- Fernando Rosado Spilki

DIRETOR DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

- Luis Henrique Rauber

DIRETOR DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS CRIATIVAS E TECNOLÓGICAS

- João Batista Mossmann

DIRETORA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

- Caren Mello Guimaraes

DIRETORA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INSTITUCIONAIS

- Paula Casari Cundari

DIRETORA DE INOVAÇÃO

- Daiana de Leonço Monzon

DIRETORA DE CAPTAÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS

- Tamires Becker

EDITORA FEEVALE

- Mauricio Barth (Coordenação)
- Eduarda Camilly Candido (Revisão textual)
- Tiffani Müller Schons (Design editorial)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Prodanov, Cleber C.

Trajatória: tempo e espaço/ Cleber C. Prodanov. – Novo Hamburgo: Ed. da Feevale; ASPEUR, 2024.
665 p.

ISBN: 978-65-86341-32-4.

1. Bibliografia individual 2. Biografia profissional – Cleber C. Prodanov. 3. Compêndio de artigos. 4. Artigo – pesquisa científica. I. Título.

CDU 012-057

CDD 012.9

Bibliotecária responsável:
Fernanda Motta Ferreira - CRB10/2058

▪ Apoio cultural desta obra: Processor Soluções Tecnológicas Para Negócios Ltda.

© **Editora Feevale** - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Universidade Feevale

Câmpus I: Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 - CEP 93510-235 - B. Hamburgo Velho - Novo Hamburgo/RS

Câmpus II: ERS 239, 2755 - CEP 93525-075 - B. Vila Nova - Novo Hamburgo/RS

Câmpus III: Av. Edgar Hoffmeister, 500 - CEP 93700-000 - Zona Industrial Norte - Campo Bom/RS

Homepage: www.feevale.br

• SUMÁRIO •

▪ **07** ▪

APRESENTAÇÃO

▪ **09** ▪

PREFÁCIO

▪ **13** ▪

AMBIENTALISMO E
SUSTENTABILIDADE

▪ **53** ▪

COMPORTAMENTO
E SOCIEDADE

▪ **159** ▪

ECONOMIA E
EMPREENDEDORISMO

▪ **249** ▪

EDUCAÇÃO

▪ **321** ▪

EMPREGO E TRABALHO

• SUMÁRIO •

▪ **361** ▪

ESPORTES

▪ **373** ▪

POLÍTICA INTERNA E
POLÍTICAS PÚBLICAS

▪ **433** ▪

SAÚDE

▪ **475** ▪

SÓCIO E GEOPOLÍTICA

▪ **547** ▪

TECNOLOGIA, INOVAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO

▪ **645** ▪

TEMÁTICAS GERAIS

• APRESENTAÇÃO •

A ideia deste livro nasceu do desejo de reunir, em um mesmo trabalho, a parte mais significativa das dezenas de artigos publicados ao longo dos anos. Tarefa difícil, pois não bastava apenas juntar os textos, era preciso dar sentido à obra, verificar sua atualidade, selecionar e eliminar aqueles mais pontuais e muito datados, fazendo uma ampla revisão e organização temática.

Além disso, era importante pensar no significado e no propósito desta publicação, para que não fosse apenas um compêndio de artigos organizados de maneira cronológica e nostálgica. Dessa reflexão nasceu a ideia de trabalhar uma trajetória de vida pessoal, acadêmica e profissional, explorando essas dimensões da vida como se fossem um universo se expandindo e encontrando novas temáticas e situações.

Uma reflexão sobre o movimento que a vida faz no tecido do tempo/espço, legado e propósito de nossa existência. Passar pelo universo não sendo apenas um passageiro descomprometido com a vida, a natureza e as pessoas, mas tendo o cuidado e a preocupação de interagir com esse cenário e suas dimensões.

Para encarar esse desafio, contei com a empolgação do editor Maurício Barth, que não mediu esforços e organizou os artigos de forma impecável e cuidadosa. Sem ele não teríamos o tempo/espço, apenas o espço. Também tivemos a generosidade do amigo Luiz Antonio de Assis Brasil, que aceitou o pedido de prefaciar esse trabalho e que foi por demais gentil com as palavras.

E os veículos onde esses artigos foram inicialmente publicados tiveram um papel fundamental na difusão das ideias.

Finalmente, a todos lá em casa, que, na dinâmica que criamos nas nossas vidas, nos motivamos e procuramos deixar um mundo melhor para se viver, Claudia, Laura, Sofia e Otto.

Cleber C. Prodanov

• PREFÁCIO •

UM LIVRO CONTEMPORÂNEO

Conheço Cleber C. Prodanov do tempo em que ambos trabalhávamos como Secretários de Estado no governo Tarso Genro. O Rio Grande merecia nossa dedicação, e o Tarso também. Durante esse tempo, desenvolvemos uma amizade que era fragmentada pelas circunstâncias, mas intensa na compreensão mútua das coisas da administração, mas não só: nossos interesses culturais convergentes nos levavam a longas conversas nos períodos em que estávamos à espera de uma cerimônia, ou nos almoços ou jantares de trabalhos, ou nas tantas viagens em conjunto. Eu o sabia uma das mentes mais luminosas do Estado, com brilhantes falas argumentativas e textos impecáveis. E tudo isso ele o fazia com a serenidade dos sábios. Nunca o vi alterar-se, sequer alçar o tom de voz. Isso me fez admirá-lo à raiz, e agora vejo que eu estava certo: este livro, *summa* de seu pensamento, é um achado em nosso meio, tão pobre em textos reflexivos.

É o filósofo italiano Giorgio Agamben (Roma, 1942) quem define como contemporâneo somente aquele que não se deixa cegar pelas luzes do presente e consegue entrever a parte da sombra. Neste sentido, o adjetivo deixa de se referir ao tempo em que se vive, pois não basta estar imerso em sua época, necessita-se interpretá-la de modo crítico, reconhecendo os dilemas atuais e propondo soluções. Não há dúvida de que Prodanov é um contemporâneo e os textos aqui reunidos fornecem mais uma evidência disso.

Intelectual de consistente formação e atuação multidisciplinar, ele sempre buscou promover a interface entre o meio acadêmico e o mundo para além da universidade. Ademais de ministrar aulas, fazer pesquisa e escrever livros e artigos que viraram referências em mais de uma área do conhecimento, Prodanov ocupou cargos, na esfera pública e privada, nos quais incentivou e viabilizou a cooperação, a criatividade, o empreendedorismo e a inovação. Parte deste trabalho exemplar de conectar a academia e a sociedade são suas colunas na imprensa, que unem o rigor intelectual ao prazer da leitura.

Publicadas há pelo menos uma década – algumas há quase duas décadas –, as colunas permanecem atuais. Não só continuam válidos os textos que recuperam aspectos importantes da história social do Vale do Sinos, como também os que refletem sobre temas que continuam em voga, a exemplo de sustentabilidade, tecnologia e educação transformadora. Destacam-se ainda as colunas que abordam questões brasileiras, assim como os desafios de nosso país frente ao mundo globalizado. Mesmo composto de textos de outras datas, trata-se, sem dúvida, de um livro contemporâneo.

Luiz Antonio de Assis Brasil
Escritor. Professor da PUCRS.



1

**AMBIENTALISMO E
SUSTENTABILIDADE**

Comendo a própria carne

Análise da história da humanidade e das civilizações passadas permite-nos questionar se nosso crescimento econômico e tecnológico tem de fato algum sentido ou se estamos apenas construindo monumentos que marcam a nossa civilização diante da barbárie que se seguirá no futuro com a destruição de nosso planeta.

Um exemplo é o da Ilha da Páscoa, descoberta pelos europeus em 1722 e envolta em lendas e mistérios, especialmente pela sua natureza devastada e as grandes estátuas de pedras chamadas moais. No passado recente, alguns especularam se tratar de uma civilização perdida e que tivera contato com extraterrestres. Mais recentemente, a verdade emergiu e o quadro que se desenhou foi o de povos polinésios, os quais, ao encontrarem a ilha, se depararam com um paraíso tropical, com terras vulcânicas férteis, abundante em florestas, peixes, aves e todo tipo de animais.

Essa abundância levou a um crescimento populacional, ao uso extremo dos recursos naturais, à destruição das florestas e à liquidação dos animais. O resultado foi a falta de alimentos, o canibalismo e a convivência em uma ilha desolada, sem recursos naturais, com esculturas de pedra como testemunhas de um tempo de fartura e destruição.

A lição que nos fica é a das limitações da natureza e do meio ambiente. As civilizações dependem desse equilíbrio tênue para evoluir, entretanto, o mau uso pode nos levar ao colapso, como o ocorrido com os habitantes da Ilha, os chamados rapanui.

O uso extremo e indevido dos bens naturais leva à luta extrema pela sobrevivência e as regras sociais e civilizatórias desaparecem, sobrando uma sociedade que devora a si mesma em uma moral canibalista. Em algum ponto da evolução dos rapanui deve ter havido algum sinal de alerta e o sentimento de que as coisas deveriam mudar para garantir a continuidade da sociedade, mas esse limite foi ultrapassado. Nesse sentido, cabe lembrar Rubem Alves ao escrever sobre a Ilha de Páscoa: “junto com a destruição da natureza estava a incapacidade de parar. Será nossa sociedade industrial uma construtora de moais?”

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

O uso extremo e indevido dos bens naturais leva à luta extrema pela sobrevivência

Globalizado e instantâneo

Vivemos um momento ímpar de nossa civilização, marcado pela integração de todo o planeta de forma quase instantânea, *on-line*. Essa significativa mudança trouxe consigo uma expectativa perturbadora pela busca constante de informações e contatos, tanto que está cada vez mais difícil nos afastarmos da informação, sem falar da *internet* e do celular.

Essas mudanças que experimentamos são significativas em nossa sociedade. Basta observar que vários conceitos e valores que tínhamos estão sendo superados, basta perceber como nossos filhos reagem a esses estímulos e como são capazes de ser multimídias. Está em operação uma transformação na velocidade e na disponibilidade de acesso ao conhecimento, tornando as redes pessoais um poderoso instrumento de transformação.

A instantaneidade do acesso e a formação de redes criaram um novo padrão de trabalho e de disseminação do conhecimento e da informação. Quem geograficamente esteja isolado pode, através da rede mundial de computadores, estar inserido em um grupo e ter acesso ao que de mais moderno se discute em qualquer área do conhecimento humano. Desse modo, o conhecimento vence a barreira geográfica.

Esse mundo global e instantâneo em que vivemos, mas que nem sempre conseguimos acompanhar, é a terra da chamada geração Y, aficionada por tecnologia, especialmente telefones celulares e *internet*. Esse grupo é formado por aqueles jovens aos quais pedimos ajuda para fazer funcionar qualquer aparelho eletrônico, jogo ou elemento tecnológico existente em nossa casa e no trabalho.

Essa geração possui o talento e a habilidade do mundo dos botões, das telas e das diferentes ferramentas tecnológicas, a tal ponto de nos remeter à pré-história da tecnologia, diante das dificuldades que nós, membros das outras gerações, encontramos no trato com a aparelhagem eletrônica. Essa é a geração do momento, preocupada com a tecnologia, a ecologia e os relacionamentos virtuais, além de operar com múltiplos interesses, procurando viver em um mundo cada vez mais interligado globalmente e, acima de tudo, instantâneo.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Essa geração possui o talento e a habilidade do mundo dos botões, das telas e das diferentes ferramentas tecnológicas

Comendo a própria carne e construindo moais

Gosto muito de ler Rubem Alves, primeiramente pela doçura do que ele escreve e também pela paciência que tem com a humanidade, pois nos proporciona grandes lições em escritos que se os adultos não entendem, seja porque deixaram de ser crianças para poder penetrar na simplicidade de seus ensinamentos. Em um de seus artigos nos brinda com uma reflexão sobre nossa existência e como nossa civilização atual se comporta e constrói o seu futuro, questionando se nosso crescimento econômico e tecnológico tem de fato algum sentido ou estaremos apenas construindo monumentos que marcam a nossa civilização diante da barbárie que se seguirá a história da humanidade frente a destruição de nosso planeta.

O exemplo que Rubem Alves nos relembra é o da ilha da Páscoa, descoberta pelos europeus em 1722 e envolta em lendas e mistérios, especialmente pela sua natureza devastada e as grandes estátuas de pedras chamadas Moais. No passado recente, alguns especularam tratar-se de uma civilização perdida e que teve contato com extraterrestres. Mais recentemente a verdade emergiu e o quadro que se desenhou foi o de povos polinésios que ao encontrarem a ilha entraram em contato com um paraíso tropical, com terras vulcânicas férteis, abundante em florestas, peixes, aves e todo tipo de animais.

Essa abundância levou a um crescimento populacional, ao uso extremo dos recursos naturais a destruição das florestas, árvores e a liquidação dos animais que eram usados para alimentar as pessoas.

O resultado foi o canibalismo e a convivência em uma ilha desolada sem recursos naturais e onde as esculturas de pedra ficaram como testemunha de um tempo de fartura e destruição. A lição que nos fica é das limitações da natureza e do meio ambiente e de que as civilizações dependem desse equilíbrio que ténue, pode nos levar ao colapso como os Rapanui da ilha da Páscoa.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Não jogue fora, devolva

Vivemos em uma sociedade onde o tempo, o conforto e a praticidade são determinantes em nossa vida. Todos aqueles que possuem condições econômicas e que atendem suas necessidades básicas, logo optam por itens de conforto e bem estar em sua vida. Essa passagem, facilitada pelo acesso a bens de consumo e ao ritmo de vida urbano de grande parte dos brasileiros, cria situações novas para nós. Estou falando das relações de consumo, desperdício e geração de resíduos que vão afetar nossa vida nos próximos anos.

Estamos dando um gigantesco passo em busca da sustentabilidade ambiental, pois o Senado Federal deve aprovar em agosto a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Essa legislação prevê, entre outras coisas, uma mudança drástica nas relações de consumo, pois vai obrigar as empresas a recolher e tratar os resíduos do que fabricam e, além disso, o consumidor deverá devolver os produtos para a reciclagem, não os jogando simplesmente no lixo comum.

Tão logo entre em vigor, a nova legislação tornará obrigatório a devolução e a reciclagem de alguns itens, entre eles as pilhas, eletrodomésticos, pneus e as baterias de todo tipo. Sem dúvida, a legislação é um avanço para a sociedade e vai implicar em investimentos e educação, resta saber como acontecerá e quem pagará a conta.

Os especialistas falam que se trata de uma logística reversa, ou seja, terá que ser montada uma estrutura dos fabricantes para receber de volta seus produtos que não tem mais utilidade. Além disso, o cidadão deverá ser educado para essa nova prática e as empresas antes de lançarem novos produtos deverão se preocupar em como farão seu recolhimento. Existe a preocupação com a elevação dos preços dos produtos com essa prática e sua transferência aos consumidores, o que pode ser aliviado com a redução de impostos para incentivar a implantação desse processo. A despeito do avanço da legislação, do bem estar da sociedade, ainda creio em uma oportunidade para as empresas e os empreendedores se qualificarem e terem diferenciais que os façam prosperar sem prejudicar nosso ambiente.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Estamos dando um gigantesco passo em busca da sustentabilidade ambiental

Natureza, cães, gatos e galinhas

O homem sempre teve uma estreita relação com a natureza, especialmente os animais, mas desde que a humanidade começou a viver em cidades e a desenvolver suas civilizações, os recursos de nosso planeta passaram a ser administrados como um bem próprio do homem. A questão central é que nosso planeta parece ter chegado ao limite da suportabilidade em relação às alterações ambientais e à superpopulação humana. Basta reparar fenômenos que vêm se agravando nos últimos anos e que sinalizam uma reação frente às agressões que tem sofrido ao longo dos séculos.

Além disso, acompanha nossa civilização a crescente lista de animais e vegetais em extinção, além do degelo acelerado nos pólos, as inundações em lugares de clima regular, a secura radical do maior sistema hídrico do mundo, a Amazônia.

Também enfrentamos um fenômeno social novo e que funciona por um lado com uma aproximação com os animais, especialmente os domésticos, por outro, com a vulgarização dessa relação. Não é a toa que parte da sociedade é capaz de comprar animais de estimação e em seguida descartá-los como se fossem objetos sem valor. Encontramos uma crescente onda de banalização da relação do homem com seus animais domésticos e o avanço das atitudes de descarte.

Vemos as pessoas descartando animais por não terem se acostumado com eles, ou por acharem que dá trabalho, pelos animais terem ficado doentes ou velhos demais, e tantos outros motivos banais que não valorizam a vida, seja humana ou de qualquer outra espécie. Todos os dias nos deparamos com notícias de maus tratos, com animais sendo sacrificados, abandonados, jogados no lixo, enfim, mal tratados pelos seus donos.

Percebemos, também, cada vez mais as pessoas reagindo contra isso, seja chamando a polícia para libertar um cão que ficou esquecido e trancado dentro de um carro, ou processando um motorista de caminhão que, podendo evitar, atropelou algumas galinhas na estrada. De todo modo, precisamos repensar nossas posições e rever profundamente nossos conceitos e ações diante da natureza, especialmente frente aos animais.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

O próximo presente

O ato de presentear é parte importante da evolução social de nossa civilização, pois representa as trocas simbólicas feitas pelas pessoas que se relacionam, revelando, ainda, um estreitamento ou uma relação social. Os presentes podem demonstrar a admiração de quem presenteia por quem é presenteado, como expressar carinho, amizade, reconhecimento, amor ou simplesmente o desejo de agradar.

De todo modo, os regalos servem para simbolizar e demonstrar que pensamentos e sentimentos podem transformar-se em objetos, daí a grande importância de se conhecer e se preocupar com quem recebe, pois junto vai o significado, as emoções. Quando uma pessoa é presenteada com objetos especiais e diferenciados, está ali embutida a personalização dos sentimentos, juntamente com muitos outros significados que podem constar da escolha por isso ou aquilo.

Atualmente, entretanto, graças à praticidade e ao conforto, vivemos um momento de desumanização dos presentes. Existe uma tendência pela extrema objetividade, racionalidade e por colocar um sentido prático, valor ou sofisticação nos presentes, em detrimento de um significado mais particular. Abrimos mão da surpresa e da personalização. Relegamos esses elementos a um plano menor, para recebermos algo que pedimos ou de que “precisamos”. Nesse sentido, está cada vez mais comum as pessoas serem perguntadas sobre o que querem ganhar e até promoverem as famosas listas de presentes.

Vivemos também o tempo dos presentes obrigatórios e pasteurizados, dos objetos impessoais, das necessidades, das datas mais comerciais do que sentimentais e verdadeiras. Além disso, pouco temos explorado os significados latentes, as funções simbólicas, a memória e a surpresa das pessoas.

Os presentes estão perdendo o significado simbólico e pessoal, estamos perdendo, inclusive, o direito de nos surpreender, rir, chorar e até de não gostar do presente. Devemos fazer um exercício e lembrar-nos da infância e de alguns presentes, como roupas ou, ainda, as meias no Natal ou no aniversário, que quando eram recebidas traziam uma grande frustração. Com certeza, seria bem melhor receber algum brinquedo ou algo mais lúdico, interessante.

Em contrapartida, muitas vezes, um simples brinquedo ou jogo, ou mesmo uma simples bola, pensados para nós, fazia nossa alegria durante meses e trazia sempre a lembrança daquele que nos presenteou. Quantas vezes esses presentes não estão guardados com carinho até hoje em nossa casa ou, então, na nossa memória.

Infelizmente, presentear está perdendo o sentido social e particular, virando um problema, fonte, inclusive, de preocupação. Neste momento, em que nos aproximamos de mais um período "presenteável", seria interessante pensar nos laços e no sentido social e pessoal, na vida e na memória das pessoas quando formos escolher o presente.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Água

O Brasil é um país com grandes reservas de água potável, talvez um dos maiores bens de nossa nação e que, num futuro muito próximo, será tão importante quanto o petróleo no contexto internacional, já que é a fonte e origem da vida em nosso planeta. Entretanto, os cuidados com esse bem são muito incipientes em nossa sociedade, tendo sido sistematicamente negligenciados os avisos de estudiosos e da própria natureza, que vêm acusando o golpe do mau uso, do desperdício e da poluição.

Hoje, no país, muitas companhias de abastecimento de água têm custos elevadíssimos, para colocar na rede pública água de boa qualidade. Muitas cidades brasileiras trazem água de centenas de quilômetros de distância dos centros consumidores, porque os mananciais locais são insuficientes ou inadequados para o tratamento e a utilização da população.

Na cidade de São Paulo, por exemplo, segundo a Empresa de Saneamento Paulista – SABESP, o metro cúbico de água potável na torneira do consumidor custa R\$ 6,00. Em outras cidades e regiões do país, esse valor pode variar de R\$ 2,50 a R\$ 4,00 o m³.

Além dos custos de captação, transporte e tratamento, os custos com o desperdício causado pelas próprias redes faz a situação piorar, em muitas regiões, pois literalmente se joga água tratada fora. Somente na cidade de São Paulo, a SABESP estima que 15% da água que produz seja perdida em vazamentos na rede de distribuição.

De qualquer modo, a água tem se tornado cada vez mais cara e escassa para ser tratada, distribuída e consumida pela população. Os problemas de planejamento, investimentos, poluição de mananciais, perdas no sistema de distribuição e o desperdício dos consumidores têm agravado a situação ano após ano.

Algumas idéias têm sido colocadas em prática, para melhorar nosso aproveitamento dos recursos hídricos. Dentre elas, a experiência de “reciclagem” da água descartada para outros fins que não o consumo humano.

Essa experiência da SABESP reduz o custo da água a R\$ 0,30 o m³, fazendo a reutilização da água descartada, sua purificação

básica e seu reuso para outras atividades que não o consumo pela população. Esse processo mais simplificado, que aproveita um grande volume de água descartada, está sendo utilizado para lavagem de ruas e fábricas, uso em processos industriais e a irrigação de praças e jardins públicos. Reduzem-se, assim, os custos de tratamento da água e se reaproveita o descarte humano, na maioria das vezes ampliado pelo desperdício individual e coletivo das comunidades.

Apesar das grandes reservas de água e da ciência dos problemas de desperdício e dos custos do tratamento, a racionalização do consumo e a busca de alternativas que reaproveitem a água tratada para outras atividades devem ser buscadas.

A educação para o consumo e o controle do desperdício, além da adoção de políticas de despoluição e da melhoria das condições ambientais, parece que está na ordem do dia.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Pedindo água

Pelo menos em tempos de seca e racionamento as atenções sobre a qualidade dos rios, lagos e demais mananciais de água se renovam. Os antigos avisos de que a água é um bem global e que não é inesgotável voltam a ressoar como uma profecia ameaçadora.

Mas nem sempre os profetas locais são suficientes para promover mudanças significativas no nosso comportamento frente aos recursos hídricos de que dispomos. Sendo assim, continuamos a degradar nossos rios e lagos como se amanhã tudo fosse automaticamente se renovar.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 76,1% dos brasileiros têm acesso à água distribuída pela rede pública, pressupondo uma boa qualidade e padrão internacional. Entretanto, 60% da população não têm acesso à rede de esgotos, fazendo com que essa forma de saneamento seja a menos difundida no país. Esse percentual tão elevado pode ser traduzido pela revelação que dos 169,8 milhões de brasileiros apenas 67,9 milhões têm acesso à rede de esgotos e a um programa de saneamento básico. Qualidade de vida está intimamente ligada ao acesso à água potável, rede de esgotos, reciclagem, tratamento de lixo etc.

Dos 5.507 municípios brasileiros, 63,6% usam lixões como destino final dos resíduos urbanos e industriais. Ainda segundo o IBGE, esse tipo de depósito é um dos grandes responsáveis pela contaminação do solo, rios, nascentes e lençóis subterrâneos e outros tipos de mananciais de água.

Embora 99% das cidades brasileiras procedam à coleta de lixo, somente 8% o fazem de forma seletiva, tornando mais grave os problemas ambientais e sociais decorrentes dessa prática e trazendo, também, desperdício de matérias-primas que poderiam ser reutilizadas e recicladas.

Aos lixões mal projetados e irregulares, à contaminação dos mananciais de água e à falta de rede de esgotos, soma-se a falta de tratamento dos esgotos domésticos e industriais, grandes poluidores de nossos rios e cursos de água.

Muitas ações têm sido desenvolvidas, e nossa tarefa deve ser, mais do que nunca, reparar os erros causados por nossa

mentalidade predadora e crédula sobre a capacidade da natureza se renovar infinitamente, mesmo sofrendo violentos ataques da ação humana.

A explosão demográfica, a falta de uma educação ambiental e a pobreza vêm agravando a situação da natureza nos últimos anos em todo o planeta e também na nossa região. Além disso, a falta de percepção sobre o que ocorre muito perto de nós nos faz parecer alienados dos problemas da degradação da natureza, da poluição e do desperdício de água.

Fazemos ainda muito pouco, devemos nos engajar cada vez mais e renovar o caminho da educação como sendo aquele que pode nos redimir de nossa ação destruidora, preservando às futuras gerações uma natureza vibrante e cheia de vida. E em um mundo que se transforma a cada dia, todos nós temos que ser eternos alunos, cujas lições mais urgentes estão sendo reveladas em nosso cotidiano.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Vai ser preciso radicalizar

Desde que a humanidade começou a viver em cidades e a desenvolver suas civilizações, a natureza e os recursos de nosso planeta passaram a ser administrados como um bem próprio do homem e seus descendentes.

Essa apropriação e exploração dos recursos naturais se agravou muito ao longo dos séculos XIX e XX, especialmente com o desenvolvimento industrial e a exploração do petróleo como fonte de energia.

A busca pela energia, principalmente a gerada pelo petróleo com a queima desse combustível fóssil, levou a questão ambiental ao limite. Como um grande vilão dentro dessa queima de combustível, aparece o automóvel, cuja dependência humana é uma realidade. O automóvel, em síntese, representa o consumo de 25 vezes mais energia do que o metrô ou trem elétrico, que usa uma energia limpa.

Mas esse “bem” da sociedade industrial é apenas a extensão de uma filosofia de exploração e de utilização dos recursos naturais à exaustão. Não podemos apenas satanizar os veículos automotores, até por que, principalmente em países onde o transporte público é ineficiente, ele se coloca como uma alternativa.

A questão central é que nosso planeta parece ter chegado ao limite da suportabilidade em relação às alterações ambientais e à superpopulação. Basta reparar fenômenos que vêm se agravando nos últimos anos e que sinalizam, não um pedido de socorro da natureza, mas uma reação dela às agressões que tem sofrido ao longo de milhares de anos.

Basta, olharmos a crescente lista de animais e vegetais em extinção, e que não pára de crescer, além do degelo acelerado nos pólos, as inundações em lugares de clima regular, a secura radical do maior sistema hídrico do mundo, a Amazônia. Soma-se a isso, a maior média de temperatura do planeta em toda a história humana, o recorde de furacões no Caribe, entre tantos outros “desastres” naturais, somente nesse ano.

Não é preciso ser um grande cientista ou ambientalista para compreender o que está acontecendo em nosso planeta. Ou definitivamente radicalizamos em busca de uma sustentabilidade, ou corremos o risco de a cada ano convivermos com maiores

e mais devastadoras reações de natureza, numa alteração de nosso ecossistema, frente às agressões sofridas.

Essa reação e alteração do nosso planeta pode adquirir uma proporção catastrófica para a humanidade e diversas outras espécies, podendo chegar a um nível crítico e desastroso, onde a reversibilidade seja impossível. Sabemos da crença do homem na ciência como resposta aos males e danos que realizamos, mas a aceleração da destruição planetária, alimentada pelo consumo sem sustentabilidade, pode nos conduzir a um caminho onde não tenhamos tempo de reverter os danos causados.

Por isso, precisamos radicalizar nossas posições e rever profundamente nossos conceitos e ações diante da natureza e das futuras gerações.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Água, o ouro líquido

Nos últimos anos, nosso Estado e nossa região têm se deparado com verões rigorosos e secos e a falta de chuvas demonstra a fragilidade de nosso ecossistema, especialmente no que se refere aos mananciais de água.

Permanentemente, temos monitorado os nossos rios, na esperança de que eles não sequem e de que possamos ter um abastecimento de água potável para toda a população.

Quando passamos do período de seca, muitos se despreocupam com a quantidade e a qualidade da água em nossos rios e demais cursos de água. Isso é tanto verdade que, há poucos dias, nos deparamos com um desastre ecológico de grande impacto, principalmente sobre a vida no Rio dos Sinos.

O mau uso dos cursos de água e sua displicente utilização pela sociedade têm comprometido seriamente a vida e um dos bens mais preciosos do futuro, que é a água.

Depois de tantos desastres, dos momentos de dificuldade, de campanhas educativas, multas e ações dos órgãos fiscalizadores, ainda estamos utilizando nossos mananciais hídricos como latrinas a céu aberto, como se a natureza pudesse permanentemente suportar essas agressões.

Em um mundo que possui inúmeras alternativas tecnológicas para tratamento de efluentes e soluções mais baratas do que tínhamos anos atrás, permanecemos agredindo nossos rios e jogando em nossa casa o pior daquilo que produzimos, os nossos resíduos.

O Brasil é um país com grandes reservas de água potável, talvez um dos maiores bens de nossa nação e que, num futuro muito próximo, será tão importante quanto o petróleo ou o ouro no contexto internacional, já que é a fonte e origem da vida em nosso planeta. Entretanto, os cuidados com esse bem são muito incipientes em nossa sociedade, tendo sido sistematicamente negligenciados os avisos de estudiosos e da própria natureza, que vêm acusando o golpe do mau uso, do desperdício e da poluição.

Hoje, no país, muitas companhias de abastecimento de água têm custos elevadíssimos, para colocar na rede pública água de boa qualidade. Muitas cidades brasileiras trazem água de centenas de quilômetros de distância dos centros consumidores, por-

que os mananciais locais são insuficientes ou inadequados para o tratamento e a utilização da população.

De qualquer modo, a água tem se tornado cada vez mais escassa e cara para ser tratada, distribuída e consumida pela população. Os problemas de planejamento, investimentos, poluição de mananciais, perdas no sistema de distribuição e o desperdício dos consumidores têm agravado a situação ano após ano.

Algumas idéias têm sido colocadas em prática, para melhorar nosso aproveitamento dos recursos hídricos. Dentre elas, a experiência de "reciclagem" da água descartada para outros fins que não o consumo humano.

Esse processo mais simplificado, que aproveita um grande volume de água descartada, está sendo utilizado para lavagem de ruas e fábricas, em processos industriais e para a irrigação de praças e jardins públicos. Reduzem-se, assim, os custos de tratamento da água e se reaproveita o descarte humano, na maioria das vezes, ampliado pelo desperdício individual e coletivo das comunidades.

Apesar das grandes reservas de água, da ciência dos problemas de desperdício e dos custos do tratamento, a racionalização do consumo e a busca de alternativas que reaproveitem a água tratada para outras atividades devem ser buscadas. De qualquer forma, a água deveria retornar aos rios, tão limpa ou mais do que quando a retiramos. Seria um começo.

A educação para o consumo e o controle do desperdício, além da adoção de políticas de despoluição e da melhoria das condições ambientais, parece que estão na ordem do dia.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

O problema se repete

Parece incrível, mas assistimos novamente ao Rio do Sinos ser agredido. Essa parece ser uma novela sem fim, pois, quando pensamos ter chegado ao fundo do poço, poucos dias depois, a tragédia parece que vai romper e se repetir novamente. Claro que é importante punir aqueles que ajudam a destruir mais rapidamente a natureza, entretanto, somente ações punitivas não resolvem, temos que iniciar uma grande ação que renove nosso compromisso com o meio ambiente e as futuras gerações.

A água é um bem global e não é inesgotável, por isso, esse tesouro deve ser cuidado como um bem coletivo, sob pena de vivermos, constantemente, a ameaça de uma profecia ameaçadora e destruidora de nosso habitat. Nesse sentido, infelizmente, nem sempre os profetas locais têm sido suficientes para promover mudanças significativas no nosso comportamento frente aos recursos hídricos de que dispomos; continuamos a degradar nossos rios e lagos como se amanhã tudo fosse, automaticamente, renovar-se.

No Brasil, cerca de 80% dos cidadãos têm acesso à água distribuída pela rede pública, pressupondo uma boa qualidade e um padrão internacional. Esse número é muito menor quando sabemos que somente 60% da população não têm acesso à rede de esgotos, o que faz com que essa forma de saneamento seja a menos difundida no país. Esses dados são importantes, quando pensamos que a qualidade de vida está intimamente ligada ao acesso à água potável, rede de esgotos, reciclagem, tratamento de lixo...

Destaca-se ainda, que dos 5.507 municípios brasileiros, 63,6% usam lixões como destino final dos resíduos urbanos e industriais, sendo, segundo o IBGE, esse tipo de depósito um dos grandes responsáveis pela contaminação do solo, dos rios, das nascentes e dos lençóis subterrâneos e outros tipos de mananciais de água. Além disso, embora 99% das cidades brasileiras procedam à coleta de lixo, somente 8% o fazem de forma seletiva, agravando os problemas ambientais e sociais decorrentes dessa prática e trazendo, também, desperdício de matérias-primas que poderiam ser reutilizadas e recicladas.

Aos lixões mal projetados e irregulares, à contaminação dos mananciais de água e à falta de rede de esgotos, soma-se a fal-

A água é um bem global e não é inesgotável

ta de tratamento dos esgotos domésticos e industriais, grandes poluidores de nossos rios e cursos de água.

Muitas ações têm sido desenvolvidas e nossa tarefa deve ser, mais do que nunca, reparar os erros causados por nossa mentalidade predadora e crédula sobre a capacidade da natureza renovar-se infinitamente, mesmo sofrendo violentos ataques da ação humana.

A explosão demográfica, a falta de uma educação ambiental e a pobreza vem agravando a situação da natureza, nos últimos anos, em todo o planeta e, também, na nossa região. Em um mundo que se transforma a cada dia, todos nós temos que ser eternos alunos, cujas lições mais urgentes estão sendo reveladas em nosso cotidiano.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

No limite da natureza: problema

Muitos acreditam que a natureza tem uma força ilimitada para suportar as alterações que a humanidade têm feito ao planeta. Pensam, ainda, que razões econômicas, de desenvolvimento ou de soberania sobre regiões justificam a utilização dos bens naturais de uma maneira indiscriminada e destruidora.

Essa atitude despreocupada e otimista em relação ao homem e ao mundo natural sofreu um forte abalo diante da precária situação em muitos países. Além disso, está repercutindo com muita força um estudo encomendado pessoalmente pelo Primeiro Ministro britânico Tony Blair a uma comissão comandada por especialistas, entre eles o ex-economista chefe do Banco Mundial, que mostrou uma situação ambiental e econômica muito difícil para a maioria dos países do planeta, inclusive o Brasil.

Esse trabalho analisou os impactos do aquecimento global sobre a humanidade e as economias, não apenas sobre os ecossistemas. Uma das conclusões é que as emissões de gases-estufa já aumentaram a temperatura média global em 0,5 °C em relação à era pré-industrial. Além disso, no ritmo atual, nos próximos 50 anos o aumento de temperatura deve se elevar em cerca de 2°C a 3°C.

Esse aumento das emissões de gases-estufa provoca um grande impacto ambiental, sendo que as principais consequências será o derretimento das geleiras polares, inundações causadas pelo aumento do nível do mar e a extinção de cerca de 40% das espécies do planeta. Junto a esse macro impacto, viriam alterações em regiões específicas e pontuais, como, por exemplo, o pampa brasileiro, o pantanal, a Amazônia, que poderiam sofrer inundações permanentes ou desertificação.

Nesse cenário, mais de 100 milhões de pessoas em todo o planeta seriam diretamente atingidas e estariam em situação de grande risco de vida pelas alterações sofridas em curto espaço de tempo. Um cenário mais brando do ponto de vista ambiental reduziria a atividade econômica global em 3% nos próximos anos. Em um cenário mais negativo, essa mudança poderia representar 20% do PIB global, ou cerca de US\$ 12 trilhões. Uma catástrofe econômica global!

Portanto, seria muito mais barato e teria muito menos impacto estabilizar e diminuir gradativamente as emissões de gases-estufa na atmosfera, ação que deveria prever o investimento de 1% do PIB global, ou seja, US\$ 610 bilhões.

Apesar de tudo, o estudo liderado por Nicholas Stern é otimista, pois aponta que ainda há tempo para diminuir os impactos, desde que exista uma forte ação internacional.

Entretanto, temos pessoalmente e socialmente uma responsabilidade com a sobrevivência da humanidade e com o patrimônio ambiental que herdamos. Ou podemos passar a história como a geração brutalizada e destruidora, que mesmo sabendo o que fazer, não se dispôs a resolver os problemas.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

No limite da natureza: solução

É extremamente assustador saber que o aquecimento global pode causar prejuízos à economia global na ordem de 20% do Produto Interno Bruto – PIB mundial, o que corresponde hoje a US\$ 12 trilhões. É uma quantidade astronômica de recursos, que seria usada para a melhoria das condições naturais do planeta.

É mais temerário ainda saber que os efeitos do aquecimento global afetarão diretamente toda a humanidade, especialmente 100 milhões de pessoas que vivem em regiões costeiras do mar, rios e lagos e, necessariamente, terão que se deslocar, com prejuízos incalculáveis. O pior de tudo, porém, é saber que tudo isso poderia ser evitado, e ainda pode, se algumas atitudes começarem a ser implantadas.

Obviamente que, devido ao tamanho do estrago e do problema, as soluções tornaram-se complexas e globais, mas três ações parecem ser imediatas: a primeira é a necessidade urgente de se reduzir a demanda por produtos e serviços que causam poluição, especialmente a queima de combustíveis fósseis; a segunda, seria tornar a produção e, principalmente, o consumo de energia mais eficiente, racionalizando o seu uso e evitando a necessidade de se criar novas fontes nos próximos anos, além de substituir combustíveis mais poluentes, especialmente carvão e óleo.

A terceira solução seria investir na implantação de tecnologias menos poluentes no transporte, invertendo a matriz de consumo e tornando os combustíveis não-fósseis mais populares, a fim de ocuparem cerca de 60% da energia mundial.

Essas três propostas são simplificações do completo relatório apresentado ao mundo nas últimas semanas, conhecido por Relatório Stern. Ele pode ser visto na íntegra, no endereço eletrônico www.sternview.org.uk. Os indicadores desse relatório internacional são extremamente preocupantes e usam argumentos econômicos para provar a necessidade de se reduzir drasticamente a agressão ao meio ambiente e o efeito estufa.

De maneira inteligente, esse estudo aborda que se, por questões conceituais e falta de apego ao mundo natural, os homens e os governos não tomarem nenhuma atitude, a parte mais sensí-

vel do corpo humano, ou seja, o bolso, pode motivar a realização dessa inversão.

O importante relatório revela também, que ainda temos tempo de reverter essa situação, mas devemos, para isso, ampliar investimentos que fazemos no presente, os quais renderão milhares de vezes no futuro, tanto em termos ambientais como econômicos.

Pensando nisso, como vai o Rio do Sinos? Muita água sendo desviada? Muito lixo sendo jogado? Muito esgoto sem tratamento sendo emitido?

Como vão os nossos lixões? A coleta seletiva? O desmatamento?

Que coisa, ações selvagens que estão nos custando caro já agora, imaginem daqui a alguns anos!

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

O luxo do lixo

De um modo geral, a humanidade, e em especial a nossa civilização ocidental, tem uma cultura que valoriza o desperdício. Vivemos imersos em um caldo cultural que privilegia o uso dos recursos naturais de uma forma a pouco se preocupar com a renovação material ou com o bom uso dos recursos colocados pela natureza à nossa disposição.

Esse modo de agir foi muito incentivado pela cultura do descarte e pela obsolescência dos produtos que hoje em dia experimentamos. Atualmente, é mais fácil, barato e rápido substituir os objetos do que consertá-los. Sem sombra de dúvidas, a estrutura produtiva, o custo de mão-de-obra e outros fatores levam-nos, cada dia mais à veemente prática do descarte, com a colocação de objetos no lixo e sua substituição por novos produtos. Esse é um lado perverso da tecnologia a serviço de um modo de vida que não pressupõe uma sustentabilidade material e ambiental.

De toda forma, ainda podemos fazer algumas correções e evitar o mal maior. Isso poderia ser atenuado se tivéssemos uma atitude mais civilizada em relação ao lixo e à reciclagem.

Esse fenômeno já acontece em relação a alguns produtos que jogamos fora. O Brasil, por exemplo, é o campeão mundial em reciclagem de latas de alumínio, atingindo mais de 95% desse material. Dificilmente vemos latas jogadas nos rios ou rolando pelas ruas de nossas cidades. Essa atitude, todavia, é mais econômica do que de consciência ecológica, pois o alumínio tem um alto valor comercial, o que faz com que as pessoas dediquem-se a reciclá-lo.

Outro produto que aparentemente passa despercebido está se tornando um grande negócio, trata-se das embalagens longa vida. Somente em 2006, foram recicladas, no Brasil, 46 mil toneladas.

Cabe destacar, ainda, que o número de empresas que se dedicam à reciclagem desses materiais dobrou no ano passado, isso revela que, além de recuperar os materiais e proteger a natureza, estão sendo criados mais empregos.

Segundo dados da empresa Tetra Pak, essa cadeia gerou em 2006, R\$ 52 milhões em negócios, e a reciclagem abriu a possibilidade de fabricação de placas e telhas a partir da mistura de plástico, papel e alumínio das embalagens.

Infelizmente essa prática acontece com menos intensidade em relação aos papéis e papelões; nesse item ainda estamos longe de evitar a derrubada de florestas e minimizar o gigantesco consumo de energia e poluição ambiental envolvida na fabricação do papel.

Seria bom nossos governantes olharem com outros olhos o lixo, que se for encarado como resto e fonte de gastos pode esconder, na verdade, uma grande fonte de receitas para as prefeituras, além de reduzir fortemente o impacto gerado no meio ambiente pelo descarte de materiais que podem ser recuperados e transformados. Afinal, o lixo, visto como fonte de problemas, lentamente está transformando-se em negócio.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

A cerveja e a consciência ecológica

Cada vez mais, estamos percebendo que nossa conduta frente aos problemas ambientais leva-nos a refletir sobre nossos atos de consumo e opções que realizamos por este ou aquele produto.

Não é apenas uma questão de modismo, mas de uma necessidade em preservar a natureza de nosso planeta e garantir que a humanidade tenha algum futuro perante os colossais desafios ambientais que estão postos. Trata-se de avaliar questões como energia e o uso sustentado dos recursos naturais disponíveis, assim como a sua reutilização ilimitada.

No dia-a-dia, são nos apresentadas algumas possibilidades, tais como usar combustível de determinada marca e ter a promessa da empresa de petróleo de neutralizar o carbono emitido pelo carro através do plantio de árvores. Ou, ainda, usar energias renováveis para aquecer a água ou a piscina, bem como reutilizar a água da chuva ou da pia para a descarga do vaso sanitário. São, como podemos perceber, muitas as opções que se colocam diante de nós e vamos lentamente optando por aquelas que apresentam vantagens, embora nem sempre ecologicamente corretas.

Essas opções, por sua vez, chegaram a todos os produtos e aos mais diversos consumidores. Um dos exemplos disso é o uso de embalagens de lata ou de vidro para o consumo da cerveja. Para ter uma consciência ecológica, qual seria a maneira mais favorável à natureza para consumir?

Por incrível que pareça, o uso de latas de alumínio é menos prejudicial à natureza do que as garrafas de vidro. Isso se deve a alguns fatores, como, por exemplo, à alta taxa de reciclagem do alumínio no Brasil, uma das maiores do mundo, atingindo 96,2% de reutilização. Enquanto isso, a taxa de reciclagem do vidro não passa de 45%.

Sem a reciclagem, o alumínio gastaria mais energia e água do que o vidro para ser produzido; na verdade, gasta-se o dobro de energia para transformar o mineral em metal e lata. No entanto, a reciclagem e a reutilização das latas fazem com que haja quase uma equivalência em termos energéticos, sendo a transformação do alumínio hoje já mais econômica que a do vidro.

O uso da água também é um elemento importante na transformação e a cada dia que passa esse bem se torna mais caro e escasso. No caso da produção de bebidas utilizando embalagens de vidro, temos dados que mostram que para cada 1.000 litros de bebida produzida são gastos 579 litros de água. Enquanto isso, para as latas de alumínio esse consumo de água cai drasticamente, com a utilização de apenas 123 litros no processo.

Hoje, é possível ter opções éticas e ecologicamente corretas nas coisas mais simples da vida, como, por exemplo, tomarmos a nossa cervejinha ou refrigerante com uma consciência ecológica derivada da nossa opção pela embalagem. Ainda não fazemos essa opção apenas pelo apelo ecológico, mas pelo custo dos produtos e de sua produção ou pela capacidade de transporte e de refrigeração, mas as opções estão aí e nós, cidadãos, podemos, com atitudes simples, ajudar a garantir a sustentabilidade do planeta.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Hoje, é possível ter opções éticas e ecologicamente corretas nas coisas mais simples da vida

É campeão!!

Os brasileiros são campeões! Não se trata de mais um título mundial de futebol, mas de desperdício de água.

A média geral do país apresenta um desperdício de 45% de toda a água captada, ou seja, entre a coleta da água nos rios e lagos e as residências, cerca da metade perde-se no caminho e outra parte importante é desperdiçada nas casas e empresas do Brasil.

Essa é a média nacional, mas algumas cidades são uma verdadeira máquina de desperdício. É o caso das líderes desse *ranking*, como Porto Velho, que joga fora 78,8% da água captada e tratada; Rio Branco, 74,6%; Manaus, 72,5%; Macapá, 71%; Recife, 69,6% ; e Florianópolis, que desperdiça 66,1%.

Essa situação de desperdício de água e de dinheiro torna o país uma referência negativa ao se falar de consumo desse precioso líquido. Chegamos a uma situação em nosso país, onde o uso da água, na média, é o dobro do recomendado pelas Nações Unidas – ONU, ou seja, além do desperdício nas redes de distribuição, nossos hábitos de consumo ainda fazem com que tenhamos um consumo até duas vezes o recomendado para os habitantes do planeta.

A ONU recomenda 40 litros de água por habitante ao dia, mas em algumas cidades brasileiras esse consumo chega a 236 litros. Um dado impressionante é que quanto mais rico é o usuário, mais água ele consome e desperdiça. Existem alguns bairros de classe alta no país que beiram o exagero, como os Jardins e Morumbi, na cidade de São Paulo, onde o consumo chega a 400 litros ao dia, ou seja, dez vezes maior que o recomendado.

Todos nós sabemos que devemos economizar, que os banhos demorados, a lavagem de louça com a torneira aberta, o vaso sanitário desregulado, a lavagem do carro, das calçadas, a piscina, a rede pública sem conservação, entre outros problemas, são os vilões do desperdício de água. Por que, então, não fazemos nada ou realizamos muito pouco? Temos uma cultura do desperdício e não somos compelidos a economizar, nem as classes mais altas com mais recursos e acesso à educação e tecnologias contribuem para diminuir esse desperdício.

Cabe destacar, ainda, que o dinheiro gasto com o tratamento de água desperdiçada poderia ser destinado a outras obras, como saneamento, construção de escolas e hospitais, ou mesmo levar

a todos água e esgoto tratado, mas não, temos preferido ser os campeões mundiais de desperdício. Bem, vamos continuar campeões nesse ramo até quando?

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

O PET nosso de cada dia

O uso da resina de tereftalato de polietileno, comumente chamada de PET, está amplamente difundida em nossa sociedade. Ela aparece principalmente nas garrafas e o seu descarte incorreto faz com que principalmente os cursos de água e os rios encham-se desse lixo, gerado na ordem de 189 mil toneladas anuais. Basta passarmos por qualquer rio, lago, arroio, praia e lá estão as garrafas PET boiando ou enterradas.

Em muitos países, principalmente na Europa e especialmente na Alemanha, esse material praticamente inexistente para a finalidade de envasamento de líquidos, pois se estimula o velho hábito das garrafas de vidro e, em alguns casos, da troca do vasilhame no ponto de venda.

Infelizmente, no Brasil, essa resina, material nobre derivado do petróleo e que demora cerca de 100 anos para se decompor, é um dos grandes contribuintes para a poluição dos nossos mananciais e cursos de água. Existe, entretanto, uma esperança à vista, que é a reciclagem e a agregação de valor ao produto para fazer com que deixe de ser jogado fora e passe a ser reciclado. O que se pretende fazer é o mesmo que se fez com o alumínio das latas de cerveja e refrigerantes, que hoje dificilmente se vê no lixo e cuja reciclagem no país supera a do Japão, pois tem valor comercial e pode ser reutilizado indefinidamente.

As autoridades, por sua vez, deram agora um passo decisivo, especialmente a Vigilância Sanitária- Anvisa, no que tange à reutilização das PET. A Anvisa avaliou e liberou o uso de garrafas PET para serem recicladas e reutilizadas para envasamento de gêneros alimentícios, ou seja, elas podem, depois de recicladas e descontaminadas, voltar a ser garrafas e, mais uma vez, ser utilizadas, o que antes não era permitido.

Essa autorização da Anvisa pressupõe o uso de tecnologias transformadoras e descontaminantes por parte das empresas que reciclarão para o reuso, processo este reconhecido e utilizado nos Estados Unidos e na Europa e que agora chega ao nosso país. Com essa medida, espera-se que se supere o índice de 51,3% de reciclagem atual deste produto e, como no caso do alumínio, cheguemos perto dos 100% de reaproveitamento.

Metade das PET recicladas no país são processadas em São Paulo; o Rio Grande do Sul recicla apenas 7% do total nacional. Esse pode ser um bom negócio também para pequenas e médias empresas, embora, possa, no seu início, ter um custo relativamente alto para o processo e a matéria-prima que deriva dele, mas a natureza agradece, uma vez que poderemos deixar de ver esse espetáculo trágico das garrafas boiando nos rios.

É mais um exemplo de lixo que vale dinheiro. Entretanto, cabe-nos perguntar onde está a consciência dos cidadãos que apenas se movem quando acontece a valorização dos resíduos, sem a preocupação de não os gerar?

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

No limite ambiental

Nossa espécie está no topo da cadeia alimentar do planeta, assim sendo, não possui na natureza um predador que controle o seu crescimento e expansão. Além disso, nos arrogamos o direito sobre a natureza e o mundo natural, criando as mais diversas justificativas para isso, algumas até de cunho cultural-religioso.

De toda forma, desde o surgimento das primeiras civilizações na Antiguidade e do momento em que a humanidade começou a viver em cidades, a natureza e os recursos de nosso planeta passaram a ser administrados como um bem próprio do homem e seus descendentes.

A apropriação e exploração dos recursos naturais agravaram-se muito ao longo dos séculos XIX e XX, especialmente com o desenvolvimento industrial e a exploração do petróleo como fonte de energia, o que levou a questão ambiental ao limite. Como um grande vilão dentro dessa queima de combustível, aparece o automóvel, cuja dependência humana é uma realidade.

Mas esse “bem” da sociedade industrial é apenas a extensão de uma filosofia de exploração e de utilização dos recursos naturais à exaustão. Não podemos, contudo, apenas satanizar os veículos automotores, até porque, principalmente em países onde o transporte público é ineficiente, ele coloca-se como uma alternativa.

A questão central é que nosso planeta parece ter chegado ao limite da suportabilidade em relação às alterações ambientais e à superpopulação. Basta reparar fenômenos que vêm se agravando nos últimos anos e que sinalizam não um pedido de socorro da natureza, mas uma reação dela às agressões que tem sofrido ao longo de milhares de anos.

Basta olharmos a crescente lista de animais e vegetais em extinção, e que não pára de crescer, além do degelo acelerado nos pólos, as recentes inundações e desmoronamentos em Santa Catarina, a secura da zona sul de nosso Estado e até do maior sistema hídrico do mundo, a Amazônia.

Não é preciso ser um grande cientista para compreender o que está acontecendo em nosso planeta, além dos movimentos naturais de aquecimento e resfriamento, nossa intervenção está comprometendo o sistema e colocando em risco as pessoas e a sociedade. Essa reação e alteração do nosso planeta podem adquirir uma

proporção catastrófica para a humanidade e diversas outras espécies, podendo chegar a um nível crítico e desastroso.

Sabemos da crença do homem na sua ciência como resposta aos males que realizamos, mas a aceleração da destruição planetária pode nos conduzir a um caminho duro demais.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

O poder do consumidor

Gradativamente, o Brasil vai se transformando em um país onde as pessoas pensam primeiro em seus direitos e depois nos deveres. Esse fenômeno sociocultural aplica-se principalmente em relação aos bens públicos e às relações dos cidadãos com o Estado, não importa se forem pequenos agricultores no sertão nordestino ou tecnocratas do governo central em Brasília.

Esses mesmos cidadãos, ou consumidores, no entanto, não usam essa perspectiva cobradora para as questões ambientais, como, por exemplo, para determinar que produtos ou serviços irão consumir, tampouco para exigir das empresas uma preocupação socioambiental. Nesse sentido, são raros os casos em que alguém deixa de comprar produtos de empresas que não têm compromisso com o meio ambiente e que o danificam, embora faça essa identificação.

Cabe destacar que não se trata de afirmações casuais, mas o resultado de inúmeras pesquisas realizadas por empresas que estão se reposicionando no mercado brasileiro e percebem que, a cada ano, mais consumidores estão atentos aos danos que produtos e empresas causam ao meio ambiente, observando também as práticas socioambientais das corporações.

Entretanto, ainda estamos muito longe de resultados encontrados pelo mundo afora. Estima-se que no Brasil apenas 15% dos consumidores deixam de comprar um produto ou falam mal da empresa que tenha prejudicado o meio ambiente ou a sociedade. Para se ter uma ideia de nossa modesta participação, na Austrália, nos Estados Unidos e na Alemanha, esse percentual beira os 50%. Além disso, vem crescendo nesses países o número de consumidores que reagem em relação aos danos socioambientais.

A grande questão que parece estar presente nesses baixos índices brasileiros é que existe uma consciência do problema, mas ela não se transfere de igual modo a uma prática, a uma ação efetiva em nossas vidas. Uma das respostas a esse dilema é o fator preço dos produtos, que ainda é muito forte e determina o consumo da grande maioria da sociedade brasileira. Na medida em que o preço e a qualidade começam a se aproximar, no entanto, existe uma tendência dos brasileiros em procurar por produtos que sejam ecologicamente corretos.

Nós, brasileiros, ainda temos muito a melhorar, mas, de todo modo, começamos a pressionar empresas e governos em busca de uma maior qualidade de vida baseada na sustentabilidade. Em tempo, é o momento de iniciar uma maior ação e exercer nossa cidadania e posição de consumidor, rejeitando tudo aquilo que prejudique o meio ambiente e a sociedade.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Sustentabilidade

Cada vez mais, as questões que envolvem o desenvolvimento das sociedades têm passado pelo uso de novas tecnologias e tornado-as vitais nesse contexto do novo século e da sociedade do conhecimento.

O uso adequado e dosado dessas tecnologias pode produzir a diminuição das desigualdades e da pobreza, assim com pode, também, acirrar mais ainda esse processo. Na ponta positiva do uso das tecnologias, destacam-se a da informação e de comunicação e a da biotecnologia, como possíveis propulsoras do desenvolvimento sustentável das sociedades do futuro.

As tecnologias de informação e de comunicação seriam capazes de romper as barreiras geográficas, garantindo o acesso à educação de qualidade para um número maior de pessoas. Além disso, levaria os programas de saúde pública e outras informações aos bolsões de extrema pobreza, em regiões como os conglomerados urbanos.

Enquanto isso, a biotecnologia, ao mesmo tempo em que é capaz de refinar e tornar, de altíssima qualidade, produtos como o vinho, o queijo, a fruta e outros artigos de consumo seletos, proporciona um grande rendimento na agricultura voltada à alimentação.

Deve-se pensar, também, que o progresso da sociedade e, por conseguinte, da ciência e tecnologia, não é feito somente de máquinas, equipamentos e de algumas áreas específicas. O componente humano e a interdisciplinaridade são de fundamental importância e, pela sua sensibilidade, precisam de mais tempo para firmar-se e desenvolver-se. Assim sendo, não apenas a tecnologia, mas as pessoas, sua capacidade de aprendizado, formação e capacitação devem ser enfocadas.

Creio que, mais do que tudo, reside nas pessoas, na sua formação, capacitação, enfim, na educação, a segurança de um desenvolvimento não apenas econômico mas social de fato sustentável.

Nesse sentido, o componente humano, o homem, deve ser o centro da atuação pela busca da sustentabilidade e do desenvolvimento. Qualquer ação que desloque esse fator para um plano secundário pode aparentemente apresentar sucesso nos primeiros movimentos, mas, em longo prazo, não terá sustentabilidade e equilíbrio.

Nesse sentido, o componente humano, o homem, deve ser o centro da atuação pela busca da sustentabilidade e do desenvolvimento

De todo modo, qualquer alternativa que seja buscada pela sociedade para desenvolver-se, deve levar em conta as completas relações que compreendem a busca de um mundo melhor e de estruturas positivas e duradouras, sob pena de nunca atingirmos um desenvolvimento realmente sustentável.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

O consumidor e o meio ambiente

Infelizmente nós, consumidores, não usamos critérios sócio-ambientais para determinar que produtos ou serviços consumir. Também, ainda não deixamos de comprar os produtos de empresas que não tenham compromisso com o meio ambiente e que o danifiquem, embora façamos essa identificação.

Essas não são afirmações casuais, mas o resultado de inúmeras pesquisas realizadas por empresas e institutos no país, que estão se reposicionando no mercado. Dentre os muitos trabalhos, cabe destacar um dos mais recentes nessa área, realizado pelo Instituto Ikatu, o qual aponta que a cada ano mais consumidores estão atentos aos danos que produtos e empresas causam ao meio ambiente, assim como observam as práticas sócio-ambientais das corporações. Ainda segundo o Ikatu, no Brasil apenas 15% dos consumidores deixam de comprar um produto ou falam mal da empresa que tenha prejudicado o meio ambiente ou a sociedade.

Para se ter uma idéia de nossa modesta participação, na Austrália, o percentual de consumidores que reagem em relação aos danos sócio-ambientais é de 51%, enquanto nos Estados Unidos e na Alemanha chega a 42%. Como podemos observar, ainda estamos muito longe de resultados encontrados em consumidores pelo mundo afora.

A grande questão que parece estar presente nesses números brasileiros é que existe uma consciência do problema, mas ela não se transfere na mesma medida a uma prática, uma ação efetiva nas nossas vidas. Uma das respostas a esse dilema é o fator preço dos produtos, que ainda é muito forte e determina o consumo da grande maioria da sociedade brasileira. Por outro lado, na medida em que o preço e a qualidade começam a se aproximar, existe uma tendência dos brasileiros por procurar produtos que sejam corretos do ponto de vista sócio-ambiental.

As empresas, por sua vez, também estão atentas a esse movimento; volta e meia a sociedade é informada sobre a adulteração de produtos que causam mal aos consumidores, ou de agressões ao meio ambiente realizadas por outras corporações. Não basta falar sobre isso, será necessário as empresas incorporarem, em seus valores, princípios e ações efetivas, valores sócio-ambientais que contribuam, efetivamente, com a natureza e a sociedade.

Nós, brasileiros, ainda temos muito a melhorar, mas, de todo modo, começamos a pressionar empresas e governos em busca de uma maior qualidade de vida, baseada na sustentabilidade. Em tempo, é o momento de iniciar uma maior ação e exercer nossa cidadania e posição de consumidor, rejeitando produtos e empresas que prejudiquem o meio ambiente e a sociedade.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

A intimidade no lixo

Uma das coisas mais desprezadas pelas pessoas é o lixo. Ele simboliza aquilo que não queremos, descartamos, mandamos para longe de nossas casas e de nossas vidas. Para alguns, é um alívio quando o lixo é descartado, pois ao se livrar dele pensa não ser mais problema seu.

Entretanto, o lixo que descartamos leva consigo uma parte de nossa vida, nossos hábitos e costumes, além disso, é uma fotografia da intimidade de nosso lar, pois os objetos que descartamos estão contaminados pelo nosso status, pela memória de nossa existência e demonstram nossos hábitos íntimos, porém, no lixão, expõe publicamente nossa existência.

Essa relação público/privado do lixo levou dois “paparazzi” franceses, Bruno Mouron e Pascal Rostain, a revirar o lixo das celebridades de Hollywood, como Madona, Jonh Travolta, Marlon Brando, Ronald Reagan entre outros. O resultado dessa expedição ao lixão de Los Angeles gerou um livro chamado “Trash”, que foi lançado nesse ano pela editora francesa Éditions de Regard. Olhar as fotos desses dois franceses é como ler os diários pessoais das celebridades; o lixo transformou-se em cultura.

Por outro lado, apenas para usar o exemplo de algumas cidades, São Paulo produz diariamente 15 mil toneladas de lixo, mas apenas 70 toneladas são reaproveitadas, o que representa menos de 1% do resíduo gerado. Se levarmos em conta a ação dos catadores, esse número pode atingir 5%. Curitiba já consegue reciclar 20% do seu lixo, Nova York 18% e Tóquio, mais de 50%. Esse fenômeno mundial da reciclagem, apesar de ter aumentado expressivamente nos últimos tempos, ainda está muito longe de atingir um nível satisfatório em relação à utilização dos recursos e do aproveitamento sustentável de nossas riquezas naturais.

Enquanto isso, o que descartamos virou luxo e cultura também. E mais, como as palavras que dizemos e escrevemos, essa grande fonte de recursos ainda pouco reutilizada revela nossa intimidade e personalidade. Pensemos nisso também ao livrar-nos de nosso lixo!

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.



2

**COMPORTAMENTO
E SOCIEDADE**

Gerações

Tenho reservado um tempo para ficar observando e analisando o cotidiano das pessoas e a mudança que se operou em poucos anos, na verdade, na passagem de uma geração a outra. Acho muito interessante perceber como os movimentos da vida cotidiana se modificaram com tanta rapidez, mas de uma maneira bem profunda, não apenas na forma, mas no conteúdo.

Para quem nasceu na década de 60 ou 70 pode perceber o que eu digo somente observando o calendário de festas e alguns momentos do ano, começando pela virada de final de ano, agora "réveillon", quando a roupa branca também passou a frequentar os lares do país e, em alguns lugares, passamos a acompanhar em público a chegada do momento dessa "virada".

Mais adiante, na chegada da Páscoa, a Sexta-feira Santa, antes do recato, música clássica no rádio e filmes bíblicos na televisão, sem a possibilidade de jogar bola, ouvir música ou correrias de crianças. No domingo de Páscoa, o cheiro da barba de pau enfeitando os ninhos, ovos de açúcar convivendo com os de chocolate e os ovos de galinha; ainda era preciso passar pela tortura de procurar o ninho.

Hoje, temos a possibilidade de feriadão, quem sabe uma viagem, chocolates de presente, ovos bonitos, de todos os tamanhos, com brinquedinhos dentro e uma escolha quase infinita de tipos e variedades.

Nossa vida corrida da atualidade, e as inúmeras atividades que uma criança pode realizar, atualmente contrastam com os dias e anos que demoravam a passar. Os dias de escola eram longos e divertidos. Era preciso levar merenda de casa, mas se podia ir de bicicleta para a escola, onde o pó de giz dominava a sala, e os lápis precisavam estar apontados nos estojos de madeira.

Já foi dito que, por vezes, a nossa alma vive do passado e não quer ir adiante, pois navega na direção contrária do futuro. Mas, é preciso compreender e entender que fazemos parte dessas mudanças, não apenas como expectadores, mas também como atores.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2016.

O inevitável

Volta e meia nos deparamos com movimentos que nos lembram como é tênue a diferença entre a civilização e a caverna. Isto aparece quando observamos no Brasil uma selvageria em relação à introdução de novos conceitos de serviços e o questionamento acerca de modelos tradicionais. Refiro-me ao Uber, um aplicativo para dispositivos móveis que coloca os usuários em contato direto com motoristas de automóveis credenciados. Infelizmente, o novo serviço tem sido identificado apenas como o inimigo dos táxis, aos quais incomoda porque a empresa criada na esteira da inovação na Califórnia não segue as regras tradicionais deste mercado.

Essa foi uma facilidade que nasceu da atual cultura digital e da busca por melhores serviços. Seu sucesso está em fornecer um transporte de qualidade a preços acessíveis e com uma simplificação de reserva, que é feita no próprio celular.

Como toda inovação, está mexendo no ponto de conforto de uma categoria. Porém, apresenta melhorias para o conjunto da sociedade. Imaginem se tivessem impedido, em 1439, Gutemberg de implementar a impressão com tipos móveis, o que possibilitou a difusão dos livros e da cultura. Adiantaria uma greve dos monges, que manualmente copiavam os livros, para dificultar a mudança? Seria aceitável para Gutemberg acusá-lo de destruidor de empregos?

Que mundo teríamos, se os fabricantes de velas e lampiões, procurando manter sua tradição e seus negócios, tentassem bloquear o avanço das lâmpadas de Thomas Edison? E se as dactilógrafas barrassem o uso de computadores, os fabricantes de papel-moeda proibissem o uso de cartões de crédito. O que seria do mundo se na internet fosse vedado circular *e-mails* e outros documentos pelas empresas de Correio? Ou ainda, se fôssemos impossibilitados de fazer compras pela internet para favorecer as lojas presenciais.

Existem mudanças que são inevitáveis e estão na raiz do processo civilizatório e evidentemente que elas implicam em mudanças de comportamento e atitudes. O Uber é apenas mais uma delas.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2015.

O elevador

Conta a história que, em 1853, o norte-americano Elis Otis criou o primeiro elevador de passageiros. Com esse avanço técnico e de engenharia, ele se tornou símbolo da nossa conquista tecnológica e civilizatória, proporcionando a verticalização das cidades e o aumento do aglomerado urbano. Ele propiciou, ao mesmo tempo, o acesso aos pontos mais altos dos edifícios e uma experiência sobre a natureza humana, confinada em um pequeno espaço.

Com o tempo, o elevador se tornou um espaço protagonista das reações menos civilizadas da sociedade. Hoje, sob a desculpa da pressa, do estresse e de outros fatores da vida moderna, as pessoas esqueceram de vez a educação, a civilidade e a gentileza. Está muito difícil encontrar quem cumprimente os outros adequadamente e, esse cubículo monótono que percorre um sobe desce sem fim e que aprisiona, por alguns segundos, um amontoado humano, consegue ser um local de constrangimento, mau humor e de falta de civilidade.

Tanto dentro quanto fora, difícil é quem segura uma porta, espera quem está dentro sair para depois entrar, não fica gritando no celular em um interminável alô, alô, alô, evidentemente, sem o sinal da operadora que mal funciona fora, o que dizer dentro daquela caixa. Dar bom-dia ou boa-tarde nem pensar, somente olhares irados do passageiro que aperta os botões, o que proporciona mais paradas e um tempo maior de percurso.

Nos prédios residenciais, tem aquele vizinho que entra com lixo e cachorro, dividindo espaço com os demais moradores e que ainda se acha no direito de fazer tudo errado. Sorte daquele que, ainda, não for xingado pelo mal educado e desrespeitoso morador.

Experimente, em seu próximo passeio de elevador, observar o festival de grosserias. Assim, você passa o tempo e tem uma experiência antropológica, que pode servir para sua vida. Assim, você, no dia seguinte, poderá dar um bom-dia, segurar a porta, ser gentil e não vai doer nada.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2015.

As gerações

A todo momento, deparamo-nos com mais informações a respeito do comportamento das pessoas, o que tem nos ajudado a compreender melhor o momento que vivemos, mas ao mesmo tempo, cria modelos e tende a enquadrar as pessoas e os grupos humanos dentro de determinadas características. Entretanto, as gerações têm alguns comportamentos característicos e se torna interessante analisá-los.

Ao longo de um século, surgiram cerca de quatro gerações e é possível ver as várias transformações que ocorreram em cada uma. A geração seguinte à Segunda Guerra Mundial (1946-1964) foi chamada de *baby boomer*, formada pelas crianças expostas a um mundo bipolar, à guerra fria, a um comportamento contestatório e de procura por uma vida melhor, com sonhos de consumo. A geração posterior (1965-81), por sua vez, ficou conhecida como a geração X, marcada pela Guerra Fria, tendo uma visão menos idealista, mais realista e pragmática da sociedade, buscando crescimento profissional e retorno financeiro.

Atualmente, convivemos muito com a chamada geração Y, formada por indivíduos nascidos depois de 1984 até meados dos anos 1990, com a característica de serem questionadores, cheios de opinião sobre todos os assuntos, mesmo sem ter um conhecimento mais aprofundado. São aficionados por tecnologia e internet e até parece que nasceram com um dedo no controle remoto, pois vivem a era digital. Esse grupo é formado por aqueles aos quais pedimos ajuda para fazer funcionar qualquer aparelho eletrônico existente.

Essa geração possui o talento e a habilidade do mundo dos botões a tal ponto de remeter à pré-história da tecnologia, os membros das gerações anteriores. Essa é a geração do momento, preocupada com a tecnologia, com a ecologia e com múltiplos interesses.

Como as sociedades são dinâmicas, está em curso o surgimento da geração Z, formada pelos nascidos após o ano 2000, conhecidos como nativos digitais, para quem, aqueles que nasceram antes do advento da internet são seres pré-históricos.

Provavelmente cada um de nós tenha um representante das diversas gerações dentro de casa. Essa coexistência valoriza o fato de precisarmos entender as diferenças e conhecer os ele-

Ao longo de um século, surgiram cerca de quatro gerações e é possível ver as várias transformações que ocorreram em cada uma

mentos básicos de cada uma delas, o que é fundamental em casa, na escola, no trabalho e na sociedade. Evidentemente, essas são características gerais, que nem sempre podemos aplicar a toda uma geração, mas é um mundo em transformação e que adquire determinadas posições. Sim, isso ele é.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2015.

A faixa

Muitos cidadãos, assim como eu, andam intrigados com a onda de falta de educação e desrespeito que nos assola. Achei que este sentimento fosse pessoal, fruto da irritabilidade do final de ano, quando o cansaço, os problemas do cotidiano, a crise política sem fim, a agudização dos problemas econômicos do Estado e do Brasil pressionam para uma conduta de tolerância zero. Mas não. Hoje, me atrevo a dizer que muitos percebem e se revoltam com a baixa civilidade e educação, que parece ter tomado conta da sociedade.

Um dos maiores exemplos acontece em nosso trânsito violento, perigoso e assustador. Para isso, tomo o exemplo do desrespeito ao pedestre e às faixas de segurança. A faixa de pedestres não é uma invenção nova, pois foi criada em 1949 na Inglaterra, originalmente nas cores azul e amarela. Em 1951, já fora incorporada à legislação de trânsito inglesa e adquiriu este formato de listras brancas como uma zebra. De lá pra cá, se espalhou pelo mundo todo, inclusive no Brasil.

Em nossa cidade, a maioria dos motoristas não respeita a faixa. Por vezes, tenho a impressão de que aceleram para ter vantagem sobre os pedestres. Isto acontece em todas as camadas sociais, econômicas, etárias e indistintamente com homens e mulheres. Ainda, se o carro for potente e grande, pior. O susto do pedestre parece ser proporcional ao tamanho do veículo e à indiferença do condutor.

Pasmem que muitos desses ases do volante local são os mesmos que em Gramado param e se esmeram em gentilezas ou, quando viajam ao exterior, rasgam elogios ao educado trânsito da Europa e dos Estados Unidos. Mas aqui ao retornarem, parecem querer levar vantagem em tudo e esquecer os bons modos e a educação.

O trânsito é uma pequena reprodução da nossa sociedade e o nosso comportamento no volante demonstra todas as fragilidades e carências que possuímos. Cabe pensar o que seria dos Beatles, em sua mais famosa foto, ao atravessar a faixa de pedestres na Abbey Road em Londres, se o respeito ao pedestre não existisse em lugar algum.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2015.

Violência

Achei que nunca seria capaz de escrever um texto que tratasse da violência. Tinha a convicção que esse fenômeno nacional fosse superado juntamente com a melhoria da qualidade de vida e o acesso dos cidadãos à Educação, ao emprego e aos bens de consumo. Fui forjado em uma geração que lutou pela volta da democracia e sonhava com a construção de uma nova sociedade. Além disso, compartilhei com muitos o desejo de ver o Brasil ter alguns anos seguidos de progresso econômico com a diminuição da pobreza e das desigualdades. Esses eram pilares importantes em uma crença de que a sociedade brasileira precisava de uma oportunidade para se desenvolver e cooptar uma importante parcela social que, em médio e longo prazo, reduziria os índices de violência.

Bem, parece que sucumbimos à uma realidade diferente, apesar de, durante um longo período de tempo, termos quase obtidos o pleno emprego e a possibilidade mais ampla e quase universal de acesso à Educação. Além disso, experimentamos um gigantesco processo de ascensão social e crescimento de uma numerosa classe média, que surgia juntamente com os empregos e o consumo. Por outro lado, cresciam, também, o tráfico de drogas, de armas, os assaltos, os crimes contra a vida, as mídias sociais virulentas e a barbárie do trânsito.

Uma luz sobre essa realidade veio na análise do sociólogo espanhol Manuells Castells, a quem tive o privilégio de ler, ouvir e conversar. Para ele, a imagem mítica do brasileiro dócil, pacífico e simpático só existe no samba. Segundo Castells, a relação entre as pessoas e a sociedade no Brasil sempre foi violenta, desde a sua descoberta e conquista, passando pelo extermínio dos indígenas, a escravidão, os privilégios da monarquia, a república capenga, a ditadura, o racismo o preconceito racial e econômico, a inflação e a corrupção.

A sociedade tem raiva, convive mal com as diferenças, tem um histórico violento, mas possui uma autoimagem inspirada ainda no mito do bom selvagem, do brasileiro gentil e cordial. Isso de fato existe, mas uma ampla camada da sociedade está descontente, perdeu a perspectiva e ficou raivosa. Talvez, caiba olhar para o Brasil e entender que deixamos de ser pobres, mas continuamos a viver em um lugar injusto.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2015.

As mulheres estão demais

A participação feminina nas mais diversas atividades está crescendo de forma assombrosa. As mulheres estão ocupando variadas profissões e postos nas entidades, empresas e governos, estão presentes nos esportes, na televisão, nas artes, enfim, ocupando papel protagonista em nossa sociedade.

Considero, no entanto, como muitos, que não se trata de mera discussão de gênero, mas de perfil, formação, atitude e qualidade; elas estão desenvolvendo suas carreiras profissionais e pessoais não apenas por serem mulheres. Aliás, isso até pode acontecer em alguns nichos, mas é sua capacidade revelada que as coloca em evidência; tanto quanto homens, existem mulheres competentes e extremamente profissionais, assim como também há quem não possua qualificações que permitam seu crescimento, ou seja, não é apenas o fato de serem mulheres que alterará as suas competências.

O que quero dizer é que, como educador e observador social, percebo que um grande contingente de mulheres está se preparando e se qualificando para exercer com brilho sua carreira profissional e, por conseguinte, ter alternativas para a vida pessoal. Cabe destacar também o crescimento de atitudes empreendedoras entre elas, que, em poucos anos, vão trazer alterações intensas em diversas posições de destaque.

Além disso, na educação superior, o ingresso está cada vez mais feminino; elas vão, silenciosamente, tornando-se maioria e, conseqüentemente, com melhor formação. Todo esse quadro, por sua vez, começa a alterar as relações do mercado de trabalho, fazendo com que elas cheguem com força e até superioridade de condições para concorrer a muitas vagas.

Existem, por outro lado, ainda muitas barreiras que as mulheres e a sociedade precisam enfrentar para ter um novo olhar, não apenas referendado nos preconceitos do passado ou nas fantasias do futuro. Afinal, homens são homens e mulheres são mulheres... e viva a diferença! Todavia, não é o sexo que vai determinar ou pré-condicionar o desempenho das pessoas, mas o cérebro. Quem tem muitas mulheres na sua vida, como eu, sabe que elas estão demais, até o IBGE chegou à mesma conclusão.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Na educação superior, o ingresso está cada vez mais feminino

Difícil é o não

Pensei que eu não ficasse mais espantado com nada nesse mundo, que engano, principalmente quando observo a reação das pessoas frente aos problemas e como é muito mais fácil ser omissos em relação a eles. Isso tem se tornado norma, pois não discutimos ou apresentamos argumentos, já que é mais fácil concordar, aceitar, dizer sim.

Agindo dessa forma, na maioria das vezes, somos vistos como pessoas que entendem os problemas dos outros, além de pessoas muito sociáveis e preparadas para resolver os problemas. Entretanto, se é mais fácil cultivar uma imagem positiva dizendo sim, essa postura pode, na verdade, revelar uma personalidade sem motivação, posicionamento, capacidade de enfrentar os problemas.

Acredito que temos que procurar dizer sim, mas não pelo simples fato da acomodação e do simplismo. Por outro lado, é muito difícil dizer não, pois normalmente é a palavra de contrariedade e de oposição, quase sempre ligada a algo negativo, mas também aos limites. Na verdade, quando importantes negações deixam de ser realizadas, as pessoas e a sociedade podem ir por caminhos que acabam nos afetando de maneira muito forte, normalmente com problemas que poderiam ter sido evitados. Isso acontece muito com os adolescentes e jovens dentro de nossas casas, mas pode estar acontecendo também em nossos ambientes de trabalho.

Devemos dizer não, com convicção, por exemplo, às drogas, à corrupção, à falta de visão de futuro, ao obscurantismo, à falta de educação, à falta de compromisso com a natureza, à impunidade, à injustiça e à inveja, à falta de ética e a todos aqueles que não fazem nada, só sabem criticar. Dizer não à preguiça, à indiferença, à falta de solidariedade, à violência, à prepotência, aos impostos e o pouco retorno social.

Dizer não pode frustrar e criar uma imagem dura, mas os limites em quase tudo na sociedade estão sendo ultrapassados e nossa capacidade de indignação e de dar respostas a esses problemas parece adormecida. É preciso ter coragem de agir e de dizer não, é preciso colocar os limites e praticá-los.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Dos céus ao buraco

Desde a antiguidade, viajar, conhecer e conquistar foi um sonho dourado; os grandes desafios e as aventuras sempre motivaram e encantaram os homens e a nossa civilização ocidental. Assim, Alexandre da Macedônia conquistou o Oriente, os Romanos, quase todo o mundo conhecido, Marco Polo foi à China e trouxe de lá tantos conhecimentos e deslumbramentos com as culturas orientais. Foi nesse espírito também que a América foi descoberta e colonizada e que as grandes navegações aconteceram.

Quando tudo parecia ter chegado ao final e todos os lugares conhecidos, o homem voltou-se para outros desafios, como as profundezas do mar e da terra, bem como o espaço sideral. Lembro-me relativamente bem da chegada do homem à Lua, da maravilha desse feito que causou a desconfiança de muitos que acreditavam e ainda acreditam tratar-se de um truque de *Hollywood*. De qualquer modo, aquelas imagens do homem pisando na Lua sendo vistas aqui na Terra por milhões de pessoas marcaram minha geração. Para essas crianças e jovens, os céus e o espaço tiveram um sabor especial e inspiraram tantas outras façanhas e conquistas dos céus e do espaço e de toda a indústria aeronáutica.

Na semana que passou, entretanto, outra grande epopeia repercutiu muito nas pessoas e, com certeza, deixará suas marcas nas gerações atuais. Trata-se da retirada dos 33 mineiros das profundezas de uma mina no deserto de Atacama no Chile, um resgate fascinante do ponto de vista da utilização de recursos tecnológicos, da organização das pessoas, da luta pela sobrevivência e da força de vontade. Não creio que quem assistiu às imagens do resgate desses mineiros não tenha se emocionado e classificado esse evento como um dos grandes feitos da humanidade.

Além de tudo, foi uma lição de persistência, coragem e força de vontade, em que a preservação da vida prevaleceu sobre os demais fatores. Certamente, daqui a algum tempo, essas sejam lembranças distantes e possam ser lidas ou vistas em um filme, mas o sentimento de estar participando dessa história não tem preço e vai ser mais uma lembrança especial.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Natal e fim de ano, o mundo não acaba

Acada ano que passa, parece que os finais de ano, mais e mais, **A**vem se tornando sinônimo de correria e desespero para as pessoas. Lembro-me, com nostalgia, de um passado distante, em que as festas eram um tempo de arrumar a casa, pintar as paredes, lavar a cortinas e tapetes, fazer consertos no lar, no jardim, assim como bolachas de Natal, doces cristalizados e, de certa forma, esperar um tempo de mudanças. Lembro-me também de um ano muito longo, de tempos e estações marcadas e de expectativa pela chegada do Natal e da festa de Ano Novo, eventos outrora mais intimistas e familiares, que serviam para reunir e confraternizar. Era um tempo em que as pessoas se procuravam e compartilhavam...

Bem, mesmo que para muita gente seja mais um tempo de presente do que de renovação, o Natal ainda é Natal. Já o Ano Novo, bem, esse até mudou o seu nome e passou a ser *revellion*; resquícios de um mundo globalizado e de uma cultura internacional. O ano também mudou seu ritmo; passou a ser freneticamente rápido e estressado, fazendo das festas de fim de ano um momento de fechar as contas, de aproveitar e dar uma escapadinha com a família para a praia ou algum outro lugar a que não foi possível ir durante o ano. Não que isso seja melhor ou pior do que o que acontecia no passado, o mundo é outro, as necessidades e os apelos também, mas não há como passar despercebida essa marcante diferença, que não só existe como se distancia a cada ano, a cada geração.

Hoje, ao sair de casa, encontramos instalado um frenesi que toma conta das ruas, das lojas e das conversas. É o tempo da correria final, dos últimos 100 metros que nos separam do ano que vem, e de um recomeço. No fundo, ainda reside em nós a mentalidade do tempo de renovação que essas festas simbolizam, só que isso não é pensado enquanto estamos correndo como loucos, ou seja, percebemos muito pouco daquilo que passa na janela da vida.

Não sei se vai dar para parar e curtir essa paisagem; trata-se de um movimento coletivo, forte e que arrasta as multidões. De toda forma, é apenas o ano que vai terminar, o mundo não!

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

O que será do livro?

Como membros de uma sociedade letrada, desde muito cedo, acostumamo-nos com a companhia e a importância dos livros em nossa vida. Convivemos diariamente com livros impressos, uns pequenos, outros grandes, alguns com ilustrações, outros com fotos, alguns apenas com palavras, outros sem, não importa; apresentam-nos a possibilidade de descortinar mundos.

O livro acompanha-nos desde a infância - alguns são até de plástico para os bebês - e, nesse caminho, habituamo-nos com o mundo da leitura e dos livros. Algumas pessoas, com mais dedicação, devoram-nos e têm neles grandes companheiros; outros, nem tanto, apreciam, mas não desenvolvem o hábito da leitura, embora tenham um profundo respeito pelo livro e reconheçam a sua importância.

Nesse novo século, diante das novas tecnologias e novas formas de apresentação das ideias, o livro digital parece ganhar terreno. Será que o livro tal qual conhecemos, impresso e dessa forma tradicional, vai desaparecer?

Várias experiências estão tomando forma no mundo todo, inclusive no Brasil, onde a Universidade Estadual Paulista -UNESP lançou a primeira coleção de 44 títulos de livros digitais, que podem ser baixados gratuitamente. Essa coleção foi pensada em formato apenas de livro eletrônico; não se trata, pois, de um texto editado em papel e que depois foi digitalizado.

Parece que vamos experimentar muitas mudanças em relação ao livro... Será que ele vai resistir, vai se elitizar ou continuará coexistido com os novos formatos digitais? Estamos, com certeza, diante de uma mudança que vai impactar muito mais os migrantes digitais que aqueles que vão nascer em meio a essa nova tecnologia, os chamados nativos digitais. Ou será que não?

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Nesse novo século, diante das novas tecnologias e novas formas de apresentação das ideias, o livro digital parece ganhar terreno

Sexo, drogas e violência

O mundo é ao mesmo tempo um lugar fascinante e perigoso, ainda mais para aqueles que estão começando a descobrir a vida e seus prazeres, em especial os adolescentes e jovens. Muitas possibilidades apresentam-se a esses indivíduos cheios de energia, repletos de hormônios, vontade de descobrir, que nem sempre a ação dos mais velhos, ao cobrar coerência, cuidado, atenção podem ser compreendidos e assimilados.

Viver é maravilhoso, especialmente quando existem alternativas de vida e perspectivas de futuro. Entretanto, muitas dessas possibilidades acabam sendo interrompidas e transformam-se em pesadelo para os jovens e suas famílias. Por exemplo, no Brasil, a cada ano, inicia-se mais cedo a vida sexual, atualmente, por volta dos 15 anos, em média. Por si só, esse não seria um problema se não estivesse acompanhada de uma falta de preparação para a vida sexual, a falta de uso da camisinha ou de outro método contraceptivo, fazendo com que cresça muito o número de gravidezes indesejadas, sem falar nas doenças sexualmente transmissíveis e, especialmente, na AIDS.

Talvez a combinação entre juventude, pouca experiência e a sensação de que nada lhes acontecerá faça com que estejam mais sujeitos aos riscos, perigos e ameaças, como o sexo inseguro, as drogas, os acidentes automobilísticos, a violência e a morte. A questão de preservação da vida e da segurança dos jovens mostra-se muito fragilizada e, além disso, é no campo das relações afetivas, diálogo, limites, relações familiares e educação sexual que o problema parece ser muito maior e o estrago mais intenso.

Os pais estão muito distantes de seus filhos porque repetem o individualismo da sociedade urbana do século XXI, que perdeu alguns laços de ligação entre as pessoas. Entretanto, temos que ser criativos para cativar os jovens e oferecer-lhes o conhecimento real sobre o mundo e a vida adulta sem tabus, estimulando-os a fazer opções seguras e responsáveis juntamente com quem pode de fato ajudar.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Os cheiros da vida

Nosso mundo modifica-se a cada dia e a normalidade de ontem é a anormalidade de hoje. Também está cada vez mais diferente dos tempos passados, em que muitos de nós crescemos e demos os primeiros passos para a vida. Nem sempre isso é ruim, mas existe uma forte sensação de que, com a correria do dia a dia, estamos perdendo as pequenas coisas da vida, aquelas que nos davam prazer e sensações diferenciadas.

Na verdade, existe um movimento que nos impele a negligenciar esses momentos simples, em busca de algo maior, mais significativo, amplo, pleno, e que nem sempre acontece com a intensidade esperada. Quem sabe seja um fenômeno do grande individualismo, da supervalorização do hoje, do presente, que a sociedade de consumo está estabelecendo. Quem sabe, estejamos sendo enganados por essa nova relação com a vida e perdendo nossa capacidade de sentir emoções com as pequenas coisas, os pequenos gestos, os cheiros e outras sensações.

Nossa vida, cada vez mais, transforma-se em algo particular, privado, recluso, restrito. Estamos sentindo em nosso estilo de vida as mudanças sociais, do avanço da sociedade de consumo, a perda de algumas referências que faziam sentido, mas que nem sempre estão sendo substituídas. Sem esquecer que, muitas vezes, nós também estamos nos tornando passíveis de descarte.

Por outro lado, embora essas mudanças rápidas e silenciosas estejam ocorrendo, ainda é possível experienciar sensações fantásticas, que revivem a nossa vida e seus bons momentos, como sentir o cheiro do café e lembrar-nos de nossa infância, do pão saindo do forno, de um bom churrasco, das toalhas secas ao sol, do cabelo molhado, da fornada de bolachas caseiras e daquele doce perfumado que infestava nossas cozinhas. Cada um vai se lembrar dos odores e das sensações que lhe trazem.

Provavelmente, as experiências olfativas sejam diferentes de pessoa para pessoa. Também é possível que nem todas elas sejam boas e positivas, mas, certamente, temos menos tempo hoje de experimentar essas sensações, pois nosso mundo é bastante "pasteurizado" e dinâmico.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

A hora da democracia, e do clique

Estamos vivendo o início da propaganda política obrigatória. Para alguns, é a chamada hora do “clique”, ou seja, de desligar o rádio e a televisão e procurar outra coisa para fazer. Perdoem-me aqueles que concorrem e acreditam que esse momento é importante para a visibilidade democrática de todos os candidatos e partidos, mas, como o próprio nome já diz, a propaganda é obrigatória, nada democrática.

Assim sendo, é algo imposto, com origens em momentos sem democracia de fato no país e que pode atender aos interesses de alguns, mas é contrário aos desejos de outros tantos brasileiros. Pior, esses nem têm o direito de não ouvir ou olhar, a não ser desligando os aparelhos... Mesmo com eles desligados, temos que ouvir os carros de som, receber santinhos nos cruzamentos e sinalizadas, ver as faixas e pinturas na cidade e os cavaletes nos cantos e praças, um festival de informação poluidora. Avançamos muito na legislação, fiscalização e conscientização da maioria dos candidatos, mas ainda se percebem exageros pela cidade afora.

Mas tudo bem, alguns diriam que essa é a festa da democracia, o grande momento de a sociedade manifestar-se. Sem dúvida, esse é um momento importante da vida nacional e de onde emanam as diretrizes futuras em todos os âmbitos. Entretanto, penso que vivemos um esgotamento, percebido pelo pouco entusiasmo e nível de discussão das propostas e dos processos, de modo que as campanhas e as eleições terão que se reinventar.

Esse processo novo deverá começar pelo *marketing*, pela conduta, pelas propostas dos candidatos e, principalmente, na postura da sociedade em relação à propaganda e ao acompanhamento da prática e coerência política depois das eleições. Trata-se de uma mudança gigantesca e fundamental em uma sociedade de democracia de massas.

Para mim, a real festa da democracia não se restringe à eleição, mas dá-se pela alternância do poder e a concretização dos anseios e dos grandes projetos da sociedade. Afinal, foi para isso que ela foi inventada na Grécia antiga e por isso que cultivamos e preservamos atualmente os seus valores.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Voto, valores e liberdade

Nosso mundo mudou mesmo. Percebemos diariamente que a sociedade está cada vez mais diferente, que muitas das lutas, dos sonhos e também dos valores com que muitos de nós crescemos estão perdendo sua significação e, mesmo para nossos filhos, deixaram de fazer sentido.

Alguns dos sonhos, projetos coletivos de nossa adolescência e juventude, mesmo da fase adulta, talvez para muitos de minha geração ainda façam algum sentido, mas observo que para as novas gerações esses gestos e posições se desvanecem. Existe uma forte sensação de que estamos perdendo um pouco de nosso ímpeto de tentar mudar o mundo e fazer dele um lugar melhor, não apenas para si próprio, mas a construção de um sonho coletivo.

Não creio que isso seja algum fenômeno assim tão simples, mas é que o caráter individualista, utilitarista e descartável de quase tudo atualmente fortalece esse comportamento. O grande individualismo, a supervalorização do hoje, do presente e a sociedade de consumo estão estabelecendo uma nova relação com as pessoas e seus comportamentos. Alguns já disseram que vivemos em um mundo onde acabaram as grandes utopias, os sonhos coletivos e os embates de posições políticas, ideológicas, ou seja, dos projetos de vida.

Um dos grandes exemplos desse comportamento é o desinteresse de grande parte da população e, especialmente dos jovens, pelo exercício do voto. Fiquei surpreso ao me deparar com um total desinteresse por esse tipo de participação. Isso para a minha geração soa estranho, pois ela teve que lutar muito para restabelecer esse direito de escolher os seus governantes e ter uma participação na vida política em todas as esferas, do município ao país.

Evidentemente que os escândalos, as propinas, o mau uso do dinheiro público e tantas coisas negativas evidenciadas pela mídia todos os dias trazem certo desalento, mas esse é um processo que precisamos aprimorar e construir a cada dia. Mesmo democracias mais antigas e consolidadas apresentam sinais desse desgaste, sem, no entanto, abrir mão da manutenção dos sistemas; pelo contrário, sempre lutando para consolidar e tornar as administrações públicas mais transparentes.

Muitos de nós, na verdade, têm desistido de discutir e fazer compreender às novas gerações esses valores sociais e de vida em sociedade, dentro de um sentido mais coletivo. Será que no futuro eles ainda continuarão a fazer sentido ou serão substituídos por outro tipo de relação?

Vivemos sim um tempo de mudanças, mas algumas conquistas, como a democracia, a participação política e a liberdade de expressão, são pilares fundamentais da sociedade. Nesse sentido, devemos insistir sim para que esses valores sejam incentivados.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Placas, ruídos e civilidade

As cidades são invenções maravilhosas de nossa humanidade e marcaram um passo importante de nossa espécie no aprimoramento da cultura. Desde o início, elas representaram a possibilidade de os homens desenvolverem a civilização.

Atualmente, entretanto, as urbes brasileiras vivem uma espécie de crise, verdadeiro palco de contrastes da vida cotidiana. Nossos centros urbanos espelham os problemas sociais, a favelização e a falta de infraestruturas, sem nos esquecermos da poluição visual e sonora, além da do ar, elementos que hoje marcam nossa cultura individualista.

A poluição visual, somada à degradação ambiental, está dando um duro golpe no prazer de viver e de circular pelas cidades. Elas estão se tornando iguais da pior forma possível, acelerada pela intensa e incessante busca por espaços de divulgação de pessoas, produtos e empresas, sem um ordenamento razoável. Placas, cartazes, *outdoors*, tabuletas, faixas, totens, tudo isso está invadindo nosso espaço urbano e descaracterizando-o.

Nossas cidades, assim sendo, estão nos privando de alguns direitos, como a mobilidade, os espaços limpos e ordenados, a visão do horizonte, a integridade de seus prédios, ruas e praças, a valorização de nosso patrimônio histórico. Nada contra a arte de divulgar, mas, convenhamos, estamos agredindo nosso ambiente e transformando-o em um mundo de letrados desordenados.

No que diz respeito à poluição visual, ainda podemos, com certo esforço, não olhar com muita atenção a degradação da cidade e a multiplicação das placas, faixas e cartazes, mas o que fazer com o barulho? O que fazer com os carros e seus ruídos, com os alto-falantes anunciando todo tipo de produto? O que fazer com a pouca ou inexistente fiscalização? O que os cidadãos da cidade podem fazer quando o outro resolve fazer um barulho anormal, seja durante o dia ou à noite?

Resta-nos, pois, um sentimento de impotência e de frustração em relação à cidade, seus habitantes e poderes constituídos, que deveriam espelhar nossa civilização, mas que demonstram, mesmo, nossa barbárie e falta de educação e civilidade.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

A poluição visual, somada à degradação ambiental, está dando um duro golpe no prazer de viver e de circular pelas cidades

Egoísmo ou falta de marido?

Às vezes fico a me perguntar sobre o que passa na cabeça das pessoas que tomam atitudes radicais na vida e, ainda, com a visibilidade que procuram dar a essas atitudes, algumas malucas, outras irreverentes ou, por que não, bizarras. Uns se acorrentam na praça pública protestando, outros se pintam ou fazem cortes exóticos em seus cabelos ou tatuagens marcantes pelo corpo. Temos, também, os que correm pelados pelos campos de futebol e aqueles que ficam dias esperando nas filas de *shows* e sonham em casar com seu ídolo preferido. De toda forma, a natureza humana, potencializada pelas mídias, especialmente a televisão, dá espaço a essas manifestações estonteantes.

Até aí, tudo dentro de certa normalidade. Outro dia, no entanto, fui surpreendido pela notícia de uma mulher que vai casar com ela mesma. Em um primeiro momento, pensei que fosse uma esquitice, depois passei para a versão do extremo individualismo, por fim, acho que é *marketing* pessoal mesmo. A história é muito engraçada, pois uma mulher de Taiwan, pressionada pelos familiares, resolveu tomar a atitude extrema de casar-se consigo mesma.

Chen Wei-yih tem 30 anos e diz que ao longo de sua vida não encontrou uma pessoa ideal que a fizesse feliz e com quem fosse possível constituir uma família, por isso, em uma atitude arrojada e mesmo desesperada, resolveu levar ela mesma para o altar. A cerimônia, marcada para este mês de novembro, vai contar com a noiva vestida de branco no altar, os familiares e cerca de 30 convidados íntimos da noiva.

Parece que depois desse casamento vai ser difícil acontecer um divórcio ou, então, a separação do casal. Parece, também, que, no fundo, existe aí uma tentativa de sensibilizar algum pretendente; ao mesmo tempo em que a noiva destaca a falta de homens que prestem para casar e que o mercado do casamento está extremamente competitivo, busca uma solução rápida para sua solteirice.

De toda forma, esses são os novos tempos. Quem acredita que a história até aqui é estranha, nem imagina que os noivos, depois da cerimônia, vão viajar em lua de mel para a Austrália. Será que ela vai arranjar companhia nessa viagem? Modernices...

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Ficando mais inteligente

O verão já vai chegando mais uma vez, sinalizando que este ano está chegando ao fim e logo, logo vai iniciar outro. Junto com ele vêm o sol, as férias, a praia e uma possibilidade de renovação.

Essa também é a época em que muitas pessoas, tardiamente, é claro, começam a se preocupar com a forma física, as gordurinhas, o bronzeadado e os estudos. Não deixa de ser um período de alimentar sonhos, planejar um mundo melhor e, por que não, imaginar que as coisas poderiam ser diferentes na nossa vida.

Nesse quesito, tem gente que inventa mesmo, tanto é que, dentre tantas coisas que podemos fazer no final do ano, surgiu uma que é inacreditável: uma dieta ou metodologia para ficar mais inteligente. Sim, essa é a última moda, como se fosse possível entrar em um Spa, fazer um tratamento intensivo e, no dia seguinte, virar o gênio da casa. Tem gente, no entanto, que acredita e segue a receita, imerge nessa onda e procura praticar. Isso dura normalmente o período do verão, depois, voltam à realidade, que nem sempre é tão inteligente assim.

Assim sendo, fiquei curioso com essa questão e descobri que existe uma fórmula “certeira” com as melhores maneiras de ficar inteligente. O método tem seu ritual e contém várias explicações para cada passo: beber muito chá todos os dias, pois ele nos dá um ganho cerebral extra; não deixar de comer peixe, uma vez que esse alimento melhora a neurotransmissão; fazer exercícios regularmente para repor a massa cinzenta; dar uma cochiladinha depois do almoço para recarregar as baterias; interessar-se por coisas que nem imaginava; jogar videogame para desenvolver os reflexos; andar e fazer as coisas mais devagar; não ficar nervoso e, por último, procurar aprender coisas novas.

Depois de tomar conhecimento do “método” e ficar impressionado com a crença das pessoas, fiquei imaginando-as em um Spa de inteligência, comendo peixe pela manhã, à tarde e à noite, correndo feito loucas e dando uma dormidinha depois do almoço, meditando à tarde e bebendo um balde de chá antes de dormir. Creio que tudo isso pode ser feito e até pode nos ajudar a viver melhor, mas não podemos deixar de estudar, criar, trabalhar e pensar. Até dá pra tomar um chazinho e fazer um exercício físico, mas isso é coisa para uma vida, não apenas para um verão.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

O condomínio

Poucas experiências na vida da gente são tão reveladoras quanto morar em um condomínio. Esse pedaço do mundo tem tudo para dar certo, mas nem sempre isso acontece em função de dois importantes elementos. O primeiro é que nele que nos sentimos donos do pedaço e liberados para exercer a plenitude de nossa personalidade, revelando e até impondo nossos gostos, vaidades, riqueza e as opiniões mais pessoais sobre tudo o que acontece. O segundo elemento é que ali existe uma coletividade potencializada pelo primeiro elemento, ou seja, reproduzindo nossa sociedade exatamente como a constituímos, pois ela não é algo diferente do que acontece do lado de fora das cercas e dos muros.

Mesmo diante dessas dificuldades, cada vez mais vejo as pessoas habitando e constituindo seus condomínios. Isso me lembra muito as tirinhas nos jornais do Fernando Veríssimo que bem retratou algumas questões que acontecem nos condomínios, entre elas, lembro especialmente a piscina, lotada de visitas no domingo, mesmo com um tamanho bem reduzido, quase uma banheira.

Além disso, tem o barulho do outro, a obra e o cachorro, esse um vilão e motivo de olhares e atitudes bem fortes entre a vizinhança, além de conversas nos elevadores sobre aqueles que saem para passear com seu *pet* e não recolhem seus dejetos. Também há a liberalidade de uns em relação aos funcionários, ou a intolerância de outros, o elevador de serviço, o quiosque, o salão de festas, sem falar nos investimentos e reposição daquelas coisas que teimam em quebrar e desaparecer. Existem algumas pessoas que se envolvem muito nessas questões condominiais, outras pagam para não se envolver. Entretanto, existe o pior tipo de todos, unanimidade entre os vizinhos, aquele que não paga e se acha no direito dar palpite em tudo.

Esse é um mundo muito engraçado, as reuniões condominiais deveriam ser filmadas e depois de algum tempo assistidas para que se pudesse ver como as pessoas se transformam, ou se revelam. Porém, se insistimos em viver em coletividade, só nos resta tolerar, compreender e torcer para que o próximo vizinho não seja uma mala.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

A azeitona e o Viagra

São muito comuns as histórias de empresas que, ao analisarem suas gestões, percebem algumas discrepâncias e situações inusitadas em seu cotidiano.

Há alguns anos atrás, circulou a história de que uma companhia aérea resolveu reduzir seu custo operacional e descobriu que ao eliminar a azeitona de suas refeições, seria possível diminuir em milhões o custo anual da alimentação servida a bordo das aeronaves.

Nesse mesmo sentido, há algumas semanas, também surgiu outra história sobre o desvio de caviar e outras iguarias em uma empresa aérea, fato que agravava em muito os seus custos e não revertia em vantagens aos seus passageiros.

Bem, essas são histórias que até podem ser folclóricas, inverdades ou meias verdades, mas são demonstrações de que pequenos fatos podem gerar grandes distorções.

Uma outra história, mais engraçada e curiosa, surgiu há alguns dias na mídia internacional, quando a maior empresa do mundo, a General Motors – GM, divulgou, através de seu porta voz, Sr. Sharon Baldwin, que a GM teve um custo de US\$ 5 bilhões em 2005, com seguro saúde de seus funcionários.

Até aqui nada de mais, para essa poderosa e globalizada empresa, afinal, os gastos com saúde de seus milhares de colaboradores, devem ser vistos como um investimento no capital social da Companhia. Além disso, em países como o Brasil, por exemplo, esses benefícios são preciosos frente à precariedade do sistema público de saúde.

Entretanto, o mais curioso mesmo é que dos US\$ 5 bilhões, a GM tenha gasto US\$ 17 milhões com a compra de Viagra e outros remédios similares, que aumentam a potência sexual. Realmente, é muito interessante a preocupação da GM em garantir a saúde e proporcionar a alguns de seus colaboradores um desempenho sexual mais otimizado.

Com certeza, é uma preocupação da empresa a potência de seus colaboradores, seja no desempenho profissional ou sexual. Garantir que o tudo funcione mais e melhor, deve ser uma prática gerencial, mas no mínimo soa estranha a preocupação

com o desempenho não apenas intelectual e físico, mas sexual das pessoas.

Evidentemente, pessoas mais felizes vivem e trabalham melhor, mas não deixa de ser curioso o tamanho do investimento na potência sexual realizado pela GM, é o que se pode chamar de um remédio efetivamente corporativo.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Sobram mulheres

No Brasil, a cada dia que passa, é maior o contingente feminino e sua preponderância sobre o masculino. Esse indicador, perceptível ao cidadão comum através da simples observação cotidiana, é comprovado através dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Os dados síntese de indicadores sociais do IBGE, divulgados no início desse ano, cobrem os anos 1992 até 2003. Nesse período, houve um aumento de 57% do número de mulheres, em relação à população masculina na população brasileira.

Para ser ter uma idéia desse crescimento, em 1992 havia cerca de 2,7 milhões a mais de mulheres em relação aos homens, já em 2003, o contingente excedente de população feminina foi de 4,3 milhões, ou seja, o número de mulheres a mais do que homens no Brasil quase dobrou em pouco mais de dez anos. Esse crescimento feminino pode ser representado também pela relação com o universo masculino; em 2003, para cada grupo de 100 mulheres havia apenas 95,2 homens.

Essa relação varia de acordo com as regiões brasileiras, por exemplo, tomando como base os dados de 2003, em Curitiba era de 97,1 homens para cada grupo de 100 mulheres, o melhor equilíbrio nacional. Entretanto, em Belo Horizonte era de 93,3; Porto Alegre 92,2; São Paulo 91,5 e no Rio de Janeiro, de apenas 86,5 homens para cada grupo de 100 mulheres.

Essa diferença é agravada pela tendência de piora no equilíbrio do quadro homens/mulheres, que tem como agravante não apenas os nascimentos, mas também os óbitos. A mortalidade masculina tende a tornar mais desequilibrado esse quadro, uma vez que os homens estão expostos a mais riscos que as mulheres, portanto, morrem mais cedo. Nesse sentido, a violência (homicídios e acidentes) tem subido muito nos últimos anos, elevando a mortalidade masculina e agravando o desequilíbrio entre homens e mulheres.

Os próprios dados do IBGE, por exemplo, apontam que a mortalidade masculina na faixa de 20 a 29 anos subiu de 121 por grupo de mil para 189, entre os anos 1980-2003, enquanto a mortalidade feminina ficou praticamente inalterada.

Esses fenômenos levam a uma carência de homens no “mercado” do casamento, tornando os matrimônios e as ligações estáveis cada vez menos favoráveis às mulheres. Já se multiplicam os serviços especializados para conectar matrimonialmente as pessoas, tentando facilitar o processo natural, desequilibrado pela predominância numérica feminina.

No passado dizia-se que quando nasciam muitos homens era o indicativo de guerras e conflitos. Como devemos interpretar então a maioria feminina na sociedade? Com certeza, alterações no comportamento individual, nas relações e nas uniões, também na constituição e conceito de amizade, família e no comportamento sexual estão surgindo.

Uma coisa é certa, as mulheres se tornaram maioria e vão descobrindo cada vez mais os seus poderes, seja de trabalho, de estudo ou sedução, afinal, o “mercado” está muito competitivo.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Mídias, tecnologia e família

A modernidade trouxe junto de si a questão do uso doméstico de tecnologias de informação e o acesso a diversas mídias, tais como o rádio, a televisão e a internet. Entretanto, observa-se hoje um movimento de conectividade e convergência entre essas mídias, o que tende a aproximar a tv, o celular e o computador e outros equipamentos de uso dos meios de comunicação de massa.

Com as novas tecnologias têm surgido novos hábitos midiáticos e, com esses, começam a desaparecer os momentos íntimos familiares como os almoços, passeios, visitas e conversas sobre parentes, antepassados e histórias de vida.

Perde-se, em um mudo midiático, o contato pessoal-familiar e perde-se também a idéia de compartilhar entre os familiares os fatos relevantes e as histórias das conquistas e fracassos familiares. Não se trata de questionamento saudosista, mas de uma constatação de caráter científico, pesquisada pela Universidade de Emory, em Atlanta, Estados Unidos.

Entre as conclusões do estudo da Emory, está o fato de que aquelas famílias que desenvolveram o hábito de contar histórias sobre as famílias e seus componentes permitiram o desenvolvimento, em seus filhos e descendentes, de uma melhor formação da auto-estima, da construção narrativa, da capacidade de aprendizado e, até mesmo, um maior espírito empreendedor.

O estudo conclui também que as crianças que compartilham com seus pais e avós as histórias familiares têm uma tendência maior de desenvolver com mais facilidade uma personalidade própria mais marcante, mesmo em relação a outros membros da família e com o seu passado, gerando uma disposição maior para a autoconfiança.

Ainda segundo o estudo da Emory, quem consegue compartilhar as histórias de vida e das famílias, tende a proporcionar a seus descendentes uma base emocional para o desenvolvimento de maior sucesso no campo pessoal e profissional.

Não importa que as histórias tenham um final triste ou feliz, mas sim o fato de criar um envolvimento e desenvolvimento de dimensões de passado, presente e futuro, além de situar o indivíduo dentro de um processo universal e pessoal.

Pensando em nosso país e na nossa região, podemos imaginar o grande potencial que temos para desenvolver e quanta experiência podemos aproveitar.

Quem sabe, além de criar um sistema familiar mais amigável, agradável e feliz, possamos ajudar o desenvolvimento de pessoas com uma maior qualidade emocional, social e profissional.

O interessante de tudo isso é que podemos usar as mídias para tornar nossa narrativa mais repleta de elementos e estímulos para que nossos filhos compreendam o que estamos contando. Além disso, esse é um compromisso nosso com o futuro, não com o passado.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Essas mulheres

A participação feminina nas mais diversas atividades tem se tornado comum no Brasil. Elas estão presentes no esporte, nas atividades profissionais e, ainda de modo tímido, na política.

Justamente sobre o tema da política nacional, uma pesquisa realizada pela empresa CRP Research - CPRPR, demonstrou o interesse feminino na política brasileira. Ouvindo um grupo de 432 mulheres em seis cidades: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasília, Recife e Ribeirão Preto, os resultados não foram surpreendentes, mas bastante pontuais em relação ao tema político.

O ponto principal expressado no resultado dessa pesquisa é que as mulheres definitivamente estão dispostas a votar em candidatas, ou seja, inicia-se um processo forte e acelerado de identificação e valorização feminina.

O mais interessante são os motivos que levam as mulheres a votarem nelas mesmas. A pesquisa da CPMR revelou que as eleitoras femininas acreditam que as mulheres, de um modo geral, são menos corruptas e muito mais preocupadas com o bem comum, sua comunidade e, principalmente, o futuro do país. Além disso, existe por parte delas uma forte identificação e preocupação com os jovens e as próximas gerações.

Interessante esse posicionamento e visão de futuro feminino, contraposto ao pragmatismo e visão de curto prazo que têm dominado a política nacional, extremamente masculinizada.

A pesquisa também avançou no assunto de participação e de politização, revelando que as mulheres identificam ser muito relevante a participação feminina na política e que, ofereceriam seu voto a outras mulheres que se dispusessem a enfrentar os preconceitos, pressões e até mesmo humilhação nos bastidores da política brasileira.

Essa pesquisa contrasta com o quadro geral do Brasil de participação feminina na política, onde esse universo ainda é predominantemente dominado pelos homens.

Se no mercado de trabalho se tem quase uma igualdade de participação por que não ter a mesma representatividade no corpo político?

Fica aqui o recado feminino feito através da pesquisa para os partidos políticos que estão definindo seus candidatos. Mesmo em meio a uma Copa do Mundo de Futebol, as mulheres e a política estão em ebulição.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Azul e rosa

É curioso como a evolução humana desperta interesse entre as pessoas. Qualquer notícia sobre as descobertas de restos humanos ou da cultura de nossos ancestrais têm um destaque na mídia internacional.

Essa natural curiosidade humana resulta entre outras coisas, de nossa necessidade de responder algumas perguntas bem simples com, de onde viemos? Para onde vamos? O que somos? E foi sobre a nossa existência e preferências que o jornal inglês Independent, publicou recente matéria que analisa a evolução humana e a preferência feminina pela cor rosa.

Desde muito tempo, acreditamos que as questões relacionadas a cultura é que determinam o nosso comportamento e nossos valores e gostos, especialmente ao longo do último século, onde a propaganda e a massificação dos meios de comunicação, tornaram agressivos a venda de conceitos e produtos.

Entretanto, os cientistas ingleses, ao analisarem a escolha e opções de gosto em relação às cores realizadas entre meninos e meninas, procuram verificar se ela acontece por elementos culturais ou biológicos. Com essa análise, pretendem eles, entenderem melhor as opções e construções culturais realizadas pelos humanos e compreender melhor nosso processo evolutivo e a construção da cultura e da civilização.

Esse estudo ouviu 208 pessoas, entre ingleses e chineses, portanto, pessoas de culturas distintas. Com esse trabalho, os pesquisadores descobriram que as mulheres tendem a preferir a cor rosa e todos aqueles tons mais avermelhados.

A pesquisa demonstrou ainda, que as mulheres têm a preferência por tons que vão do rosa ao vermelho e que essa preferência se deve ao sentido da evolução humana, onde nos primórdios da humanidade, cabia às mulheres a coleta de frutos maduros para a alimentação do grupo, nesse sentido, no passado, elas precisavam distinguir melhor os frutos vermelho e maduros nas copas das árvores e arbustos.

Esse trabalho inglês, embora pareça desprezioso, demonstra que embora nossa tecnologia e cultura atuais, muitos elementos biológicos ligados a nossa sobrevivência ancestral, permanecem muito fortes em nossa vida contemporânea. Isso

demonstra que embora tenhamos deixados as copas das árvores e as cavernas a um significativo tempo histórico, permanecemos muito ligados a essa nossa ancestralidade. Tão longe, e tão perto do nosso passado.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Agregar valor ao pretinho básico

Nos últimos anos, tornou-se recorrente ouvirmos, por parte de professores, empresários, políticos e jornalistas, que a saída para as dificuldades econômicas das empresas e do país é agregar valor aos seus produtos e serviços.

Essa idéia parece ter um efeito mágico sobre as pessoas, parece que ao agregarmos valor estaremos entrando em um mundo encantado, no qual os consumidores esperam, ávidos, para consumir o que oferecemos.

Alguns, nesse sentido, agem apenas sofisticando seus produtos e colocando-os em um outro patamar de preços. Dessa forma, pretendem chamar a atenção do consumidor e aumentar o seu interesse por aquilo que apenas tornou-se mais caro e requintado.

Na verdade, agregar valor significa colocar nesse produto ou serviço um diferencial, especialmente, conhecimento. Esses podem ser tecnológicos, mercadológicos ou científicos, para exemplificar alguns, mas, acima de tudo, deve-se qualificar o produto de seu trabalho.

Atender as necessidades das pessoas, ou mesmo antecipar-se a elas é outro bom exemplo de valorizar o que se produz. O mundo da moda, em toda a sua amplitude, das passarelas à indústria moveleira, acessórios, calçados, automóveis, apenas para ficar em alguns segmentos, tem se aproveitado do novo, do diferenciado e do criativo para ampliar mercados e criar diferenciais que agregam valor, de fato, aos produtos desses segmentos.

Outros exemplos existem fora do mundo da moda, entre eles, um dos maiores sucessos da indústria eletroeletrônica, o tocador de músicas MP3 lançado pela Apple e chamado Ipod é um ícone desse movimento. Ele é mais caro, mas apresenta outros apelos, como o design, exclusividade, a marca e outros atrativos mercadológicos importantes.

É tão significativo o exemplo do Ipod que, agora, a indústria automobilística agrega esse produto a um automóvel, na esperança de alcançar as vendas do modelo C3 da Citroën e posicioná-lo em um segmento mais representativo.

Entretanto, um dos maiores exemplos de agregação de valor ao produto, em minha opinião, vem de onde nunca poderia se esperar uma atitude inovadora nesse sentido, do papel higiênico.

O New York Times, um dos maiores jornais do planeta, fez uma reportagem sobre um dos maiores sucessos na cidade, que, ao invés de estar nas passarelas, magazines e galerias de arte, acontece nos banheiros de sofisticados restaurantes e bares nova-iorquinos.

Aproveitando a tendência da moda no uso da cor preta, uma empresa portuguesa, chamada Renova, lançou, durante uma feira internacional de moda em NY, esse produto diferenciado, o papel higiênico preto.

Além de preto, é elegante e bastante caro, custa dois euros cada rolo, sendo só vendido pela internet. A empresa estuda o lançamento da cor vermelha, atendendo a uma tendência mais glamourosa e sensual.

O resultado é que mesmo com o papel higiênico, um produto que pode ser relegado a uma categoria escatológica de nosso cotidiano, pode-se inovar, criar e agregar valor.

Bem, fica o desafio, se os portugueses, tão presentes nas piadas dos brasileiros pela sua dificuldade de entendimento, podem agregar valor ao papel higiênico, lançando a moda do pretinho básico das privadas, será que nós, brasileiros, tão criativos, não temos condições de agregar valor aos nossos produtos?

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Chanel n° 5 ou Camel n° 9?

As mulheres têm tornado-se o alvo preferencial de muitas campanhas publicitárias e vários produtos e serviços estão sendo dirigidos a elas. Além de roupas, cremes, maquiagem e perfumes, também carros, computadores, tocadores de mp3 e muitos outros itens, até pouco tempo considerados masculinos, têm sido criados com um apelo para o público feminino.

Um desses tristes exemplos vem da indústria de cigarros dos Estados Unidos-EUA, onde, no início desse ano, uma empresa lançou o cigarro da marca Camel n° 9. Esse produto foi criado e apresentado em uma embalagem totalmente preta e seu nome remete a um dos mais clássicos perfumes femininos da história contemporânea, o Chanel n° 5.

A associação do cigarro com esse perfume sugere uma sofisticação e um glamour ao produto, tornando-o requintado, fino e muito feminino. É tão forte essa ligação do produto com a sofisticação e a sensualidade que quando se fala no Chanel n° 5 vem à mente de muitas pessoas a sugestão deixada por Marilyn Monroe, que dormia à noite apenas com algumas gotas desse clássico perfume.

Sem sombra de dúvidas, o alvo desse produto são as mulheres, especialmente as adolescentes e aquelas mais sofisticadas, ligadas ao mundo da moda, com seus fetiches e encantos. A estratégia dessa empresa norte-americana foi extremamente criativa e produziu peças publicitárias de forma glamourosa nas principais revistas de moda, especialmente na Vogue.

Dentro do EUA, houve uma grande reação contrária à campanha publicitária e ao produto: cerca de 40 congressistas pediram o fim da publicidade e 46 ONG's antifumo protestaram contra esse novo avanço da indústria de cigarros.

Por hora, o Brasil deve ficar de fora dos planos da empresa em lançar seu produto, mas fica cada vez mais evidente o avanço do fumo entre as mulheres, especialmente entre as adolescentes. Um estudo do Ministério da Saúde, realizado entre 2002 e 2005, apontou que é muito maior a curiosidade feminina do que a masculina em relação ao cigarro. Ao ouvir estudantes adolescentes em Porto Alegre, o Ministério constatou que 41% dos meninos declararam que já experimentaram cigarros, enquanto o registro das meninas foi de 54%.

Bem, as estratégias transformam-se e, mais uma vez, o cigarro tenta reinstalar-se, agora, bem vendido e associado a um mundo glamouroso e dirigido às curiosas e consumidoras mulheres.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Deus ou diabo?

Há alguns dias, li um artigo do jornalista paulistano Gilberto Dimenstein, que me inspirou a refletir sobre a atitude de muitos de nós ao dar esmolas às crianças pedintes nas sinaleiras de nossas cidades. Essa é uma atitude que além de aliviar nossa consciência, especialmente a da classe média, está ligada aos preceitos e ensinamentos de nossa moral judaico-cristã.

Na verdade, estamos praticando o dito popular: “quem dá aos pobres empresta a Deus”. Uma frase simples e direta que nos inspira à caridade e à solidariedade para com aqueles que têm muitas necessidades. Mas será que é isso mesmo? Será que as esmolas dadas às crianças nas sinaleiras são de fato um empréstimo a Deus?

Praticamente em todas as cidades brasileiras existem crianças pedindo esmolas, também, em todas elas, existem campanhas contrárias a esse tipo de doação porque se constatou que, ao invés de um empréstimo a Deus, essa doação acaba viciando a criança e praticamente impedindo que ela saia da rua e procure outra forma de ganhar a vida. Além disso, existe uma verdadeira organização exploratória formada por adultos que vivem do trabalho infantil, reduzindo a criança a um trabalho escravo e exploratório.

Na cidade de São Paulo, existe uma forte campanha chamada “Dê mais que esmola. Dê futuro”. Essa atitude da comunidade paulistana reduziu em cerca de 54% as crianças que viviam da mendigagem na cidade. Certamente é difícil mudar nossos hábitos e resistir aos apelos de crianças que estão pedindo nas ruas. Afinal, temos nossas famílias, nossos filhos e nossa consciência e é duro demais ver outras pessoas em dificuldades e não estender a mão.

Entretanto, essa pretensa ajuda nada mais é do que a perpetuação da exploração infantil. Evidentemente, deixar simplesmente de dar esmolas nas sinaleiras deve ser acompanhado de outros programas que atuem junto às crianças, às suas famílias e às escolas e que, ao retirá-las das ruas, abriguem-nas em um espaço onde possam ser educadas e atendidas.

Realmente, as esmolas pessoais ou públicas definitivamente não ajudam as pessoas, o que de fato faz com que se supere a po-

breza e a mendicância são políticas que estimulem a educação e a geração de emprego e renda.

Infelizmente, esse tipo de ajuda dada às crianças, em forma de esmolas, nas cidades brasileiras, não serve como um empréstimo a Deus, mas, na maioria das vezes, ao diabo.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

O Senso Comum morreu

No mês de outubro foi publicado em um jornal britânico o *London Times*, mais especificamente em seu obituário, o comunicado da morte do Senso Comum. Essa publicação é de autoria de um cidadão londrino e em certa medida, é uma pérola do humor inglês, especialmente chamando a atenção das pessoas sobre coisas absurdas que rondam a nossa sociedade nos últimos anos. O autor, com muita irreverência e uma afilada ironia, trata de questões do cotidiano, principalmente a inversão de valores.

O que reproduzo a seguir é uma versão livre do obituário do Senso Comum que circulou pela imprensa na internet:

“Hoje estamos lamentando o passamento de um velho amigo, o Senso Comum, que nos acompanhou durante muitos anos. A idade dele ninguém sabia ao certo, seus registros foram perdidos a muitos anos no mar da burocracia. Será lembrado por ter cultivado ensinamentos tais como, saber quando sair da chuva; por que pássaro que madruga sempre consegue a primeira minhoca; a vida nem sempre é justa; e quem sabe, a culpa é nossa.

O Senso Comum viveu simplesmente, seguia políticas financeiras sólidas (gaste apenas o que puder ganhar); e estratégias sólidas e confiáveis de vida (os adultos têm chefe, não as crianças). Sua saúde declinou rapidamente após regulamentos bem intencionados, porém excessivos entrarem em vigor, tais como; relato de processo de assédio sexual por um menino de seis anos após beijar uma colega; adolescentes suspensos da escola por terem usado limpador bucal após o almoço; professores demitidos por repreender alunos bagunceiros. Essas ações apenas fizeram com que sua condição de saúde piorasse.

O Senso Comum perdeu espaço quando os pais atacaram os professores por tentarem fazer o que os pais já não faziam, ou seja, disciplinar as crianças.

Declinou mais ainda, quando para colocar um esparadrapo ou passar um filtro solar num aluno, passou a ser necessário obter uma autorização escrita, mas ficava proibido avisar os pais de uma gravidez ou da realização de um aborto por uma de suas filhas.

O Senso Comum perdeu a vontade de viver na medida em que os Dez Mandamentos passaram a ser material proibido; as igre-

jas se tornaram mercados; os criminosos passaram a ser mais bem tratados que suas vítimas. O Senso Comum desfaleceu quando descobriu que ao defender sua casa de um bandido, o invasor podia ser processado pelo mesmo, por uso de violência.

Finalmente, o Senso Comum desistiu totalmente após uma mulher não perceber que um copo de café estava quente. Derramou um pouco no colo e recebeu uma compensação milionária. A morte do Senso Comum foi precedida pelas de seus pais, Verdade e Confiança, sua esposa querida, Discrição, sua filhas Responsabilidade e Razão. Sobrevivem seus meio-irmãos, de nomes: Sei Meus Direitos, Quero Agora, O Culpado é Outro, e Eu Sou Vítima.

Seu enterro foi mal freqüentado, pois poucos se deram conta que havia sumido. Se você ainda lembra dele passe adiante, caso contrário haja como a maioria e não faça nada.”

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

É mais fácil dizer sim

Todos os dias somos tentados a opinar e a dar respostas a todo tipo de pedidos e questionamentos. Nesse sentido, é sempre mais fácil e simpático dizer sim a todas as demandas que se colocam.

Agindo dessa forma, na maioria das vezes, somos vistos como pessoas agradáveis, de bem com a vida, que entendem os problemas dos outros, além de pessoas muito sociáveis e preparadas para resolver os problemas.

Entretanto, se é mais fácil cultivar uma imagem positiva dizendo sim, essa postura pode, na verdade, revelar uma personalidade sem motivação, posicionamento, capacidade de enfrentar os problemas. Logo, uma pessoa descompromissada com a vida real e a vida das pessoas, quem sabe, até egoísta.

Creio, seriamente, que temos que sempre procurar dizer sim, mas não pelo simples fato da acomodação e do simplismo. Por outro lado, é muito difícil dizer não, pois normalmente é a palavra de contrariedade e de oposição, quase sempre ligada a algo negativo e a um sentimento de perda, decepção, limitação e mesmo de força.

Na verdade, quando importantes negações deixam de ser realizadas, as vidas das pessoas e da sociedade vão trilhando por caminhos que acabam nos afetando de maneira muito forte.

Devemos dizer não, com convicção, por exemplo, às drogas, à corrupção pública e privada, à falta de visão de futuro de nossos dirigentes em todas as esferas, à pedofilia, ao obscurantismo, à falta de educação. Devemos dizer não à falta de compromisso com a natureza, à impunidade, à injustiça e à inveja. Continuar dizendo não à falta de ética e a todos aqueles que não fazem nada; só sabem criticar.

Dizer não à preguiça, à indiferença, à falta de solidariedade, à violência, ao terrorismo e à prepotência, aos impostos e ao pouco retorno social, à ditadura e a tudo aquilo que ao dizermos simplesmente sim ou ao nos omitirmos estaremos permitindo que as coisas negativas tomem conta de nossas vidas.

Não basta dizer sim todas as vezes, é preciso ter coragem de agir e dizer também não, é preciso colocar os limites e praticá-los, sem medo de ter posições. Quem sabe, ao dizermos não

Não basta dizer sim todas as vezes, é preciso ter coragem de agir e dizer também não

em pontos fundamentais, poderemos dizer mais vezes também o sim.

Dizer não pode frustrar e criar uma imagem dura de nós, mas os limites em quase tudo na sociedade estão sendo ultrapassados e nossa capacidade de indignação parece adormecida. Quem sabe uma reação seria oportuna.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Mulheres, mulheres, mulheres

A participação das mulheres está cada dia mais presente nas mais diversas atividades e tem se tornado comum, inclusive em países latinos como o Brasil. Elas estão participando ativamente nos esportes, nas atividades profissionais e, ainda de modo tímido, na política.

Justamente sobre o tema da política nacional e internacional tem crescido, nos últimos anos, a participação feminina. Existem alguns estudos que dão conta de que a questão central dessa pouca participação se expressa através do preconceito das próprias mulheres em relação a sua condição de cidadania.

Essa tese, contudo, está mudando rapidamente e hoje o ponto principal é que as mulheres, definitivamente, estão dispostas a votar em candidatas, ou seja, inicia-se um processo forte e acelerado de identificação e valorização feminina.

São muito interessantes os motivos que levam as mulheres a votarem nelas mesmas, entre os quais podemos destacar que as eleitoras femininas acreditam que elas, de um modo geral, são menos corruptas e muito mais preocupadas com o bem comum, com a sua comunidade e, principalmente, com o futuro do país. Existe, ainda, por parte delas uma forte identificação e preocupação com os jovens e as próximas gerações.

Além disso, as mulheres, cada vez mais, identificam ser muito relevante a participação feminina na política e que ofereceria seu voto a outras mulheres que se dispusessem a enfrentar os preconceitos, as pressões e até mesmo a humilhação nos bastidores da política em geral.

Interessante esse posicionamento e essa visão feminina de futuro, contraposta ao pragmatismo e à visão de curto prazo que têm dominado a política nacional e internacional, extremamente masculinizada, economicista e belicosa.

Infelizmente, o quadro geral de participação feminina na política brasileira ainda é muito restrito e esse universo ainda é predominantemente dominado pelos homens. Se no mercado de trabalho se tem quase uma igualdade de participação, por que não ter a mesma representatividade no corpo político?

Nesse ano de 2008, essa equação pode ser reescrita e a participação feminina nas eleições municipais brasileiras significar uma

mudança significativa, caso mais mulheres concorram e, mesmo, vençam as eleições.

O exemplo norte-americano expresso na mídia pode ajudar a motivar a participação feminina, especialmente com a luta da pré-candidata Democrata Hilary Clinton, que concorre a uma indicação de seu partido e pode tornar-se a primeira mulher presidente da nação mais poderosa do planeta, os Estados Unidos.

São dias de transformação e inovação e esse vento, mais cedo ou mais tarde, vai ventilar a política global.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Heranças, goiabas e bergamotas

Nossa sociedade está cada vez mais diferente, os valores com que muitos de nós crescemos e nos acostumamos estão rapidamente perdendo sua significação e, mesmo para nossos filhos, eles deixaram de fazer sentido.

Quem experimenta a perda de alguém muito próximo, muitas vezes recorre a um objeto dessa pessoa querida para fazê-lo lembrar de alguns momentos do passado ou de experiências comuns que vivenciaram juntos. Esta seria uma forma tradicional de preservar a memória e manter uma ligação ou vínculo pelo objeto com a pessoa que se perdeu.

Copos, pratos, toalhas, fotos ou qualquer outro objeto doméstico ou pessoal que ative lembranças positivas relacionadas à perda sofrida poderiam ser guardados com carinho e a cada visualização desses, essas memórias viriam à tona, rememorando aquele pedaço bom de um passado que, de outra forma, seria irrecuperável.

Essa maneira de ser e agir, talvez para muitos de minha geração ainda faz algum sentido, mas observo que para as novas, esse gesto desvanece. Existe uma forte sensação de que estamos perdendo nosso sentido de herança familiar. Também não creio que seja algum fenômeno assim tão simples, mas é que o caráter utilitarista e descartável de quase tudo atualmente fortalece esse comportamento. O grande individualismo, a super valorização do hoje, do presente e a sociedade de consumo estão estabelecendo uma nova relação com a memória e, principalmente, com os objetos que faziam essa ligação e ativação sentimental.

Um conjunto de jantar, um piano, ou apenas um copo, prato, toalha ou guardanapo, deixaram de ser acolhidos, pois tem uma durabilidade restrita e o conceito atual de moda e decoração faz com que estes, quando guardados, acabem esquecidos em algum fundo de gaveta, armário ou, por vezes, nas garagens.

Aquilo que representava uma herança familiar ou um fragmento de lembrança, está sucumbindo, vítima das mudanças sociais, do avanço da sociedade de consumo e do descarte, enfim, quando se morre, os objetos de uma vida perdem as referências e o sentido de existência e deixam de significar algo para as outras pessoas, sendo passíveis do descarte.

Existe uma forte sensação de que estamos perdendo nosso sentido de herança familiar

Muitos de nós, na verdade, temos desistido de transmitir às novas gerações esse sentido de continuidade e de relação familiar. Será que no futuro eles ainda continuarão a fazer sentido ou serão substituídos por outro tipo de relação?

Hoje podemos experimentar experiências fantásticas que revivem o nosso passado, como sentir o cheiro da bergamota e da goiaba e pensar na infância e nas molecagens que se fazia. Ou ainda, lembrar do cheiro do pão e do guardanapo da merenda na escola, que tantas lembranças de vida vão reativar.

Provavelmente, as experiências olfativas de nossos filhos serão outras e deverão ocorrer de maneira diferente do que hoje. Diferente, também, será sua relação com as fotografias que, com o advento das máquinas digitais, tornam-se cada vez mais descartáveis e correm o risco de deixar de ser uma herança de família.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

O porco, o retrovisor e outras histórias

Por esses dias, deparei-me com uma notícia insólita, que me fez rir e pensar sobre a realidade e as visões que as pessoas têm do cotidiano e da realidade que nos cerca.

A notícia vinha precedida de uma chamada imponente, ao mesmo tempo cômica, que dizia: "Porco cai de caminhão e complica o trânsito no RS". Prontamente imaginei que em alguma estrada no interior do Rio Grande um animal tivesse escapado de seus proprietários rumo ao matadouro e causado algum acidente grave.

Pensei mais um pouco na notícia suína e lembrei-me de uma piada que relatava um homem dirigindo compenetradamente por uma estrada. Em certo momento, cruzou com uma mulher que, dirigindo em sentido contrário, vinha ziguezagueando pela estrada e, ao passar pelo motorista, gritou pela janela: "porco!" O homem, irritado e intrigado, prontamente respondeu ao que julgou ser um xingamento. Berrando, gritou a plenos pulmões: "vaca!" Depois ficou observando pelo retrovisor de seu carro a mulher ao volante afastar-se de seu veículo. Quando retornou seus olhos e concentrou-se na estrada à sua frente, deparou-se com um imenso porco correndo bem no meio da estrada e, nesse momento, o acidente tornou-se inevitável; carro, motorista, porco, enfim, todos acabaram no barranco mais próximo.

Voltando à notícia da semana, ao porco que caiu do caminhão em plena Avenida João Pessoa, em Porto Alegre. Sua queda envolveu cerca de 30 pessoas, que tentaram capturar o suíno que corria de um lado a outro da Avenida da capital, causando a paralisia do trânsito. Por fim, o porco foi dominado pelo dono de um restaurante próximo.

Que fim trágico se colocava ao animal, fugira do caminhão que certamente o levava ao matadouro e caiu nas mãos de um dono de restaurante. Parecia que essa história terminaria aí, com a vida do pobre suíno caído. Entretanto, o porco, depois de capturado pelo comerciante, promoveu uma destruição e uma tremenda sujeira no estabelecimento, resistiu enquanto pôde ao seu destino, mas creio que não teve forças para mudar o seu futuro de lingüiça, lombinho ou pernil.

E sobre a piada e a sua relação com a história do porco, podemos tirar algumas lições... Entre elas, fica uma mensagem inspirada no suíno que nos faz pensar que na estrada cotidiana de nossas vidas não devemos ficar por muito tempo olhando para o retrovisor, ou seja, o passado. Além disso, devemos estar atentos às mensagens que recebemos ao longo do caminho, pois elas, mesmo que aparentemente absurdas e que nos levem num primeiro momento à irritação, à explosão, à crítica às posições dos outros, elas podem, na verdade, tornar-se importantes elementos de sinalizações do futuro. Especialmente, isso se aplica àqueles que adoram ficar grudados, de olho no retrovisor.

Moral da história: muito cuidado com o porco!

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Inutilidades e futilidades

A sociedade do consumo em que estamos mergulhados tem muitas facetas perversas nos seus desdobramentos. Entre elas, a destruição dos bens naturais, a obsolescência dos objetos e equipamentos e a criação de artefatos tecnológicos sem nenhuma utilidade real.

Nossa capacidade criadora aliada ao consumismo de nossa sociedade tem revelado algumas pérolas da superficialidade como, por exemplo, uma roupa íntima feminina com GPS, ou seja, um localizador por satélite que permite encontrar a mulher onde ela estiver.

Na verdade, trata-se de um rastreador de última geração tecnologicamente falando, mas que, no fundo, é um olho eletrônico ou um cinturão de castidade como nos tempos medievais. A tecnologia embutida nesse produto pode ter mudado e evoluído, mas o princípio da desconfiança, da propriedade e da traição permaneceu o mesmo da liberdade vigiada. O pior de tudo é que esse produto colocado à venda tem como *slogan* "ache-me se for capaz". Como dizem os publicitários responsáveis pelo lançamento da *lingerie*, "um produto focado na mulher moderna e descolada".

É inacreditável associar uma peça íntima feminina com rastreador por satélite a uma pessoa moderna e descolada e, para piorar questão, a peça é feita sob medida para a consumidora ao preço de R\$ 2.000,00 e, pasmem, vem com um botão para ligar e desligar o aparelho, incrível!

Ainda nessa linha de localizador e de inutilidades da sociedade de consumo, está a venda no mercado brasileiro o produto Sat-Nag, que é um aparelhinho que imita um GPS para carros, entretanto, não ajuda com nenhuma rota alternativa ou indicação de caminhos ao motorista. Ao contrário do GPS de verdade, esse equipamento vai ao longo do caminho reproduzindo frases com a finalidade de irritar o motorista, como por exemplo: "vire à esquerda, não, não, à direita!"

Ainda tem aquela frase que todos os homens detestam ouvir de suas mulheres quando estão procurando um caminho e elas acham que o motorista está perdido; "Dá para você admitir que estamos perdidos e parar para pedir informações?!" Essa é demais, pode provocar uma tragédia!

Inacreditável não é alguém inventar um aparelho como esse, o incrível e outro ser humano comprar e instalar no carro, imagine-se parado na BR-116, atrasado para um compromisso ou simplesmente tentando chegar em casa depois do trabalho e uma voz reproduzindo essas frases irritantes. Isso pode acabar como no filme “Um dia de fúria”, em um tremendo estresse e violência. Por outro lado, imaginem-se chegando em casa e oferecendo a sua namorada, mulher ou companheira uma *lingerie* com GPS localizador, que sensibilidade!

É por tudo isso que a humanidade é única, de um lado capaz de criar e transformar, de outro lado, banalizar seu conhecimento e ridicularizar a própria arte e tecnologia. Somos seres incríveis e notáveis, mas também previsíveis e fúteis.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

O sorvete e o consumidor

Diariamente circulam pela internet histórias fantásticas e algumas extraordinárias. A última trata de uma reclamação de um consumidor nos Estados Unidos que, ao comprar um carro da General Motors - GM, convivia com um defeito quase fantasmagórico. De tão absurdo que era a pane do carro, foi ignorado pelo fabricante e suas revendas até que, de tanto insistir, teve seu carro periciado. Essa história recebeu nos EUA o título de *O sorvete de Baunilha e a GM* e tornou-se um dos casos utilizados por muitas empresas para lembrarem-se de seus consumidores e reforçarem os seus serviços de atendimento ao cliente.

Essa história parece uma loucura, mas tem um final feliz. Se é real ou uma invenção, neste momento pouco importa, mas nos traz uma lição. Ela começa quando o gerente da divisão de carros da Pontiac, a GM norte-americana, recebeu uma curiosa reclamação de um cliente que relatava o seu problema da seguinte forma:

“Esta é a segunda vez que mando uma carta para vocês, e não os culpo por não responderem. Eu posso parecer louco, mas o fato é que nós temos uma tradição em nossa família, que é a de tomar sorvete depois do jantar. Repetimos esse hábito todas as noites, variando apenas o tipo do sorvete, e eu sou o encarregado de ir comprá-lo. Recentemente comprei um novo Pontiac e, desde então, minhas idas à sorveteria se transformaram num problema. Sempre que eu compro sorvete de baunilha, quando saio da loja para o carro, o carro não funciona, se compro qualquer outro tipo de sorvete, o carro funciona normalmente. Os senhores devem achar que eu estou realmente louco, mas não importa o quão tola possa parecer minha reclamação. O fato é que estou muito irritado com meu Pontiac”.

Essa mensagem teria provocado risos e piadas dentro da empresa, até que um graduado funcionário teria resolvido solucionar o problema e tirar essa história a limpo. Nesse sentido, solicitou que um engenheiro fosse conversar com o reclamante. Ambos acertaram que iriam juntos à sorveteria no Pontiac. O engenheiro sugeriu sabor baunilha para testar a reclamatória e, por incrível que pareça, o carro não funcionou.

Completamente abismado, o engenheiro repetiu a visita à sorveteria por vários dias, à mesma hora, fez o mesmo trajeto, e só variou o sabor do sorvete. Entretanto, quando o sabor escolhido era o de baunilha, o carro não pegava na volta. Essa história virou uma obsessão para o engenheiro, que passou a fazer experiências diárias, anotando todos os detalhes. Somente duas semanas após o início dos testes, o problema começou a ser resolvido.

A primeira grande descoberta foi a de que quando escolhia baunilha, o comprador gastava menos tempo na compra, porque não precisava ficar escolhendo os sabores do sorvete. Examinando o carro, o engenheiro descobriu que como o tempo de compra era muito mais reduzido no caso da baunilha, o motor não chegava a esfriar. Com isso, os vapores de combustível não se dissipavam, impedindo que a nova partida fosse instantânea.

A partir desse momento, de acordo com o que circulou pela internet, “a Pontiac mudou o sistema de alimentação de combustível e introduziu a alteração em todos os modelos, a partir dessa linha. Mais que isso, o autor da reclamação ganhou um carro novo, além da reforma do que não pegava com sorvete de baunilha. A empresa distribuiu também um memorando interno, exigindo que seus funcionários levem a sério até as reclamações mais estapafúrdias, porque pode ser que uma grande inovação esteja por trás de um sorvete de baunilha”.

Creio que essa curiosa história, verdadeira ou não, possa servir para as empresas, entidades e pessoas que não costumam ouvir com atenção as observações dos outros, nem as reclamações que chegam. Em um mundo extremamente impessoal, detalhes como atendimento, cortesia, cordialidade e atenção podem fazer a diferença entre essa ou aquela empresa. Certamente esse consumidor vai continuar a comprar carros da mesma marca.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Chame o ladrão, chame o ladrão!

Lembram a música de Chico Buarque de Holanda “Acorda, Amor”, que tinha um refrão final que dizia “chame o Ladrão, chame o ladrão”? Essa música era do tempo em que ladrão simbolizava o mal e o bem estava representado pelas pessoas e a sociedade. Parece que agora as coisas andam modificadas e não sabemos quem representa o bem ou o mal. O pior disso tudo é que não sabemos quem é quem e o que cada um representa, o que faz com que fique nebulosa a identificação do bem e do mal, do certo e do errado. Essa simples dualidade serviu durante séculos para orientar as pessoas e a sua conduta social, mas nesse milênio e na nossa sociedade brasileira parecem confundir-se.

Essa música veio-me à mente quando, há algumas semanas, o Brasil todo se deparou com um crime ocorrido em Passo fundo, onde o ladrão furtou um carro e, após achar uma criança dormindo no banco de trás, chamou a polícia.

Esse caso de repercussão nacional evidenciou a irresponsabilidade dos pais, que deixaram uma criança de 5 anos dormindo no carro e foram beber e divertir-se num bar. O pai de 46 e a mãe de 22 anos só souberam do caso quando o carro e a criança estavam em segurança, com a Brigada Militar, após o ladrão ter ligado para a polícia e estar indignado com a atitude dos pais.

Essa confusão trouxe à tona algumas questões, como a irresponsabilidade dos pais ao abandonarem a criança em um carro em via pública e irem divertir-se em um bar. Além disso, o ladrão passou a ser visto, primeiro, como uma pessoa de bom senso, de atitude paterna e, finalmente, como um justiceiro, que jurou punir os pais caso o fato voltasse a ocorrer.

Essa visão do bom ladrão foi reforçada pela Delegada que investiga o fato, ao afirmar que a atitude do contraventor levou-a “a manter a esperança na humanidade”. Incrível essa nossa sociedade, que identificou no ladrão uma pessoa com atitude, bom senso e humanidade. Só faltava ser exaltado, também, o seu senso de profissionalismo e civismo, para completar a sua transformação em herói das criancinhas mal tratadas.

O ladrão transformou-se no centro moral e positivo da história, num exemplo de conduta, tanto que a polícia não pretende pedir a sua prisão. Só espero que não receba o prêmio de profissional amigo das crianças.

Essa incrível história de vida lembrou-me muito do poema de Chico Buarque e creio que tenhamos que ouvir atentamente a letra dessa canção e dizer em coro: "Acorda, amor!" Para finalizar, quando algo nos acontece, só faltava termos que pedir aos gritos: "Chame o ladrão, chame o ladrão!"

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

O bem e o mal

Nossa civilização ocidental é fortemente marcada por uma dualidade filosófica. Ela, por vezes, se expressa numa visão dualista do mundo, em que somente se percebem duas dimensões, que podem aparecer de várias formas, mas sempre expressando a existência de apenas duas faces. É um mundo plano, chato e de apenas dois lados.

Nós ainda hoje expressamos muito bem essa construção dualista e tendemos a nos manifestar dessa forma em várias situações. Adotando uma generalização, podemos dizer que dividimos o mundo em vários compartimentos: gremistas/colorados, capitalistas/comunistas, situação/oposição, direita/esquerda, bem/mal, bom/ruim, certo/errado, isso/aquilo, objetivo/subjetivo e assim por diante.

Essa simplificação do mundo nasce da intolerância ou do desconhecimento em relação à verdade do outro, é o que se chama pensamento maniqueísta. O Maniqueísmo é uma forma religiosa de pensar nascida na Pérsia no século III de nossa era e que possuía uma visão radical de ver e entender o mundo, dividindo-o em duas grandes forças, o bem e o mal. Difundiu-se pelo Império Romano e pelo Ocidente cristão e acabou influenciando nossa maneira de pensar e agir por séculos, estendendo-se até os dias de hoje, graças à limitação da nossa forma de ver e entender o mundo e ao oportunismo humano presente em situações quase sempre extremas, como desesperança, mudanças sociais, econômicas e ambientais, falta de perspectivas, falta de cultura, autoritarismo, guerras, entre outras.

Essa dualidade maniqueísta, mais do que uma simplista percepção do mundo, instiga a eterna busca do bem e do mal, expressando intimamente que tudo aquilo que se aproxima é à luz o certo, logo o bem. Em contrapartida, o que nos contrapõe é o mal.

É cada vez mais difícil conviver com essa simplificação dualista, em um mundo que se coloca multipolar, multi-étnico, girando em torno da comunicação e do conhecimento. Já não nos bata simplificar em pré-conceitos a realidade que nos cerca. Fazendo essa simplificação, estamos perdendo elementos importantes da complexidade humana e social. Rotular pessoas, entidades e idéias são formas de não entendê-las, de colocar em um campo distante as oportunidades de perceber que o mundo é mais amplo do que a simplificação do certo e do errado, do bem e do mal.

O remédio é continuar lutando para que esse dogma nascido no Oriente e que se espalhou pela nossa civilização seja combatido com a educação, a sabedoria, a cultura e um pensamento mais amplo. Lembrando Santo Tomas de Aquino: “temo o homem que só conhece um livro”.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Mulheres, consumo e prazer

Por mais que neste novo século existam esforços para homogeneizar as diferenças e deixar tudo muito parecido e monotonicamente igual e pasteurizado, as diferenças entre os homens e as mulheres são daquelas nuances fantásticas e importantes da humanidade, sendo o resultado de milhões de anos de evolução da espécie.

Com o final do período eleitoral, os Institutos de Pesquisa de todo o Brasil dedicam-se mais a realizar levantamentos de comportamento e consumo. Um dos mais respeitáveis deles, o IBOPE, acaba de divulgar uma pesquisa realizada nas 11 principais regiões metropolitanas do país, ouvindo 3.400 pessoas. O IBOPE basicamente procurou entender qual é o perfil e como funciona o consumidor do século XXI.

O resultado desse trabalho do IBOPE não é totalmente surpreendente, mas coloca um ponto de cientificidade naquilo que nós sabemos empiricamente desde que o mundo é mundo, que, de um modo geral, as mulheres gostam muito mais de comprar e consumir do que os homens. Em tempos de valorização civilizatória do prazer e da felicidade, a ordem agora é associar esses sentimentos da alma humana ao consumo e às compras. Quem duvida, basta ligar a televisão e folhear as revistas semanais e lá estará um mundo fascinantemente consumista e prazeroso, sendo oferecidos através dos mais diversos produtos.

Na esteira desse processo, aparecem os consumidores e, dentre eles, o IBOPE identificou que 21% das mulheres brasileiras afirmam que comprem para se acalmar e obter felicidade. Esses números representam uma prática adotada pelas mulheres brasileiras acima de 18 anos, que identificaram uma enorme satisfação ao consumir.

O prazer feminino não diminui se a compra for realizada com dinheiro ou cartão, muito menos se existe lastro financeiro ou se há um endividamento. Bem, se é para acalmar e sentirem-se mais felizes, podemos aceitar esse comportamento? Será que psicólogo e Prozac não resolvem a frustração?

Vai longe o tempo em que os pais, maridos e outros representantes de um mundo em extinção, o patriarcado, difundiam outras formas para acalmar e manter felizes as mulheres. Os tempos são outros, as mulheres conquistaram seu lugar no mundo

do trabalho e do consumo, as relações entre as pessoas e famílias mudaram, os produtos tornaram-se cada vez mais atraentes, o crédito fácil e o marketing agressivo. Mas, diante de tudo isso, felizmente, ainda, os homens são homens e as mulheres são mulheres. Viva a diferença!

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Valores

Tenho muitos amigos que estão ligados no mundo via internet, essa poderosa ferramenta de comunicação que nos conecta diretamente com tudo o que acontece. Grande parte do que recebemos trata-se de lixo cultural, pois é o espaço, também, da exploração sexual, golpes bancários, espionagem da vida dos outros etc.

De todo modo, o saldo é muito positivo, pois a internet é um lugar para apreciar a cultura e analisar nosso comportamento, crenças e valores. Nessa semana recebi uma mensagem de um amigo e fiquei refletindo sobre o que ela representava.

A história relata a experiência de um dos maiores violinistas do mundo, Joshua Bell, que tocou anonimamente com seu raríssimo violino Stradivarius, avaliado em três milhões de dólares, em um lugar público em Washington por 43 minutos, sem que nenhum transeunte parasse para apreciar a qualidade da música e seu refinado repertório. Para se ter uma idéia do que os passantes perderam, uma audição de Bell em Boston, custou a bagatela de US\$ 1.000,00 o ingresso.

Nesses 43 minutos de magnífica música, desfilaram apressadamente com seus copos de cafés, gravatas, bolsas e malas, 1097 pessoas em frente ao músico, sem que nenhuma delas prestasse a atenção no que estava ocorrendo.

A iniciativa dessa experiência partiu de um dos maiores jornais americanos, o Washington Post, que lançou um debate nacional sobre a arte e o seu valor para a sociedade. O resultado dessa primeira visão é que o público nos EUA valoriza a arte desde que ela esteja dentro de um contexto específico. No caso da apresentação de Joshua Bell, era como um quadro valioso apresentado sem uma moldura monumental, iluminação e dentro de um grande museu, portanto, sem contexto, marketing, luxo, glamour, fantasias, grife.

De certo modo, estamos condicionados pelo mercado, pelas opiniões dos outros, da mídia, especialistas e de um coletivo que controla o belo, a arte, a etiqueta e o seu preço. Talvez por não "saber o quanto custa" não se dê o valor necessário. Mas como esse valor se constrói?

Esse não é um fenômeno apenas atual e localizado nos Estados Unidos, evoluiu com nossa civilização, mas atingiu níveis altíssimos de formação de opinião e de globalização desses fatores condicionantes de nosso comportamento. Não é o fim do mundo, mas estamos nos tornando um passivo rebanho de ovelhas e, pior, pagando para isso.

Muitos perderam a sua capacidade individual de apreciar e valorizar aquilo que realmente importa.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Um mundo instantâneo

Nosso momento histórico atual é extremamente interessante e perturbador, uma vez que experimentamos mudanças significativas em nossa civilização. Basta ler os jornais ou olhar a internet e a televisão para percebermos que vários conceitos e contextos estão sendo superados e vão nos acompanhar e coexistir conosco daqui por diante.

Isso acontece tanto no campo das idéias como na nossa própria organização socioeconômica e produtiva, afetando significativamente nosso modo de vida. Se olharmos apenas para o campo político, vamos ver que tivemos, no Brasil, a eleição e a reeleição de um operário para Presidente da República, na Bolívia, de um descendente indígena, na Argentina, de uma mulher e, agora, nos Estados Unidos, de um negro.

Além disso, devemos observar atentamente os movimentos econômicos e tecnológicos que acontecem em nosso cotidiano e que se processam como verdadeiras revoluções, como, por exemplo, o uso da Internet. Essa ferramenta criou uma nova visão sobre a informática e o uso dos computadores, criou uma inteligência coletiva e uma estrutura descentralizada de conhecimento.

Dessa forma, operou-se também uma transformação na velocidade e na disponibilidade de acesso ao conhecimento, tornando as redes pessoais e institucionais em um poderoso instrumento de transformação. A instantaneidade do acesso, as integrações das múltiplas inteligências e as formações de redes criaram um novo padrão de trabalho e de disseminação do conhecimento.

Quem geograficamente esteja isolado pode, através da rede mundial de computadores, estar inserido em um grupo de estudos e ter acesso ao que de mais moderno se pesquisa em qualquer área do conhecimento humano. O conhecimento, pois, vence a barreira do geográfico e da delimitação política. Esse processo, por sua vez, dá-se cada vez mais nos países centrais, com forte estrutura de pesquisa e desenvolvimento em detrimento da capacidade de produção, que está sendo deslocada para países com mão-de-obra barata, matérias-primas, mercados locais interessantes e capacidade de energia abundante e barata, para atender às demandas da produção.

Esses movimentos políticos, econômicos, sociais e culturais que as sociedades experimentam, no entanto, nem sempre são percebidos como um processo integrado e global. Por vezes, são percebidos apenas como fenômenos locais, embora nossa civilização percorra caminhos integrados desde a Antigüidade e que apontam para ciclos mais rápidos de globalização, especialmente neste momento em que o planeta está interligado e recebe as informações simultaneamente.

Assim sendo, aqueles acontecimentos que se materializam em regiões/países distantes de nós influenciam-nos já no dia seguinte, basta recordar da crise imobiliária americana e da queda das bolsas de valores e perceber como os efeitos são imediatos. Vivemos o mundo instantâneo, solúvel, pronto para o consumo. Esse fenômeno traz mudanças e incertezas e a necessidade de estarmos sempre atentos à aldeia global.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Feliz ano novo

Nos últimos dias, a frase que eu mais tenho ouvido é a de que depois do carnaval é que o ano realmente começa. Fico pensando nela e imaginando o que significam para muitas pessoas as férias e o final de ano. Acho interessante essa separação do cotidiano de trabalho e estudo das férias, das viagens, da praia, da serra, do zoológico ou de qualquer outra opção que possa quebrar a rotina do ano.

Interessante pensar também que poucas pessoas podem ficar tanto tempo afastadas da rotina e da sua vida normal e permanecer aproveitando o verão e aquelas coisas boas que ele traz. Creio que seja isso a que a maioria das pessoas se refere, nem tanto pelo ócio de dois meses mas pelo espírito que toma conta das pessoas desde as festas de Natal e Ano Novo e que prossegue pelos meses de janeiro e fevereiro.

Essas festas de final de ano sinalizam também o fim de um ciclo anual e representam a chegada do verão e a presença de um espírito mais descontraído que toma conta das pessoas. Parece que existe certo relaxamento no ar, que torna o tempo mais brando e as atividades mais leves; construções que fazemos e que são compartilhadas quase que coletivamente.

É interessante, também, perceber certa euforia com a chegada das férias de verão e uma tristeza com a chegada do carnaval e a volta à rotina diária. Esse fenômeno curioso dura alguns dias, até a vida tornar a fluir normalmente e as atenções do dia-a-dia absorverem-nos novamente.

Essas sensações são diferentes de pessoa para pessoa, mas são interessantes sintomas de nossa vida e estado de espírito. Para alguns, essas quebras são leves e imperceptíveis, para outros, rupturas que marcam o humor dos primeiros dias. De toda forma, nossa vida é cheia de ciclos e de retornos, sendo esse dos finais de férias um daqueles mais perceptíveis nas atitudes e comentários dos últimos dias, principalmente pela presença do ócio e quebra da rotina. Justamente esses elementos são aqueles que nos fazem sentir saudades dos períodos de férias, feriados e festas, mas os mesmos que nos irritam depois de dois dias de chuva na praia ou em um acampamento.

Pensando bem, o fim do verão e das férias precipita as preocupações com nossa existência e com os problemas que temos que enfrentar. Antes, muitos fizeram um adiamento dessas emocionantes questões, mas agora tornam a se deparar com o desemprego, a alta ou a baixa do dólar, as bolsas de valores, os investimentos, o imposto de renda, as contas e tantas coisas que foram deixadas de lado e que nas segundas retornam à cabeça das pessoas. Para os mais preocupados, voltam mesmo no domingo, ao ouvir a musiquinha do Fantástico.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Sobrevivência

Chamou à atenção a revelação de que no Japão um homem tenha sobrevivido a duas explosões atômicas. Trata-se do japonês Tsutomu Yamaguchi, atualmente com 93 anos de idade, oficialmente reconhecido como sobrevivente a duas bombas atômicas lançadas pelos Estados Unidos sobre o Japão durante a II Guerra Mundial em 1945.

Esse cidadão já havia sido reconhecido como sobrevivente ao ataque sobre a cidade japonesa de Nagasaki, em 09 de agosto de 1945, e, agora, confirma-se que também fora atingido em Hiroshima, em 06 de agosto, ou seja, três dias antes.

Segundo o governo japonês, é o primeiro caso reconhecido de sobrevivência a duas bombas atômicas. Segundo o relato de Tsutomu, ele estava viajando a Hiroshima quando foi atingido, regressando a sua cidade natal, Nagasaki, onde dois dias depois os norte-americanos lançaram a segunda bomba.

Esse país foi o único no planeta a sofrer ataque atômico, vitimando 140 mil pessoas em Hiroshima e outras 70 mil em Nagasaki. Tsutomu foi um dos 260 mil sobreviventes, dos quais muitos desenvolveram várias doenças, sobretudo pela radiação.

Essa notícia revela vários aspectos, entre eles, a falta de sorte de Tsutomu em estar em locais diferentes e sofrer duas vezes a dor, o calor e a radiação atômica. Revela, também, por outro lado, a sua sorte, mas, sobretudo, a sua persistência, tenacidade e vontade de lutar pela vida. Um caso único de sofrimento e destruição, que teve na vida, no trabalho e na dedicação a sua contribuição para a humanidade.

Tsutomu foi vítima, sobrevivente e exemplo de valorização da vida e da sua conservação. Em um mundo imediatista, cheio de direitos, materialista e onde a vida vale bem pouco, tira-se um grande exemplo de vida desse cidadão japonês.

Atualmente, especialmente no Brasil, mata-se ou morre-se por bem pouco; vidas são destruídas com drogas, estresse, violência etc. Para muitas pessoas, pode existir na vida de Tsutomu um sentido. Ainda que nem todos concordem, a procura de um significado para a existência pode ajudar a criar um mundo melhor.

Acredito que muitas experiências de vida como essas existam bem perto de nós, apenas não sabemos ou reconhecemos. Além

disso, nem sempre são tão heróicas, podendo ser bastante singelas, porém representativas. Vale a pena prestar mais atenção.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

O que será de nós

A vida das pessoas pode, por vezes, seguir rumos inimagináveis, quando são tomadas decisões momentâneas e tempestivas. Essas, por sua vez, acabam por marcar o resto de nossos dias, seja de maneira positiva ou negativa.

Um desses exemplos aconteceu muito perto de nós, em Porto Alegre, em pleno domingo de Páscoa: uma mãe tirou a vida de seu filho. Uma coisa terrível, assombrosa... Mesmo que a Justiça considere todos os antecedentes de agressão e transgressão do filho contra a mãe e a família e não haja uma condenação, esse ato jamais será esquecido e se transformará num grande peso que ela carregará durante o resto de seus dias.

Talvez esse seja um peso ainda maior que o filho drogado, ameaçador e contraventor, mas vivo. Só posso entender o desdobramento disso como um ato desesperado. Alguns acorrentam seus filhos, outros os abandonam ou expulsam, outros, ainda, continuam os protegendo, mimando e defendendo. Há, também, quem os encaminhe para algum tipo de tratamento ou que os denuncie, enfim, várias são as atitudes tomadas.

O que está por trás dessa triste realidade é o crescimento do consumo de drogas ilegais entre os jovens e a incapacidade das famílias e do Estado de lidar com essa explosiva situação. Cabe ressaltar que grande parte desses problemas começa ainda muito cedo, dentro de casa, sem acompanhamento, diálogo, limites, e vão se estendendo pela sociedade afora, que nada mais é do que um coletivo de famílias.

Esses históricos quase sempre apontam para um excesso de tolerância com os pequenos delitos que são cometidos ao longo da infância e da adolescência, também um abandono do jovem à própria sorte ou a um excesso de zelo protetor sem apontar limites. Some-se a isso uma permissividade geral em relação ao consumo de drogas chamadas legais, como o álcool e o fumo. Esses são apenas alguns dos fatores que parecem despontar nas origens de muitos dos problemas em relação às drogas, à violência e à contravenção.

Todos os dias, acompanhamos casos de execuções, mortes e torturas causadas pelo uso de drogas e seus desdobramentos. Agora, com muita força, aparece o tráfico e o consumo do crack.

Essa epidemia, que atinge jovens de todas as classes sociais e em todas as cidades, parece um tormento sem fim e o medo se abate sobre as pessoas. No passado, o mal batia à nossa porta; agora, ele está dentro de nossas casas.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Assim Caminha a Humanidade

Quem assistiu no cinema décadas atrás ao filme *Assim Caminha a Humanidade* ou reviveu esse clássico em DVD teve a oportunidade de divertir-se e, de quebra, refletir um pouco sobre a recente história da humanidade. Esse filme norte-americano conta a história de três gerações de poderosos texanos e seus conflitos raciais, familiares, amorosos e as disputas econômicas entre os tradicionais criadores de gado do Texas com os novos ricos magnatas do petróleo do Oeste. No elenco, nomes como Elizabeth Taylor e Rock Hudson. Além disso, o filme contou com uma poderosa atuação de James Dean, que morreu antes de a película ser apresentada nos cinemas internacionais.

Pensando no enredo e nos conflitos que expressam as contradições humanas, vale lembrar que o homem viveu sempre em busca da superação dos seus problemas, até como forma de desenvolver-se e evoluir. Desde o momento em que “descemos das árvores” em nossa pré-história, a humanidade experimentou a superação de grandes desafios, que foram conseguidos com o uso da sua capacidade intelectual transformada em tecnologias das mais diversas.

Isso ocorreu com o homem, por exemplo, quando foi para as cavernas em busca de abrigo. Lá realizou suas primeiras pinturas, que retratavam seu cotidiano e expressavam seus sentimentos, como o domínio e o uso do fogo, assim como da roda, a sua organização familiar e suas cidades, culminando nas civilizações que se seguiram em vários pontos do planeta.

Portanto, superar obstáculos e promover o desenvolvimento não parece ser um problema para essa espécie à qual pertencemos. De todo modo, será preciso saber ler e interpretar esses desafios futuros e ter claramente desenhado quais as necessidades que se colocam, especialmente porque elas tratam da sobrevivência da nossa espécie e do meio ambiente, ou seja, do planeta como um todo.

Essa evolução histórica, cultural e tecnológica fez criar uma crença na nossa capacidade intelectual e na tecnologia, como se esses elementos garantissem, por si só, eternamente nossa evolução e sobrevivência. Acreditar que sempre superaremos os problemas que a humanidade enfrentará é temerário e várias ci-

vilizações sucumbiram a essa dependência e às mudanças que se operaram.

Atualmente, os grandes desafios estão centrados nas questões sociais e na sustentabilidade. Essa agenda tornou-se urgente em função do aquecimento global, do crescimento da população, da crise de energia e da destruição das reservas naturais. Infelizmente, com as tecnologias de hoje, será impossível; precisamos, ao mesmo tempo, de um salto tecnológico na produção de energia, de alimentos e de uma mudança nos hábitos de consumo e no modo de vida da humanidade, além de uma preocupação social com esse enorme contingente humano em relação à saúde, à educação e ao trabalho.

Assim caminha a humanidade, em busca da sua constante superação e da abertura de novas perspectivas, que vão desde o aspecto familiar até as novas tecnologias.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Atualmente, os grandes desafios estão centrados nas questões sociais e na sustentabilidade

Cheiro e gosto de infância

Interessante como os movimentos da vida trazem-nos recordações de diferentes maneiras. Nem sempre elas se revelam em imagens e cores ou mesmo em preto e branco. Por vezes, nossas recordações expressam-se através de perfumes, aromas, odores que despertam nossa memória para momentos especiais em nossa vida.

O filósofo e educador Rubem Alves fala que esse é um sentimento de nossa alma, que vive do passado e não quer ir para o futuro, pois é no nosso passado que habitam os lugares, objetos que, muitas vezes, amamos e perdemos, ou seja, a alma navega na direção contrária do futuro.

Esses sentimentos nós aprendemos a visitar através da memória e da saudade e são muito comuns em datas e ocasiões especiais, quando nossa sensibilidade está mais à flor da pele. Na virada do ano, quando criança, esperava a chegada do Ano Novo quase sempre dormindo, não vendo a partida do velhinho. Era difícil imaginar por que tanta alegria dos adultos e a espera da meia-noite.

Na Sexta-feira Santa, recato, música clássica no rádio e filmes bíblicos na televisão, O Manto Sagrado, Ben Hur e outras histórias da vida de Cristo e dos cristãos. Jogar bola, ouvir música ou correrias de crianças, nem pensar. Na Páscoa, o cheiro da barba de pau enfeitando os ninhos, ovos de açúcar ao invés de chocolate, amendoim torrado com açúcar para rechear ovos de galinha, cuidadosamente guardados durante meses para figurar com destaque nos ninhos de todos. Ainda era preciso passar pela tortura de procurar o ninho, mais tarde, de escondê-lo. Ainda dá para sentir também o cheiro da cuca de mel, mas já não ouvimos mais os passos do coelho da Páscoa.

O aniversário era outra data aguardada com muita ansiedade, era um momento mágico, bolo, gelatina e presentes - nada como ter nascido em data de feriado nacional, sempre de folga!

O Natal precipitava uma série de sentimentos, diferentemente de hoje, quando, depois do Dia da Criança, em outubro, já começam a espocar na televisão os comerciais chamando às compras natalinas e são os comerciais das Casas Bahia que chamam para o Natal.

Os dias e anos demoravam a passar e os dias de escola eram longos e divertidos. Podia-se levar merenda de casa, ir de bicicleta para a escola e esperar a sineta marcando os inícios e finais de período. O pó de giz marcava os dias e os cadernos eram organizados ou com “orelhas de burro”, os lápis sempre apontados e os estojos de madeira. Ainda dá para sentir o cheiro da sala de aula, do lanche e da pasta em que levávamos nosso material.

Pensando bem, é bom para a alma revisitar às vezes esses lugares escondidos de nosso passado, até para ela nos ajudar a fazer um exercício de nosso presente futuro. Podemos, também, perceber que ainda sentimos cheiros, sabores e sentimentos que pareciam estar esquecidos.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

A geografia do crime

Não tenho hábito de ler páginas policiais e nem gosto de ouvir histórias de assassinatos, mortes e tragédias. Isso me deixa triste e confuso acerca da alma humana e da capacidade que tem de transformar sua vida e a de outros de maneira trágica. Fico descrente na medida em que esses crimes se desdobram, alguns com solução, outros ainda em aberto. Sempre fico me perguntando que causas individuais e sociais desenvolvem essas ações, quase que epidemicamente entre nós.

Entretanto, existe maneira de ficar insensível frente às tragédias que assolam as cidades brasileiras, especialmente, quando elas vêm acompanhadas de crimes violentos ou surpreendentes? Há duas semanas escrevi um artigo sobre uma mãe de Porto Alegre que havia matado seu filho no domingo de Páscoa e como aquela mulher chegou ao ponto de enfrentar seu filho drogado, chegando a tirar sua vida.

No meso dia em que terminava aquele texto, muito perto, eclodia outro crime brutal que chocava, agora, a cidade de Novo Hamburgo. Lembro que como última frase de meu artigo sobre a mãe desesperada eu dizia que antigamente o mal batia à nossa porta, agora está dentro de nossas casas. Não existe nada de profecia nessa frase, apenas a constatação de que a violência doméstica e familiar está tomando contornos dramáticos, violentos, inesperados e entre pessoas que dizem se amar.

A cidade parece que vêm enfrentando, ao longo dos últimos anos, uma série de crimes que a abalaram, mas não sei se as pessoas têm aprendido com essas feridas algo importante sobre a vida, os bens materiais, o dinheiro, as relações humanas e as aparências sociais, ou continuam vivendo na superficialidade desses fatos.

Um dos primeiros casos que me vem à lembrança é o chamado caso Braggion, em 1983, em que o empresário ferido à bala na cabeça foi queimado vivo no porta-malas de seu carro. A tragédia teve repercussão enorme, com prisões e desdobramentos na vida de muita gente. Mais recentemente, em 2004, temos o caso Sanfelice, que envolveu a morte e a carbonização da sua esposa junto ao Santuário das Mães. Caso julgado, mas com réu foragido.

Dois anos após, tivemos o caso Ruschel, em 2006, executado dentro de casa e cujo caso continua sem solução. Agora, mais um caso trágico acontece com várias vítimas e em locais diferentes, no qual uma empresária matou o marido, a irmã e a sobrinha, alegando que amava essas pessoas e que fora motivada por dívidas e problemas em sua empresa.

Evidentemente, não existe uma ligação criminosa entre esses eventos, mas caberia pensarmos sobre a superficialidade da vida, o pouco caso com o outro, a preocupação com as aparências sociais e os bens materiais e a dificuldade de lidar com a riqueza e a pobreza. Por fim, devemos nos perguntar sobre as amizades e as relações que temos, fora e dentro de nossas casas, quem sabe, tirando lições do que está acontecendo bem perto de nós.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

A menina e o planeta

O céu, os astros, as estrelas e os planetas encantam a humanidade desde os primórdios da existência de nossa espécie. Nenhuma civilização se desenvolveu sem prestar atenção no céu e seu movimento, além de acreditar que essas estruturas todas tivessem uma grande influência sobre nosso planeta e nossas vidas.

Isso se manifestou de diversas formas, algumas delas ainda presentes até hoje com a astrologia e o horóscopo, com os cortes de cabelos e o plantio de acordo com as fases da lua, as marés e tantas outras manifestações. O céu e o firmamento ainda nos fascinam por conter respostas sobre nossa origem e existência e abrigar nossos sonhos e fantasias sobre o passado e o futuro da humanidade.

Desse modo, toda e qualquer descoberta e revelação sobre os astros e o espaço sideral, de alguma forma, impactam a opinião pública. Foi o que aconteceu em 1930, quando astrônomos anunciaram a descoberta daquilo que desconfiavam, a existência do nono planeta do sistema solar, bem nos confins desse sistema, pequeno, gasoso, distante e quase sempre envolto na escuridão e coberto de gelo.

Essa descoberta marcava os limites do que o homem podia ver e estudar no universo e foi muito comemorado. Logo após a sua descoberta, seguiu-se um grande problema, que foi o nome do novo planeta, já que estava sendo chamado de planeta "X". Essa discussão envolveu cientistas, políticos e astrônomos do mundo todo e foi resolvida por uma criança. Uma jovem inglesa de 11 anos chamada Venetia Burney Katharine Douglas, mais tarde, após seu casamento, Venetia Phair.

A sugestão de Venetia era de nominar o novo planeta com o nome de Plutão, Deus romano do submundo e do inferno (em grego Hades), um dos poucos grandes nomes da mitologia que ainda não havia sido utilizado na astronomia, mas que por suas características mitológicas se encaixava bem na nova descoberta.

Assim, em 1º de maio de 1930, o nome Plutão foi ratificado internacionalmente. O impacto dessa descoberta e suas repercussões foram enormes, o grande Walt Disney nominou no mesmo ano um de seus personagens, no caso um cachorro, com

o mesmo nome do planeta recém descoberto, no caso Pluto, versão inglesa do nome Plutão.

De toda forma, em 25 de agosto de 2006 a União Astronômica Internacional decidiu de forma unânime que Plutão não era de fato um planeta e que o sistema solar voltava a ter apenas oito corpos celestes. Foi o fim do planeta que encantou o mundo com sua descoberta em 1930 e que teve uma vida de 76 anos.

Já a garotinha inglesa, Venetia Phair, morreu recentemente, em 30 de abril de 2009 na Inglaterra e viveu para ver o nascimento e a morte do planeta que ajudou a nominar. Terminou, assim, uma história sideral, que envolveu pessoas, planetas e o conhecimento da humanidade.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Terra de craques ou de crack?

Todas as semanas, deparamo-nos com cenas trágicas de mães acorrentando filhos, de pais assassinando filhos e filhos assassinando pais, crimes, roubos e outras tragédias que têm na origem o uso e o comércio de drogas. Neste momento, o crack é o grande vilão. Essa droga, de rápida e intensa ação, surgiu em meados dos anos 80 e, devido ao seu baixo custo, ficou conhecida como a cocaína dos pobres, tendo atingido grandes parcelas da população.

A Organização das Nações Unidas – ONU tem um escritório que monitora as drogas e os crimes envolvendo o uso de entorpecentes e tem divulgado, a todo momento, relatórios sobre a utilização de drogas ilícitas no mundo. Segundo esses relatórios, os usuários de drogas ilícitas crescem a cada ano de forma assustadora, mesmo com as políticas utilizadas atualmente para inibir o consumo.

A maioria dessas políticas, no entanto, são meramente repressoras, sendo cada vez mais contestadas por especialistas no mundo todo, uma vez que, pelos números mundiais e nacionais, estamos perdendo os jovens para as drogas, a tal ponto de o consumo de drogas já ser considerado uma epidemia mundial.

A ONU alerta também que a porta de entrada das drogas ilícitas é o consumo das que são legalizadas, como o álcool e o tabaco. De toda forma, mais de um terço da população global é usuária de algum tipo de droga, seja ela socialmente aceita e legalizada ou não. Vivenciamos, por esses dias, uma experiência única na história da humanidade, ou seja, o consumo generalizado de drogas de vários tipos por uma expressiva parcela da população.

Parece que as políticas adotadas até aqui para frear o consumo de drogas não têm atingido seus objetivos somente com a repressão, sem a conscientização. A educação e um convívio mais profundo e dialogado entre as pessoas, especialmente entre pais e filhos, poderá livrar-nos dessa epidemia. Não podemos achar que e a polícia ou a medicina resolverão os problemas, que, muitas vezes, se iniciam nos lares, escolas e outros lugares de convivência, principalmente dos jovens, mais expostos, por vários motivos, à atração do mundo das drogas.

De todo modo, bem perto de nós, drogas como o crack tomam conta de parcelas expressivas da sociedade e constituem-se num perigo, ameaçando a vida das pessoas, especialmente a dos jovens. Muitas delas, cabe destacar, sem oportunidades e sem acesso a uma educação familiar e formal, encontram nas drogas uma forma de vida. Nesse sentido, infelizmente, não estamos formando craques no esporte e na vida, mas permitindo que o crack se expanda e ameace a todos nós.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

O porco e as drogas

Diariamente sabemos, através da imprensa e pelos comentários de amigos e conhecidos, que o consumo e a venda de drogas tornaram-se alarmantes e cada vez mais perto de todos nós, inclusive dentro de nossos lares. Também nos alerta o nível de violência que decorre desse processo todo, aumentando tremendamente o número de mortes por envolvimento direto e indireto com entorpecentes. Nossa percepção determina, pois, que passemos a ver o problema das drogas de uma maneira diferente do que há alguns anos, pois aquilo que parecia distante e que acontecia somente como os outros se tornou nosso problema também.

Nesse sentido, cenas como pais acorrentando filhos a mesas, camas, botijões de gás chocam a opinião pública, especialmente a classe média nacional. Chocam também as notícias de usuários de drogas que roubam seus lares e vendem os pertences dos familiares para alimentar seu vício. Existem casos relatados de venda de todos os pertences, inclusive de suas roupas, para financiar, especialmente, a compra de crack. Trata-se de uma epidemia que degrada as pessoas e traz consequências destruidoras para as famílias e a sociedade.

Há poucos meses, foi muito divulgado por toda a mídia nacional o caso ocorrido em Porto Alegre, em que uma mãe acabou matando seu próprio filho, cansada de sofrer agressões e ter sua casa constantemente roubada por ele, que usava esses delitos para financiar o seu vício. Também vivenciamos a briga e a morte causada pela disputa entre pai e filho pelo consumo de pedras de crack, ou seja, a cada dia novos e surpreendentes casos chegam ao nosso conhecimento.

O mais surpreendente deles surgiu recentemente nos Estados Unidos, na cidade de Syracuse, no estado de Nova Iorque. Nessa localidade, um cidadão de 45 anos foi preso enquanto negociava a compra de pedras de crack e tentava interar o pagamento oferecendo um porco como moeda. O comprador das drogas, Angelo Colon, ofereceu metade do porco e mais US\$ 10 dólares por uma sacola contendo crack, com valor estimado em US\$ 50.

Durante a transação, comprador, vendedor e o porco foram interceptados pela polícia, que prendeu Angelo por posse de dro-

gas e Omar Veliz por venda de entorpecentes. Enquanto a polícia efetuava as prisões, o porco fugiu e não foi mais localizado. Escapou o porco, mas o consumidor e o vendedor foram detidos. Circunstância curiosa essa que envolve a venda de parte de um porco como pagamento para drogas. Já tínhamos visto de tudo, carros, tênis, relógios, dinheiro, mas vender meio porco foi uma grande novidade.

O porco, mesmo como moeda viva, foi mais esperto que os contraventores, primeiro porque não é usuário de drogas, depois porque fugiu e escapou de ser negociado e virar um assado. Nem sempre os envolvidos com as drogas têm a sorte do porco de Syracuse; na maioria das vezes, o resultado do envolvimento com entorpecentes vira uma grande sujeira, ou uma porcaria.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Casual e sem compromisso

As pessoas andam cada vez mais casuais. Começou em algumas empresas às sextas-feiras, com os funcionários passando a se vestir informalmente, ou como dizem os norte-americanos, "casual day". Essa foi uma grande oportunidade para pessoas mundo afora não trabalharem engravatadas e de maneira formal. O que se buscava era um maior conforto e descontração, enfim, um relaxamento e uma preparação para o final de semana que chegava.

Essa moda do "casual day", surgida nos anos de 1950 nos Estados Unidos e no Canadá, somente tomou força no final da década de 1970, acompanhando uma onda de informalidade, relaxamento dos costumes e da vida cotidiana, expressa na aversão à guerra e na exaltação da paz, do amor e do sexo livre.

Nossos dias marcam um aprofundamento da casualidade, de tão casuais e relaxados que procuramos ficar, em oposição à correria e à competitividade do dia a dia e da vida profissional, estamos elevando nossa informalidade a toda a nossa vida e às nossas relações. Isso já aparece em uma recente pesquisa que estudou e apontou o surgimento de uma alteração na tendência do comportamento sexual do brasileiro.

Esse trabalho apontou que os brasileiros estão fazendo mais sexo casual, ou seja, tendo um número maior de parceiros ao longo de sua vida. Revelou, ainda, um significativo aumento dos parceiros sexuais nos últimos anos. Dos 8000 entrevistados, 9% declararam que tiveram 5 ou mais parceiros nos últimos 12 meses. Essa mesma pesquisa, em 2004, apontara apenas 4% nesse quesito.

O mundo casual, sem compromisso, anda junto com a procura pelo relaxamento e por atividades antiestresse e prazerosas. Nesse sentido, essa significativa mudança e a externalização dessas buscas manifestam-se diretamente em nosso comportamento sexual e, conseqüentemente, no aumento de parceiros.

Nada de mais nessa pesquisa sobre o comportamento sexual das pessoas, afinal, é o que vemos e ouvimos em nosso cotidiano. O que surpreende e preocupa é a diminuição do uso de camisinha declarada nessas relações sexuais, especialmente as fora das uniões estáveis.

Nossos dias marcam um aprofundamento da casualidade

Além do fato de as pessoas não estarem usando preservativo, a pesquisa revelou que os brasileiros estão “pulando a cerca” com mais frequência. Ou será que foram mais honestos nas declarações feitas para esse recente estudo?

Trata-se, pois, de uma significativa mudança de comportamento em marcha no Brasil. Não se pode avaliar se positiva ou negativa, mas mostra-nos que o avanço do mundo casual, sem compromisso e informal, chegou, e com muita força, às nossas relações pessoais, íntimas e, até mesmo, às sexuais.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Medo, medinho e medão

Em tempos de acidentes aéreos e de dificuldades da aviação mundial, algumas das perguntas que mais tenho escutado ultimamente se referem à explicação da razão para o fato de que quanto mais velhos ficamos, mais nos libertamos de alguns medos, mas adquirimos outros. A resposta pode ser bem simples e referendar a experiência e os hormônios, ou a falta deles.

Essas respostas, embora possam conter uma parte da verdade, não explicam tudo por que passamos ao longo de nossa existência. Alguns sentimentos e medos sobre a nossa própria vida vitalizam-se e crescem com o tempo. Passamos, por exemplo, a pensar mais sobre como manter a nossa segurança e daquelas pessoas que dependem de nós. Isso parece bem natural a todos.

Nesse sentido, tenho visto muitas pessoas ultimamente mudarem alguns de seus comportamentos. Aquelas que adoravam voar, viajar de avião de um lado a outro simplesmente travaram ou agora morrem de medo de sentar-se em uma aeronave, muito menos pensar em cruzar o atlântico e enfrentar algumas turbulências.

O que foi que mudou? Há uma descrença na tecnologia, na manutenção dos aviões, nos controladores de voos, nos pilotos e nas equipes de manutenção, nas empresas e fabricantes ou é o efeito da cobertura feita pela imprensa? Sem dúvida que ficar mais exposto aos fatos, fotos, comentários e observações sobre acidentes tornam-nos mais sensíveis aos acontecimentos.

Entretanto, a pergunta básica ainda é o que mudou? Aumentou o medo de morrer e o apego à vida ou percebemos que tínhamos um excesso de confiança naquelas variáveis todas que não podemos controlar? Ou será, ainda, que simplesmente passamos a expressar o que sempre foi disfarçado, que voar a milhares de quilômetros por hora, dentro de um canudo de alumínio, cheio de combustível e a dezenas de metros de altura é perigoso mesmo.

Escuto muita gente agora abertamente dizer que viaja porque precisa, a vida tem que continuar. Parece-me que aquele *glamour* antigo das empresas aéreas, seus pilotos e aeromoças que despertavam suspiros e admiração desapareceu junto com a massificação do transporte aéreo, que, agora, pelo menos para nós, brasileiros, está sumindo. Some com ele também a confiança que tínhamos no sistema.

Foram-se os tempos glamorosos e elitistas, a aviação comercial competitiva e de massa está no ar e nós, meros passageiros, estamos aprendendo aquilo que já disse o Barão de Itararé parafraseando Shakespeare: “há mais coisas entre o céu e a terra do que aviões de carreira”.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Saudades do Bertoldo

Nesses tempos difíceis de extremo individualismo e de cada um tentando levar a melhor na vida e nos negócios, lembrei-me de um dos maiores dramaturgos do século XX, o alemão Bertholt Brecht. Ele, filho de um Diretor de uma fábrica de papel, homem exigente e autoritário, nasceu na Baviera, estudou Medicina e serviu de enfermeiro durante a primeira Guerra Mundial, mudando-se depois para Berlin, onde começou sua carreira de também poeta e encenador.

Desde cedo, posicionava-se a favor da liberdade e utilizava suas peças e poemas em prol da conscientização política. Por sua postura democrática e social, foi sistematicamente perseguido pelo nazismo; atuava como um crítico inteligente daquele Estado opressor, especialmente na sua prática política e social.

Sua relativa notoriedade e sucesso poderiam tê-lo feito simplesmente emigrar da Alemanha e esquecer o que ocorria com o povo alemão e o de outros países subordinados a regimes autoritários. Para preservar sua vida, teve que sair da Alemanha em 1933 e viver em diversas cidades da Europa, até emigrar definitivamente para os Estados Unidos.

Brecht, no entanto, lutou enquanto pôde para chamar a atenção dos alemães sobre o fascismo que imperou na Alemanha nos anos 30 e 40, depois se dedicou a fazer com que o mundo fosse mais politizado e com uma forte visão social de tudo que nos cerca. Grande parte de sua obra política e muitos de seus poemas falam com esplendor da vida humana, da importância que ele dava ao outro, ou seja, às pessoas.

Por esses dias, lembrei-me especialmente de um de seus poemas, "Intertexto", o qual diz: "Primeiro levaram os negros, mas não me importei com isso, pois não sou negro. Em seguida levaram alguns operários, mas não me importei com isso, pois não sou operário. Depois prenderam os miseráveis, mas não me importei com isso, pois não sou miserável. Depois agarraram uns desempregados, mas como tenho meu emprego também não me importei. Agora estão me levando, mas já é tarde. Como eu não me importei com ninguém, ninguém se importa comigo".

Vivemos em um mundo em constantes modificações, mas uma das maiores alterações é perceber que a solidariedade e a preocu-

pação com a comunidade, às vezes, é colocada em um plano secundário. Algumas vezes, tentamos ensaiar mudanças pessoais e coletivas, mas continuamos, na maioria das vezes, com uma prática individualista. Para uns, tudo é passageiro, acham que com a melhoria da situação cambial, uma troca de governo ou outro fator externo tudo retornará a uma situação melhor.

Entretanto, a grande questão não está fora de nós, mas naquilo que nós podemos fazer para mudar a situação. Talvez seja importante despertar dessa letargia e juntar-se às iniciativas existentes que procuram alternativas conjuntas para os reais problemas da sociedade. Fazendo isso, diminuimos o risco de ninguém se importar conosco.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Sangue, suor e cerveja

A criatividade publicitária brasileira é fantástica, possuindo um grande reconhecimento interno e alavanca o crescimento de muitas empresas e o sucesso de muitos produtos. Internacionalmente ela também é uma vencedora, pois já faturou os maiores prêmios mundo afora. Infelizmente, grande parte desse brilhantismo faz das bebidas alcoólicas talvez suas melhores peças, aquelas mais vistas e lembradas.

Especialmente nesses tempos de Copa do Mundo de Futebol, com milhões de homens, mulheres e crianças assistindo euforicamente aos jogos, aparece um desfile de talentos, personalidades e muita criatividade para divulgar um produto que é potencialmente perigoso e cujas conseqüências do uso irrestrito custam caro à sociedade brasileira, o álcool.

O álcool é, talvez, uma das drogas mais toleradas em nossa sociedade, por isso mesmo nem sempre prestamos atenção nos danos que causa, além de reagimos indiferentes ao seu consumo e à ampla divulgação nas diversas mídias. O custo dessa difusão do consumo de álcool no Brasil é grande, somente no tratamento de dependentes de álcool em unidades extra-hospitalares, estima-se mais de R\$ 36 milhões ao ano, fora todos os acidentes e seguros derivados dos acidentes por ele causados. Certamente, essa soma elevadíssima de recursos está deixando de ser aplicada para atender a população em diversas outras atividades realizadas em hospitais e prontos-socorros de todo o Brasil.

As cervejas, por sinal, ocupam horários nobres da publicidade brasileira e patrocinam muitos dos principais eventos nacionais, inclusive nossa seleção nacional de futebol, além disso, muitos meios de comunicação têm uma grande parte de sua grade de programação financiada pelas cervejarias.

De todo modo, não creio que a simples proibição da propaganda das cervejas seja a solução, longe disso. Entretanto, quem sabe um controle maior e uma regulamentação mais adequada desse ao consumo de bebidas alcoólicas e, especialmente a cerveja, um tom menos glamouroso e sexuado, talvez seria importante revelar uma realidade mais realista.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

O paraíso Brasil

O Brasil é uma terra interessante. Desde a sua descoberta pelos portugueses, em 1500, viveu momentos em que ora era vista como paraíso terreal, ora como purgatório e, mesmo, inferno, local de pagamento de penas e de sofrimentos sem fim.

Aparentemente, essas visões iniciais da nossa terra continuam a existir na memória e nas ações de nossos cidadãos e daqueles que aqui chegam. Ainda somos, aos olhos dos mais generosos, o país da cocanha, da riqueza e da exuberância, onde “se plantando tudo dá” e onde a natureza tudo provê.

Temos terras em abundância, matas, madeiras, todos os minérios, inclusive agora o petróleo jorra em abundância. Pensamos até em virar exportador de óleo e entrar no rico clube dos exportadores de petróleo, ou seja, na OPEP.

Ao mesmo tempo, vivemos também uma janela de oportunidade internacional e, mesmo internacional, de grande relevância, que possibilita avanços econômicos, sociais e tecnológicos de alta relevância.

Essa terra é mesmo maravilhosa e tão abundante, que, por vezes, algumas pessoas passam dos limites, ao destruir, desviar, corromper, gastar e ter descaso com aquilo que é público, tornando privado o bem geral que deveria ser de toda a sociedade.

De toda forma, alguns vícios sociais de uma significativa parcela de nossa sociedade fazem pensar que nossas virtudes são bem menores e que o país não tem jeito mesmo, que só nos resta apelar e participar da bandalheira.

Não basta apenas a vigilância da imprensa, a ação da polícia e da Justiça; todas elas têm seus limites. Não adianta nem mesmo nossa simples indignação, é preciso exercer o direito de mudar e ser publicamente correto e transparente, das formas mais variadas, como rejeitar essa flagrante banalização da corrupção e do desperdício, além de pensar bem sobre o nosso voto nas eleições municipais deste ano.

É um pequeno passo, mas de fundamental importância.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Sobre carros e pessoas

Atualmente, têm certas coisas que são o sonho de consumo das pessoas, verdadeiros objetos do desejo. Elas vão de coisas simples até aquelas mais sofisticadas passando por fetiches, sentimentos, até bens materiais de grande valor, tudo depende do cidadão e das suas aspirações.

Alguns sonham com sua casa própria, outros com um novo modelo de celular, a felicidade dos filhos, uma viagem, uma mulher, casamento, um emprego, ou mesmo ganhar sozinho na loteria. Os sonhos das pessoas são incrivelmente distintos e muitos não se podem revelar nas páginas dos jornais, mas de toda forma, a alma humana e sua natureza sadia sempre têm um sonho, um desejo e uma aspiração. Isso nos mantém vivo e com vontade de realizar.

Nesses tempos de consumo, o grande objeto do desejo da atualidade são os automóveis. Quem já os possui espera em breve poder ter mais um ou trocar por um modelo novo, quem sabe, uma grande caminhonete japonesa, coreana, européia ou americana, em fim, um carrão enorme e potente onde se sinta protegido e prestigiado.

Quem não tem carro, sonha em comprar um modelo básico, pode ser 1.0, mesmo que seja financiado em 100 vezes. O que une essas pessoas e todas aquelas que sonham com um carro novo, é o desejo de ter autonomia, conforto, liberdade e prazer em dirigir seu próprio automóvel, pois ultimamente, o acesso a esse tipo de bem no Brasil está acessível a uma grande parcela da população.

Em oposição ao transporte individual proporcionado pelos automóveis que segue em franca expansão, está o transporte coletivo que nem sempre atende de fato a população e causa diversos dissabores, transtornos e falta de conforto aos seus usuários. Estão também as dificuldades viárias, ruas estreitas, estradas entupidas, calçadas transformadas em estacionamentos, estacionamentos caros e toda a sorte de coisas.

Quem vive na região metropolitana de Porto Alegre convive também com inferno da BR-116 e a falta de opções de transporte coletivo. Entretanto, tudo indica que algumas obras tornarão essa realidade melhor algum dia, mas hoje o problema literal-

mente está nas ruas. As pessoas não se dão conta do fato que o Vale do Sinos em 2006 tinha em média 1 automóvel para cada 4 habitantes, enquanto hoje, esse número é de 1 para cada 3 habitantes. Um crescimento realmente significativo e que impacta as ruas, estradas e as cidades da região.

Essa explosão do automóvel me fez lembrar Pietro Maria Bardi, o italiano que veio para o Brasil depois da guerra e fundou o Museu de Arte Moderna de São Paulo – MASP. Bardi era um homem que gostava de aventuras, arte e automóveis e viu as cidades do mundo se transformarem em função desses abjetos.

Pois o espírito brincalhão de desse italiano revelava uma pitoresca solução “ou alargam as ruas ou estreitam os carros”. Interessante brincadeira, mas que nos remete ao caos urbano da maioria das cidades brasileiras não preparadas para proporcionar uma qualidade de vida aos seus cidadãos. Mas como somos um país de soluções, quem sabe aprendemos um pouco mais com Bardi.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

O prazer de 0 a 200

Nestes dias competitivos, o prazer assumiu um papel primordial em nossas vidas. Desfrutar de um ou mais prazeres é uma meta para grande parte da humanidade. Essa busca pode se expressar de formas simples ou complexas, mas é um elemento cada vez mais presente em nosso cotidiano, quase se consagrando como um dos valores de nossa civilização contemporânea.

A preocupação mundial com o prazer e sua intensidade são tamanhas que um professor de psicologia da Universidade de Leicester, na Inglaterra, desenvolveu um teste capaz de medir o que ele chama de Quociente de Prazer – QP. Esse quociente está montado numa escala de 0 a 200 e mede a intensidade com que sentimos prazer em dez tipos de perfis diferentes: auditivo, gustativo, olfativo, visual, adrenalina, relax, social solitário, social em grupo, tato, de realização. Trata-se de um valor indicativo da relação das pessoas com o prazer, a qual é muito pessoal e muda de indivíduo para indivíduo.

Os primeiros resultados globais realizados em 180 países e com mais de 100 mil pessoas apontam algumas conclusões bem interessantes. Segundo a pesquisa, os homens têm uma maior QP do que as mulheres e apontaram como sendo os elementos que mais lhes dão prazer o ato de brincar com os filhos, ver lenha queimando e o primeiro beijo. Já as mulheres, preferiram ganhar beijos, relaxar em uma banheira e receber massagem.

Surpreendentemente, o sexo não esteve entre os cinco itens globais mais citados, apenas os italianos e ingleses colocaram-no entre os principais. Dos países pesquisados, Colômbia, México, Portugal e Turquia apresentaram a maior média de QP; na ponta de baixo da tabela, apareceram a França e a Nova Zelândia.

No fundo, a intenção do professor Alex Linley era conhecer melhor os mecanismos que acionam nossas sensações de prazer e ajudar a humanidade a tirar mais proveito da própria vida, compreendendo melhor aquilo que nos traz prazer, conforto e alegria para a vida.

Será que nós sabemos o que nos deixa felizes e nos dá prazer? Reservamos espaço em nossa vida para isso e compreendemos como se pode ser mais feliz? Creio que nem sempre temos essas respostas, pois fazemos as perguntas erradas e, na maioria das

Será que nós sabemos o que nos deixa felizes e nos dá prazer?

vezes, complicamos aquilo que pode emergir de coisas simples e de fácil realização.

Os indicadores do estudo apontaram que aquilo que dá prazer aos homens e às mulheres constitui-se, no geral, de elementos de baixa complexidade e nem sempre de cunho material. Cabe-nos prestar mais atenção nas boas coisas que emergem de nosso dia a dia e descomplicar nossa relação com o prazer de viver.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

A geração Y

A cada dia, deparamo-nos com mais informações a respeito do comportamento das pessoas, o que têm nos ajudado a compreender melhor o momento histórico que vivemos e os nossos semelhantes. Nesse sentido, um olhar interessante sobre o mundo é o que faz referência ao comportamento das gerações.

Normalmente um período de um século comporta quatro gerações distintas. Se olharmos para os últimos anos, vamos perceber claramente que várias transformações ocorreram nas últimas gerações, fazendo com que uma fosse diferente da outra. Vários estudos apontam a existência demarcada de cada uma, identificando algumas de suas características.

A chamada geração silenciosa (1925-45), por exemplo, foi aquela que se confrontou com a depressão econômica mundial dos anos 1930 e, principalmente, com a Segunda Guerra Mundial. A geração seguinte (1946-1964) foi chamada de *baby boomer*, formada pelas crianças nascidas depois da Segunda Guerra e expostas a um mundo bipolar, à guerra fria e a um comportamento contestatório e de procura por uma vida melhor, com sonhos de consumo. A geração posterior (1965-81), por sua vez, ficou conhecida como a geração X, a chamada geração Coca-cola, denominada por alguns como “perdida”, pois encontrou um mundo com uma visão menos idealista e mais realista da sociedade.

Atualmente, convivemos muito com os jovens da chamada geração Y, formada por indivíduos nascidos depois de 1984, com a característica de serem questionadores, cheios de opinião sobre todos os assuntos, mesmo sem ter um conhecimento mais aprofundado das coisas. Além disso, são aficionados por tecnologia e internet; parece até que nasceram com um dedo no controle remoto e o olhar nas telas dos computadores. Esse grupo é formado por aqueles jovens aos quais pedimos ajuda para fazer funcionar qualquer aparelho eletrônico existente em nossa casa.

Essa geração possui o talento e a habilidade do mundo dos botões, a tal ponto de nos remeter à pré-história da tecnologia, diante das dificuldades que nós, membros das outras gerações, encontramos no trato com a aparelhagem eletrônica. Essa é a geração do momento, preocupada com a tecnologia e a ecologia, com múltiplos interesses, procurando viver em um mundo ins-

tantâneo. Cabe destacar, ainda, a linguagem direta e franca que os acompanha.

Provavelmente cada um de nós tenha um representante das diversas gerações, e em especial da geração Y, dentro de casa. Essa coexistência valoriza o fato de precisarmos entender as diversas gerações, conhecer quais os elementos básicos de cada uma delas, o que é fundamental em casa, na escola, no trabalho, na sociedade... Se acharmos isso complexo demais, esperemos pela geração F.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Homens e mulheres

Acada dia que passa, são encontradas mais e interessantes diferenças entre os homens e as mulheres, especialmente no que diz respeito ao comportamento ancestral de um sexo e de outro. Vários livros já foram escritos sobre as diferenças do gênero humano, alguns com um rigor científico apurado, outros em forma de comédia e piada.

Estudos contemporâneos têm se dedicado nos últimos tempos à explicação daquilo que todos sabem, ou pelo menos percebem que ocorre, mas não entendem muito bem como funciona. O *Journal of Experimental Social Psychology* publicou recentemente conclusões aplicáveis dessa busca, como, por exemplo, o fato de que os homens perdem a cabeça na presença da beleza feminina.

Os cientistas holandeses da Universidade de Radboud, que coordenaram a pesquisa, afirmam que os homens perdem a cabeça diante da beleza do sexo oposto, pois verificaram que diante de mulheres bonitas existe uma diminuição das capacidades cognitivas dos varões. Ou seja, segundo os cientistas, o cérebro masculino literalmente derrete diante da beleza feminina. O mais impressionante é que esse mesmo cérebro fica intacto diante de mulheres feias, determinando não ser o sexo oposto, mas a beleza que desencadeia tal efeito.

Na natureza, é comum que os machos usem todos os seus recursos para impressionar as fêmeas diante da oportunidade de reprodução da espécie e, de acordo com os holandeses, esse princípio se aplica também a nós, seres humanos do sexo masculino. No caso humano, no entanto, esse excesso de canalização cerebral diante de uma bela mulher provoca um déficit cerebral para outras funções naquele momento.

Por outro lado, o estudo apontou que a recíproca não é verdadeira, isto é, as mulheres não enfrentaram o derretimento de seus cérebros diante da beleza masculina; para elas são necessários outros atributos para atrair a atenção.

De qualquer forma, esse interessante estudo sobre o comportamento humano parece que chegou a uma interessante conclusão sobre os homens, o seu cérebro conspira contra diante da oportunidade presumida de reprodução da espécie. Bem, fica-

-nos o consolo de que isso foi importante em algum momento de nossa história e remete-nos a um comportamento de nossa ancestralidade, desde antes das cavernas, e à luta pela sobrevivência da espécie humana.

Durante grande parte de nossa existência na Terra, essa sobrevivência estava no topo de nossas prioridades e parece que ainda não saiu de lá. Embora as civilizações tenham avançado nas tecnologias e alterado significativamente nossa forma de viver, alguns comportamentos ancestrais permanecem até hoje e esse é mais um deles.

As características do passado nem sempre permanecem como uma vantagem no presente diante da evolução das sociedades e do convívio humano. De toda forma, conhecer essas características pode implicar, pelo menos, em podermos rir de tal comportamento, que, mesmo sem querer, derrete nossos cérebros.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Comer, viver e amar

A comida sempre foi o principal elemento de nossa sobrevivência e sua necessidade ajudou-nos a evoluir como espécie e sociedade. Ela é, sem dúvida, a função humana mais vital e importante, tendo um papel central em nossa organização social e na construção de nossa cultura.

Comer sempre esteve no topo das prioridades humanas, inicialmente para sobreviver, mas, à medida que o processo civilizatório avançou, foi adquirindo cada vez mais um caráter que se afastava da necessidade original e se aproximava da luxúria, destacando-se, ao longo do tempo, como um importante componente do prazer.

A comida, em várias culturas e civilizações, passou a desempenhar um elemento central na vida cotidiana e na união entre as pessoas. Dessas características próprias e locais, surgiram cozinhas diferenciadas e peculiares ao redor de todo o mundo. Não interessavam os ingredientes de que se dispunha para a arte de comer, as sociedades foram criando especialidades, modos diferenciados e utilizando-se dos mais variados elementos na arte de preparar sua alimentação. Comer e beber foram gradativamente transformando-se, juntamente com a evolução das culturas, de um simples ato de sobrevivência para um espetáculo dos sabores, odores e sensações.

Ainda vivemos em um mundo em que grande parte da humanidade tem severas dificuldades de acesso à alimentação e à água, mas é evidente que a sociedade moderna tem mudado significativamente nosso modo de encarar o ato de comer.

Essa onda globalizante e consumista da atualidade também introduziu novas mudanças na forma de nos alimentarmos, principalmente com a facilidade que se criou em relação ao acesso a diferentes produtos alimentícios das mais diversas regiões do mundo. Além disso, o ritmo moderno dos grandes centros humanos banalizou o ato de comer, criando facilidades para matar a fome com a criação e o crescimento do *fastfood*. Trata-se de uma necessidade da correria da vida moderna, mas que nos aproxima de tempos imemoriais em que a alimentação era uma necessidade de sobrevivência e não uma oportunidade de convivência.

Vivemos tempos também da explosão da obesidade; milhões correm atrás dos alimentos para manterem-se vivos e outros correm para se livrar dos excessos e também permanecerem vivos. Esse é um grande paradoxo que enfrentamos, nossa civilização ao mesmo tempo não disponibiliza comida suficiente para alguns que lutam contra a fome, enquanto concentra a alimentação em outros que lutam contra a gordura e as doenças que derivam do descontrole alimentar e do sedentarismo.

De qualquer forma, a comida ainda hoje é um grande elemento de integração entre as pessoas e um exercício de convivência e de prazer. Ela é capaz de reunir amigos, aqueles que se amam, estão se conhecendo ou mesmo discutido a sua relação. A comida é um grande atrativo para brindarmos a vida, mas ela também simboliza a saúde, a amizade, a fartura e a alegria de viver. Para muitos, ainda, é uma grande experiência cozinhar, criar, experimentar e conviver com os amigos.

Essa é uma grande oportunidade para valorizar aqueles de que gostamos e reuni-los não apenas para se alimentar, mas para saborear os bons momentos da vida, pois com eles podemos comer, viver e amar.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

As Baladas

Nesses tempos difíceis, zelar pelos filhos, amigos e pessoas mais próximas está cada vez mais complexo. A vida moderna trouxe-nos novas variáveis de perigos e ameaças as quais nem sempre estamos preparados para enfrentar.

Esse fenômeno evidencia-se muito quando lidamos especialmente com adolescentes destemidos, cheios de vida e em busca de experiências novas. Somado a isso, existe sua pouca experiência e a crença de que nada é capaz de lhes acontecer; junto com a sua teimosia e a pouca clareza dos limites que se colocam, fazem dessa faixa etária um grupo potencialmente perigoso.

Os males e perigos são muitos e passam por assaltos, seqüestros, acidentes de carro, álcool e drogas. Muitos desses são velhos conhecidos e passaram pela nossa geração dizimando e entristecendo famílias inteiras. A maioria deles é terrível e compromete não apenas uma fase da vida, mas seus desdobramentos vão ser sentidos ao longo da existência das famílias. As consequências desses perigos podem aparecer de forma estrondosa, com visibilidade pública e até causarem comoções na comunidade; outras são silenciosas e quando nos damos conta tornaram-se irreversíveis e dolorosas. Um desses perigos a que me refiro é o consumo de álcool.

O que vemos em muitas famílias é a grande tolerância ao consumo do álcool, isso de forma indiscriminada entre os adolescentes de ambos os sexos. Essa iniciação começa cedo e, na maioria das vezes, dentro de casa, com as primeiras experiências nos copos dos próprios pais e com a sua indulgência. Desse passo inicial para os seguintes, os adolescentes seguem seu próprio caminho, incentivados pela fragilidade dos limites colocados. As bicadas caseiras dos 12 ou 13 anos transformam-se rapidamente em porres e festas regadas a destilados, energéticos, cerveja entre outras bebidas.

Além disso, as festas e baladas passaram a ser precedidas e esquentadas com o ritual do "aquece", que consiste em reuniões anteriores aos eventos, nos quais os jovens e adolescentes bebem para perder os medos, preparar-se para as baladas ou simplesmente por prazer. Essas festas que ocorriam ocasionalmente passaram a acontecer todas as semanas e depois durante vários dias da mesma.

Não se trata de uma cruzada contra o álcool, mas de explicitar o acesso dos adolescentes a essa droga legalizada e tolerada socialmente. O grande problema é que, na maioria das vezes, o álcool é a porta de entrada de outros problemas, como as drogas ilícitas e os acidentes automobilísticos.

Certamente esse não é um problema somente dos adolescentes e nem sobre eles deve recair toda a preocupação. Penso que além de um trabalho com os jovens, também os pais e responsáveis deveriam pensar e agir sem omissão, com valores e limites claramente colocados àqueles que estão descobrindo como é maravilhoso viver.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

O Natal e as lembranças

Vivemos tempos de mudança. Muitos costumes e tradições parecem não fazer mais parte de nossa cultura e do cotidiano de nossas vidas. Sentimos isso em muitos momentos, especialmente nessa época de final de ano, quando o Natal e o Ano Novo, agora chamado de *reveillon*, se aproximam.

Provavelmente os sentimentos, as emoções e as recordações estejam mais latentes nesse momento do ano e nos sobrecarreguem com lembranças, desejos, recordações e experiências que já vivenciamos e que, nos dias atuais, parecem não fazer mais sentido por estarem, aparentemente, deslocados no tempo e no espaço.

Algumas dessas lembranças sobre o passado chegam, inclusive, a soar como irreais, representando um mundo que não existe mais e que a cada ano parece se perder entre lembranças em preto e branco, cada vez mais longínquas e desbotadas.

O Natal talvez seja a data que mais represente essa mudança. Quando criança, há algumas décadas, esse era um tempo mágico, que demorava a chegar, surgia recoberto de fantasias, expectativas e esperança de renovação e mudanças. Essa data representava o momento em que muitas famílias arrumavam suas casas, uma pintura aqui, uma reforma ali, uma nova cortina ou sofá ou outro objeto novo, enfim, um tempo de preparar-se para a chegada do novo ano e suas expectativas.

Hoje, em um mundo cada vez mais comercial, onde o tempo virou pó e os dias, meses e o próprio ano correm com uma velocidade alucinante, talvez haja pouco espaço para vivenciar as pequenas coisas, como a ansiedade infantil, o cheiro da tinta nova e do pinheirinho “alemão” dentro de casa. Também não se sente o cheiro das bolachas de Natal, da cuca de mel e de tantas outras coisas.

O tempo promoveu mudanças profundas nas pessoas e na sociedade, nem sempre o que está lá preso nas nossas lembranças foi bom ou deveria permanecer conosco hoje, mas esse consumo agitado do final de ano, a correria das pessoas, a preocupação com as compras e os apressados passos que se aglomeram por aí nos fazem sentir falta de alguns aromas, cores e sabores da infância e de um tempo que já não existe mais.

É normal que a humanidade olhe para seu passado e o idealize como sendo um tempo em que as coisas eram mais perfeitas e ideais que as experiências de hoje. Não se trata disso neste artigo, mas apenas lembrar que boas experiências podem nos ajudar a valorizar a vida e a criar bons valores para continuar sentindo emoções, mesmo quando algumas datas modificaram-se tanto que perguntamo-nos se, de fato, ainda fazem sentido à sociedade.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Mulheres, lavadoras e micro-ondas

A sociedade brasileira tem passado nas últimas décadas por transformações importantes. Dentre elas, destaco a participação das mulheres no comando das famílias brasileiras e o seu acesso, cada vez maior, ao mercado formal e informal de trabalho. Esse fenômeno acabou alterando profundamente as relações familiares e a forma como a sociedade se organiza, influenciando até mesmo nas necessidades materiais e nos hábitos de compra.

Com uma participação cada vez maior das mulheres no mundo do trabalho, elas acabam passando menos tempo em casa, o que diminui consideravelmente o número de horas que dedicam aos afazeres domésticos. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a carga horária feminina média utilizada em atividades domésticas, como limpeza, cuidados com crianças e idosos e demais tarefas, passou de 28,9 horas por semana em 2001 para 23,9 em 2008.

Certamente hoje esses números devem ter caído ainda mais, mas é certo que o trabalho feminino e a incorporação de mais renda familiar têm promovido, também, uma tímida, mas significativa, mudança nas divisões das tarefas domésticas entre os homens e as mulheres. Além disso, essa ampliação do trabalho e da renda graças ao trabalho feminino tem permitido a aquisição de equipamentos que agilizam o cuidado da casa e as tarefas domésticas, como, por exemplo, os fornos de micro-ondas, liquidificadores, máquinas de lavar roupa e louça, além de geladeiras e *freezers*.

O IBGE destaca, ainda, que existe uma relação direta entre a escolaridade da mulher e o tempo dedicado à casa. Segundo os dados da pesquisa, quanto maior a escolaridade, menor o tempo dedicado aos afazeres domésticos. Além disso, as mulheres já são a maioria dos novos empreendedores no Brasil, demonstrando uma articulação cada vez maior com o emprego e os negócios.

De certa forma, a conclusão a que chegamos é que com os eletrodomésticos mais acessíveis e chegando a uma parcela maior da população brasileira, as mulheres passaram a trabalhar menos tempo em casa. Quem acha que a venda de produtos não depende das modificações de hábitos e comportamentos sociais

pode estar surpreso. De toda forma, estamos vivenciando mudanças profundas nas famílias e na sociedade brasileira, seja no mercado de trabalho, em casa, na relação entre homem e mulher e na dos pais com seus filhos.

Novos hábitos e novas necessidades sempre fizeram o mundo movimentar-se. Neste momento, aqui no Brasil, percebe-se que a família mudou. Para tanto, basta observar a venda de lavadoras e micro-ondas.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Topo da cadeia

Todos aqueles leitores que possuem filhos ou amigos com filhos convivem com a pouca vontade das crianças, adolescentes e, mesmo adultos, de experimentar alguns alimentos, sejam verduras, legumes, frutas ou carnes. Essa é uma tarefa dura, educar o paladar das pessoas para o alimento que nem sempre são os mais usuais ou trazem um grande benefício à saúde. Parece mágica, mas parece existir um encantamento para aquilo que não é tão saudável, e para as situações que determinam um cardápio alimentar muito restrito, quem nem sempre atende as necessidades de nosso organismo.

Sempre que me deparo com essas situações penso: que bom que estamos no topo da cadeia alimentar do planeta e podemos escolher aquilo que vamos comer. Por vezes até digo isso as minhas filhas em tom de brincadeira, mas, chamando a sua atenção para as escolhas que podemos fazer, pior seria se estivéssemos no cardápio de algum grande predador e, ao invés de escolhermos, poderíamos ser escolhidos. Infelizmente, isso não tem sensibilizado a baixa capacidade de experimentar das pessoas.

É difícil estar aberto às novas experiências, não apenas pelo prazer, mas também pensando na saúde, alternativas de consumo e busca de alimentos saudáveis e mais baratos. Confesso que é difícil romper a barreira do preconceito com alguns alimentos, mas pelo menos temos que experimentar para depois dizer que isso não nos agrada, mas esse limite é muito tênue.

Algumas culturas são mais abertas a essas experiências alimentares, especialmente e grande parte das orientais, claro, que a grande população e a pressão sobre a natureza e a produção de alimentos nessas áreas, levou-os a uma cultura de comer tudo o que for possível, sejam cachorros, morcegos, gafanhotos, cobras, lagartos, entre outras coisas.

Talvez nossa cultura ocidental não seja para tanto e somos bastante limitados por várias razões. Por um lado a expansão dos sentidos e as necessidades crescentes de alimentos para humanidade nos levam a ampliar nosso cardápio alimentar, mas, entretanto, pelo fato de nossa espécie estar no topo da cadeia alimentar do planeta, nos arrogamos o direito sobre a natureza e o mundo natural. Desse modo, temos que tomar cuidado para não comer o planeta.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.



3

**ECONOMIA E
EMPRENDEDORISMO**

Olha nós aqui outra vez

Estamos vivendo em Novo Hamburgo uma nova e revigorada onda de planejamento e a possibilidade de alterarmos significativamente o perfil regional. Com o apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID está na pauta o futuro da cidade e, conseqüentemente, da região.

Hoje, em 2010, relendo o projeto da Ação 21, é perceptível a extrema atualidade daquele movimento comunitário iniciado em 1998, o qual chegou a reunir mais de 500 pessoas em um Seminário de Desenvolvimento Regional; 21 grupos com mais de 250 voluntários pensando projetos e ações para a cidade. Um grande feito e uma grande rede de mudanças, em que o cidadão, agente das transformações, assumia um papel ativo no centro das mudanças, juntamente com o poder público e a universidade.

O plano estratégico da Ação 21 permanece relativamente atual e parece que as questões centrais e os gargalos do desenvolvimento permaneceram quase que intocados ao longo desses anos todos. Todas as estratégias estavam repletas de projetos e ações que visavam ao desenvolvimento local e regional, primando pela geração de renda, empregos e a diversificação econômica de base sustentável, aproveitando a estrutura existente.

Cabe destacar, também, a Agência de Desenvolvimento de Novo Hamburgo, lançada em fevereiro de 2002, com 31 projetos prioritários, os quais, infelizmente, ao longo do processo, foram perdendo fôlego e as questões centrais se dissiparam. Agora, com novas perspectivas no plano estadual e federal e o Brasil posicionado em outra conjuntura econômica, talvez haja mais espaço para um programa aberto, mobilizador, que preserve os setores tradicionais e abra oportunidades para as áreas portadoras de futuro da nova economia.

Estamos, pois, novamente diante de um grande desafio e oportunidade; não podemos desperdiçá-la. Espero, sinceramente, que tenhamos fôlego, coragem, determinação e governança para fazer as discussões e o planejamento necessários para trazer os resultados esperados, preparando-nos para um futuro melhor e sustentável, sob pena de perdermos definitivamente o bonde da história.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Novo e bem feito

O Brasil é um país muito interessante e cheio de contrastes e dualidades. Em um momento, parece que encontrou o caminho rápido de seu desenvolvimento, no outro, parece que se perdeu na trilha. Isso pode ser percebido pela angústia que vivemos nos últimos meses sobre o futuro de nossa nação e as dúvidas que a sociedade passou a ter sobre o futuro. É um momento de transição, mas a duração e a profundidade das mudanças preocupam.

Por exemplo, a abertura de negócios próprios no Brasil exige cuidados redobrados para se evitar o insucesso dos empreendimentos, sem falar naqueles que já surgiram e lutam para sobreviver. Antes de tudo devemos ser mais criteriosos e realizar uma análise com objetividade das oportunidades e dificuldades, planejando todos os passos e se capacitando para gerir o negócio.

Como incentivo ao planejamento, cabe lembrar que uma parte considerável das empresas que não obtêm sucesso tem como causa principal a inexistência de clientes para os seus produtos e serviços. Outras encerraram suas atividades por problemas particulares de seus empreendedores e uma importante fatia fecha as portas por falta de crédito para movimentar seus negócios.

Excetuando os problemas da clientela, parece que os chamados impedimentos pessoais têm crescido a cada ano. Isso pode esconder o despreparo, falta de motivação, pressão social e familiar e um forte desânimo do empreendedor frente às enormes dificuldades que se colocam contra seu empreendimento, além de uma baixa taxa de inovação nos produtos e serviços oferecidos.

Nem todos possuem um perfil adequado para montar e gerir sua própria empresa e o melhor a fazer é avaliar seu potencial e risco, evitando experiências baseadas no pensamento mágico ou um sonho antigo.

Deve ser muito bem avaliado o risco de que problemas em seu empreendimento afetem sua vida pessoal e familiar, arrastando em um turbilhão tudo aquilo que material e afetivamente demorou anos para ser conseguido. O apoio familiar e a cobrança andam normalmente juntos, e uma decisão importante deve ser compartilhada e avaliada com todas aquelas pessoas que, mesmo apenas emocionalmente, estarão envolvidas.

Para quem se arrisca na atividade empreendedora, existem muitas formas de apoio e auxílio e as oportunidades de se ter seu próprio negócio não são certamente dirigidas a todas as pessoas e hoje, mais do que nunca, são necessárias ideias novas e bem executadas.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2015.

Alternativas

Nem sempre olhamos para nossa história a fim de tirar alguma lição dela. Na verdade, temos a impressão que os fatos não se repetem jamais. Muitos ainda acreditam que o mundo tem uma evolução positiva e linear fluindo por décadas de nossa existência, mas, infelizmente, ele é bem mais complexo. Um dos grandes exemplos da história da humanidade diz que todas as sociedades que se dedicaram à monocultura, mais cedo ou mais tarde, perderam sua pujança e passaram para o ciclo de decadência e empobrecimento, tempo em que muitas desapareceram e viraram pó.

Nosso Estado, com muita persistência, tornou-se importante e respeitável pela geração de riquezas, lutando contra as dificuldades internas e externas. As diversas crises que aconteceram têm sido superadas, e muitas delas, transformaram-se em novas oportunidades, porém vivemos os ciclos de sobe e desce, sem o controle real desse processo.

Esse modelo cíclico de expansão e retração, aliado à concorrência internacional, à carga tributária, à complexidade das legislações, ao despreparo gerencial, ao baixo uso de tecnologias e a tantos outros fatores podem conduzir a um desmonte da maior parte das atividades instaladas.

É importante que as lideranças pensem em alternativas produtivas para que sejam utilizados os capitais existentes na região, sua capacidade de produção, sua estrutura exportadora, introduzindo novos produtos, processos e até mesmo, novas cadeias produtivas. Os diversos problemas conjunturais da economia gaúcha, tais como nossa dependência das condições climáticas, os preços das *commodities* internacionais, a concentração industrial e a pouca diversificação produtiva, fragilizam nosso desempenho econômico e social.

É extremamente difícil uma mudança ou a introdução de uma nova matriz produtiva, mas se pensarmos que nossa sobrevivência depende dela, isso pode mover-nos em busca de outros nichos de produtos e de mercados. Já que temos uma competência produtiva, seria muito bom ter ações que apoiassem os inovadores e empreendedores em uma nova direção.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2015.

É importante que as lideranças pensem em alternativas produtivas para que sejam utilizados os capitais existentes na região, sua capacidade de produção, sua estrutura exportadora

Startups

O Brasil é um país muito interessante e, cada vez mais, conectado com o que acontece no mundo. Mesmo que estejamos vivenciando uma crise política, com sérios reflexos na economia, alguns setores crescem em uma velocidade impressionante. Paralelamente a retração econômica, projetos, empresas e produtos inovadores tem recebido injeções milionárias de recursos para desenvolver e transformar suas ideias em realidade.

Este fenômeno demonstra que, seja qual for o cenário político econômico, para ideias inovadoras, há investimentos e investidores dispostos a aplicar valores altíssimos em projetos nascentes. No rol desses recursos, estão as empresas comumente chamadas de startups, que são aquelas nascentes com base tecnológica, que possuem um espírito empreendedor e um plano de negócios inovador.

Desde o período de 2014 até agora, existem exemplos emblemáticos de empresas de sucesso que receberam cada uma mais de 100 milhões de reais para seus negócios. Dentre as mais conhecidas, estão a 99Taxis, que oferece um aplicativo para chamar taxis e atua no Brasil e Portugal. Esta empresa, somente neste ano, recebeu mais de R\$130 milhões de investimentos. Neste mesmo segmento, a Easy Taxi, que funciona em 30 países, já acumula mais de R\$200 milhões investidos desde 2012. Outros exemplos mais conhecidos de sucesso são a Movile, a Viva-real, Hotel Urbano, entre outras.

Estima-se que, hoje no Brasil, existam cerca de 3.500 empresas iniciantes com características de startups, mas os investidores, muitas vezes, relutam em investir devido ao baixo grau de maturidade dos projetos e das empresas. Olhando desta forma, existe um grande potencial para a criação de empresas diferenciadas, e que de fato sejam uma startup, mas é necessário, aos empreendedores, ter uma clara visão dos mercados potenciais e possuir um alto grau de inovação tecnológica. Como venho dizendo há muito tempo, os recursos existem, todavia faltam bons projetos.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2015.

As empresas e as pernas

A abertura de negócios próprios no Brasil exige cuidados para se evitar o insucesso dos empreendimentos. Antes de tudo, analise com objetividade as oportunidades e as dificuldades, planejando todos os passos com antecedência e se capacitando para gerir seu próprio negócio.

Como incentivo ao planejamento, cabe lembrar que 30% das empresas que não obtêm sucesso devem sua causa principal à inexistência de clientes para os seus produtos e serviços.

Ainda dentro desse universo, 19% das empresas declararam que encerraram suas atividades por problemas particulares de seus empreendedores e, 18% por falta de crédito para movimentar seus negócios.

Excetuando os problemas da clientela, parece que os chamados impedimentos pessoais têm crescido a cada ano; isso pode esconder o despreparo, falta de motivação, pressão social e familiar, e um forte desânimo do empreendedor frente às enormes dificuldades que se colocam contra seu empreendimento.

Esse é um item muito pessoal, mas que reflete a complexidade de um negócio próprio. Aliás, nem todos possuem um perfil adequado para montar e gerir sua própria empresa e o melhor a fazer é avaliar seu potencial e risco, evitando experiências baseadas no pensamento mágico.

Deve ser muito bem avaliado o risco de que problemas em seu empreendimento afetem sua vida pessoal e familiar, arrastando em um turbilhão tudo aquilo que material e afetivamente demorou anos para ser conseguido. O apoio familiar e a cobrança andam normalmente juntos, e uma decisão importante deve ser compartilhada e avaliada com todas aquelas pessoas que, mesmo emocionalmente estarão envolvidas.

Entretanto, para quem se arrisca na atividade empreendedora, existem muitas formas de apoio e auxílio. Sabe-se que as oportunidades de se ter seu próprio negócio não são certamente dirigidas a todas as pessoas, mas quem se predispõe a esse empreendimento, deve não perder o foco de seu trabalho, nem se endividar. Na linguagem popular podemos dizer que os empreendedores devem ter ousadia, mas não dar o passo maior que suas pernas.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

O Haiti é aqui

Nesses dias, circulou uma piada na internet que dizia que o Brasil só não abandona o Haiti, onde nossas tropas encontram-se a serviço da ONU, porque, assim fazendo, aquele país teria chance de crescer mais e, nós, aqui no Brasil, terminaríamos o ano em último lugar no crescimento do Produto Interno Bruto – PIB- Latino Americano.

O que era uma piada, criticando a participação brasileira como força de segurança da ONU no Haiti, passou a ser uma realidade econômica. Nesse novo ano de 2007, o Brasil só deverá crescer mais do que o Haiti, é mais uma previsão da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – CEPAL.

Segundo a CEPAL, o nosso país, pelo terceiro ano consecutivo, só terá um crescimento de sua economia maior do que a do Haiti em toda a América Latina e o Caribe. O crescimento do PIB nacional deverá, de acordo com a Comissão, girar em 3,5%, o mesmo índice calculado para o Paraguai o penúltimo frente a todos os demais países da região.

Esse valor de crescimento previsto do PIB brasileiro proposto pela CEPAL, em torno de 3,5%, contrasta com os 5% projetados pelo atual governo brasileiro para 2007. De qualquer forma, mesmo o índice oficial, projetado em 5%, ainda é pouco, se comparado a outros países do continente.

Para a CEPAL, a Argentina irá crescer, em 2007, 7,5%, o Paraguai, 7%, Peru e Uruguai, 6% e a Venezuela, que, em 2006, cresceu 10%, deverá incrementar seu PIB em 7%, em 2007.

Ainda como projeção para a região da América Latina e Caribe, a CEPAL projeta uma expansão de 4,7% para o continente, em 2007. Nesse ano de 2006, o crescimento será de 5,3%.

Para um país com o potencial, as pretensões político-econômicas internacionais e uma estabilidade política, é muito pouco crescimento. Não crescemos, deixamos de gerar novos empregos, renda e incluir mais pessoas no mercado consumidor, isso é um passo para que não melhorem nossos índices sociais e o país não se desenvolva de fato.

As últimas eleições gerais no país revelaram a expectativa frente a um cenário de crescimento, emprego e justiça social, entretanto, parece que faltam projetos e políticas públicas capazes de dar conta desse anseio.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

A oportunidade do agronegócio

A economia brasileira praticamente parou neste primeiro trimestre de 2003, com o desempenho do PIB caindo 0,1% em relação aos últimos três meses do ano passado. No entanto, este mesmo dado do IBGE, aponta que, comparando-se o primeiro trimestre deste ano e de 2002, o país cresceu 2%.

Não importa qual maneira escolhemos para ver os números. Em qualquer uma delas o Brasil não cresceu ou seu desempenho econômico foi insuficiente. Os investimentos industriais em máquinas, equipamentos e construção retraíram-se 4,6%, outro ponto grave dessa massa de números é que o consumo médio das famílias brasileiras caiu 0,6% em relação ao último trimestre e 2,3% comparando-se com o mesmo período de 2003, ou seja, ficamos inegavelmente mais pobres.

Por outro lado, a agricultura aponta outro caminho, cresceu 3,7% e consolidou-se como a atividade que impediu uma queda maior do PIB. Isto que a agropecuária tem um peso de apenas 8,23% do PIB, mas foi mais uma vez o setor produtivo com melhor desempenho econômico.

Após décadas de pouco crescimento, com uma produção de 80 milhões de toneladas de grãos por muitos anos, a produção brasileira vem crescendo significativamente e este ano deverá superar os 116 milhões de toneladas com um crescimento real de 20% sobre a produção do ano passado. Por sua vez, a pecuária vem crescendo cerca de 4% ao ano.

Esse avanço do agronegócio no Brasil aponta para uma questão importante; possuímos condições climáticas para várias safras regionais anuais, ainda possuímos grandes áreas para expandir a produção e, ao mesmo tempo, podemos aumentar a produtividade dos campos já cultivados, e por último, temos avançado muito em tecnologias próprias, pesquisa nacional a disposição dos produtores e formação de recursos humanos competentes.

As inovações tecnológicas introduzidas no agronegócio, aliada a uma gestão mais competitiva e a um mercado internacional atraente, ajudaram a potencializar nossa produção. O país é extremamente competitivo e competente, mas as barreiras impostas pelos países desenvolvidos e alguns emergentes como

a Rússia, China e Índia, para proteger sua produção menos eficiente, comprometem nossa expansão.

Como resposta a certa estagnação econômica de alguns setores e o sucesso de outros, a sociedade deverá ser criativa e competente para forjar as condições de um aumento da produção, do consumo, do nível de emprego, das exportações e de tantas outras coisas que precisamos. De qualquer forma, o agronegócio vai ser fundamental para montarmos nossa competência nacional. É um setor estratégico no panorama da política de blocos, das negociações sobre a Alca e com a Comunidade Européia, assim como com muitos outros países.

Temos muitas competências em inúmeros setores da economia nacional e devemos explorar bem isso em nossas negociações, planejamento interno e políticas de crescimento, pensando sempre, que internamente possuímos milhões de pessoas fora do mercado de consumo. Está aí um grande começo.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

A arte de empreender o novo

Um dos maiores pensadores internacionais da administração, Tom Peters, disse uma vez que nada como o caos na economia para formar bons gestores e empreendedores. Não vivemos, atualmente, em uma situação de desorganização econômica, mas os anos, seguidos de inflação alta, pouco crescimento, falta de empregos e oportunidades, ajudaram a forjar no brasileiro as virtudes levantadas por Peters.

Hoje, grandes executivos brasileiros como Alain Belda da ALCOA- maior produtora mundial de alumínio-, ou Carlos Gohoshn presidente mundial da Nissan- uma das maiores indústrias automobilísticas do Japão- destacam-se no cenário internacional. Além disso, internamente, nosso país é um celeiro de empreendedores de todos os tipos.

O Brasil é um país de empreendedores e grande parte deles têm vocação para montar seu próprio negócio. Segundo o instituto de pesquisa Datafolha, 77% das pessoas têm vontade de ter um negócio próprio; por outro lado, estudos do SEBRAE/SP apontam que 71% das micro e pequenas empresas abertas no país não duram mais do que 5 anos.

Estes dados apontam para uma realidade duríssima e uma distância entre montar e manter um negócio. Além disso, parece que sobra empreendedorismo, arrojo e interesse, mas falta preparo e condições de montar e gerir as empresas que nascem.

Os novos empreendimentos que surgem convivem com fatores que trabalham para impedir o sucesso das pequenas e micro empresas. Um dos mais imediatos e fatais é a falta de crédito, embora gerando 60% dos empregos do país, as micro empresas recebem apenas 10% dos financiamentos.

Outros problemas sucedem-se, como a atratividade exercida pela informalidade, maneira encontrada para economizar as taxas e tributos. Além disso, os juros bancários, a variação do câmbio e o custo Brasil são responsáveis, entre outras coisas, pelo nefasto efeito dos impostos em cascata. A todos esses explosivos problemas, soma-se talvez o de maior relevância, o despreparo do empreendedor para enfrentar aos desafios de um novo negócio.

O Brasil é um país de empreendedores e grande parte deles têm vocação para montar seu próprio negócio

Não basta apenas ter iniciativa, são fundamentais, também, o foco no mercado, a capacidade gerencial, uma estrutura logística e uma divulgação de seus produtos e serviços. Se isso não basta, é necessário ao empreendedor ainda ousar e, com criatividade, explorar nichos desprezados ou desconhecidos pela concorrência. Finalmente, procurar ter tanto espírito competitivo como também cooperativo, privilegiando o trabalho em grupo, unindo suas habilidades com as de outros e desenvolvendo um trabalho em rede, e não isoladamente.

Essa é uma pequena análise, seguida de recomendações, afim de ajudar àqueles que, em uma economia paralisada, estão em busca de alternativas para montar seu próprio negócio. De qualquer forma, é importante que o empreendedor pesquise bastante sobre o ramo de negócio que seja atrativo para o novo empreendimento. Para tanto, existem entidades especializadas nesse tipo de orientação além de incubadoras empresariais, nas quais o índice de mortalidade das empresas é bem menor.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Empreendendo

Em pesquisa recente, a Global Entrepreneurship Monitor – GEM colocou o Brasil na 34ª posição do ranking mundial de condições empreendedoras. Esse dado parece surpreendente quando, por muito tempo, falava-se que nosso país é um dos líderes mundiais de empreendedorismo, disputando com outros países a liderança mundial.

Surpreendente mesmo, é que continuamos em uma posição mundial de liderança das atividades empreendedoras, mas tratamos mal nossos empreendedores, ou seja, não temos uma liderança em oportunidades, pelo contrário, colocamos dificuldades para que os novos negócios e seus líderes avancem.

Analisando a pesquisa da GEM, tiramos algumas lições para os problemas que conhecemos. A primeira é sobre as condições favoráveis, ou desfavoráveis, para o crescimento do espírito empreendedor no país. Os principais fatores, apontados no estudo e que dificultam a vida dos empreendedores, são o acesso ao capital, para movimentar seu negócio, e o custo desse dinheiro. Soma-se a isso a falta de políticas claras, a carga tributária, a burocracia e as exigências para abrir seu negócio. Com o somatório desses fatores vemos diminuir nossa capacidade empreendedora, não por falta de ação ou iniciativa, mas de sustentação do negócio.

Percebemos, na leitura dessas informações, que pouco importa o tamanho do negócio, pois os problemas parecem os mesmos. É claro que, quem inicia seu pequeno e novo negócio padece muito mais para iniciar e tentar uma oportunidade no mercado. Entretanto, além dos fatores, apontados acima, deve-se considerar, e muito, a falta de capacidade e preparo do empreendedor frente ao negócio escolhido.

Infelizmente, o despreparo profissional é uma realidade que faz com que os negócios não prosperem. Capacitar-se significa conhecer seu negócio, definir, claramente, seu produto, mercado e, principalmente, administrar profissionalmente ou ter quem o faça.

Muitas ações, realizadas no país, estão fazendo com que os empreendedores tenham a oportunidade de melhorar sua capa-

citação e garantir a continuidade das empresas criadas, dentre elas as incubadoras de empresas.

O Brasil é o terceiro país no mundo em número de incubadoras que, nos últimos cinco anos, geraram negócios na ordem de R\$ 600 milhões ao ano e criaram, no mesmo período, mais de sete mil empregos. O maior número de incubadoras está na região sul, que concentra 46% do total do país, sendo o Rio Grande do Sul, o Estado com o maior número delas, totalizando 67.

Sempre tenho voltado ao tema do empreendedorismo e da criação de novas oportunidades de trabalho e negócios. Isso se deve a percepção de que o emprego e o trabalho, na forma tradicional que aprendemos a conhecer no passado, estão fadados a se tornarem muito raros e apresentarem poucas oportunidades.

Nesse sentido, uma das maneiras de superar essas dificuldades seria incentivar a todos, especialmente aos jovens, ainda dentro das escolas e universidades, a serem empreendedores. Não acredito que todos possam ser donos de seu próprio negócio, mas ser empreendedor significar modificar sua ação dentro das empresas onde atua.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Exportando pessoas

Desde 1990, as contas externas do Brasil passaram a contar com um novo produto de exportação, responsável pela entrada de divisas no país, as remessas feitas pelos emigrantes brasileiros que trabalham no exterior.

A média anual de remessa de dólares que, na década de 1980, era da ordem de U\$ 199,7 milhões passou, na década de 1990, para U\$ 874,9 milhões e chegou, em 2002, a U\$ 2,6 bilhões de dólares.

Esse fenômeno foi marcado pelo crescimento do número de brasileiros que, legal ou ilegalmente, instalaram-se no exterior em busca de melhores condições e oportunidades de vida, mas que economizam no exterior e investem quase todo o seu rendimento no seu país natal. A maioria dos brasileiros fora do país pensa um dia retornar e viver aqui seus dias de aposentadoria ou montar e mesmo ampliar negócios próprios.

Alguns dos fatores que impulsionaram esse êxodo foram os fracassos dos planos econômicos na década de 1980, a inflação, desemprego e a falta de segurança das cidades brasileiras. Essa movimentação culminou no governo Fernando Collor, com a enorme frustração causada pelo confisco da poupança e a crise político-institucional que passou o Brasil.

Nem o Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty) sabe ao certo quantos brasileiros vivem fora do país, estima-se que sejam hoje cerca de 1,96 milhões de pessoas. Os Estados Unidos são o destino preferido, em segundo vem o Japão e em terceiro o Paraguai. Esse crescimento levou o Itamaraty a rever parte de sua política consular, fechando consulados em áreas portuárias e abrindo-os, em regiões de forte concentração de brasileiros.

Atualmente, o ingresso de recursos, advindos dos brasileiros residentes no exterior, supera a maioria dos produtos da pauta de exportação do país. Por exemplo, ficam para trás as exportações de automóveis, farelo e óleo de soja e mesmo os aviões, grande vedete dos últimos anos da balança externa brasileira. Os únicos produtos que exportamos e que superam as remessas de divisas dos brasileiros no exterior são a soja (U\$ 3,03 bi) e o minério de ferro (U\$ 3,05 bi).

Existem, atualmente, cidades como a mineira Governador Valadares, que movimentam sua economia graças aos dólares de seus cidadãos que, desde os anos 1980, deixaram o país. No entanto, hoje enfrentam fortes barreiras à entrada legal, principalmente em países como os Estados Unidos. Essa exportação em massa de cidadãos levou alguns governos a imporem controles e restrições à entrada de brasileiros, por vezes dificultando a vida de quem viaja a trabalho ou a lazer.

Portanto, exportar brasileiros e trazer sua poupança é o terceiro item de exportação do Brasil. Sem dúvida, é uma grande fonte de receita, mas, na maioria dos casos, feita às custas da falta de oportunidades e da procura de nossos cidadãos por melhores condições de vida para si e suas famílias.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Investindo no próprio negócio

Inegavelmente, somos um país de empreendedores. Desde os primórdios de nossa colonização, vivemos a saga de homens com o espírito voltado a novos empreendimentos e ações de desenvolvimento e crescimento.

Somos hoje o sexto país mais empreendedor, de um universo de 30 nações pesquisadas. Esse é um dado significativo, que salienta as virtudes empreendedoras e dinâmicas de nossa sociedade, e que auxilia, de várias formas, na superação de alguns entraves sócio-econômicos, como o baixo desenvolvimento e as gritantes diferenças sociais.

Sem dúvida alguma, as características discriminatórias, elitistas e concentracionistas de nosso país acabam levando muitos a empreender ações e negócios em um ritmo considerado bastante acelerado, mesmo para os padrões internacionais. Além disso, algumas características sócio-culturais de nosso povo, como sua abertura ao novo, sua coragem frente a desafios e seu jeito diferenciado de ver e sentir o mundo, contribuem para nossa posição de ponta em termos de empreendedorismo.

Para termos uma idéia real de nosso trabalho e de nossa potencialidade, no ano de 2003, o Brasil teve cerca de 13 milhões de empreendimentos, mas, por volta de 85% desses negócios, repetiu deficiências que prejudicaram e enterraram grande parte deles. Dentre os problemas que esse grande universo de empreendimentos encontrou, destacam-se alguns pontos comuns, que foram determinantes para o insucesso do negócio.

Primeiro, o desconhecimento do mercado, de suas potencialidades e de sua possibilidade de expansão. Depois a baixa tecnologia de seus produtos, serviços e processos, repetindo aqui um erro histórico de muitos de nossos empreendedores que, desde 1500, se valiam de tecnologias ultrapassadas ou simplesmente não utilizavam nenhuma. Finalmente, a inexistência de produtos inovadores e a falta de oferta aos consumidores ajudaram a derubar muitos dos projetos nacionais.

Certamente, aos grandes problemas citados acima, acrescentam-se outros, como o baixo nível de escolaridade das pessoas e a renda insuficiente para empreender seu negócio, a burocracia na abertura e no fechamento dos negócios, a tributação e falta

de crédito e muitos outros empecilhos ao desenvolvimento das ações empreendedoras.

Ainda segundo o estudo divulgado pela Global Entrepreneurship e organizada pelo Babson College dos Estados Unidos e da London Business School da Inglaterra, o percentual de abertura de negócios por necessidade caiu dez pontos no país em 2003, ou seja, de 53% para 43%. Quem empreende por necessidade, geralmente perdeu seu emprego e, para sobreviver, abriu algum tipo de atividade ou negócio.

Em compensação, os negócios abertos por percepção de mercado ou oportunidades cresceram na mesma medida, de 43% para 53%, demonstrando um amadurecimento maior por parte dos empreendedores brasileiros quando se trata de novos negócios. O importante é manter esse espírito empreendedor, qualificá-lo e, cada vez mais, criar as condições para que os negócios prosperem e as pessoas se realizem.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Cooperação Brasil-França

No ano de 2002, o Brasil e a França assinaram um acordo de cooperação chamado programa Delta, mas somente neste mês de maio de 2004, os Ministros de Ciência e Tecnologia dos dois países regulamentaram o acordo.

Esse documento baliza as políticas de cooperação entre os dois países no que se refere ao estreitamento de laços entre empresas brasileiras e francesas de base tecnológica. Além disso, abre a possibilidade para a participação de Universidades nessa aproximação, nos dois lados do Atlântico. Cria-se, assim, um ambiente favorável ao desenvolvimento científico e tecnológico, envolvendo empresas brasileiras e francesas, com o apoio das Universidades em um projeto real de transferência e desenvolvimento de tecnologias. As áreas prioritárias desse acordo bilateral são da nanotecnologia, microeletrônica, software, agricultura e pesquisa do mar.

Essa aproximação maior entre a França e o Brasil representa um marco importante para o desenvolvimento científico e tecnológico nacional e vai fortalecer a introdução da inovação tecnológica diretamente nos setores produtivos brasileiros, via acordos de cooperação que vão passar pelas empresas francesas e pelas Universidades nos dois países.

O Brasil deve aportar cerca de R\$ 1,8 milhões no programa, provenientes, sobretudo, dos fundos setoriais, para o financiamento dessas operações via FINEP.

Esse programa vem em boa hora, principalmente quando empresários, pesquisadores, empreendedores e homens públicos estão embarcando para a França, a fim de conhecer empresas, incubadoras, condomínios empresariais, Universidades e tecnópoles. Provavelmente, com o auxílio do Ministério de Ciência e Tecnologia e da FINEP, os contatos realizados nas três tecnópoles francesas, de Troyes, Orleães e Chamberry, possam resultar em projetos concretos para nosso Estado e região.

Sob luz da regulamentação do programa Delta, a "Missão Tecnópoles Francesas 2004", que se realizará entre 20 e 30 de maio próximo, passa a ser a primeira ação brasileira a acessar os benefícios desse acordo internacional.

As condições parecem estar dadas, os fatores internos e externos demonstram um ambiente positivo, portanto a implementação de projetos concretos em ciência e tecnologia que envolvam empresas e Universidades desponta como a saída para a solução de gargalos no sistema produtivo global.

A sinalização francesa e sua parceria com o Brasil acontecem num momento especial para aqueles que estão apostando e investindo em empresas de base tecnológica, uma grande alternativa para a inserção do país em um contexto internacional globalizado, onde o conhecimento e sua aplicação se tornaram estratégicos para as empresas e o país.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Donos do próprio nariz

O Brasil é um dos campeões mundiais em empreendedorismo. Somos considerados um país de empreendedores e, segundo dados do Sebrae, cerca de 77% das pessoas gostariam de ter um negócio próprio.

Esse espírito empreendedor do brasileiro muito tem a ver com as crises e planos econômicos a que ficamos sujeitos nas décadas passadas, onde a inflação, mudança de moedas, correção monetária, ágio, desemprego, informalidade etc, acabaram moldando um novo tipo de empreendedor. Estes novos líderes surgiram diferentes daqueles que, no passado mais remoto, foram os pioneiros, grandes barões da indústria, do comércio e dos serviços.

A partir dos anos 80 o país se transformou e os brasileiros tiveram que reinventar seu emprego e sua atividade profissional. Os empreendedores no Brasil aprenderam a trabalhar com as crises, incertezas e adversidades, onde o caos econômico, político e social, se transformou em um ambiente criativo e de oportunidades.

Esse grande caos criativo permitiu a abertura de oportunidades, possibilitando que muitas idéias fossem implementadas, algumas com muito sucesso, mas mesmo com a maioria dos empreendimentos engrossando, as estatísticas nacionais mostram que 71% das empresas que se abrem no país, não duram mais do que 5 anos.

Ao que parece, o mercado e o ambiente turbulento dos anos 80 e 90 ficaram para trás, se projetando hoje um crescimento econômico acima dos 4% do PIB. Entretanto, tanto com os cenários em turbulência quanto, principalmente, com a estabilidade, é importante ressaltar que não basta ter uma grande idéia, um produto ou serviço genialmente diferenciado. Hoje, mais do que no passado recente, é cada vez mais importante o desenvolvimento da capacidade gerencial do empreendedor.

Deve-se saber o que vender e para quem, antes de aventurar-se no mundo dos negócios. Antes de empreender algo, dever-se-ia mapear o perfil do consumidor de seu produto, ter um controle de custos e ter alguma estratégia de marketing e logística. Além disso, sem uma capacidade criadora e associativa,

Deve-se saber o que vender e para quem, antes de aventurar-se no mundo dos negócios

predisposta a formar redes cooperativas, pode ficar muito difícil fazer seu empreendimento prosperar.

Mais importante do que fórmula em um pequeno artigo é chamar a atenção para as oportunidades que estão ao nosso redor, sem deixar de tomar alguns cuidados que todo o empreendedor deve ter. Em um país como o Brasil, a maioria dos empreendimentos nasce mais por necessidade do que por oportunidade, o que pode levar a um imediatismo, falta de planejamento e a frustração do negócio não correspondido.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

A expectativa chinesa

Com a visita do Presidente chinês ao Brasil e sua comitiva, grande parte dos brasileiros fez crescer suas expectativas em relação à possibilidade de negócios com esse país asiático. Tudo isso, dá-se pelos impressionantes números chineses, seja em relação ao seu território, ao seu mercado ou à sua população, principalmente fomentado pelos números do crescimento do PIB chinês nos últimos dez anos.

Toda essa euforia brasileira se baseia, também, nos últimos números das nossas relações comerciais. As exportações do Brasil para a China cresceram de US\$ 676 milhões em 1999, para US\$ 4,5 bilhões em 2003, o que faz deste país o terceiro parceiro comercial brasileiro, ficando atrás somente dos Estados Unidos e da Argentina, não contabilizando a União Européia como um bloco.

Em resumo, no ano passado, a China, sozinha, absorveu por volta de 6,2% das exportações brasileiras, números que devem crescer no balanço final de 2004, pois, este ano, houve uma expansão ainda maior das nossas exportações para aquele país. Hoje calcula-se em 31,8% o incremento de negócios entre Brasil e China, puxados pelo crescimento nas exportações brasileiras de soja, minério de ferro e celulose, produtos de baixo valor agregado e grande volume; enquanto os manufaturados continuam representando apenas 20% das exportações brasileiras para o gigante oriental.

O mercado chinês é extremamente dinâmico e desafiador e um dos mais abertos do Oriente a produtos de alto valor agregado e com tecnologia, mas nosso modelo exportador se expande, principalmente, através do agronegócio, portanto, andando na contramão do que os chineses estrategicamente têm atraído. Isso faz do Brasil um país importante para a China, mas não estrategicamente prioritário.

Quanto a nós, brasileiros, temos um parceiro capaz de ajudar a diversificar os mercados exportadores, mas sem muitas possibilidades de uma parceria mais estratégica como gostaríamos. O Brasil tem progredido muito no comércio internacional, seus produtos e mercados têm se diversificado e estamos mais abertos e competitivos, entretanto, nossos principais produtos e aqueles que apresentam um peso econômico na balança de

comércio, são produtos primários ou “commodities”, sempre a mercê dos grandes conglomerados internacionais.

Nosso salto econômico no panorama internacional, exige cada vez mais o esforço de investir em produtos com maior valor, com tecnologia embarcada, com inovação e que possam ter diferenciais em relação aos seus concorrentes internacionais. Para isso, investir na pesquisa e na inovação de produtos e processos, têm papel fundamental nesse novo panorama do cenário internacional do Século XXI.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

O Brasil e o mundo oriental

Nas últimas semanas, recebemos no Brasil a visita de inúmeros chefes de Estado e Governos do mundo. Estiveram aqui representantes da China, Coréia, Paquistão, Rússia, Vietnã, entre outros, em um espaço de poucos dias.

Esse movimento parece indicar que o país passou diplomática e comercialmente a ter um papel mais relevante no panorama internacional. A inserção do Brasil nesse contexto de forma predominante deverá ser muito importante para o mundo dos negócios, da cultura, da ciência e tecnologia e das relações internacionais.

A presença dos chineses chamou a atenção para o gigante do Oriente e seu peso populacional e econômico no século XXI. Entretanto, quase despercebida foi a visita do presidente da Coréia do Sul, Roh Moo-hyun. Esse país oriental serve muito para a comparabilidade com o Brasil e mostra como, em menos de 30 anos, uma economia pequena pode superar o Brasil em muitos indicadores.

Em 1975, a renda per capita do Brasil era de US\$ 6.216, enquanto a Coréia possuía pouco mais de 50% dessa renda, com US\$ 3.230. Transcorridos menos de 30 anos, em 2002, a renda coreana já era o dobro da brasileira, ou seja, enquanto aqui pouco avançamos e nossa renda era de US\$ 7.770, na Coréia do Sul ela havia pulado para US\$ 16.950.

Entre 1975 e 2002, enquanto o nosso país cresceu em média 0,8% ao ano, a Coréia do Sul teve uma média de 6%. Mesmo comparado o período militar e o chamado “milagre” brasileiro, com as taxas coreanas no mesmo período, nosso crescimento foi também menor.

Entre 1962 e 1972 a Coréia cresceu, em média, 9% ao ano e passou a 10% entre 1972 e 1975, com aumento de exportação que chegou a atingir 40% ao ano, durante 10 ou mais anos desse período.

O modelo exportador Coreano recebeu uma participação muito forte do Estado, com apoio aos grandes grupos exportadores com subsídios fiscais e créditos. Obviamente hoje temos regras mais claras e duras junto à Organização Mundial do Comércio – OMC. Além disso, durante a “guerra fria”, a Coréia do Sul recebeu maciço apoio norte-americano, mas soube aproveitar essas

oportunidades e hoje é uma grande economia mundial e um país que se moderniza muito rápido.

Por essa trajetória e seu desempenho científico, econômico e comercial, a Coreia do Sul é um exemplo e um modelo interessante a nós, brasileiros. É sabido que o peso da China e seu gigantismo atrai nossos olhares e nossa admiração, entretanto, a Coreia do Sul teve um desenvolvimento muito parecido com o nosso, ao longo dos últimos 30 anos, e pode nos fornecer bons exemplos de competência e empreendedorismo.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Café e conhecimento

Nas últimas semanas ouvi uma história contada por importante figura da educação brasileira, falando a professores e empreendedores sobre a importância do conhecimento estar presente em tudo o que fazemos e produzimos.

Estando em uma viagem internacional, este educador, hoje ocupando um alto cargo no Ministério da Educação, colocou-se a olhar revistas enquanto aguardava uma conexão aérea em algum aeroporto europeu.

Deparou-se então, com uma matéria sobre café e achou interessante a categorização que a revista fazia sobre os tipos, a qualidade, a pureza, as misturas, o paladar e várias outras informações fornecidas pelos produtores aos consumidores. Esse trabalho lembrava muito os estudos que são feitos com o vinho, os queijos e os charutos e tinham como alvo um público categorizado e consumidor de alto padrão internacional.

Um olhar mais atento do leitor revelou que todas as dez marcas apresentadas na matéria eram européias, predominantemente alemãs. Ao ler o resto do artigo, percebeu que os diferenciais apresentados entre as marcas é que determinavam o preço final do produto e estes, apareciam de várias formas em embalagens diferenciadas de forma individual, para solteiros, famílias, para presente, motivos de Natal, Páscoa etc..., em uma grande segmentação do produto. Aliado a isso, os diferentes aromas e sabores eram apresentados em variações requintadas e com ingredientes selecionados, tudo som muita satisfação.

Em nenhum local da matéria ou das embalagens de café era citado o país de procedência dos grãos. Nem uma referência aos principais produtores como o Brasil, Costa Rica, Colômbia ou a África. Na verdade, isso pouco importava à revista, mais preocupada com outras questões mais pertinentes e, aparentemente, ao consumidor também.

Outro fato muito interessante é que a Alemanha não produz um pé de café, mas é um dos grandes importadores de grãos e exportadores do produto beneficiado. Em uma conta simples realizada com os valores expressos pela revista, o professor brasileiro calculou que com o preço cobrado por 500g de qualquer

marca presente na matéria, era possível comprar cerca de duas sacas de café brasileiro.

Bem, o que diferencia o café que nós, brasileiros produzimos e exportamos e as marcas européias, não é apenas o marketing, a embalagem ou o controle do mercado de distribuição. Na verdade, o grande diferencial existente pode ser resumido em uma palavra: conhecimento.

O que os europeus empacotam não é o café, mas sim o conhecimento. Isso serve para qualquer produto exportado como açúcar, minério, grãos, sapatos etc. Sendo que todo aquele que possui uma boa dose de conhecimento se valoriza e de fato agrega valor.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Bem vindos ao Brasil!?

Um dos mais promissores negócios do futuro é o turismo, uma indústria que anualmente movimentava bilhões de dólares na economia global e gera outros tantos milhões de empregos.

Países como Espanha, França e Estados Unidos adicionam anualmente muitos recursos explorando tanto o turismo de lazer quanto o de negócios. Esses países, por exemplo, têm bem claro quais os reais benefícios de receber e oferecer atrações aos turistas.

O Brasil é um dos países com maiores potenciais para receber estrangeiros, principalmente pela sua diversidade cultural, climática, flora, fauna e dimensões continentais. Entretanto, também no que se refere ao negócio turismo aproveitamos pouco aquilo que a natureza nos proporcionou e a mão do homem não modificou.

O país apresenta um grande potencial, mas participa com apenas 0,5% da receita mundial gerada com o turismo. Segundo a Embratur, o país externamente possui uma imagem ligada à insegurança pública e com pouca infra-estrutura para receber bem o visitante estrangeiro.

As maiores críticas realizadas pelos turistas, desde 2002, quando a Embratur passou a realizar uma pesquisa com os visitantes do país, apontam para questões que aos cidadãos residentes no país também são problemáticas. Por exemplo, os pontos mais criticados por quem visita o país são: segurança pública, 10,26%; limpeza pública, 10,25%; sinalização turística, 8,3%; comunicações, 7,35%; transporte urbano, 5,13%; serviço de táxi, 4,2% e diversões noturnas, 2,7%.

A Embratur destaca ainda que a procedência dos turistas que apontam no Brasil é bastante diversa. Em ordem de grandeza temos: argentinos, norte-americanos, alemães, paraguaios, uruguaios, franceses, italianos e portugueses.

Os destinos prioritários são o Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Foz do Iguaçu, Recife e Porto Alegre. O Brasil é um grande destino de lazer, sendo que 51% dos turistas vêm com essa finalidade, aparecendo depois os negócios, com 20%, compras e família com 15,6%.

O Brasil mais uma vez está na moda. O país é cordial, ensolarado, diverso e vivo culturalmente. Nossa natureza é exuberante, nossa gente bonita, a música é maravilhosa e temos uma imagem internacional de país que sabe acolher bem as pessoas, mesmo diante das dificuldades sócio-econômicas.

Infelizmente, nos falta resolver problemas conjunturais que afetam tanto aos turistas como aos habitantes do país. Essa importante atividade geradora de recursos e de empregos, que é o turismo, precisa de mudanças na nossa realidade e no cotidiano, alterações essas, que todos sabemos, vão melhorar a qualidade de vida de todos os brasileiros e proporcionarão mais divisas advindas dos turistas estrangeiros.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

O comércio on-line

Uso e o domínio das novas tecnologias por parte das pessoas e das empresas significa mais do que apenas o acesso a meios de comunicação e agilidade. Dentre essas tecnologias, destaca-se a internet, que tem se mostrado especialmente produtiva no que se refere a negócios e, conseqüentemente, ao incremento das vendas, aumento da renda e da geração de empregos.

Há cerca de cinco anos atrás, o comércio eletrônico no Brasil era insignificante, principalmente porque inexistiam lojas nacionais vendendo produtos pela internet e poucas indústrias disponibilizavam seus produtos para a venda via comércio eletrônico.

Entretanto, esse negócio chamado comércio on-line teve um crescimento na ordem de 400% entre janeiro de 2001 e julho de 2005, descontando-se os leilões, venda de automóveis e de passagens aéreas que, se fossem somados, fariam esse valor mais do que dobrar.

Observou-se, também, um incremento médio de 63% no valor que cada consumidor passou a gastar nas compras eletrônicas. Em 2001 o universo de pessoas que compravam via internet no Brasil era de apenas 700 mil, já nos primeiros meses de 2005, somavam cerca de 3.25 milhões de brasileiros.

Muitos empreendedores estão se dando conta da importância de fazer com que seus produtos sejam conhecidos e comprados pela internet e da possibilidade de incremento que essa ação causa em seus negócios. Existe hoje um grande movimento de pequenas e micro empresas que estão passando a disponibilizar seus web sites com a opção de compra, o que tem levado ao crescimento constante do comércio eletrônico a cada ano.

Esse negócio pode representar acesso aos mercados locais, nacionais e internacionais. Com a ajuda dos sites de busca, pode-se hoje localizar em qualquer ponto do planeta os produtos que se pretende comprar, ou seja, tornou-se muito mais fácil e dinâmico comprar e vender via internet.

O mais importante e singular é que os pagamentos também passaram a ser virtuais. Cerca de 80% das transações de compra se efetivou via cartão de crédito, o que facilita muito as operações.

Felizmente, a internet oferece aos empreendedores uma oportunidade histórica de informação, formação e negócios. Uma micro-empresa localizada na zona rural de qualquer município do Rio Grande do Sul pode negociar com qualquer parte do mundo. Basta estar na rede mundial de computadores e, acima de tudo, ter o seu empresário capacitado nestas tecnologias.

As condições tecnológicas estão muito acessíveis, sendo necessárias também para seu aprendizado digital. Pequenos elementos como a capacitação digital e conhecimentos de comércio eletrônico, aliados a estruturas básicas de acesso a internet, podem fazer a diferença nos nossos municípios, garantindo o acesso ao mundo do comércio on-line de pessoas e empresas empreendedoras existentes nas nossas comunidades.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Felizmente,
a internet
oferece aos
empreendedores
uma
oportunidade
histórica de
informação,
formação e
negócios

Uma economia grande e desigual

Nos idos dos anos 70, o Brasil chegou a ser a 8ª economia mundial; muitos planos econômicos depois fomos superados por outros países emergentes que suplantaram a nossa produção de riquezas. Entretanto, os últimos dados apresentados nesse ano de 2005, voltaram a saudar um avanço significativo na economia brasileira, que recuperou algumas posições no ranking global.

Saltamos da 15ª para a 12ª posição entre as maiores economias do planeta, superando a Índia, Coréia do Sul e Holanda de uma só vez. O Brasil teve um desempenho econômico medido através de seu produto interno bruto (PIB) de R\$ 1,769 trilhões, ou seja, aproximadamente US\$ 605 bilhões.

A maior economia do planeta continua sendo a norte-americana, com um PIB de US\$ 11.757 bilhões, seguido pelo Japão (US\$ 4.780 bilhões), Alemanha (US\$ 2.734 bilhões), Reino Unido (US\$ 2.113 bilhões), França (US\$ 2.026 bilhões), Itália (US\$ 1.669 bilhões), China (US\$ 1.543 bilhões), Espanha (US\$ 971 bilhões), Canadá (US\$ 957 bilhões), México (US\$ 649 bilhões) e Austrália (US\$ 622 bilhões).

Mesmo com esse avanço e retorno a uma posição mais qualificada, o Brasil se encontra muito distante do G7 (Grupo dos Sete países mais ricos do mundo), entretanto, obtivemos uma importante posição, mas que possui algumas dificuldades na sua manutenção.

A primeira, é que ela demandaria um crescimento mínimo do PIB de 3,5 a 4,5% ao ano. Outra questão é que esse cálculo foi feito em um momento em que o dólar está em baixa frente ao real, valorizando nossa moeda e fazendo o valor nominal do PIB crescer, situação que pode mudar em uma futura valorização da moeda norte-americana.

Além disso, o PIB per capita, ou seja, o PIB dividido pela população, retira o Brasil dessa vanguarda das economias mais importantes e o coloca na 39ª posição, atrás inclusive da Argentina, que aparece em 30º lugar. O PIB per capita brasileiro é de apenas US\$ 8.540, enquanto o Argentino é de US\$ 12.910 e o norte-americano de US\$ 40.040.

Essa relação do PIB per capita evidenciou uma grave situação em nosso país, a má distribuição de renda e a falta de renda para ser distribuída.

Embora sejamos a 12ª economia do planeta, não geramos riquezas suficientes para o conforto e bem estar da população. Além disso, somos um dos campeões mundiais nas desigualdades econômicas e sociais.

Se tivermos alguma pretensão de nos tornarmos uma potência global e um país de justiça social e econômica, temos um longo caminho de trabalho, geração de renda, emprego e investimento em saúde e educação. Antes disso acontecer, vamos ao fluxo e refluxo internacional, sem firmarmos uma posição de grandeza econômica e de distribuição equilibrada de renda.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Reescrevendo a história

Em 1998 vivíamos, na cidade de Novo Hamburgo, um amargo momento a continuidade da crise econômica do setor coureiro calçadista que se iniciara no meio da década de 1990. Além disso, existia uma dura perspectiva de superação dos problemas locais e a mais baixa auto-estima vista na cidade até então.

Uma cidade pujante, berço de idéias pioneiras e de tantos empreendedores estava vivendo um de seus momentos mais difíceis, sem uma perspectiva muito clara de saída do processo de crise.

Nesse momento crucial de nossa história, alguns parceiros tomaram a iniciativa de criar um movimento para reverter a situação e, em 1998, se tornava realidade o projeto “Ação 21 – Retomada do Desenvolvimento econômico de Novo Hamburgo”.

Esse movimento comunitário tinha como visão, tornar Novo Hamburgo até 2005 um pólo econômico diversificado e desenvolvido tecnologicamente, capacitado a integrar-se à economia globalizada, com índices de desenvolvimento econômico acima da média dos existentes em 1998.

A missão de todo o grupo envolvido com as 21 ações de desenvolvimento era reunir, articular e ativar todo o potencial da comunidade para a criação e implementação do programa de retomada do crescimento econômico e social de Novo Hamburgo.

Aquelas iniciais 21 ações foram desdobradas em muitas outras e vários projetos pensados a várias cabeças se consolidaram ou continuam sendo trabalhadas até hoje.

Entretanto, assim que a situação econômica e a auto-estima começaram a melhorar, o projeto foi esvaziando e sobreviveram ações isoladas, sem que todos os projetos fossem realmente implementados.

Alguns anos depois, vivenciamos novamente uma grave situação econômica muito localizada sobre nossa cidade e região. Em parte, não aprendemos com a história e não nos preparamos para os seus desafios. Impérios já ruíram, grandes empresas internacionais desapareceram, mas nós continuamos confiantes que nosso mundo permaneceria intocado.

Um grande engano; nesse século XXI repleto de desafios, bate a nossa porta uma velha conhecida, a crise acompanhada

do despreparo. Como em 1998, precisamos redescobrir o planejamento e reunir forças para completar o que iniciamos na década passada. Com a experiência que possuímos, a iniciativa de alguns setores, além da manifesta vontade dos setores públicos municipais, essa tarefa pode ser amplamente rediscutida.

Talvez tenhamos hoje outros mecanismos e fóruns para implementar idéias e projetos de desenvolvimento, mas não podemos perder de vista a real necessidade de realizá-los. Um planejamento de médio e longo prazo poderia diminuir e até encerrar os ciclos negativos de nossa economia com seus profundos desdobramentos sociais.

Existem, também, muitos investidores locais e regionais que poderiam apoiar idéias e empresas inovadoras, investindo diretamente em empreendedores locais e financiando nosso desenvolvimento. É preciso um catalisador dessas atitudes, para disparar um novo processo.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

A atualidade das ações

Relendo o projeto da Ação 21, seus relatórios e matérias dos jornais, se descobre a extrema atualidade daquele movimento comunitário iniciado em 1998. Chegamos naquele momento a reunir 500 pessoas em um Seminário de Desenvolvimento Regional, liderado pelo pesquisador canadense Paul Prévost, especialista internacional nessa área.

Tivemos 21 grupos com mais de 250 voluntários, pensando projetos e ações para Novo Hamburgo. Um grande feito e uma grande rede de mudanças, onde o cidadão, agente das transformações, assumia um papel ativo no centro das mudanças, juntamente com o poder público e a universidade.

O plano estratégico da Ação 21 que foi construído em 2000 permanece muito atual, e parece que as questões centrais e os gargalos do desenvolvimento permaneceram quase que intocados ao longo desses anos todos. Naquele momento, as 21 ações foram orientadas em quatro grandes eixos:

- estratégias para o Desenvolvimento Industrial;
- estratégias para o Desenvolvimento da atividade comercial e de serviços;
- estratégias para o Desenvolvimento de atividade agrícola;
- estratégias para o Desenvolvimento físico e social (habitação, educação, saúde, segurança, comunicação e informação).

Todas essas estratégias estavam repletas de projetos e ações que visavam o desenvolvimento local e regional, primando pela geração de renda, empregos e a diversificação econômica de base sustentável, aproveitando a estrutura existente.

Chegamos, em 29 de fevereiro de 2002, a lançar uma Agência de Desenvolvimento de Novo Hamburgo, a ADNH, com 31 projetos prioritários para a cidade.

Infelizmente, o trabalho da ADNH, como o de muitos grupos da Ação 21 e seus projetos, foi perdendo fôlego à medida que os setores tradicionais de nossa economia conseguiriam retomar suas atividades plenamente.

Felizmente o setor coureiro-calçadista pode voltar a se expandir, mas a comunidade perdeu uma oportunidade de diante

da crise criar mecanismos e salvaguardas mais duradouras ao seu desenvolvimento.

Vivemos novamente uma situação difícil na região, especialmente com o dólar em baixa e outros mercados emergentes controlando a produção.

Talvez não exista hoje, mais espaço para um programa tão aberto e mobilizado como a Ação 21, mas o planejamento e a busca de solução em longo prazo é fundamental que seja iniciado.

Temos experiência e competências em muitas outras áreas que não possuíamos em 2002, portanto, mais capacidade de enfrentar esse magnífico desafio. Criar e gerenciar bons projetos de desenvolvimento é fundamental para a cidade e a região.

Com o apoio dos empreendedores, poder público, universidade e investidores, temos grandes chances de criarmos uma rede local e regional de desenvolvimento econômico e social.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Falta apoio às empresas

O Estado do São Paulo é sempre lembrado como a locomotiva da economia nacional. O peso da indústria paulista é grande e sua inércia arrasta cada vez mais investimentos e produção.

Ao longo dos anos fez-se um esforço para e desenvolver outros pólos industriais no país e distribuir melhor essa concentração, o que foi conseguido com um certo sucesso e fez com que caísse a participação do Estado de São Paulo no cenário nacional.

Entretanto, um estudo apresentado em 2004 pela maior fundação de fomento à pesquisa estadual do país, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo-FAPESP, indica uma qualificação maior do complexo industrial paulista, do ponto de vista científico e tecnológico.

O estudo chamado "Indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação em São Paulo 2004", mapeou os aspectos da produção científica e tecnológica no Estado de São Paulo, visando, acima de tudo, construir um mapa detalhado dos locais de excelência em pesquisa, ciência e tecnologia e promover a integração entre universidade e empresas, buscando, acima de tudo, o crescimento industrial e tecnológico do Estado.

Esse mapeamento vai contribuir para a criação de políticas públicas indutoras de projetos concretos de transferência de tecnologia, ou seja, conectar quem pesquisa e desenvolve ciência com quem tem necessidade de criar novas tecnologias e incorporá-las a processos produtivos.

Parece simples e fácil, e não é tão difícil assim. O mais importante é que esse movimento vai ser acompanhado do financiamento de projetos via FAPESP, que como braço do Estado Paulista, se torna o grande indutor do desenvolvimento industrial, financiando a pesquisa e a transferência de tecnologia.

Ao contrário do que acontece na maioria dos estados brasileiros, uma fundação estadual como a FAPESP cria condições, via fomento, ao desenvolvimento de uma política pública de inovação e tecnologia.

O Rio Grande do Sul e outros estados brasileiros tendem a ficar cada vez mais atrás, seja pela falta de uma política ou por falta de investimentos em Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação – PD&I.

Desde o ano 2000, a FAPESP monitora a indústria paulista. Naquele ano as empresas do Estado investiram R\$ 2,15 bilhões em PD&I, enquanto o setor público (Estadual e Federal), investiu 46% desse total, ou seja, R\$ 1,82 bilhões.

Esses investimentos têm se tornado constantes e maiores a cada ano, o que está levando a um distanciamento das empresas paulistas em relação a outros Estados do país.

Nós, no Rio Grande do Sul, não temos nenhum estudo nesse setor, como também nos falta uma política clara para o PD&I. Temos uma dinâmica de negócios, um grande empreendedorismo e alta capacidade de trabalho. Se a tudo isso se juntasse Pesquisa, Desenvolvimento, Inovação e fomento à transferência tecnológica, teríamos maiores oportunidades no cenário nacional e internacional e nossas empresas e empreendedores, mais condições de competir, gerar mais empregos e renda para as comunidades gaúchas.

Infelizmente, falta apoio para a pesquisa no cenário regional, o que pode relegar nossos setores produtivos a uma condição mais periférica ainda.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Um passo atrás

É muito preocupante a situação econômica industrial do Rio Grande do Sul. Os últimos dados divulgados este mês pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, indicam que a indústria brasileira fechou o primeiro semestre com uma boa expansão, exceto o Rio Grande do Sul, que teve um decréscimo da produção industrial de 3,1%.

Ainda, segundo o IBGE, os indicadores regionais da produção industrial brasileira se expandiram em 13 das 14 regiões, tendo como comparação o mesmo período do ano passado, sendo que a média anual de crescimento industrial no país ficou em 5,0%.

O bloco de estados que lidera esse crescimento é formado pelo Amazonas, com um crescimento de 20,2% de sua atividade e industrial, seguido pelo Paraná (8,0%), Minas Gerais (7,7%), Goiás (6,9%), Santa Catarina (6,5%), São Paulo (6,3%), Ceará (6,1%) e Pará (5,2%).

Esses estados brasileiros ancoraram seu crescimento, especialmente no bom desempenho de produtos e setores como os telefones celulares, automóveis, derivados da soja, medicamentos, minério de ferro e aço, além de roupas femininas.

Na ponta de baixo da tabela, estão os estados que não tiveram uma média de crescimento muito expressivo. Dentre esses e puxando para baixo a produção industrial estão os estados da região nordeste (4,6% média), Espírito Santo (3,2%), Bahia (2,3%), Pernambuco (1,9%) e Rio de Janeiro, com apenas 1,3%.

Infelizmente, na rabeira industrial brasileira, refletindo suas dificuldades, contradições e falta de ações estratégicas de governo(s), aparece o Rio Grande do Sul, com um crescimento negativo de 3,1%.

O IBGE aponta que o resultado no Estado tem como causas imediatas a estiagem e a quebra da safra agrícola no primeiro semestre deste ano, ocasionando uma forte pressão do setor agrícola sobre a indústria de máquinas e equipamentos, especialmente. Uma explicação técnica, simples e direta para um problema que vem se arrastando no Estado, que tem que conviver, a cada ano, com uma economia que se torna mais competitiva.

A inexistência de uma política industrial clara e satisfatória, a carga tributária e a necessidade arrecadatória, além das dificulda-

des de infra-estrutura no nosso Estado, também podem se somar às explicações da diminuição do ritmo de crescimento industrial.

Enquanto vemos em outros Estados da federação, historicamente menos industrializados, um crescimento ano a ano, aqui no RS parece que demos um passo atrás. Pior para nossas empresas, empregos e desenvolvimento regional.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

É preciso diversificar

Não apenas local e regionalmente, é necessário promover a diversificação produtiva e econômica de nossas comunidades e de nosso país. Todos os exemplos da história e da economia têm demonstrado que cidades, estados e países que se dedicam à monocultura, mais cedo ou mais tarde vão perdendo sua pujança e, sem um ciclo virtuoso, passam para o ciclo de decadência e empobrecimento.

Nossa região do Vale do Sinos é preciosa por sua produção coureiro-calçadista, que construiu, nas últimas décadas, um formidável e complexo *cluster*. Com muita competência e lutando contra as dificuldades internas e externas, tornou-se importante e respeitável pela geração de riquezas e sua grande empregabilidade. As diversas crises que abalaram o setor têm sido superadas, e muitas delas, se transformaram em novas oportunidades que promoveram avanços, depurações, mas que em ciclos, expõem as fragilidades setoriais em um mundo cada vez mais aberto e competitivo.

Entretanto, esse modelo cíclico de expansão e retração, a concorrência internacional, a carga tributária, a complexidade de legislação trabalhista, o despreparo gerencial e tantos outros fatores, podem, em tempo incerto, conduzir a um desmonte da maior parte das atividades.

É importante que as lideranças pensem em alternativas produtivas que utilizem os capitais existentes na região, sua capacidade de produção, sua estrutura exportadora, além de sua estrutura logística e introduzam novos produtos, processos e mesmo cadeias produtivas.

Essa é uma tarefa não apenas para o vale, mas para todo o Estado do Rio Grande do Sul. Basta ver o que aconteceu esse ano com a nossa atividade industrial, em que setores como o químico (-5,7%) e o fumo (-5,8%), tiveram uma retração, o que somado ao mau desempenho de outros setores, levaram a um decréscimo médio de 3,2% da produção industrial no primeiro semestre de 2005.

Entretanto, um grande e importante setor, o de máquinas e equipamentos, foi o grande vilão da economia regional. Não bastaram outros setores terem um desempenho positivo, tais como

alimentos (5,4%), calçados e artigos de couro (5,6%), pois a retração de quase 20% do setor de máquinas foi fatal no Estado.

Aos diversos problemas conjunturais de economia gaúcha, soma-se a grande estiagem do início de 2005 e a quebra da produção agrícola no Estado. Essa diminuição da produção agrícola, atingiu como uma bomba o setor de máquinas e equipamentos que teve um recuo de 19,7% no primeiro semestre, comparando com o mesmo período de 2004.

Nossa dependência às condições climáticas e aos preços dos *commodities* internacionais, somada à concentração industrial e a pouca diversificação em algumas regiões do Estado, fragiliza nossa posição e desempenho econômico e social.

É extremamente difícil uma mudança da matriz produtiva e a diversificação, mas se pensarmos que nossa sobrevivência depende dela, isso pode nos mover em busca de outros nichos de produtos e de mercados.

Temos uma competência produtiva, seria muito bom ter uma política pública que apoiasse esses empreendedores em direção a uma maior diversificação econômica, que oferece maior garantia às empresas e aos empregos.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

A velha crise

O trabalho do historiador tem lá suas recompensas, dentre elas, a possibilidade de compreender os processos históricos e vê-los não como fatos isolados ou pontuais, mas dentro de movimento com uma duração mais longa.

Especificamente, em nossa região do Vale do Sinos, a visão sistêmica da sociedade e seu crescimento econômico têm demonstrado que os momentos de crescimento e expansão, bem como as crises e os grandes conflitos, acontecem de forma cíclica e continua, sem que os problemas fundamentais sejam resolvidos ao longo dos anos.

Como historiador, ao analisar o jornal local O cinco de abril, em sua edição de 17 de agosto de 1928, achei uma notícia muito séria e interessante sobre a indústria do couro.

Na verdade, esse jornal transcreve em seu interior, um artigo publicado dias antes, em 13 de agosto de 1928, no Diário de Notícias de Porto Alegre.

O título do artigo chama-se “A indústria do couro” e, com algumas adaptações lingüísticas, reproduzo parte da matéria;

“Nos excessos tributários está a origem de uma crise que afeta a uma das mais importantes indústrias rio-grandeses. Muito se há escrito sobre a nossa expansão industrial e todas as medidas adotadas desde o advento da República, na defesa contra a entrada de fabricantes estrangeiros, que se foram imitando, com maior ou menor sucesso, dando-se a isso o nome de indústria nacional”.

O artigo prossegue e passa a analisar os impostos: “Se não fora a taxação elevada dos calçados (exportação), poderíamos muito bem conseguir mercados estrangeiros para o artigo inferior como as sandálias, dos quais temos uma produção de muitos milhares de pares por dia, e mesmo de botinas de cromo e vaqueta.

“A Alemanha se supre em grande parte na Tchecoslováquia, de onde importante truste fabrica por ano 24 milhões de pares. Somente conseguindo um imposto eqüitativo para a importação de matérias-primas a empregar na fabricação de solas, ... poderíamos exportar para a Europa as nossas solas já prontas, dificultando-se assim a exportação de nossos melhores couros salga-

dos ou secos, que saem em enormes quantidades e constituem valor considerável”.

Como percebemos, já na década de 1920, os jornais locais e regionais salientavam os problemas e a crise enfrentada pelo setor coureiro-calçadista. Desde essa época, sabia-se da importância desse setor para a geração de emprego e renda, como também se listavam as medidas a serem tomadas.

Infelizmente, o setor enfrentou sempre, durante sua trajetória, muitas dificuldades, mas a despeito delas, teve seu fantástico crescimento e foi capaz de criar uma completa e importante atividade industrial. Foi o semeador de desenvolvimento e de cidades, especialmente nos vales do Sinos e do Paranhama.

A crise não é nova, e ela sempre conviveu com novas oportunidades. Infelizmente em quase um século, as questões centrais ainda estão para ser resolvidas, algumas internas, do ponto de vista das próprias empresas, outras, nas diversas esferas do governo e de políticas setoriais.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

BRIC

BRIC é o bloco de países emergentes, formado pelo Brasil, Rússia, Índia e China. Internacionalmente, esse grupo de nações é identificado como sendo os emergentes com maior potencial de crescimento nos próximos anos.

Sem sombra de dúvidas, o Brasil vem fazendo muitos progressos, principalmente na área econômica e das finanças públicas, especialmente, contendo a inflação, reduzindo a dívida externa e aumentando os recursos advindos das exportações, mesmo que na sua maioria *commodities*.

Entretanto, ao compararmos nosso país com os outros membros do BRIC, percebemos que não utilizamos nosso potencial e que os outros países desse “clube” facilmente estão nos superando em termos de desenvolvimento e de aproveitamento das condições internacionais de expansão econômica e produtiva.

Segundo dados do The Economist, a previsão de crescimento econômico médio mundial para esse ano será de 4,3%. O Brasil terá um desempenho de apenas 3,9%, a Rússia de 6,1%, a Índia 8,1% e a China de 9,5%.

Além disso, enquanto nossa taxa de poupança é de 20%, na China é de 45%, além de que nossos juros estão a 19,25%, na China a 1,95% e na Índia a 4,23% ao ano.

Nossa produção industrial deve crescer 0,5% nesse ano, enquanto as estimativas do bloco apontam para um crescimento de 16% da China, 6,7% da Índia e 3,4% da Rússia. As comemoradas reservas internacionais brasileiras batem nos US\$ 54,6 bilhões, a China fecha o ano com US\$ 711 bilhões; a Índia com US\$ 133,6 bilhões e a Rússia com US\$ 146 bilhões; portanto, todas essas nações do bloco têm um poder de negociação e uma capacidade de resistência a crises internacionais, além de uma capacidade de investimentos muito maior que o Brasil.

O saldo comercial comparado entre esses países emergentes também não é nada favorável ao Brasil. A China deve encerrar o 2º semestre deste ano com US\$ 93,1 bilhões e a Rússia bateu nos US\$ 110 bilhões, enquanto o Brasil estará com US\$ 41,2 bilhões de saldo.

Embora os avanços brasileiros, outros países parecem ter aproveitado melhor as oportunidades de expansão internacional.

Se olharmos o crescimento dos países nos últimos 25 anos, poderemos ver que a China, desde os anos 80, cresceu 876%, a Índia 306% e o Brasil apenas 72%.

São esses os fatores e os números que temos que observar e que no médio prazo indicam quais são os países que estarão emergindo, competindo e surgindo com muita força no cenário internacional.

Portanto, nos próximos anos, o grupo do BRIC despontará, pior para nós, que somos o último da classe.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

A força do interior

Nos últimos anos do século XX e, especialmente após o ano 2000, vem acontecendo um fenômeno interessante que é o da alteração do mapa da economia nacional brasileira.

Essa modificação faz com que o peso do interior esteja crescendo em relação ao Produto Interno Bruto – PIB nacional. Nesse jogo de forças, são as capitais e os grandes centros que perdem participação.

As cidades que não são capitais e não estão nas áreas metropolitanas aumentaram a participação no PIB de 46% para 49,7% no período 1999–2003; enquanto isso, o peso das capitais caiu de 31,9% para 28% no mesmo período.

Uma análise geral mostra que as capitais dos Estados mais desenvolvidos estão perdendo muito espaço para as cidades localizadas nas regiões metropolitanas e do interior; já nos Estados com menor atividade econômica, esse processo é ao contrário.

Nesse sentido, São Paulo e Rio de Janeiro foram as capitais que mais perderam PIB no país, passando do 11,6% e 5,6% para 9,4% e 4,3% respectivamente, no período 1999–2003.

Vários fatores ocorrem para consolidar essa tendência, desde a procura por mais espaço para crescer, melhores condições de vida, além do fator com mais peso, o petróleo. Das dez cidades com maior PIB per capita do país, oito estão ligadas ao petróleo ou a petroquímica.

As principais cidades brasileiras com o maior PIB são: São Francisco do Conde (BA); Triunfo (RS); Quissamão (RJ); Paulínia (SP); Carapebus (RJ); Rio das Ostras (RJ); Porto Real (RJ); Búzios (RJ); Cascalho Rico (MG) e Macaé (RJ).

Destas dez cidades, apenas Porto Real, com a fábrica da Peugeot-Citröen e Cascalho Rico, com a Usina Hidrelétrica de Furnas, não estão ligadas ao petróleo.

Além do Petróleo como grande alavancador do PIB de muitas cidades do interior, existem outros grandes investimentos e produtos que têm elevado a renda dos municípios, entre eles, destacam-se as grandes montadoras de automóveis e a soja.

Infelizmente, inexistem políticas que façam com que outros setores possam aproveitar essa tendência descentralizadora e

criar condições para atrair novos empreendimentos, usando as vantagens que o interior e as regiões metropolitanas oferecem.

Essas atividades de grande concentração de capitais estão na liderança dos processos, enquanto que setores pontuais, mas que têm grande importância regional e integradora de mão-de-obra, tendem a minguar e a perder espaço.

Eis uma aposta estratégica duvidosa, pois ao concentrar, incentiva setores majoritários e que em momentos de dificuldades, arrastam grande parte dos municípios e das comunidades juntamente com as crises. A velha lição de não colocar todos os ovos na mesma cesta está esquecida.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

O empreendedorismo gaúcho

O empreendedorismo dos gaúchos é um fator exaltado em todo o país. Além de desenvolver o Estado, foram capazes de colonizar o Brasil, numa rota migratória e colonizadora pelo oeste de Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, chegando até Roraima.

Acompanharam esse processo todos os tipos de empreendedores que abriam a mata, fundavam vilas e cidades, mas em maior parte agricultores. Seus descendentes, hoje, dão um toque singular a essas regiões brasileiras com os CTG's e o chimarrão.

Esse empreendedorismo do nosso Estado foi recentemente analisado na pesquisa "Empreendedorismo no Rio Grande do Sul", um estudo importante realizado pelo Instituto Brasileiro de Produtividade e Qualidade – IBPQ, promovido pelo Sebrae/RS e pela Caixa Estadual.

Essa pesquisa traçou o perfil empreendedor dos gaúchos e detectou que nos últimos 42 meses, 2/3 das micro e pequenas empresas criadas, aproveitaram uma oportunidade de mercado e não apenas foram criadas para prover a subsistência dos empreendedores ou a sua informalidade.

Para a realização da pesquisa foram selecionados, 14 municípios com um maior grau de espírito e tradição empreendedora, e entrevistadas 2,9 mil pessoas. As cidades escolhidas foram: Porto Alegre, Novo Hamburgo, Gravataí, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Passo Fundo, Panambi, Soledade, Pelotas, Rio Grande, Santa Cruz, Lajeado, Santa Maria e Bagé.

Os resultados desse trabalho revelam elementos que há muito tempo se percebe nas regiões estudadas e infelizmente, o balanço não é muito bom para a nossa região coureiro-calçadista.

Foram divididos os resultados dos municípios em três grupos. No primeiro, aquele com a maior taxa de atividade empreendedora é liderado por Caxias do Sul, possuindo inclusive, um índice empreendedor mais alto que a média brasileira.

No segundo grupo apareceram os municípios de Soledade, Panambi, Porto Alegre, Bagé, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Gravataí, Santa Cruz, Lajeado e Santa Maria.

No último grupo, ou seja, aqueles com uma taxa de atividade empreendedora mais baixa aparecem em Bento Gonçalves e Novo Hamburgo.

Parte do resultado se explica, pois esses municípios possuem um arranjo produtivo local mais completo, complexo e quase único, com um alto grau de evolução no caso dos móveis na serra e dos calçados aqui no vale.

A conclusão sintética desse estudo aponta que nossa região, que abriga uma cadeia produtiva maior e mais completa, inibe o surgimento de novos empreendimentos. Infelizmente, essa complexidade e singularidade tornou-se um grande desafio para pensarmos na diversificação econômica de nossa região. Muitas vezes os vícios superam as virtudes e os movimentos de renovação ficam cristalizados diante do passado.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Uma oportunidade estratégica

Muito se tem dito que toda a crise traz junto de si uma oportunidade, entretanto, cabe-nos aproveitar pisar fundo no acelerador da história, para produzir as modificações necessárias ao nosso desenvolvimento regional, superando nossas dificuldades e apontando os caminhos.

Durante a crise setorial que o Vale do Sinos experimentou entre os anos de 1994 e 1997, tivemos grandes oportunidades e iniciativas de transformar nossa região em um pólo industrial e de serviços, com sustentabilidade viabilizada e com uma diversificação econômica que apoiasse o fim da dependência e da “monocultura” produtiva.

Dentre as muitas iniciativas, uma que se destacou foi a “Ação 21” que, além de produzir várias frentes de atuação, chegou a formar uma agência de Desenvolvimento, a qual poderia ter instrumentalizado e feito a implantação de projetos de transformação regional.

Entretanto, as disputas locais, a falta de uma visão estratégica da comunidade e de alguns gestores, além da melhora momentânea do setor tradicional, levou-a ao esquecimento. Desperdiçamos uma das maiores oportunidades de nossa história, a de diante da crise econômica e de auto-estima proceder a análise da matriz produtiva e de nossa inserção nos mercados locais e globais.

Parece existir indicativos, quase dez anos depois dessa iniciativa, que estamos diante de um novo dilema, ou nos organizamos e mudamos, ou vamos ser vencidos pelas forças externas e pela nossa própria falta de empreendedorismo e articulação.

Mais uma vez, muitas ações isoladas estão sendo tomadas pelas empresas, universidades e associações, entretanto, pensar setorialmente ou isoladamente é mais uma vez desperdiçar forças. O individualismo talvez faça bem ao ego, mas enfraquece as decisões regionais e não resolve os problemas da sociedade.

Nesse sentido, temos que novamente resgatar nosso espírito associativo e trabalhar. O atraso e a demora vão fazer suas vítimas, mas temos que prosseguir em busca de soluções estratégicas de médio e longo prazo, para garantir o sucesso de nossos empreendimentos e cidadãos.

Temos que novamente resgatar nosso espírito associativo e trabalhar

É necessário seguir adiante em um planejamento complexo e regional, que inclua todos os setores importantes da comunidade, precisamos, ainda, unir as ações e ter estratégias para enfrentar o futuro, não somente a crise.

Necessitamos de um amplo planejamento estratégico regional, capaz de pensar os próximos 50 anos de nossa região, deixando de ser apenas a curto prazo ou o centro de nossa barriga, ou seja, o umbigo.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Um crescimento desigual

Nos últimos anos, temos visto o Brasil crescer pouco em relação aos outros países do planeta. Esse fenômeno não é privilégio de um governo, mas de vários, que não souberam capitanear a economia aproveitando a tendência positiva de crescimento internacional.

Estudo feito pela Confederação Nacional de Indústria – CNI, demonstra que no período entre 1996 a 2005, o Brasil cresceu, em média, 2,2% ao ano, contra 3,8% da economia dos demais países. Ou seja, estamos crescendo sim, mas bem abaixo do desejado e, pior, abaixo da média internacional.

Se levarmos em conta apenas o ano de 2005, devemos ficar um pouco mais preocupados, principalmente com a expansão industrial desse período. Em 2005, 79% do crescimento da indústria brasileira, que foi de 3,13%, esteve concentrado em apenas cinco setores.

Esse fenômeno chama a atenção, pois existem 27 setores industriais. No entanto, apenas os setores como de; veículos automotores, indústrias extrativas, edição e impressão, material elétrico e farmacêutico, representaram 79,2% do crescimento de todo o setor industrial. Concentrou-se em cinco o crescimento de toda a atividade industrial brasileira.

Os fatores para esse fraco desempenho global da indústria nacional, em um momento de crescimento econômico internacional, têm sido discutidos e apontados todos os dias, entre eles, encontramos a valorização do Real frente ao Dólar, os juros altos e a carga tributária pesada.

De qualquer modo, a pouca representatividade de setores importantes da indústria nacional no crescimento real desse segmento produtivo, demonstra uma certa fragilidade desse sistema concentrador. Qualquer crise setorial pode levar a economia a um ciclo negativo e essa, a demissões e desemprego em massa em muitos centros produtivos.

Aqui no Vale do Sinos, sentimos na carne a falta de uma política industrial setorial mais específica. Apesar de algumas empresas conseguirem reposicionar seus produtos no mercado interno e externo e de melhorarem sua gestão e processos produtivos, esse fato não têm grande relevância ao Estado e ao país, pois

amargamos os problemas que o setor industrial enfrenta, além dos organizacionais, tecnológicos, mecanismos de pressão política, entre outros.

Estamos à deriva em termos de uma política setorial que crie perspectivas de sustentabilidade das empresas, da produção para o mercado interno e externo e da empregabilidade.

Essa concentração em cinco setores de maior sucesso de crescimento pode massacrar um céu azul para o setor industrial, mas a presença de poucos setores no ranking, revela que, de fato, somente alguns vão bem. Um olhar mais regional e pontual pode produzir melhores resultados para o país e seus cidadãos, não deixando a produção à deriva das suscetibilidades dos mercados, apenas.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

A história de nossa gente

Novo Hamburgo está comemorando seus 69 anos de emancipação política, mas desde cedo teve um espírito desenvolvimentista, ligado aos seus pioneiros empreendedores coloniais, que impulsionaram o processo de transformação das economias locais, baseadas nas atividades agrícolas-familiares, no trabalho artesanal individual e, finalmente, em um processo industrial.

Esses empreendedores transformaram uma realidade colonial em um pujante centro industrial. A própria criação da Associação Comercial e Industrial de Novo Hamburgo – ACI, em 1920, demonstra a importância do setor industrial para o então Distrito de São Leopoldo, que, em 5 de abril de 1927, se tornava o município de Novo Hamburgo.

Essa força empreendedora e a expansão industrial do jovem município foi um grande legado para as novas gerações, que acabaram por desenvolver um cluster ligado à cadeia coureiro-calçadista.

É importante resgatar esse passado para que se possa, hoje, analisar seus desdobramentos e a trajetória dessa comunidade. Mesmo que atualmente se imponham novos desafios, os ideais imperativos devem continuar os mesmos, como o empreendedorismo de nossas lideranças, a necessidade de educação, inovação, de uma inserção tecnológica, de alternativas de matérias primas, mercados e de uma diversidade econômica.

De um centro produtor industrial, ousadamente Novo Hamburgo se transformou em um centro de inteligência corporativa setorial. Essa passagem foi importante, mas no momento em que o principal produto regional, derivado do setor coureiro-calçadista, sofre ameaças de outros centros produtivos internos e externos, essa inteligência competitiva tem que ser praticada.

Nesse momento difícil que passamos, com as dificuldades de produção e desemprego, temos que buscar alternativas mais duradouras. Sendo assim, o desenvolvimento de centros de excelência na pesquisa e na educação, além da representatividade das entidades ligadas ao setor, nos autoriza a pensar que temos os instrumentos para repensar nosso papel diante das gigantes transformações mundiais a que estamos expostos.

Diante desse cenário, um dos elementos que se apresenta para a superação dos obstáculos é aproveitar nossas competências, principalmente através da ciência e da tecnologia. A pesquisa aplicada, a capacidade de resolver problemas concretos e as iniciativas de desenvolvimento científico e tecnológico são ferramentas que devem ser utilizadas.

Qualquer alternativa que se apresente deve levar em conta a multiplicidade das necessidades e das relações, pois agindo diferentemente podemos não atingir um desenvolvimento sustentável de longo prazo. De algum modo, os ideais de nossos antepassados devem ser resgatados e a valorização do trabalho, da vida comunitária, do empreendedorismo e de uma visão de futuro devam prevalecer em nossas ações.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Eu me importo

Vivemos em um mundo em constantes modificações, mas uma das maiores alterações é perceber que a solidariedade e a preocupação com a comunidade, às vezes é colocada em um plano secundário.

No caso da situação econômica do Estado do Rio Grande do Sul, isso se torna bem evidente, mais ainda no que diz respeito ao Vale do Sinos e sua precarização econômica causada pela situação do setor coureiro-calçadista.

Algumas tentativas têm sido feitas, mas continuamos na maioria das vezes, com uma prática individualista. Para uns, tudo é passageiro, acham que com a melhoria da situação cambial, tudo retornará a uma situação melhor.

Outros acreditam que o problema é a China, portanto, pouco adianta qualquer movimento interno ou medida a adotar, como a melhora da produtividade, do design, da pesquisa ou das marcas próprias. Outros, ainda, querem mudar tudo e transformar a indústria local. Existe, também, alguns que crêem que a culpa ou é dos governos, ou dos empresários, ou dos trabalhadores, mas, enfim, existem muitos culpados, menos eles mesmos.

Entretanto, o pior de todos os posicionamentos é daqueles que estão imobilizados e que com sua conduta pregam que se continue assim. Criticam as iniciativas e vêem nelas apenas um oportunismo de ocasião. Pela postura desses, vamos morrer todos abraçadinhos, e logo.

Essa situação foi lembrada por um poema do dramaturgo alemão Bertold Brecht que sucumbiu ao nazismo, mas foi sistematicamente um crítico inteligente daquele Estado opressor, especialmente na sua prática política e social. Poderia ter simplesmente migrado do país, mas lutou enquanto pode para chamar a atenção dos alemães sobre o fascismo que imperou na Alemanha dos anos 30 e 40.

Disse Bertold Brecht em seu poema "Intertexto"; "Primeiro levaram os negros, mas não me importei com isso pois não sou negro. Em seguida levaram alguns operários, mas não me importei com isso pois não sou operário. Depois prenderam os miseráveis, mas não me importei com isso pois não sou miserável. Depois agarraram uns desempregados, mas como tenho meu emprego também não me importei. Agora estão me levando,

mas já é tarde. Como eu não me importei com ninguém, ninguém se importa comigo.”

Talvez seja importante despertar dessa letargia e se juntar às iniciativas existentes que procuram alternativas conjuntas para os problemas do Vale, do Estado e do país. Fazendo isso, diminuímos o risco de ninguém se importar conosco.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Educação, empreendedorismo e inovação

Notadamente, estamos em um mundo onde inovar é necessário, assim, a formação das pessoas e o despertar de um espírito crítico e inovador é cada vez mais fundamental. Por isso temos que trabalhar na modificação das relações e das percepções dos jovens frente ao mundo do trabalho, já que as pesquisas apontam que, internamente, nosso país é um celeiro de empreendedores de todos os tipos.

O Brasil é um país de empreendedores e grande parte deles têm vocação para montar seu próprio negócio, as pessoas têm vontade de ter um negócio próprio, mas, por outro lado, grande parte das empresas abertas no país não duram mais do que 5 anos.

Estes dados apontam para uma realidade duríssima e uma distância entre montar e manter um negócio. Além disso, parece que sobra empreendedorismo, arrojo e interesse, mas falta preparo e condições de montar e gerir as empresas que nascem.

Os novos empreendimentos que surgem convivem com fatores que trabalham para impedir o sucesso das pequenas e micro empresas. Um dos mais imediatos e fatais é a falta de crédito, embora gerando quase 60% dos empregos do país, as micro empresas recebem cerca de 10% dos financiamentos.

Outros problemas sucedem-se, como a atratividade exercida pela informalidade, maneira encontrada para economizar as taxas e tributos. Além disso, os juros bancários, a variação do câmbio e o custo Brasil são responsáveis, entre outras coisas, pelo nefasto efeito dos impostos em cascata. A todos esses explosivos problemas, soma-se, talvez, o de maior relevância: o despreparo do empreendedor para enfrentar aos desafios de um novo negócio.

Não basta apenas ter iniciativa, são fundamentais, também, o foco no mercado, a capacidade gerencial, uma estrutura logística e uma divulgação de seus produtos e serviços. Se isso não bastar é necessário ao empreendedor, ainda, ousar e, com criatividade, explorar nichos desprezados ou desconhecidos pela concorrência. Finalmente, procurar ter tanto espírito competitivo como também cooperativo, privilegiando o trabalho em grupo, unindo

suas habilidades com as de outros e desenvolvendo um trabalho em rede e não isoladamente.

Essa é uma pequena análise seguida de recomendações a fim de ajudar àqueles que, em uma economia que avança menos do que poderia, estão em busca de alternativas para montar seu próprio negócio. De qualquer forma é importante que o empreendedor pesquise bastante sobre o ramo de negócio que seja atrativo para o novo empreendimento.

Essa não é uma tarefa apenas de algumas áreas do conhecimento, pois, em qualquer uma delas, da saúde à educação, podemos e devemos empreender criando novas condições para o sucesso profissional e pessoal.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Descuido com a produção

Nos últimos anos, estamos assistindo em nosso país a uma busca frenética pela deflação e pela manutenção e ampliação dos investimentos externos no país.

Virou pregação, nos últimos governos, a necessidade de melhorar a saúde financeira brasileira e a imagem do país no exterior, visando à atração de investimentos, principalmente financeiros, de outros países.

Conferimos tanta importância ao risco país e ao pagamento antecipado de nossas dívidas externas com FMI, Clube de Paris e outras organizações, mas esquecemos e relegamos a um plano secundário o investimento nos setores produtivos.

Hoje, as políticas públicas dão mais atenção ao cenário financeiro do que ao produtivo, sendo que são feitas apenas algumas compensações para alguns setores, mas não existe de fato uma política industrial que priorize a produção nacional.

Em recente estudo, o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial – IEDI – fez uma grande análise sobre o descuido dos governos no Brasil em relação ao setor produtivo, apontando que essa falta de política vai ser cara ao país, que perde espaço internacionalmente, cresce pouco e vê milhões de pessoas perderem seus empregos de forma permanente.

O documento, intitulado “Carta do IEDI”, analisa também o desempenho dos investimentos diretos feitos pelo capital estrangeiro no país. Não se trata de uma análise contrária aos recursos externos, apenas de separar a internalização especulativa financeira daquela praticada em setores produtivos.

Uma das conclusões desse estudo aponta para a necessidade de uma melhor regulamentação de determinados setores produtivos, visando à atração de investimentos diretos estrangeiros. Além disso, aponta para uma necessidade de aprofundar e ampliar, tornando mais clara e de fácil acesso, as políticas de inovação, pesquisa e desenvolvimento nas empresas. Também é apontada pelo IEDI a revisão da taxa de câmbio para um patamar adequado, que remunere os investimentos produtivos voltados à exportação e garanta um crescimento interno significativo.

Sem sombra de dúvidas, esses e outros estudos começam a lançar luz sobre os efeitos do controle financeiro e do des controle produtivo. A melhor política será não descuidar da macro economia nacional, mas levando em conta os segmentos produtivos que fazem o país crescer, geram empregos, impostos e oportunidades.

Uma importância desmedida na imagem e no setor financeiro pode agravar as crises setoriais, tornando pouco atraente investir na produção; por outro lado, transforma os investimentos financeiros em um porto seguro.

Não adianta nos descuidarmos da produção e estarmos pagando um preço alto demais para ser suportável.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Os emergentes

Existem certas coisas na vida que vão causando uma indignação tamanha e que, quanto mais se analisa e aponta soluções, menos coisas são feitas. Alguns chegam a achar que o mundo conspira contra suas idéias ou então, conspira contra quem tem o poder de fazer as coisas acontecerem e não acorda para os problemas ou não enxerga nele a importância devida.

Isso se aplica a muitos aspectos do nosso cotidiano, é só reparar genericamente, por exemplo, no clube de futebol do coração, nos partidos políticos, em nosso trabalho etc, locais onde os líderes acabam se acomodando, fazendo minimamente as coisas acontecerem e não operam aquilo que parece ser óbvio para processar uma mudança de sucesso.

Entretanto, é no campo da política econômica e nas estratégias de Estado ou de governos que isso se torna mais claramente visível, principalmente por envolver a grande maioria de nós, brasileiros, nossas necessidades e oportunidades coletivas.

Um dos exemplos dessa apatia é a grande corrida internacional realizada por países emergentes, que buscam um lugar de destaque de suas nações e economias, além de uma efetiva melhoria das condições de vida de seu povo. Destaca-se que, em um momento de transformações internacionais, algumas nações têm podido avançar e ocupar um outro patamar internacional.

Chegou-se a forjar uma expressão que designa tais países, o "BRIC", para ajudar a indicar quatro desses novos emergentes: Brasil, Rússia, Índia e China. Essa expressão, que circula internacionalmente, coloca-nos, mais uma vez, na história, como uma nação que está pronta para dar um salto de qualidade. Entretanto, quando analisamos os movimentos nesse sentido, ficamos desolados com as atitudes brasileiras, comparada a realizada por outros países.

A China caminha para se tornar a maior economia do Planeta, para isso cresceu 9,9%, em 2005, e, entre 1980 e 2005, sua participação na economia global passou de 3,45% para 15,45%. Além disso, a sua fatia no comércio internacional passou de 0,69% para 6,9% e, ainda de sobra, reduziu a sua taxa de analfabetismo de 33% para 8,7% e fez crescer suas reservas internacionais, que alcançaram, no ano passado, US\$ 941 bilhões.

Enquanto isso, nós, brasileiros, vivenciamos cronicamente nossos problemas, em uma epidemia de falta de estratégia em setores vitais, como a educação, a cultura, a saúde, a tecnologia, a produção, entre outros. Isso não apenas no âmbito federal, mas de modo genérico, em várias esferas da vida nacional.

Vivemos ainda em ciclos de reformas atreladas a calendários eleitorais e a projetos personalistas, por isso transformações importantes e mais profundas teimam em não sair. Enquanto isso, estamos sendo suplantados por outras nações e perdendo oportunidades históricas de desenvolver-nos e ocupar um lugar de destaque no cenário internacional, mais do que isso, oferecer uma melhoria nas condições gerais de nossos indivíduos.

Para tanto, precisamos de um projeto de desenvolvimento que perpassasse todos os níveis e setores da sociedade; do local, passando pelo regional, nacional e internacional. Enfim, um projeto que possamos chamar de Nacional.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

China, ameaça e parceria

A todo o momento o Brasil sofre ameaças comerciais de toda a espécie e vinda de vários países. Pode ser a suspensão da compra de carne por parte da Rússia, as sobretaxas ao suco de laranja nos Estados Unidos, a concorrência do arroz uruguaio e tantas outras ameaças.

Entretanto, nossa indignação e preocupação crescem quando os problemas são gerados, especialmente, pela Argentina e a China. Em relação à Argentina, está em jogo uma grande rivalidade, além de uma sensação de que no Mercosul, o Brasil mais colabora do que é ajudado.

Em relação à China, temos um imaginário coletivo de que essa grande nação representa um perigo a diversos setores de nossa indústria, que tem preços imbatíveis e que vai tomar conta da produção e do comércio internacional, além de que, em nossa região, sua atividade calçadista está arrasando nossa capacidade produtiva e dizimando os empregos, sob o olhar complacente das autoridades que não salvaguardam alguns setores importantes da indústria nacional.

O pior é que isso tudo é uma grande verdade, mas é somente a metade dela, pois a China, além de grande ameaçadora das empresas nacionais tornou-se um dos maiores parceiros comerciais do Brasil, o que parece ter paralisado a nossa capacidade de reação. Essa prática chinesa não é somente adotada em relação a nós, pois mesmo os Estados Unidos tem dificuldades de esboçar reações, em função do grande fluxo comercial com a China.

Para se ter uma idéia da importância do mercado chinês para a balança de exportações brasileiras, basta observar que no ano 2000 o volume de exportações do Brasil para a China foi de US\$ 1,07 bilhão e este ano, apenas no mês de julho, o saldo foi o mesmo, ou seja, em 2006, temos, em um mês, o volume de todo ano de 2000.

Isso representa um incremento incrível nas compras realizadas pela China no mercado brasileiro, pois em 2000 ela era apenas o décimo segundo destino das exportações brasileiras e hoje subiu para terceiro, comprando 6,3% daquilo que exportamos. A China, na pauta de exportações, fica atrás apenas dos Estados Unidos e de nosso maior importador, a Argentina.

A boa notícia desse fluxo comercial é que nesse ano nossas exportações para a China somaram nos primeiros seis meses um saldo de US\$ 4,7 bilhões, enquanto as importações foram de US\$ 4,1 bilhões, com um saldo positivo para o Brasil de US\$ 600 milhões. Os estudos do governo brasileiro apontam que no final de 2006 o total das transações entre os dois países será de US\$ 15 bilhões.

A má notícia desse comércio bilateral importante é que nossas vendas continuam se concentrando em produtos de baixo valor agregado que, alimentando a máquina industrial e comercial chinesa, fazem com que tenham mais competitividade em seus produtos e concorram com eles em vários mercados mundiais. Nossos principais produtos exportados para a China continuam sendo o minério de ferro, soja, couros, entre outros.

A China é complexa e suas relações comerciais e volumes de compra e venda a tornam menos vulnerável às defesas nacionais. Prejudicam vários setores, mas favorecem outros, e essa leitura fica dificultada quando o país não tem bem claro o que quer se tornar e que áreas são, de fato, estratégicas para o seu desenvolvimento.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Tamanho é ou não documento?

Desde criança ouvimos as pessoas dizerem que tamanho não é documento. Essa frase que escutamos a vida toda, na infância associamos ao tamanho das pessoas, na adolescência a outras questões corpóreas e na vida adulta a situações como, por exemplo, a tamanho de países, clubes, associações e, até de empresas.

Em relação às empresas, a questão do tamanho tem sido amplamente discutida e, cada vez mais, fica evidente que tamanho não é documento mesmo. O Brasil hoje tem nas micro, pequenas e médias empresas uma força muito grande. De tal ordem que se estima que esse grupo represente aproximadamente 99% do número de empresas no país.

Além dessa expressiva predominância de pequenas e médias empresas no Brasil, elas geram cerca de 70% dos empregos e pagam 41% da massa salarial que é recebida todos os meses pelos trabalhadores. Esses dados não são uma especulação, estão no estudo feito pelos técnicos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, com dados gerados pela Organização Internacional do Trabalho – OIT.

Quando analisamos apenas as micro empresas, observamos que elas são 97% das empresas nacionais e respondem por 34% dos empregos e 9% dos salários pagos no país. No campo oposto estão as grandes empresas, que são apenas 0,2% do total de empresas brasileiras, mas que geram 31% dos empregos e 59% da massa salarial.

Essas informações estudadas pelo IPEA são extremamente relevantes para a análise e a formulação de políticas para os setores empresariais. Eles também estabelecem as diferenças e determinam o grau de importância de cada segmento na geração de emprego e renda da população brasileira.

Cada segmento tem a sua importância e responde por uma fatia significativa da produção e da geração de empregos. O grande número de pequenas empresas espalhadas pelo país é um dado significativo de nossa cultura empresarial e do empreendedorismo, mas também demonstra a fragilidade do sistema de emprego e da visão de que são as grandes empresas as responsáveis por alavancar a economia.

O Brasil hoje tem nas micro, pequenas e médias empresas uma força muito grande

Claro que o poder salarial e de geração de emprego das grandes corporações é fundamental em alguns setores produtivos, mas é possível promover o desenvolvimento local e regional com apoio a pequenas empresas, desde que elas tenham apoio gerencial, financiamentos, boa gestão de seus negócios e produtos e serviços competitivos, inclusive no globalizado mercado internacional.

Em termos de políticas localizadas, pode ter mais impacto político a atração de uma grande empresa, entretanto, o apoio ao surgimento, desenvolvimento e crescimento das pequenas empresas locais é fator decisivo para se mudar o perfil da região. Além disso, essas micro e pequenas empresas podem crescer e ter uma atuação mais decisiva no desenvolvimento de suas comunidades.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Adeus, Rio Grande

Nós, gaúchos, temos uma auto-estima muito desenvolvida, além disso, acreditamos que nosso papel no Brasil é diferenciado e que temos uma missão civilizatória a cumprir. Desde a infância, aprendemos que somos brasileiros por opção e que as diversas etnias que compõem o mosaico rio-grandense são um exemplo de tolerância e sucesso de povoamento.

Somos um povo orgulhoso de suas tradições e dos personagens que ajudaram a escrever a história regional e nacional, estamos sempre observando para torcer pelos jogadores de futebol gaúchos que vão para a seleção nacional, da mesma forma para os ministros que irão compor o primeiro escalão.

Além disso, muitos sentem orgulho dos ex-presidentes gaúchos que ocuparam o cargo, como Getúlio Vargas e João Goulart, e, até mesmo, daqueles mandatários da ditadura militar, como Costa e Silva, Médici e Geisel. Naquele momento histórico, o sentimento farroupilha foi muito forte e, para alguns, amenizou a falta de liberdade política.

Alguns diriam, com uma ponta de orgulho, que nós, gaúchos, somos seres diferentes. Fomos capazes de desbravar o Rio Grande, o oeste de Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso e chegar pelo coração do Brasil até o Amapá. As colônias de agricultores gaúchos levaram seus CTG's e o chimarrão até o Paraguai. Nosso espírito empreendedor levou-nos a desbravar o mundo, mas as dificuldades do Rio Grande e a falta de oportunidade em nossa terra são, de fato, um importante elemento que só tem agravado os problemas locais e expulsado nossa gente.

Mesmo com esse orgulho, há muitos anos, décadas, talvez, o Estado do Rio Grande do Sul deixou de ser atrativo, de oferecer condições de melhoria de vida, crescimento pessoal e profissional e isso tem levado hordas de conterrâneos para fora do Estado.

Nem sempre enxergamos dessa maneira, pois nossa "missão" encobre uma dura realidade. Basta olhar o Rio Grande e comparar com Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso, no que se refere ao crescimento e ao desenvolvimento, nos últimos anos. Olhar as cidades, as estradas, a infra-estrutura e ver que estamos sofrendo de um envelhecimento precoce.

Não podemos esquecer, também, que junto com as pessoas vão as empresas, que se desfazem ou são absorvidas para sobreviver e, assim, estão se “desgauchizando”. Quem se lembra de Wallig, Eberle, Lojas Renner, Supermercados Real? Quanto pioneirismo e empreendedorismo nessas empresas e marcas. Mais recentemente, outros ícones gaúchos de pioneirismo e sucesso empresarial se foram, o Correio do Povo, a TV e a Rádio Guaíba e mais recentemente a Varig e a Ipiranga.

Vivemos um duro momento regional, no entanto muitos de nós continuamos pensando e agindo como se tivéssemos o controle das políticas econômicas nacionais e do movimento de globalização.

Engraçado que em nossa missão civilizatória e globalizada nós, gaúchos, rompemos as fronteiras do Estado, mas fomos globalizados também. Resta saber qual empresa será a próxima a dar adeus ao Rio Grande.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

A força das mulheres

O Brasil é hoje o décimo país mais empreendedor do planeta. Embora no ano passado ocupássemos a sétima posição, ainda possuímos certo destaque no cenário mundial do empreendedorismo. Essa regressão acontece, porque novos países começam a ser avaliados, mas, mesmo assim, mantivemos o nosso índice.

Grande parte do sucesso do Brasil no quesito empreendedorismo deve-se às mulheres. No nosso país, cerca de 5,5 milhões de brasileiras têm seu negócio próprio, isso significa que aproximadamente 9% da população feminina é dona de algum tipo de empresa e foi capaz de desbancar países como a França, a Bélgica e a Suécia, cuja presença no mercado de trabalho por parte das mulheres é muito mais tradicional.

Segundo o SEBRAE, hoje a mulher brasileira empreende por motivos diferentes dos do passado. Até há alguns anos, elas buscavam apenas ajudar ou complementar a renda doméstica, em uma atividade complementar à do homem. Hoje em dia, elas querem também realizar o seu sonho de serem empresárias e, em grande parte dos lares brasileiros, transformaram-se na cabeça econômica da família.

O peso e o papel feminino na sociedade brasileira vêm sendo notado há muito tempo. Em 2004, por exemplo, em duas cidades brasileiras, Amélia Rodrigues (BA) e Santo Antônio do Monte (MG), 100% de seus estudantes eram do sexo feminino.

O número de participantes femininos na educação, cada vez mais, cresce em nosso país. Hoje, mais de 56% das mulheres estão cursando o ensino superior e, sua presença já superou os 2/3 na pós-graduação e, levando em conta o mercado de trabalho de São Paulo, a maior cidade brasileira, 70% das vagas de trabalho são ocupadas por elas. Além disso, para o desespero dos empresários masculinos, as empresas chefiadas por mulheres apresentam maiores lucros.

Atualmente, no Brasil, 24,9% dos lares são chefiados por mulheres, entretanto, elas continuam, em média, ganhando 30% menos que os homens. Elas foram em massa para o mercado de trabalho na década de 1990, no momento em que no Brasil

O peso e o papel feminino na sociedade brasileira vêm sendo notado há muito tempo

experimentou uma crise econômica e uma significativa mudança comportamental em relação ao trabalho e à atividade feminina.

O país em que vivemos hoje é cada vez mais marcado pela participação feminina, é só observar nosso contexto, no qual as mulheres vêm se destacando em atividades até há alguns anos tipicamente masculinas, como na presidência de associações, na política, na liderança política executiva e legislativa.

Essa é a força da mulher, que, em média, com maior índice de escolaridade que o homem, vem ocupando um importante lugar na sociedade contemporânea. Evidentemente, isso faz com que os valores e padrões de comportamento sejam significativamente modificados, tanto que, atualmente, é perceptível a liderança e as iniciativas femininas em todas as áreas.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Esqueçam o dólar, viva o pau-brasil!

A cada mês, ao longo dos últimos anos, o Brasil tem batido recordes de exportação. Isso tem feito a economia nacional girar e os dólares entrarem, como nunca, no país. Além disso, temos a redução do chamado risco Brasil e os altos juros praticados internamente, que remuneram muito bem o capital internacional, inclusive o especulativo e de curto prazo. Esse somatório de fatores está ajudando a nossa moeda, o Real, a valorizar-se, especialmente em relação ao dólar.

Entretanto, uma parte considerável da economia brasileira está blindada em relação ao real valorizado e mantém seus índices de exportação, especialmente aqueles setores produtivos que não prescindem de intensidade de mão-de-obra. Ao contrário, todos aqueles segmentos industriais que fazem uso intensivo dela, tais como o têxtil, o de calçados, de móveis, entre outros, têm se ressentido e estão perdendo mercados para outros países, como China, Índia, Vietnã, para citar alguns.

Grande parte da expansão do comércio exterior brasileiro vem de manufaturados, que mesmo com a valorização do Real conseguem ser exportados, isso se deve, sobretudo, ao investimento que as empresas fizeram em tecnologia e inovação, ou seja, na sua competitividade. Destaca-se, porém, que muitas dessas companhias, em seu processo de atualização e globalização, sacrificaram milhares de empregos, em sua maioria os com baixa qualificação profissional, que dificilmente são recuperados.

Estamos, pois, enfrentando mais um dilema crucial nesse mundo globalizado e competitivo, uma vez que o sucesso das organizações, sua sobrevivência e crescimento, muitas vezes, estão descolados da garantia e expansão de emprego e renda. É necessário que políticas nacionais e, mesmo internacionais, permitam as empresas sobreviver, modernizar-se e expandir, ao mesmo tempo em que os postos de trabalho cresçam também, principalmente em países pobres e em desenvolvimento como o nosso.

Somos um país com uma grande massa de pessoas que necessita trabalhar, ter acesso à escola, saúde e segurança e não podemos ficar à mercê de programas assistencialistas de go-

vernos, é preciso criar condições reais de trabalho e melhoria na qualidade de vida.

Enquanto a empregabilidade da mão-de-obra não vai tão bem no país, alguns produtos, como o açúcar, o álcool, o café, o minério de ferro e a soja, por sua vez, seguem muito forte em nossa pauta de exportação. Se continuarmos assim, contudo, estamos nos condenando a exportar *commodities*, ou seja, produtos muito sujeitos a oscilações de preço e mercados externos. Talvez pior do que isso seja exportar produtos com baixa ou nenhuma agregação de valor; agindo assim, o caminho traçado por nossa economia retira-se do século XXI e remete-nos aos primórdios da descoberta do Brasil e sua colonização. Parece que redescobrimos nossa vocação colonial e monocultora, de volta ao ciclo do açúcar, ou pior, ao do pau-brasil.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

A nossa zona franca

Nos últimos anos, temos nos preocupado muito com aspectos externos em nossa economia; leia-se, principalmente, o avanço chinês e as conjunturas econômicas internacionais, como a cotação do dólar, entre outras. Isso é muito positivo, mas não podemos deixar de aprender com essas conjunturas e praticar internamente o que percebemos de positivo sendo exercitado em outros países.

Evidentemente, o avanço comercial e industrial chinês coloca alguns setores nacionais em xeque, mas, apesar de ser um fenômeno forte, não deve persistir para sempre, por isso, é importante procedermos mudanças internas que garantam a sobrevivência de nossas empresas e a preservação dos empregos, mesmo diante dessa ameaça. Se deixarmos de lado a China e olharmos para o que acontece com a Índia, vamos perceber que aprendemos pouco com os chineses e não nos preparamos para encarar o próximo adversário. A Índia, como o Brasil, está incentivando as exportações e, nos últimos anos, estabeleceu uma série de zonas econômicas especiais (Zona Franca), que garantem a instalação de empresas atraídas pelos mercados internacionais e pelas isenções tributárias.

A China, hoje, aposta mais na entrada de empresas de tecnologia de ponta, mesmo que se mantenha competitiva com os outros tipos de atividade industrial, mas a Índia tem se especializado em atrair indústrias manufatureiras, embora não deixe de apostar em companhias de base tecnológica.

Temos colocado, assim, dois grandes competidores internacionais, que deixam bem claro suas estratégias. E quanto a nós, brasileiros, o que queremos? O que fazemos? Como aproveitamos as oportunidades internacionais e as experiências de outros países?

Se repararmos bem, tanto a China quanto a Índia têm bons exemplos de estratégias que poderíamos analisar e utilizar. A Índia, além de tudo, oferece hoje uma farta e barata mão-de-obra, embora com uma carga fiscal quase tão elevada quanto a do Brasil.

Pensando nisso, os indianos passaram a atrair empresas exportadoras e, como incentivo, isentam-nas do Imposto de Renda durante os primeiros cinco anos de lucro nas exporta-

ções. Depois desse período, são mais dez anos de reduções de 50% no Imposto.

Talvez essas medidas não sejam suficientes para o caso do Brasil, mas nossas empresas exportadoras poderiam receber algum benefício que garantisse o emprego e a renda dos trabalhadores locais.

Se no Rio Grande do Sul temos um *cluster* calçadista, quem sabe, ele poderia ser transformado em Zona de Exportação, assim como também o setor moveleiro e outros que são intensivos em mão-de-obra. Essa seria uma maneira de fazer com que as companhias, usufruindo de algum benefício que garantisse as exportações e a entrada de recursos no país, pudessem dar continuidade ao seu funcionamento e à manutenção do emprego e da renda. Enfim, deveríamos pensar em criar no Estado uma ou duas grandes zonas francas, aproveitando a competência industrial e produtiva já instalada e atraindo mais negócios.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Praia, lazer e bolsa de valores

Nessa semana, fiquei fascinado com uma notícia divulgada na cidade de Recife, em Pernambuco, que dava conta de que algumas praias do Brasil vão ser cotadas na Bolsa de Valores de Londres. Isso mesmo, praias brasileiras com cotação na London Stock Exchange.

Desvendando essa notícia, descobri tratar-se de uma ação de captação de US\$ 90 milhões para o investimento em projetos turísticos, no litoral do nordeste e do sudeste brasileiro. Essa busca de investimentos internacionais foi realizada pelo fundo Itacaré Capital-Investment e já atraiu US\$ 87 milhões.

Os recursos captados servirão para alavancar dez empreendimentos que terão um formato diferenciado, com hotéis e casas de altíssimo padrão, voltadas para receber turistas estrangeiros, em praias espalhadas pelo litoral de Pernambuco, Bahia, Alagoas, Sergipe e Espírito Santo. Esses empreendimentos esperam ter uma rentabilidade de cerca de 30% ao ano em dólar e vão erguer casas que têm um valor que vai variar de US\$ 1 milhão a US\$ 4 milhões.

Não foi divulgada ainda a localização precisa de todos os empreendimentos, mas um deles, o complexo Warapuru, fica na Bahia em Itacaré, onde já está sendo erguido um complexo seis estrelas. É bem provável que o Estado da Bahia, seja o local de edificação do maior número de complexos, por quê? Porque foi o Estado que melhor soube divulgar seu território, suas praias e, além disso, melhorou seu aeroporto e sua infra-estrutura para receber esses investimentos.

Nós, gaúchos, não temos o litoral nordestino, mas temos outros sítios de grande beleza que poderiam ser aproveitados e receber investimentos. Temos a serra, a campanha e a costa doce, esse magnífico pedaço das lagoas. Temos, também, o Taimbezinho, esse maravilhoso local onde a natureza fala mais alto.

Entretanto, é preciso arrojo e visão para fazer uma operação como essa realizada pelo Grupo Itacaré. O resultado final disso deve ser o significativo aumento do fluxo de turismo para o Brasil, um ciclo de luxo, claramente voltado a um público internacional, resguardado na segurança de complexos turísticos de altíssimo luxo.

Investimentos como esse demonstram quão valioso é o patrimônio natural que, bem planejado, é vitrine para qualquer cidadão do planeta.

Mais uma vez a Bahia destaca-se. E quem diria, que um dia as praias brasileiras seriam um produto colocado em uma bolsa de valores, ainda na mais tradicional, a London Stock Exchange.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Internet, mercado e novos consumidores

O crescimento do mercado da internet no Brasil tem criado novas oportunidades do ponto de vista tecnológico, educacional, de comunicação e comercial, garantindo o acesso de milhões de pessoas a produtos e serviços cada vez mais globais.

Tradicionalmente, no início da venda de produtos pela internet, somente as classes A e B participavam desse negócio, em função do restrito acesso a essa nova mídia. Entretanto, os números de participação dessas classes vêm caindo consideravelmente nos últimos anos e, embora ainda responda por 50% dos internautas, diminui a cada dia.

Atualmente a classe social que mais cresce na rede mundial de computadores é a C, que representa 35% dos internautas. Por outro lado, as classes D e E têm 13% desse mercado.

Em 2007, o Ibope calculou que o Brasil tinha 40 milhões de internautas, que faziam seus acessos de vários lugares: de casa, do trabalho, das escolas, lan houses, cyber cafés etc... Ao final de 2008, segundo o Interactive Advertising Bureau –IAB, esse número deve chegar a 50 milhões de brasileiros conectados à internet, usuários de fato. Hoje já somos o sexto país conectado no planeta.

O Ibope monitorou, ainda, 6 mil internautas no Brasil e traçou o seu perfil. Hoje, o consumidor que usa os serviços da rede é uma pessoa com grande mobilidade, está conectado constantemente, usando ilimitadamente o entretenimento oferecido, utilizando as informações que vêm de veículos tradicionais, como rádio, TV, jornais, mas também de blogs e comunidades. O usuário não conhece as pessoas pessoalmente, mas toma suas decisões de compra baseado nas indicações de outros consumidores, ou seja, opera em rede.

Esse grande contingente de pessoas tem chamado a atenção de todos aqueles que oferecem um produto ou serviço; segundo o IAB, houve um aumento de 45% dos investimentos publicitários em 2007 nessa mídia. Embora esse investimento seja pequeno e represente apenas 2,8% do total investido em todas as mídias, ele vem crescendo rapidamente.

Essa leitura tem um resultado prático importante e sinaliza que estando fora da internet grande parte das empresas e organizações pode estar iniciando um processo de perda e participação no mercado, independente de seus produtos ou serviços. Além disso, o crescimento da classe C e a diversificação das opções estão criando um consumidor diferenciado e exigente.

Bem, um interessante perfil para todos que olham minimamente para o futuro reorientarem seus negócios ou seus anúncios ou, mesmo, suas posições. Não sabemos como operaremos daqui a 5 ou 10 anos, mas hoje a internet permite que se opere em um grande rede mundial, impessoal e de alta velocidade.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

O ovo bilionário

Em tempos de um possível retorno do monstro da inflação nós, brasileiros, reagimos com uma grande dose de medo e preocupação de vivenciar novamente dias de terrível apreensão. A vida nos tempos inflacionários de nosso país nos faz recordar a perda diária do poder de compra, a angustiante instabilidade financeira pessoal e das empresas, a necessidade de estocar produtos e a perda na confiança econômica do país.

Talvez alguns de nós nem recorde direito o grande período onde a economia nacional era, diariamente, corroída e todos aqueles que recebiam seus salários angustiavam-se frente à inflação e a escalada diária dos preços. Sabe-se que muitos esqueceram desse período, outros ainda trazem a descrença e as compras de estoque como herança do período e, alguns, nem vivenciaram direito.

De toda forma, especialmente as décadas de 1980 e o início dos anos 90 foram terríveis para os brasileiros que conviveram com a escalada inflacionária, os planos e pacotes econômicos e a troca de moeda que tentava frear a subida dos preços e a estratosférica inflação, da qual chegamos a ser motivo de chacota internacional, um país descontrolado, sem planejamento econômico e pessoas e governos capazes de resolver o problema.

Uma nação endividada, caótica com os preços subindo diariamente e sem uma solução política. Esses foram dias duros demais, mas que nos ensinaram algumas lições e fizeram surgir o mais moderno sistema bancário nacional integrado e as mais modernas tecnologias financeiras, justamente como resposta a escalada diária dos preços e mudanças econômicas.

Bem, esperamos que esse passado não retorne jamais e que tenhamos competência suficiente para evitar esse processo, mesmo que pressionado por contágios internacionais. Por conta desse fenômeno que volta a rondar algumas economias internacionais, o processo inflacionário faz novas vítimas, como no recente caso de um pequeno país africano, o Zimbábue.

Essa nação africana tem se notabilizado ultimamente por um processo de eleições fraudulentas, perseguições, crimes e genocídios, além de uma ditadura política ultrajante. É nesse pobre país onde atualmente se desenvolve a maior inflação do planeta

e onde foi nesse mês lançada uma nova nota de 100 bilhões de dólares do Zimbábue, ou seja, 100.000.000.000.

O mais incrível é que mesmo sendo a última nota emitida pelo Banco Central do Zimbábue, ela não consegue comprar nem três ovos. A escalada hiperinflacionária desse país é tamanha que apenas um ovo custava no início do mês 35 bilhões de dólares e é bem possível que até essa coluna chegar ao jornal e ser lida, a nota de 100 bilhões compre um ovo apenas. A inflação oficial do Zimbábue é de 2.200 000 % ao ano, mas segundo alguns economistas internacionais pode chegar a 7.000 000%.

Uma triste situação em um país africano pobre, dominado por um ditador de 84 anos e a 28 no poder, que transforma sua população em refém das incapacidades políticas e sociais de seus políticos governantes. Trabalhemos e nos mantenhamos atentos para que nenhum desses males volte a assolar nosso país e que a ditadura e a hiperinflação sejam apenas uma lembrança remota do passado.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Empreendedorismo e iniciativa

Notadamente, estamos num mundo em que inovar é necessário, sendo, assim, a formação das pessoas e o despertar de um espírito crítico e inovador cada vez mais fundamental. Por isso, temos que trabalhar na modificação das relações e das percepções dos jovens frente ao mundo do trabalho, já que as pesquisas apontam que, internamente, nosso país é um celeiro de empreendedores de todos os tipos, mas que carecem de apoio na hora de transformar a criação em negócios.

Apesar de o Brasil ser um país de empreendedores e grande parte deles ter vocação para montar seu próprio negócio, a grande parte das empresas abertas no país não duram mais do que 5 anos. Esses dados apontam para uma realidade duríssima e uma distância entre montar e manter um negócio. Além disso, parece que sobra empreendedorismo, arrojo e interesse, mas falta preparo e condições de montar e gerir as empresas que nascem.

Os novos empreendimentos que surgem convivem também com fatores externos que contribuem para impedir o sucesso dos empreendedores e das pequenas e microempresas. Um dos mais imediatos e fatais é a falta de crédito, embora gerando mais da metade dos empregos do país, as microempresas recebem apenas cerca de 10% dos financiamentos.

Outros problemas sucedem-se, como a atratividade exercida pela informalidade, maneira encontrada para economizar taxas e tributos. Há, ainda, os juros bancários, a variação do câmbio e o custo Brasil, que são responsáveis, entre outras coisas, pelo nefasto efeito dos impostos.

A todos esses explosivos problemas, soma-se, talvez, o de maior relevância: o despreparo do empreendedor para enfrentar os desafios de um novo negócio. Não basta apenas ter iniciativa, são fundamentais, também, o foco no mercado, a capacidade gerencial, uma estrutura logística e uma divulgação de seus produtos e serviços. Se isso não basta, é necessário ao empreendedor, ainda, ousar e, com criatividade, explorar nichos desprezados ou desconhecidos pela concorrência. Finalmente, procurar ter tanto espírito competitivo como também cooperativo, privilegiando o trabalho em grupo, unindo suas habilidades com as de outros e desenvolvendo um trabalho em rede e não isoladamente.

Essa é uma pequena análise que procura ajudar àqueles que, em uma economia que avança menos do que poderia, estão em busca de alternativas para montar seu próprio negócio. De qualquer forma, cabe destacar que também é possível ser empreendedor como colaborador nas organizações, sem, necessariamente, ter sua própria empresa.

Essa não é uma tarefa apenas de algumas áreas. Em qualquer segmento da economia e atividade econômica, podemos e devemos empreender, criando novas condições para o sucesso profissional e pessoal.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

A globalização do Rio Grande

Nesses dias de comemorações da Semana Farroupilha, quando são exaltados alguns dos valores regionais, cabe também uma reflexão sobre o nosso estado e o futuro de toda a gente do Rio Grande. Nós, gaúchos, temos uma autoestima muito desenvolvida, além de acreditarmos que nosso papel no Brasil é diferenciado e que temos uma missão civilizatória a cumprir. Desde a infância, aprendemos que somos brasileiros por opção e que as diversas etnias que compõem o mosaico rio-grandense são um exemplo de tolerância e sucesso de povoamento.

Somos também um povo muito orgulhoso de suas tradições e dos personagens que ajudaram e ajudam a escrever a história regional e nacional; estamos sempre observando para torcer pelos jogadores de futebol gaúchos que vão para a seleção nacional, da mesma forma para os ministros que irão compor o primeiro escalão do governo. Muitos, ainda, sentem orgulho dos ex-presidentes gaúchos, como Getúlio Vargas e João Goulart, e, até mesmo, daqueles mandatários do regime militar, como Costa e Silva, Médici e Geisel.

Alguns diriam, com uma ponta de orgulho, que nós, gaúchos, somos seres diferentes. Fomos capazes de desbravar o Rio Grande, o oeste de Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso e chegar pelo coração do Brasil até o Amapá. As colônias de agricultores gaúchos levaram seus CTG's e o chimarrão até o Paraguai. Nosso espírito empreendedor levou-nos a desbravar o mundo, mas as dificuldades do Rio Grande e a falta de oportunidade em nossa terra são, de fato, um importante elemento que só tem agravado os problemas locais e expulsado nossa gente.

Mesmo com esse orgulho, há muitos anos, décadas, talvez, o estado do Rio Grande do Sul deixou de ser atrativo, de oferecer condições de melhoria de vida, crescimento pessoal e profissional, o que tem levado hordas de conterrâneos para fora do Estado. Não podemos esquecer, também, que junto com as pessoas vão as empresas, que se desfazem ou são absorvidas para sobreviver e, assim, estão se “desgauchizando”.

Nem sempre enxergamos dessa maneira, pois nossa “missão” encobre uma dura realidade. Basta olhar o Rio Grande e comparar com Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso, no que se refere ao crescimento e ao desenvolvimento nos últimos anos, olhar as

Alguns diriam, com uma ponta de orgulho, que nós, gaúchos, somos seres diferentes

ciudades, as estradas, a infraestrutura e ver que estamos sofrendo de um envelhecimento precoce.

Vivemos um duro momento regional, mais uma vez na contramão da política nacional. Muitos, no entanto, continuam pensando e agindo como se tivéssemos o controle das políticas nacionais. Engraçado que em nossa missão civilizatória e globalizada, nós, gaúchos, rompemos as fronteiras do estado, mas fomos globalizados também.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Empreendedores

Nosso país é um dos líderes globais em empreendedorismo e esse espírito empreendedor do brasileiro muito tem a ver com as crises e com os planos econômicos a que ficamos sujeitos ao longo de nossa história recente, quando a inflação, a mudança de moedas, a correção monetária, o ágio, o desemprego, a informalidade, a alta do dólar, as oscilações políticas, entre outros eventos, acabaram moldando um novo tipo de empreendedor. Esses novos líderes surgiram diferentes daqueles que, no passado mais remoto, foram os pioneiros, os grandes líderes da indústria, do comércio e dos serviços.

A partir dos anos 80, o país se transformou e os brasileiros tiveram que reinventar seu emprego e sua atividade profissional. Os empreendedores no Brasil aprenderam a trabalhar com as crises, com as incertezas e com as adversidades políticas e econômicas, aproveitando para desenvolver um ambiente criativo e de oportunidades.

Essas dificuldades, que historicamente enfrentamos, têm permitido a abertura de oportunidades, possibilitando que muitas ideias sejam transformadas em negócios. Entretanto, não basta ter uma grande ideia, é preciso pensar em como transformá-la em um produto ou serviço diferenciado, visualizando seu mercado ou a escala que projetamos para o novo negócio. Hoje, mais do que nunca, é cada vez mais importante o desenvolvimento da capacidade gerencial do empreendedor; pensar não apenas na ideia, mas no negócio.

De toda forma, as oportunidades estão ao nosso redor e os empreendimentos podem nascer tanto pela necessidade do empreendedor ou pela oportunidade que o mercado oferece. O que percebemos é que atualmente existe uma grande motivação, especialmente dos jovens que percebem as grandes oportunidades pessoais e profissionais que têm ao empreender um negócio próprio. Essa nova geração está mais predisposta ao risco e as várias ferramentas de auxílio aos empreendedores têm ajudado a desenvolver esse espírito, além de dar sustentabilidade aos novos negócios.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2016.

4

EDUCAÇÃO

Educação, escola e férias

Todos os anos, quando chega o mês de julho e vejo os estudantes saírem alegremente das escolas para suas pequenas férias, penso que período bom da vida foi aquele. No sorriso dos jovens e adolescentes, existe um sentimento de cumprimento de um período de estudos e a chegada do descanso. Daqui a algumas semanas, com o regresso às aulas, o reencontro dos amigos e a perspectiva de mais alguns meses de estudo para a chegada das férias de verão, um movimento ao contrário vai acontecer.

De certa maneira, mesmo depois de adultos e de ter passado pela escola, ainda lembramo-nos desse período da vida, com as amizades que fizemos e que duram até hoje, as perspectivas de futuro e de vida que se abriam, as profissões de cada um, nossos amores secretos, os intervalos, os esportes e tantas coisas que partilhamos nesse período da vida. Ser jovem e aluno é estar sempre esperando algo, na verdade, o futuro, que é uma porta maravilhosa e tudo permite, das coisas boas às aterradoras, e isso é o que torna fascinante a combinação da escola com a juventude.

Interessante pensar que mesmo com todos os problemas estruturais das escolas no Brasil, que de modo geral vão dos prédios, bibliotecas, laboratórios, metodologias de ensino até a qualificação dos professores, ela ainda é um dos locais mais importantes não apenas para o conhecimento e o aprendizado, mas significa o tempo e o espaço para se ter e formar uma perspectiva de vida, para o desenvolvimento de regras de convivência social e para a formação do cidadão e da descoberta de valores positivos para a vida. A escola ainda é um grande diferencial na vida das pessoas, o que significa que tudo é muito diferente para aqueles que não a frequentam e estão nas ruas, nas casas de recuperação de drogados e nas prisões.

Educar é o melhor negócio, apostar nela é a saída para grande parte dos problemas da sociedade brasileira. Creio que isso todos sabemos, pensamos, falamos e prometemos, então por que é tão difícil colocar em prática? Por que é tão complicado manter os jovens na escola? A educação é uma vacina contra a ignorância e a violência.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Onde andam vocês?

O ato de escrever semanalmente nos traz alguns prazeres e lições. Tudo o que colocamos no papel está revestido da esperança de que possa servir para a sociedade, pois esperamos que nossas palavras sejam lidas, compreendidas e praticadas. Ter um retorno sobre aquilo que escrevemos dá sentido real ao trabalho e compensa todas as dúvidas que temos frente aos temas que semanalmente rodam nos jornais. Por outro lado, existe uma preocupação de ser lido e estar contribuindo para que outras pessoas possam fazer algumas reflexões acerca das experiências que temos e socializamos.

Com esse parágrafo comecei uma coluna em 2010, saudando o espetacular trabalho que era realizado pela professora Claudia Konzen com seus alunos na 4ª série da Escola Municipal de Ensino Fundamental Boa Saúde de Novo Hamburgo. Ela conseguia motivar os seus 50 alunos a ler e acompanhar minhas colunas semanais do Jornal NH e mais do que isso, conseguia motivá-los e a suas famílias, não apenas no hábito de ler os jornais, mas de interagir com a informação, transformando-a em conhecimento.

Lembro que chegamos a fazer um encontro maravilhoso com a professora e os alunos e que eu fiquei impressionado com a vontade de descobrir e conhecer, além do desejo daqueles jovens de aprender e crescer educacionalmente para a vida, difundindo e levando essa experiência para suas famílias. Era um trabalho surpreendentemente simples, mas de muita dedicação e envolvimento que transformava os jovens em agentes a serviço da educação e do conhecimento.

Lembro, ainda, que uma das coisas que mais me tocaram ao conhecer a professora e os alunos foi perceber que aqueles jovens tinham uma perspectiva positiva de vida pela frente e que, ao escrever, podemos de várias maneiras influenciar positivamente na formação das pessoas e transformar um texto de jornal em uma amizade e uma experiência para toda vida.

Não soube mais nada da Escola, nem da professora Claudia Konzen ou de algum dos 50 alunos da 4ª série. Seria muito bom saber das histórias de vida que se desenrolaram nesses mais de 5 anos que se passaram desde aquela experiência. Seria melhor, ainda, saber que seguem leitores e se seus sonhos continuam

vivos e ardentes. Essa interação alimenta a vida de quem escreve não apenas por diletantismo, mas que acredita que pode influenciar as pessoas e ajudar a construir um mundo melhor. Por fim, fica a pergunta: onde andam vocês?

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2015.

Pactuando o desenvolvimento

O Brasil vivencia atualmente uma mudança significativa em sua história e ela acontece em todos os campos, sendo mais perceptíveis as transformações socioeconômicas. Estamos avançando no cenário internacional onde passamos a ocupar um lugar de destaque e protagonismo, além de configurar entre as sexta e sétima economia global, de dirigir organismos internacionais, liderar alianças regionais, atrair os maiores eventos mundiais e capacitar-se para uma nova economia mais ágil, dinâmica e competitiva.

Esse movimento nacional é acompanhado aqui em nosso Estado, onde o desenvolvimento é palavra de ordem nas ações do governo gaúcho e a sociedade deve estar plenamente conectada a essa transformação. Entretanto, essas transformações na sociedade e na economia geram mudanças nas relações do mundo do trabalho, da educação e da formação profissional e ao mesmo tempo em que indica gargalos e carências, aponta para um novo patamar de oportunidades. Mesmo diante de necessidades pontuais e imediatistas de alguns setores industriais e convivendo com uma sociedade de pleno emprego, o desempenho do atendimento as necessidades de formação no Rio Grande do Sul segue uma tendência altamente positiva, um ciclo virtuoso.

Uma boa parte dessa organização no Estado se deve a constituição em 2011 do Pacto gaúcho pela educação, profissionalizante, técnica e tecnológica, e que tem avançado positivamente frente a nova agenda de desenvolvimento do Rio Grande. O Pacto procura atuar seja atendendo as necessidades de formação dos novos investimentos que se consolidam na região, seja com os setores industriais e de serviços aqui historicamente instalados. O Pacto implantou uma atitude proativa e inovadora frente à realidade das necessidades profissionais, viabilizando a construção de uma rede colaborativa entre instituições representativas do governo, das universidades, do meio empresarial e dos trabalhadores, interagindo com as demandas regionais por profissionalização.

Para a efetivação desse movimento territorial de formação profissional, o papel do Estado é articular e coordenar todos os programas que possam beneficiar a sociedade gaúcha através da oferta de ensino profissionalizante, técnico e tecnológico. Nesse sentido, os resultados são extremamente significativos, já no

ano de 2012 com uma meta de oferecer 68 mil vagas, o Pacto ofertou mais de 80 mil vagas em 9 programas diferentes de capacitação e, nesse ano de 2013, estão projetadas 150 mil vagas.

Esse movimento de articulação do Pacto com os parceiros regionais e com a sociedade está levando a superação do atendimento apenas de demandas imediatas dos setores produtivos e passando para um patamar de prospecção estratégica de médio e longo prazo para a qualificação da formação profissional. O Rio Grande está avançando e esse é um pacto da sociedade com o desenvolvimento e um novo futuro do nosso Estado.

Texto originalmente publicado no Gazeta do Sul, de Santa Cruz do Sul/RS, no ano de 2016.

Talentos

Parece que se foi o tempo em que a força das armas e dos exércitos, os recursos naturais abundantes ou a capacidade de uma nação produzir industrialmente eram os fatores determinantes do sucesso e do desenvolvimento dos países. Nas últimas décadas, muita coisa mudou e, de maneira radical, a movimentação da economia e do desenvolvimento global passa, hoje, por novos parâmetros.

Evidentemente que a educação segue firme na liderança desses processos de desenvolvimentos globais, mas atualmente, soma-se a ela a capacidade de transformar o conhecimento em novos produtos e negócios, a capacidade de inovar e trazer ganhos competitivos, o empreendedorismo e a existência de ambientes educacionais e produtivos, que estimulem a inovação, os negócios, a transformação de ideias em coisas concretas, de valor global e a valorização de conhecimentos cada vez mais transversais.

O mundo, hoje, também não tem uma concepção simples e básica sobre educação e produção de conhecimento. A vida se tornou mais complexa, não basta qualquer tipo de educação, muito menos criar qualquer conhecimento novo. É preciso ter um foco no desenvolvimento que queremos e no padrão de qualidade que o mundo hoje necessita. Saber ler e escrever é importante, mas precisamos que as pessoas tenham condições de compreender e aplicar aquilo que aprenderam na sua vida.

Um dos exemplos desse novo milênio educacional está sendo aplicado, por uma das maiores universidades americanas e do mundo: Harvard. Essa instituição elaborou um Atlas da complexidade econômica que valoriza a educação, o conhecimento e estimula os novos talentos. O resumo dessa obra pode ser sintetizado em uma frase dura e direta: não tem importância, nos dias atuais, o número de horas-aula a que foi submetido um aluno, mas sim, o que ele consegue fazer, de fato, com o que aprendeu.

Parece pragmático demais, mas é uma boa reflexão a ser feita sobre o ato de ensinar e aprender. Uma reflexão contemporânea sobre a qualidade das instituições que formam as pessoas, bem como a valorização de atitudes pessoais e dos talentos que temos e que precisamos potencializar.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2015.

Saber ler e escrever é importante, mas precisamos que as pessoas tenham condições de compreender e aplicar aquilo que aprenderam na sua vida

Educação, professores e o futuro

Muitos fatores motivam as pessoas na escolha de suas carreiras. Ao lado do *status*, do idealismo, da vocação e de outras tantas razões, a questão salarial coloca-se como central nas opções que fazemos, ainda mais quando para exercer determinadas profissões necessitamos de formação superior, ou seja, investir na capacitação anterior ao exercício da atividade.

Nessa perspectiva, o que tem motivado as pessoas a se tornarem professores e professoras em um país como o nosso? De um modo geral, a resposta não seria o salário, pois, na média, ele é muito menor se comparado a outras categorias que também necessitam de formação superior. É certo que todas as categorias profissionais têm extrema importância, mas será que formar as novas gerações e profissionais, além de capacitar os já existentes, não teria que ter um reconhecimento financeiro também?

Cabe destacar que não se trata, apenas, de discussão salarial, mas da atenção e importância que o país deve dar à educação. Não podemos manter o país sem uma perspectiva de grande melhoria na educação sem valorizar o professor e criar condições para que seu trabalho seja executado com dignidade, atendendo, de fato, aos interesses de seus alunos, dos cidadãos e das comunidades envolvidas.

Todos os recursos que se deixam de investir na formação de professores, em escolas, laboratórios e, de um modo geral, no processo educacional acabam sendo, num futuro próximo, utilizados para corrigir os problemas de uma sociedade desajustada. A miséria, a criminalidade, a saúde, o desemprego e muitos outros problemas sociais poderiam ser combatidos em sua raiz, através de uma educação realmente cidadã e que preparasse as gerações para as pretensões que nosso país possui.

Dessa forma, continuar investindo pouco em educação significa perpetuar no atraso, na ignorância e na dependência de outras sociedades que descobriram e apostaram no conhecimento como forma de desenvolvimento e que hoje conseguem criar países e sociedades mais humanas, desenvolvidas e sustentáveis.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Planejar e educar

Somos um país onde a idéia de planejamento, a longo prazo, ainda não é muito difundida. Em nosso jovem país, pensamos a curto prazo e esperamos, também, colher os resultados de nosso trabalho dessa mesma forma.

Muitos acham que seus negócios e suas carreiras devam dar muitos frutos em um curto espaço de tempo, pensamento que em países mais desenvolvidos, contraria a lógica dos negócios e da sociedade.

Assim também lidamos com as crises, temos uma grande capacidade criativa e de superação, mas seguidamente nos debatemos com problemas que se tornaram cíclicos, e sem uma solução duradoura.

Um dos melhores modos de enfrentar a crise é se antecipar a ela, planejando e investindo antes que o fantasma obscureça a realidade. Dentre os investimentos de maior retorno encontramos a ciência e as pessoas, nosso capital humano. Segundo estudos do Ministério da Educação – MEC, um ano a mais de escolaridade, na média nacional, aumentaria em 8,1% a 9,3% PIB nacional.

Ainda mais, se houvesse um aumento de apenas 1% de pessoas com nível superior em uma cidade, haveria um aumento médio de 0,6% a 1,2% do salário médio. Pensando ainda em termos municipais, um ano a mais na média municipal de escolaridade, representa um aumento de massa salarial em torno de 2,8%; além disso, as desigualdades educacionais sendo reduzidas com um aumento de escolaridade, reduzem de 35% a 50% a desigualdade de renda.

Evidentemente, essas projeções do Ministério levam em conta que o país tenha um crescimento econômico a cada ano, entretanto, sempre se fala na educação como caminho ao desenvolvimento, sendo que agora existem números e projeções para comprovar essa “teoria”.

O bom seria aliamos crescimento econômico, planejamento e investimentos na educação. Se nos fosse possível crescer 10% ao ano, estaríamos dobrando nossa renda per capita em 8 anos, triplicando em 12 e quadruplicando em 15.

Esses números parecem irrealis diante de nossos problemas, mas convém lembrar que esse é um dos caminhos que a China está adotando em sua estratégia de crescimento e desenvolvimento, ao aliar desenvolvimento econômico, escolaridade e qualidade na formação básica, técnica e superior. Não é apenas de produtos baratos que vive o dragão oriental, mas de muito investimento em ciência e educação.

Essa simples fórmula têm sido aplicada ao longo da história recente, não somente na China, mas em muitos países que até há pouco tempo atrás, tinham um desenvolvimento econômico e social inferior ao nosso, entretanto, estão nos superando um após o outro.

Até quando vamos assistir outras nações emergirem e se tornarem um lugar melhor para seus cidadãos, enquanto nosso crescimento brasileiro avança a passos de tartaruga?

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Crianças, trabalho e escola

Quem trabalha não brinca. Esta frase retrata um dos mais graves problemas sociais do Brasil, o trabalho infantil. Embora tenha sido reduzido nos últimos anos, o número ainda é expressivo, pois 12,7% dos indivíduos entre 5 e 17 anos exercem alguma atividade produtiva formal ou informal.

Neste contingente, cerca de 5,4 milhões de pessoas no país exercem muitas atividades, destacando os trabalhos domésticos e a agricultura. Esta absorve 43,4% das crianças, especialmente em trabalhos como lavoura de cana-de-açúcar e carvoarias, atividades com grande exposição a riscos e à integridade física.

Além disso, agravando este quadro, 48,6% destes trabalhadores mirins não recebem nenhuma remuneração. Somado a isso, vem também o fato de que, juntamente com o trabalho, acontece o afastamento da escola. O trabalho infantil retira, precocemente, as crianças dos espaços de aprendizagem e grande parte delas se perpetua entre o contingente de pessoas abaixo da linha de pobreza.

Deixando de lado os mitos e a apologia ao trabalho, as mais recentes pesquisas no país apontam para um quadro assustador. Os pesquisadores da Universidade de São Paulo/USP desenvolveram um estudo no qual revelam que, quando começa a trabalhar aos sete anos de idade, a criança receberá, em média, 37% menos, em termos salariais, durante sua vida do que receberia se tivesse iniciado aos 14 anos. Se comparada com alguém que inicia aos 21 anos, a perda chega a 50%. O grande fator determinante desta diferença é a escolaridade, a formação lúdica, psicológica e emocional destes indivíduos.

As leis brasileiras podem ser consideradas até modernas e adequadas, entretanto, esta situação de trabalho, exploração e afastamento da escola persistem no país, relegando um número significativo de pessoas a uma condição de vida ultrajante e sem perspectivas. Não cuidando das crianças e adolescentes, teremos que, logo adiante, punir aos adultos.

Infelizmente, nós, gaúchos, temos uma média regional de trabalho infantil mais alta do que a nacional. Em nosso Estado, 15,6% de crianças e jovens trabalham. Em situação mais grave do que o

Rio Grande do Sul estão apenas oito Estados, Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Santa Catarina e Tocantins.

Cabe-nos, enquanto educadores, dirigentes e cidadãos com acesso aos meios de transformação da sociedade, sensibilizar-mo-nos para o fato de que lugar de criança é com a família e na escola. Além disso, se esperamos uma virada histórica deste país, com um futuro mais justo e promissor para toda a sociedade, devemos dispensar mais cuidados e atenção às crianças e às futuras gerações.

O trabalho pode enobrecer ao homem, mas não pode retirar das crianças a oportunidade e o acesso ao lazer, educação, saúde e a uma formação mais completa.

Um cidadão bem formado será mais útil à sociedade e ao país. Esta é a lição que vemos todo dia naqueles países que se destacam no panorama internacional, um simples, mas importante aprendizado.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Meus leitores da 4ª série

O ato de escrever semanalmente traz-nos alguns prazeres, lições e apreensões. Tudo o que colocamos no papel está revestido da esperança de que possa servir para a sociedade, pois esperamos que nossas palavras sejam lidas, compreendidas e praticadas. Ter um retorno sobre aquilo que escrevemos dá sentido real ao trabalho e compensa todas as dúvidas que temos frente aos temas que semanalmente rodam nos jornais. Por outro lado, existe uma preocupação de ser lido e estar contribuindo para que outras pessoas possam fazer algumas reflexões acerca das experiências que temos e socializamos.

Foi com essas questões que, na semana passada, encontrei-me com 50 leitores mirins das turmas do 4º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Boa Saúde de Novo Hamburgo. Foi um encontro maravilhoso, especialmente ao descobrir que meus artigos semanais são lidos, estudados e têm uma finalidade educacional e social. Esse é um excelente trabalho liderado pela professora Claudia Konzen, que consegue motivar seus alunos e suas famílias, não apenas no hábito de ler os jornais, mas de interagir com a informação, transformando-a em conhecimento.

Foi um encontro revigorante, pois pude receber questionamentos desses jovens leitores, que têm uma vida inteira pela frente e ideias fantásticas sobre o mundo. Além disso, o contato pode transformar uma coluna, um pedaço de papel em uma amizade entre escritor e leitores, ficando claro que quem escreve são pessoas como todas as outras, que apenas procuram dar vida às palavras e às ideias. Assim sendo, esse encontro serviu para que um nome estampado no jornal virasse um amigo de verdade.

Fica aqui meu muito obrigado ao trabalho feito pelos alunos com minhas colunas semanais do NH, que elas sirvam para suas vidas. Obrigado também por serem tão motivadores e me impulsionarem a escrever cada vez mais sobre temas que tocam as pessoas. Espero que todas as segundas-feiras esses novos amigos da EMEF Boa Saúde sigam com sua leitura, assim como todos os demais leitores que me acompanham semanalmente.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Pesquisa é reconhecida

A Feevale também ingressou no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, passando a fazer parte da rede nacional de pesquisa. “Isso mostra que a Instituição atingiu um estágio de maturidade, consolidando pesquisa, ensino e extensão”, afirma o pró-reitor de Pesquisa Tecnologia e Inovação, Cleber Prodanov (foto).

O pró-reitor destaca que o resultado foi possível graças ao esforço dos Institutos Acadêmicos, através da direção, coordenação de cursos, pesquisadores, bolsista de iniciação científica e funcionários, que trabalharam para consolidar a pesquisa na perspectiva científica, tecnológica e humanística. “Com isso, a Feevale fortalece seu propósito de transformar-se em universidade, por meio da mediação entre a produção científico - acadêmica e a necessidade socioeconômica cultural da comunidade onde esta inserida”, complementa.

O reitor Antônio Nery Martins diz que a medida consolida a política institucional, que tem como meta a excelência em produção científica integrada ao ensino e à extensão. “Mesmo ainda sendo centro universitário, a Feevale está equiparada às universidades”, ressalta.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

O triste quadro da educação

Nesta semana, mais uma pesquisa internacional aponta para o grave problema da educação brasileira. Mesmo com os progressos quantitativos dos últimos anos e o aumento da cobertura de alfabetização, de modo geral, a qualidade do que é ensinado vai muito mal.

A UNESCO, um organismo das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura, publicou um estudo e uma lista composta de 41 países, no qual analisou estudantes na faixa etária dos 15 anos. Nessa publicação, a colocação do desempenho dos jovens brasileiros foi de 40º lugar em ciências; 37º lugar em leitura.

Juntos com o Brasil, nesse fraco desempenho, ficaram nas últimas posições a Macedônia (38º), Albânia (39º), Indonésia (40º) e, em último lugar, o Peru. Na outra ponta da lista, liderando o ranking, entre os países com maior qualificação de seus estudantes, estão a Finlândia, Canadá e Nova Zelândia no quesito leitura; e Hong Kong, Japão e Coreia do Sul em ciências e matemática.

As últimas posições dessa lista denotam que os estudantes têm dificuldades em usar a leitura para aumentar seus conhecimentos e criar competências em outras áreas, porém são considerados, tecnicamente, alfabetizados. Entretanto, o conceito de analfabeto, nas sociedades desenvolvidas, está mudando. No Brasil, ainda é considerado analfabeto apenas quem não sabe ler ou escrever de modo geral, sem considerar o entendimento e a compreensão dos textos.

Esses dados fazem parte da pesquisa “Alfabetização para o mundo de amanhã”, desenvolvida pela UNESCO, que procura identificar os problemas ligados à escolaridade e aprendizado, apontando caminhos para os países e seu desenvolvimento. Nosso país, com seu fraquíssimo desempenho, aponta para uma cobertura ineficiente de alfabetização e com uma qualidade discutível.

Não nos cabe criticar ou discutir os métodos e as amostragens, realizadas pela UNESCO nesta pesquisa, mas refletir sobre o acesso e a qualidade educacional oferecida em nosso país. Uma nação, que pretende ser uma potência, deseja pertencer a organismos internacionais como o Conselho de segurança da ONU e exercer uma liderança política e econômica regional na América do Sul e no mundo, deve preocupar-se mais com a educação.

Deve-se priorizar, com muita convicção, a educação básica, sua universalização e qualificação efetiva, manter os alunos na escola e qualificar aos professores. São muitas as ações que podemos empreender para melhorar esse quadro, somente assim, poderemos ser líderes. Por enquanto, estamos em penúltimo lugar.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

O mapa do analfabetismo

Um recente estudo, do mês de junho de 2003, publicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP, com dados coletados por este órgão do MEC e recheado com números do IBGE, aponta para a existência do chamado “Mapa do analfabetismo no Brasil”.

Este estudo aponta que 35% dos analfabetos brasileiros já frequentaram escolas e que um dos grandes problemas nacionais é que os jovens estudam poucos anos. São cerca de 30 milhões de indivíduos, com 15 ou mais anos, que não chegam a concluir as quatro primeiras séries fundamentais. Esse grupo é classificado como sendo de analfabetos funcionais, ou seja, embora tecnicamente alfabetizados, escrevem poucas linhas, assinam o nome, mas não conseguem compreender um texto básico.

Nessa massa de 30 milhões, encontramos 16 milhões de analfabetos, incapazes de ler ou escrever sequer um bilhete. Por incrível que pareça, esse quadro já foi pior. Em 1991, eram 19,7%; enquanto em 2000, 13,6% dos brasileiros não sabiam ler ou escrever; este número, entretanto, recuou para 12,2% em 2001. Um recuo significativo, mas muito longe de uma situação apropriada para um país com pretensões de crescimento e liderança internacional.

Se fizermos uma busca mais minuciosa nos dados divulgados pelo INEP, vamos observar que dos 5507 municípios brasileiros, apenas em 19 a média de escolarização é de oito anos ou mais, ou seja, cursaram pelo menos as oito séries do ensino fundamental (1ª a 8ª série). Nos demais municípios do país, a situação é muito pior. A cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, possui uma média de 9,5 anos, consolidando-se como melhor município brasileiro no estudo. Enquanto isso, Guaribas, no Piauí, tem a pior colocação com 1,1 ano de estudo.

A média brasileira dos anos de estudo da população é de 6,4 anos. Ao analisarmos as diversas regiões do país, o sudeste aparece com a maior média nacional com 7,2; seguido do sul com 6,8 e do centro-oeste com 6,6 anos. Do outro lado e abaixo da média nacional, encontram-se a região norte com 6,3 e a nordeste com apenas 4,9 anos, tendo um desempenho assustadoramente fraco.

Entretanto, 24 capitais brasileiras estão na lista das 100 cidades com maior número de analfabetos. Em São Paulo, maior cidade do país, são 383 mil e no Rio de Janeiro, separada de Niterói apenas pela baía da Guanabara, são 199 mil analfabetos, campeãs absolutas no cenário nacional.

Finalmente, o próprio estudo do INEP aponta algumas soluções. A primeira seria a continuidade dos atuais programas governamentais de alfabetização; as outras dependem das prefeituras, das comunidades, Universidades e dos cidadãos. Basta, para tanto, que cada um se comprometa em ensinar a um analfabeto aquilo que sabe e que teve a oportunidade de aprender, ou ainda a encaminhar e apadrinhar um analfabeto. Solução caseira, mas multiplicadora de soluções.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

As mulheres estudam mais

Uma recente pesquisa aplicada, entre 25 e 30 de agosto deste ano, pela rede Anglo de Ensino, sediada em São Paulo, em cem escolas particulares que usam sua metodologia educacional e seu material didático-pedagógico, revelou o que, de um certo modo, todos nós desconfiávamos: as mães dos alunos das escolas particulares são mais escolarizadas que os pais.

Baseado nos dados desta pesquisa percebe-se que o grau de escolaridade das mães dos alunos, em sua maioria pertencentes às classes A e B (renda maior do que R\$ 2.500,00 mensais) das escolas particulares, é superior a dos pais do mesmo grupo. As mulheres com nível superior representam 36,1% do total das mães, contra 33,3% dos homens.

Esse estudo usou como universo de sua pesquisa 16 mil pais e foi contratada por essa grande rede paulista, que pretendia perfilar e conhecer melhor o seu público. A pesquisa comprova uma tendência internacional que começa a se confirmar no Brasil, mas que, por falta de dados, não podia ser vista antes, de que as mulheres estão estudando mais. Embora existam limitações regionais e estatísticas da pesquisa do grupo Anglo, é inegável seu alcance e sua representatividade para analisarmos a situação no país.

Esse estudo confirma a tese da qualificação feminina ao apresentar um outro dado significativo, dos 100.000 estudantes da rede Anglo, 54% são mulheres e 45% homens. Além disso, o levantamento das famílias revelou que 48,5% dos lares são sustentados tanto pelo pai quanto pela mãe. Junte-se aqui outro fator, as mulheres estudam em função de estarem se preparando mais para o mercado de trabalho e já dividem com os homens a manutenção das famílias brasileiras, graças a sua renda, advinda da atividade profissional, alavancada em sua preparação profissional.

O aumento do grau de escolaridade feminina é visto por especialistas como altamente positiva para a sociedade brasileira e uma tendência percebida desde o final da década de 1980.

As mulheres estão cada vez mais presentes nas escolas, universidades e no mercado de trabalho. Muitas vezes, continuam ganhando menos do que os homens quando ocupam o mesmo cargo, mas, a cada dia que passa, estão se preparando mais e

As mulheres estão cada vez mais presentes nas escolas, universidades e no mercado de trabalho

melhor, justamente para superar as barreiras sociais e sexuais que lhes são impostas.

A sobrevivência profissional feminina está criando um grande contingente de profissionais do sexo feminino com altíssima qualificação, baseando-se, sobretudo, na escolarização superior a dos homens.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

O analfabeto funcional

Segundo as Nações Unidas, estamos vivendo entre 2003 e 2012 a década da alfabetização. Nesse sentido, o grupo de estudos criado pelo Ministro da Educação Cristóvão Buarque, para avaliar as necessidades de investimentos do governo na educação, a fim de dar cumprimento ao Plano Nacional de Educação-PNE, sugeriu um investimento de R\$ 453,00 por aluno no Programa Brasil Alfabetizado.

Esse programa, principal bandeira do Ministro, pretende erradicar o analfabetismo no país até 2006, mas ao invés de dispor dos R\$ 453,00 sugeridos, vai aplicar em 2003 R\$ 93,00 por aluno. Parece pouco e abaixo do que se estimava, entretanto, se os esforços e a articulação com os Estados, prefeituras e universidades, poderia se ampliar ainda mais o leque de apoios e multiplicar as ações, além desse valor.

Pouco adianta apenas o recurso financeiro se este não tiver centrado em uma ampla e coordenada ação com as comunidades. Todos nós sabemos a distância que separa Brasília do mundo real do país e do isolamento de quem não é alfabetizado. Essas distâncias podem ser superadas e as barreiras transpostas com a ajuda das comunidades locais.

O ministério da educação, tem a meta de alfabetizar até 2006 20 milhões de brasileiros, 3 milhões somente neste ano. Entretanto, esse programa deveria avançar ainda mais e incorporar também aqueles que embora saibam ler, o fazer com extrema dificuldade.

Uma pesquisa realizada pela organização não governamental Ação Educativa, em associação com o Instituto Paulo Montenegro, ligado ao Instituto Ibope, apontou que apenas 25% dos brasileiros com mais de 15 anos tem pleno domínio da leitura e da escrita. Ainda segundo este estudo, 38% dos brasileiros podem ser considerados analfabetos funcionais, ou seja, sabem ler, mas não entendem um texto completamente. Além disso, 37% dos brasileiros apenas conseguem ler e localizar informações em textos curtos e cerca de 8% são analfabetos absolutos.

A pesquisa apontou também, uma forte queda do hábito de leitura no Brasil que, combinado com a baixa escolaridade do

país e os poucos anos de estudo da população, resultam em um universo muito grande de analfabetos funcionais. Muitas empresas, associações, comunidades e também cidadãos se propõem a auxiliar o país nesta tarefa tão importante que é erradicar o analfabetismo.

Podemos e devemos ampliar esse trabalho e garantir também, que se oportunize além do saber ler e escrever, localizar e compreender o que é lido, garantindo um incremento da capacidade de compreensão e um acesso realmente democrático aos bens culturais da humanidade.

Podemos dar um passo de cada vez, mas insistir sempre na caminhada completa e contínua, não se contentando com o mínimo, mas ampliando sempre a capacidade e a qualidade do aprendizado e reflexão dos brasileiros. Essa é uma grande aposta para um novo país, difícil de conceber, quando um enorme contingente de brasileiros está condenado à cegueira do analfabetismo.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Civilização ou barbárie

Um dos fatores que mais motiva as pessoas a assumirem determinadas carreiras é o salário. Ao lado do status, idealismo, vocação e de outras razões, a questão salarial coloca-se como uma das preponderantes, ainda mais, quando para exercer algumas profissões necessitamos de formação superior, ou seja, investir na capacitação anterior ao exercício da atividade.

Nessa perspectiva, o que tem motivado as pessoas a se tornarem professores e professoras em um país como o nosso? De um modo geral, a resposta não deveria ser o salário, ainda mais se analisarmos as informações divulgadas pelo Ministério da Educação – MEC. Segundo o MEC, em média, no Brasil, o salário dos professores de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental é de R\$ 462,00, enquanto no Ensino Médio atinge R\$ 866,00.

Além disso, o salário dos professores, na média nacional, chega a ser 20 vezes menor se comparado a outras categorias que também necessitam de formação superior, como por exemplo, ao judiciário. É certo que todas as categorias têm extrema importância, mas será que uma é 20 vezes mais importante do que outra? Será que formar as novas gerações e profissionais, além de capacitar os já existentes, não teria que ter um reconhecimento financeiro também?

Entretanto, não se trata apenas de discussão salarial, mas de atenção e importância que o país deve dar à educação nacional. Tomemos o aspecto das condições de trabalho e de ensino das escolas brasileiras. Cerca de 45% delas não tem acesso à bibliotecas e 74% não possuem laboratório de informática, além disso, 80% não possuem laboratório de ciências.

Vários meios de comunicação têm chamado atenção para as condições de ensino e precariedades da educação brasileira. Evidentemente, existem muitas ilhas de excelência tanto na questão de infra-estrutura quanto salarial, mas a carreira de professor deveria ser a primeira a se tornar mais atraente, principalmente, quando observamos a carência de profissionais em todos os níveis de ensino.

Não podemos manter o país sem uma perspectiva de grande melhoria na educação, sem valorizar o professor e criar condições para que seu trabalho seja executado com dignidade, aten-

dendo, de fato, aos interesses de seus alunos, cidadãos e das comunidades envolvidas.

Todos os recursos que o país deixa de investir na formação de professores, nas escolas, laboratórios e, de um modo geral, no processo educacional, acabam sendo utilizados para corrigir os problemas de uma sociedade desajustada. A miséria, criminalidade, saúde, desemprego e muitos outros problemas sociais poderiam ser combatidos em sua raiz, através de uma educação realmente cidadã e que preparasse as gerações para as pretensões que nosso país possui.

Dessa forma, continuar incentivando pouco a educação, significa nos perpetuar no atraso, na ignorância e na dependência de outras sociedades que descobriram e apostaram no conhecimento como proposta de desenvolvimento. Então, o que será de nós? Avançaremos para um futuro melhor da civilização ou da barbárie?

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Educador: testemunho de uma conquista

Nesta semana, acontece o lançamento de um livro de um importante educador, radicado há muito tempo em Novo Hamburgo. É o livro do professor Ernest Sarlet, pioneiro de muitas e importantes ações em escolas, municípios e empresas do Vale do Sinos e Paranhana; responsável, ainda, pela formação direta e indireta de muitas lideranças de nossa região.

Esse personagem da nossa história e cultura reúne, em uma obra memorável, muitos de seus pensamentos e inquietações. Com personalidade, discorre sobre vários temas e reflexões de nosso cotidiano, sempre mantendo seu olhar educativo, mas provocando uma certa intimidade com seu leitor.

Há muito tempo não falava com o professor Sarlet pessoalmente, mas ao reencontrá-lo, deparei-me com um visionário cheio de planos e de desejos, muitos deixados de lado ao longo de seus anos de trabalho, mas que agora afloram com vivacidade e entusiasmo.

O primeiro está tornando-se realidade, pois, com o livro "Cá entre nós", o professor Sarlet immortaliza suas experiências e angústias. Agora, vamos esperar as novas realizações desse homem de ação e inovação que oportuniza seus ensinamentos para a posteridade, que prosseguirá pelo novo século afora.

Tive o privilégio de receber o convite para escrever o prefácio de seu livro e o transcrevo a seguir, na certeza de que meus leitores serão, também, os leitores do professor Sarlet. Esta não foi uma tarefa fácil, mas procurei seguir minha consciência e percepção em relação ao homem, seu legado e suas reflexões.

São muitas as partes deste livro; um mosaico complexo e intrigante que vai da Ode ao amor e à família, às reflexões sobre a existência e aos temas polêmicos. Assim, também é a personalidade do autor: da dureza e energia das palavras ao doce acalanto; da fúria de suas idéias à paciência didática de educador.

Esta obra desperta-nos um passeio pelo mundo do educador Ernest Sarlet, um mundo complexo, fragmentado, dinâmico e humano. Hoje, esta coletânea firma as balizas de uma vida dedicada a ensinar e a aprender; democratiza mais ainda o conheci-

mento produzido e, sobretudo, as lições de sabedoria, amor e fé que perpetuam a obra.

Ensinar e aprender com a vida parece ser a grande essência que nos revela Ernest Sarlet, desde sua chegada ao Brasil, em um mundo conturbado pela guerra, até as batalhas que travou em nossa pátria, pelos ideais da educação e do conhecimento.

O autor não é um soldado, e esta não é uma obra ou tratado militar. O autor é, sim, um humanista, visionário e renascentista; homem complexo com o poder da visão e da inovação, no entanto, sempre ligado a uma sociedade que nem sempre o acompanhou.

Esta coletânea de artigos é uma mensagem ao futuro da nossa comunidade para que seja reflexiva, atenta, curiosa e questionadora. Nessa assertiva, quem conheceria melhor a nossa alma e nossos esconderijos do que homens de visão?

Cá entre nós, essa é uma real oportunidade para conhecermos o pensamento e as reflexões de quem dedicou uma vida inteira a transformar o mundo em um lugar melhor, mais bonito e mais culto.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Somos poucos

O Brasil é um país de muitas desigualdades e de muitas deficiências, mas uma das mais relevantes refere-se à educação. No momento em que se discute uma reforma universitária e um novo projeto de avaliação para as instituições de ensino superior, cabem algumas reflexões sobre nossas condições e potencialidades.

Reconhecidamente, o Brasil é um país de poucos diplomados no ensino superior. Não obstante os avanços ocorridos nos últimos anos com a expansão das instituições não estatais de educação universitária, que criaram uma quantidade significativa de vagas e opções de formação no Brasil, o país continua atrás de muitos outros no que se refere à taxa de escolarização superior.

A falta de vagas no ensino público, as dificuldades decorrentes da concentração de vagas em alguns centros, o custo da educação nas instituições não-estatais, a falta de crédito e de políticas para o financiamento da educação superior, a pouca prioridade dada ao ensino superior pela sociedade e o pouco crédito dado a ele pelos estudantes são fatores que contribuem para a baixa taxa de escolarização superior.

Dessa forma, confirma-se a descrição do IBGE, que situa o Brasil dentro de um “quadro perverso”. Os dados do Banco Mundial, lastreados por informações do próprio governo brasileiro, apontavam no final da década de 1990, uma taxa de escolarização superior no Brasil de cerca de 15%. Enquanto isso, no mesmo período, encontramos 21% de escolarização superior no México, 36% na Argentina, 38% no Chile, 54% na França, 63% na Austrália e 73% nos Estados Unidos.

O ensino superior no Brasil ainda é elitizado, apesar das mudanças que se operaram no início dos anos 2000 com a expansão das instituições não-estatais no Brasil. No país, apenas 6,8% da população com mais de 25 anos conclui o nível superior. Existe ainda uma concentração regional desses diplomados, sendo que o sudeste do país detém a formação de 59,7% de todos os graduados. Isso gera mais distorções regionais e mantém aberto o fosso que separa as regiões mais ricas e desenvolvidas do país daquelas mais pobres e periféricas, agravando o quadro geral de desigualdade.

O ensino superior no Brasil ainda é elitizado

No ano 2000, cerca de 2,8 milhões de alunos freqüentavam cursos superiores e 162 mil faziam mestrado e doutorado, muito pouco em relação às pretensões do país frente aos desafios gigantescos que se colocam para os próximos anos. Temos, mais uma vez, nas nossas mãos a oportunidade de realizar uma reforma que reinvente a educação superior no país e que atenda às diferenças regionais, às desigualdades e às diferenças entre as instituições de ensino que atendem às necessidades da sociedade.

Além disso, as questões de qualidade de ensino e seu financiamento têm que ser resolvidas sob pena de afundarmos enquanto projeto de uma nação próspera, justa e de oportunidades.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Dependência e conhecimento

Um dos grandes indicadores para medir a capacidade produtiva de um país e seu desenvolvimento e sustentabilidade é a qualidade da sua educação e seu número de estudantes universitários. Além disso, deve-se levar em conta o número de engenheiros e cientistas por mil habitantes.

Em todos esse quesitos, o Brasil deixa a desejar. Temos escrito vários artigos sobre a educação superior, mas agora cabe refletir um pouco sobre os pesquisadores e os produtores de ciência e tecnologia.

O Brasil apresenta apenas 0,4 cientistas por grupo de mil habitantes. Comparando esse número com o dos Estados Unidos, a diferença é brutal. Esse país, um dos líderes na pesquisa internacional, apresenta 3,7 cientistas por mil habitantes. Se nos compararmos ao Japão, o Brasil distancia-se ainda mais. O Japão, que é um dos grandes investidores em ciência e liderança em patentes de produtos inovadores, tem uma relação de 4,6 cientistas para cada grupo de mil habitantes.

Esses dados mostram nossa distância em relação aos líderes mundiais e o porquê das dificuldades de promover o desenvolvimento nacional e a disseminação de uma cultura de pesquisa científica e inovação tecnológica em nossas empresas.

Estamos ligados e dependentes, cada vez mais, das soluções tecnológicas importadas, fazendo com que uma grande parcela do setor produtivo nacional tenha que recorrer a soluções externas para garantir a competitividade de seus produtos.

Essa cultura importadora de soluções, muitas vezes, confunde importar máquinas e processos com assimilar e incorporar de fato novas tecnologias. Isso nem sempre ocorre e, em alguns casos, aumenta nossa dependência em relação a soluções e serviços que vêm de fora e são pagos em moedas fortes. Aí se cria um paradoxo, quanto mais modernos nos tornamos, mais dependentes ficamos.

Esse gargalo nacional de ciência e tecnologia pode comprometer os esforços do país em outros campos, por exemplo, no agronegócio. Enquanto batemos recordes de produção a cada safra e lutamos com a Comunidade Européia e a ALCA para garantir uma fatia do mercado internacional de produtos agrícolas, vemos nos-

sa balança internacional sendo corroída pela importação de produtos e serviços de tecnologia avançada.

Enquanto em 2002 o país exportou US\$ 18 bilhões em agro-produtos, importou US\$ 12 bilhões em eletro-eletrônicos, dos quais exportou apenas US\$ 4 bilhões.

A conta se torna perversa. Para exportar os US\$ 4 bilhões, tivemos que importar US\$ 12 bi, a diferença, US\$ 8 bi, é quase a metade do que lucramos com o agro-negócio. O pior é que a conta da tecnologia tende a ficar cada vez mais negativa em função de nossa dependência, sem falar das dificuldades por que passamos para conseguir preços e mercados para nossos produtos agropecuários.

Finalmente, vale lembrar que o sucesso do nosso agro-negócio é fruto de muita pesquisa e desenvolvimento realizado pela Empresa Brasileira de Produção Agropecuária – EMBRAPA, portanto, sem pesquisa, ciência e tecnologia não temos muito futuro.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Investindo no conhecimento

O Brasil investe ainda muito pouco de seus recursos em ciência, tecnologia e inovação. Estima-se que apenas 1% de seu PIB seja destinado à pesquisa. Deve-se considerar ainda que a burocracia consome parte significativa desses recursos. Esse é um problema muito grande que o país tem que enfrentar, e logo, afinal, as distâncias que nos separam dos países desenvolvidos em relação aos avanços tecnológicos aumenta rapidamente, além disso, outras nações que, há alguns anos, tinham um desenvolvimento igual ao nosso, como a Irlanda e a Coreia do Sul, dispararam em liderança científica e produção de patentes e novas tecnologias.

Devemos considerar que os investimentos em educação também são muito baixos no nosso país e que existe uma relação importante entre os investimentos em ciência tecnologia e inovação e educação. Essa interdependência e os poucos investimentos no setor são extremamente maléficos ao país a curto prazo e desastrosas ao longo.

O exemplo de outras razões, no que se refere a investimentos em pesquisa e desenvolvimento, deve ser observado e algumas lições devem ser tiradas. Em todo o mundo desenvolvido, mas especialmente nos Estados Unidos, os movimentos iniciais de financiamento à pesquisa, desenvolvimento de ciência, tecnologia e inovação foram capitaneados pelo governo. Os bons resultados e uma política industrial e tecnológica clara atraíram os capitais privados, muitos deles organizados em torno de fundos de capitais de risco.

Esse movimento inverteu as condições de oferta de recursos e seu financiamento a tal ponto, que os EUA praticamente vivem de capitais particulares de risco para financiar a pesquisa e o desenvolvimento de tecnologia no país. O Estado reserva-se um papel estratégico e indutor de alguns caminhos.

No Brasil, esse caminho começou timidamente a ser trilhado, mas falta ainda confiança no sistema de pesquisa e desenvolvimento, faltam também empreendedores, confiança nas relações entre empresas e Universidade, compreensão e acerto de tempos entre quem pensa e quem precisa produzir, embora estejamos iniciando um processo de transformações dessa realidade.

Um dado divulgado há poucos dias pela direção da Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP, órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia, demonstra a diferença entre produzir bens e produtos com conhecimento e valor agregado. Segundo a FINEP, hoje o Brasil vende o minério de ferro a US\$ 10,00 o quilo e importa aviões a US\$ 10 mil.

Em resumo, os produtos hoje, cada vez mais, dependem da quantidade de conhecimento que está embutido neles e da inovação que se agrega também. Um país que não possuir uma concreta plataforma científica e tecnológica, jamais vai desenvolver seus produtos e processos o suficiente para enfrentar os desafios internacionais. Além disso, tudo isso passa pela valorização e pelos investimentos na educação.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

As desconexões

A cidade do Rio de Janeiro esteve abrigando, entre 17 e 20 de agosto passado, o 10º Congresso Mundial de Recursos Humanos e o 30º Congresso Nacional. Esses dois eventos simultâneos trouxeram ao Brasil especialistas internacionais que debateram o tema “Conexões que geram resultados”.

Uma das questões ligadas a esse assunto é a relação entre a tecnologia, a produtividade e o emprego. Segundo as análises dos especialistas foi constatado que, no mundo atual, simplesmente não há perspectivas de criação de um número de empregos suficientes para atender as necessidades. Além disso, as oportunidades que estão surgindo se deparam com o despreparo e a desqualificação das pessoas, o que gera um grande conflito entre a oferta e a procura de empregos. A esse fenômeno dá-se o nome de desconexão.

As desconexões entre a oferta de emprego e a qualificação exigida para atendê-lo são mais evidentes em países subdesenvolvidos ou em crescimento, como o nosso. Nesses países ainda se acredita que os empregos podem ser gerados apenas com a aplicação de políticas sócio-econômicas por parte dos governos, que não levam em conta que empregos duradouros e qualificados se fazem também com a preparação das pessoas e dos talentos que elevam a produção e a qualidade da produção das empresas e do país.

Durante os dias de debates no Rio, Luis Pocès, Vice Reitor do Instituto de Tecnologia de Buenos Aires, chamou a atenção para o fato de que os países latinos precisam investir mais em educação e capacitação profissional. Segundo ele, somente o Japão dedica três vezes mais tempo à educação continuada do que a América Latina.

Devemos pensar também que os impactos das novas tecnologias permitem elevar muito a produtividade das pessoas, fator que gera uma retração de novos empregos e, ao mesmo tempo, faz crescer a necessidade de capacitação.

Enquanto os especialistas mundiais discutem e debatem os grandes temas, fica-nos um dilema: gerar uma maior produtividade, empregos suficientes para integrar as pessoas ao mundo

do trabalho e também o acesso aos bens materiais e culturais da sociedade.

Há muito que realizar, mas investir na formação e capacitação das pessoas e proporcionar uma educação continuada ainda é a melhor maneira de superar todas as barreiras e dificuldades que estão surgindo no panorama das novas relações da economia mundial.

Não existe outra forma de enfrentar os desafios que surgem do que educar e qualificar os indivíduos. Alguns temas parecem ter soluções muito simples, mas na prática têm sido de difícil aplicação, conforme exemplos internacionais já nos tenham mostrado ao longo dos anos e a educação da sociedade parece ser o maior deles.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

A sociedade do conhecimento

Vivemos hoje a passagem da sociedade industrial para a sociedade do conhecimento. A primeira, com uma política clara de tecnologia, age na substituição de mão-de-obra e de mecanização e automação de processos, com uma lógica de grandes mercados internacionais, apoiada maciçamente nas grandes corporações transnacionais.

Já a sociedade do conhecimento revela uma lógica econômica diversa, também chamada de economia do conhecimento. Essa, comandada pelas pequenas e médias empresas – PMEs, está focada em criar a inovação, valorar suas atividades e aplicar diferenciais de produtos e serviços.

Essa economia se diferencia por uma presença mais sólida das marcas e da flexibilidade em detrimento à diminuição dos custos, típico das sociedades industriais. Com o foco nas PMEs, a sociedade e a economia do conhecimento exigem um desenvolvimento permanente das habilidades de aprendizagem do ser humano.

Nesse contexto de contínuo aprendizado durante a vida, e essa, cada vez mais longa, o papel das escolas e Universidades é o de garantir que a sociedade seja permanentemente capacitada. Aprender e desaprender serão tópicos permanentes nesse ambiente de contínua apreensão do conhecimento, sendo que a maior dificuldade será desaprender. Não é fácil se livrar dos conceitos ultrapassados e dos pré-conceitos, estar aberto às novas experiências, à inovação e à transformação constante.

Aqui reside uma das maiores dificuldades da sociedade do conhecimento, pois estaremos constantemente sensibilizados em nosso ponto de conforto, compelidos a avançar e aprender continuamente.

Essas duas sociedades deverão coexistir por muito tempo, entretanto, cada vez mais o centro da economia mundial deriva para o domínio do conhecimento, enquanto a periferia se industrializa. Em médio prazo, há a tendência de que alguns centros periféricos, como Brasil, Índia e China tenham pólos que se aproximem da sociedade do conhecimento como na Europa, Japão e Estados Unidos.

Assim o motor dessa nova sociedade passa a ser as PMEs, que juntamente com os processos de inovação estão mudando o panorama geral da sociedade, criando facilidades de cooperação entre as Universidades, empresas e o setor público.

Ao longo dos próximos anos vamos experimentar cada vez com mais intensidade a oposição e os conflitos entre os modelos industriais e do conhecimento. Grande parte desse embate se dará no plano político e na economia, mas ficará mais evidenciado o crescimento das PMEs e a incorporação dos preceitos da ciência e da tecnologia, juntamente com as políticas de inovação, na formação de uma rede de sustentação de uma nova sociedade, capitaneada acima de tudo, pelos diferenciais decorrentes do domínio do conhecimento, mais do que da capacidade de produção.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

O renascentista

Durante muitas décadas, principalmente no século XX, acreditamos que a extrema especialização das pessoas e dos profissionais seria o perfil indicado para um mundo industrializado e diversificado. Dentro dessa premissa, se apregoeou mudanças no ensino, na contratação de profissionais, no discurso dos governantes e nas práticas dos professores e empresários.

A afirmação do mundo especializado parecia ser um caminho sem volta e determinante para o sucesso pessoal e profissional. Marcou-se assim a apologia do técnico e do especialista, subdividindo o conhecimento humano em sub-áreas cada vez menores, tornando o especialista, uma pessoa que sabe cada vez mais sobre cada vez menos.

Nessa visão, o conhecimento se afunila e reduz a experiência humana a microcosmos cada vez menores e isolados. Essa experiência se opõe a grandes momentos da história da humanidade, por exemplo, com Confúcio, Sócrates, Platão e Leonardo da Vinci, para citar alguns. Esses homens foram valorizados exatamente por sua capacidade de enxergar o todo e dominar vastas áreas do conhecimento.

Talvez um grande exemplo desse perfil sistêmico e global seja Leonardo da Vinci, um intelectual que tanto inovou na pintura quanto na mecânica, na escultura e em outras áreas. O espírito de Leonardo refletia seu tempo, o Renascimento, onde se valorizava a capacidade inspiradora de compreender melhor as muitas dimensões da vida, do mundo e do trabalho, entendendo melhor as diversidades, a complexidade e o sentido maior da existência, sua beleza e harmonia.

Esse espírito renascentista proporcionou uma abertura maior, um caráter inovativo e criativo em busca da resolução dos problemas do mundo, mas mantendo a complexidade da existência humana. Essa visão ampla do mundo se opõe à especialização e, percebemos agora uma significativa mudança novamente ocorrendo. Não se nega a necessidade de especialização em determinadas áreas, mas cada vez mais se valoriza e torna competitivo quem tem uma ampla visão do mundo.

Nas economias mais importantes do planeta e nas corporações mais competitivas e inovadoras, têm ascendido cada vez mais a cargos diretivos os seres renascentistas.

Em um mundo cada vez mais igual, a compreensão da diversidade, seu entendimento e a saída do ostracismo intelectual, determinam os diferenciais.

A sociedade do conhecimento que se ergue no século XXI, aponta na direção dos valores universais, multiculturais e multidisciplinares, que possibilitam ao homem saber da vastidão do universo e também de sua própria existência.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Um profissional inovador

Um dos maiores desafios com que se deparam as escolas é a busca de um perfil ideal de formação para seus educandos. Alguns pregam a necessidade extrema de um sólido conhecimento teórico, outros, na extremidade oposta, ditam um atrelamento automático ao mercado. No meio do caminho, estão aqueles que até criaram um jargão nacional, que diz; “conjugam a teoria e a prática”.

Todas essas posições foram forjadas durante muitas décadas, principalmente no século XX, quando muitos de nós acreditaram que a extrema especialização das pessoas e dos profissionais seria o perfil indicado para um mundo industrializado e diversificado. Dentro dessa premissa, se apregou mudanças no ensino, na contratação de profissionais, no discurso dos governantes e nas práticas dos professores e empresários.

A afirmação do mundo especializado parecia ser um caminho sem volta e determinante para o sucesso pessoal e profissional. Marcou-se assim a apologia do técnico e do especialista, subdividindo o conhecimento humano em subáreas cada vez menores, tornando o especialista, uma pessoa que sabe cada vez mais sobre menos.

Nessa visão, o conhecimento se afunila e reduz a experiência humana a microcosmos cada vez menores e isolados. Essa experiência se opõe a grandes momentos da história da humanidade, por exemplo, com Confúcio, Sócrates, Platão e Leonardo da Vinci, para citar alguns. Esses homens foram valorizados exatamente por sua capacidade de enxergar o todo e dominar vastas áreas do conhecimento.

Talvez um grande exemplo desse perfil sistêmico e global seja Leonardo da Vinci, um intelectual que tanto inovou na pintura quanto na mecânica, na escultura e em outras áreas. O espírito de Leonardo refletia seu tempo, o Renascimento, onde se valorizava a capacidade inspiradora de compreender melhor as muitas dimensões da vida, do mundo e do trabalho, entendendo melhor as diversidades, a complexidade e o sentido maior da existência, sua beleza e harmonia.

Esse espírito renascentista proporcionou uma abertura maior, um caráter inovador e criativo em busca da resolução dos pro-

blemas do mundo, mas mantendo a complexidade da existência humana. Essa visão ampla do mundo se opõe à especialização e, percebemos agora, uma significativa mudança novamente ocorrendo. Não se nega a necessidade de especialização em determinadas áreas, mas cada vez mais se valoriza e torna competitivo quem tem uma ampla visão do mundo.

Nas economias mais importante do planeta e nas corporações mais competitivas e inovadoras, tem ascendido cada vez mais a cargos diretivos os seres renascentistas.

Em um mundo cada vez mais igual, a compreensão da diversidade, seu entendimento e a saída do ostracismo intelectual, determinam os diferenciais.

A sociedade do conhecimento que se ergue no século XXI aponta na direção dos valores universais, multiculturais e multidisciplinares, que possibilitam ao homem saber da vastidão do universo e também de sua própria existência.

Sobre essa base e esses conceitos, parece se assentar hoje o perfil de formação das pessoas, acima de tudo, múltiplo e inovador.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

O ensino na era global

Nos últimos dez anos assistimos a expansão acelerada do fenômeno da globalização. Exaltado por uns e demonizado por outros, entretanto, continua avançando em todas as direções.

Vislumbramos também, o desenvolvimento de uma das mais violentas e silenciosas revoluções, a internet. Essa, além de ligar o mundo dos negócios, globalizou também os indivíduos.

Esse fenômeno da internet/globalização ocorre de tal forma, que hoje existem universidades virtuais, com alunos espalhados nos mais diversos países do mundo. De certo modo, todas as atividades produtivas estão se globalizando, inclusive a educação, responsável pela produção do conhecimento.

Nesse sentido, o Brasil vinha se sentindo longe desse processo, quer por razões legais ou principalmente culturais. Nos Estados Unidos, Europa e Oriente existe um grande processo de internacionalização da educação em andamento. Lá, os estudantes são encorajados a estudar parte de seu tempo em outros países e as instituições têm feito parcerias importantes na criação de unidades transnacionais.

Muitas instituições brasileiras possuem intercâmbios e outras formas de internacionalização, mas de modo geral, somos incipientes. Mesmo com o atraso em relação a outros países, há alguns anos atrás, o Grupo Pitágoras vendeu 50% de sua operação para o Apollo Internacional, um braço da Universidade de Phoenix.

Entretanto, nesse ano o país foi surpreendido com a chegada de um dos maiores grupos educacionais do mundo, a Rede Internacional de Universidades Laureate. Esse grupo educacional internacional adquiriu 51% da Universidade Anhembi Morumbi, de São Paulo, e demonstra que a questão das instituições de ensino globalizadas, de fato está presente também no Brasil.

Como todos os elementos, esse avanço nos traz oportunidades e ameaças, no entanto, com as dificuldades do ensino público e a pouca atenção dispensada às instituições comunitárias, parece que o mundo globalizado vislumbra no Brasil, uma oportunidade de expansão de seus negócios internacionais.

A educação no Brasil, especialmente na Universidade, está chamando a atenção das corporações internacionais. O grande número de pessoas fora do sistema e seu grande potencial de

A educação no Brasil, especialmente na Universidade, está chamando a atenção das corporações internacionais

crescimento colocam-no em evidência, pois existe um grande mercado a ser explorado. Evidentemente, existem razões para as pessoas não estarem estudando, dentre elas a renda, a perspectiva de trabalho com uma remuneração adequada, as prioridades pessoais, entre outras.

Sendo assim, todas as atividades produtivas estão expostas, cabe-nos perceber e agir com determinação para que possamos avançar e ter uma transformação de qualidade na educação brasileira em todos os níveis e que nos coloque em sintonia com o ensino global, não dependente dele.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Olhando o futuro

A China está investindo, hoje, bilhões de dólares na transformação e modernização de seu ensino, almejando transformá-lo no melhor e mais qualificado do mundo.

Esse grandioso desafio oriental é necessário para suportar o ritmo do crescimento econômico e a expansão de sua economia, tornando esta nação, menos dependente do ocidente e capaz de sustentavelmente situar-se entre as grandes potências do planeta.

Segundo dados oficiais do governo chinês, em 2004 foram investidos na educação cerca de US\$ 90,5 bilhões, aproximadamente 16,6% a mais do que em 2003.

É uma grandiosa cifra quando pensamos na economia brasileira. Esse total investido na educação chinesa corresponde a todo o valor das exportações brasileiras em 2005. Os recursos do governo chinês foram distribuídos da seguinte forma: o ensino superior ficou com US\$ 63,7 bilhões, o ensino básico com US\$ 14 bilhões e o secundário com US\$ 12,6 bilhões.

Para os chineses é claro e transparente que os investimentos na Universidade vão criar as condições para a autonomia científica e tecnológica do país, entretanto, sabem muito bem que, para atingir essa condição, devem ter um ensino básico de qualidade e extremamente fortalecido.

Paralelamente a esse movimento na educação, se investe na criação de empregos. O país cria cerca de 9 milhões de empregos novos por ano, ainda recolocando no mercado de trabalho outros 5 milhões de trabalhadores, com uma meta governamental de manter em torno de 4,6% o desemprego urbano.

A criação de novos empregos é sustentada pelo altíssimo índice de crescimento e a qualificação das pessoas garante sua inserção e atualização no mercado de trabalho. Para essa atualização profissional, os dados oficiais revelam que o Ministério do Trabalho investiu, em 2005, US\$ 53,1 bilhões, somente em escolas profissionalizantes e técnicas, permitindo a capacitação em massa de trabalhadores. A estratégia do governo é garantir a capacitação dos trabalhadores e a alta competitividade, atraindo capital produtivo para as empresas que se instalam na China.

Esses investimentos são astronômicos na educação e na formação profissional, se pensarmos na realidade brasileira e, mesmo, latino-americana. O planejamento chinês projeta para 2010 a China como uma potência oriental, situada entre as três maiores economias do planeta.

Os resultados são evidentes, em 20 anos a China tirou 200 milhões de pessoas da pobreza. Mesmo com todos os custos e problemas que o país tenha ainda, é inegável seu florescimento. Evidentemente que essa estratégia deve diminuir seu ritmo de implantação. Além disso, os custos sociais e do trabalho devem sofrer elevações nos próximos anos, além de que o encarecimento do custo de mão-de-obra está fazendo com que as empresas e o governo busquem, cada vez mais longe, seus trabalhadores, além de investirem mais em sua capacitação.

De todo modo, o esforço da China é grandioso e está trazendo seus resultados rapidamente.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Educar, educar, educar

O Brasil continua vencendo alguns de seus problemas históricos no campo educacional, principalmente, o combate ao analfabetismo. Os dados nacionais sobre alfabetização e aumento da escolaridade entre jovens de 7 a 14 anos tiveram um crescimento significativo nos últimos anos.

O analfabetismo adulto no País regrediu de 16,4% da população em 1993, para 10,9% em 2005. Esse é um número considerável que, embora esteja perdendo fôlego nos últimos anos, representou um avanço para o país. Embora esses números positivos demonstrem uma melhora nas condições nas condições gerais do ensino básico, ainda investimos mais no ensino superior, especialmente federal, do que no ensino básico, além disso, cerca de 2,6% das crianças entre 7 a 14 anos permanecem fora da escola, expostas à criminalidade e com poucas chances de um progresso sócio-cultural. Além disso, existem 18% de adolescentes de 15 a 17 anos que estão na mesma condição de afastamento das escolas.

Não é compreensível que um país com as pretensões do Brasil de se tornar uma liderança regional e global, pense apenas em reduzir o analfabetismo e ampliar a universalização da educação. Deve pensar, também, em qualificar o ensino em todos os níveis, apoiar as iniciativas locais e comunitárias e investir cada vez mais em uma escola integral e que prepare os jovens para a complexidade das relações, sejam elas pessoais ou profissionais.

Nossa região tem dado excelentes exemplos e reduziu o analfabetismo a padrões satisfatórios, mas precisamos ser mais ousados e nossas lideranças comunitárias devem pensar cada vez mais em qualificar as pessoas. Nosso País precisa avançar rumo a uma condição de desenvolvimento, mas isso só poderá ser alcançado na medida em que tivermos um povo educado e preparado para fazer a diferença.

Todas as experiências internacionais de superação de miséria e de desenvolvimento dos países passaram pela educação e qualificação humana. Portanto, temos os modelos, basta ter vontade política para adotá-lo. Nesse momento eleitoral brasileiro seria oportuno prestar atenção e cobrar dos candidatos uma ajuda positiva acerca da educação, afinal, sem ela não vamos a lugar algum. Sem a educação marcamos passo na condição de subde-

envolvimento, negamos às pessoas uma vida mais digna e uma oportunidade de crescimento.

A educação é a ferramenta mais importante na transformação da sociedade, mas, ao longo dos anos, não tem recebido a devida atenção. Louvamos as ações pontuais de alguns governantes, mas estamos muito longe de ter um projeto legítimo para a nação.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Educar para o desenvolvimento

O Brasil é um país de muitas desigualdades e de muitas deficiências, mas uma das mais relevantes refere-se à educação. No momento em que se discute uma reforma universitária e um novo projeto de avaliação para as instituições de ensino superior, pouco se fala nos ensinos básico e médio e nada sobre uma integração entre os cursos superiores e os demais segmentos educacionais. Nesse caso, cabem algumas reflexões sobre nossas condições e potencialidades.

Em recente ranking da educação internacional, chamado “Educação para Todos”, divulgado pela UNESCO, o Brasil aparece em 72º lugar em um índice de desenvolvimento educacional, referente a uma amostra de 125 países. Os fatos que mais prejudicam nosso país são as altas taxas de repetência e a evasão no ensino fundamental. Esse é um dos fatores que deixa o país, atrás, por exemplo, do Paraguai, da Bolívia, do Equador e da Albânia, apenas para citar alguns países, em termos de educação básica.

Esse quadro desastroso na educação básica leva a um enfraquecimento do ensino superior; o Brasil é um país de poucos diplomados. Não obstante os avanços ocorridos nos últimos anos, com a expansão das instituições não-estatais de educação universitária, que criaram uma quantidade significativa de vagas e opções de formação no Brasil, o país continua atrás de muitos outros no que se refere à taxa de escolarização superior; o ensino superior brasileiro ainda é elitizado.

Além disso, há ainda, uma concentração regional dos diplomados, sendo que o sudeste do país detém a formação de 59,7% de todos os graduados. Isso gera mais distorções regionais e mantém aberto o fosso que separa as regiões mais ricas e desenvolvidas do país daquelas mais pobres e periféricas, agravando o quadro geral de desigualdade.

A falta de vagas no ensino público, as dificuldades decorrentes da concentração de vagas em alguns centros, o custo da educação, a falta de crédito e de políticas para o financiamento da educação superior, a pouca prioridade dada ao ensino superior pela sociedade, aliados à pouca valorização por parte dos estudantes são fatores que contribuem para a baixa taxa de escolarização superior no Brasil. De todo modo, será necessário que, nos próximos anos, as questões de qualidade de ensino e seu finan-

ciamento sejam resolvidos, sob pena de afundarmos enquanto projeto de uma nação próspera, justa e de oportunidades.

Para isso, devemos rever as nossas políticas de universalização e manutenção das crianças na escola e, nesse sentido, várias experiências existem pelo país que podem subsidiar educadores e gestores públicos. O certo é que nenhum país prospera sem educação, a falta dela é sentida em todos os aspectos da vida nacional, tanto, na saúde, na qualificação profissional quanto nas taxas de criminalidade.

Educar ainda é mais barato e eficaz para o desenvolvimento nacional.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Educação: vacina contra a violência

Nos últimos dias, o governo federal lançou um novo plano para a educação brasileira, trata-se do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, também conhecido como PAC da educação.

Não sei se a reação deve ser de alegria ou de tristeza. Alegria, por ser uma tentativa de ação no plano da educação nacional, ainda que restrita e com algumas lacunas; e tristeza, por receio de se tratar de apenas mais um plano de governo e não de Estado, portanto, sujeito às mudanças dos ventos políticos.

De qualquer forma, ainda creio que a educação no país não recebe a atenção devida. Muitos dos grandes problemas nacionais, citando apenas a saúde, as drogas e a violência, passam diretamente pelos problemas educacionais do brasileiro.

Para aqueles que acham que isso é retórica de educador, recentemente a Fundação Estadual de Análise de Dados – Seade, uma importante entidade de pesquisa do Estado de São Paulo, atualizou os dados de um estudo sobre os jovens.

Esse estudo realizado pela Fundação desde o ano de 2000, levanta informações e forma um índice, chamado Índice da Vulnerabilidade Juvenil – IVJ. Um dos importantes resultados desse trabalho é que quanto maior o número de estudantes matriculados no ensino médio menores serão as taxas de violência e de gravidez precoce, ou seja, a educação reduz a violência. A análise dos dados, projetando-se os espaços físicos das cidades, demonstrou que, nos locais onde existem mais jovens matriculados no ensino médio, menor é a violência, naquele bairro, região ou cidade.

Mesmo com todos os problemas estruturais das escolas e da qualificação dos professores, ainda a escola é um indutor de não-violência, isso porque, entre as hipóteses do estudo da Seade, se o jovem se mantém na escola, tende a desenvolver uma perspectiva de vida, regras de convivência, conhecimento. Isso é bem diferente daqueles que estão nas ruas, nas casas de recuperação de drogados, nas prisões.

Educar é o melhor negócio. Apostar na educação e no jovem é a saída para grande parte dos problemas da sociedade brasileira.

Apostar na educação e no jovem é a saída para grande parte dos problemas da sociedade brasileira.

Creio que isso todos sabemos, pensamos, falamos e prometemos, então por que é tão difícil colocar em prática? Por que é tão complicado manter os jovens na escola? Por que alguns governantes acham que isso é despesa e não investimento?

A educação é a vacina contra a ignorância e a violência. Bem, tem gente que ainda acha que vacina pode matar!

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

O crescimento educacional chinês

A China prepara-se para apresentar-se ao mundo como uma grande potência, aproveitando a vitrine dos jogos olímpicos de Pequim em 2008.

A afirmação do esporte como um meio de divulgação das conquistas nacionais foi um expediente usado por vários outros países no passado, para consolidar sua imagem de progresso e de potência internacional. As olimpíadas são um grande espaço para o esporte, para a demonstração das condições de vida, planejamento, solidez econômica e, sobretudo, de educação de um país.

A China e seus dirigentes sabem muito bem que uma das maiores riquezas de seu território é o capital humano. Nesse sentido, o país está disposto a fazer avanços significativos na área educacional.

Esta nação conta hoje com 556 mil escolas públicas que abrigam crianças e adolescentes e, nos últimos anos, principalmente nas grandes cidades têm proliferado.

Segundo dados da Revista Business Week, são 11 milhões de professores que trabalham na educação de 218 milhões de alunos. Os números chineses são grandiosos e exuberantes, visto que possuem 1.3 bilhões de habitantes. Evidentemente existem muitas diferenças entre as escolas, as regiões e, principalmente, o campo e a cidade. Entretanto, os planos governamentais são ambiciosos, e prevêem se tornarem o país mais educado do planeta.

Em termos universitários, são 1.300 Universidades e 20 milhões de estudantes. Para se ter uma idéia, o Brasil possui cerca de 4 milhões e os Estados Unidos 16 milhões de estudantes universitários.

As universidades chinesas estão cooperando com os principais centros de excelência do mundo e em 25 deles é ensinado o idioma espanhol e em apenas 3 a língua portuguesa.

De qualquer modo, não se pensa em engrandecer o modelo educacional Chinês, mas chama a atenção que nenhum crescimento e desenvolvimento de uma nação ou potência global passa longe do investimento em educação de qualidade ao conjunto da população.

Aproveitando a vitrine dos jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, a China se prepara para mostrar-se como um país onde o esporte, a educação e a cultura estão avançando tão ou mais rápido que sua economia. Em um mundo que se configura como multipolar, nos próximos anos veremos o crescimento do capital humano chinês. O forte planejamento e investimento nessas áreas está transformando a idéia que o mundo possui deste país.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

O tesouro

O Brasil é um país ainda conhecido internacionalmente pelo futebol, pelo café, o carnaval, a beleza de suas terras, gentes, matas, praias, enfim, pela exuberância de sua natureza bela e abundante. Toda essa riqueza e diversidade, entretanto, convivem com uma sociedade que desperdiça muito em todas as áreas. Nós, brasileiros, de modo geral, somos campeões no desperdício e, com isso, jogamos fora parte de nossa riqueza e não compartilhamos dela com aqueles que são mais carentes.

Desperdiçamos comida, nisso somos *experts*, tanto que nossas sobras poderiam alimentar milhões de pessoas necessitadas. Desperdiçamos alimentos e nossa produção agropecuária, que, às vezes, não chega nem a sair do campo, ou sai e fica pelas estradas, nos armazéns ou apodrece pelo caminho, não chega até a nossa mesa.

Desperdiçamos também energia, água, papel, recursos naturais e tempo. Entretanto, o maior desperdício realizado por nós, e aquele que mais prejuízos pode nos trazer, é jogar fora os nossos talentos, a capacidade da nossa gente de criar e transformar.

Calcula-se que por volta de 5% da população jovem do país tenha um potencial para as chamadas altas habilidades, ou seja, superdotada, o que corresponderia a cerca de 3 milhões de jovens e adolescentes com talentos extraordinários. Esse enorme contingente que possui talento, criatividade e habilidades notáveis poderia ser nosso diferencial em áreas como a da educação, da ciência, da medicina, da arte, do esporte, da engenharia e de tantas outras atividades importantes para o desenvolvimento do país.

O que acontece realmente com essas pessoas especiais é que seu talento, sem estímulo, sem escola e sem acompanhamento, acaba não sendo despertado ou, quando aparece, é percebido como problema. É muito comum famílias e escolas não reconhecerem esse potencial dos jovens ou, quando reconhecem, não oferecerem condições para que se desenvolva, levando a maioria dessas pessoas a uma vida medíocre, desperdiçando esse enorme potencial humano de que nosso país desfruta, mas que é desprezado numa velocidade e quantidade muito grandes.

Esse é o maior desperdício que nossa sociedade comete, jogar fora milhões de pessoas que poderiam, com suas capaci-

dades e talentos, estar ajudando a impulsionar essa nação, mas que, por falta de oportunidades, estão sendo desperdiçadas. O maior tesouro de uma nação está esquecido e sucumbe a falta de educação e oportunidades.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Escola e educação doméstica

Existe um clamor em nosso país que reivindica que “lugar de criança é na escola”. Numa nação como a nossa, essa frase é revestida de uma importância singular, pois se sabe da importância da educação para os indivíduos e a as sociedades.

No Brasil, estamos um pouco distantes de realizar essa meta de abrigar com certa qualidade todos aqueles que deveriam estar nas escolas. Infelizmente, lutamos com muitas dificuldades para eliminar o analfabetismo, oferecer escola para todos, reter os jovens nas salas de aula e criar condições de aprendizado e emprego a uma grande parcela da sociedade.

Essa realidade, entretanto, é muito diferente em alguns países que, superando a universalização básica, buscam formas alternativas e mais eficazes de educar. Além da educação a distância e do emprego das novas tecnologias, outro exemplo que merece a nossa atenção é o que está ocorrendo nos Estados Unidos hoje, onde mais de dois milhões de crianças não frequentam escolas, mas são educadas em casa pelos próprios pais.

Cabe destacar que esse direito de educar nos lares americanos é reconhecido legalmente em todos os estados do país e o número de famílias que têm optado por esse tipo de educação é tão representativo que 1 em cada 25 crianças está fora da escola, recebendo educação em casa. Esse movimento tem se tornado tão forte que o número de estudantes domésticos saltou de 850 mil, em 1999, para mais de 2 milhões agora. Além disso, a maioria das Universidades americanas possui políticas próprias para aceitar os estudantes advindos da educação domiciliar.

As famílias que defendem esse tipo de educação argumentam que o ensino doméstico respeita o ritmo individual do aluno, além de que os pais podem efetivamente passar aos filhos os valores que realmente desejam e consideram importantes. Evidentemente, o convívio social e a sociabilidade são prejudicados, mas esse movimento tem ganhado muita força em sociedades onde a formação das pessoas e o nível educacional da população está em patamares superiores e os pais podem oferecer efetivamente uma qualidade naquilo que oferecem aos seus filhos em termos de educação formal. Isso é o que tem acontecido também na Austrália e na Nova Zelândia, onde cresceu muito a educação domiciliar feita pelos próprios pais.

Mais do que um simples modismo anglo-saxão, a educação doméstica parece ser um ato consciente, como separar e reciclar o lixo, economizar energia ou ter uma atitude mais ecologicamente correta. Além disso, virou um negócio que movimentava milhões de dólares ao ano e tem um grande apoio nas tecnologias e nos processos de globalização da informação e das comunicações.

Ainda é muito cedo para nós, brasileiros, imaginarmos essa ação massificada em nosso país, mas parece estar surgindo na educação uma alternativa peculiar de encarar e preparar o futuro.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Simplemente o professor

Hoje é o dia do professor. Nesta data, creio ser importante refletir sobre o papel desse profissional, que vem se transformando ao longo de nossa história e a cada dia renova seu compromisso com as pessoas e com o conhecimento.

O professor, na grande maioria das vezes, é o principal meio que os alunos e a escola encontram para se desenvolver. Essa atividade docente nunca foi de fácil atuação; durante os séculos de nossa história, passou por muitas transformações, mas sempre se exigiu dos mestres uma conduta repleta de modelos e de virtudes, que servissem de exemplos, principalmente aos jovens.

Como em todas as profissões, ser professor determina possuir algumas especificidades inerentes ao seu trabalho. Se olharmos, entretanto, os últimos anos do século XX, perceberemos uma grande modificação na atividade e na atitude dos professores.

Ao longo dos anos 60, o modelo do bom professor enaltecia a construção de uma imagem moral e política que beirava o sacerdócio, o serviço do saber. Com as revoluções culturais e a massificação dos meios de comunicação, nas décadas seguintes, a arte de ensinar passou a ser mais engajada política e socialmente, crescendo a preocupação e a ação social dessa atividade.

Ao final do século e na virada desse novo milênio, começou a aparecer, com muita força, a figura do professor profissional, ou seja, aquele menos ligado nos movimentos sócio-políticos e mais preocupado com a sua carreira e a de seus alunos, além da autonomia de seu trabalho. Por outro lado, exigem-se do mestre uma maior preparação profissional e uma grande dose de realismo prático.

Dentro desse quadro simplificado colocado, o que será que está reservado para o professor e a educação nesse século XXI? Certamente um mundo mais fragmentado, dinâmico e diferente dos modelos tradicionais. A atividade do professor enche-se de uma necessidade de formação mais pragmática de seus alunos e uma escola mais equipada e aberta ao mundo.

Entretanto, creio que esteja em curso, também, a transformação da própria sociedade e da família que, em muitos casos, acaba abrindo mão da educação de seus filhos, passando essa responsabilidade à escola. Finalmente, hoje, a profissão do pro-

fessor exige muita prática reflexiva e envolvimento com os alunos, a escola e as comunidades. O ato de ensinar liga-se ao de aprender, ao de ver as pessoas crescer e se transformarem, ao ato de amar e compartilhar emoções, valores e crenças, de ver o mundo melhorar.

O sucesso do trabalho do professor hoje, e no futuro próximo, está em parte ligado ao resgate de elementos de seu histórico passado, aliado a uma necessidade de reinventar-se, a cada dia, sendo, simplesmente, o professor.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Desperdício

O Brasil é um país que, por suas riquezas naturais em abundância, comete os maiores desperdícios em todas as áreas. Nós, brasileiros, de modo geral, somos campeões no desperdício e, com isso, jogamos fora parte de nossa riqueza e não compartilhamos dela com aqueles que são mais carentes.

Desperdiçamos comida, nisso somos *experts*, tanto que nossas sobras poderiam alimentar milhões de pessoas necessitadas. Desperdiçamos alimentos e nossa produção agropecuária, que, às vezes, não chega nem a sair do campo, ou sai e fica pelas estradas, armazéns ou apodrece pelo caminho, não chegando até a nossa mesa.

Desperdiçamos também vidas humanas, energia, água, papel, recursos naturais e tempo. Entretanto, creio, firmemente, que o maior desperdício realizado por nós, no Brasil, seja aquele que mais prejuízos pode nos trazer, ou seja, o de jogar fora os nossos talentos.

Calcula-se que por volta de 5% da população jovem do país tenha um potencial para as chamadas altas habilidades ou, como comumente são referidos pela sociedade, seja superdotada. Se realizarmos um cálculo superficial, levando-se em conta que o Brasil possui 60 milhões de jovens e adolescentes, esses talentos seriam cerca de 3 milhões. Nesse grupo ainda existem aqueles que têm mais habilidades e dotes excepcionais e que seriam aproximadamente 350 mil supertalentos cidadãos.

Esse enorme contingente que possui talento, criatividade e habilidades notáveis poderia ser nosso diferencial em áreas como a da educação, da ciência, da medicina, da arte, do esporte, da engenharia e de tantas outras atividades importantes para o desenvolvimento do país.

O que acontece realmente com essas pessoas especiais é que seu talento, sem estímulo, sem escola e sem acompanhamento, acaba não sendo despertado ou, quando aparece, é percebido como problema.

É muito comum famílias e escolas não reconhecerem esse potencial dos jovens ou, quando reconhecem, não oferecerem condições para que se desenvolva, levando a maioria dessas pessoas a uma vida medíocre, desperdiçando esse enorme po-

tencial humano que nosso país desfruta, mas que desperdiça numa velocidade e quantidade muito grandes.

De outro lado, temos também uma realidade difícil para mais de 7 milhões de jovens que estão fora da escola e do mercado de trabalho. Essas pessoas também estão sendo desperdiçadas nesse descarte prematuro, a sociedade reserva a essa massa uma vida sem oportunidades, com falta de perspectiva de futuro e mesmo a delinqüência e o crime.

Esse, a meu ver, é o maior desperdício que nossa sociedade comete, jogar fora milhões de pessoas que poderiam, com suas capacidades e talento, estar ajudando a impulsionar essa nação, mas que, por falta de oportunidades e compreensão, estão sendo desperdiçadas.

Esse é o maior tesouro de uma nação, sendo ovacionado quando aparece e se destaca como algum fenômeno, mas que normalmente está esquecido e sucumbe a falta de oportunidade perversa de nossa sociedade.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

A experiência uruguaia

Muitas vezes, quando pensamos no Uruguai, nosso país vizinho, imaginamos apenas um país com uma pequena população, uma capital envelhecida e uma praia chamada Punta del Este, onde se pode jogar no Casino do Hotel Conrad.

Quase sempre, ligamos o Uruguai a produtos como carne, leite e queijos de boa qualidade, quem sabe, também, ao vinho Tanat. De um modo geral, sabemos das dificuldades dos uruguaios e do êxodo de sua população jovem, que sai de seu país em busca de trabalho e oportunidades.

De toda forma, o Uruguai é uma bela nação, com uma tradição na sua educação e que luta para criar condições de fixar seus jovens e fazê-los prosperar junto com o país. Na esteira desse processo, o governo uruguaio foi o pioneiro a assinar com a fundação internacional sem fins lucrativos *One Laptop per Child* (Um Laptop por Criança) – OLPC.

Com esse convênio, o país está comprando 100 mil computadores XO a um preço de US\$ 199,00 para seus alunos e até o ano de 2009 pretende comprar mais 300 mil máquinas. Com esse plano, o governo espera entregar a cada aluno entre 6 e 12 anos um computador básico, para que ele realize suas tarefas e tenha um desempenho melhor na escola, nesse mundo cada vez mais globalizado e repleto de novas tecnologias. Desse modo, havendo uma maior qualificação das pessoas e uma melhoria das oportunidades de trabalho e criação de renda no país, o governo espera evitar o êxodo e aumentar a qualificação nacional.

Esse projeto de um computador por criança foi lançado em 2005, por Nicholas Negroponte, professor do Massachusetts Institute of Technology – MIT, e tem a pretensão de reduzir a divisão digital entre países em desenvolvimento, criando uma máquina de baixo custo e de uso prático e simples. Esse computador, além de preço acessível, foi projetado especialmente para crianças e possui acesso à internet, um software para a realização de desenhos, um editor de texto básico, uma tela de boa qualidade, que pode ser vista mesmo com a luz do dia, uma webcam e alguns jogos. Além disso, o computador é também adaptado ao uso em ambiente rural, projetado para ter um baixíssimo consumo de energia. Cabe destacar que possui, também, um apelo ecológico, pois sua bateria pode ser recarregada com energia solar ou com

um pequeno dínamo movimentado com o pé, que produz energia e carrega a bateria.

Essa pioneira experiência uruguaia poderia ser repetida em muitos de nossos municípios e os resultados dessa qualificação digital das crianças seria rapidamente percebida. Evidentemente, não adianta apenas colocar um computador na mão das crianças, mas, juntamente, deve-se desenvolver ações que despertem sua criatividade e formação dos professores e alunos. De todo modo, é uma ação extremamente inovadora.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Amor à escola

Nove entre dez pessoas quando perguntadas apontam a educação como um dos elementos mais importantes na sociedade. De certo modo, a maioria reconhece o valor e a importância da educação na vida das pessoas e a relação direta que se estabelece entre ela e o desenvolvimento das sociedades. Sendo isso uma verdade, por que alguns governantes tratam desse importante aspecto com tanta displicência. Ou, ainda, como é possível atos de vandalismo, roubo e destruição em escolas que estão funcionando e atendendo à população?

Esse parece não ser um fenômeno apenas brasileiro, tanto que em Portugal o governo quer incentivar o amor à escola e o aumento da confiança dos pais e professores na educação e na própria instituição. Para tanto, está incentivando a participação das famílias no acompanhamento das atividades dos alunos e no cotidiano escolar. Como no Brasil, muitos pais portugueses acham que entregando os filhos à escola estão transferindo aos professores e à instituição a tarefa integral de educar e de formar o cidadão.

Esse país europeu, assim como outros no mundo, está re- vendo posições e fazendo a sociedade participar e interagir nesse processo tão importante para as nações. Ainda em Portugal, os professores também ensaiam uma reação. Em um caso que chamou a atenção, um professor de 21 anos percorreu o país de bicicleta; pedalando por duas semanas, ele procurou denunciar as más condições da educação lusitana.

Enquanto isso, na China, a preocupação e o envolvimento da família são tamanhos que centenas de pais dormiram em um ginásio de esportes somente para poder acompanhar o primeiro dia de aula de calouros de uma Universidade chinesa. O fato ocorreu na Universidade de Wuhan, na província chinesa de Hubei. Diante dessa necessidade e interesse dos pais dos jovens universitários, a Universidade disponibilizou o ginásio esportivo e 350 colchonetes.

As realidades da China e de Portugal parecem tão distantes e diferentes, entretanto, o que as aproxima é a mobilização dos pais, dos professores, das instituições e da sociedade frente aos problemas e desafios com que a educação se depara nesse início de novo século. Certamente, a escola deve transformar-se,

assim como acontece com a sociedade, mas o que deve permanecer, e ser ampliado, é a necessidade do envolvimento dos pais e das famílias nesse processo educacional.

Não é possível transferir responsabilidades, mas compartilhá-las. Pense nisso quando seu filho sair de casa para ir à escola ou à Universidade, ou, se não puder, quando ele retornar de suas atividades.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Olhando o futuro

O futuro é aquele lugar sobre o qual pensamos, fazemos planos e com o qual passamos grande parte do tempo preocupados. Embora nunca estejamos lá, dele depende parte de nossa felicidade e realização no presente, tanto que é capaz de transformá-lo de tal forma que operamos mudanças hoje pensando no seu desdobramento e constituição.

Nossa preocupação com o futuro, as projeções e o entendimento de como será a vida das pessoas, dos países, das organizações e das empresas é crucial para que nosso projeto de vida se constitua. Bem provavelmente, ele operará mudanças significativas em todas as áreas; os empregos serão outros, novas atividades surgirão e outras desaparecerão. Dizem os especialistas que a maioria das profissões de sucesso e destaque no futuro ainda não foi inventada e que muitas atividades deverão surgir de novas necessidades que desenvolveremos na sociedade.

Assim também acontecerá com as empresas e os produtos, pois muitos dos que hoje são fundamentais deixarão de ser ao longo dos próximos anos. Esse fenômeno é mais perceptível naqueles produtos tecnológicos e de consumo, por exemplo, basta lembrar que os telefones fixos já foram investimento declarável no imposto de renda e fonte de receitas de aluguel dos aparelhos. Atualmente, cada vez mais perdem espaço para a mobilidade dos celulares e há muito tempo deixaram de representar uma oportunidade de renda.

Nesse movimento rápido da sociedade contemporânea, global e de consumo, desaparecem rapidamente profissões, produtos, empregos e empresas, mesmo que muitas vezes achemos inacreditável que isso possa ocorrer em um curto espaço de tempo.

Esse fenômeno também se aplica às escolas e universidades, que cada vez mais deverão repensar a sua atividade e, mais do que adaptar-se, ser um diferencial para a preparação desse futuro. Na verdade, não haverá espaço para a organização que se preocupar em repetir conteúdos. O que se torna imperativo é a necessidade de os segmentos de educação repensarem sua atuação e trabalharem fortemente na ajuda aos alunos na seleção de opções, dando um andamento objetivo a sua formação, com a incorporação definitiva da descoberta e da pesquisa como princípio educativo. Nesse ambiente desafiador, a escola e os

professores passam também a ter um papel de gerenciadores das curiosidades dos alunos.

A escola continuará desempenhando um papel estratégico no futuro, desde que passe a agir como um elemento de formação não preocupado apenas com a reprodução do conhecimento, pois esses se encontram disponíveis de várias formas, muitas vezes de maneira abrangente e misturadas com o lixo cultural, mas também de forma agradável e interativa. Como todas as organizações, a escola e os professores precisam que o futuro aconteça hoje.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Ler, escrever, pensar e agir

O Brasil, embora tenha universalizado o ensino básico, ainda é um país com milhões de analfabetos. Essa não é nenhuma nova informação, mas saber que boa parte dos analfabetos brasileiros com mais de 15 anos já frequentaram alguma vez uma escola, isso sim é novidade. Nosso país ainda possui quase 5 milhões de pessoas que não sabem ler e escrever, apesar de terem frequentado a escola.

Desse contingente de analfabetos que passou pela escola, a maioria chegou a completar um ano de estudos, mas ao sair continuava na mesma triste situação de analfabetismo. Um dos motivos mais relevantes para isso foi o abandono dos estudos antes de completar adequadamente o processo de alfabetização; muitas vezes pela necessidade de trabalhar, fato que se destacou mais nas áreas rurais do país. Não basta, pois, colocar os analfabetos na escola para que esse problema seja eliminado.

É grave também o fato de que muitas pessoas que passaram pela escola e se alfabetizaram depois de algum tempo voltem ao analfabetismo, regredindo pela falta de estímulos e hábitos da leitura. Ainda fazemos pouco em nossos locais de trabalho e exigimos uma pequena qualificação das pessoas e, assim sendo, temos uma parcela de responsabilidade na atual situação nacional.

Alguns dados indicam que quase 30% dos trabalhadores do país não precisam da leitura e da compreensão de textos para executar suas funções profissionais. Essa pouca exigência não é muito estimulante para o crescimento das pessoas e a superação do analfabetismo e do analfabetismo funcional, que é aquele em que o cidadão pode saber decodificar, mas tem dificuldades de entender o que foi lido, ou seja, acaba não incorporando aquela informação ou aprendizado.

Desse modo, quanto mais as comunidades se mobilizarem para criar programas e promover a educação continuada, mais resultados positivos teremos para os indivíduos e a coletividade. A leitura deve ser incentivada como um hábito diário, que, além de abrir as janelas para o mundo, serve para capacitar constantemente as pessoas e a sociedade.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Revolução de conceitos

Várias transformações são esperadas em nossa sociedade neste novo milênio que se aproxima. Entre elas, temos as sociais, colocando todos os indivíduos em condições dignas de existência, as tecnológicas, facilitando a vida das populações, as da saúde e de infra-estrutura, além de tantas outras.

Entretanto, mais uma vez se coloca que a base de todo esse processo de mudanças tem uma raiz comum: a educação. Sem ela, as demais mudanças serão superficiais, elitistas e condenadas a se manterem no discurso e não na prática. A educação, ou o acesso a ela, se coloca em nosso país como o maior e, talvez, principal desafio dos próximos anos. Essa tarefa possui diferentes formas de ser encarado e tratado.

Existem diversos tipos de problemas que somente com um tratamento diferenciado podem evoluir e ser superados. Entretanto, será necessário encarar o processo educacional por uma nova ótica, com uma postura inovadora e com metodologias de trabalho altamente criativas e arrojadas.

O novo século que se descortina mais do que uma criação numérica, pressupõe uma nova relação com a vida, a cultura, a tecnologia e, porque não, com a educação. Novos valores impregnaram nosso mundo e não cabe aqui discutir se são bons ou não, mas estão surgindo por todos os lados e de todas as formas.

Este colossal processo de mudanças é tão violentamente rápido que está mexendo com a cabeça de pais, alunos, educadores e da sociedade em geral. Aqueles conceitos, valores e paradigmas que muitos tinham como duráveis e até dogmáticos estão sendo degradados e mudados com muita pressa.

Assistimos um mundo cheio de fórmulas ao invés de grandes teorias; enxergamos transformações globais e efeitos rapidamente locais; temos a desconfortável sensação de que as barreiras mundiais caem e nós ficamos mais expostos, mas, ao mesmo tempo, mais individualistas e nos sentindo impotentes e sozinhos. A roda da vida está girando mais rápido nesses tempos e parece que tão logo não vai diminuir a marcha.

Estas e tantas outras modificações que experimentamos e que experimentaremos provocam em todos, especialmente nos educadores, uma profunda sensação de desconforto. A tarefa de

ensinar apresenta-se cada vez mais associada à de aprender. Em um mundo dinâmico, a associação entre ensinar e aprender se torna mais delicada e intrínseca.

Os avanços científicos e as tecnologias resultantes dessa evolução proporcionam o conjunto da sociedade possibilidades antes inimagináveis de aprender, encontrar descobrir e, mais do que tudo ensinar e inovar. Neste contexto, creio firmemente que um dos novos paradigmas da educação deste novo século seja o aprofundamento extremado da aproximação entre ensino e o aprendizado, ou seja, o ensino e a pesquisa.

INOVAR – Cada vez mais se configura como necessidade buscar novos conhecimentos, descobrir, inovar, criar. Esses movimentos por sua vez são alimentados, por um lado, pelo rápida expansão de novas e revolucionárias descobertas e, por outro, pela facilidade de acesso a estes conhecimentos, por exemplo, pela rede mundial de computadores, a internet.

Entretanto, toda essa informação pouco valor terá se não for analisada e filtrada, aí entra o importante papel da escola. Se até alguns anos atrás a informação, ou a escola informativa teve seu sucesso, agora, mais do que antes, estará com seus dias contados, pois essa informação brota com uma fúria vertiginosa através de várias mídias, chegando de forma surpreendentemente rápida à sociedade.

Aqui temos um grande desafio, que é manter a capacidade criadora e inovadora de nossa sociedade e atender uma formação que não seja apenas informativa, mas que impulse cada vez mais os processos educacionais para a vanguarda da criação do conhecimento e da experiência real e que coloque a escola e o aluno em contato não apenas com o pronto e acabado, mas com uma prática existencial e transformadora.

Este pode parecer um discurso repetitivo para alguns, entretanto as barreiras para introduzi-lo estão nas mentes de educadores, alunos, empresários e de grande parte da sociedade. Se atualmente sentimos essa dificuldade de mudar, modernizar e inovar os processos educacionais e sua estrutura poderemos pagar um preço alto na formação de nossos jovens em todos os níveis.

Estes processos a muito vêm sendo estudados e aplicados mundo afora e, quanto mais tempo levamos para analisá-los e adaptá-lo a uma cultura e objetivos, maior será o fosso que nos

separa daquelas sociedades que investem na produção de idéias e de conhecimento. Estamos penetrando em um novo século, numa era de conhecimento e de inovação e, a dependência da criação intelectual será mais perversa do que a de produtos industrializados que assistimos nos séculos 19 e 20.

A dependência criativa e tecnológica pode abrir um fosso ainda maior entre as sociedades do hemisfério Norte que adquiriram uma alta qualidade de vida e um padrão de educação e sociedades como a nossa, que ainda se debatem entre epidemias tropicais, falta de planejamento e de desigualdades sociais.

Temos que trabalhar muito para que possamos, além de produzir materialmente, produzir intelectualmente e cientificamente. Para tanto, devemos aproveitar as novas descobertas e os conhecimentos gerados, assim como uma certa universalização desse saber criado pela internet e outras facilidades tecnológicas para transformar a comunidade em que estamos inseridos.

Devemos trabalhar cada vez mais para uma aproximação da escola com as reais necessidades da sociedade. Aproximar de forma organizada e definitiva os setores produtivos dos segmentos educacionais, desenvolvendo com coragem e empenho novas idéias e tecnologias que atendam as necessidades locais e também possam ser difundidas.

SONHO – Este parece um sonho impossível, na medida em que os modelos organizacionais e as estruturas de funcionamento das organizações e dos indivíduos não acreditam nas parcerias e na aproximação entre os agentes sociais. Ensinar e aprender é fundamental em todos os níveis e imprescindível em sociedades como a nossa, onde existe um grande potencial humano, natural e um parque industrial e universitário consolidado.

Nesse sentido, um dos setores mais desafiados nesse milênio que se aproxima é o educacional. Primeiro pela mudança que a educação pode introduzir e, segundo, pela necessidade dele também de transformar. Esta continuada renovação também é fundamental para sua valorização e fundamental para a transformação social. Sem ela estaremos embarcando em um novo século com velhas formulas e, mais do que tudo, vivendo um novo mundo com velhas idéias.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2000.

Devemos trabalhar cada vez mais para uma aproximação da escola com as reais necessidades da sociedade

O PROUNIRS e o futuro

O futuro é aquele lugar sobre o qual pensamos, fazemos planos e com o qual passamos grande parte do tempo preocupados e dele depende parte de nossa felicidade e realização no presente.

Nossa preocupação com o futuro, as projeções e o entendimento de como será a vida das pessoas, dos países, das organizações e das empresas é crucial para que nosso projeto de vida se constitua. Bem provavelmente, ele operará mudanças significativas em todas as áreas; os empregos serão outros, novas atividades surgirão e outras desaparecerão, provavelmente, grande parte das profissões de sucesso e destaque no futuro ainda não foi inventada, além do que, novas atividades deverão surgir de necessidades que desenvolveremos na sociedade.

Assim também acontecerá com as empresas e os produtos, pois muitos dos que hoje são fundamentais deixarão de ser nos próximos anos. Esse fenômeno já é perceptível naqueles produtos tecnológicos e de consumo, por exemplo, os telefones fixos já foram investimento declarável no imposto de renda e fonte de receitas de aluguel dos aparelhos. Atualmente, cada vez mais perdem espaço para a mobilidade dos celulares e há muito tempo deixaram de representar uma oportunidade de renda.

Nesse movimento rápido da sociedade contemporânea, global e de consumo, desaparecem rapidamente profissões, produtos, empregos e empresas, mesmo que muitas vezes achemos inacreditável que isso possa ocorrer em um curto espaço de tempo.

Esse fenômeno também se aplica às escolas e universidades, que cada vez mais deverão repensar a sua atividade. Nesse ambiente desafiador, elas continuarão desempenhando um papel estratégico no futuro. Nesse contexto, analisar e planejar a expansão das carreiras profissionais e das necessidades atuais e futuras de formação se torna estratégico para a sociedade gaúcha, especialmente que experimentamos uma expansão das atividades industriais e de serviços com mais necessidade de qualificação.

Pensar que a formação de pessoas é um processo de média duração nos faz acreditar que a criação e o lançamento do PROUNI/RS, no âmbito do Pacto gaúcho pela Educação Profissionalizante, Técnica e Tecnológica, cria condições de orientar um desenvolvimento econômico, social e profissional mais sustentável e que preconiza um planejamento da formação superior no Estado. Ele servirá não

apenas para atender a um mercado de trabalho atual e futuro, mas também para proporcionar uma formação de qualidade em áreas de necessidade estratégica para o Rio Grande.

Texto originalmente publicado no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre/RS, no ano de 2012.

5

**EMPREGO E
TRABALHO**

Qual será o medo?

Alguns sentimentos são comuns a todos os seres humanos. Dentre eles, podemos citar o medo, que nos acompanha desde o início de nossa existência. Claro que nessa caminhada esse sentimento é experimentado, conforme a fase da vida, por motivos diferentes: na infância, por exemplo, temos medo do bicho papão, do papai Noel e do escuro; na vida adulta, livramo-nos de alguns, mas, em compensação, incorporamos outros, o que parece não ser algo individual, mas um sentimento coletivo que assola igualmente grupos de diversas regiões, culturas, faixas etárias e até mesmo nações.

Refletindo sobre nossas vidas, podemos imaginar que nossos maiores medos hoje sejam a saúde, a violência urbana, a morte, as drogas, a corrupção, a destruição da natureza, a falta de esperança e expectativas, além da vida dos filhos, do rebaixamento do seu time de futebol ou do campeonato do rival, entre outros.

Entretanto, serão esses, de fato, os medos dos brasileiros? Certamente os exemplos citados figuram com certo grau de importância, mas qual será, de fato, nosso maior medo? Há alguns anos, era o desemprego, que chegou a ser apontado pelos brasileiros como o maior de todos os males. No Brasil, entre 2006 e 2007, 60% da população consideravam a perda do emprego como o grande problema e tinham medo desse fantasma que assolava a economia do país. Esse medo, cabe destacar, assolava, nesse mesmo período, outros 42 países espalhados pelo mundo.

Atualmente, basta olharmos ao nosso redor e perceberemos que nossa realidade se transformou. Olhando os indicadores sociais e econômicos, os índices de consumo e o número de brasileiros com carteira assinada, parece que esse temor arrefeceu muito, claro que não desapareceu, mas basta circular pelas nossas cidades e pela região e ver que o emprego, em certa medida, voltou.

O emprego talvez não ande mais escasso. No entanto, e cada vez mais, deve-se pensar na qualificação para a sua manutenção. Conseguido o emprego, não é hora de se acomodar, mas de se capacitar e procurar evoluir, o que faz diminuir a tensão e aumentar as expectativas de futuro das pessoas em geral. Assim sendo, quais serão, realmente, os nossos medos atualmente?

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

O primeiro emprego

Atualmente, está cada vez mais difícil conseguir um emprego, muito mais, ainda, quando se trata da primeira vez que um jovem vai ao mercado de trabalho.

Entretanto, na outra ponta da faixa etária acontece o mesmo, com as pessoas de mais de 45 anos, com ou que encontram uma dificuldade enorme em conseguir um novo emprego. Em parte, esse fenômeno é pressionado pelo exército de novos pretendentes, pela necessidade de uma maior capacitação e, especialmente pelo valor do salário que se paga. Um novo candidato a trabalho tem, também, um salário significativamente melhor do que aqueles que estão há anos no mercado.

Em se tratando de primeiro emprego, uma pesquisa do Datafolha, realizada na Grande São Paulo, revelou que o quesito mais valorizado pelas empresas, ao recrutarem os jovens para seu primeiro emprego, é a vontade de trabalhar. Esse foi o aspecto mais relevante em 86 % das empresas pesquisadas.

Em segundo lugar, houve uma valorização, por parte das empresas, também dos seguintes pontos: grau de escolaridade; clareza e objetividade do currículo; boa imagem e apresentação; conhecimentos em informática; uma recomendação pessoal por alguém da própria empresa; ser bom aluno na escola; ter atuado como voluntário em projetos ou programas sociais e, finalmente, dominar outros idiomas.

Claro que uma pesquisa realizada no estado de São Paulo, um centro de economia diversificada e pontilhada de empresas multinacionais, não se aplica diretamente ao nosso quadro empresarial local.

Também deve ser levado em conta que, acima de tudo, devem existir as vagas para serem preenchidas, e em nossa região, tornam-se cada vez mais escassas.

De toda forma, em momentos de crise de empregos e vagas de trabalho mais disputadas, esse deveria ser o momento das pessoas, especialmente os jovens e os com mais de 45 anos, se qualificarem melhor. Juntar pré-condições de disputar poucas vagas e, quando elas aparecerem, ter mais condições de encarar o novo desafio.

Por isso, esse ranqueamento é importante para que os pretendentes “se liguem” na percepção que as empresas têm dos candidatos. Acima de tudo, é preciso ter uma grande vontade de trabalhar e progredir na carreira, um brilho nos olhos e uma “gana” de avançar, seja qual for a primeira oportunidade.

Em tempos difíceis como os atuais, é difícil dizer o que deve ser feito, uma vez que as dificuldades são muitas, mas dar uma olhada no que as empresas enxergam pode ser uma boa iniciativa.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

O mundo não vai acabar, apenas mudar

O tempo e a história são implacáveis, avançam impiedosamente sobre as pessoas, culturas, impérios e também sobre as profissões. Já se foi a época em que as pessoas tinham seus nomes associados a sua profissão, apesar de essa importância cultural poder, ainda, ser percebida em muitos de nossos nomes; basta olharmos para os sobrenomes de alguns de nós e já verificaremos essa ligação entre o nome e o ofício.

Se depender da nossa evolução, essa prática, já em desuso, vai sofrer um grande impacto, que será a extinção de grande parte das profissões e ofícios que temos hoje. Há alguns anos, tenho me dedicado a escrever sobre isso, pois, a cada ano, as mudanças no mundo do trabalho tornam-se mais latentes e profundas. Parece que esse fenômeno não é local, mas global.

Atualmente, o mundo possui aproximadamente 5.000 profissões que já estão sofrendo uma forte transformação. Alguns ofícios, entretanto, tais como o de médico, enfermeiro, professor, entre outros, devem permanecer, mas, evidentemente, sofrerão uma forte alteração nos seus modelos de atuação, transformando muito o modo como esses profissionais exercem hoje suas profissões.

Por outro lado, com o advento das novas tecnologias e as mudanças no modo de vida e da sociedade do século XXI, vão surgir novas profissões. Estima-se que, em 20 anos, cerca de 25% da população do planeta estará exercendo atividades profissionais que ainda nem existem hoje. Esse processo está fazendo com que repensemos nosso presente e olhemos o que o mundo contemporâneo nos oferece.

O futuro, que não podemos chamar de amanhã, visto a enorme velocidade com que se aproxima, assim sendo, é o lugar onde o domínio de diferentes línguas, informática, tecnologia e gestão de pessoas e processos serão habilidades importantes e definidoras nas atividades profissionais e no sucesso dessas carreiras.

Este mundo, chamado por muitos de sociedade do conhecimento, será o lugar das oportunidades àqueles que desenvolverem atividades em setores de produção de conheci-

mento, um excelente campo para educadores, engenheiros, empreendedores, consultores e técnicos especializados.

O mundo não vai acabar, nem todas as profissões vão desaparecer ao mesmo tempo. Todavia, especialmente os jovens que estão em busca de uma atividade profissional e aqueles que estão na meia vida de suas carreiras devem pensar seriamente em seu futuro e na sua profissão.

Um bom emprego hoje não é garantia de futuro, isso se dará com a atualização e a busca de novos conhecimentos, ou seja, com a utilização da ferramenta principal desse novo milênio, o conhecimento.

Nesse sentido, a educação, cada vez mais, adquire um papel determinante na construção do futuro e na operação das mudanças, inclusive no campo pessoal. A necessidade de reinventar-se a cada momento parece que domina esses novos anos e cada um de nós presencia as mudanças e reage a elas de forma diferenciada.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Um bom
emprego hoje
não é garantia
de futuro

Oferta de emprego

Um dos setores da economia que mais cresce, e vai continuar crescendo e oferecendo oportunidades de emprego, é o de tecnologia, mais precisamente o da tecnologia da informação - TI. Esse segmento profissional é um dos que mais contrata atualmente e, nos próximos anos, não deve ser diferente, pelo contrário, deve ampliar, e muito, o número de postos de trabalho. Está aí uma boa dica para aqueles que estão cursando ou pensando em entrar em cursos superiores nessa área.

Também as áreas de engenharias possuem um grande potencial, pois empresas como Petrobras e todo o segmento de petróleo, gás, extração, refino e distribuição de derivados possuem uma grande carência de profissionais que, se não forem formados e contratados no país, terão que vir do exterior, especialmente da Índia, onde se formam 60.000 engenheiros todo o ano. É a globalização dos empregos para atender mercados internacionais e as carências profissionais.

Em algumas regiões do país, inclusive no Rio Grande do Sul, sobram vagas nas áreas de engenharia e de TI, pois faltam pessoas qualificadas para preencher as ofertas de trabalho. Ouvindo as empresas e os profissionais no Rio Grande do Sul, as maiores e melhores oportunidades em TI estão na área do software, que absorve mais de 70% dos profissionais de TI.

O que fomenta ainda mais esse mercado e alimenta a busca por profissionais é o volume de, em 2005, US\$ 28 bilhões movimentando a tecnologia da informação somente na América Latina e com a previsão de que esses números cheguem, em 2009, a 39 bilhões por ano.

Aliás, as áreas de tecnologia, especialmente as de TI, são responsáveis pela criação de novos empregos e empresas, sendo altamente empreendedoras; basta olharmos o crescimento de áreas como telefonia móvel, correio eletrônico, integração de sistemas e gestão, games, multimídia, dados, áudio e vídeo. Essa área de tecnologia é uma das que mais emprega e cria postos de trabalho, mas é preciso ter capacitação técnica e domínio do inglês, ou seja, é uma atividade especializada e que prescinde formação pessoal. Assim sendo, como todas as ofertas profissionais nesse século XXI, em plena era do conhecimento, vai ser preciso qualificação dos pretendentes a esses empregos. Uma

qualificação, diga-se de passagem, cada vez mais exigente e muito além do saber técnico.

A sociedade do conhecimento cobra dos que estão ingressando no mundo do trabalho que sejam integrados ou “plugados”. Além disso, é necessária uma constante renovação do que foi aprendido, num ciclo contínuo e infinito de aprendizado, uma vez que nosso mundo renova seu conhecimento numa velocidade nunca antes experimentada pela humanidade, o que exige esforços diferenciados ao longo de nossa vida.

A obsolescência é grande e a inovação é permanente nesse mundo atual. Não se trata disso ser bom ou ruim, é apenas o modo como se comporta o movimentado e dinâmico processo de nossa civilização.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Jovens e emprego

Vivemos, nos dias de hoje, uma combinação explosiva. Por um lado, uma tímida atividade econômica nacional, marcada por um pequeno crescimento da atividade produtiva que beira a recessão, e a necessidade das empresas tornarem-se cada vez mais enxutas e seletivas em suas contratações, buscando uma maior competitividade no mercado; por outro lado, a existência de um grande contingente de jovens sem experiência profissional, impossibilitados de pleitear as poucas vagas que se abrem.

A reunião deste e de outros fatores têm como resultado, aproximadamente, 8 milhões de indivíduos, na faixa etária entre 18 e 24 anos, sem ocupação profissional. Destes, 3,5 milhões estão em busca de um emprego, tendo muita dificuldade de encontrá-lo. Estes dados significativos são do próprio Ministério do Trabalho e do Emprego, preocupado com essa explosiva situação.

Paradoxalmente, o grande problema alegado para a contratação destes jovens, além da retração da atividade econômica, é a falta de experiência profissional. Sem acesso ao mercado de trabalho por falta de experiência, que nunca terão, grande parte deles, conseqüentemente, permanecerá à margem do trabalho dito formal. Cria-se aí um grande dilema e gargalo social.

Quem não possui experiência não consegue acessar seu primeiro emprego e fazer sua estréia no mundo do trabalho formal. Muitos destes jovens, por estudarem em escolas de ensino médio ou cursos universitários, conseguem vencer esta barreira inicial através de estágios, que são um trampolim para um emprego futuro. Mas a grande maioria não terá a mesma sorte.

Não devemos pensar simplesmente que o problema está nos jovens e na sua inexperiência, mas sim, refletir sobre a falta de oportunidades e o desenvolvimento econômico. Os programas de estágio em empresas, as políticas públicas como o "Programa Primeiro Emprego", o estímulo ao empreendedorismo e a abertura de linha de micro crédito podem amenizar o problema, integrando uma parcela destes jovens ao mundo do trabalho. Estima-se que, de cada duas pessoas desempregadas no Brasil, uma seja jovem.

O problema é sério e atinge toda uma geração. Os reflexos são perversos e podem ser presenciados, diretamente, em nos-

sas comunidades através do aumento da criminalidade, consumo de drogas, desesperança, baixo poder de consumo entre outros problemas sociais. Cabe-nos refletir e agir em busca de um crescimento econômico capaz de integrar os jovens ao mercado de trabalho, garantindo seu acesso e mantendo a empregabilidade dos que já estão trabalhando, especialmente, pessoas acima de 45 anos.

Não creio em soluções mágicas, mas somente na retomada de uma atividade econômica considerável, combinada com políticas públicas permanentes e uma melhor qualificação dos jovens através de processos educacionais de qualidade. Isto poderá garantir o pleno emprego; este, hoje em dia, cada vez mais difícil de encontrar.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Capacitação e emprego

Desde a década de 1990, a Secretaria do Trabalho dos Estados Unidos da América, espécie de Ministério do Trabalho, vem desenvolvendo estudos sobre o futuro do emprego e das profissões na América do Norte e em economias desenvolvidas.

Segundo as projeções americanas, haveria ao longo do final do século XX uma profunda modificação nas relações emprego/profissão, produto das mudanças tecnológicas e da decadência mundial do setor industrial como carro-chefe das economias mais avançadas. Essa análise chegava a apontar algumas profissões que se tornariam obsoletas ou que sofreriam profundas alterações nos próximos anos nestas economias.

O que se percebe hoje no Brasil, é que este estudo norte americano, muito rapidamente, está se aplicando ao nosso país, onde algumas profissões estão desaparecendo ou passando por uma transformação profunda, mesmo aquelas que exigem uma maior especialização e capacitação.

Um alerta dessas transformações foi dado pelo estudo anunciado por especialistas de recursos humanos do país que apontaram uma baixa qualificação educacional de muitos dos candidatos a empregos e estágios no Brasil. A especialista paulista Sofia Esteves do Amaral, é um dos muitos exemplos brasileiros, somente ela em sua consultoria acompanhou 180 mil currículos de jovens universitários que estavam disputando 872 vagas em empresas brasileiras.

Para se ter uma idéia do volume e da concorrência aos postos de trabalho, apenas uma das empresas recebeu 20 mil currículos para preencher suas vagas, o que fez com extrema dificuldade, tendo inclusive que reavaliar seus requisitos. De um modo geral, nos programas de estágio monitorados pela consultora, apenas 0,65% dos candidatos foi aprovado, enquanto para as contratações esse número foi ainda menor, 0,16% aprovados.

Por incrível que possa parecer, um país onde as oportunidades de trabalho se tornam cada dia mais difíceis, sobram vagas não preenchidas pelos candidatos que disputam o seu preenchimento. Grande parte desse imenso contingente foi eliminado logo na primeira leitura de seus currículos, pois não possuíam uma boa base escolar, faltava-lhes conhecimentos em inglês, informática,

experiência em empresas juniores e atividades extra-curriculares na Universidade.

Ficaram desse processo todo, alguns ingredientes fundamentais para que possa haver um melhor desempenho profissional, ter um sonho e clareza no que busca; investir em si mesmo e na sua formação; aproveitar todas as oportunidades, por menores que possam parecer; ser humilde e ter vontade de aprender; finalmente, se preparar a cada dia para as mudanças que ocorrem, se capacitando constantemente para entender as mudanças.

Bem, parece que isso não está acontecendo de modo geral, pois o resultado foi que 180 mil currículos de jovens universitários não preencheram 872 vagas em empresas brasileiras.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Criando postos de trabalho

Um estudo apresentado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, realizado com 41 setores da economia brasileira, demonstra que os investimentos em serviços são aqueles que criam mais postos de trabalho no país.

Segundo este estudo, dentre os seis setores que tem mais possibilidade pra criar novos empregos no Brasil, destacam-se o de serviços. Nesta categoria aparecem com muita pujança a educação, saúde, lazer e os serviços domésticos. Os outros cinco setores destacados pelo estudo do BNDES são em ordem de potencial criador de empregos; agropecuário, o de madeira e mobiliário, calçados, vestuário e indústria do café.

No outro lado da lista, ou seja, aqueles setores que tem baixo potencial criador de postos de trabalho, aparecem setores tradicionais que até alguns anos atrás eram líderes na geração de empregos e até hoje reivindicam incentivos, entretanto, possuem um baixo potencial. Falamos especialmente do setor automotivo que embora tenha acabado de receber um incentivo federal com a redução do imposto sobre produtos Industrializados – IPI, que reduz o preço final dos produtos e possibilita um consumo maior de seus produtos, ficou em último da lista dos setores produtivos em relação a geração de empregos.

Entretanto, considerando apenas os setores industriais, a indústria automotiva está colocada na 16ª posição sendo capaz de gerar 9,3 vagas em outros setores para cada uma criada diretamente na indústria montadora.

Ainda segundo o estudo do BNDES, os setores mais intensivos em mão-de-obra e aqueles em que predominam as pequenas empresas, são os maiores criadores de novos postos de trabalho. Enquanto que as grandes companhias abrem poucas oportunidades, outro fenômeno assola a criação de empregos, a abertura da economia.

O fenômeno da abertura econômica e da globalização está a exigir que as empresas trabalhem cada vez de forma mais eficiente, enxuta e priorizando a qualidade de seus produtos, o que significa na grande maioria das vezes o caminho da automação, ou seja, substituição da mão-de-obra por máquinas que tornem maior a produção e a qualidade dos produtos.

Ganhamos em eficiência e produtividade nas empresas, mas excluímos mais pessoas do mercado de trabalho e do mercado consumidor, contribuindo para agravar o quadro do desemprego, criminalidade e toda uma cadeia de problemas sociais e econômicos.

Parece que não existe uma fórmula que se aplique a todos os casos e situações e que resolva questões de competitividade, empregabilidade e novos postos de trabalho. Entretanto, estudos como este do BNDES indicam alguns caminhos como o apoio ao setor de serviços e a setores industriais que gerem emprego e renda, como o caso do coureiro-calçadista.

Na nossa região, temos o setor de calçados, que pelo estudo do BNDES é o quarto maior potencial criador de empregos e o terceiro setor, segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego, maior empregador nacional com carteira assinada. Talvez este estudo sirva para reivindicarmos uma política geradora de negócios e empregos como acontece em outros setores da economia nacional, importantes mas que tem gerado menos postos de trabalho a cada ano que passa.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Quando trabalhar não é escolha

Com uma renda cada vez mais apertada, cerca de 30% dos aposentados brasileiros buscam, na continuidade do trabalho, uma complementação de sua renda. Essa situação agrava ainda mais o problema do desemprego no país, principalmente, quando se observa que perto de quatro milhões e meio de aposentados estão, atualmente, no mercado de trabalho.

Esse contingente, ainda na ativa, representa um terço do total de aposentados do Brasil e sua participação, no disputado mercado de trabalho, está em franco crescimento.

Para se ter uma idéia da quantidade de aposentados trabalhando, o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística -IBGE apontou, em 1992, a existência de 9 milhões de aposentados, sendo que 2,8 milhões permaneciam trabalhando. Em 2001, dos 14 milhões de aposentados, registravam-se 4,5 milhões na ativa no mercado de trabalho. Mantida essa tendência, chegaremos, em 2010, com 22,5 milhões de aposentados e com 7,2 milhões deles ainda trabalhando.

O que tem levado a manter na ativa um contingente tão grande de aposentados é que a renda da previdência é insuficiente para retirar do mercado quem se aposentou. Segundo estudos da Secretaria do Trabalho de São Paulo, de cada dez aposentados, sete ganham até dois salários mínimos, fazendo com que a aposentadoria, ao invés de ser a principal renda, passe a ser um complemento.

Com o país notadamente envelhecendo, segundo o IBGE, o número de aposentados tende a crescer. Mantida esta tendência de permanência no mercado de trabalho, haverá mais pressão ainda sobre os índices de desemprego. Sempre que o aposentado voltar a trabalhar para melhorar a sua renda, estará ocupando a vaga de outro, aumentando o desemprego e diminuindo a arrecadação previdenciária. Segundo a Secretaria do Trabalho de São Paulo, a aposentadoria representa, em média 46%, da renda total dos aposentados, o que significa que mais da metade dela vem de outras fontes, principalmente, a volta ao mercado de trabalho.

Notadamente, o aposentado não é o vilão, mas uma vítima que, não por opção e sim por necessidade, na maioria das ve-

zes, permanece na ativa mesmo depois de cumprir muitos anos de trabalho.

Basicamente, dois debates devem ser feitos sobre a permanência do aposentado no mercado de trabalho. Um deles é a existência de uma renda suficiente para uma digna sobrevivência; outro é o crescimento do país e a geração de mais postos de trabalho.

A reorganização previdenciária e a garantia de uma renda justa e adequada aos aposentados, conjugadas às políticas de crescimento e expansão da economia, necessariamente, vão corrigir parte dessa distorsão que é a permanência das pessoas na ativa não por opção, mas para garantir a sobrevivência de suas famílias, muitas vezes, até mesmo de seus filhos mais jovens e desempregados.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Trabalho formal e informal

Um fenômeno que parece crescer a cada dia em nosso país é o da alteração das relações de trabalho e do crescimento da informalidade dos trabalhadores.

Os dados apontados pelo IBGE, com base na pesquisa mensal de emprego, apontaram que, de janeiro a setembro deste ano, a informalidade avançou muito no país, fazendo com que o número de trabalhadores sem carteira assinada, ou seja, considerados informais, seja praticamente o mesmo daqueles com carteira assinada.

Ainda segundo o IBGE, em setembro, 42,7% dos trabalhadores brasileiros não tinham registro, contra 43,6% dos registrados. Além disso, entre as seis maiores regiões metropolitanas do Brasil, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Rio de Janeiro e Recife, apenas as três primeiras possuem um número de trabalhadores formais maior do que aqueles sem carteira assinada.

A região metropolitana de Recife é aquela que lidera em termos de trabalhadores sem carteira assinada, com 49,4%. Depois vem Salvador, com 45,1%, e Rio de Janeiro com 43,8%. Por outro lado, a região metropolitana de Porto Alegre é aquela em que o número de trabalhadores com carteira assinada ainda é maior do que o número dos sem registro, 46,9% contra 39,1%, mas mesmo assim, a informalidade cresce a cada pesquisa.

Hoje, em todo o país, estima-se que existam 8 milhões de trabalhadores na informalidade, incluindo-se aqueles que trabalham por conta própria e os sem carteira assinada. Esse é um contingente grande e expressivo da economia nacional, mas essa multidão sem registro, além de ter uma renda 30% menor do que a dos trabalhadores que possuem carteira assinada, ainda estão fora da previdência oficial, para fins de assistência e aposentadoria.

Usando os dados do IBGE, observamos que um trabalhador da iniciativa privada recebeu em média R\$ 860,80 no mês de setembro, contra R\$ 610,70 daqueles sem carteira profissional assinada. Para o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, o crescimento da informalidade, nos últimos meses, além de representar uma tendência de alteração das relações de trabalho,

pode ser vista como um movimento de retomada do crescimento econômico neste final de ano.

Assim sendo, observamos que o aumento da ocupação dos trabalhadores se dá às custas da informalidade, seja pelo receio do crescimento não ser significativo o bastante para absorver o empregado ou pelos encargos embutidos em uma contratação oficial.

De qualquer modo, no ano em que a CLT, que foi criada para proteger os trabalhadores e organizar seus direitos além de dar um registro e controle oficial às atividades, completa 60 anos, vivenciamos mais uma alteração substancial nas questões do trabalho e do emprego.

Além de convivermos com o grupo dos sem carteira assinada, convivemos também com o problema do trabalho infantil, dos terceirizados e quarteirizados, das falsas cooperativas e dos desempregados. Todos essas problemas ampliam o quadro de precariedade das relações de trabalho e dos direitos sociais, que deverão ser o mais rapidamente possível, objeto de estudo por parte de nossa sociedade.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

A pirataria e o desemprego

Estudos realizados pela International Data Corporation – IDC e amplamente anunciado, no primeiro semestre, pela Associação Brasileira das Indústrias de Software – Abes e a Business Software Alliance – BSA, aponta que uma redução da ordem de 10% na prática da pirataria sobre os softwares, no país, poderia gerar cerca de 13 mil novos empregos no país, em quatro anos.

O Brasil, segundo as associações envolvidas, ostenta uma taxa anual de 56% de pirataria de software, contra uma taxa média mundial de 40%. Com a redução sugerida de 10% ao ano, além do emprego, seriam acrescentados US\$ 335 milhões ao ano em impostos e a receita da indústria de software poderia crescer em US\$ 2,4 bilhões.

Vale lembrar que, entre 1996 e 2002, houve uma diminuição de 12% na taxa de pirataria no país. Isso fez o Brasil registrar o terceiro mais rápido crescimento do setor na América Latina. Nesse período, foram criados 91 novos empregos e adicionado cerca de US\$ 4,5 bilhões na economia brasileira.

Ainda segundo a BSA, o mercado brasileiro movimentava US\$ 11,2 bilhões, mas poderia, facilmente, chegar a US\$ 17 bilhões se a meta de redução de 10% da taxa de pirataria fosse implementada.

O campeão mundial é o Vietnã, pois 98% de tudo que existe no país, em termos de software, é pirata. Enquanto isso, os campeões no uso correto de licenças pertencem a um grupo de países como os Estados Unidos, Reino Unido, Canadá e países escandinavos.

Não devemos negligenciar o tamanho e a importância da indústria de software, sua importância estratégica e sua empregabilidade, tanto do ponto de vista quantitativo e qualitativo, pois essa atividade gera empregos com uma remuneração salarial relativamente alta e tende a agregar valor às suas atividades.

Para se ter uma idéia global, o setor de tecnologia, na América Latina, tem crescido a cada ano e movimentava em torno de US\$ 24 bilhões e 500 mil empregos. No mundo, movimentava US\$ 1 trilhão, empregando 9 milhões de pessoas. Dentro do segmento tecnologia, o software e seus serviços respondem por cerca de 60% dos gastos do setor de tecnologia.

Se fosse feita uma redução global da pirataria de software, também na ordem de 10%, estariam sendo gerados mais de 1 milhão de novos empregos na área, e o comércio internacional do produto e das licenças estaria movimentando mais US\$ 400 bilhões.

Cada produto pirata que adquirimos parece nos oferecer algumas vantagens aparentes e imediatas. Entretanto, além das questões da qualidade, direitos de autoria e propriedade, estamos, ao adquirir esses produtos, privando o país de recursos decorrentes de impostos, eliminando postos de trabalho e, de quebra, dificultando a vida de quem produz e consome produtos legalizados.

Sabemos que, em uma sociedade de consumo, o crescimento da quantidade consumida, tende a tornar mais baratos os produtos. Este fato, aliado a maior riqueza da sociedade e a uma cultura de preservação dos direitos autorais e de propriedade intelectual, tornam grande parte da América do Norte, além do Reino Unido e dos países escandinavos, os líderes de respeito aos produtos licenciados legalmente.

Pode parecer pouco, mas atitudes pessoais e individuais podem repercutir muito na diminuição da pirataria de produtos em nosso país e trazer benefícios como impostos e empregos. Alguns números foram apresentados na área de tecnologia. Agora, podemos imaginar suas conseqüências em outras atividades econômicas como brinquedos, Cd's, entre outros.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Os analfabetos que foram à escola

O Brasil tem 15 milhões de analfabetos. Esse dado não explicita nenhuma novidade, mas saber que 35% dos analfabetos brasileiros, com mais de 15 anos, já freqüentaram, alguma vez uma escola, isso sim é uma novidade. Esse é o resultado do cruzamento de informações, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais-INEP, analisando a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística- IBGE de 2001.

Os dados do INEP apontaram que cerca de 5 milhões de pessoas que não sabem ler e escrever freqüentaram a escola alguma vez na vida, mas não aprenderam. Esse dado reforça aquilo que educadores têm insistido junto aos governos, não basta colocar os analfabetos na escola para eliminar o problema. Desse contingente de analfabetos que passaram pela escola, 74% deles chegaram a completar um ano de estudos, mas ao saírem continuavam na mesma triste situação.

O estudo por regiões do país demonstra que na região sul, que engloba o Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, 32% dos analfabetos com mais de 15 anos já freqüentaram a escola. O pior índice de analfabetismo pós-escola é o da região nordeste com 40%, e o melhor índice é o do sudeste com 27%.

Um dos motivos mais relevantes para que as pessoas que não sabem ler e escrever, embora tenham passado pela escola, foi o abandono dos estudos antes de completar adequadamente o processo de alfabetização. Muitos desses alunos alegaram ter abandonado a escola pela necessidade de trabalhar, fato que se destacou muito mais nas áreas rurais do país.

Sabe-se que existem muitos cursos em andamento em todo o Brasil que procuram alfabetizar as pessoas. Alguns deixam a desejar em seu processo de ensino-aprendizagem, com metodologias bastante ultrapassadas e inadequadas às faixas etárias que são aplicadas; outros são pouco atraentes aos alunos, não despertando neles o interesse ou não trabalhando com as barreiras e bloqueios dos educandos.

Além disso, é grave o fato de que muitas pessoas passam pela escola e se alfabetizam; depois de algum tempo, porém, voltam ao analfabetismo depois, regredindo pela falta de estímulos

e de políticas para continuar aprendendo e, principalmente, sem o hábito da leitura.

Fazemos pouco em nossos locais de trabalho e exigimos ainda uma pequena qualificação das pessoas. Portanto, temos uma parcela de responsabilidade na atual situação nacional. Quanto mais as comunidades se mobilizarem para criar programas e promover a educação continuada, mais eficiente se tornam esses programas e positivos os resultados sociais. A leitura deve ser incentivada como um hábito diário, que além de abrir as janelas para o mundo, capacite constantemente as pessoas.

Um estudo do IBOPE indicou que um contingente significativo de trabalhadores do país, na verdade 37%, não precisa da leitura para executar suas funções profissionais. Essa pouca exigência indica que os trabalhadores, com pouca ou nenhuma qualificação vão ter sempre mais dificuldades para aplicar aquilo que estudaram nas escolas em seu cotidiano.

Portanto, tão importante quanto atrair os analfabetos para a escola é qualificar os cursos de alfabetização e criar políticas para que haja o uso e a continuidade do acesso à educação e à cultura. Somente assim, além de eliminarmos o analfabetismo, estaremos realizando um processo educacional e cultural realmente integrador e inclusivo.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Aprendendo a fazer perguntas

Na década de 1980, o salário médio de um trabalhador na indústria brasileira era de R\$ 938,00. Esse valor caiu drasticamente e, nos anos 1990, era de R\$ 560,00. Nos últimos anos, especificamente entre 2000 e 2003, esse valor ficou menor ainda, fixando-se em R\$ 482,00.

Outro dado importante é que o emprego formal, ou seja, aquele com carteira assinada, chegou a englobar 70% dos trabalhadores nos anos 80, caindo para 66% nos anos 90 e hoje bate na casa de 56,5% da massa trabalhadora brasileira.

Em contrapartida ao decréscimo do número de trabalhadores com carteira assinada, cresceu muito o número de trabalhadores autônomos que, em 1980, representavam 6,6% da falta de trabalho, subindo para 8,4% nos anos 90 e batendo hoje em 19%.

As mudanças das relações de trabalho, as terceirizações, a busca de um negócio próprio e autônomo, o desemprego formal, os custos de contratação e tantos outros fatores combinados que vêm alterando essas relações.

Os fatores apontados reforçam o achatamento do salário e da renda no país. Segundo o DIEESE, os salários baixaram e a produtividade subiu, graças a uma maior qualificação de mão-de-obra na indústria e às novas tecnologias que foram agregadas aos processos produtivos.

Um dos mais evidentes exemplos do aumento da produtividade na indústria nacional vem do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Paulo. Nessa região, em 1980, a média de automóveis produzidos por cada empregado era de 8,72 unidades/ano. Em 2003 essa média foi de 26,36 unidades/ano.

Esses números todos revelam uma grande fragilidade na equação emprego/renda/mercado interno, fazendo, constantemente com que as empresas nacionais busquem alternativas no mercado internacional para seus produtos, uma vez que, mesmo beirando os 200 milhões de habitantes, o Brasil possui um mercado interno consumidor restrito e com poder de compra comprometido.

Entretanto, muitos setores competitivos e tradicionalmente exportadores, passaram a ter dificuldades também em relação ao mercado externo, em parte devido ao dólar em baixa.

Embora os avanços percebidos nos últimos meses e a estabilidade econômica, a falta de mais empregos e renda, juntamente com a elevação do poder de compra das famílias, torna frágil e delicado o momento econômico nacional.

Nem sempre as políticas públicas trazem resultados em curto prazo ou dão certo, e nem sempre, ainda, dependem do próprio governo, mas de mecanismos internacionais fora do controle político nacional.

Diante dessas dificuldades, o que resta ao cidadão comum? Caso não saibamos a resposta, o importante é não esperar que ela venha pronta. Valorizar a capacidade de fazer perguntas, ao invés de simplesmente obter respostas. Ou seja, um bom começo é fazer uma leitura da realidade e questionar o que acontece ao nosso redor, não aceitando os fatos e os indicadores com passividade.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

A força do trabalho

Seguidamente nos deparamos com novas palavras e conceitos como “deletar”, “terceirizar”, etc... Agora começa a tornar-se corrente o termo “precarização”, que indica que algo ou alguma atividade está se tornando precária, ou seja, funciona de forma inadequada. Esse termo tem sido empregado, principalmente nas relações e condições de trabalho no país e se consolida como um conceito revelador de nossa realidade nacional.

Nos últimos anos, o custo do trabalho na indústria está caindo, a produtividade tem aumentado, mas a massa salarial está em queda e, segundo alguns economistas, os vilões são a precarização e a terceirização efetivada pelas indústrias.

Segundo o Bureau of Labor Statistics-BLS, ligado ao Departamento de Estatísticas do Trabalho dos Estados Unidos, o custo da mão-de-obra na indústria brasileira é um dos mais baixos do mundo.

O estudo do BLS demonstra que entre 1995 e 1999 o custo do trabalho no país era de US\$ 3,00 por hora. No ano de 2003 esse valor caiu para menos da metade, chegando a US\$ 1,40. Dentre os países pesquisados pela BLS, o Brasil é o penúltimo, perdendo apenas para o Sri Lanka, onde o custo de trabalho é de US\$ 0,32 por hora.

A média européia e norte-americana oscila entre US\$ 8,00 e US\$ 14. O país com a mais cara mão-de-obra do mundo, do ponto de vista industrial, é a Dinamarca, com US\$ 23,53 por hora. Depois, em ordem decrescente aparecem: EUA (US\$ 15,74); Canadá (US\$ 14,06); Bélgica (US\$ 13,98); Inglaterra (US\$ 13,93); Japão (US\$ 11,82); Itália (US\$ 9,61); Espanha (US\$ 8,36); Singapura (US\$ 5,00).

Evidentemente que nos dados apresentados referentes a 2003 para o Brasil, está embutida a desvalorização do Real, que agora se reverte frente ao dólar. Entretanto, segundo os economistas, cresceram os empregos com remuneração de até 2 salários mínimos, enquanto os salários maiores tiveram um recuo dentro da massa salarial.

O estudo do BLS não nos fornece indicadores sobre a Índia ou China, países que têm crescido muito no âmbito do comércio internacional. Essas nações dispõem de uma numerosa mão-de-

-obra, incentivos à exportação e facilidades tributárias, aliada a outros fatores setoriais, que fazem com que seus produtos provoquem efeitos avassaladores nos mercados em que penetram.

De todo modo, vivenciamos uma precarização das relações de trabalho, dos salários e dos mercados, mudanças causadas pelas alterações de força no cenário econômico internacional, mas que afetam diretamente nossos empregos e a geração de renda e riquezas do país.

Mais do que nunca se torna necessário manter e expandir a geração de empregos e a sustentabilidade econômica e social do país, mas acima de tudo, observar que esses movimentos indicam um processo de mudança a curto e médio prazo irreversíveis, que é a migração da produção para centros onde os custos sejam menores.

Para combater esse canibalismo produtivo temos que nos diferenciar. Uma alternativa é a qualificação da produção, agregando valor aos produtos, processos e serviços, embutindo nesses, o conhecimento, a ciência e a tecnologia, além de fortalecer nosso mercado interno consumidor.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

De todo modo, vivenciamos uma precarização das relações de trabalho, dos salários e dos mercados

O maior dos medos

O medo é um sentimento que nos persegue, desde o início de nossa existência. Passamos por diversas fases na vida com medo do bicho papão, papai Noel, do escuro e por aí a fora. Na vida adulta, outros medos tomam conta das pessoas, isso parece não ser algo individual, mas um sentimento coletivo que assola igualmente grupos de diversas regiões e até mesmo países.

Refletindo sobre nossas vidas, podemos imaginar que hoje, nossos maiores medos sejam a violência urbana, a morte, as drogas, as turbulências econômicas, os governos ou até mesmo nossa saúde.

Entretanto, não são esses, de fato, os medos dos brasileiros. Eles até figuram com um certo grau de importância, mas o maior e mais temido é o desemprego. Esse foi o resultado de uma pesquisa organizada em 42 países pela ACNielsen, uma respeitada empresa de pesquisa de mercado e opinião.

Nessa pesquisa mundial, o maior medo do conjunto dos cidadãos de diversos países foi a economia, em segundo lugar aparece o desemprego. No Brasil, 60% dos entrevistados consideraram a perda do emprego como o grande problema e têm medo desse fantasma que assola a economia do país.

O Brasil foi o país pesquisado onde existe a menor confiança quanto ao mercado de trabalho e às perspectivas de geração de empregos. Uma pequena comparação com a Argentina demonstra uma brutal diferença de opinião frente ao emprego. No país vizinho, 67% estão otimistas quanto às perspectivas profissionais e o emprego, uma opinião completamente oposta a emitida por nós.

Esse estudo apresentado no início de 2006 pela ACNielsen toca em um problema muito sério que é o da insegurança frente ao trabalho, a renda e o sustento da família.

Para alguns, essa pesquisa pode parecer oportunista e eleitoral, não condizente com os números oficiais. Entretanto, basta circular pelas nossas cidades e pela região e ver que o desemprego, de fato, é o maior de todos os medos e, quem sabe, de todos os tempos.

O emprego anda escasso e de difícil manutenção. Isso faz subir a tensão e diminuir as expectativas de futuro das pessoas em

geral, que andam preocupadas, assustadas e sem perspectivas. Nesse ambiente, o medo do desemprego corrói a sociedade e implanta um estado de tensão permanente.

Alguns diriam que com a chegada da Copa do Mundo, o futebol vai afastar por trinta dias o medo do desemprego e, quem sabe, substituí-lo pelo medo de perder a final do torneio, ou pior, perder para a Argentina também no futebol.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

O medo do
desemprego
corrói a
sociedade
e implanta
um estado
de tensão
permanente

Jovens: sem trabalho nem escola

Se o maior medo dos brasileiros é perder o emprego, o que dizer dos jovens com idade entre 17 e 24 anos? Esse contingente que representa 27% da população brasileira, não tem acesso à escola, muito menos ao primeiro emprego.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE divulgou um estudo sobre a situação dos jovens entre 17 a 24, em 2005, que é assustador. Cerca de 23% desses não estão trabalhando nem estudando, ou seja, estão desocupados, à mercê de atividades que nem sempre serão positivas.

A análise da situação da juventude brasileira demonstra que 27,1% não trabalham e nem estudam, 25,5 só trabalham, 23,6% só estudam e 13,4% trabalham e estudam.

As dificuldades de estudar e ter uma renda são muito grandes, especialmente nas maiores regiões metropolitanas do país. Existe uma grande dificuldade de entrar no mercado de trabalho, justamente pela escassez de empregos formais, limitados mais ainda pela falta de experiência do jovem. São poucas vagas novas que cada vez mais exigem qualificação maior para disputar o emprego. Isso gera um ciclo, onde grande parte, sem experiência, não consegue emprego e sem trabalho, não têm a experiência exigida.

Devemos estar atentos também, para o fato de que o problema não é apenas o emprego. A busca por ele se deve a necessidade de renda para a sobrevivência das pessoas, famílias, etc. Outro grande problema é o fato dos jovens não estarem na escola, seja por falta de vagas, de vagas noturnas que permitam conciliar as atividades profissionais e educacionais, vagas em escolas que oportunizam uma inserção efetiva no mercado de trabalho entre outros casos.

Em um passado recente, especialmente na década de 70, havia uma tendência dos jovens a cumprir uma escolaridade, fato que os levava à inserção no mercado de trabalho. Assim, ao adquirir certa independência econômica dos pais, conseguiam muito cedo uma vida própria.

Atualmente, se observa um retardamento dessa independência, causada por vários fatores, mas dentre eles está presente o pequeno crescimento do país e seu desempenho econômico.

Os programas oficiais estão tendo pouco impacto para superar a crise do primeiro emprego, até por que as empresas também encontraram dificuldades nesse mercado globalizado e com pouco crescimento.

De todo modo, é grave a situação de empregabilidade da mocidade entre 17 a 24 anos, mas são mais graves ainda, a falta de oferta de ensino ou de acesso a ele. Até pode-se entender que existem dificuldades de conseguir um emprego, mas é difícil de admitir que um país que olha para o futuro e se imagina uma potência, negue o direito aos jovens de se educarem, qualificarem e serem diferenciais no processo de transformação do país.

Entretanto a China, Índia, Coréia e Rússia, somente para citar alguns, estão apostando na juventude; nós, brasileiros, nos deparamos com essa falta de perspectiva gerado na carência emprego/escola.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Empregos e tecnologia

Um dos setores da economia que mais cresce, e vai continuar crescendo, é o da tecnologia de informação - TI. Esse segmento profissional é um dos que mais contrata atualmente e, nos próximos anos, não deve ser diferente, pelo contrário, deve ampliar, e muito, o número de postos de trabalho. Está aí uma boa dica para aqueles que estão cursando ou pensando em entrar em cursos superiores nessa área.

Em algumas regiões do país, inclusive no Rio Grande do Sul, sobram vagas nesse ramo, pois faltam pessoas qualificadas para preencher as ofertas de trabalho. Para se ter uma idéia do tamanho desse mercado, um estudo feito na América Latina, pelo Internacional Data Corporation - IDC, indica ser esse um mercado de 1,9 milhões de profissionais. Ainda segundo o IDC, as maiores e melhores oportunidades vêm da área do software, que absorve cerca de 79% dos profissionais de TI. Desse Universo, o Brasil responde por cerca de 47% dos profissionais, com um contingente de aproximadamente 1,3 milhões de postos de trabalho ativos.

O que fomenta ainda mais esse mercado e alimenta a busca por profissionais é o volume de US\$ 28 bilhões movimentando a tecnologia da informação somente na América Latina em 2005. Há, ainda, a previsão de que, em 2009, esse número aumente para US\$ 39 bilhões ao ano.

Aliás, a área da tecnologia da informação é responsável pela criação de novos empregos e empresas, sendo altamente empreendedora; basta olharmos o crescimento de áreas como telefonia móvel, correio eletrônico, integração de sistemas e gestão, games, multimídia, áudio e vídeo.

Essa área de tecnologia é uma das que mais emprega e cria postos de trabalho, mas é preciso ter capacitação técnica e domínio do inglês, ou seja, é uma atividade especializada e que prescinde formação pessoal. Assim sendo, esse estudo do IDC é uma boa notícia, porém, como todas as ofertas profissionais nesse século XXI, em plena era do conhecimento, vai ser necessária uma qualificação dos pretendentes a esses empregos. Uma qualificação, diga-se de passagem, cada vez mais exigente e muito além do técnico apenas; a sociedade do conhecimento cobra, dos que estão ingressando no mundo do trabalho, que

sejam integrados ou “plugados”. Além disso, é necessária uma constante renovação do que foi aprendido, num ciclo contínuo e infinito de aprendizado.

Nosso mundo renova seu conhecimento numa velocidade nunca antes experimentada pela humanidade, o que vai exigir esforços diferenciados ao longo de nossa vida. A obsolescência é grande e a inovação é permanente nesse mundo atual. Não se trata disso ser bom ou ruim, é apenas o modo como se comporta o movimentado e dinâmico processo de nossa civilização.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Trabalho, ofícios e profissões do futuro

O tempo e a história são implacáveis, avançam impiedosamente sobre as pessoas, culturas, impérios e também sobre as profissões. Vai longe a época em que as pessoas tinham seus nomes associados a sua profissão. Essa importância cultural que damos às profissões reflete-se em nossos nomes, basta olharmos os sobrenomes de muitos de nós e verificaremos essa ligação entre o nome e o ofício.

Se depender da nossa evolução, essa prática em desuso vai sofrer um grande impacto, que será a extinção de grande parte das profissões e ofícios que temos hoje.

Há alguns anos, tenho me dedicado a escrever sobre isso, pois, a cada ano, as mudanças no mundo do trabalho tornam-se mais latentes e profundas. Parece que esse fenômeno não é local, mais global, por isso, um estudo da Universidade de Alicante, na Espanha, aponta que, dentro de 20 anos, pelo menos 25% da população do planeta estará exercendo atividades profissionais que ainda nem existem hoje. Esse processo está fazendo com que repensemos nosso presente e olhemos o que o mundo contemporâneo nos oferece.

Atualmente o mundo possui cerca de 5.000 profissionais que, em breve, vão sofrer uma forte transformação. Alguns ofícios, entretanto, tais como o de médico, enfermeiro, professor, devem permanecer, mas, evidentemente, sofrerão uma forte alteração nos seus modelos de atuação, transformando muito o modo como exercem suas profissões.

Por outro lado, com o advento das novas tecnologias e as mudanças no modo de vida e da sociedade do século XXI, devem surgir novas profissões, como aquicultores (fazendeiros do mar), ludicadores (criadores de jogos e programas lúdicos), plasturgistas (uma espécie de fusão entre engenheiros metalúrgicos, de polímeros e de outros materiais), entre outras.

O futuro, que não podemos chamar de amanhã, visto a enorme velocidade com que se aproxima, é o lugar onde o domínio de diferentes línguas, informática, tecnologia e gestão de pessoas e processos serão habilidades importantes e definidoras nas atividades profissionais e no sucesso dessas carreiras. Nesse mun-

do, chamado por muitos de sociedade do conhecimento, será o lugar das oportunidades àqueles que desenvolverem atividades em setores de produção de conhecimento, um excelente campo para educadores, engenheiros, empreendedores, consultores e técnicos especializados.

O mundo não vai acabar, nem todas as profissões vão desaparecer ao mesmo tempo, todavia, especialmente os jovens que estão em busca de uma atividade profissional e aqueles que estão na meia vida de suas carreiras devem pensar seriamente em seu futuro e na sua profissão.

Um bom emprego hoje não é garantia de futuro, isso se dará com a atualização e a busca de novos conhecimentos, ou seja, com a utilização da ferramenta principal desse novo milênio, o conhecimento.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Juventude, experiência e emprego

Os tempos modernos estão exigindo mudanças importantes nas atitudes das pessoas, quer na sua vida pessoal, quer na profissional. Essas mudanças nos fazem pensar que em menos de uma geração o mundo mudou e as relações familiares e profissionais acompanharam essa mudança. Nesse sentido, tanto aqueles com mais de 40 anos, quanto os jovens de 18, experimentam difíceis situações para construir sua vida e conciliar seu trabalho e sua formação.

A necessidade das empresas fez com que elas se tornassem cada vez mais enxutas e seletivas em suas contratações, buscando uma maior competitividade no mercado. Por outro lado, existe um grande contingente de jovens sem experiência profissional, impossibilitados de pleitear as poucas vagas que se abrem.

A reunião desse e de outros fatores têm como resultado milhões de indivíduos na faixa etária entre 18 e 24 anos sem ocupação profissional e que em sua maior parte estão em busca de um emprego, tendo muita dificuldade em encontrá-lo.

Paradoxalmente, o grande problema alegado para a contratação destes jovens, além da seletividade das empresas e do aumento da exigência nas contratações, está na falta de experiência profissional dos jovens candidatos. Sem acesso ao mercado de trabalho por falta de experiência, o que nunca terão se não lhes for oferecida uma oportunidade, grande parte deles, conseqüentemente, permanecerá à margem do trabalho dito formal. Cria-se aí um grande dilema e gargalo social.

Quem não possui experiência não consegue acessar seu primeiro emprego e fazer sua estréia no mundo do trabalho formal. Muitos destes jovens, por estudarem em escolas de ensino médio ou cursos universitários, conseguem vencer esta barreira inicial através de estágios, que são um trampolim para um emprego futuro. Mas a grande maioria não terá a mesma sorte.

Não devemos pensar simplesmente que o problema está nos jovens e na sua inexperiência, mas sim, refletir sobre a falta de oportunidades e o desenvolvimento econômico. Os programas de estágio em empresas, as políticas públicas de criação de emprego e renda, o estímulo ao empreendedorismo e a ampliação de linhas

de crédito podem amenizar o problema, integrando uma parcela desses jovens ao mundo do trabalho. Estima-se que, de cada duas pessoas desempregadas no Brasil, uma seja jovem.

O problema é sério e atinge toda uma geração. Os reflexos são perversos e podem ser presenciados, diretamente, em nossas comunidades através do aumento da criminalidade, consumo de drogas, desesperança, baixo poder de consumo, entre outros problemas sociais. Cabe-nos refletir e agir em busca de um crescimento econômico capaz de integrar os jovens ao mercado de trabalho, garantindo seu acesso e mantendo a empregabilidade dos que já estão trabalhando, especialmente, pessoas acima de 45 anos.

Não creio em soluções mágicas, mas somente na retomada de uma atividade econômica considerável e permanente, ou seja, sustentada, combinada com políticas públicas e uma melhor qualificação dos jovens através de processos educacionais de qualidade. Isso poderá garantir o pleno emprego que, hoje em dia, está cada vez mais difícil de encontrar.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

O trabalho, as profissões e o futuro

Um dos temas mais preocupantes na atualidade, juntamente com a saúde e a educação, é a relação das pessoas com seu trabalho e sua atuação profissional. Somos uma sociedade montada sobre o mundo do trabalho, a partir do qual desenvolvemos uma série de relações, que passam da subsistência a nossa constituição familiar e de independência, o que explica o medo e a insegurança das pessoas no que diz respeito à conservação e ao futuro do trabalho, do emprego e, conseqüentemente, da renda.

Ultimamente, tenho acompanhado muitos estudos sobre as tendências do trabalho e suas possibilidades futuras. Nesse sentido, deparei-me com uma pesquisa realizada pelo programa Estudos do Futuro – PROFUTURO, que ouviu 208 especialistas sobre profissões no Brasil, os quais responderam a questões sobre as carreiras profissionais do futuro, focando especialmente temas ligados às tendências e às demandas novas da sociedade.

A grande contribuição desse trabalho foi apontar para a necessidade de novas carreiras profissionais que combinem várias especialidades atualmente existentes em um novo profissional. Dentre as muitas novas profissões apontadas, destaca-se o Gerente de Ecorrelações, ou seja, um profissional que se comunica com consumidores, grupos especializados e agências governamentais procurando desenvolver programas ligados ao meio ambiente.

Outra profissão apontada é a de Gerente de Inovação, responsável por interagir com funcionários de diferentes áreas da empresa para pesquisar, projetar e aplicar inovações. Conselheiro de Aposentadoria, alguém que ajuda a planejar a aposentadoria tanto nas finanças como nas atividades a que o aposentado se dedicará, foi outra profissão citada.

As carreiras profissionais apontadas pelo estudo devem se consolidar nos próximos anos e fazem parte de um processo acelerado que combina o surgimento de novas atividades profissionais com a diminuição e extinção de outras, que vão gradativamente perdendo terreno e diminuindo salários no mercado de trabalho.

Embora com um foco e uma visão na inovação das carreiras profissionais, espero que o estudo e algumas de suas conclusões sirvam especialmente aos mais jovens, que estão construindo sua formação e carreiras profissionais e que devem ficar atentos para as oportunidades que surgirem. Por serem novas, muitas profissões e carreiras podem apresentar riscos, mas esse mesmo elemento pode também representar uma atrativa e rentável oportunidade de trabalho e realização profissional.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

No mínimo

O quadro geral do trabalho no Brasil apresenta algumas situações muito interessantes que merecem nossa atenção. Em primeiro lugar, acompanhamos a cada ano o crescimento da chamada economia informal e a superação do número de trabalhadores com carteira assinada pelo de profissionais sem o registro.

Evidentemente, as relações de trabalho têm se alterado globalmente nos últimos anos, mas é inegável a precarização do trabalho e o desaparecimento de postos de trabalho importantes para um país onde a grande massa populacional não possui qualificação educacional e profissional.

Segundo dados do Ministério do Trabalho e do Ministério da Previdência divulgados em seu Boletim Estatístico, a força de trabalho no país é formada por 8.505.676 trabalhadores. Destes, 2.638.211 são trabalhadores sem carteira profissional assinada, em contrapartida, 2.212.481 possuem registro de trabalho. Além disso, existem mais 976.070 trabalhadores domésticos sem carteira, contra 554.075 com o registro. Some-se a esses trabalhadores mais 368.298 funcionários públicos estatutários e 12.902 militares, e teremos uma radiografia da força de trabalho no Brasil.

Deste exército de trabalhadores no país, o salário mínimo afeta diretamente 11% da força de trabalho e 13% da população. Entretanto, segundo dados do INSS, existem no país 11.437.245 aposentados, sendo que cerca de 11 milhões recebem benefícios com valor igual ao salário mínimo. Além disso, a assistência social garante o pagamento do mínimo a mais 2,3 milhões de pessoas com mais de 65 anos, além de portadores de necessidades especiais.

Assim sendo, o peso do salário mínimo no mercado formal com carteira assinada é mínimo se comparado aos benefícios de previdência e assistência social. Os políticos e economistas divergem sobre o impacto nas contas públicas e no caixa dos pequenos municípios, entre outras coisas. De qualquer forma, esses valores praticados para o salário mínimo estão longe de atender às necessidades de quem o recebe e são muito pesados para quem paga, especialmente se for o Estado. Tornar o Estado mais enxuto e eficiente, além de fazer crescer a taxa de emprego e a renda, gerando e distribuindo mais riqueza, deve ajudar a médio prazo.

As defasagens históricas um dia terão que ser resolvidas. Até lá, o que temos é um mínimo que é menos que o mínimo, mas que rende uma máxima discussão, mas não se traduz em solução.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

6

ESPORTES

A pátria de chuteiras

O Brasil vai à Copa. Isso não é nenhuma novidade, especialmente para um país acostumado com sua grandeza e magia no futebol e dono de cinco títulos mundiais.

O futebol, no país, é um fenômeno sociológico, um instrumento de ascensão social, capaz de levar um jovem sem perspectivas, morador das zonas mais pobres e violentas do país, ao estrelato e à condição de milionário.

Esse fenômeno tem feito milhares de crianças no Brasil a buscarem oportunidades em escolas e clubes de futebol, procurando garantir um futuro a eles e suas famílias. Além disso, esse grande movimento de pessoas, principalmente em condições sociais de extrema dificuldade revela quão talentosos somos nós, brasileiros.

Têm-se potencial para fazer surgir no futebol um Garrincha, Pelé, Zico, Ronaldo, Robinho e Ronaldinho, apenas para falar de alguns; o que poderíamos fazer, então, em outras áreas do esporte e da ciência?

O sucesso de nossos futebolistas são as provas de que existindo o estímulo e se criando as condições favoráveis, nosso país pode criar milhares de craques nas mais variadas atividades profissionais também.

A miséria a que se submete grande parte da população e, principalmente à falta de oportunidades e de estímulo, reduz as chances de despontarem os verdadeiros talentos. Muitas vezes nos queixamos da qualidade de nossos profissionais e da falta de garra deles frente ao trabalho e o estudo. Mas será que estão claras as oportunidades? Será que elas de fato existem?

De todo modo, o futebol pode ser um grande exemplo, ele é patriótico, profissional, eleva nossa auto-estima, promove o Brasil no exterior e ajuda-nos a criar uma identidade positiva.

A despeito de parte das elites intelectuais e econômicas julgarem que somente elas tenham direito ao lazer, sendo o futebol uma "coisa" menor, a cada Ronaldinho que surge, a sociedade mostra que ela é capaz. Precisamos ajudar para que esse fenômeno de talento nacional se estenda a muitas outras áreas das atividades do país.

Estamos na Copa, confiantes em nossos atletas e, nosso país, definitivamente calçou as chuteiras.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Não basta ter talento

Quem de nós não conhece pessoas de extremo talento? Todos devemos conhecer uma série de talentosos indivíduos em diversas áreas, alguns, até dentro de nossas casas e locais de trabalho. Dentre esses uns são artistas; outros, parece que nasceram para a música, e as artes, ou ainda, tem uma facilidade extrema para se expressar pela escrita ou oralmente os mais vivos sentimentos.

Existem ainda, os talentos profissionais, aqueles que com muita inspiração e pouca transpiração dão um toque especial às suas atividades. Uns vendem, outros compram, alguns ensinam, mas todos dotados de um brilho natural que desenvolveram ainda mais e que nós nos regalamos e dizemos se tratar de um grande talento.

A área esportiva também tem revelado muitos fenômenos. Quem não se emociona com a encantadora atleta Daiana dos Santos, que ao som da música "Brasileirinho", encanta platéias no mundo todo e toca fundo em nossa brasilidade? Nos inspira o seu talento e a superação que uma mulher, negra, nascida pobre, conseguiu abrir caminho em um mundo competitivo e discriminatório.

Outros grandes mitos esportivos também dão mostras do talento que muitos brasileiros possuem e que somado a alguma oportunidade que tiveram, souberam aproveitar para se revelar plenamente. Infelizmente, somente talento não é suficiente para garantir o sucesso ou a felicidade, muito menos as realizações. É preciso ter talento e agregar a isso a determinação, raça, iniciativa, garra!

O talento natural, ou aquele que se desenvolve e se aprimora com a lapidação torna mais evidentes essas qualidades. Não se trata de sorte, mas de uma determinação pessoal.

Um dos maiores golfistas da atualidade, o norte-americano Tiger Wood, em certa oportunidade foi entrevistado e questionado pela sorte que teria nos torneios de golf. Sua resposta a essa pretensa sorte pessoal revelou mais uma vez o seu talento pessoal, mas também de seu esforço. Disse Tiger Wood, "quanto mais eu treino, mais sorte eu tenho".

Talvez essa lição devesse ser tomada por nossos atletas do futebol, especialmente da seleção brasileira que, apontada pelo

mundo todo como a grande favorita, tornou-se a grande decepção. Esses fantásticos atletas formaram um grupo, mas não uma equipe.

Eram individualidades colocadas lado a lado com seu ego e seu talento, não formavam uma equipe de fato, até porque faltou uma liderança positiva e agregadora dentro e fora do campo.

Uma equipe talentosa, sem uma liderança de fato, com certeza é frustração na certa, principalmente no mundo do futebol internacional, competitivo, de superação e que envolve mais do que trabalho, mas garra, patriotismo e desejo de vencer coletivamente.

Ficamos nós, brasileiros, com aquela sensação de quem tem um filho ou amigo talentoso, mas que vai viver as nossas custas sua existência. Isso porque faltou agregar a esse dom certo grau de atitude frente à vida e aos desafios.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

A pátria do futebol

O Brasil vai, mais uma vez, a uma copa do mundo de futebol. Aqui o futebol é mais que um simples esporte de massa, é um fenômeno sociológico, um instrumento de ascensão social, capaz de levar um jovem sem perspectivas, morador das zonas pobres e violentas do país, ao estrelato e à condição de milionário, superestrela internacional.

Esse fenômeno tem feito milhares de crianças no Brasil buscarem oportunidades no futebol, procurando garantir um futuro a eles e suas famílias. Além disso, esse grande movimento de pessoas, principalmente em condições sociais de extrema dificuldade, revela quão talentosos somos nós, brasileiros.

Têm-se potencial para fazer surgir no futebol atletas como Garrincha, Pelé, Zico, Ronaldo, Ronaldinho, Robinho e Kaká, apenas para falar de alguns, o que poderíamos fazer, então, em outras áreas do esporte e da ciência? O sucesso de nossos futebolistas é a prova de que, existindo o estímulo e se criando as condições favoráveis, nosso país pode criar milhares de craques nas mais variadas atividades profissionais.

A miséria a que se submete grande parte da população e, principalmente a falta de oportunidades e de estímulo, reduz as chances de despontarem os verdadeiros talentos. Muitas vezes, queixamo-nos da qualidade de nossos profissionais e da falta de garra que têm frente ao trabalho e ao estudo. Mas será que estão claras as oportunidades? Será que elas de fato existem?

De todo modo, o futebol pode ser um grande exemplo, ele é patriótico, apaixonado, eleva nossa autoestima, promove o Brasil no exterior e ajuda-nos a criar uma identidade positiva. A despeito de muitas pessoas torcerem o nariz para o futebol e tratá-lo como uma "coisa" menor, a cada craque que surge e a título que se consegue, a sociedade brasileira mostra que ela é capaz. Precisamos, sim, ajudar para que esse fenômeno de talento nacional do futebol estenda-se a muitas outras áreas das atividades do país. Estamos na Copa, confiantes ou não, o Brasil já calçou as chuteiras!

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Pobre e rica América Latina

Nossa América Latina é uma região muito interessante e de contrastes grandiosos, não foi à toa que encantaram todos aqueles que aqui chegaram desde Colombo. Terras ricas e com uma tremenda diversidade de povos, culturas e recursos naturais de todo o tipo, onde por fim, os imigrantes que para aqui vieram acabaram dando o toque especial nesse Novo Mundo.

Nessa terra que vai do México a patagônia argentina, por mais esforços que sejam feitos ao longo dos últimos anos, com projetos de reestruturação, integração e erradicação da pobreza, a América Latina continua sendo uma região de pobres. Estimasse que na região existam mais de 200 milhões de pobres e perto de 90 milhões de indigentes. Um dos casos mais tristes é o da Argentina, onde o número de pobres e indigentes duplicou entre 1999 e 2002. Parece incrível, mas justamente a Argentina ao longo dos anos exibiu números que ajudaram nos indicadores latino-americanos a serem positivos, pois possuía uma boa distribuição de renda, uma qualidade de vida e uma forte e numerosa classe média, agora puxa os indicadores para baixo.

Por outro lado, olhando a América Latina pelo seu desempenho na Copa do Mundo de Futebol, temos assistido uma força tremenda das seleções do continente, sobrepondo-se aos asiáticos, africanos e até mesmo aos europeus, os mais ricos e que importam aqui grandes quantidades de jogadores.

As vitórias do Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e México, com a eliminação da na primeira fase apenas de Honduras, deu mais visibilidade ao continente. Muitos campeonatos europeus são fortes pelo potencial de seus jogadores estrangeiros, especialmente os latino-americanos, isso está demonstrado pelas fragilidades de algumas seleções européias que acabam tendo um mau desempenho na Copa.

Pode parecer uma patriotada latino-americana, mas sem dúvida a Copa revela nosso talento e capacidade nos esportes coletivos como o futebol. Esperamos que as seleções latino-americanas prossigam e, quem sabe, façam uma primeira final regional, transformando a Copa do Mundo de Futebol da África em uma Copa América.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

O Brasil Pan-Americano

Ao encerrar-se a 14ª edição dos Jogos Pan-Americanos, na República Dominicana, o Brasil teve um saldo muito positivo, que o qualificou, do ponto de vista olímpico, para abrigar os próximos jogos, que acontecerão no Rio de Janeiro em 2007.

Nestes jogos de Santo Domingo, capital da República Dominicana, nosso país obteve seu recorde de premiações em jogos Pan-Americanos; arrecadou 123 medalhas, 22 a mais do que em 1999, em Winnipeg, no Canadá, ficando desta vez em quarto lugar, apenas uma medalha de ouro atrás do Canadá, que se manteve em terceiro.

É louvável o desempenho dos atletas do Brasil, que foi o único país, entre os cinco maiores medalhistas da história da competição (EUA, Cuba, Canadá, Argentina e Brasil), que apresentou crescimento em relação ao número de medalhas conseguidas nos jogos anteriores no Canadá.

O País teve um crescimento de 21,87% no número de medalhas, enquanto o Canadá, por exemplo, diminuiu suas vitórias em 35,2% e a Argentina, nosso tradicional adversário e melhor colocado no ranking histórico de medalhas, recuou 12,5% em relação a Winnipeg.

Este crescimento brasileiro e o recuo dos tradicionais medalhistas permitiu que nossos atletas trouxessem para casa uma quantidade maior de medalhas em um número também maior de esportes. Para se ter uma idéia da dedicação da equipe brasileira, dos 479 atletas integrantes da delegação, 288 voltaram para casa com medalhas no peito, o que representa um índice de 60% de medalhistas no grupo. Também apresentamos uma diversificação esportiva muito maior, o país conseguiu a façanha de obter medalhas em 30 esportes diferentes, uma performance muito expressiva, uma vez que somente os Estados Unidos nos superaram e obtiveram medalhas em 39 esportes.

Além disso, mais uma vez a força dos esportes coletivos do país ficou patente, nada menos do que 43 pódios em modalidades coletivas foram conquistados. Nessa histórica competição, as atletas brasileiras obtiveram 38 medalhas e cresceram 11% em relação à competição anterior, enquanto isso, os homens subiram 85 vezes ao pódio, acumulando um crescimento de 30,8%.

Finalmente, fica para nós brasileiros uma sensação de superação no ar, afinal, um país que ensaia seus primeiros passos rumo à profissionalização de muitas modalidades esportivas e que carece de apoio oficial e privado ao esporte, superou positivamente suas marcas históricas. Além disso, foi muito bom ver nossos atletas entusiasmados com a bandeira nacional, recebendo medalhas e poder experimentar o momento mágico de um país pobre, que pouco investe em esporte, cultura e educação, conseguir superar os adversários.

Por isso, mesmo com todos os problemas, limitações, exclusões e distorções que existem em nosso país, podemos dizer que o Brasil é OURO!

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Somente talento não basta

Todos nós conhecemos várias pessoas extremamente talentosas em diversas áreas, algumas estão até bem próximas, dentro de nossas casas ou locais de trabalho. Dentre essas, umas são atletas, outras parece que nasceram para a música e as artes ou, ainda, tem uma facilidade extrema para expressar pela escrita ou oralmente os mais vivos sentimentos.

Existem, também, os talentos profissionais, aqueles que, com muita inspiração e pouca transpiração, dão um toque especial às suas atividades. Uns vendem, outros compram, alguns ensinam, mas todos são dotados de um brilho natural que desenvolveram ainda mais e com o qual nos regalamos e dizemos tratar-se de um grande talento.

A área esportiva também tem revelado muitos fenômenos. Quem não se emocionou com a encantadora atleta Daiane dos Santos, que, ao som da música “Brasileirinho”, encantou platéias no mundo todo e toca fundo em nossa brasilidade? A ginástica de Daiane revela-nos o seu extremo talento, aliado à superação que uma mulher, negra, nascida pobre, conseguiu realizar, ao abrir caminho em um mundo competitivo e discriminatório.

Outros grandes mitos esportivos também dão mostras do talento, o que muitos brasileiros possuem e que, somado a alguma oportunidade que tiveram e souberam aproveitar, acabaram revelando ao mundo. Infelizmente, somente talento não é suficiente para garantir o sucesso ou a felicidade, muito menos as realizações. É preciso ter talento e agregar a isso determinação, raça, iniciativa, garra!

O talento natural, ou aquele que se desenvolve e se aprimora com a lapidação, torna mais evidentes essas qualidades individuais. Não se trata de sorte, mas de uma determinação pessoal.

Um dos maiores golfistas da atualidade, o norte-americano Tiger Wood, em certa oportunidade, foi entrevistado e questionado a respeito da sorte que teria nos torneios de golfe. Sua resposta a essa pretensa sorte pessoal revelou, mais uma vez, o seu talento pessoal, mas também o seu esforço. Disse Tiger Wood: “quanto mais eu treino, mais sorte eu tenho”.

Talvez essa lição devesse ser tomada por nossos atletas do futebol, especialmente os da seleção brasileira, que, mais uma

vez, nós achamos que é a favorita e que vai se classificar para a Copa da África sem problemas. Entretanto, esses fantásticos atletas formaram um grupo, não uma equipe. São individualidades colocadas lado a lado, com seu ego e seu talento, ou seja, não formaram uma equipe de fato, até porque falta uma liderança positiva e agregadora dentro e fora do campo.

Uma equipe talentosa sem uma liderança de fato, com certeza, é frustração na certa, principalmente no mundo do futebol internacional, competitivo, de superação e que envolve, mais do que trabalho, garra, patriotismo e desejo de vencer coletivamente.

Ficamos nós, brasileiros, com aquela sensação de quem tem um filho ou amigo talentoso, mas que vai viver às nossas custas a sua existência. Isso porque faltou agregar a esse dom certo grau de atitude frente à vida e aos desafios.

Não prego a saída de uns e a substituição de outros, mas a mudança de atitude, agregando mais valor ao talento individual e uma forte dose de liderança.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

2010 e as chuteiras

O Brasil, mais uma vez, participará de uma Copa do Mundo de Futebol, desta vez na África do Sul. Isso não é nenhuma novidade, especialmente para um país acostumado com sua grandeza e magia no futebol e dono de cinco títulos mundiais.

O futebol prosperou no Brasil como um esporte de massa e, mesmo nascendo elitista, rapidamente conquistou as multidões e abriu-se para a participação de todas as raças e classes sociais. Talvez o fascínio e a simplicidade das regras, aliados à possibilidade de uma participação de fato popular possam ter influenciado no crescimento imenso que esse esporte teve em nosso país.

Assim sendo, o futebol aqui é um fenômeno sociológico, um instrumento de ascensão social, capaz de levar um jovem sem perspectiva, morador das zonas mais pobres e violentas do país, ao estrelato e à condição de milionário. Esse fenômeno tem feito milhares de crianças no Brasil buscarem oportunidades em escolas e clubes de futebol, procurando garantir um futuro a eles e a suas famílias. Além disso, esse grande movimento de pessoas, principalmente em condições sociais de extrema dificuldade, revela quão talentoso nós, brasileiros, somos.

Há potencial para fazer surgir no nosso futebol um Garrincha, Pelé, Zico, Ronaldo, Robinho e Ronaldinho, apenas para falar de alguns, o que poderíamos fazer, então, em outras áreas do esporte, da ciência, das artes e da tecnologia? O sucesso de nossos futebolistas são as provas de que, existindo o estímulo e criando-se condições favoráveis, nosso país pode criar milhares de craques nas mais variadas atividades profissionais também.

A falta de recurso e estímulo a que se submete ainda uma parte considerável da população e, principalmente, a falta de oportunidades reduzem as chances de os verdadeiros talentos despontarem. Muitas vezes, queixamo-nos da qualidade de nossos profissionais e da falta de garra que têm frente ao trabalho e ao estudo. Mas será que estão claras as oportunidades? Será que elas de fato existem?

De todo modo, o futebol pode ser um grande exemplo, ele é patriótico, apaixonado, eleva nossa autoestima, promove o Brasil no exterior e ajuda-nos a criar uma identidade positiva. A despeito de parte das elites intelectuais e econômicas do Brasil julga-

rem o futebol como “coisa menor”, a cada Ronaldinho que surge, a sociedade mostra que ela é capaz. Precisamos ajudar para que esse fenômeno de talento nacional estenda-se a muitas outras áreas das atividades do país.

Estamos preparando nossas camisas e bandeiras para torcer pelo Brasil, e como seria bom se essa torcida não fosse apenas no futebol!

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.



7

**POLÍTICA INTERNA E
POLÍTICAS PÚBLICAS**

Imposto e escravidão

Acada dia que passa cresce a percepção das pessoas sobre a carga tributária e o peso que os impostos têm sobre nossas vidas. Em um mundo civilizado, regrado e que pense o coletivo, os impostos servem para criar condições estruturais para a sociedade.

Em um mundo desordenado e repleto de privilégios, parece que os mesmos impostos servem para punir as pessoas e transformar a todos em escravos desses mesmos tributos. Creio que o grande problema não seja de fato os impostos, mas o quase nulo retorno que existe para a sociedade brasileira que, ano após ano, vem contribuindo mais e mais para essa fúria arrecadatória.

Dói na nossa existência conviver com voracidade fiscal e trabalhar basicamente para pagar os impostos e ainda ter que recontra-atar aqueles serviços que deveriam ser cobertos por esses tributos.

Paga-se impostos para ter saúde, educação, segurança, infraestrutura e depois se contrata empresas privadas para nos prover esses serviços que deveriam ser feitos pelo Estado. Segundo o Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário – IBPT, nós, os contribuintes brasileiros, trabalhamos de 01 de janeiro até 25 de maio desse ano apenas para cobrir os impostos que nos são cobrados.

Dessa forma, nós brasileiros trabalhamos os primeiros 145 dias do ano apenas para recolher ao município, estado ou união, os recursos que deveriam ser empregados para nosso bem estar.

Essa carga tributária é o mesmo que um regime de escravidão, onde o Senhor dos escravos determina que trabalhe-amos tantos dias por ano para pagarmos, com nossa força de trabalho, o nosso dono. Depois desse compromisso, estamos livres para tentar viver, ou, como a maioria da população, sobreviver.

Em outros países se trabalha muito menos para acertar as contas com os impostos, mas nem por isso o retorno do Estado é menor; pelo contrário, é de muito mais qualidade. Por exemplo, os espanhóis trabalham 137 dias, os norte-americanos 102 dias e os “hermanos” argentinos apenas 92 dias por ano.

Bem, desse modo não nos resta muita coisa a falar, apenas vamos aproveitar e trabalhar o restante do ano para poder sobreviver no próximo ano, esperando que não sejam necessários mais dias de trabalho escravo em troca dos impostos que temos que suportar.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Inclusão digital

É invejável o avanço que o Brasil tem feito nos últimos anos quanto à diminuição do analfabetismo no país. Nossas ações são reconhecidas internacionalmente nesse campo e existe um envolvimento nesse processo de transformação, do governo Federal, muitos estados da federação e de alguns municípios.

Felizmente, nossa região encontra apoio também na sociedade civil organizada e temos um programa chamado “ABC Alfabeticando”, que une vários atores sociais na erradicação desse grande problema, que é o analfabetismo.

Mesmo diante desse quadro geral que parece favorável, nossa sociedade tem que avançar mais ainda e eliminar outro tipo de analfabetismo, o digital. A exclusão causada pelo analfabetismo é constrangedora e marginaliza todos aqueles que não dominam os códigos de uma sociedade letrada.

O analfabetismo digital, por sua vez, também é um fato de gravíssimas conseqüências, especialmente às novas gerações que vão enfrentar um mundo em que, obrigatoriamente, deverão dominar o uso do computador, seus programas e variados softwares, a Internet e os micro-processadores presentes a cada dia nos meios elementares, objetos de uso doméstico ou no trabalho.

A necessidade de inclusão digital se torna mais evidente quando vivemos a sociedade do conhecimento, ou como dizíamos há alguns anos, a sociedade de informação.

Os danos causados aos jovens e crianças que não dominam os códigos do mundo digital relegam esses indivíduos a mesma marginalização que hoje sofrem aqueles que não sabem ler e escrever. Pior ainda, quando somamos as duas exclusões, a do analfabetismo letrado e do mundo digital, vemos um quadro extremamente desolador e excludente dos indivíduos frente ao mundo do trabalho e, conseqüentemente, de sua própria sobrevivência.

Creio que superamos a questão da importância do computador na escola, quanto a isso todos concordamos. O que se deve definir é uma política dos municípios, Estado e do país, que articule e possibilite o acesso à educação digital em todos os níveis e garanta a inclusão frente às novas tecnologias com uma prioridade educacional.

O computador, a Internet e o domínio dessas novas tecnologias não podem permanecer como um privilégio, mas devem figurar como um bem maior, que deve e pode ser socializado com o mesmo esforço e dedicação com que fazemos a defesa da eliminação do analfabetismo.

O acesso às novas tecnologias de informação e de comunicação é uma necessidade que deve ser acompanhada de investimentos públicos e privados em infra-estrutura e acessibilidade, mas também, de ações positivas das comunidades que possibilitem o acesso a grupos ainda não incluídos no mundo digital.

A ampliação do acesso à Internet, através dos cursos profissionalizantes e de formação, a ampliação dos telecentros e pontos gratuitos de acesso às novas tecnologias podem ser bons começos para que no século XXI avancemos da inclusão letrada à inclusão digital.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

O mundo se move

No limiar de mais um processo eleitoral no Brasil, muitos de nós renovam suas esperanças de que nos próximos anos, nossos dirigentes políticos possam implementar de fato um ciclo virtuoso de crescimento e de melhorias para o Brasil e os brasileiros.

Certamente, grande parte da população é descrente de que os processos políticos e eleitoral tragam alguma mudança. Outras ainda, são descrentes das políticas e da própria democracia.

Certo mesmo, é que precisamos urgentemente reparar nossa atuação como cidadão e como gestor público. Mais do que nunca precisamos de um planejamento duradouro para o Estado e o país, onde as questões centrais e estratégicas sejam de fato discutidas e implementadas. A necessidade de uma ajuda que possibilite um desenvolvimento sustentado nacionalmente se impõe com urgência.

Não podemos ficar eternamente na esperança que alguém isoladamente e inspirado por uma inteligência divina realize aquilo que é impossível a um ser, mas deve ser fruto de uma construção organizada.

Nós somos um país que pouco valoriza o planejamento, por isso carecemos de um projeto nacional claro e de médio e longo prazo. Em compensação a outros países emergentes crescendo muito menos do que eles e vamos ficando cada vez mais atrás no ranking internacional. Nós brasileiros optamos por uma agenda econômica que privilegia a estabilização econômica e dos preços e das metas inflacionárias.

O resultado disso não é de todo mal, mas estamos marcando passo em termos de crescimento econômico e diminuição das diferenças sociais.

Temos uma grande capacidade produtiva, um mercado consumidor atraente, uma inserção internacional importante em vários setores, além de uma visibilidade política e econômica importante no cenário internacional. Mas o que faremos? Como conduzimos nossas negociações e crises internacionais e que vantagem tiramos desse perfil? Ao contrário do Chile, China, Índia, entre outros, não conseguimos impulsionar setores. Alias, nem determinamos quem são eles.

Falta um projeto estratégico, um posicionamento político-econômico internacional adequado à importância do país. Quem sabe comecemos a observar isso nos candidatos que vamos eleger em outubro, propondo assim, uma agenda político-econômica-social, além de eleitoral.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

A vez do Brasil

É muito difícil em tempos de Copa do Mundo de Futebol não falar sobre o Brasil, mesmo que não seja necessariamente sobre futebol, a torcida e a paixão nacional. É que definitivamente o Brasil está na moda no mundo todo e os olhares internacionais estão voltados para o nosso país, seus potenciais, suas deficiências, acima de tudo, pelas grandes oportunidades que vai oferecer nos próximos anos.

Podemos considerar que fomos novamente descobertos e pela terceira vez. A primeira pelos indígenas, depois os portugueses e logo sem seguida uma legião de nacionalidades europeias, africanas e asiáticas, agora, é diferente, mas estamos mais uma vez na vitrine e na galeria de oportunidades internacionais.

Temos uma das maiores e talvez a última fronteira agrícola do planeta, florestas e uma grande biodiversidade, madeiras, todos os minérios, inclusive agora o petróleo que jorra em abundância. Além disso, temos uma grande população e um mercado consumidor faminto e carente de produtos e serviços, junte-se a isso, nossa carência de infraestrutura, pois temos um país para construir.

Nosso peso na economia mundial tem crescido muito nos últimos anos e regionalmente, o Brasil ajuda a desenvolver economias menores e menos preparadas de alguns vizinhos como Argentina, Uruguai e Paraguai. Esse papel de motor da América do Sul o coloca cada vez mais como o centro econômico regional, atraído mais recursos e investimentos internacionais.

Portanto, as oportunidades internas são grandiosas, assim como os desafios. Ao mesmo tempo em que internamente temos grandes possibilidades, vivemos também uma janela de oportunidade internacional de grande envergadura, que possibilita avanços econômicos, sociais e tecnológicos de alta relevância.

Sem querer ser ufanista, devemos aproveitar bem essas oportunidades e fazer o Brasil desenvolver-se de modo sustentável, investindo na nação os recursos que conseguimos captar, mas, estar atento para rejeitar a corrupção e o desperdício, além de pensar bem sobre as nossas prioridades nacionais.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Depois de nós

Por vezes, penso que meus artigos caem no vazio... Será que eles tocam as pessoas, será que possuem algum significado positivo na vida dos outros ou são apenas observações individuais e egoístas sobre o mundo? Cada vez mais, acredito que sim, as pessoas se importam e gostariam que alguns temas voltassem, mais ainda, que tivessem um desfecho feliz e que a comunidade empreendesse essas modificações.

Assim sendo, vamos enfrentando, a princípio, solitária e solidariamente algumas questões. Uma das que mais me perturba, por exemplo, e, com certeza, também a muitos de meus leitores, é a condição das calçadas. Bem, é evidente que a largura e a conservação das calçadas de uma cidade têm relação com o grau de desenvolvimento e educação de sua comunidade, além de expressar a sua civilidade e o seu comprometimento ambiental.

Se isso é verdadeiro, as nossas cidades estão se tornando cada vez menos educadas e civilizadas, pois uma grande quantidade desses passeios nem merece essa denominação. Caminhando hoje pelas nossas ruas e avenidas, encontramos calçadas estreitas, mal cuidadas, ocupadas por automóveis, obras e tapumes, cheias de obstáculos, sem se esquecer do mato crescendo, dos buracos, da falta de revestimento e do excremento de cães, levados para passear pelos seus donos, que não se preocupam em recolher a sujeira.

Essa, infelizmente, é uma realidade em vários pontos da cidade. Não bastasse isso, é lamentável o descuido com as árvores, que sobrevivem apesar dos passeios públicos. Quando existem, normalmente estão plantadas abaixo dos fios de eletricidade, telefone e Tv. Não evoco apenas a questão estética, mas a ambiental e social; nossas ruas, passeios e locais por onde podemos circular estão perdendo espaço e tornando-se vazias, danificadas, o que é incoerente com nosso desejo de termos cidades com maior qualidade de vida, uma vez que boas calçadas, praças e passeios arborizados tornam a vida nas cidades mais agradável.

Quantas coisas positivas emanam, pois, da conservação das calçadas e do plantio adequado de árvores... Uma iniciativa que se transforma em herança às gerações que aqui viverão depois de nós!

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Entre o bem e o mal

Este ano de 2010 promete. Mais uma vez teremos a realização de uma Copa do Mundo de Futebol no mesmo ano de eleições gerais. Neste momento, muitos de nós temos esperanças de que nossos dirigentes políticos possam garantir um ciclo virtuoso de crescimento, além de mudanças significativas no modo de governar e gerir os interesses públicos e das maiorias.

Entretanto, convivemos, também, com uma generalizada descrença de que os processos políticos e eleitorais tragam alguma mudança positiva para as pessoas. Além disso, encontramos uma parcela importante do eleitorado descrente da política, dos políticos e, pior, prega contra a própria democracia. Infelizmente, esses últimos parecem se esquecer dos duros tempos da ditadura no país e das dificuldades da falta de democracia. Para dar valor ao nosso regime, basta pensar no que significa a falta de liberdade, assim como olhar para fora do país e ver o que sofrem as nações com os regimes tiranos, que submetem tudo e todos ainda nos dias de hoje.

Essa percepção que muitos cidadãos têm da pouca vantagem da democracia advém, em grande parte, do fato de a sociedade estar farta de promessas e de soluções que se adiam, o que é preocupante, ainda mais quando reforçada por uma sucessão de escândalos no país e pela falta de soluções para problemas que se tornaram crônicos.

Certo mesmo é que precisamos, urgentemente, reparar nossa atuação como cidadãos e como gestores públicos. Mais do que nunca, precisamos de um planejamento duradouro para o estado e o país. Precisamos de uma atuação política do cidadão, que não deve exercer sua cidadania apenas com o voto, mas com um acompanhamento efetivo dos mandatos e que se envolva de fato nas questões estratégicas que devem ser discutidas e implementadas, sob os olhos da população, com transparência e celeridade.

Infelizmente, vivemos, cada dia mais, um processo de "satanização" da política e dos políticos, o que, além de perigoso, cria um fosso entre nossos representantes e a sociedade, como se fosse possível ficar de um lado o bem e, de outro, o mal. Uma visão simplista e maniqueísta da sociedade.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

O país semijovem

O Brasil já foi o país do futuro e, especialmente, uma nação jovem. Entretanto, nossa população está envelhecendo e, nos próximos 50 anos, haverá um envelhecimento significativo, tanto que, a partir de 2062, nossa população poderá começar a diminuir. Além disso, as estimativas populacionais apontam que a maioria da população será composta de mulheres, cerca de 5 a 6 milhões mais do que homens.

Esse processo de envelhecimento e reversão da curva de crescimento deve ser levado a sério tanto pelas pessoas em geral como pelas empresas e, especialmente, pelos governos, que devem liderar um amplo planejamento da sociedade. Com o aumento da expectativa de vida das pessoas, não vai ocorrer apenas o envelhecimento em si, mas, com certeza, deparar-nos-emos com algumas questões-chaves, como a saúde e a previdência social.

Matematicamente o problema é facilmente compreensível: em 1980, para cada brasileiro com 65 anos ou mais, havia 14,4 em idade ativa (15 a 64 anos); no ano de 2000, essa proporção caiu para 1 aposentado a cada 11,9 ativo; para 2050, está prevista a existência de 1 aposentado para cerca de 3 pessoas em idade ativa. Essa evolução da população e de sua idade média projeta o ano de 2050 como o ponto em que as pessoas com mais de 60 anos serão superiores às com menos de 20 anos e haverá também um crescimento muito acentuado na faixa etária com mais de 80.

Essas projeções não são mágicas; levam em consideração as tendências de fecundidade e mortalidade dos brasileiros. Assim sendo, deveriam ser percebidas e analisadas para o desenvolvimento de estratégias e ações coordenadas que garantam uma qualidade de vida e a sustentabilidade do sistema de previdência e da economia nacional. Além disso, devem ser revistas questões de educação, mobilidade urbana e acessibilidade das pessoas, seja em espaços privados, como casas e apartamentos, seja em públicos, como lojas, ruas, praças e calçadas. O jovem de hoje, com sorte, será o idoso de amanhã!

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Resgatando a cidadania

Conversando com um educador emérito de nossa cidade, ouvi dele que vivemos em uma sociedade reivindicatória. Isso significa que todos nos arvoramos o direito de reivindicar para si ou seu grupo direitos e vantagens de uma forma muito natural.

De uma forma geral, nos despreocupamos com o custo das reivindicações, com aspectos da cidadania do bem social e do progresso geral do país. Assim, permanecemos eternamente em desenvolvimento, mas sem atingir a plenitude dele.

Muitas pessoas falam em resgatar a cidadania e ter seus direitos assegurados, mas ignoram alguns elementos básicos que realmente refletem questões de cidadania e da vida em sociedade. Nesse sentido, o IBGE demonstrou que 24,4% das crianças nascidas no Brasil em 2002 não foram registradas no prazo legal, que é de 90 dias após o nascimento. Ainda segundo o IBGE, dos 3,5 milhões de crianças nascidas em 2002, 800 mil não têm certidão de nascimento.

Que tipo de indivíduo é aquele sem registro de nascimento? Simplesmente não existe, não é um cidadão, não possui cidadania. É uma forma degradante de ignorar o direito do outro e negar a ele sua inclusão na sociedade.

Sem a certidão de nascimento, simplesmente é impossível obter qualquer outro documento; além disso, essa pessoa inexistente para o Estado. A pessoa não pode se matricular na escola, ter carteira profissional, previdência social, aposentadoria, casar oficialmente, até ser enterrada dignamente. Tragédia do nascimento à morte.

Não obtendo a certidão no prazo legal, não significa que nunca mais vai se obter esse documento, pois ele pode ser feito a qualquer momento. Entretanto, trata-se de chamar a atenção para a ausência do Estado e a falta da participação da sociedade no momento mais básico e elementar da pessoa, que é seu nascimento, quando ela deveria, naturalmente e sem barreiras, ser recebida pela sociedade e ingressar diretamente no mundo como cidadão.

O problema do registro não é tão difícil assim de resolver. Atualmente, existem leis que fazem com que os Cartórios registrem as crianças sem cobrar taxas e isso tem acontecido

inclusive com a participação de tabeliães antes mesmo das exigências da lei.

A questão aqui é que o Estado e a sociedade devem garantir a todos o acesso à cidadania a todo momento, não sendo a pobreza e as dificuldades econômicas impedimento para que ela seja exercida. É necessário garantir primeiramente os direitos básicos a todos e trabalhar para que isso de fato aconteça de modo normal sem expor as pessoas.

Creio que o aprofundamento de políticas públicas nacionais de inclusão, além do resgate da cidadania, devam ser olhadas com muito mais atenção e agilidade. Não se trata de ser contra as reivindicações pessoais e de categorias, mas de ter uma sociedade e comunidade cidadã, comprometida solidariamente com o outro e garantido, antes de tudo, o atendimento daquilo que é básico e elementar a todos os brasileiros.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Exame de habilitação profissional

Nos últimos dias o governo federal se envolveu em uma discussão muito intensa com a proposta de criação do Conselho Nacional de Jornalismo, proposto pelo sindicato da categoria. Esse projeto sofreu pesadas críticas dos profissionais de imprensa, bem como dos veículos de comunicação, por um possível controle que exerceria sobre as informações e até mesmo a programação das empresas de comunicação.

Como se vê, toda e qualquer regulamentação esbarra em princípios, liberdades, corporativismos e na fragilidade da formação dos profissionais, entretanto, essas questões ao serem levantadas levam a sociedade a discutir as melhorias necessárias para seu crescimento e desenvolvimento.

Neste rastro, se discute entre outras coisas, a implementação de um exame de habilitação para os formandos em medicina no país, sob argumentos dos mais variados, mas que evidenciam a importância da vida e da saúde para todos nós. Essa não é uma discussão unicamente brasileira, vários países discutem a necessidade de melhorar o exercício da medicina, introduzindo elementos de formação e controle dos mais variados.

Nos Estados Unidos, um estudo da empresa Health-Grades Inc, apontou que cerca de 195 mil pessoas morrem por ano nos hospitais americanos vítimas de erros médicos. Outro estudo da Academia Nacional de Ciência dos Estados Unidos indica que esse número gira em torno de 98 mil mortes/ano.

De qualquer modo, são números expressivos mesmo para os padrões norte-americanos, tanto que se fosse considerado nos dados estatísticos nacionais como causa de morte, o erro médico apareceria em sexto lugar, à frente, por exemplo, da diabete, pneumonia, mal de Alzheimer e problemas renais.

É difícil fazer qualquer paralelo com o Brasil, principalmente com a deficiência de informações confiáveis sobre o assunto, mas em todo caso, se estuda aqui a adoção de medidas que venham a reduzir a possibilidade dos erros acontecerem. Uma das principais medidas pensadas é a adoção do exame de habilitação ao exercício da medicina.

Várias autoridades no assunto já se manifestaram, José Pinotti, profissional renomado e com experiência na gestão públi-

ca da saúde é favorável ao exame, principalmente porque quase todos os países desenvolvidos o praticam, inclusive com renovações periódicas.

Por outro lado, Giovanni Cerri, diretor da Faculdade de Medicina da USP, coloca que o exame não seria a solução para o problema e que a questão está na melhor qualificação do ensino médico no país, onde existem cerca de 127 escolas de medicina, muitas delas sem condições satisfatórias de funcionamento.

De qualquer forma essas discussões devem tomar corpo e esperamos que tenham como foco central a vida e a melhoria do acesso e do atendimento médico no país.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Envelhecendo com ou sem perspectivas

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – estimou que, nos próximos 50 anos, haverá um envelhecimento da população brasileira, e a partir de 2062, ela começará a diminuir de tamanho.

A estimativa do IBGE é que em 2050 a população do país seja de 259.769.964 habitantes. Destes, 126,8 milhões serão homens e 133,0 mulheres, portanto 6,2 milhões de mulheres a mais do que homens.

Esse processo de envelhecimento populacional e reversão da curva de crescimento deve ser percebido e antecipado em um amplo planejamento da sociedade. Dentre os principais problemas relacionados ao envelhecimento, encontra-se a questão de previdência social.

Matematicamente o problema é facilmente detectado; em 1980, para cada brasileiro com 65 anos ou mais, havia 14,4 em idade ativa (15 a 64 anos). No ano de 2000 essa proporção caiu para 1 aposentado a cada 11,9 ativo. A projeção do IBGE prevê em 2050 a existência de 1 aposentado para apenas 3,4 pessoas em idade ativa.

Nota-se e preocupa o envelhecimento populacional também em outros indicadores como, por exemplo, a idade média do brasileiro. Em 1980 essa idade era 20,2 anos, isso representava que metade da população do país tinha mais do que esta idade enquanto a outra, menos do que ela.

Já em 2000 a idade média subiu de 20,2 para 25,3 e, projeta o IBGE que chegue a 40 anos em 2050. Isso mudará nossa classificação de um país de jovens para um país de adultos, a caminho de um país de idosos, a persistir essa tendência.

Essa evolução da população e de sua idade média projeta o ano de 2050 como o ponto em que as pessoas com mais de 60 anos serão superiores as com menos de 20 anos. Haverá também um crescimento muito acentuado na faixa etária com mais de 80 anos, fazendo com que esse contingente chegue a representar mais de 13% da população.

Todo esse cálculo foi realizado pelo IBGE, segundo os padrões internacionais da ONU, levando-se em consideração as tendências de fecundidade, mortalidade e migração em anos bases anteriores.

Finalmente, as estimativas populacionais são importantes para o desenvolvimento de estratégias e ações coordenadas que garantam uma qualidade de vida e a sustentabilidade do sistema de previdência e da economia nacional. O ano de 2050 parece distante, mas a formulação de políticas e o planejamento estatal de pessoal deve começar já.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Brasil, 1º de janeiro de 2050

No momento em que o Brasil parece engrenar em um ciclo de prosperidade econômica, geração e distribuição de renda, depois de amargar o do crescimento pífeio, chama-nos a atenção a atual situação do país frente à perspectiva de vida de sua população.

Essa realidade retratada fotograficamente hoje pode e deve ser modificada, para garantir uma maior qualidade de vida e melhoria dos indicadores do Brasil frente à comunidade Internacional, onde parece estar mais disposto a ter um papel de relevância.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, se nada for feito, a expectativa de vida do brasileiro será de 81,2 anos somente no ano 2050, ou seja, somente nesse distante ano teremos a mesma expectativa de vida do Japão hoje.

Evidentemente, houve um grande progresso do país nos últimos 50 anos. Em 1980 nossa expectativa média de vida era de 62,6 anos, em 2000 passou a 70,43, sendo que as projeções do IBGE apontam para 76,6 em 2020 e 81,25 em 2050. Nesse distante ano, a expectativa de vida das mulheres deve ser 84,54 anos, enquanto a dos homens 78,10.

Nossas taxas de fecundidade e fertilidade devem ter uma regressão significativa no período 2004/2050. Em 2000 a taxa de fecundidade total, ou seja, a média de filhos por mulheres no país era de 2,39 e a projeção aponta 2,01 em 2023. Essa taxa pequena representa apenas a manutenção dos níveis de reposição populacional. Em outras palavras, serve apenas para manter o número de habitantes sem nenhum crescimento vegetativo, entretanto, a taxa de fecundidade irá cair para apenas 0,85 no ano de 2050, indicando uma regressão populacional.

Quanto às taxas de mortalidade infantil, que é a representação do número de mortos com menos de um ano de idade por mil nascidos vivos, em 2000 a taxa média era de 30,1, devendo passar para 15,3 em 2020 e 6,4 em 2050.

Atualmente, o Brasil aparece em 85º lugar quanto à expectativa de vida com 70,4 anos, já os campeões são o Japão (81,6), Suécia (80,1), Hong Kong (79,9), Islândia (79,8) e Canadá (79,3).

Em se tratando de mortalidade infantil, o Brasil encontra-se na 100ª posição com 29,7 mortes por mil nascidos vivos, índice

muito próximo ao dos países africanos. Para se ter uma idéia, os líderes mundiais em taxas de mortalidade infantil são Cingapura (2,9), Japão (3,2), Islândia (3,9), Suécia (3,4) e Finlândia (4,0).

A continuidade desse quadro levará o Brasil a atingir os índices atuais do Japão no ano de 2050, entretanto, esse país também terá avançado, evidentemente, em um ritmo menor, mas deverá ter uma expectativa de vida média de 88 anos e uma taxa de mortalidade infantil de 2,6 mortos por mil habitantes.

Se em 1º de janeiro de 2050 tivermos a pretensão maior do que ser o Japão de hoje, temos que insistir nas políticas públicas de saúde e saneamento e, acima de tudo, em um sistema de educação com qualidade e abrangência nacional, acelerando os processos e evitando que apenas daqui a 96 anos possamos atingir indicadores do primeiro mundo atuais.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Os impostos

Torna-se recorrente às expressivas parcelas de todas as classes sociais falar sobre a pesada carga de impostos a que os cidadãos brasileiros estão submetidos. Problema histórico e crônico, que vem se agravando desde a Proclamação da República e, a cada ano que passa, compromete mais nossos rendimentos, sem um retorno palpável aos cidadãos.

Não se trata de problema novo, principalmente quando o Estado, leia-se aí todas as suas esferas, federal, estadual e municipal, precisa de mais e mais recursos para manter a máquina pública funcionando, mesmo que de forma precária, com uma performance nada animadora em grande parte dos órgãos.

De qualquer forma, uma pequena luz surge diante desse tema: desde a semana passada, pelo menos, podemos ver e calcular o quanto pagamos de impostos. Está no ar o site www.contribuintecidadao.com.br; ali, podemos gratuitamente calcular, sem necessidade de conhecimento da legislação tributária, quantos dias de trabalho dispensamos aos impostos durante um ano de trabalho.

O site foi desenvolvido pela Associação Comercial de São Paulo e pelo Instituto Brasileiro de Planejamento tributário. No entender de seus organizadores, essa é uma “calculadora cívica”, que demonstra o peso do Estado e seu real custo àqueles que trabalham.

Não vamos ainda resolver o problema da grande carga tributária e do pequeno retorno que temos no Estado, mas podemos ter claramente colocado o quanto nós todos trabalhamos para fazer esse Brasil andar.

Num cálculo simples e de exemplo, que simule um cidadão com rendimento mensal de R\$ 4.000,00 e possuindo dois filhos, poderá se espantar se o site calcular que se trabalhar 365 dias no ano, 156 dias desse trabalho vão para o governo através de impostos.

Não sei da precisão desses cálculos, mas sinto que ele pode evidenciar a ineficácia do sistema e seu pouco retorno à sociedade. Fica evidente que a carga tributária é muito alta, principalmente quando comparamos ao retorno que possuímos como cidadãos. A deficiência dos serviços do Estado é evidente, pois

crecem a cada ano os planos de saúde, as escolas, serviços de segurança e tantas outras atividades privadas.

Esses serviços, felizmente oferecidos por empreendedores, suprem as carências estatais e garantem à população que tem recursos para isso, o atendimento de suas necessidades como a saúde, educação e segurança, para citar alguns casos.

De qualquer modo, a presença da iniciativa privada não deve desobrigar o Estado a fornecer com qualidade o atendimento desses preceitos, pelo contrário, pode servir de exemplo para melhorar o sistema. Em resumo, pagamos muito pela qualidade dos serviços essenciais que temos à disposição da grande maioria da população.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Mais qualidade e menos impostos

Costuma-se dizer popularmente que aquilo que as pessoas não vêem elas não sentem. Esse dito popular está provocando em algumas Associações Comerciais, como a de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, um procedimento interessante, esclarecer às pessoas sobre os impostos que estão embutidos no preço final de alguns produtos.

Essa importante iniciativa no Brasil já é uma prática constante em muitos outros países, onde o preço exposto coloca separadamente o do produto e a taxa de impostos. Nossa cultura de consumidor estranha muito esse hábito e chega a reclamar de que tem que calcular o valor final, que nem sempre é expresso diretamente.

Entretanto, essa prática evidencia ao consumidor qual a carga tributária e qual o peso dos impostos na composição dos preços e na parcela que consome do salário das pessoas, permitindo que se relacione o montante dos impostos recolhidos, com o retorno efetivo para a sociedade.

Evidente, não é de hoje que a carga tributária no Brasil vem subindo e se escondendo no preço dos produtos. Entretanto, percebe-se um agravamento a partir da década de 1990, principalmente se compararmos o peso dos impostos em relação ao Produto Interno Bruto – PIB. Para se ter uma idéia clara, essa relação em 1991 era de 29,4% e pulou para 35,7%, em 2003.

Será que essa relação continuará subindo nos próximos meses ou anos? Qual é o limite que a sociedade vai tolerar e qual a sua capacidade de pagamento? O Estado vai promover uma melhoria de seus serviços que justifique tal crescimento ou vai apenas engordar?

Como exemplo da gula tributária, a Associação Comercial de São Paulo informa que 40% do preço de um automóvel popular é feito de impostos. Essa fatia sobe para 50% no preço da gasolina.

Evidentemente automóveis e gasolina podem até não ser artigos de primeira necessidade, mas a explicitação mostra o efeito da carga tributária, que inibe o consumo e este o emprego, a renda, a arrecadação e, assim por diante.

Vivemos dias difíceis para a maioria da população brasileira e espero que os sinais emitidos pelos governos de, pelo menos identificar o problema da carga tributária e sua relação com o retorno à sociedade, possa resultar numa revisão e na reorganização eficaz do sistema administrativo que gerencia o Estado em todos os níveis.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

O Velho Brasil: 2039

Segundo as previsões do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em sua Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde - PNDS, o ano de 2039 marca o momento em que começará o encolhimento da população brasileira, ou seja, o momento em que nossa população começará a diminuir. Além disso, o IBGE projeta que nosso país terá uma população mais velha e mais feminina.

Esses indicativos servem para que o país, através de seus governos, entidades e empresas, reveja seus projetos e investimentos futuros, uma vez que os estudos apontam para o envelhecimento populacional chegando antes do que o esperado anteriormente.

Essa antecipação do envelhecimento populacional está alicerçada na decrescente taxa de fecundidade no Brasil, que, em 2006, atingiu 1,8 filhos por mulher. Nas projeções iniciais do IBGE, essa taxa abaixo de dois filhos somente seria atingida em 2043. Mesmo a Organização das Nações Unidas – ONU – previu que o Brasil teria uma taxa de fertilidade feminina menor do que 2 filhos somente depois de 2010.

Portanto, menos filhos por casal e um significativo aumento da expectativa de vida dos brasileiros apontam-nos para um futuro próximo em que conviveremos com a presença, cada vez maior, de uma maioria idosa. Devemos nos preparar para esse fato, pois haverá um impacto na economia, nos cálculos de aposentadoria, nas políticas públicas de saúde e educação para suportar esse envelhecimento populacional.

Assim sendo, seria importante acelerar o crescimento econômico do país agora, para que esse novo desafio não nos faça repetir os mesmos erros que cometemos enquanto fomos os país do futuro, ou seja, das crianças, dos jovens e dos adolescentes.

Seria muito importante preparar o Brasil para a chegada dessa maturidade, criando condições para que as pessoas e o país enfrentem essas significativas mudanças, que trazem junto de si outras realidades e necessidades estruturais, sociais e educacionais.

E nós, a população do Brasil, será que estamos preparados para encarar os anos de maturidade?

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Pagando a conta

O Brasil enfrenta atualmente um grande dilema, que é crescer econômica e socialmente e simplificar a vida das pessoas e das empresas. Essas duas coisas não são de modo algum incompatíveis, mas, nossa capacidade burocrática e a gula arrecadadora estatal, as tornam adversárias.

A carga tributária no país é alta e o retorno para a sociedade baixo, aliás, quanto mais cresceram os impostos em relação ao Produto Interno Bruto - PIB, mais decresceram os serviços oferecidos pelo Estado e sua qualidade.

Além disso, o Brasil criou, ao longo dos anos, uma malha tributária complexa e pesada. Líder mundial dos juros, o país espanta investimentos nacionais e internacionais por conta do nó tributário, dos juros e do complexo estatal burocrático pouco eficiente.

Em relação às empresas, o Brasil tem cerca de 61 impostos, taxas e contribuições das mais variadas, que atualmente correspondem em arrecadação, a 36,61% do PIB. Enquanto isso, a China tem 25 impostos e uma carga de 16,7% do PIB, o México 19,98% do PIB, os EUA, a maior economia do planeta vem decaindo sem percentual de impostos e hoje apresenta 27,4% do PIB.

Estima-se, hoje, que as empresas brasileiras gastem R\$ 20 bilhões por ano para o cumprimento da burocracia; não se trata de pagamento de impostos e tributos, mas de acompanhamento e adequação das normas tributárias, visto que elas não são poucas. Estão em vigor atualmente, em nosso país, cerca de 3.000 normas tributárias, com aproximadamente 300 atualizações e modificações por ano, que geram 50 mil novos artigos e 30 mil parágrafos.

Nesse emaranhado tributário e legal, gera-se uma nova bíblia de regulamentações a cada ano e, cada vez mais a União, Estados e Municípios querem arrecadar mais. Segundo o Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário – IBPT, o gasto das empresas com os impostos representa 40% do superável primário acumulado pelo governo para pagamento dos juros de sua dívida.

Com todos esses impostos, sua complexidade arrecadatória, modernidade nos cruzamentos de dados, além da sofisticação das cobranças, o retorno social praticamente inexistente. Quem pode, tem recursos, renda ou salário, acaba pagando com seus

rendimentos pela saúde, educação, segurança e outros direitos que o Estado arrecadador deixa de cumprir a cada ano.

O Estado custa muito caro aos cidadãos. Atualmente possui uma máquina carente, serviços precários e, em curto prazo, não demonstra uma alteração nesse quadro. Precisamos de coragem de nossos dirigentes para fazer as mudanças necessárias, colocando os impostos em um patamar aceitável para o funcionamento da sociedade, além de oferecer serviços qualificados e universalmente colocados a toda a população brasileira.

De qualquer modo, estamos na contra-mão do processo imposto/desenvolvimento, fazendo com que o cidadão e as empresas financiem o Estado sem obter um retorno socialmente aceitável.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Estado guloso

Em tempos de epidemia de obesidade, a gula tem se mostrado como um dos sete pecados capitais mais presentes. Essa prática está associada não apenas ao comportamento das pessoas, como também das instituições e tem, no Estado, talvez, a mais notável manifestação.

Dentre os países mais decididamente aplicados à gula, encontra-se o Brasil, um dos líderes mundiais na cobrança de tributos em todas as esferas de governo. A gula estatal aparece na quebra constante de recordes de arrecadação; comemorada pelos técnicos, surge também no aperfeiçoamento e sofisticação da máquina arrecadatória, que vai devorando recursos, empregos, salários e tudo mais que encontra pela frente.

Estaria tudo bem, se o aumento de arrecadação, através do combate à sonegação, tornasse mais justa e melhor a sociedade. Entretanto, percebemos que a esse combate se liga a necessidade de aumento dos tributos para financiar o Estado que precisa cada vez de mais recursos para operar, de modo geral, com menor qualidade dos serviços.

Cada vez que enfrentamos um aumento da carga tributária, não se percebe um retorno visível para a sociedade. A cada dia convivemos com mais impostos e um menor atendimento público das necessidades básicas dos cidadãos.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário – IBPT, os brasileiros, nesse ano de 2005, trabalharam de 1º de janeiro a 20 de maio para o pagamento de impostos e outras contribuições. Isso mesmo, em média, nós, brasileiros, trabalhamos 4 meses e 20 dias para atender os encargos tributários dos governos municipais, estaduais e federais.

Esse é um fato escandaloso, onde a gula arrecadatória do Estado em todas as suas esferas consome 140 dias de trabalho de um ano de nossas atividades e, pior, sem um retorno minimamente qualificado para a população.

Quem pode e consegue, tem que pagar privadamente para ter um serviço básico melhor, por exemplo, na educação sua e de seus filhos, em planos de saúde, aposentadoria complementar ou em segurança.

Nós, cidadãos brasileiros, criamos um mostro que pode ser chamado de bicho papão, pois engole e engorda diariamente e pouco retorno dá aquele que o alimenta.

Seria muito bom se houvesse um retorno real dessa gula, mas, além disso, não acontecer, a carga tributária vem engolindo também os empregos, a competitividade das empresas e comprometendo o futuro produtivo do Brasil.

O Estado é muito grande e gordo, deveria se adequar à realidade do país, emagrecer, ser mais eficiente e, enfim, se qualificar. Além disso, ao desonerar os cidadãos e a sociedade, estaria oxigenando os setores produtivos e permitindo que a sociedade e o país crescessem de fato.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Semelhanças entre o Brasil e Portugal

As semelhanças entre o Brasil e Portugal são inúmeras; além da língua, da nossa vocação cartorial, parece que a excessiva carga tributária também nos une. Nesse sentido recebi um e-mail de um colega português, reproduzindo uma carta que um cidadão lusitano envia ao governante, não reclamando, mas apresentando uma proposição, no mínimo interessante, frente ao excesso de impostos.

“Caro Sr. Primeiro-Ministro. Venho por meio desta comunicação manifestar meu total apoio ao seu esforço de modernização do nosso país. Como cidadão comum, não tenho muito mais a oferecer além do meu trabalho, mas já que o tema da moda é Reforma Tributária, percebi que posso definitivamente contribuir mais.

Na atual legislação, pago na fonte 31% do meu salário, 20% para o IRS e 11% para a Seguridade Social. Como pode ver, sou um cidadão afortunado. Cada vez que eu, no supermercado, gasto o que o meu patrão me pagou, o Estado, e muito bem, fica com 19% para si ($31+19=50\%$). Sou obrigado a concordar que é pouco dinheiro para o governo fazer tudo aquilo que promete ao cidadão em tempo de campanha eleitoral.

Meu patrão é obrigado a dar ao Estado, mais 23,75% daquilo que me paga para a Seguridade Social. E, ainda, 33% para o Estado, perfazendo $50+23,75+33=106,75\%$ de meu salário.

Além disso, quando compro um carro, uma casa, herdo um quadro, registro os meus negócios ou peço uma certidão, o Estado, e muito bem, fica com quase metade das verbas envolvidas no caso. Minha sugestão é invertermos os percentuais. A partir do próximo mês, autorizo o Governo a ficar com 100% do meu salário. Funcionaria assim, eu fico com 6,75% limpinhos, sem qualquer ônus, mas o Governo fica com as contas de despesas escolares, seguro de saúde, despesas com médicos, medicamentos, materiais escolares, condomínio, água, luz, telefone, energia, supermercado, gasolina, vestuário, lazer, cultura, contribuição autárquica, IVA, IRS, IRC, imposto de circulação, seguridade social, seguro do carro, inspeção periódica, taxas do lixo, iluminação, reciclagem, esgotos e saneamento.

Além do mais, o governo poderia pagar todas as outras taxas que nos impinge todos os dias e também a previdência privada e qualquer taxa extra que por ventura seja repentinamente criada por qualquer dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Um abraço, Senhor Primeiro-Ministro e muito boa sorte, do fundo do meu coração!”

Vejam só, não sofremos sozinhos, imaginem que essa reflexão portuguesa poderia muito bem ser transplantada para o Brasil, com o agravante ainda, de que no nosso país, o Estado dá cada vez menos em troca dos impostos e taxas que tão competentemente arrecada. (Isto sem esquecer que não estamos na Europa e, para muitos brasileiros, os portugueses é que são motivos de riso...).

Quem sabe se nossos governantes, mesmo brincando com a lógica e a matemática, não tirem algumas lições e repensem o tamanho do Estado e sua gula?

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Otimismo e pessimismo

Há alguns dias fui questionado sobre a viagem à China, se fiquei muito pessimista em relação ao Brasil e seu potencial. Imediatamente respondi que não, e que durante todo o momento em que lá estive, procurei entender aquele país e seu longo processo de crescimento, entendendo, além de tudo, seus processos históricos e culturais.

Não fiquei lá fora, nem um pouco pessimista em relação ao Brasil ou mesmo à economia do Rio Grande do Sul. Isso somente aconteceu quando retornei à pátria e percebi que enquanto a China avança com segurança, nós aqui preferimos nos arrastar na tomada de decisões e planejar muito pouco, especialmente no longo prazo.

Pessimismo mesmo, é encontrar, no retorno ao Brasil, 3 CPI'S, funcionando, os governos paralisados pela questão política e preparação de eleições, além do escândalo de arbitragem no futebol, nosso grande cartão de visitas no exterior.

Além disso, ainda têm a falta de reformas políticas, a dificuldade de crédito, o mercado retraído e a grande parcela da população longe do mercado consumidor, os juros altos, e alguns setores empresariais despreparados ou outros ainda esperando milagres, como seguidores de um pensamento mágico, especialmente em relação ao dólar.

Não podemos esquecer ainda, quando pensamos em nossa terra, de nossa carga tributária proibitiva, o retorno social quase nulo e, por último, a febre aftosa que vai travar a nossa exportação de carnes e couros, além de encarecer o produto no mercado interno.

Apesar desses fatores, não sou pessimista, apenas lamento que quando voltamos a nossa realidade brasileira nos deparamos com uma quantidade de obstáculos que entram nosso progresso. Lá fora, acreditamos que o país internamente tem quase tudo para dar certo, mas infelizmente, preferimos fazer dar errado.

Um país maravilhoso, sem desastres naturais de grande porte, sem guerras e grandes convulsões, mas que permanece em berço esplêndido. Nada parecido com um Paquistão, ou outro

país assolado por desastres arrebatadores, mas que vem perdendo as oportunidades de uma grande virada na sua história.

Mas então, longe do Brasil não somos pessimistas e cremos que é possível recuperar essa inércia e iniciar um processo real e duradouro de mudanças, que garanta o emprego, a renda e o bem estar da sociedade. O problema é que ao retornarmos, parece que internamente vivemos em um mundo letárgico, com uma velocidade de “câmera lenta”, onde as decisões demoram ou não ocorrem e nos falta um planejamento integrado.

Até quando será possível conviver com essa dualidade, antes que o país se inviabilize de fato? Até quando ainda poderemos ser otimistas e ver oportunidades onde existem tantas ameaças? Esse é um grande dilema que temos que desvendar e tentar transformar.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Uma política cultural popular

O Brasil daqui a alguns anos deixará de ser um país da juventude, nossa população envelhece e deve proporcionar um equilíbrio maior entre o número de jovens e da população mais velha.

Tão cedo não seremos como a Europa, onde a população mais idosa é predominante, mas estamos mudando o perfil etário de nossa sociedade.

Essa mudança deve ser percebida e preparada, principalmente porque aquilo que deixamos de fazer para o jovem hoje, vai se refletir no adulto e no idoso que ele será no futuro, já que a longevidade avança a cada dia.

Desse modo é preocupante a situação da juventude no Brasil. Tratando como jovens a população na faixa etária entre 15 e 24 anos, temos em nosso país um contingente de 34,1 milhões de pessoas e, para esse grande grupo, percebe-se a inexistência de políticas, especialmente no plano cultural.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Cidadania de São Paulo, que entrevistou 3501 jovens em 25 Estados e 198 municípios, mostrou que a perspectiva e o panorama cultural desses jovens são um desastre. Para se ter uma idéia, de cada cinco pessoas nessa faixa de idade, dois nunca foram ao cinema, três nunca estiveram no teatro e a metade nunca pisou em uma biblioteca.

Essa pesquisa apontou, ainda, que essa situação se agrava pela falta de uma política cultural popular e um planejamento integrado dos governos federal, estadual e municipal. Para comprovar o descaso, basta observar os jovens aglomerados nos shoppings, postos de combustíveis, nas esquinas e nas próprias ruas das cidades. Dessa observação se percebe que não existem opções de lazer e muito menos culturais, especialmente para os segmentos mais populares.

A situação dos jovens ainda se reflete no acesso aos livros e à leitura, sendo que 23% dos entrevistados declararam nunca ter lido um livro na vida, exceto na escola e 32% disseram que não leram nada nos últimos seis meses. Essa massa de excluídos formada pelos jovens têm na televisão a sua maior fonte de informação, menos mal, pois pelo menos têm acesso a alguma mídia informativa, mesmo que a televisão brasileira não seja uma das mais formativas do planeta.

Mesmo com toda a precariedade da situação os jovens são otimistas, tanto que 94% declararam que a vida vai melhorar e 91% disseram que sentem um grande orgulho do país. Esperamos, também, que o país e os governos pensem e traduzam em ações uma política cultural para esse mar de excluídos e que quando observarmos esses aglomerados de jovens voltemos a nos lembrar da responsabilidade que temos com eles e da necessidade de uma política cultural popular.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Mover-se à frente

No limiar de mais um processo eleitoral no Brasil, muitos de nós renovam suas esperanças de que, nos próximos anos, nossos dirigentes políticos possam implementar, de fato, um ciclo virtuoso de crescimento e de melhorias para o Brasil e os brasileiros.

Certamente, grande parte da população está descrente de que os processos políticos e eleitorais tragam alguma mudança positiva para suas vidas. Outros, ainda, estão descrentes das políticas e da própria democracia, não enxergando como o sistema político democrático esteja ajudando a fazer uma mudança positiva na sociedade.

Certo mesmo é que precisamos urgentemente repensar nossa atuação como cidadãos e como gestores públicos. Mais do que nunca, precisamos de um planejamento duradouro para o Estado e o país, em que as questões centrais e estratégicas sejam de fato discutidas e implementadas. A necessidade de uma agenda que possibilite um desenvolvimento sustentado é um clamor nacional e se impõe com uma urgência gritante.

Não podemos ficar eternamente na esperança de que alguém, isoladamente ou inspirado por uma inteligência divina, realize aquilo que é de fato necessário.

Nós fazemos parte de um país que pouco valoriza o planejamento, por isso carecemos de um projeto nacional claro que atenda às necessidades de mudanças de médio e longo prazo. Em comparação a outros países emergentes, crescemos muito menos do que eles e estamos ficando cada vez mais atrás no ranking internacional. Nós, brasileiros, optamos por uma agenda econômica que privilegia a estabilização da economia e dos preços, das metas inflacionárias e a valorização do financeiro sobre o produtivo.

O resultado dessa valorização do controle inflacionário, cambial e financeiro não é totalmente maléfico ao país, mas, com essas práticas, estamos marcando passo em termos de crescimento econômico e diminuição das diferenças sociais.

Temos uma grande capacidade produtiva, um mercado consumidor atraente, uma inserção internacional importante em vários setores, além de uma visibilidade política e econômica no cenário internacional. Mas o que fazemos para aproveitar essa

posição de um certo destaque? Como conduzimos nossas negociações econômicas internacionais, que vantagem tiramos desse perfil e de nossa visibilidade?

Ao contrário do Chile, da China e da Índia, entre outros países, não conseguimos proteger nossos setores estratégicos existentes, muito menos criar e impulsionar outros, que, embora incipientes, representariam o futuro do país. Aliás, nem determinamos quais são eles e nem a importância que têm para o desenvolvimento do país.

Falta-nos um projeto estratégico, um posicionamento político-econômico internacional adequado à importância do país e às necessidades de nosso povo. Quem sabe começemos a observar isso nos candidatos que vamos eleger em outubro, propondo, assim, uma agenda político-econômico-social a esses pretendentes à nossa representação. Certamente, nossa necessidade de uma visão mais completa e de compromissos sociais deva ser considerada com mais relevância do que apenas uma etapa eleitoral.

As eleições são um momento importante da vida nacional, mas não devem se esgotar em si, deveriam ser apenas o começo de um trabalho em que o eleito deva se comprometer a fazer o país e a sociedade se moverem, para a frente, é claro.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Parece piada, mais impostos

Há alguns meses, escrevi sobre uma mensagem que circulava na internet, sobre um português, reproduzindo uma carta que um cidadão lusitano enviou ao governante, não reclamando dos altos impostos, mas apresentando uma proposição, no mínimo interessante, frente ao excesso de tributos.

Achei interessante reproduzir novamente a carta, pois parece piada, mas estamos à mercê de um nova elevação de impostos, logo no âmbito estadual, onde, juravam os candidatos, isso seria impossível de acontecer, devido ao seu “projeto modernizante de Estado”. Pois pasmem, estamos às vésperas de virar uma piada, pelo menos, é o que se tornou a palavra de alguns futuros governantes. Esta carta, assim sendo, bem poderia ser endereçada aos ocupantes do Executivo e Legislativo de nosso Estado.

“Caro Sr. Primeiro-Ministro. Venho por meio desta comunicação manifestar meu total apoio ao seu esforço de modernização do nosso país. Como cidadão comum, não tenho muito mais a oferecer além do meu trabalho, mas já que o tema da moda é Reforma Tributária, percebi que posso definitivamente contribuir mais.

Na atual legislação, pago na fonte 31% do meu salário, 20% para o IRS e 11% para a Seguridade Social. Como pode ver, sou um cidadão afortunado. Cada vez que eu, no supermercado, gasto o que o meu patrão me pagou, o Estado, e muito bem, fica com 19% para si ($31+19=50\%$). Sou obrigado a concordar que é pouco dinheiro para o governo fazer tudo aquilo que promete ao cidadão em tempo de campanha eleitoral.

Meu patrão é obrigado a dar ao Estado, mais 23,75% daquilo que me paga para a Seguridade Social. E, ainda, 33% para o Estado, perfazendo $50+23,75+33=106,75\%$ de meu salário.

Além disso, quando compro um carro, uma casa, herdo um quadro, registro os meus negócios ou peço uma certidão, o Estado, e muito bem, fica com quase metade das verbas envolvidas no caso. Minha sugestão é invertermos os percentuais. A partir do próximo mês, autorizo o Governo a ficar com 100% do meu salário. Funcionaria assim, eu fico com 6,75% limpinhos, sem qualquer ônus, mas o Governo fica com as contas de despesas escolares, seguro de saúde, despesas com médicos, medicamentos, materiais escolares, condomínio, água, luz, te-

telefone, energia, supermercado, gasolina, vestuário, lazer, cultura, contribuição autárquica, IVA, IRS, IRC, imposto de circulação, seguridade social, seguro do carro, inspeção periódica, taxas do lixo, iluminação, reciclagem, esgotos e saneamento.

Além do mais, o governo poderia pagar todas as outras taxas que nos impinge todos os dias e também a previdência privada e qualquer taxa extra que por ventura seja repentinamente criada por qualquer dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Um abraço, Senhor Primeiro-Ministro e muito boa sorte, do fundo do meu coração!”

Vejam só, não sofremos sozinhos, imaginem que essa reflexão portuguesa poderia muito bem ser transplantada para o Brasil, especialmente para o Rio Grande do Sul, com o agravante, ainda, de que, no nosso país, o Estado dá cada vez menos em troca dos impostos e taxas que tão competentemente arrecada. (Isso sem esquecer que não estamos na Europa e, que para muitos brasileiros, os portugueses é que são motivos de riso...).

Quem sabe, nos próximos dias, nossos futuros governantes, mesmo brincando com a lógica e a matemática, não tirem algumas lições e repensem o tamanho do Estado, sua gula e competência, e voltem atrás nas suas intenções de tapar o buraco das finanças públicas com mais impostos.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Estado guloso e imposto volumoso

A gula é um dos sete pecados capitais mais presentes, seja nas pessoas ou nas ações do Estado no Brasil. Nosso país é um dos líderes mundiais na cobrança de tributos em todas as esferas de governo. A gula estatal aparece na quebra constante de recordes de arrecadação. Comemorada pelos técnicos, surge também no aperfeiçoamento e sofisticação da máquina arrecadatória, que vai devorando recursos, empregos, salários e tudo mais que encontra pela frente.

Estaria tudo bem, se o aumento de arrecadação, através do combate à sonegação, tornasse mais justa e melhor a sociedade. Entretanto, percebemos que a esse combate se liga a necessidade de aumento dos tributos para financiar o Estado, que precisa cada vez de mais recursos para operar, de modo geral, com menor qualidade dos serviços.

O aumento ou a manutenção da grande carga tributária não nos permite perceber um retorno visível desses recursos para a sociedade. Quem pode e consegue tem que pagar privadamente para ter um serviço básico melhor, por exemplo, na educação sua e de seus filhos, em planos de saúde, aposentadoria complementar ou em segurança.

Nós, cidadãos brasileiros, criamos um monstro que pode ser chamado de bicho papão, pois engole e engorda diariamente e pouco retorno dá àquele que o alimenta. Um desses monstros que foram criados chama-se CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira). Para se ter uma idéia desse grande problema, é só olhar o estudo do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário – IBPT, que demonstra que o brasileiro trabalha 7 dias por ano apenas para pagar o CPMF.

Como um imposto que deveria ser provisório vira permanente? Isso se deve ao valor que esse tributo arrecada para o Estado, que se tornou dependente dessa receita para custear o seu funcionamento. Para se ter uma idéia, quando foi criado, em 1993, o CPMF representou, no ano seguinte, um desembolso de R\$ 31,85 de cada brasileiro. No ano de 2006, esse valor foi de R\$ 171,76.

Às vésperas da votação, no Congresso Nacional, da continuidade desse imposto que arrecada cerca de R\$ 34 bilhões ao ano, seria importante sabermos onde e como esse recurso é investido. Seria muito bom, também, se houvesse um retorno real para a sociedade. No entanto, além disso não acontecer, a carga tributária vem engolindo também os empregos e a competitividade das empresas e comprometendo o futuro produtivo do Brasil.

O Estado brasileiro é voraz na sua arrecadação e muito lento na proposição de soluções duradouras. Basta ver o caso do trensub, do apagão aéreo, da rodovia do parque, da crise ética que assola alguns poderes. Isso para citar apenas apenas alguns problemas.

O país é rico, mas a sociedade não participa equilibradamente dessa riqueza. Para protestar contra o CPMF, acesse o site www.xocpmf.com.br .

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Pedalando

Nosso país é pródigo nos contrastes, que levam nossa sociedade de uma ação pioneira, como a dos biocombustíveis, à precariedade de nossa infra-estrutura no transporte público. Um dos pontos que ressalta essas contradições é a situação dos ciclistas e das ciclovias no Brasil.

O país possui hoje 60 milhões de bicicletas, ou seja, uma para cada três brasileiros. Enquanto isso, nossa frota de automóveis é cerca da metade da de bicis, estando hoje em 29,1 milhões de carros. Mesmo com essa quantidade maior de bicicletas, a estrutura para que essas se movimentem nas cidades é extremamente precária, limitando a sua movimentação e pondo em risco seus usuários, diante da situação do trânsito nas cidades brasileiras.

Segundo dados do Ministério das Cidades, existem no Brasil inteiro apenas 2.500 Km de ciclovias, incluindo as ciclofaixas. A cidade mais preparada para o ciclista foi considerada a do Rio de Janeiro, que possui implantados 140 km de faixas exclusivas para os ciclistas. Na nossa região, uma experiência pioneira e bem sucedida aconteceu na cidade de Campo Bom, entretanto, em termos de país, apenas 270 cidades possuem ciclovias, o que dá uma média de somente 8,9 Km por cidade.

Outro dado interessante fornecido pelo Ministério das Cidades é que 53% das bicicletas são utilizadas como meio de transporte para ir ao trabalho ou à escola, entretanto, isso representa apenas 2,7% dos deslocamentos realizados no país. O brasileiro, de modo geral, usa pouco o transporte de bicicletas, parte por uma questão cultural, mas também por falta de estrutura e segurança para pedalar por esse país.

Como meio de transporte, a bicicleta é mais adotada em municípios que possuem uma população entre 60 e 100 mil habitantes, ou seja, quanto maior a cidade menor o seu uso. A região sul do Brasil responde por 14% da frota nacional de bicicletas e a sua maior concentração está no sudeste.

De todo modo, pelas características de nosso povo e pela tradição ciclística, seria importante os planejadores urbanos pensarem em mais espaços para esse meio de transporte que, além de não poluir, é uma forma saudável de se locomover.

Iniciativas como a pioneira de Campo Bom deveriam se seguir e ampliadas, pois sem segurança e um espaço adequado a frota e o transporte através das bicicletas não deverá crescer.

Bem, de todo modo, as calçadas mereceriam também uma melhor atenção. Já foi dito que quanto mais largas e cuidadas forem, maior a qualidade de vida dos cidadãos.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Árvores e calçadas

Já disseram que a largura e a conservação das calçadas de uma cidade têm relação com o seu grau de democracia. Além disso, creio que elas podem também demonstrar a educação de uma comunidade e seu grau de civilidade e de comprometimento ambiental.

Se isso é verdadeiro, as nossas cidades estão se tornando cada vez menos educadas e civilizadas, pois uma grande quantidade desses passeios nem merece essa denominação. Caminhando hoje pelas nossas ruas e avenidas, encontramos calçadas estreitas, mal cuidadas, ocupadas por obras e tapumes, cheias de obstáculos, com mato crescendo, cheias de buracos, sem revestimento. Outras, ainda, tomadas por excrementos de cães, levados para passear pelos seus donos, que não se preocupam em recolher a sujeira.

Essa é uma realidade em vários pontos da cidade, inclusive nas principais artérias urbanas, entretanto, não bastasse isso, é lamentável o descuido também com as árvores que sobrevivem nos passeios públicos. Quando elas existem, normalmente estão plantadas abaixo dos fios de eletricidade, telefone e Tv a cabo, tendo dificuldades de crescer e, quando o fazem, são cortadas de uma maneira absurda, pois, evidentemente, seu local de plantio compromete todo o sistema de energia da cidade.

Essa prática poderia ser muito bem modificada se houvesse alguma informação sobre o local e as espécies mais adequadas. Por que plantar exatamente embaixo dos fios? Por que não deslocar o plantio alguns metros, evitando a circulação central do passeio e a rede elétrica? Além disso, quem sabe, nos principais logradouros, também substituir a rede aérea pela subterrânea.

Felizmente, existem cidades no Brasil que parecem encaminhar a solução desse problema das árvores e das calçadas, é o caso da cidade de Londrina, no estado do Paraná. Nesse município, através da Secretaria Municipal Meio Ambiente, decidiu-se advertir e multar em até R\$ 1.400,00 os donos de imóveis que descumprirem o que determina o Plano Diretor Municipal: cada imóvel deve ter pelo menos uma árvore na calçada. Na verdade, o Código Municipal de Londrina é mais enfático, fala que a cada 12 metros deverá ser plantada uma árvore na calçada. Essa ação da Prefeitura de Londrina fez com que, num

primeiro momento, 250 notificações fossem realizadas na área central da cidade e a determinação de um prazo de 15 dias para que os donos de imóveis façam o plantio, com a orientação e as mudas que podem ser fornecidas pela municipalidade.

Uma excelente medida tomada em Londrina, que pode ser adotada em qualquer cidade brasileira. Dessa forma, estaríamos embelezando a cidade, tornando-a mais agradável, com um clima mais ameno, repondo a cobertura vegetal original e contribuindo para diminuir os efeitos do aquecimento global.

Quantas coisas positivas emanam da conservação das calçadas e do plantio adequado de árvores, uma iniciativa que se transforma em herança às novas gerações que viverão nas cidades.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Olhar à frente

No limiar de mais um processo eleitoral no Brasil, muitos de nós renovam suas esperanças de que, nos próximos anos, nossos dirigentes políticos possam implementar, de fato, um ciclo virtuoso de crescimento e de melhorias para as nossas cidades e seus cidadãos.

Certamente, grande parte da população está descrente de que os processos políticos e eleitorais tragam alguma mudança positiva para suas vidas. Outros, ainda, estão descrentes das políticas e da própria democracia, não enxergando o sistema político democrático como algo que esteja ajudando a fazer uma mudança positiva na sociedade.

Certo mesmo é que precisamos urgentemente repensar nossa atuação como cidadãos e como gestores públicos. Mais do que nunca, precisamos de um planejamento duradouro para os municípios, o estado e o país, em que as questões centrais e estratégicas sejam, de fato, discutidas e implementadas. A necessidade de uma agenda que possibilite um desenvolvimento sustentado é um clamor nacional e impõe-se com uma grande urgência.

Nós fazemos parte de uma sociedade que pouco valoriza o planejamento, por isso carecemos de um projeto claro que atenda às necessidades de mudanças de médio e longo prazo, quer em nossas comunidades e mesmo no nosso país.

Ao contrário do Chile, da China e da Índia, entre outros países, não conseguimos proteger nossos setores estratégicos existentes, muito menos criar e impulsionar outros, que, embora incipientes, representariam o futuro de nossas regiões e do país. Aliás, nem determinamos quais são eles e nem a importância que têm para o nosso desenvolvimento. Falta-nos um projeto estratégico, um posicionamento político-econômico regional, nacional e internacional adequado às nossas pretensões e às necessidades de nossos cidadãos.

Quem sabe comecemos a observar isso nos candidatos que vamos eleger em outubro, propondo, assim, uma agenda político-econômico-social a esses pretendentes à nossa representação. Certamente, nossa necessidade de uma visão mais completa e de compromissos sociais deva ser considerada com mais relevância do que apenas uma etapa eleitoral.

Nós fazemos parte de uma sociedade que pouco valoriza o planejamento

Parece ainda ser cedo demais para falarmos em eleições, comprometimento e estratégia de governo. Parece muito precoce, também, discutirmos compromissos com as comunidades, entretanto, percebe-se que em muitas cidades por esse grande Brasil, muitos candidatos preocupam-se mais com as alianças políticas.

Esse fenômeno é legítimo, pois o processo eleitoral é um concurso que deve ser superado a cada quatro anos. De todo modo, poderia haver espaço também para a montagem de um planejamento de administração e ação dos próximos anos, que fosse maior do que os mandatos e representasse o que costumamos chamar de plano de estado e não de governo.

As eleições são um momento importante da vida local, regional e nacional, mas não devem se esgotar em si; deveriam ser apenas o começo de um trabalho em que o eleito deva se comprometer com fazer a cidade, o país e a sociedade se moverem, para frente, é claro.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Eleições, democracia e participação

Estamos a menos e trinta dias de mais um processo eleitoral no Brasil, agora focado nos municípios, seu prefeitos e vereadores. Nesse momento, muitos de nós renovamos suas esperanças de que nos próximos anos, nossos dirigentes políticos possam implementar de fato um ciclo virtuoso de crescimento, melhorias e mudanças significativas no modo de governar e gerir os interesses públicos e das maiorias.

Entretanto, a cada da que passa, percebemos que uma grande parte da população é descrente de que os processos políticos e eleitorais tragam alguma mudança para as populações. Outros ainda, são descrentes das políticas, dos políticos e da própria democracia.

Essa percepção que muitos cidadãos possuem e que apontam para uma situação onde a coletividade está farta de promessas, escândalos, governos que se sucedem e soluções que se adiam, é perceptível e preocupante.

Certo mesmo, é que precisamos urgentemente reparar nossa atuação como cidadão e como gestor público. Mais do que nunca precisamos de um planejamento duradouro para o Estado, o país, e, principalmente para os municípios que é o lugar mais próximo do cidadão e onde as coisas de fato acontecem.

Nos municípios é onde as questões centrais e estratégicas devem de fato ser discutidas e implementadas, sob os olhos da população, com transparência e celeridade. Entretanto, não podemos ficar eternamente na esperança que alguém isoladamente e inspirado por uma inteligência divina realize aquilo que é impossível a um ser, mas essa tarefa deve ser fruto de uma construção organizada, discutida, planejada e do interessa da maioria dos cidadãos.

Nós somos partes de um país que pouco valoriza o planejamento, por isso carecemos de um projeto político nacional e local claro e que aponte prioridades adequadas. Somos também personalistas e acreditamos que seremos salvos por alguém que encarne e defenda as nossas necessidades, quase um super-herói. Ao mesmo tempo, vivemos cada mais, um processo de santização da política e dos políticos, o que além de perigoso, cria

um fosso entre nossos representantes e a sociedade, como se fosse possível ficarem de um lado o bem, e de outro o mal. Uma visão simplista e maniqueísta da sociedade.

Falta-nos um projeto estratégico, um posicionamento político-econômico local adequado à importância de cada uma de nossas cidades, quem sabe começemos a observar isso nos candidatos que vamos eleger em outubro, propondo assim, uma ampla e inovadora agenda política, econômica, social e cultural, que deixe de ser meramente eleitoral.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

As calçadas da cidade

Alguns estudos apontam uma ligação direta entre a largura e a conservação das calçadas das cidades contemporâneas e sua relação com a democracia e civilidade dessas comunidades. Além desse aspecto, creio que a conservação desse espaço demonstra também a educação de uma sociedade, seu grau de desenvolvimento e comprometimento para com as pessoas.

Se isso é verdadeiro, as nossas cidades estão se tornando cada vez menos educadas e civilizadas, pois uma grande quantidade desses passeios nem merece essa denominação. Caminhando hoje pelas nossas ruas e avenidas, encontramos calçadas estreitas, mal cuidadas, ocupadas por obras e tapumes, cheias de obstáculos, com mato crescendo, cheias de buracos, sem revestimento. Outras, ainda, tomadas por excrementos de cães, levados para passear pelos seus donos, que não se preocupam em recolher a sujeira.

Essa é uma realidade em vários pontos das cidades, inclusive nas principais artérias urbanas. Fora esses tradicionais e históricos problemas, agora tem proliferado outro fenômeno: os espaços para estacionamento com vagas sobre os passeios.

A cidade dos carros e das ruas para automóveis é um modelo em decadência no mundo civilizado, que reavalia essa questão. Aqui, entretanto, os automóveis e demais obstáculos ainda avançam sobre as calçadas. Quem circula e observa as nossas cidades hoje percebe que, em muitas delas, nas ruas, inclusive naquelas mais nobres, têm surgido novas lojas e comércios, muitos deles sofisticados, que atraem os clientes com seus carros.

Com poucas vagas para estacionamento nas ruas, muitos clientes são brindados com vagas disfarçadas em recuos que ocupam grande parte das calçadas, determinando a saída do pedestre para a rua. Os obstáculos, por sua vez, são de toda a ordem, agora com automóveis também nas calçadas.

Além disso, a acessibilidade aos passeios é normalmente lamentável, sem rampas, com diversos níveis e degraus, pisos escorregadios, capim, sujeira e toda a ordem de dificuldades a um pedestre normal, o que dizer daqueles portadores de necessidades especiais, dos idosos, das crianças e de todo tipo

de cidadão que tem o direito de circular com segurança pelas calçadas das cidades.

Não se trata de implantar apenas vigilância e punição, creio que se trata de uma ação em que todos os agentes revejam suas posições. Claro que o poder público tem um papel decisivo e central com todas as suas instâncias, não apenas criando e regulamentando leis, mas fiscalizando e aprimorando todos os processos. Todos os demais cidadãos que de algum modo interagem nas cidades deveriam, contudo, rever alguns conceitos acerca da civilidade urbana.

Muitas coisas positivas podem emanar da conservação das calçadas e dos cuidados com as pessoas. Essa é, sem dúvida, uma iniciativa que se transforma em herança às gerações que viverão nas cidades do futuro.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

As árvores, o verde e a cidade

Eu gostaria de entender alguns comportamentos de nossa sociedade, como, por exemplo, a sua relação de amor e ódio com as árvores, ou, diria, de amor e incompreensão com a sua natureza, utilidade e importância.

Um dos elementos que torna mais agradável uma praça, calçada, rua, enfim, uma cidade, é a sua cobertura verde e suas árvores. Sua beleza é contagiante, cria uma sensação de tranquilidade, paz e faz-nos sentir a harmonia desprendendo-se do ambiente.

Sem dúvida, as ruas mais bonitas e agradáveis são aquelas onde as árvores transbordam sobre as calçadas e ruas, como que abraçando e envolvendo o mundo ao seu redor. Nem todos, talvez, tenham essas sensações e, quem sabe, elas remetam-nos a nossa ancestralidade e ao nosso espírito primitivo de contato com a natureza, sobretudo uma marca de nossa humanidade, que, por vezes, teimamos em tentar esquecer.

As árvores, felizmente, são uma realidade em vários pontos da cidade, inclusive nas principais artérias urbanas. É lamentável, no entanto, o descuido também com aquelas que sobrevivem nos nossos passeios públicos, sobretudo pelo plantio inadequado e posicionamento problemático.

Quando elas existem, normalmente estão plantadas abaixo dos fios de eletricidade, telefone e TV a cabo, tendo dificuldades de crescer. Quando o fazem, são cortadas de uma forma absurda, pois, evidentemente, seu local de plantio compromete todo o sistema de energia da cidade. De uma maneira incompreensível, planta-se mal para em seguida podar e finalmente ter que derrubar a árvore devido ao seu mau posicionamento.

Essa prática poderia ser muito bem modificada se houvesse alguma informação disponível sobre o local e as espécies mais adequadas para o plantio naquela região. Por que plantar exatamente embaixo dos fios? Por que não deslocar o plantio alguns metros, evitando a circulação central do passeio e a rede elétrica? Além disso, quem sabe, nos principais logradouros, também substituir a rede aérea pela subterrânea.

Felizmente, existem cidades no Brasil que parecem encaminhar a solução desse problema. É o caso da cidade de Londrina, no estado do Paraná, onde se decidiu advertir, orientar e, final-

Sem dúvida, as ruas mais bonitas e agradáveis são aquelas onde as árvores transbordam sobre as calçadas e ruas

mente, multar os donos de imóveis que descumprirem o que determina o Plano Diretor Municipal. Nesse Plano é que reside a novidade, pois ele prevê que cada imóvel tenha, pelo menos, uma árvore na calçada - na verdade, a cada 12 metros de calçada deve ser plantada uma árvore. Essa ação da Prefeitura fez com que a cidade retomassem um aspecto verde e agradável, em contraste com o aumento da circulação de veículos e a poluição visual.

Uma excelente medida tomada em Londrina, que pode ser adotada em qualquer cidade brasileira. Dessa forma, estaríamos embelezando a cidade, tornando-a mais agradável, com um clima mais ameno, repondo a cobertura vegetal original e contribuindo para diminuir os efeitos do aquecimento global.

Quantas coisas positivas emanam da conservação das calçadas e do plantio adequado de árvores, uma iniciativa que se transforma em herança às novas gerações que viverão nas cidades.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

O segredo

Durante séculos percebemos que o conhecimento e os avanços da humanidade são elementos rodeados de sigilo, proteção e de segredos. Especialmente no passado de nossa história essa preocupação levou algumas instituições humanas a restringir o acesso com intenção de preservar o conhecimento.

Na verdade, a vigilância e o segredo sobre o saber e as informações se mostraram um eficiente meio de controle político, econômico, social e intelectual, que foi largamente praticado pela humanidade ao longo dos séculos de sua história.

Essa visão fechada e restritiva sobre o acesso ao conhecimento começou a transformar-se após as revoluções francesa e americana há alguns séculos, entretanto, tomou proporções gigantescas nos nossos dias, graças a mudanças sociais e tecnológicas que estão em andamento.

Hoje a rede mundial de computadores, ou simplesmente internet, é um dos sistemas mais democratizantes em relação à difusão do saber e dos elementos de nossa cultura. Pela primeira vez em nossa história é possível ter acesso rápido e amplo a tudo o que a humanidade produziu, ou seja, ao grande produto do conhecimento humano. Nesse caso, contabilizam-se as coisas boas e também as negativas, pois a rede é um espelho de nossa sociedade.

Na internet encontramos informações sobre a saúde, turismo, cultura, tecnologia, amigos, mas, também, a rede é local da pornografia, da pedofilia, da intolerância racial e de outros elementos nocivos da humanidade.

O Brasil é um dos países onde mais avança o acesso a internet, superando inclusive alguns países desenvolvidos, entretanto, ainda persistem deficiências e restrições a grande parte dos brasileiros a esse conhecimento globalizado e ao mundo digital.

Assim, na contramão dessa democratização do acesso ao saber, ao conhecimento e a informação, temos convivido nas últimas semanas com os segredos do parlamento brasileiro, especificamente no Senado Federal. É uma atitude lamentável partir do Senado a emissão de mais de 600 atos secretos com privilégios a alguns senadores e pessoas ligadas a eles que foram escondidos da sociedade brasileira.

Temos nessa crise do Senado uma grande oportunidade de que nos poderes republicanos deixemos a idade das sombras e das trevas e ingressemos de vez na era da informação, do conhecimento e do bem comum, abandonando o segredo e os atos secretos, típicos dos regimes ditatoriais, período que não queremos mais vivenciar.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Um lugar ao sol

O Brasil sempre foi uma promessa de país, a nação do futuro, do berço esplêndido. Assim, durante séculos, representamos a força do futuro, o lugar dos enormes potenciais humanos e naturais. Parece que alguns fatos recentes de nossa história estão revertendo essa situação e, a despeito da existência de grandes problemas internos, como a corrupção, a precariedade da saúde e da educação, o analfabetismo e a má distribuição de renda, estamos avançando e tornando o futuro bem presente.

Nos últimos anos, desde o controle do processo inflacionário que desgraçou nossa economia e sociedade por décadas, o Brasil parece experimentar uma janela de oportunidades internas e externas como nunca antes visto. Os acertos e avanços de nossa economia, já plantados antes mesmo do atual governo, somados à melhor capacidade de enfrentar as crises internacionais, colocaram-nos em um novo patamar. Nossa posição como grande produtor em várias áreas, sobretudo na agroindustrial, e o crescente mercado interno têm qualificado o país em outra categoria dentro do panorama internacional.

Mais recentemente, nossa capacidade de produção de biocombustíveis e as novas reservas de petróleo da camada pré-sal possibilitam novas perspectivas comerciais, sociais e de geração de emprego e renda. Ao mesmo tempo, o alinhamento com outros países em desenvolvimento, como Rússia, China e Índia, e a ideia de um bloco influente chamado "BRIC, somado a cada vez maior liderança do país no cenário sul-americano, permitem que alguns interesses nacionais sejam melhor representados e resolvidos no contexto global, tornando, assim, o Brasil, de fato, inserido na discussão e resolução dos grandes problemas mundiais.

Por fim, a realização da Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas vêm coroar esse ciclo virtuoso. Sei que existem muitos críticos e críticas a fazer, entretanto, temos que reconhecer que os vindos para o país dos maiores eventos esportivos da humanidade são, ao mesmo tempo, uma oportunidade e o reconhecimento do novo papel do país no contexto global.

Várias nações e cidades utilizaram esses eventos para alavancar, ainda mais, seu progresso, melhorias e a fixação de uma imagem positiva no cenário internacional. Nesse sentido, a Coreia e a Espanha são excelentes exemplos de aproveitamento.

Somos, ainda, um país com enormes diferenças e dificuldades, mas, pela primeira vez em nossa história de 500 anos, estamos sendo de fato protagonistas e tendo um lugar ao sol.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Democracia, candidatos e eleições

Ainda estamos relativamente longe das próximas eleições gerais no país. A rodada que nos espera servirá para definirmos o novo Presidente da República, Senadores, Deputados Federais, Estaduais e Governadores. Nesse momento, muitos de nós renovaremos nossas esperanças de que, nos próximos anos, nossos dirigentes políticos possam garantir, no âmbito regional e nacional, um ciclo virtuoso de crescimento, além de melhorias e mudanças significativas no modo de governar e gerir os interesses públicos e das maiorias.

Entretanto, a cada dia que passa, percebemos que uma grande parte da população está descrente de que os processos políticos e eleitorais tragam alguma mudança para as pessoas. Outros, ainda, são descrentes da política, dos políticos e, pior, pregam contra a própria democracia. Esses últimos parecem se esquecer dos duros tempos da ditadura no país e das dificuldades que encontramos até hoje para fazer uma transição a um regime democrático, esqueceram-se do que significa a falta de liberdade, não se lembram também de olhar para fora do país e ver o que sofrem as nações com os regimes tiranos, que submetem tudo e todos ainda nos dias de hoje.

Essa percepção que muitos cidadãos têm aponta para uma situação de que a coletividade está farta de promessas, de governos que se sucedem e de soluções que se adiam, o que é preocupante, ainda mais quando reforçada por uma sucessão de escândalos, agora liderados pelo Senado da República e o Governo do Estado.

Certo mesmo é que precisamos, urgentemente, reparar nossa atuação como cidadãos e como gestores públicos. Mais do que nunca, precisamos de um planejamento duradouro para o Estado, o país e, principalmente, para os municípios, que são o lugar mais próximo do cidadão e onde as coisas de fato acontecem.

Necessitamos de uma atuação política e também do cidadão, que não deve exercer sua cidadania apenas com o voto, mas com um acompanhamento efetivo dos mandatos e que se envolva de fato nas questões estratégicas que devem ser discutidas e implementadas, sob os olhos da população, com transparência e

celeridade. Não podemos ficar eternamente na esperança de que alguém isoladamente e inspirado por uma inteligência divina realize sozinho, sendo um salvador da pátria.

Infelizmente, grande parte da população brasileira é personalista e acredita que seremos salvos por alguém que encarne e defenda as nossas necessidades, quase um super-herói. Ao mesmo tempo, vivemos cada dia mais um processo de "satanização" da política e dos políticos, o que, além de perigoso, cria um fosso entre nossos representantes e a sociedade, como se fosse possível ficar de um lado o bem e, de outro, o mal. Uma visão simplista e maniqueísta da sociedade.

Acredito que essa tarefa deve ser fruto de uma construção organizada, discutida, planejada e do interesse da maioria dos cidadãos. Nesse sentido, mesmo com todos os problemas e distorções, não creio em nada fora da democracia, mas ela mesma tem que evoluir para outro nível de participação das pessoas que não apenas o voto de quatro em quatro anos.

Os antigos gregos, que inspiraram a democracia moderna, acreditavam que a vida pública era a forma maior da excelência do cidadão e que a recusa em participar e se interessar pelos assuntos das cidades era imoral, infame e egoísta. Os tempos são outros, mas nossa civilização ainda não inventou uma maneira melhor do que a democracia e a alternância do poder como marco de funcionamento de nossas sociedades.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Uma cidade limpa

As cidades surgiram na história da humanidade como sinônimo de civilização e marcaram um passo importante de nossa espécie no aprimoramento da cultura e dos avanços tecnológicos. Desde o início, elas representaram a possibilidade de os homens desenvolverem a arte e o conhecimento.

As primeiras urbes surgiram na Mesopotâmia, há mais de 5.000 anos, mas foram as cidades gregas, especialmente Atenas, que se tornaram definitivas para a formação da cultura ocidental da humanidade.

Atualmente, as cidades modernas, especialmente as brasileiras, vivem uma espécie de crise, verdadeiro palco de contrastes da vida cotidiana. Nos centros urbanos, deparamo-nos com situações contrastantes de convivência, de forte divisão público e privado, de problemas sociais, favelização e falta de infraestruturas, sem nos esquecermos da poluição, da solidão, do isolamento das pessoas, dos problemas ambientais, da padronização cultural, dos automóveis e do trânsito caótico, além das calçadas inexistentes e invadidas, elementos de uma complexidade típica da nossa cultura concentradora e individualista.

Em meio a todos esses problemas, ainda temos a poluição visual e os obstáculos urbanos. Nossas cidades modernas estão nos privando de alguns direitos, como a mobilidade urbana, os espaços limpos e ordenados, a visão do horizonte, a integridade de seus prédios, ruas e praças, a valorização de nosso patrimônio histórico.

Assim sendo, a poluição visual, somada à degradação ambiental e aos poucos cuidados com os equipamentos urbanos e a nossa memória cultural, além da descaracterização das fachadas de casas e prédios, está dando um duro golpe no prazer de viver e circular pelas cidades. Elas estão tornando-se iguais da pior forma possível, acelerada pela intensa e incessante busca por espaços de divulgação de pessoas, produtos e empresas, sem um ordenamento razoável. Placas, cartazes *outdoors*, tabuletas, faixas, totens, tudo isso está invadindo nossas cidades e descaracterizando-as.

Nada contra a arte de divulgar, mas, convenhamos, estamos agredindo nosso ambiente e transformando-o em um mundo

de letreiros desordenados. Quem sabe possamos seguir alguns exemplos bem sucedidos no Brasil, como o da cidade de São Paulo, e fazer com que nossas cidades aqui na região possam, de fato, se tornar ambientes agradáveis também visualmente. Espero que essas ideias prosperem por aqui e que possamos voltar a contemplar cidades belas, com características próprias e uma identidade local, além de arborizadas, com amplos passeios e espaços para pedestres, enfim, atraentes, convivendo com seu passado e seu futuro, sem retirar dos cidadãos os direitos de viver em uma cidade limpa.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

O custo da pobreza

O Brasil é um país muito interessante e de contrastes grandiosos, com uma tremenda diversidade de povos, culturas e recursos naturais de todo os tipos. Entretanto, tem um grande tormento nacional; a pobreza e a miséria ainda assolam parte considerável da população brasileira.

Em nosso país, são considerados pobres os indivíduos ou as famílias que têm renda mensal *per capita* menor que R\$ 140,00, ou seja, R\$ 4,60 ao dia. Esse é o critério utilizado pelo governo federal para o Programa Bolsa Família e serve para criar um parâmetro de renda familiar e determinar o grupo de indivíduos que vivem na linha da pobreza ou abaixo dela.

Há cerca de dez anos, o número de brasileiros que vivia com menos do que R\$ 140,00 mensais era de 57 milhões de pessoas, hoje se estima que sejam 30 milhões, aproximadamente 15% da população do país. Segundo estudos da Fundação Getúlio Vargas – FGV, para erradicar a pobreza dentro dos limites estabelecidos pelos critérios governamentais, seriam necessários mais R\$ 21,3 bilhões ao ano em programas sociais de renda como o Bolsa Família.

Parece que atingir essa meta de erradicação da pobreza possui dois caminhos: ampliar os programas sociais e o mercado de trabalho, com a incorporação, cada vez maior, dos indivíduos, o que, conseqüentemente, resulta em renda. Dificilmente um único caminho poderá suportar essas mudanças, mas o que grande parte dos economistas prevê é que está se viabilizando o atendimento dessa meta de retirada da pobreza desse grande contingente de pessoas ainda à margem na sociedade.

Creio que todos ansiamos pelas melhorias das condições de vida, pelo emprego e renda dos indivíduos. Esperamos que o Brasil continue crescendo e permitindo um crescente aumento das pessoas com acesso aos bens que a sociedade produz, tornando mais digna a existência e criando um outro Brasil.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

8

SAÚDE

A globalização viral

A humanidade, desde que saiu das cavernas e construiu suas civilizações, tem uma relação um tanto dominadora em relação à natureza e ao mundo natural. Essa expressão de controle e submissão é muito mais forte na nossa civilização ocidental, que hierarquiza toda a natureza a serviço do homem. Enquanto nossa capacidade destruidora dos ambientes foi pequena e nossa população de porte razoável, os estragos foram minimizados, mas, à medida que chegamos perto dos 7 bilhões de seres humanos, a pressão sobre o planeta está chegando a níveis alarmantes.

Na esteira de nossas cidades e aglomerados urbanos, convivemos com muitas dificuldades e, nos últimos dias, reascendeu-se um terror antigo, o medo das epidemias e da morte de milhões de pessoas com o vírus (H1N1) da chamada, inicialmente, gripe suína.

Esse fenômeno das grandes epidemias ou pandemias não é novo em nossa história. Durante o final da Idade Média, por volta de 1350, os navios, que faziam o recém reavivado comércio entre a Europa e o Oriente, trouxeram em seus porões ratos, que encontraram nas cidades europeias ambiente favorável a sua reprodução em virtude das precárias condições de higiene. Os roedores estavam contaminados por uma bactéria e as suas pulgas acabavam transmitindo a doença aos homens, a qual ficou conhecida como Peste Negra e levou à morte cerca de 75 milhões de pessoas, ou seja, aproximadamente 30% da população europeia da época. A epidemia somente foi debelada depois que algumas medidas de saneamento foram adotadas.

No início do século passado, entre 1918-1919, novamente uma tenebrosa doença assolou o mundo, a Gripe Espanhola. Essa, por sua vez, espalhou-se pelo mundo - inclusive no Brasil vitimou cerca de 300 mil pessoas, incluindo o presidente da República Rodrigues Alves. No mundo todo, a Gripe fez cerca de 20 milhões de vítimas.

Certamente, em um mundo mais dinâmico, interligado e populoso, a humanidade fica cada vez mais exposta a essas pandemias e doenças que podem matar milhões de pessoas numa globalização viral. Neste momento, ainda não temos certeza de sua capacidade de espalhar-se e dizimar as pessoas, de qualquer forma, o simples fato de seu surgimento faz-nos pensar na fragilidade da vida nesse planeta e nas histórias registradas no passado.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Que drogas?

Na semana passada, o Escritório das Nações Unidas contra a Droga e o Crime divulgou um relatório quadrienal sobre a utilização de entorpecentes e drogas ilícitas no mundo. Segundo esse relatório, os usuários de drogas ilícitas no mundo já somam 185 milhões de pessoas. Entre as autoridades internacionais no assunto, esse trabalho é tido como conservador por minimizar o número de usuários e acreditar que possa haver a eliminação do uso abusivo de drogas ilícitas no mundo, somente com as políticas utilizadas atualmente para inibir o consumo. Entretanto, essa ação somente repressora é cada vez mais contestada por especialistas no mundo todo.

Os números apresentados no trabalho da ONU sugerem que cerca de três habitantes por grupo de cem consomem drogas ilícitas, o que já coloca a droga como epidemia mundial, segundo os próprios critérios da Organização. Esse crescimento do uso de drogas aumentou significativamente nos últimos 50 anos, prevalecendo hoje o consumo de maconha, mas com forte crescimento também o de cocaína, ecstasy e ópio.

O trabalho também observa que o consumo de drogas legalizadas, como o álcool e o tabaco continua alto. O tabaco atinge cerca de 30% da população, além disso, seu crescimento é maior e mais veloz do que o consumo de drogas ilícitas constituindo-se em uma grande ameaça à saúde pública mundial. Portanto, temos ainda uma diferença de dez vezes entre o consumo de drogas legalizadas e ilícitas, cerca de 3% para as primeiras e 30% para a segunda. Entretanto, estamos às portas de um grande problema de saúde pública tanto com um quanto com outro caso.

De toda forma, mais de um terço da população global é usuária de algum tipo de droga, seja ela socialmente aceita e legalizada ou não. Vivenciamos nesses dias uma experiência única na história da humanidade, o consumo generalizado de drogas de vários tipos por uma expressiva parcela da humanidade.

Parece que as políticas adotadas até aqui para frear o consumo de drogas não têm atingido seus objetivos somente com a repressão sem a conscientização. A educação e um convívio mais profundo e dialogado entre as pessoas, especialmente pais e filhos, poderá nos livrar de uma epidemia das drogas. Não pode-

mos achar que e a polícia ou a medicina resolverão os problemas que muitas vezes se iniciam nos lares, escolas e outros lugares de convivência, principalmente dos jovens, mais expostos por vários motivos à atração do mundo das drogas.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Drogas ilegais

O uso de drogas ilegais no mundo vem crescendo a cada ano, mesmo com todos os esforços das sociedades, governos e famílias o alerta, mais uma vez, foi dado pela ONU e vem explicitado em um novo relatório cobrindo o período 2000-2001.

Nesse período, estima o relatório, 4,7% da população do planeta acima de 15 anos consumiu algum tipo de droga ilegal. O dado do período anterior, 1998-2000, mostrava um indicador de 4,3% de consumidores. Portanto, em dois anos houve um crescimento de 0,4% da população mundial acima de 15 anos que consome algum tipo de droga considerada ilícita. Esses pontos percentuais significam que de 185 milhões de usuários, o planeta passou a contar, em 2001, com 200 milhões de pessoas se drogando.

Neste triste panorama, as drogas que mais avançaram foram a maconha e o haxixe. O consumo de maconha foi o grande responsável pelo aumento dos usuários mundiais de drogas. Somente ela, no relatório da ONU, elevou o número de consumidores de 147,4 milhões para 162 milhões de pessoas, continuando a ser a droga mais largamente utilizada.

Ainda, segundo esse relatório, 50% dos países do mundo relataram um aumento do consumo de maconha, em 2001, e apenas 14% apontaram uma queda. Ao analisarmos os relatórios regionais de apreensão de drogas, percebemos o grande predomínio da maconha entre as apreensões realizadas pela polícia, o que confirma o contínuo avanço da maconha como a droga mais difundida e utilizada.

De qualquer maneira, a sociedade, principalmente através da ação das famílias, deve posicionar-se e questionar sua atuação, ou não impediremos o avanço do consumo de drogas, cada vez mais perto de nós, acontecendo dentro de nossas próprias casas.

Cada cidadão e cada família devem refletir sobre os limites dos jovens e adolescentes, sua atuação e convívio social, além das oportunidades de consumo de drogas ilegais, mesmo aquelas toleradas como álcool e tabaco. Não adianta repassarmos essa responsabilidade ao Estado ou a escola, pois é no convívio familiar, nesse contato pessoal e íntimo, que começa e termina o enfrentamento real.

Quem acredita apenas em repressão ao consumo e na transferência de responsabilidades, deve saber, mesmo sendo uma dura realidade, que é no espaço familiar onde os programas começam a falhar ou a funcionar. Além disso, o consumo de drogas financia uma grande cadeia de criminalidade que é alimentada pelo desemprego e pela busca de oportunidades fáceis de ascensão social. Isso leva a um incremento da criminalidade, tornando explosivas nossas comunidades.

É muito duro, mas, muitas vezes, a falta de atuação familiar abre espaço ao mundo da droga e este, ao círculo da criminalidade e da violência social. Uma maior atuação da família, com clareza de limites e responsabilidades, convívio, amizade e companheirismo permitem que se impeça aos jovens adentrar no mundo da droga. A prevenção e a atuação familiar devem ser mais importantes do que a repressão.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Drogas legais

Encerrou na semana passada em Helsinque, na Finlândia, a 12ª Conferência Mundial sobre Fumo ou Saúde, patrocinada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e que contou com a participação de 2.200 participantes representando 130 países. A próxima edição da conferência acontecerá em Washington, capital norte-americana, no ano de 2006 e pretende continuar a monitorar os estudos sobre fumo e saúde realizados globalmente.

Nessa conferência foi divulgado um estudo sobre o impacto do fumo na saúde mundial. Alguns dos dados apresentados são alarmantes para a saúde pública internacional, mostrando que o avanço do consumo do fumo e das doenças decorrentes de seu consumo não param de aumentar.

Segundo o estudo, cerca de 5 milhões de pessoas morrem a cada ano por causa de problemas gerados pelo fumo. Ainda segundo a pesquisa, esse problema deve se agravar e a estimativa é que o número suba para até 11 milhões de mortes em 2030.

Um dos muitos fatores preocupantes é que este indicador atinge diretamente países como o Brasil, pois a maioria do contingente mundial de fumantes, cerca de 1,1 bilhão de pessoas, vive em países em desenvolvimento como o nosso.

Embora se reconheçam alguns avanços registrados no Brasil, a indústria do cigarro ainda impõe forte resistência à legislação antitabagista na maioria dos países em desenvolvimento, justamente onde cresce o número de fumantes.

Segundo a OMS, fumar ainda é um hábito tipicamente masculino, embora o número de mulheres venha crescendo a cada ano. Entre os adultos, a OMS estima que 47% dos homens e 12% das mulheres fumem.

Para alguns especialistas em fumo e saúde que participaram da conferência em Helsinque, o marketing agressivo da indústria do cigarro ainda é um dos responsáveis pelo avanço do consumo de cigarro, charutos e do tabaco em geral.

De qualquer modo, a preocupação das autoridades internacionais é muito grande e deve ser assimilada e entendida por toda a sociedade. Os exemplos familiares, o convívio social, a busca de afirmação frente a grupos e a indulgência em relação ao cigarro e ao álcool, tido como drogas socialmente toleradas, são

outros fatores que permitem o contínuo crescimento do consumo de fumo.

Muitas vezes observamos ao nosso redor e percebemos que muitas pessoas deixaram de fumar e, em muitos locais, aparentemente diminui o consumo. Essa observação empírica é derrubada pelos números globais que apontam para um crescimento da nova geração em relação ao consumo de tabaco. A sombria previsão de 11 milhões de mortes ao ano a partir de 2030, decorrentes do fumo, tem como razão o ingresso de jovens, especialmente mulheres, neste contingente de consumo.

Parece que nossa observação diária e o aparente retrocesso do número de fumantes virou fumaça. Quem sabe uma ação educativa e esclarecedora seja realmente necessária para reverter as previsões da OMS, e melhorar a qualidade de vida das novas gerações.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Mulher, jovem e fumante

Os últimos estudos realizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o impacto do fumo na saúde mundial apontam que 12% das mulheres são fumantes ativas. Se comparado com os homens, onde 47% da população adulta masculina fuma, não parece ser muito importante a participação feminina.

Entretanto, o número de mulheres fumantes não pára de crescer em comparação ao número de homens fumantes e o que é pior, o número de tabagistas está aumentando entre as jovens, especialmente, entre as adolescentes. Essa informação é muito preocupante, pois esse hábito, que era tido como tipicamente masculino, está migrando para as mulheres. Isso acaba exigindo novas estratégias tanto para as propagandas de cigarro quanto para as campanhas de combate, dificultando ainda mais a luta contra o tabagismo.

O dado mais alarmante do avanço do fumo entre o público feminino, no entanto, é sua expansão entre jovens e adolescentes, num momento em que muitos adultos estão sendo impelidos ao abandono do vício, após várias décadas de luta contra o fumo e seus males.

Mais de um milhão de adolescentes foram entrevistados para essa pesquisa da OMS, em 150 países, que indicou que 14% das pessoas entre 13 e 15 anos fumam. Esses dados globais nos indicam que, nas novas gerações, diminui, a cada dia, a diferença entre o número de meninas e meninos usuários do tabaco. No mundo, do total de fumantes, 15% são adolescentes do sexo masculino e 6,6%, do feminino, um percentual muito alto e em franco crescimento.

Os dados por continente indicam onde o índice de fumantes é maior e onde estão havendo os maiores danos em relação à saúde humana. Na África, para cada mulher adulta que fuma, existem 7 homens fumantes, mas essa relação cai de 1 menina adolescente para cada 2,2 meninos.

Na Europa, 33,9% dos adolescentes do sexo masculino e 29% do feminino fumam. Enquanto isso, na América, o número de fumantes é percentualmente menor, mas a diferença entre meninos e meninas também cai. Considerando todo o continente

americano, os índices são de 16,6% para os meninos e 12,2% para as meninas.

Pode parecer pouco importante levantarmos números para uma discussão por gênero, tratando do problema do fumo e da saúde pelo aspecto do sexo. Entretanto, esse é um dos problemas que se apresenta e cuja questão central é a combinação do avanço do tabagismo entre as mulheres, especialmente entre jovens e adolescentes.

A combinação mulher, jovem e fumante parece que está ganhando força em nossa sociedade, mas os danos à saúde individual e os prejuízos sociais advindos desse crescimento devem demorar alguns anos, mas inevitavelmente virão.

Assim deparamo-nos com um dilema: assistir impassíveis a deteriorização das pessoas através do consumo de drogas socialmente toleradas como o álcool e o fumo ou tomar uma posição social de educação vigilante e atuante.

Sabe-se que as estimativas são sombrias, prevê-se, 11 milhões de mortes ao ano por problemas advindos do fumo a partir de 2030. Com o avanço do tabagismo nas novas gerações, talvez, muitos pais não fumantes tenham que se despedir prematuramente de filhas que seguirem os caminhos do fumo.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Sexo, gravidez e adolescência

Assistimos nestes últimos anos um explosivo aumento do número de adolescentes grávidas no Brasil, que tem levado os especialistas em saúde pública a declarar a existência de uma verdadeira epidemia nacional.

Somente a rede pública de hospitais registrou esse ano que 25% dos partos realizados são de adolescentes. Se compararmos os dados de hoje com os de 1990, observamos que essa proporção era de 10% dos partos. Esses percentuais nos levam a calcular que continuando neste índice de 25% de partos de adolescentes, a cada ano o país receberá 1 milhão de mães precoces, com poucas perspectivas em relação a educação e ao mercado de trabalho.

As pesquisas em saúde pública e comportamento demonstram que não existe falta de informação sobre contracepção, mas que a maioria dos jovens e adolescentes prefere não utilizar métodos contraceptivos como, por exemplo, a camisinha, pois confiam em seus parceiros e acreditam que nada lhes acontecerá de mais grave.

Esta despreocupação ou pouca importância à segurança sexual, é um dos fatores também das doenças sexualmente transmissíveis como a AIDS, se espalharem cada vez mais entre as mulheres jovens.

De todo modo, os especialistas afirmam que a gravidez na adolescência, além de comprometer o crescimento social dos jovens, pode acarretar riscos precoces à saúde das mães. Isso acontece principalmente quando estas não possuem uma maturidade para compreender o processo da maternidade e as transformações corporais e sociais que irão enfrentar, agravado pela precariedade de acompanhamento médico adequado, podendo concorrer para elevar mais ainda, a alta mortalidade materna, de que o Brasil é um dos campeões mundiais.

Combinando os dados do número de partos das adolescentes com os cerca de 3,7 milhões de jovens desempregados e o baixo crescimento econômico que o país atravessa, podemos imaginar o pior para toda uma geração, que ainda enfrenta condições precárias de acesso a pré-escolas, creches e saúde pública.

Não basta proibir por decreto o sexo, ou trancafiar em casa os adolescentes, tão pouco obrigar o uso de camisinha. Nada disso vai adiantar se não tivermos muito bem difundidos e trabalhados alguns valores sociais e pessoais que façam com que os jovens e adolescentes compreendam as transformações que enfrentam, os riscos que assumem e reflitam sobre suas perspectivas futuras e sua auto estima.

Vivemos um difícil momento do país, da família, dos valores e dos limites e claro, os adolescentes estão no meio desta confusão, enfrentando eles também, as suas próprias transformações. A todo isso se soma a falta de perspectivas e a ociosidade, além d muitos outros fatores, mas não temos como passar a vez ou pagar para ver.

Precisamos de uma política pública clara para os adolescentes, além de muitas oportunidades. Além disso, devemos combinar ações de educação, esporte, lazer, cultura, saúde e emprego e um grande compromisso das famílias.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Álcool, violência e adolescência

Em nosso país, o adolescente encontra todas as facilidades para o consumo de bebidas alcoólicas, desde os sensuais comerciais, o incentivo de pais e amigos e a oferta abundante de pontos de venda, muitos abertos 24 horas, e poucos, cumprindo a restrição de venda para menores de 18 anos, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente determina.

A situação é tão grave, que suscitou uma experiência na cidade paulista de Paulínia, distante 125 Km de São Paulo e quarta cidade nesse Estado em arrecadação de ICMS. O estudo nesse município é desenvolvido pela Universidade Federal Paulista – UNIFESP, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo – FAPESP e da prefeitura municipal.

Paulínia transformou-se em um verdadeiro laboratório para o estudo do consumo de álcool e suas conseqüências. Essa escolha não foi por acaso, pois a cidade experimentou diversos problemas com o álcool e a violência, culminando, no mês de agosto desse ano, com a entrada de 126 pessoas no Pronto-Socorro local por se envolverem em acidentes de trânsito, brigas e quedas nos finais de semana. O resultado desses casos foi de que 100% dos atendidos estavam alcoolizados.

Em abril do mesmo ano, cinco adolescentes gazearam aula para beber vodka com soda limonada e jogar sinuca em um bar. O resultado foi o grupo embriagado e duas meninas no Pronto-Socorro, em coma alcoólica.

Os primeiros números levantados na cidade apontam um quadro muito assustador; existem 288 pontos de venda de bebida alcoólica na cidade, sendo que 90% deles não controla a idade de quem consome. Além disso, 45,8% dos locais são bares onde a venda da dose de cachaça é vendida por menos de R\$ 0,30, facilitando ainda mais o consumo pelos jovens e adolescentes.

O trabalho dos pesquisadores em Paulínia avaliou, também, que os responsáveis pelos pontos de venda de bebidas alcoólicas não se sentem responsáveis pelo consumo; destes, 52,8% acham que não são responsáveis caso um cliente se embriague.

Provavelmente, a realidade de Paulínia seja a mesma de muitos municípios brasileiros onde se tolera o consumo de álcool por parte de adolescentes; a mesma onde dentro de casa

se inicia o contato com a bebida, muitas vezes, incentivado pelos próprios pais.

Isso é confirmado pela Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas – Abed, que divulga dados de uma pesquisa, relatando que quanto mais cedo for o contato da criança com o álcool, mais rapidamente ela poderá se tornar dependente. Dos 14.636 estudantes de 10 a 18 anos ouvidos, 34% deles beberam pela primeira vez em casa, com a bebida oferecida pelos pais.

Estima-se que cerca de 31 mil pessoas morram no país a cada ano, vítimas de acidentes de trânsito; destas, cerca de 50 a 70% estavam ou foram vítimas de pessoas alcoolizadas. Na Dinamarca, por exemplo, onde existe a restrição à venda e consumo de bebidas alcoólicas, esse número é de 8%.

Parece mais do que em tempo atentarmos para a necessidade de haver um posicionamento mais sério da sociedade frente ao álcool e às novas gerações, ou correremos o risco de perpetuarmos alguns tipos de violência.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Os famintos

Segundo os últimos dados divulgados pela FAO (Food and Agriculture Organization), um órgão das Nações Unidas, o Brasil tem hoje cerca de 15,6 milhões de pessoas passando fome. Esse é um número assustador, pois representa aproximadamente 9% da população do país, entretanto, vem decaindo significativamente na última década. Entre os anos de 1990 e 2001, houve uma ligeira queda na taxa de famintos no Brasil, passando de 12% para os atuais 9%.

Apesar dessa queda nos últimos anos e dos avanços das políticas atuais, desenvolvidas em várias instâncias de governo, além das iniciativas comunitárias, o país ainda possui uma taxa de famintos superior a de países da América do Sul, seus vizinhos. É o caso do Chile e do Equador, ambos com 4%, e do Uruguai com 3% de pessoas passando fome.

A Argentina foi o único país sul-americano a figurar sem subnutridos ou famintos, embora esse relatório não englobe o período dos dois últimos anos, quando a Argentina experimentou sua pior crise econômica da história e quando explodiram seus problemas sociais.

Opostamente à Argentina, encontra-se a Bolívia, que é o campeão dos famintos e subnutridos do continente sul-americano. Nesse país, a FAO detectou 22% da população passando fome e em condições de subnutrição. Esse número boliviano apresentava, no período anterior, um índice de 26%, portanto, houve uma pequena diminuição desse problema, mantendo, no entanto, a infeliz liderança no ranking da fome e da desnutrição.

Essa mesma pesquisa da FAO revelou uma diminuição da fome em quase todo o continente sul-americano, com exceção da Venezuela, que passou de 11%, em 1990, para 18% de famintos, em 2002, aproximando-se dos altos índices bolivianos, mostrando uma precarização e agravamento de seus problemas sociais.

Em termos globais, a FAO espera reduzir pela metade, no ano de 2015, o número de famintos. Entre os 126 países pesquisados, apenas 19 reduziram seus índices. A estimativa mundial prevê 842 milhões de pessoas passando fome diariamente. Desse contin-

gente assustador, cerca de 798 milhões encontram-se em países pobres e em desenvolvimento.

O relatório da ONU mostrou que, em todos os países que reduziram a fome de sua população, houve um crescimento econômico mais intenso, além da diminuição das taxas de mortalidade e melhoria nos níveis de saúde e educação. Também se percebe no relatório, que esses indicadores de melhorias sociais, revelam uma diminuição do número de infecções pelo vírus da AIDS.

Portanto, diminuição da fome, em qualquer país do mundo, mostra-se eficiente quando existe crescimento econômico e, esse é acompanhado de melhorias no campo da saúde e educação. Esses componentes têm se mostrado presente em todas as sociedades que romperam com sua miserabilidade e subdesenvolvimento.

Os movimentos assistencialistas são importantes e devem ser incentivados para garantir a dignidade e a sobrevivência das pessoas que passam fome, mas as políticas de desenvolvimento e de crescimento econômico, acompanhados de acesso à educação, saúde e melhorias sociais são imprescindíveis para uma melhoria contínua e equilibrada da sociedade.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Sexo inseguro

Em novembro de 2003, o Ibope divulgou uma pesquisa nacional realizada para a empresa Wyeth Farmacêutica. Foram ouvidos 2000 entrevistados de todas as classes sociais, com idades entre 15 e 17 anos (30%) e entre 18 e 25 anos (70%).

O estudo é preocupante para a sociedade brasileira, pois a cada ano inicia-se mais cedo a vida sexual atualmente, por volta dos 15 anos, em média. Longe de uma preparação para a vida sexual, o que foi divulgado revelou que os entrevistados não usam camisinha ou outro método contraceptivo, fazendo com que cresça muito o número de gravidezes indesejadas entre a população jovem do país.

Falando-se em proteção, a questão é grave. Dos 2000 jovens entrevistados, 1505 declararam que já mantiveram relações sexuais, mas apenas 49% usaram camisinha na primeira vez. Nas relações seguintes, 52% afirmaram usar sempre esse método, enquanto 21% declararam usar esporadicamente, e 13% disseram que nunca usam nenhum tipo de prevenção.

Talvez a combinação entre juventude, sua pouca experiência e a sensação de que nada lhes acontecerá faça com que 75% dos que ainda não iniciaram sua vida sexual declarem que pretendem usar preservativo na primeira relação, mas apenas 49% o façam de fato. Além disso, esses entrevistados disseram que, após a primeira relação, apenas 5% deles usariam a camisinha regularmente. O grande medo dos jovens ainda é a AIDS (92%), enquanto a gravidez e outras doenças sexualmente transmissíveis são inexpressivos.

A questão de preservação da vida e da segurança dos jovens mostrou-se muito fragilizada com essa pesquisa, entretanto, no campo das relações afetivas, diálogo, limites, relações familiares e educação sexual, o estrago foi muito grande. Essas são questões realmente de fundo nessa discussão, e as respostas dos jovens espelham sua carência nesses itens.

Os pais estão muito distantes de seus filhos, e isso transparece na declaração de 44% dos entrevistados de que nunca conversaram sobre sexo com eles. Quando isso acontece, a maior preocupação é a contracepção e não a proteção mais ampla ou

a informação sobre a afetividade, nem a chegada de uma nova fase na vida deles.

A grande massa de informação que os jovens recebem não vem da escola ou dos pais, mas dos amigos (43%) e da televisão (40%). Além disso, apenas 15% das jovens revelaram à mãe sua primeira transa, portanto, o diálogo acabou.

Parece irreversível a tendência dos jovens iniciarem cada vez mais cedo sua vida sexual, principalmente em uma sociedade erotizada que difunde por todos os veículos a valorização do corpo, do sexo e do prazer. Somando a isso o pouco diálogo familiar e uma educação sexual precária, temos uma epidemia nacional.

Entretanto, temos que ser criativos para cativar os jovens e lhes oferecer o conhecimento real sobre o mundo do sexo e a vida adulta sem tabus e “caretes”. É necessário estimular os jovens a fazer opções seguras e responsáveis juntamente com quem pode de fato ajudar, não transferindo aos amigos e à vida as responsabilidades da educação e da orientação.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Tristes trópicos

Uma pesquisa feita pela Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, realizada para a Organização Mundial da Saúde – OMS, revelou um dado espantoso sobre a saúde dos brasileiros, especialmente sobre sua saúde bucal. Este estudo aponta que 14,4% dos brasileiros já perderam todos os seus dentes. Se tomarmos os dados do IBGE, que dão conta de que a população brasileira é de 179 milhões de pessoas, veremos que 26 milhões não possuem sequer um dente na boca.

Este trabalho revela que a saúde bucal reflete diretamente a desigualdade social do país e as condições de saúde a que os cidadãos estão submetidos. Como sempre, a perversidade da pirâmide social aparece nas condições de saúde da população, por exemplo: entre a população mais pobre, o percentual de pessoas sem dentes chega a 17,5%, enquanto entre os mais ricos não passa de 5,9%.

Além dos dados sobre a saúde de boca e dos dentes da população, chamam a atenção outros aspectos gerais referentes à saúde da população, como, por exemplo, sobre o perfil de saúde e sua avaliação. O perfil dos entrevistados nos dá uma boa noção da vida e da saúde dos brasileiros: 24% têm vida sedentária, 19,3% já tiveram alguns diagnósticos de depressão, 18,1% fumam diariamente e 14,8% consomem bebidas alcoólicas diariamente. Em relação à percepção dos entrevistados sobre seu quadro de saúde, a pesquisa demonstrou que 39% a considera boa; 38%, moderada; 15%, muito boa e 7%, ruim.

Quando perguntados sobre a satisfação com os serviços de saúde no país, 36% opinaram que estão muito insatisfeitos, enquanto 21,8% estariam insatisfeitos, 15% regular e 18,7% satisfeitos. Outro dado importante é que os remédios lideram os gastos com saúde, representando 32% do total. Depois, vêm os planos de saúde com 25%, dentistas com 16% e óculos e próteses com 8%. Além disso, a saúde é o terceiro gasto da família no Brasil, consumindo 18,7% de seu orçamento, perdendo apenas para a casa com 29,2% e a alimentação com 37,2% do orçamento familiar.

Esses dados são de extrema importância para que sejam repensadas as políticas públicas e a forma de atendimento à população. Muitos esforços estão sendo realizados no país na busca de melhoria das condições de saúde da população, mas isso ain-

da se traduz de forma muito pequena para a grandiosidade do problema e sua gravidade.

Esse estudo, no Brasil, ouviu 5.000 pessoas com mais de 18 anos e está também sendo aplicado em mais de 71 países, o que permitirá cruzar os dados internamente por regiões no país e compará-los a outros países.

Nestes dias de hospitais lotados, fica mais evidente a enorme dificuldade da maioria da população em relação a sua saúde. A precariedade da renda familiar, da educação e das condições de vida das pessoas só fazem agravar o quadro da saúde dos brasileiros, pressionados cada vez mais pelo fantasma do desemprego.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

O álcool e a elite

Nos últimos meses, muito se discutiu no Brasil sobre o consumo de álcool do Presidente da República, assunto que repercutiu internacionalmente a partir de um artigo do jornal norte-americano New York Times. Foi muito grande o impacto da matéria, que chamava a atenção para o consumo de bebidas alcoólicas pelo mandatário brasileiro. Entretanto, podemos notar que muitos de nós, mesmo desaprovando a conduta presidencial, esquecemos de olhar para dentro de nossas próprias casas e famílias.

Uma recente pesquisa realizada pelo Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP demonstrou a preocupante situação do consumo de álcool por parte dos jovens brasileiros. Segundo o trabalho da UNIFESP, 25% dos jovens da elite brasileira, ou seja, classes A e B bebem em excesso. O levantamento foi realizado com jovens de 14 a 19 anos de escolas particulares nas cidades de São Paulo, Brasília e Campinas, sendo que o questionário e a análise dos dados seguiram os padrões da Organização Mundial da Saúde - OMS.

Se levarmos em conta o consumo de bebidas alcoólicas e seus efeitos, não podemos apenas pensar em alcoolismo e danos à saúde. Deve ser considerado também que o álcool é apontado como a principal causa de acidentes de trânsito entre os jovens brasileiros de 15 a 24 anos. Além disso, o consumo de álcool está associado a outros comportamentos de risco, justamente por reprimir a capacidade crítica de seus usuários.

Nesse esteio está envolvida também a gravidez indesejada das jovens e adolescentes, além do contágio pelo vírus do HIV. Aliás, sobre a AIDS, o número de jovens portadores entre 13 e 24 anos já era de 47 mil casos no Brasil, apontando para uma tendência de crescimento.

A ligação entre o consumo de álcool e o sexo sem proteção é direta. O estudo da UNIFESP demonstra que o aumento do número de parceiros e de relações sexuais está diretamente relacionado à quantidade de bebidas alcoólicas consumida.

Para todos nós, surge uma questão importante: o que é mais problemático, o consumo de drogas legais como o álcool ou o

O que é mais problemático, o consumo de drogas legais como o álcool ou o comportamento de risco dos jovens?

comportamento de risco dos jovens? Além disso, se a elite brasileira, com acesso à educação e à prevenção, tem um comportamento de alto risco, o que imaginar para o restante da sociedade?

Será que uma superproteção dos pais sem diálogo mais efetivo cria uma bolha de proteção que é rompida pelas atitudes de risco? Esse é um estudo a ser feito por profissionais qualificados, mas precisa estar presente no nosso dia-a-dia e ser motivo de preocupação para todos aqueles que têm filhos ou que trabalham com jovens.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Fecundidade precoce

Todos os estudos e levantamentos oficiais dos últimos dez anos têm demonstrado que existe uma real diminuição das taxas de fecundidade da mulher brasileira. Ou seja, o número de filhos por mulher, no Brasil, vem caindo a cada ano, especialmente a partir da década de 1990.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a taxa de fecundidade das mulheres no Brasil, em 1991, era de 2,85 filhos por mulher. Já, no ano de 2000, esse número caiu para 2,38 filhos por mulher, representando uma expressiva queda de 16,49%.

Essa taxa de 2,38 significa que nosso país atingiu um importante equilíbrio populacional, com um pequeno crescimento vegetativo da população, mostrando ainda, que a população brasileira passa a renovar-se em uma pequeníssima velocidade, especialmente se compararmos aos anos 1960 e 1970.

Entretanto, as estatísticas do IBGE também revelaram um lado perverso na questão da maternidade, que é o crescimento estatístico significativo da faixa etária de 10 a 14 anos no mapa da gestação. Ao mesmo tempo em que cai a taxa de fecundidade da mulher brasileira, acontece um fenômeno que é o da precocidade dessa fecundidade com o aumento acelerado do número de mães muito jovens.

O IBGE divulgou também, dados que apontam que no período de 1991-2000 o grupo de mães entre 10- 14 anos teve um incremento de 80,68% no número gestações. Já a faixa etária de 15 a 19 anos, teve um crescimento menor, mas também significativo de 38,65%.

Em números absolutos, de um período a outro entre 1991 e 2000, houve um incremento de 470.570 para 657.440 de jovens mães entre 15 a 19 anos que deram a luz. Enfrentamos quase uma epidemia de mães jovens, com a sua fertilidade e sexualidade cada vez mais precoce. Esse novo ritmo que diminui a fertilidade das mulheres com mais de 30 anos e acelera com as de menos de 14 tem um componente sócio-comportamental muito forte.

A banalização do sexo na sociedade brasileira, a valorização corporal, a dificuldade de uma ampla e positiva educação sexual,

as dificuldades de acesso a meios contraceptivos, além de uma alteração profunda na estrutura familiar, contribuem para esse salto da precocidade da fecundidade nacional.

Para agravar o quadro, uma criança, pré-adolescente ou adolescente grávida, normalmente, necessita sair da escola, e cria uma série de outras dificuldades educacionais e profissionais para si mesma. Não adianta esconder o problema, temos que ter coragem de divulgar, agir e, principalmente, educar a nossa nova geração de maneira mais incisiva, menos preconceituosa e atuante no panorama familiar.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Dentadura

Nessa semana, fui surpreendido por uma pergunta feita por minha filha mais nova, que, ligada a um site infantil na internet, tentava avançar em uma brincadeira de perguntas e respostas.

A surpresa foi a pergunta que esse site infantil fazia, querendo saber quantos dentes tem o ser humano adulto. Num esforço, ao fundo de minha memória, respondi 32. A resposta estava certa.

Fiquei, então, pensando nesse número e me perguntando quem mantém seus 32 dentes na boca, ou melhor, quantas pessoas mantêm algum.

Parece uma conversa pouco interessante, mas fui pesquisar e deparei-me com uma situação segundo a qual saúde dos dentes está ligada à qualidade de vida e ao padrão de desenvolvimento das sociedades.

Para confirmar essa hipótese, no Brasil, apenas 54% da população tem todos os dentes na boca, outros 55 milhões têm falhas significativas na dentição e 7 milhões de brasileiros não possuem sequer um dente para contar a história.

Somos um país de 7 milhões de desdentados, de pessoas que, pela precariedade de suas vidas e dos serviços de saúde à sua disposição, não possuem mais nenhum dente e que, provavelmente, em sua grande maioria, fazem parte do contingente que vive abaixo da linha de pobreza.

Fato incrível, também, é que os dados mais recentes não são governamentais ou de algum órgão de classe ou categoria profissional, mas de uma empresa. Esses dados fazem parte de uma pesquisa mercadológica realizada pelo Ibope Solutions para seu cliente, a marca Corega, popularmente chamada de adesivo para dentaduras. Esse, aliás, parece ser um grande mercado, pois se dentes naturais inexistem, podem estar sendo colocadas em seu lugar dentaduras.

Em nosso país, um em cada quatro adultos usa dentadura, o que representa 30 milhões de brasileiros. Desses, 11% estão na classe A, 23%, na B e 28%, na C. Contrariando a minha intuição, os desdentados estão distribuídos por todas as classes sociais, o que denota uma cultura precária da conservação. Além disso, muitas pessoas provêm de famílias humildes e, no passado, não tiveram condições de manter seus dentes em bom estado.

Intrigante situação a da saúde bucal dos brasileiros, que, na verdade, reflete nossa cultura e nossa situação econômica. De toda a forma, estranhei muito que se uma empresa pode pesquisar sobre isso, por que ainda não foi aproveitado esse dado pelos candidatos a cargos eletivos.

Na verdade, não lembro de ter ouvido algum candidato a cargo político prometer dentaduras, mas, com certeza, teria ele um grande eleitorado potencial, disposto a morder essa oportunidade. No país das promessas, essa seria, infelizmente, uma boca!

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Desce redondo

O álcool é, talvez, uma das drogas mais toleradas em nossa sociedade, por isso mesmo nem sempre prestamos atenção nos danos que causa, além de reagirmos indiferentes ao seu consumo e à ampla divulgação nas diversas mídias.

Nesse sentido, nossa criatividade publicitária faz com as bebidas alcoólicas talvez suas melhores peças, aquelas mais vistas e lembradas, mas que divulgam um produto que é potencialmente perigoso, cujas conseqüências do uso irrestrito custam caro à sociedade brasileira.

Segundo dados da Sociedade Brasileira de Medicina do Tráfego, em 2006, 61% dos acidentes de trânsito estiveram associados ao consumo de bebidas alcoólicas e à embriaguez. Já um levantamento domiciliar realizado, em 2005, pela Secretária Nacional Antidrogas, apontou que 12,3% dos entrevistados entre 12 e 65 anos ingerem bebidas alcoólicas com frequência.

O custo dessa difusão do consumo de álcool no Brasil é grande, somente no tratamento de dependentes de álcool em unidades extra-hospitalares, entre 2005 e 2006, foram gastos R\$ 36,5 milhões, dinheiro saído diretamente do caixa do SUS. Além disso, foram gastos mais R\$ 4,3 milhões somente em hospitais e prontos-socorros, também financiados pela previdência social. Essa soma elevadíssima de recursos está deixando de ser aplicada para atender a população em diversas outras atividades realizadas em hospitais e prontos-socorros de todo o Brasil.

Um passo decisivo no combate ao consumo de bebidas alcoólicas é a medida anunciada pelo Governo Federal, que muda o conceito de bebida alcoólica e, por conseguinte, a sua regulamentação publicitária. Antes do Decreto editado na semana passada pelo governo, eram passíveis de regulamentação publicitária apenas as bebidas com mais de 13 graus, atingindo com a lei apenas bebidas como o uísque, a cachaça, o vinho e os outros destilados. Entretanto, ficavam fora do alcance legal os “coolers”, bebidas “ice” e, principalmente, as cervejas. Essa bebida, aliás, é responsável por um setor que fatura mais de R\$ 20 bilhões ao ano e foi o principal alvo do Decreto.

As cervejas, por sinal, ocupam horários e canais nobres da publicidade brasileira e patrocinam muitos dos principais eventos

nacionais. Além disso, muitos meios de comunicação têm uma grande parte de sua grade de programação financiada pelas cervejarias e devem sentir muito forte no caixa de suas empresas essa regulamentação.

De todo modo, não creio que a lei tivesse a intenção de punir os veículos de massa, mas, acima de tudo, tornar o consumo de bebidas alcoólicas menos glamouroso, mais consciente, reduzindo os acidentes dele decorrentes.

Quem não conhece alguém ou não teve um amigo ou parente vítima de um acidente causado pela embriaguez e tantos outros fatores decorrentes do consumo de álcool? Com muita certeza, uma perda familiar não desce tão redondo assim quanto querem mostrar algumas cervejarias.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Sexo, adolescência e terceira idade

A pesar de todas as campanhas nacionais, do trabalho realizado pelas escolas, do medo da AIDS e de tantas informações circulando, continuamos a ver um grande número de adolescentes grávidas no Brasil, o que tem levado os especialistas em saúde pública a declarar a continuidade de uma verdadeira epidemia nacional.

Somente na rede pública de hospitais registra-se, a cada ano, um número crescente de partos realizados em adolescentes. Estes números mostram que a cada ano o país receberá cerca de um milhão de mães precoces, com poucas perspectivas em relação a educação, ao mercado de trabalho e ao futuro dessas crianças que estão nascendo.

As pesquisas em saúde pública e comportamento demonstram que não existe falta de informação sobre contracepção, mas que a maioria dos jovens e adolescentes prefere não utilizar métodos contraceptivos como, por exemplo, a camisinha, pois confiam em seus parceiros e acreditam que nada lhes acontecerá de mais grave.

Esta despreocupação, ou pouca importância à segurança sexual, também é um dos fatores responsáveis pelas doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS, se espalharem cada vez mais entre as mulheres jovens.

De todo modo, os especialistas afirmam que a gravidez na adolescência, além de comprometer o crescimento social dos jovens, pode acarretar riscos precoces à saúde das mães. Isso acontece principalmente quando estas não possuem uma maturidade para compreender o processo da maternidade e as transformações corporais e sociais que irão enfrentar, agravadas pela precariedade de acompanhamento médico adequado, podendo concorrer para elevar ainda mais a alta mortalidade materna, de que o Brasil é um dos campeões mundiais.

Combinando os dados do número de partos das adolescentes com os milhões de jovens desempregados e o crescimento mediano da economia que o país atravessa, podemos imaginar o pior para toda uma geração que ainda enfrenta condições precárias de acesso a pré-escolas, creches e saúde pública.

Não basta proibir o sexo por decreto, trancafiar em casa os adolescentes ou obrigar o uso de camisinha. Nada disso vai adiantar se não tivermos muito bem difundidos e trabalhados alguns valores sociais e pessoais que façam com que os jovens e adolescentes compreendam as transformações que enfrentam, os riscos que assumem e reflitam sobre suas perspectivas futuras e sua auto-estima.

Vivemos em um difícil momento do país, da família, dos valores e dos limites e os adolescentes estão no meio desta confusão, também enfrentando as suas próprias transformações. A tudo isso se soma a falta de perspectivas e a ociosidade, além de muitos outros fatores, mas não temos como passar a vez ou pagar para ver.

Um fato importante de ressaltar é que vem crescendo assustadoramente a transmissão da AIDS no grupo de pessoas com mais de 60 anos, também chamado de terceira idade. Isso coloca em dúvida toda a política nacional de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e afeta diretamente a qualidade de vida e sua expectativa.

Nesse sentido, precisamos de uma política pública clara para os adolescentes e para a terceira idade. Além disso, devemos combinar ações de educação, esporte, lazer, cultura, saúde e emprego e um grande compromisso das famílias.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

AIDS e terceira idade

Segundo dados da UNAIDS referentes a 2006, existem 39,5 milhões de pessoas infectadas pelo vírus HIV no mundo, sendo no Brasil 433.067. Segundo o Ministério da Saúde, em seu Boletim Epidemiológico-AIDS e DTS, somente no Rio Grande do Sul, foram notificados, até junho de 2006, 37.968 casos. Desses, 3.810 ocorreram no Vale do Sinos.

Essas informações, públicas e disponíveis ao acesso na internet e outros locais, revelam um quadro alarmante e pouco conhecido, ou simplesmente ignorado: a existência de muitos casos de AIDS em nossas comunidades.

Um recente estudo realizado em Novo Hamburgo, liderado pelo pesquisador da Feevale, professor Alexandre Lazzaroto, torna esse quadro mais real e aproxima-se de uma nova realidade, a AIDS presente também na terceira idade.

Normalmente e inicialmente, a AIDS foi associada a jovens adultos e a adolescentes, entretanto, as estatísticas mostram que houve um grande avanço no Brasil na faixa etária acima de 60 anos. Dos casos identificados e notificados até junho de 2006, 6.728 eram do sexo masculino e 3.190 do feminino.

Esse quadro significativo em termos de Brasil suscitou um estudo no Vale do Sinos. Para tanto, foram ouvidas 510 pessoas, na faixa etária de 60 a 90 anos, procurando descobrir o que sabem sobre a AIDS, a transmissão, a prevenção, a vulnerabilidade e o tratamento.

Os resultados demonstram um despreparo e uma inquietante situação de alerta para a sociedade, especialmente àqueles que estão ou vão ingressar no grupo chamado terceira idade. No que tange à transmissão, 41,4% acredita que a AIDS pode ser transmitida pelos mosquitos, 25,5% desconhece a existência da camisinha feminina e 36,9% considera a AIDS uma síndrome somente de homens que fazem sexo com homens, de profissionais do sexo e de usuários de drogas.

Outro elemento importante na pesquisa do professor Lazzarotto foi que, mesmo desconhecendo a ameaça do vírus HIV, 70% dos respondentes acreditam que a AIDS deve ser também uma preocupação desses grupos por outro lado, 21% ainda acredita que se trata de um castigo divino.

Essa foi apenas uma pincelada nos dados do estudo, que abre outro problema de saúde pública e educação a ser implementada. De toda forma, esse trabalho é extremamente interessante, pois demonstra que existem muitas lacunas de informação sobre a AIDS e o HIV em muitos segmentos, especialmente a terceira idade, que, de certo modo, considerava-se incólume ao risco de infecção, mas que as estatísticas teimam em demonstrar o contrário. Assim, cabe destacar o que o estudo conclui: "é relevante o desenvolvimento de programas de saúde pública específicos para esta população".

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

A morte mudou

Vivemos em um mundo tão interessante que até os elementos e desdobramentos da vida, mesmo os mais simples e naturais, acabam se transformando. Por exemplo, no passado, a maioria das pessoas nascia de parto chamado natural, hoje, no Brasil, aliás, esse é um fenômeno muito particular de nossa terra, é muito maior o número de cesáreas, ou seja, um procedimento cirúrgico ao invés do método ancestral de dar vida a uma criança.

Evidentemente existem razões de todo o tipo para isso e elas vão da segurança da criança e complicações que existem nesse momento, passando pelo medo, pela dor e terminando na comodidade da hora marcada e no conforto dos atores envolvidos no nascimento das crianças.

Se nascer está diferente em seus métodos e procedimentos, o que dizer então da morte? Hoje em dia, nascemos diferente e morremos também distintamente de nossos ancestrais. Nas primeiras décadas do século XX, no país, morria-se mais de doenças infecciosas e de parasitas; era o tempo da morte pela malária, sarampo, poliomielite. Já na década de 1960, diminuíram as mortes epidêmicas e surgiram como exterminadoras as doenças crônicas.

Para se ter uma idéia dessa mudança, na década de 1930, cerca de 45% das mortes tiveram como causa declarada doenças infecciosas e parasitárias, enquanto as do aparelho circulatório registraram apenas 10%. Na década de 1980, ou seja, cinquenta anos depois, houve uma completa inversão e os óbitos por problemas circulatórios passaram a representar 32%.

O desenvolvimento de nosso país alterou também a causa de morte das pessoas. Essas mudanças estão diretamente relacionadas ao acesso da população a vacinas, sistema de saúde, avanços tecnológicos, entre outros fatores. Entretanto, é inegável que o estilo de vida urbano, as mudanças de hábitos alimentares, físicos e um novo estilo de vida contribuem significativamente para isso.

Esses dados são parte de um estudo nacional realizado por pesquisadores do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães - CPqAM, uma unidade importante da Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, em Pernambuco. Os pesquisadores analisaram os registros de morte em todas as capitais brasileiras, no período compreendi-

Hoje em dia, nascemos diferente e morremos também distintamente de nossos ancestrais

do entre 1930 e 2000, e puderam traçar um mapa histórico da evolução das doenças que levaram os brasileiros à morte, o que permite planejar e orientar as políticas de saúde e perceber as tendências e os pontos que devem ser atacados e melhorados.

Outro resultado importante desse estudo, e que impacta nossa realidade atual, é que o aumento, no final da década de 1980, da morte por doenças do aparelho circulatório sofre agora um importante decréscimo, mas a curva de crescimento de óbitos causados pela diabete e os cânceres continua a crescer.

A morte, como tudo o que nos envolve, transforma-se. Criamos mais ferramentas e defesas contra ela, prolongamos com qualidade nossa vida, inovamos no seu combate, mas ela também se transforma para cumprir seu desígnio natural.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

O sonho *light* acabou

Vivemos em uma sociedade que é brutal e que tem valores estéticos cruéis quando se trata do corpo das pessoas. Existe, na verdade, um verdadeiro culto ao corpo, em um individualismo exacerbado.

Como sempre ocorreu nas sociedades ao longo da história, criam-se padrões de beleza e conduta corporal que excluem grande parte da mesma sociedade. Aqueles que estão fora do padrão, por sua vez, se reinventam ou tentam, a todos os custos, encaixar-se nos padrões estéticos, mesmo que os sacrifícios sejam enormes.

Atualmente, colabora com a ditadura da magreza e do culto ao corpo a convergência de alguns elementos da saúde humana, cujos fatores criam verdadeiras leis sociais e de consumo a que os cidadãos ficam expostos. Somem-se a isso as revistas, os filmes, as novelas e outras atividades midiáticas que potencializam esses padrões.

As empresas, pressionadas por um consumo mais qualificado e que colabore na manutenção de um “corpinho” mais adequado à moda, esforçam-se em pesquisar e lançar, cada vez mais, alimentos e produtos de baixas calorias e outros termos que lhe são próprios. Cabe destacar que, normalmente, eles são mais caros, comparados aos demais, ditos “normais”.

Desenvolvemos hoje toda uma cultura *light*, que, às vezes, chega a ser complicada, capaz de levar um ser humano a comer uma feijoada ou macarronada e tomar cafezinho com adoçante para contrabalançar. Na esteira desses novos hábitos de consumo, surgem várias situações engraçadas. Por exemplo, existe uma piadinha que fala que açúcar não engorda, mas quem engorda é quem o consome. Outra, ainda, é mais sem graça e diz que adoçante engorda, pois só tem visto gordinho consumir o produto.

Depois disso tudo, de tanto esforço por parte das pessoas, de pesquisa industrial, de mudanças de hábitos e teorias, um estudo de uma Universidade Norte-americana promete amargar algumas experiências de baixas calorias. Pesquisadores descobriram, em experimentos com ratos, que o sabor adocicado da sacarina, um dos tipos de adoçantes empregados, prepara o organismo para receber muitas calorias. Como elas não

chegam, o cérebro se desregula e “solicita” mais alimentos ou, ainda, queima menos calorias.

Essa pesquisa, restrita inicialmente a ratos no laboratório e à sacarina, promete render muitos resultados interessantes, um deles é compreender o funcionamento de nosso próprio organismo. Ao que tudo indica, o problema não está no estômago, mas no nosso cérebro. Estamos no limiar de um novo paradigma científico, no qual a maior parte de remédios seja pensada e administrada para o cérebro das pessoas, e não para outras partes do corpo.

Além disso, fica reforçado o pensamento do senso comum ao dizer que o problema está em nós mesmos e nele temos que encontrar a solução, ou seja, não serão as gotinhas de adoçante ou os produtos *light* que nos farão menos gordos ou mais felizes. Bem, os modelos de beleza são terríveis, mas nossa saúde necessita de mais cuidados.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Sem água e sem banheiros

A higiene pessoal nem sempre foi encarada pelas pessoas ou pela sociedade da forma como a conhecemos hoje; nesses milênios de civilização, passou por variações culturais e mudou muito. Por sinal, ainda hoje, possui diferenças significativas de aplicação no conjunto de países do planeta.

Descrito já nas civilizações egípcia, grega e romana, durante centenas de anos, a higiene pessoal teve até um caráter público, com o uso dos banhos e termas de utilização coletiva, muitas vezes centro de atividades sociais das localidades. O uso de privadas, tal qual conhecemos, somente se difundiu, principalmente no Ocidente, após as revoluções européias e durante a Revolução Industrial no século 19.

Parece curioso, mas a história registra que foi na Inglaterra, no final dos anos 1500, que foi inventada a privada com descarga de água, tendo a válvula de controle do vaso sanitário surgido somente em 1778. No início, as privadas eram de madeira, depois de ferro fundido e, a partir de 1878, difundiram-se os vasos de cerâmica, mais leves e higiênicos. Nossos hábitos de higiene e nossos equipamentos “privados” são, assim sendo, muito recentes.

Por outro lado, estima-se que, em pleno século 21, 41% dos seres humanos - 2,6 bilhões de pessoas - não tenham privada em casa ou água corrente para consumo ou para tomar banho e fazer sua higiene. O caso mais grave acontece na África, onde 60% das pessoas está excluída desse bem. Isso faz com que grandes massas da população estejam em contato com doenças causadas pela exposição e contato com os dejetos humanos. Essa falta de saneamento é responsável pela morte de cerca de 15 milhões de pessoas ao ano, em decorrência de doenças infecciosas.

Segundo a Organização das Nações Unidas - ONU, esse ano de 2008 deve tornar-se o ano internacional do saneamento, tendo em vista as necessidades internacionais nessa área e o agravamento das questões de mortalidade ligadas à falta de saneamento básico e tratamento de água.

Em um mundo populacionalmente explosivo e no qual os recursos naturais estão sendo destruídos numa velocidade acelerada, a própria humanidade está se sufocando em seus dejetos.

Apesar de a situação ser muito grave, é possível uma solução, relativamente simples do ponto de vista da implementação, uma vez que existem tecnologias, conhecimento e recursos para reverter essa situação.

Segundo o *British Medical Journal*, a higiene foi o maior fator de progresso médico na história da humanidade, superando vacinas e anestésias. Essa foi a opinião de 11 mil médicos ingleses ouvidos pela pesquisa.

Incrível a nossa civilização, de um lado asséptica e privada, de outro, um flagelo em seus próprios dejetos. E nem é preciso ir à África para encontrar esses problemas, basta olhar para as nossas periferias, os nossos rios e os nossos mananciais de água para perceber em que estamos nos mergulhando.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Você tem adolescente em casa?

Recente pesquisa feita pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP revelou que as brasileiras estão tendo filhos cada vez mais novas e iniciando antes também sua vida sexual. Além disso, revela o estudo que cerca de 33% das brasileiras afirmaram que tiveram sua primeira experiência sexual aos 15 anos. Para se ter uma idéia da mudança de comportamento dos adolescentes, esse número em 1996, ou seja, na edição anterior da pesquisa, era de 11,5%.

Não é a toa que assistimos, nestes últimos anos, a um explosivo aumento do número de adolescentes grávidas no Brasil, que tem levado os especialistas em saúde pública a declararem a existência de uma verdadeira epidemia nacional.

A idade mediana para a mulher brasileira ter o primeiro filho também caiu de 22,4 para 21 anos, comparando os dados de 1996 com os atuais. Enquanto isso, o índice de meninas de 15 anos com filho subiu de 3% para 5,8% no mesmo período, ou seja, quase dobrou.

As pesquisas em saúde pública e comportamento demonstram que não existe falta de informação sobre contracepção, mas que a maioria dos jovens e adolescentes prefere não utilizar métodos contraceptivos, como, por exemplo, a camisinha, pois confiam em seus parceiros e acreditam que nada lhes acontecerá de mais grave. Essa despreocupação ou pouca importância à segurança sexual é um dos fatores também das doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS, se espalharem, cada vez mais, entre as mulheres jovens.

De um modo geral, existe uma relação entre os anos de estudo e idade do primeiro filho. Os números nacionais apontam que quem tem em média apenas três anos de estudo tem seu primeiro filho em torno dos 19 anos. Já quem possui pelo menos 12 anos de escola, dará a luz por volta dos 26.

Evidentemente, isso é uma média nacional e percebe-se que esses números de nascimento antes dos 18 anos têm crescido muito entre adolescentes de classe média e rica, que mesmo com informação e educação acima da média tem engravidado durante a adolescência.

De todo modo, os especialistas afirmam que a gravidez na adolescência, além de comprometer o crescimento social dos jovens, pode acarretar riscos precoces à saúde das mães. Isso acontece, principalmente, quando estas não possuem uma maturidade para compreender o processo da maternidade e as transformações corporais e sociais que irão enfrentar.

O que devem fazer os pais? Evidentemente, não basta proibir o sexo ou impedir os jovens de se relacionar, tampouco obrigar o uso de camisinha. Nada disso vai adiantar se não estivermos muito bem conversados sobre alguns valores sociais e pessoais que façam com que os jovens e adolescentes compreendam as transformações que enfrentam, os riscos que assumem e reflitam sobre suas perspectivas futuras e sua auto-estima.

Vivemos um momento de transformações da família, dos valores e dos limites e os jovens estão no meio dessa mudança. Além disso, eles passam por um momento de convívio com suas próprias transformações. A tudo isso se soma a falta de perspectivas, a ociosidade, a insegurança, a necessidade de afirmação, as mudanças familiares e, é claro, os hormônios circulantes em todos os adolescentes.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Dia certo para morrer

A evolução da pesquisa médica e a análise das informações em clínicas e hospitais em todo o Brasil têm revelado coisas curiosas sobre a saúde, a vida e a morte dos brasileiros. Uma das descobertas feitas pelos pesquisadores foi a existência de dias mais propensos à morte das pessoas por ataque cardíaco.

Um recente estudo feito por pesquisadores da Universidade de São Paulo-USP em 15 cidades do interior paulista e em 17 hospitais revelou curiosidades importantes sobre como morrem as pessoas. A pesquisa monitorou 173 mil internações hospitalares ao longo de 10 anos e revelou que segunda-feira é o dia em que ocorreu a maior incidência de enfarte em trabalhadores de baixa renda.

Esses ataques cardíacos às segundas, segundo os pesquisadores, ocorrem porque esse dia da semana funciona como um "gatilho", motivado pelo estresse físico, mental e emocional. Vive-se, também nas segundas, uma transição do descanso e do relaxamento do fim de semana para a tensão, o trabalho e os problemas cotidianos da semana de trabalho. Ainda, de acordo com os pesquisadores, existem elementos hereditários e predisposições que atuam sobre esses fatores, entre eles: a obesidade, o sedentarismo, o fumo, o álcool, entre outros. De toda forma, os números de internações e óbitos crescem significativamente às segundas para esse grupo de trabalhadores.

Do outro lado do problema, o sábado é o dia mais intenso e de maior propensão ao ataque cardíaco e à morte de profissionais mais abastados, profissionais liberais, empresários e executivos. Parece que esse grupo de maior poder aquisitivo e trabalho menos braçal entende o trabalho como mais prazeroso e a proximidade do fim de semana representa a passagem para o estresse.

O estudo não levou em conta a programação da televisão brasileira aos domingos, nem a classificação do time do coração na tabela do campeonato brasileiro de futebol, muito menos a campanha que ele realiza nessa competição. Se isso fosse estudado, quem sabe poderíamos saber mais sobre as causas do sofrimento e da morte das pessoas e do dia mais propenso para a morte rondar e levar muitos brasileiros.

O estudo parece curioso e pode suscitar até algumas piadas, mas explicita como vivem e morrem as pessoas, tomando como ponto de partida as estatísticas dos hospitais.

Portanto, cuidado com os fins de semana, antes, durante e depois. Entretanto, quem está lendo hoje esta coluna é porque passou por um momento decisivo na sua vida, uma boa semana.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.



9

**SÓCIO E
GEOPOLÍTICA**

O boom de Pequim

Apesar de ter um regime político fechado e altamente controlado, a China é uma nação com indicadores grandiosos, seja na sua população ou na economia e índices de crescimento dos últimos anos. Além disso, destaca-se muito pelo esforço que faz para se integrar internacionalmente, especialmente na educação, onde está investindo anualmente bilhões de dólares na transformação e modernização de seu ensino, almejando transformá-lo num dos melhores e mais qualificados do mundo.

A China investe cerca de US\$ 100 bilhões ao ano em seu sistema educacional, um valor muito grande mesmo com a imensa população do país e as inúmeras desigualdades que são encontradas nas diversas regiões. Paralelamente a esse movimento na educação, o país investe na criação de empregos e cria cerca de 9 milhões de empregos novos por ano, com uma meta governamental de manter em torno de 4,6% o desemprego urbano.

A criação de novos empregos é sustentada pelo altíssimo índice de crescimento e a qualificação das pessoas garante sua inserção e atualização no mercado de trabalho. A estratégia do governo é garantir a capacitação dos trabalhadores e a alta competitividade atraindo capital produtivo para as empresas que se instalam na China.

Esses investimentos pesados na educação e na formação profissional foram definitivos para tornar a China uma grande potência mundial, agora superando o Japão e consolidando-se como a segunda economia global e preparando-se para daqui a poucos anos tornar-se a maior economia do planeta ao superar os Estados Unidos.

Os resultados são evidentes, pois em 20 anos a China tirou 250 milhões de pessoas da pobreza e é surpreendente como o nível de crescimento chinês não perde o fôlego, mesmo que os custos sociais e do trabalho estejam sofrendo elevações nos últimos anos e haja um encarecimento do custo de mão-de-obra, fazendo com que as empresas e o governo busquem, cada vez mais longe, seus trabalhadores e necessitem investir mais em sua capacitação. O esforço da China é grandioso e está trazendo resultados rapidamente.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Foguetes, natureza e a civilização

Desde a infância, fui fascinado pela conquista espacial, foguetes, satélites, viagens ao espaço e à Lua. Na verdade, sou produto da Guerra Fria, quando, também no espaço, os Estados Unidos e a União Soviética faziam uma corrida espacial em busca da supremacia mundial.

Essa competição espacial das duas superpotências possibilitou o desenvolvimento de novas tecnologias, que foram incorporadas ao nosso cotidiano, assim como à ampliação de nosso conhecimento acerca do Planeta Terra e do Universo. Hoje, o programa norte-americano reserva grande parte de seus recursos para procurar novos planetas que, como a Terra, possibilite a vida humana.

Em parte, essa busca é a expressão do desejo de fazermos contato com outros mundos. Por outro lado, temo que exista a busca de alternativas, caso nosso Planeta entre em colapso e nossa civilização seja de fato ameaçada.

Percebemos que a humanidade chegou a uma grande encruzilhada, graças ao seu processo civilizatório e destruidor, que utiliza os seus recursos sem a preocupação com a sustentabilidade ou com o equilíbrio entre todas as espécies.

Não é preciso ser um gênio, basta observarmos alguns hábitos humanos e veremos que sem mudanças nosso futuro se compromete. Se o mundo todo, por exemplo, tivesse o nível de consumo dos cidadãos norte-americanos, seriam necessários 4,5 planetas para sustentar esse padrão de vida.

Com um modo de vida extremamente individualista, eles possuem 76 carros para cada 100 habitantes. O consumo de carne é três vezes maior que o da média mundial e o de eletricidade supera em cinco vezes o resto do mundo. Além disso, somente eles consomem 24,5 barris de petróleo por habitante ao ano, enquanto a média mundial é de 4,5 barris.

Se o mundo todo consumisse como os norte-americanos, nosso planeta não seria suficiente para manter o padrão de vida e de consumo. A média mundial, por outro lado, é bem diferente; não há como comparar um cidadão em Nova Iorque com outro nas favelas e periferias do Brasil ou nos campos de refugiados da África ou, ainda, em aldeias no interior da Índia.

Em função dessas diferenças colossais, o Planeta e a civilização ocidental resistem.

Essa supremacia consumista é tão grande e tão importante na ordem econômica mundial que a crise de consumo que se instalou nos Estados Unidos deflagrou uma onda mundial de recessão, desemprego e instabilidade. Uma crise de consumo, entretanto, não significa repensar o modo de vida ou encaminhar uma busca de sustentabilidade.

Pode ser que o Sr. Obama, os americanos, europeus e cidadãos do mundo desenvolvido aprendam essas lições e coloquem metas mais adequadas para a sustentabilidade do Planeta, ou teremos que acelerar a busca por um novo habitat fora da Terra e do sistema solar.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

A lição irlandesa

A Irlanda é um país diferente do Brasil, a começar pelos seus mais de 1500 anos de história ocidental, contra nossos 503. Este não é um motivo que impeça de analisar esta nação e pensar no que podemos aprender com ela. Esta ilha teve seu primeiro momento de apogeu durante a Idade Média. Neste período da história européia, na Irlanda cristianizada por São Patrício, seus mosteiros e abadias eram importantes e influentes centros de culto e de louvor a Deus.

O tempo passou e vieram as sombras da dominação política, da fome, da migração em busca de novas terras e do esquecimento. Durante os séculos seguintes, a Irlanda foi caminhando cada vez mais para uma marginalização dentro da própria Europa, até que, em 1922, parte do território tornou-se independente da Inglaterra, formando a República da Irlanda. Este novo país nasceu católico, agrícola e protecionista, situação que permaneceria imutável até a década de 60.

Neste momento, iniciou-se um período de abertura, inicialmente com uma integração econômica com a Inglaterra que culminou em 1973, com a entrada da Irlanda na jovem Comunidade Européia que se formava. Esta integração provocou sua abertura econômica e um pequeno surto de industrialização que foi interrompido nos anos 80.

Nesta ocasião, o país passou por uma forte discussão sobre seu futuro, planejando-o para o século seguinte. O resultado foi o desejo de ser uma nação voltada às novas tecnologias e à inovação. Seu planejamento previa investir pesadamente na formação das pessoas, visando uma altíssima qualificação profissional e o desenvolvimento de competências em áreas estratégicas para o país.

Aliada ao apoio à educação, que os recursos financeiros da Comunidade Européia ajudaram a garantir, a Irlanda definiu seus pontos prioritários. O primeiro, de caráter macro-econômico, foi a redução do déficit público à simplificação dos tributos e sua redução significativa, criando condições de desenvolver os empreendedorismo local, ao mesmo tempo, em que atraía os grandes conglomerados tecnológicos internacionais.

Juntamente com este movimento, passou-se a investir pesado na infra-estrutura necessária para suportar os novos empreendimentos na criação de uma política industrial, voltada ao desenvolvimento tecnológico.

Finalmente, construiu-se um pacto social com todos os atores do desenvolvimento do país, levando a uma estabilidade política e a uma continuidade das políticas fiscais e econômicas, mesmo com a alternância de governos.

É uma grande lição de um pequeno país que, depois de 800 anos, volta ao cenário internacional não pelos seus mosteiros contemplativos, lendas e histórias mágicas, mas pelo seu desenvolvimento. Cresceu em média 9,66% ao ano, no período entre 1997 e 2001; investe na educação mais que qualquer outro país europeu; tem uma das menores taxas de desemprego do mundo, com 4,6% em 2002.

Realmente, um país muito diferente do nosso, mas que pode ajudar-nos a compreender melhor o caminho do desenvolvimento.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

O tigre celta

A República da Irlanda é um país praticamente sem analfabetos, sua dívida externa é zero, possuindo hoje, 3,9 milhões de habitantes, cerca da metade do que possuía há 150 anos. , Desta população, 1,78 milhões estão no mercado de trabalho, enquanto isso, 1,2 milhões estão nas escolas e Universidades, sendo preparados para a vida e o mundo do trabalho, extremamente exigente do mercado Comum Europeu.

A preocupação com a formação dos jovens e adultos é encarada como de segurança nacional. A formação continuada, ou seja, o constante aperfeiçoamento de todos em programas de atualização e especialização, fazem parte da estratégia de todas as empresas, independentes de seu porte e do cargo que seus funcionários ou dirigentes ocupem.

A população sabe que precisa cada vez mais capacitar-se para continuar avançando no mercado de trabalho. Os programas permanentes de formação são discutidos entre as Universidades, Agências de Desenvolvimento e empresas. Esta é uma carta de apresentação do país, com seus mais de 60 escritórios comerciais no exterior, que vendem seus produtos e serviços, ancorados em uma invejável qualificação de seu povo.

Juntamente com a qualidade de vida, oportunidades de emprego, bons salários e impostos atraentes, a educação vai se destacando como elemento de atração de negócios no país, motor do desenvolvimento de uma nação planejada, tornando-a agressiva e competitiva, como um tigre encravado na Europa, o tigre celta.

Esta força nacional impulsionada pela educação e confirmada com seu desenvolvimento tecnológico têm aberto as barreiras econômicas do mundo aos produtos irlandeses. Pertencer a um poderoso bloco econômico como a Europa potencializa a posição irlandesa, além disso, ter produtos de alta tecnologia em sua pauta de exportações faz com que o país fuja do protecionismo internacional em relação aos produtos primários.

Quanto ao Brasil e sua relação com a Irlanda, nosso comércio bilateral é muito tímido, apenas 159 milhões de Euros em 2002, concentrando basicamente nossas exportações em carnes, fru-

A população sabe que precisa cada vez mais capacitar-se para continuar avançando no mercado de trabalho

tas e madeiras. De nossa parte, importamos produtos químicos, farmacêuticos e equipamentos científicos.

Portanto, fica claro o modelo exportador de cada um. Temos uma economia quantitativamente maior, mas nossos produtos de exportação, são em sua maioria com baixo valor agregado e passível de uma ampla concorrência internacional e propenso a barreiras tarifárias e sanitárias.

Estas diferenças se tornam maiores enquanto percebemos que a Irlanda projeta uma agenda de desenvolvimento até 2015 com investimentos em empreendedorismo, criação de novos negócios, patentes de novos produtos e processos e transferência de tecnologia, enquanto nossas ações tratam de fome, segurança e analfabetismo, entre outras.

A Irlanda é um pequeno país que enfrentou como um tigre os seus problemas históricos, e soube planejar seu futuro aproveitando as oportunidades e potencialidades de sua gente. Um grande exemplo para nosso gigante adormecido Brasil.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Pobre América Latina

Por mais esforços que sejam feitos ao longo dos últimos anos, com projetos de reestruturação, integração e erradicação da pobreza, a América Latina continua sendo uma região de pobres.

No ano passado, a Comissão Econômica para a América latina e Caribe – CEPAL, estimava que existissem 220 milhões de pobres e 95 milhões de indigentes em toda a área da continental. Para este ano, a expectativa da CEPAL é que haja um crescimento do número de pobres e que estes ultrapassem os 225 milhões de indivíduos. Prevê ainda, que a quantidade de indigentes, ou seja, aqueles que vivem abaixo da linha de pobreza, rompa a barreira dos 100 milhões de pessoas.

A CEPAL, com este estudo aponta claramente que os últimos seis anos para a América Latina foram sociais e economicamente perdidos. Esta análise decorre do fato de que a expansão das economias da região não atingiu índices suficientes para acompanhar o crescimento populacional.

Para se ter uma idéia do descolamento que existe entre o crescimento econômico e o populacional na América Latina, entre 1997 e 2002 o Produto Interno Bruto – PIB de todos os países cresceu em média 1%, contra um crescimento de 1,5% da população. Os países que mais contribuíram para o avanço da pobreza foram a Argentina e o Uruguai, justamente aqueles que tiveram as maiores crises econômicas e uma maior retração do PIB.

O pior entre todos os casos foi a Argentina, onde o número de pobres e indigentes duplicou entre 1999 e 2002. Neste país, o percentual de pobres em relação à população saltou de 23,7% em 1999 para 45,4% em 2002 e o de indigentes pulou de 6,7% para 20,9% no ano passado. Parece incrível, mas justamente a Argentina ao longo dos anos exibiu números que ajudaram nos indicadores latino-americanos, pois possuía uma boa distribuição de renda, uma qualidade de vida e uma forte e numerosa classe média, agora puxou os indicadores para baixo.

Para este estudo da CEPAL, mede-se a capacidade das famílias em adquirir itens básicos, assim sendo, uma família considerada pobre é aquela que possui renda suficiente apenas para a cesta básica de alimentação. Já o indigente, é considerado aquele cuja renda não cobre nem os alimentos considerados básicos.

As conclusões deste estudo é que 40% dos latino-americanos são pobres, 11% são subnutridos e passam muita fome. Como sempre nestes casos, um contingente muito grande, cerca de 9% do total de subnutridos é formado por crianças com menos de cinco anos de idade. Deste universo de famintos, 19,4% são crônicos, ou seja, a fome deixou neles seqüelas que deverão comprometer seu desenvolvimento físico e mental, especialmente a capacidade de aprender.

Parece que o sofrimento dos povos da América Latina Não vai ter fim nunca, primeiro a conquista e exploração colonial, depois o caudilhismo, as ditaduras, o narcotráfico, a fome e a pobreza. Talvez tenhamos que esperar muitos anos mais para ver florescer neste continente o desenvolvimento e a qualidade de vida dos latino-americanos.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Pobreza infantil

Em nosso país, as condições e a situação da infância não é nada satisfatória, mas menos grave se comparada a outras regiões do planeta, a outros países em desenvolvimento.

Segundo a ONU, através do Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF, em seu primeiro estudo, realizado e chamado de "A pobreza infantil no mundo em desenvolvimento", a situação da infância brasileira é melhor do que a de regiões como África, sul da Ásia, Caribe e América Latina. De 60 milhões de crianças no Brasil, cerca de 10% estão submetidas à pobreza absoluta, enquanto que na América Latina e Caribe este número sobe para 17%; 59% na Ásia e 65% na África.

Apenas uma região no mundo supera o Brasil, é o leste da Ásia, onde 7,5% das crianças estão expostas à pobreza absoluta. Ao analisarmos os dados da UNICEF, podemos elencar os maiores problemas que atingem as crianças brasileiras. Em primeiro lugar, aparecem as condições sanitárias, as quais se apresentam mais precárias que, por exemplo, a Colômbia e República Dominicana.

O segundo maior problema nacional, ainda segundo a UNICEF, é a precariedade das moradias, onde uma de cada nove crianças brasileiras reside em locais considerados inadequados.

Se por um lado as condições sanitárias e de habitação se revelam os maiores problemas da infância brasileira, dois outros fatores são relativamente positivos e parecem apontar para uma superação. Dentre eles destacam-se o acesso à educação, no qual o país ficou com a melhor colocação entre os 46 países pesquisados, apresentando apenas 2,4% das crianças fora da escola; o outro item, no qual o país superou aos demais, é o de crianças desnutridas, sendo que 2,7% das crianças brasileiras sofrem de desnutrição grave.

Neste estudo internacional fica claro que, tanto no Brasil como nos demais países pesquisados, as áreas rurais têm indicadores piores do que as urbanas. De um modo geral, em áreas urbanas, nos países em desenvolvimento, 4,3% das crianças estão em situação de pobreza enquanto que esse número dispara para 27,7% no campo.

Nós, brasileiros, mesmo que sofrendo muito com a pobreza, desemprego e a com a exclusão social e econômica de gran-

de parte da nossa população, superamos, com méritos, alguns itens que afetam a infância internacional. No entanto, ainda precisamos refletir muito sobre as condições gerais da infância e da pobreza.

A UNICEF estima que existam um bilhão de crianças nos países em desenvolvimento; destas, 56% sofrem com os efeitos da pobreza. Deste contingente, cerca de 80% das crianças são africanas e do sul da Ásia.

Finalmente, cabe refletir sobre estes números e declarações feitas por membros deste organismo internacional, que afirmam ser a erradicação da pobreza um dever moral da civilização e de uma possibilidade prática e realizável. Para tanto, é necessário investir mais nas crianças.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

O terror

No dia 11 de março passado e durante aquela semana, vivenciamos uma tragédia sem precedentes na Espanha. Bombas destruíram trens e fizeram inúmeras vítimas na capital espanhola.

Mais de duzentas pessoas morreram, dentre elas um brasileiro e outros cidadãos de 12 nacionalidades diferentes, fora a espanhola. Foram centenas de feridos, todos pranteados e homenageados mundo afora.

O terrorismo internacional mostrou mais uma vez sua face brutal de horror e destruição. Os ataques de 11 de março, na Europa, parecem indicar uma nova escalada de terror que lembra o 15 de setembro nos Estados Unidos, com os ataques a Nova York e Washington.

O terrorismo tem uma lógica perversa e destruidora, constrange e destrói, sendo que, na maioria das vezes, elimina pessoas inocentes, traumatizando e causando uma grande revolta de todos. Isso tende a intimidar as pessoas, por isso as ações terroristas são quase sempre respondidas com mais ódio, alimentando a cadeia do terror e da destruição, que parece não ter mais fim.

Felizmente estamos vivendo em um país longe do terrorismo. Será mesmo? Em que cidade estamos mais seguros? Madri, Nova York, São Paulo ou Rio de Janeiro? Onde estamos menos propensos a morrer na rua em consequência de uma bala perdida ou de um assalto ou ainda envolvido em ações de vandalismo de torcidas organizadas, brigas das gangues de traficantes e mesmo da violência policial?

Choramos e lamentamos as mortes nos EUA e na Espanha, bendizemos o fato de nosso país estar distante desses problemas, mas será mesmo que podemos comemorar a distância da violência e do terror? A violência que vivenciamos em nossas cidades de todos os tamanhos e de diferentes regiões é também um tipo perverso de terror, que nos impede de sair de casa, de nos deslocarmos no horário e local que pretendemos e ainda por cima, liquida com a vida de pais, mães e filhos nossos.

A miséria das pessoas e a ineficiência e ausência do Estado são alguns dos fatores que propiciam a explosão da violência e o cerceamento da liberdade dos cidadãos. Infelizmente, em muitas

idades brasileiras, é mais fácil ser vítima do terror urbano do que em Madri, por exemplo.

Agora mesmo, o Brasil se prepara para enviar tropas ao Haiti para um trabalho internacional de ajuda e de controle social daquele conturbado país. Que medidas estão tomando em relação ao nosso próprio país? A postura internacional de oferecer segurança aos povos amigos não deveria prescindir da mesma oferta dentro de nosso país.

Antes de nos propormos a participar da segurança internacional, deveríamos ter projetos e ações que mostrassem um resultado efetivo na diminuição das desigualdades, da violência e da segurança das pessoas.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

O futuro das cidades

O estudo chamado “Perspectivas da Urbanização do Mundo”, realizado pela Organização das Nações Unidas – ONU há muitos anos e revisado em 2003, aponta para uma realidade assustadora. Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria da população viverá em cidades no ano de 2007. Assim sendo, a população mundial em áreas urbanas superará aquelas que vivem nas zonas rurais do mundo.

O estudo projeta um planeta cada vez mais urbano, tendo o ano de 2007 como divisor de águas. Segundo os dados, em 2003, a população urbana era de 3 bilhões de indivíduos e será de 5 bilhões em 2030, crescendo em média 1,8% ao ano, portanto, dobrando em 38 anos.

Nesse ritmo, no ano de 2015, as maiores cidades do mundo serão: Tóquio com 36 milhões, Bombaim com 22,6 milhões, Nova Déli com 20,9 milhões, Cidade do México com 20,6 milhões e São Paulo com 20 milhões de habitantes.

A progressão desse estudo aponta que, em 2050, a população do planeta chegará a 9 bilhões, e a Índia ultrapassará a China em termos populacionais, tendo dois dos cinco maiores conglomerados urbanos em seu país.

É bem verdade que, desde 1999, observa-se um recuo do ritmo de crescimento mundial, que no ano de 2050 deverá estar por volta de 0,42 % ao ano. Segundo a ONU, essa desaceleração se sustenta sobre dois fatores principais: o uso de métodos contraceptivos cada vez mais popularizados e a epidemia de AIDS, que atinge o planeta.

Hoje, há cerca de 40 milhões de pessoas portadoras do vírus HIV. Na África, por exemplo, em face ao avanço da AIDS, a ONU estima que a expectativa de vida regrida a 30 anos em 2010, em virtude do avanço epidêmico da doença.

De qualquer forma, o avanço da nossa civilização nos está conduzindo cada dia que passa para uma vida urbana e massificada. Assim, deveremos ter competência para enfrentar os desafios das megacidades, onde a proximidade das pessoas, seu número, as limitações dos recursos naturais, a falta de estrutura, educação e outros fatores se tornam mais brutais.

Nossa civilização criou uma sociedade urbana, consumista e depredadora da natureza. Esperamos que essa não seja uma armadilha para a continuidade de nossa existência.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

A pobreza e a família

Divulgado na semana passada pelo Fundo de População da Organização das Nações Unidas (ONU), o relatório Situação da População Mundial 2004, apresenta os dados atualizados sobre 151 países das 169 participantes de organização.

Esse relatório projeta uma população mundial de 8,9 bilhões de pessoas em 2050, mesmo com a diminuição do crescimento médio populacional do planeta. Mesmo assim, levando em conta os países mais pobres do globo, 50 deles vão triplicar a sua população até 2050, agravando a relação pobreza e população.

Dentre os muitos indicadores apontados no relatório, alguns são extremamente preocupantes, entre os quais, a existência hoje de cerca de 350 mil casais sem acesso a serviços de planejamento familiar, além disso, 201 milhões de mulheres, especialmente em países pobres, não tem acesso a meios de contracepção, o que ocasiona cerca de 23 milhões de nascimentos por ano não planejados, 22 milhões de abortos induzidos e 142 mil mortes de mulheres resultante de problemas na gestação, com destaque para a aids e a desnutrição.

Os técnicos da ONU que analisaram os dados do relatório, estão menos preocupados com o crescimento populacional do que com a capacidade de incorporar o novo contingente populacional, afinal, hoje em dia no mundo, duas em cada cinco pessoas sobrevivem com menos de dois dólares por dia, não existindo uma perspectiva de melhoria dessa situação.

A tendência da humanidade é gerar mais riqueza, mas também de concentrá-la, daí os 201 milhões de mulheres sem acesso a meios adequados de prevenção à gravidez e a necessidade de mais US\$ 3,5 bilhões por ano para prevenir a gravidez indesejada no planeta.

Levando-se em consideração os resultados globais dos dez últimos anos, o relatório aponta que as metas traçadas pela organização no que se refere a crescimento populacional e direito das mulheres não serão alcançadas por falta de investimento dos países e da própria ONU. Para se ter uma idéia, no ano de 2004 esperava-se uma contribuição de US\$ 6 bilhões para o programa das Nações Unidas, entretanto, o volume de recursos repassados pelos diversos países chegou a apenas a metade desse valor.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Nascer bem, viver bem

No início de maio deste ano, foi divulgado, em Nova Iorque, pela ONG norte-americana Save the Children, o Ranking internacional da maternidade. Esse estudo foi elaborado a partir do cruzamento de dados cuja fonte é a UNICEF-Fundo nas Nações Unidas para a Infância, sendo constituído de dez dados, seis relacionados às mães e quatro às crianças.

Foram pesquisados 119 dos 163 países, ficando de fora todos aqueles cujos dados não podem ser comparados. Entre esses, existem muitos países pequenos e pobres, mas também nações poderosas, como Alemanha, Canadá, França e Japão. Embora não seja conclusivo, o estudo é um importante indicativo da situação internacional.

Nesse relatório de 2004, foram classificados os países que representam os melhores lugares para se ter filhos no planeta, numa espécie de ranking. No topo da lista, aparecem países como Suécia (1º), Dinamarca (2º) e Finlândia (3º), nações com alto grau de desenvolvimento humano, políticas públicas de saúde e programas pós-maternidade. Na ponta de baixo da tabela, estão os países africanos, como Níger (119º), Burkina Fasso (118º), Mali (117º) e Etiópia (116º).

No caso da América-Latina, ela ocupa uma posição intermediária, aproximando-se mais dos países de mais elevado desenvolvimento humano do que dos africanos. De toda a América-Latina, o melhor país colocado é Cuba, com a 10ª posição, apenas uma atrás dos Estados Unidos (11º). Depois de Cuba, aparecem o Chile (15º), Argentina e Uruguai (16º), Colômbia (21º), México (25º) e Venezuela (30º).

O Brasil apareceu em 45º lugar, ficando à frente apenas da Bolívia (68º), em relação a todos os países da América do Sul, sendo que o pior colocado da América-Latina é o Haiti, o centésimo colocado. Na verdade, o Brasil tem um desempenho insuficiente em comparação ao tamanho de sua economia e participação internacional. Analisando a performance brasileira em segmentos, percebemos que ela é razoável nos itens relacionados às mães, ficando na 37ª posição. Entretanto, seu desempenho é fraquíssimo em relação às crianças, no que tange a mortalidade infantil, desnutrição, número de crianças matricu-

ladas no ensino básico e percentual da população com acesso a saneamento básico, ficando em 70º lugar.

No final, o resultado brasileiro é o 45º lugar entre os melhores países para ser mãe - muito distante daquela posição que todos nós desejamos para o nosso país e nossa sociedade. Infelizmente, a falta de acesso à educação e as condições precárias de saúde, principalmente a preventiva, e a atenção nos primeiros anos de vida fazem do Brasil uma triste realidade. As prioridades estão postas, falta iniciar um verdadeiro processo de transformação.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Cooperação europeia

A França já serviu de modelo científico e tecnológico ao Brasil em um passado não muito recente. Com a supremacia norte-americana do pós-guerra, esse eixo se deslocou para os Estados Unidos. Mais recentemente, no entanto, com o advento da União Europeia e da integração continental, a Europa reconfigurou suas políticas e recursos aplicados na ciência, fazendo esse continente ter novamente brilho no panorama internacional.

Nós, aqui no Brasil, experimentamos por muitos anos a atração desempenhada pelos Estados Unidos em muitos setores de nossa vida. Entretanto, novos acordos de cooperação com a Europa que se reestabeleceram com esses países, especialmente as relações Brasil/França, fizeram o continente figurar como um mais atraente pólo de experiências bem-sucedidas no campo da gestão da ciência e da tecnologia e das relações empresariais.

Isso não ocorreu apenas motivado por uma mudança geopolítica, muito menos por um deliberado esfriamento em relação à influência norte-americana. Acontece que a Europa e, especialmente, a França possuem condições de ajudar no desenvolvimento de nosso avanço científico e tecnológico, inclusive com uma abertura cultural e conceitual mais ampla e próxima de nossa realidade nacional.

Para se ter uma idéia do potencial francês, somente naquele país existem 70 estruturas distribuídas nacionalmente e voltadas à pesquisa e à inovação. Desse total, 45 são Tecnópoles e 25 Centros de Inovação.

As Tecnópoles são espaços integrados, constituídos por Incubadoras Tecnológicas voltadas ao desenvolvimento de novos empreendimentos, condomínios empresariais para empresas já estruturadas e atuantes no mercado, laboratórios de pesquisa e integrados pela presença sempre constante da universidade. São, também, espaços regionalizados que atendem não somente a uma municipalidade, mas à determinada região. Têm sua concepção e gestão de forma consorciada entre os diversos municípios, atuam de forma autônoma em relação aos poderes públicos, possuindo administração colegiada com representantes dos diversos segmentos produtivos, da universidade e do setor público.

Pode-se dizer que as tecnópolis francesas são espaços de ciência, tecnologia e negócios, que atuam para o desenvolvimento regional, sendo estruturas públicas, mas não estatais na sua gestão. Possuem administração privada e profissional, embora recebam grandes incentivos e recursos públicos. Esse modelo francês garante o desenvolvimento regional, aplicando uma política pública de desenvolvimento, mas com uma administração consorciada e compartilhada entre os diferentes agentes do desenvolvimento. Essa estrutura garante um distanciamento dos embates político-partidários, mas está afinada com os interesses públicos e das comunidades onde estão inseridas.

A França dispõe de uma experiência extremamente interessante do ponto de vista do desenvolvimento regional, que pode se transformar em um grande exemplo para muitos empreendimentos que estão surgindo. Desse reconhecido trabalho, podemos avançar mais rapidamente na consolidação de espaços de tecnologia e negócios em nosso Estado.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Futuro incerto

Recentemente, o Population Reference Bureau – PRB, instituto privado sediado em Washington, estudou os documentos da ONU e de organismos internacionais e prevê um desordenamento internacional em termos populacionais nos próximos 45 anos.

Segundo o PRB, uma das piores conseqüências desse crescimento global será o aprofundamento da distância entre ricos e pobres, uma vez que há uma tendência de se gerar mais riqueza no panorama internacional, mas concentrar de forma mais brutal também.

Além disso, prevê o estudo que países pobres, sobretudo os africanos, terão um crescimento médio populacional de 119% até 2050. Mesmo considerando a elevada taxa de mortalidade, as epidemias endêmicas e a AIDS no continente, esse número representa um crescimento brutal.

Na América Latina o crescimento no mesmo período será de 42%, na Ásia de 39%, a Europa encolherá 8%, o Japão diminuirá 21% e os Estados Unidos crescerão 43%, por conta, principalmente dos imigrantes e da população hispânica.

De uma forma geral, os últimos 50 anos foram significativos no que se refere ao controle da natalidade, mas parece que os próximos nos trarão um futuro incerto. A taxa média internacional hoje é de 2,8 filhos por mulher, sendo 50% do que era há meio século; entretanto os nascimentos continuam concentrados nas famílias pobres.

Esse fenômeno global é seguido também no Brasil, onde as classes A e B possuem níveis europeus de natalidade, enquanto os moradores das favelas e palafitas têm números africanos. Embora se reconheça o avanço do controle de natalidade no Brasil, ele ainda não é bem distribuído e equilibrado.

A questão do crescimento desorganizado é preocupante, em um futuro onde os recursos naturais e renováveis, além do meio-ambiente, estarão em um ponto crítico e delicado, mantidas as atuais políticas de consumo e destruição. Além disso, uma necessidade básica como a água potável, será tema de grandes disputas e capaz de propagar conflitos e mesmo migrações em massa.

Essa disparidade entre países e regiões, a escassez de recursos naturais, agravadas com a falta de políticas nacionais e

continentais de contracepção, tendem a agravar os problemas e criar um descontrole, onde a pobreza rapidamente gerará a miséria, e esta, um grande foco de instabilidade política e de sofrimento humano.

Não basta somente a difusão de métodos contraceptivos, se não houver um grande esforço internacional quanto à educação, saneamento, saúde e um reordenamento e equilíbrio econômico global. Uma nova ordem mundial se coloca como uma grande meta a se trabalhar; entretanto, estamos à beira de uma precarização dos controles populacionais.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Mais dinheiro para a guerra

O relatório da ONG britânica Oxfam aponta para um brutal crescimento de gastos internacionais com a guerra, nos últimos 40 anos, em detrimento do apoio e solidariedade internacionais.

A Oxfam, com sede em Londres, há alguns anos tem monitorado indicadores de saúde, educação, igualdade e pobreza. Nesses seus estudos, tem percebido que a porcentagem de recursos que os países mais ricos destinam aos pobres caiu cerca de 50% nos últimos 40 anos.

Entre 1960 e 1965, esse percentual era de 0,48% e hoje, 2004, está em 0,24%. No ano 2000, junto à ONU, os países ricos assinaram a "Declaração do Milênio". Nesse documento, se comprometiam a acabar com a fome e a miséria nos países pobres, investindo 0,7% de seu Produto Interno Bruto na ajuda e solidariedade internacional, mas o que se viu está muito longe disso.

Essa promessa é largamente descumprida, exceto por cinco países que atingem e até mesmo superam essa meta. São eles, Noruega (0,92%), Dinamarca (0,84%), Holanda (0,81%), Luxemburgo (0,80%) e Suécia (0,70%).

A maior economia do planeta e o país mais rico, os Estados Unidos, destinam apenas 0,14%, o que corresponde a US\$ 16 bilhões. A grande nação norte-americana tem atualmente outras prioridades, por exemplo, investiu em 2005, US\$ 383 bilhões em defesa e US\$ 140 bilhões na guerra do Iraque.

A ajuda americana a Israel, Egito, Jordânia, Iraque, Turquia e Afeganistão nos três últimos anos totalizaram o mesmo valor que foi destinado aos demais países mais pobres do planeta. Hoje em dia, a prioridade norte-americana é a guerra ao terrorismo e a sua ajuda internacional se concentra naqueles países considerados estratégicos nesse novo foco político.

O quadro internacional de ajuda é caótico e tem uma lógica perversa, quanto mais ricos se tornam os países, menos programas internacionais de solidariedade eles apóiam. Enquanto isso, os países pobres recebem menos ajuda internacional e convivem com um peso cada vez maior de suas dívidas. Segundo a Oxfam, em 2003, os países mais pobres pagaram US\$ 39 bilhões de dívidas, enquanto isso, receberam US\$ 27 bilhões de ajuda humanitária.

Quanto mais ricos se tornam os países, menos programas internacionais de solidariedade eles apóiam

Infelizmente, quanto mais globalizado se torna o planeta, menos espaço para a solidariedade e a ajuda internacional; enquanto isso, a guerra, o terror e o narcotráfico seguem vitoriosos e cada vez mais perto de nossos lares.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

A abundância e a fome

Fenômeno mundial, epidemia global, a obesidade a cada dia afeta um número maior de pessoas no planeta, especialmente em nações desenvolvidas e em determinadas áreas de países em desenvolvimento. Enquanto isso, a fome continua matando uma criança a cada cinco minutos.

Relatório da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO, divulgado agora em dezembro, aponta que, pelo menos cinco milhões de crianças famintas morrem ao ano, por problemas decorrentes de desnutrição.

O estudo da FAO, intitulado “Estado de Insegurança Alimentar no mundo 2004”, avalia que se fez muito pouco progresso no mundo no que se relaciona à diminuição da fome no planeta. Estima-se que hoje existam 852 milhões de famintos. Cerca de 800 milhões se encontram em países em desenvolvimento como, por exemplo, a China, Índia, Bolívia, Angola, outros 23 milhões em países em transição como a Rússia, Croácia, Ucrânia.

Em toda a América Latina, estima-se em 53 milhões os famintos, enquanto no Brasil, o estudo da FAO apresenta uma estimativa de 15,6 milhões. Felizmente, nosso país, juntamente com o Chile e Cuba, estão entre os 30 países do mundo que reduziram a fome em cerca de 25%, já na Venezuela quase dobrou o número de pessoas que passam fome, passando de 2,3 milhões para 4,3 milhões o número de famintos nessa década.

Mesmo assim, a América Latina foi o continente que, nos últimos anos, mais reduziu a fome e a subnutrição e, segundo o estudo da FAO, tem na desigualdade social o seu maior problema.

Na maioria dos países, existe uma suficiente produção alimentar, mas as desigualdades impedem o acesso de parcelas expressivas de população aos alimentos. Sendo assim, o problema da distribuição de riqueza parece ser o grande vilão internacional, e o estudo da FAO é duro ao criticar essa realidade concentratória.

Também percebe-se que os avanços das tecnologias e das fronteiras agrícolas, estão fazendo com que, a cada ano, haja uma produção alimentar maior, cada vez mais riqueza e mais comida, entretanto, diminui o acesso das pessoas ao trabalho, à terra, aos recursos, à água e à comida.

A FAO relata que todos os países e governos já sabem o que devem fazer para erradicar a fome, e que falta uma vontade políti-

ca para alocar os recursos necessários, cita por exemplo, que, com a aplicação de US\$ 25 milhões por ano, seria possível reduzir enormemente a desnutrição em cerca de 15 países da América Latina e África, salvando da morte cerca de 900 mil crianças até 2015.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

O Atlas da exclusão mundial

Um recente trabalho realizado por 18 pesquisadores brasileiros está tendo uma grande repercussão: trata-se do Atlas da Exclusão do Mundo. O trabalho analisa os índices de 175 países, cobrindo cerca de 98% da população mundial, e se utiliza de uma metodologia altamente inovadora.

Esse método foi chamado de Nova Inclusão e, diferente do índice de desenvolvimento humano - IDH, que mede apenas três indicadores (expectativa de vida, renda per capita e escolaridade), essa metodologia abrange sete indicadores.

O diferencial nessa pesquisa genuinamente nacional está em balizar seus resultados em indicadores mais abrangentes, tais como: pobreza, desemprego, desigualdade de renda, alfabetização, escolarização de nível superior, violência e vulnerabilidade infantil.

O estudo brasileiro liderado pelo economista Marco Pochmann cobre cerca de 6,5 bilhões de habitantes do planeta e traz uma triste constatação: a de que tem se expandido a desigualdade mundial e em poucos países diminuí consideravelmente os índices de pobreza.

Nesse estudo, o Brasil é o 109º de 175 países, uma posição pior do que no IDH da ONU. O fato dessa análise ser mais complexa e abrangente, inclui áreas nacionais bastante fragilizadas e degradadas como a violência e vulnerabilidade infantil.

Entretanto, segundo os pesquisadores, são o homicídio, a desigualdade e o desemprego os responsáveis pela difícil posição brasileira nesse ranking, fazendo com que no nosso país, os índices de desigualdade não parem de crescer, no máximo diminuindo o ritmo de crescimento, mas sem esboçar uma virada histórica.

Esse estudo e seu respectivo índice, mais o índice de desenvolvimento humano (IDH) publicado pela ONU, têm apontado os problemas mais graves e os gargalos da sociedade brasileira. Temos pesquisas por toda a parte e números que demonstram nossa fragilidade.

O bom seria se o poder público articulasse suas políticas públicas, que são muitas, com todos os níveis de governos e com a sociedade civil e, além disso, parafraseasse o professor e articulista Stephen Kanitz que diz, "não basta ter iniciativa, tem que ter "acabativa". Em suma, temos muitas idéias positivas, mas poucas delas têm, de fato, sido implementadas.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

O Dragão Vermelho

A China, de modo definitivo, é um país muito interessante. Por suas peculiaridades, oferece reações que vão do medo e pânico extremo à admiração.

Uma nação com 4 mil anos de história e um desenvolvimento econômico espantoso nos últimos 20 anos. Um país que convive com um regime político socialista, fechado, concentrador e uma política econômica capitalista, beirando a selvageria. Além disso, se colocou nos últimos tempos como o Eldorado dos investimentos internacionais, que busca seu mercado de 1,3 bilhões de pessoas, sua capacidade de produção e a sua utilização como plataforma de exportações para o mundo todo.

Atualmente vários setores econômicos internacionais vêm sofrendo com a concorrência dos produtos chineses, que têm conquistado cada vez mais novos segmentos e avançam sobre áreas onde há alguns anos seria impensável termos como competidores os produtos “made in China”.

Na verdade, numa sociedade que se industrializa muito rápido, com capitais abundantes, com uma grande mão de obra e potencial mercado, tudo em termos produtivos é possível. Todos os setores da economia de qualquer país devem ter consciência de que tudo pode ser feito na China, a não ser que sequem os investimentos e o recebimento de matérias primas para serem processadas.

Aparentemente, essa nação está num ciclo virtuoso de crescimento, que não sabemos quando se encerrará. Uma boa notícia é que em toda a história da humanidade, nenhuma nação, seja a Roma antiga, a Inglaterra da Revolução Industrial ou os Estados Unidos e a ex-União Soviética no século XX, teve seu ciclo de domínio eternizado. Todas as nações, por mais força e pujança, tiveram sua ascensão e queda, além do que, quanto mais próximo do presente, esses ciclos tendem a ser mais curtos.

A notícia ruim é que depois da China, a grande nação a despertar deverá ser a Índia. Esse país, além de uma imensa população, reúne um importante núcleo de inteligência em diversas áreas da tecnologia de ponta, fala inglês e está inserido no contexto internacional.

A Índia, nos próximos anos, deverá ser “a bola da vez” e se somar à China em um mundo multipolar bem distinto do que existe hoje. Em breve, a China deverá ser a maior economia do planeta e suplantará, mesmo os Estados Unidos.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Adeus, Lenin!

Quem gosta de cinema, especialmente filmes europeus, deve ter assistido à produção alemã, realizada em 2003, que tinha como título original “Good bye, Lenin”!

Tenho pensado muito nesse filme, mesmo que ele não possua grandes estrelas do cinema internacional, mas um elenco alemão desconhecido para a maioria de nós, brasileiros.

Em resumo, o filme se passa em Berlim Oriental, no ano de 1989, nos momentos que antecederam a queda do muro de Berlim e a posterior unificação alemã. Nesse contexto, a Sra. Kerner, uma jovem senhora, militante e crente nos ideais da República Democrática Alemã – RDA, de cunho socialista, passa mal, entrando em coma por um razoável tempo.

Ao ficar desacordada por dias, não acompanha a derrubada do muro, a confraternização dos berlinenses orientais e ocidentais, a “invasão” capitalista do lado oriental, nem os movimentos que levaram a integração das duas Alemanhas e a derrocada do regime fechado da RDA.

Ao despertar, em 1990, a Sra. Kerner não sabe do terremoto político-ideológico que varreu sua Berlim e toda a RDA, sendo assim, seu filho Alexander, teme pelos efeitos da política sobre a saúde da mãe.

Tentando proteger a mãe das profundas mudanças ocorridas na Alemanha, Alexander decide esconder os fatos e tentar reproduzir para ela a vida cotidiana do momento pré-queda do muro de Berlim na antiga RDA.

Bela tentativa de um filho dedicado a sua mãe, pois ela é uma militante socialista convicta, acredita no regime, nos seus líderes, nas suas práticas, nos seus discursos, pensando mesmo, que em prol de uma grande causa, “os fins justificam os meios”.

Esse foi um importante filme e tenho me lembrado dele diariamente, há várias semanas, principalmente depois que a agitação política e as CPI’s começaram a varrer o Brasil, desnudando alguns dogmas, valores, conceitos políticos, mitos e lideranças políticas.

Penso no filme quando vejo muitos militantes, simpatizantes e eleitores da esquerda, especialmente do Partido dos Trabalhadores e do governo Lula, sentiram-se um pouco “Adeus, Lenin”. De todos esses, parece que o mundo político e os con-

ceitos dogmáticos e morais despencaram; os ídolos, a fortaleza moral e a credibilidade ruíram de uma só vez, como o muro de Berlin, em 1989.

Do ponto de vista político, para muitos cidadãos brasileiros resta o vazio, a decepção e o sentimento de traição. Grande parte da sociedade brasileira, mesmo sem um profundo conteúdo ideológico, sente-se traída, percebendo claramente que agora foi o medo que voltou a vencer a esperança.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

O grande dragão

Nos últimos meses a China passou a ocupar parte considerável na mídia internacional, menos pelo seu duro regime político e mais pela sua voracidade econômica no plano global.

Essa China que vemos despertar no cenário econômico do século XXI é milenar e, desde que os ocidentais tiveram condições culturais e tecnológicas de conhecer o oriente, tem nos ensinado importantes lições.

No século XIII de nossa era, o viajante veneziano Marco Polo empreendeu uma importante visita à China, descrita em seu trabalho "O livro das Maravilhas". Esse texto, ainda hoje editado, revela uma China esplendorosa, o país mais rico do mundo e repleto de produtos e inventos que foram amplamente copiados pelos ocidentais, como o papel, a pólvora, a imprensa e a bússola, para ser sintético.

A história chinesa tem mais de 4.000 anos e foi marcada pelos conflitos locais, pela habilidade militar, pela negociação e por uma eficácia administrativa e burocrática, que conseguiu manter unido o vasto território com profundas desigualdades culturais e geográficas.

O empresário paulista Emerson Kapaz, presidente do Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial – ETCO, escreveu certa vez que "os chineses são como gansos voando em formação – sabem de onde partiram, onde estão e aonde querem chegar".

De qualquer forma, agora não estamos maravilhados como Marco Polo em relação à China contemporânea, mas assustados com o despertar de um país milenar que se impõe no panorama internacional, utilizando muitos dos métodos e meios que os ocidentais utilizam há séculos em relação aos próprios chineses.

Não podemos esquecer que o fenômeno das cópias, do trabalho quase escravo, do dirigismo estatal e da proteção do Estado à economia, não são invenções chinesas, muito menos são atitudes internacionais recentes.

A China hoje possui aproximadamente 1,3 bilhões de consumidores, sendo também a economia que mais cresce no planeta. Essa nação forjou um conceito que é o de economia socialista de mercado, onde o principal fator de expansão é a criação de mi-

lhões de empregos para os chineses que abandonaram o campo para as cidades.

Nesse contexto, o Brasil se torna tão diferente, mas muito atraído pelos chineses, ao mesmo tempo em que se encontra fragilizado do ponto de vista de sua competitividade, em relação a esse gigante.

Basta olharmos para dentro de nosso país e percebermos as dificuldades em várias áreas como a trabalhista, a judiciária, a tributária, assim como em sua infra-estrutura, educação, financiamento, tecnologia etc... Somente um olhar sobre esses setores faz com que passemos da curiosidade e do senso de oportunidade frente ao mercado Chinês, para o temor sem paralelo.

Quem sabe o problema não seja a China, mas a nossa performance. Certa vez o filósofo francês Jean Paul Sartre disse "o inferno são os outros". Certamente, muitos brasileiros mesmo sem saber, aderiram ao existencialismo de Sartre, ficando imóveis diante dos movimentos do grande dragão chinês.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Entregando a rapadura

O Brasil é um país fantástico, com grande potencial natural e humano, mas é descuidado com sua imagem e seus produtos. De modo geral, nós brasileiros não valorizamos tanto as coisas da terra; possuímos uma longa e colonial tradição de dar mais valor a produtos e idéias e soluções importadas.

Isso acontece a todo instante e, por mais que busquemos reverter esse quadro e criar uma visão brasileira de mundo, isso parece escapar entre nossos dedos. Existem muitos casos concretos de descuido com os produtos brasileiros, mas também surgem fatos que apontam para a pouca atenção a nomes e expressões tipicamente nacionais.

Esse comportamento deu margem ao surgimento de um caso curioso: uma empresa alemã registrou na Europa e nos Estados Unidos a marca "Rapadura", como de sua propriedade, passado a distribuir seus produtos com essa marca desde 1989.

Ora, a rapadura é um dos doces mais típicos e populares do Brasil e está ligada ao ciclo de cana-de-açúcar desde o século XVI. Seu nome provavelmente deriva de raspa dura, ou seja, a crosta que sobrava durante o processo de produção do açúcar.

Com essa medida da empresa alemã, qualquer exportador brasileiro que venha a exportar sua rapadura para os mercados dos EUA e Europa terá que pagar "royalties" à empresa alemã detentora dessa marca.

O que vislumbramos agora é uma batalha frente à empresa e organizações de registro, tal como aconteceu há alguns anos, quando uma corporação japonesa registrou a marca cupuaçu, uma fruta tipicamente brasileira.

Nossa diplomacia não está querendo entregar a rapadura e, então, prepara também uma lista de nomes tipicamente brasileiros que vão ser encaminhados aos escritórios internacionais de marcas e patentes, para que não possam ser registrados em nome de uma empresa.

Esse é o caso de samba, jabuticaba, carnaval e outras expressões que correm o risco de se tornarem propriedade de empresas internacionais. Explorar nossos nomes e nossa cultura parece ser um bom negócio; melhor ainda, é preservar a sua marca e identidade.

Com essa onda global que coloca o Brasil “na moda”, todo o cuidado é pouco, mas, antes de tudo, devemos valorizar a nossa cultura, nossos produtos, marcas e expressões que fazem parte da riqueza de nosso país.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Aprender com a Finlândia

Pode-se sempre aprender muito com os outros, sejam eles pessoas, empresas ou mesmo países. A troca de experiências e o aprendizado sobre as conquistas dos outros é um ponto importante no crescimento próprio e uma mostra de inteligência por parte de quem consegue perceber as diferenças e as vantagens de idéias já desenvolvidas.

Um bom exemplo de país com o qual deve-se ter uma atenção especial e aprender um pouco mais é a Finlândia. Situado bem ao norte da Europa, essa nação exercita, com extrema disciplina, alguns princípios muito caros a nós, cidadãos brasileiros. Entre eles a objetividade, a transparência e a busca por descomplicar os processos e a vida, o que nós comumente chamamos de desburocratizar nosso cotidiano, especialmente na relação do cidadão com os organismos públicos.

Nem sempre a sociedade finlandesa teve um comportamento tão orientado assim; esse país, que sempre esteve envolvido com a luta pela sua independência e que se manteve econômica e historicamente ligado à Rússia e a ex-União Soviética, teve muitos problemas, principalmente com a rígida burocracia estatal. Aliás, esse foi um dos pontos que a liberdade e a objetividade de seu povo, procuraram exaltar de maneira prática, quando conseguiram se reorientar no panorama internacional, com o fim da Guerra fria e a desestruturação da União Soviética.

Na prática, hoje a Finlândia é um excelente exemplo de agilidade dos órgãos e mecanismos públicos, onde estes, de fato representam um bem público e trabalham não para sua corporação, mas para as comunidades. Em poucos anos os finlandeses superaram as dificuldades de um país periférico no panorama europeu e passaram a liderar as listas de países em termos de qualidade de vida, tecnologia, bem-estar da sociedade, menos corrupção etc...

Além disso, no mundo dos negócios a Finlândia também se destaca e evidencia a agilidade, que permite aos cidadãos abrirem uma empresa em cerca de 30 dias, contra mais de 100 no Brasil.

Esse país, considerando o menos corrupto do planeta, com uma vocação para a alta tecnologia, a inovação e a integração do sistema de ensino com os setores produtivos, é, acima de

Um bom exemplo de país com o qual deve-se ter uma atenção especial e aprender um pouco mais é a Finlândia

tudo, um país objetivo e transparente, onde o coletivo está em primeiro lugar.

A Finlândia é um país onde nós, brasileiros, podemos aprender muito em pouco tempo. Aprender e praticar em nossas ações, mudando uma realidade paralisante que encontramos hoje no país.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

A profecia

O Brasil hoje experimenta uma oportunidade histórica e estratégica em termos de energia, com o nosso programa de produção de álcool/etanol, baseado na biomassa, especialmente na cana-de-açúcar. Esse produto pode, em curto prazo, fazer a revolução nos postos de combustíveis do país, dos Estados Unidos e da Europa, fornecendo um combustível limpo e renovável.

Vale lembrar que essa alternativa nasceu, de fato, na década de 1970, quando os preços do petróleo subiram motivados por vários choques realizados pelos países produtores, que valorizaram seu produto. Nessa mesma época, o então ministro do petróleo da Arábia Saudita, o Xequê Zaki Yamani, procurava lembrar seus colegas da Organização dos Países Exportadores de Petróleo – OPEP – que a Idade da Pedra não acabara por falta de pedras, assim como a Era do Petróleo, não acabaria por falta de petróleo.

O pensamento do Xequê era simples, cada vez que o preço do barril de petróleo subisse, mais aumentaria a chance de se procurar alternativas energéticas que se tornassem economicamente viáveis.

Foi o que aconteceu. Com o barril beirando US\$ 70,00 e o grande problema ambiental do planeta, principalmente com a queima de combustíveis fósseis, esse dia chegou. O etanol, um combustível limpo, feito de milho, cana-de-açúcar ou outra biomassa, parece ser a alternativa mais viável econômica e ecologicamente correta ao petróleo.

A cobiça dos países produtores de petróleo e os graves problemas ambientais enfrentados pelo planeta fizeram a profecia do Xequê Zaki Yamani se concretizar. Alguns estrategistas norte-americanos chegaram a afirmar que o Brasil pode tornar-se a Arábia Saudita do etanol. Com isso, o país e toda a América Latina teriam a oportunidade de abalar a influência que o Oriente Médio dita na política e na economia mundial. Essa, segundo alguns estudiosos norte-americanos, seria a oportunidade do Ocidente esvaziar o poderio árabe ligado ao petróleo.

Resta saber se é melhor plantar cana-de-açúcar para a produção de combustíveis ou alimentos para as populações miseráveis. Também existe a questão do desmatamento e do impacto ambiental dos imensos canaviais.

Será que faremos também se realizar a profecia cantada por Chico Buarque de Holanda: "Esse país ainda vais seguir seu ideal, ainda vai tornar-se um imenso canavial...."

Que vocação incrível nós temos para a monocultura!

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

O governo como líder inovador

Infelizmente, esse título não se aplica ao Brasil, mas sim à Coreia, onde o governo, de fato, aplica recursos em projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação de produtos e processos. Esses investimentos têm feito o tigre asiático liderar em tecnologia e negócios nos últimos anos.

O governo-sul coreano faz mais do que criar políticas para as empresas; na verdade, ele estimula as novas tecnologias, seu desenvolvimento e produção com recursos e programas bem dirigidos a setores estratégicos. Hoje o governo exerce a liderança desse processo nesse país asiático, puxando as empresas e os empresários coreanos para as fronteiras da alta tecnologia internacional.

Mais do que sócio de ocasião, o governo transformou-se em liderança de expansão dos negócios. Atualmente, a Coreia é o país que mais produz aparelhos celulares depois da Finlândia. E, mais do que isso, ele também projeta e detém a fabricação em mãos de empresas coreanas.

A indústria coreana de alta tecnologia combinou a formação maciça de engenheiros e técnicos especializados, cercada de um cuidado primoroso com a educação em todos os níveis da sociedade e de um plano governamental para investimentos focados em áreas estratégicas. Essas áreas, além de terem um grande retorno financeiro, devem ser intensivas em empregos e oportunidades para os sul-coreanos.

Para se ter uma pequena idéia do poder de fogo do governo, somente no Ministério da Informação e Comunicação, existe um orçamento de US\$ 1 bilhão em 2006 para promover as novas tecnologias na área de informática e comunicação.

Pode-se ter uma idéia do sucesso desse progresso, quando se analisa que com um investimento dessa ordem, no ano passado, as exportações coreanas de informática totalizaram US\$ 78 bilhões, ou seja, 1/3 do total das exportações coreanas em 2005.

Os maiores mercados desses produtos são os Estados Unidos e a China. Até mesmo o Brasil tem se acostumado a ver produtos coreanos como a marca "LG" e "Samsung", por exemplo.

Engana-se quem pensa que apenas a micro-eletrônica e a engenharia são os alvos coreanos. Além de desenvolverem seus

produtos e aumentarem a venda internacional, as empresas coreanas têm enviado profissionais para as principais feiras de moda e design do mundo. Por exemplo, em Milão e na Alemanha, não estão procurando soluções técnicas, mas investindo no desenvolvimento de design de seus produtos.

Os sul-coreanos aprenderam o que muitos países ainda não sabem. Não adianta chegar ao topo, à liderança e ao desenvolvimento de uma capacidade produtiva com uma inteligência empresarial, isso é só o começo. O grande desafio é continuar no topo, na liderança, sem perder terreno para os competentes concorrentes internacionais.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Muy amigo

Todos nós já tivemos ou conhecemos um daqueles personagens que povoam nosso cotidiano e que chamamos de amigo, mas que nos aprontaram ou deixaram em alguma situação difícil.

Outros, ainda apenas se referem a esses indivíduos como “*muy amigos*”, usando essa expressão castelhana, com um sentido pejorativo, especificamente apontando para os argentinos, mais pontualmente ainda, aos portenhos, que são os habitantes da região de Buenos Aires.

Esses vizinhos são nossos rivais em muitas coisas, por exemplo, no futebol e na liderança política regional, mas são parceiros comerciais importantes de nosso país, representando um importante mercado e uma possibilidade comercial a vários setores da indústria nacional. De um modo geral, ao passar os olhos pela imprensa nacional, temos sempre uma sensação de que todos os acordos e medidas tomadas pelos argentinos nos prejudicam mais do que beneficiam.

Há poucos dias fomos surpreendidos por uma idéia argentina de cobrar valores diferenciados para o combustível vendido a estrangeiros em zonas de fronteira. Essa medida irá ferir diretamente os interesses de brasileiros e chilenos que, aproveitando uma conjuntura específica, tem um atrativo nos preços dos combustíveis produzidos e vendidos no país vizinho.

Todos sabem que essas oscilações penderam para todos os lados historicamente, no entanto o Brasil, o Chile ou o Uruguai nunca adotaram medidas discriminatórias aos vizinhos de fronteira. Bem, essa parece ser mais uma novela a ser resolvida pelo governo brasileiro, pelo menos é o que esperamos.

Entretanto, o mais doloroso em nossa relação com a Argentina é a manutenção do limite de importações a produtos brasileiros, destacando especialmente os calçados, têxteis e eletrodomésticos. Para não ser bairrista e falar apenas do calçado, vale a pena olhar que o país vizinho adota uma grande discriminação a outros produtos brasileiros como o caso do fogão a gás.

Esse produto, entre 2003 e 2005, teve a importação limitada e cresceu apenas 13%, já as compras do mesmo produtos de outros países cresceu 12.880%. No item lavadoras, o Brasil vendeu de janeiro a junho desse ano 16% a menos do que a cota estipula-

da. No período 2003-2005, as compras desse produto brasileiro subiram 28% e a de outras nações 74%.

No caso dos têxteis, as compras do Brasil cresceram 17% esse ano, enquanto somente dos Estados Unidos foram 2.688%. O caso do sapato é que tem o panorama mais desfavorável, pois o Brasil que chegou a ter 70 do mercado das importações, detém agora cerca de 53%, perdendo terreno especialmente para a China.

Sem sombra de dúvida, a Argentina protege sua indústria nacional e seus empregos, mas acima de tudo, deixa de priorizar o Brasil como sócio do Mercosul e parceiro comercial em benefício de outros países. Certamente temos uma competitividade nesses setores onde as restrições foram impostas, o que se coloca aqui é a necessidade urgente de uma ação diplomática e comercial, afinal, a Argentina é nosso país amigo, *muy amigo*.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Índia, uma potência real

A Índia, um dos países emergentes que mais tem surpreendido, em todas as áreas, nos últimos anos, figura, ao lado da China, como uma das candidatas à potência econômica do século XXI.

A nação tornou-se independente da Inglaterra, em agosto de 1947, mas, nas primeiras décadas após sua separação, teve muitas dificuldades, em função de seu desenvolvimento travado pela grande população, em sua maioria, vivendo em pobreza extrema.

Em contraste a essa massa de pessoas abaixo da linha da pobreza, a Índia foi investindo, ao longo dos anos, em algumas áreas estratégicas, do ponto de vista das tecnologias, especialmente nos softwares e na energia nuclear. Essa possibilitou, a partir de 1998, o seu ingresso no restrito clube de países que detêm a tecnologia da bomba atômica, o que soa um pouco estranho para um país que nasceu cercado pelas idéias de não-violência pregadas por Gandhi.

Esse e outros contrastes têm marcado a trajetória da Índia, ao longo do século XX, entretanto, ela tem obtido resultados importantes no contexto macroeconômico mundial. O país cresceu, em 2005, 8,3% e, entre 1980 e 2005, a sua participação na economia mundial cresceu de 3,39% para 5,95%. Essa inserção comercial permitiu à Índia, no mesmo período, aumentar sua parcela do comércio global de 0,54% para 1,07%.

Em um esforço estatal importante, o país também reduziu a taxa de analfabetismo de 59% para 39% e aumentou suas reservas internacionais para US\$ 163 bilhões. O modelo de desenvolvimento indiano tem algumas similaridades com o da China; possui algumas estratégias voltadas à alta tecnologia, privilegia atividades que sejam intensivas em mão-de-obra e força negociações comerciais internacionais com ganhos significativos para seus produtos primários. Como exemplo, citam-se que, as tarifas sobre importações, na Índia, são, em média, o triplo das brasileiras.

Além disso, a Índia, como a China, desenvolveu políticas que fazem com que os investimentos estrangeiros deixem no país significativas contrapartidas às facilidades colocadas pelo Estado indiano. Também deve ser salientado que o pensamento dominante nesses países é o de longo prazo, assim como o de planejamento.

Como mola propulsora, esse crescimento, nos últimos 20 anos, faz com que a Índia torne-se atraente em função também de seu mercado interno, além de servir de base para operações que necessitam de uma mão-de-obra abundante e barata de um lado ou altamente especializada de outro.

Há muito tempo temos observado o crescimento da Índia, quem sabe um olhar mais atento para essa nação, que junto como a China desponta no cenário mundial, seja interessante.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Álcool: será que vale a pena?

Nas últimas semanas, o assunto do álcool/etanol tem tomado grande espaço na mídia nacional e internacional, potencializando, principalmente, potencializado com a visita do presidente norte americano George W. Bush, ao país.

A diplomacia e a área econômica brasileira encamparam o discurso do etanol e fizeram dessa visita presidencial uma oportunidade comercial, na qual as questões da energia e da biomassa tornaram-se a ponta de lança das discussões bilaterais Brasil/Estados Unidos.

Já falamos em outra oportunidade do grande potencial que o etanol pode vir a ter para o Brasil, capaz de transformar o país na "Arábia Saudita do álcool". Além de recursos, esse produto, o combustível de biomassa, terá o poder de mudar a geopolítica mundial, fazendo com que o Brasil e a América Latina passem a desempenhar um papel central nessa esfera econômica, fato de importância estratégica, visto que a necessidade cada vez maior de energia por parte da humanidade e o equilíbrio do meio ambiente tornaram-se centrais nas discussões internacionais.

Falamos, também, do risco de um país pobre produzir combustíveis, usando suas terras mais férteis e aumentando o desmatamento em detrimento da produção de alimentos. Destruir nosso ecossistema para alimentar os automóveis e o estilo de vida do hemisfério norte, especialmente da Europa e dos Estados Unidos, pode não ser a melhor opção.

Além do desastre produtivo e ecológico, surge outra questão: será que os países desenvolvidos deixarão um país como o Brasil tornar-se monopolista na produção do etanol? Provavelmente não, e como profetizam os diplomatas norte-americanos, teremos que levar nossa tecnologia a outros países e fazer deles produtores também. Ou seja, tudo aquilo que investimos em pesquisa, desenvolvimento e inovação deverá ser compartilhado com as outras nações. Curiosa posição, como se os países desenvolvidos - Estados Unidos, Japão, Alemanha e outros - compartilhassem gratuitamente conosco a tecnologia militar, dos satélites, da microeletrônica e dos transgênicos, apenas para citar algumas.

Um estranho pacto aproxima-se, esperamos que os debates e as informações aconteçam com toda a sociedade brasileira, que todos os prós e contras sejam avaliados e que o Brasil e os brasileiros sejam os beneficiados, de fato, pela tecnologia que desenvolveram.

Não se trata simplesmente de sermos a favor ou contra a utilização internacional do álcool como combustível de fonte limpa e renovável, tampouco de perdermos essa janela internacional que se abre frente à nossa capacidade tecnológica e produtiva. Trata-se sim, do país ter uma estratégia de Estado para essa oportunidade. Para isso, deve analisar todas as condições e ofertas e ter um posicionamento que garanta um maior retorno à sociedade, daquilo que nós, brasileiros, sabemos fazer.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

A corrupção e a solução oriental

Com o advento de expansão mundial das comunicações e a transformação do mundo em uma aldeia, onde os fatos são transmitidos simultaneamente para todo o planeta, as notícias internacionais tornaram-se extremamente presentes entre nós com uma velocidade muito grande. Hoje, temos acesso ao que acontece em qualquer ponto do globo; um fato repercute aqui e em Tóquio, quase que ao mesmo tempo, graças à velocidade e à integração das agências de notícias.

No entanto, o que continua diferindo de lugar para lugar é o tratamento que a sociedade dá às notícias, principalmente quando elas tratam do comportamento de seus homens públicos. Em alguns países, banalizam-se fatos graves e importantes, enquanto em outros são tratados como questão de vida ou morte.

Tomando-se por exemplo o que ocorreu no mês passado no Japão, onde o Ministro da Agricultura, envolvido em escândalos no seu país, suicidou-se, porque não conseguiu explicar-se perante a oposição sobre as verbas do gabinete gastas em sua gestão. Consta, também, que recebera doações de empresas de construção interessadas em participar e ganhar licitações realizadas em seu ministério. Embora o ministro tenha negado qualquer irregularidade, acabou enforcando-se.

Em nota, o Primeiro Ministro, chefe de todos os demais, apenas declarou que estava tomado de vergonha e que a alma do Ministro da Agricultura descansasse em paz. No Japão, por inexistir uma proibição religiosa quanto ao suicídio, ele acontece com uma das taxas mais altas do mundo, entretanto, também é encarado como uma severa punição e realizado, principalmente, para evitar a vergonha maior de parentes, amigos e correligionários.

Muito perto do Japão, na China, o ex-diretor da Agência Fiscalizadora de Alimentos e Medicamentos, órgão similar a nossa ANVISA, foi sentenciado à morte por receber propinas para aprovar novos medicamentos. Esse dirigente chinês teria permitido que oito companhias tivessem facilitadas a aprovação de medicamentos. Além disso, aceitara a aprovação de seis medicamentos falsos, um deles, um antibiótico, levou à morte 10 pacientes.

Sem fazer a apologia do suicídio ou da pena de morte, é assim que algumas culturas tratam a corrupção e os escândalos dos ho-

mens públicos. Existe muita severidade com a imagem pública, tanto por parte dos indivíduos quanto das organizações, governos, partidos, empresas. Pode parecer duro para nós, brasileiros, mas, no Oriente, o castigo, a pena e a vida andam muito mais próximos do que se imagina.

Enquanto isso, nos trópicos, existe muito mais complacência. O jeitinho ainda parece imperar em nossa sociedade e muitas denúncias caem no esquecimento e no folclore, o que não colabora para uma sociedade mais decente.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Crime: piratas, drogas e escravidão

Sempre ficamos imaginando qual seria o negócio mais rentável no futuro ou, ainda, que profissão poderia assegurar um futuro tranquilo. Bem, essas perguntas foram respondidas pela Organização das Nações Unidas – ONU – e o resultado é muito aterrador.

Segundo o estudo da ONU, intitulado Situação do Futuro, o crime organizado internacional movimenta hoje cerca de US\$ 2 trilhões ao ano, apresentando-se como uma grande ameaça à paz e à democracia internacional. De acordo com a ONU, o crime colabora para aumentar as desigualdades globais e tornou-se uma das grandes ameaças à vida dos jovens e a maior fonte de corrupção, em todos os níveis de governo, em diversos países.

A maior fatia desses trilhonários negócios, cerca de US\$ 520 bilhões, provém de receitas geradas pelas falsificações e pela pirataria. Em segundo lugar na rentabilidade criminosa aparece o tráfico de drogas, com receitas de US\$ 320 bilhões. Esse estudo apresenta, ainda, várias outras formas pelas quais o crime organizado internacional manifesta-se, entretanto, chama-nos a atenção o destaque para o tráfico humano, que, mesmo sendo considerado um setor pequeno desse grande negócio, movimenta US\$ 44 bilhões ao ano.

A ONU estima que hoje existam cerca de 27 milhões de pessoas sendo mantidas em regime de escravidão em todo o planeta, sendo hoje o maior grupo exposto a essa condição as mulheres asiáticas. Embora nossa civilização tenha abolido a escravidão já no século XIX, existem hoje, em números absolutos, mais escravos do que em qualquer outro período da história humana; houve uma transformação desse comércio e das formas de se implantarem, mas a escravidão continua sendo exploratória e relegando o indivíduo a uma condição indigna de existência.

O mundo modifica-se, a civilização avança, globaliza-se, mas os problemas, como o crime, a pirataria, a escravidão e as drogas, continuam a conviver lado a lado com as mais avançadas sociedades. Esses problemas, juntamente com a questão ambiental, são um dos mais graves desafios para a humanidade.

Estudos como esse realizado pela ONU reúnem elementos dispersos e fragmentados que nem sempre compreendemos no

todo. De toda a forma, esse volume de recursos sendo gerado de forma ilegal compromete o funcionamento dos países e coloca em perigo as pessoas e as próprias sociedades.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Guerra, dinheiro e crise

O mundo parece estar no limiar de mais uma grande crise com dimensões globais e efeitos em todas as nações. Mais uma vez nesses últimos anos, ela foi deflagrada a partir dos Estados Unidos e atingiu diversas economias, inclusive o Brasil.

Quando tudo parecia indicar um ciclo virtuoso de crescimento no nosso país, temos que enfrentar essa retração internacional. Quem sabe essa sacudida da economia e nas finanças internacionais e a eleição do novo Presidente americano Barak Obama, sirvam para reorientar algumas das piores práticas que a humanidade exercitou nos últimos anos, o financiamento da guerra.

O relatório da ONG britânica Oxfam a muitos anos aponta para um crescimento de gastos internacionais com a guerra, em detrimento do apoio e solidariedade internacionais. A Oxfam, com sede em Londres, há alguns anos tem monitorado indicadores de saúde, educação, igualdade e pobreza. Nesses seus estudos, tem percebido que a porcentagem de recursos que os países mais ricos destinam aos pobres caiu significativamente nos últimos anos.

No ano 2000, junto à ONU, os países ricos assinaram a “Declaração do Milênio”. Nesse documento, se comprometiam a acabar com a fome e a miséria nos países pobres, investindo 0,7% de seu Produto Interno Bruto na ajuda e solidariedade internacional, mas o que se viu está muito longe disso.

Essa promessa é largamente descumprida, exceto por cinco países que atingem e até mesmo superam essa meta. São eles, Noruega (0,92%), Dinamarca (0,84%), Holanda (0,81%), Luxemburgo (0,80%) e Suécia (0,70%).

A maior economia do planeta e o país mais rico, os Estados Unidos, destinam apenas 0,14%, o que corresponde a US\$ 16 bilhões. A grande nação norte-americana tem outras prioridades, por exemplo, investiram em 2005, US\$ 383 bilhões em defesa e US\$ 140 bilhões na guerra do Iraque, gastos que continuaram a crescer nos anos seguintes em função da ampliação dos conflitos e da resistência encontrada no Iraque e Afeganistão e a prioridade interna norte-americana, ao controle e vigilância anti-terror.

Infelizmente, quanto mais globalizado se torna o planeta, menos espaço para a solidariedade e a ajuda internacional; en-

quanto isso, a guerra, o terror e o narcotráfico seguem vitoriosos e cada vez mais perto de nossos lares.

Esperamos que como rescaldo dessa crise internacional, diminuam os orçamentos para a guerra e exista mais espaços para projetos estruturantes para a humanidade, com propostas ambientais, educacionais e de saúde para todo o planeta.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

A Índia e os emergentes

Nesse início de milênio, parece, depois de muito tempo, que o mundo vai superar o seu bipolarismo e tornar-se multipolar. Estão contribuindo para a consolidação desse movimento o desgaste dos Estados Unidos, a rigidez européia, o despertar da China, o ressurgimento da Rússia e o despontar do Brasil e da Índia.

Este país, por sinal, possui características muito interessantes de desenvolvimento e de estratégias internacionais. Nos últimos cinco anos, a Índia recebeu mais de US\$ 30 bilhões de investimentos externos diretos, principalmente em alguns de seus setores produtivos, como de serviços, informática, telecomunicações, construção e automação.

Em 2006, a Índia importou US\$ 172 bilhões, 24% mais do que no ano anterior, e essa tendência está se confirmando para os anos seguintes. Somente em dezembro de 2007, sua produção industrial cresceu 7,7%, em janeiro de 2008, 5,3% e, no ano anterior, chegou a crescer 11,6% em determinados períodos. Esses resultados levam muitos economistas internacionais a falar que a Índia deverá ter um crescimento de sua atividade industrial, em 2008, superior a 7,8%.

Infelizmente, a participação brasileira é ainda muito pequena e representa apenas 0,54% desse negócio. Por outro lado, os dois países despontam como os principais países emergentes com potencial para atração de novos mercados. Basta lembrar que a Índia tem uma população de 1,1 bilhão de pessoas e um Produto Interno Bruto - PIB de US\$ 873 bilhões, sua economia cresce em torno de 10% ao ano e tem um mercado consumidor gigantesco e em expansão, tanto da classe média como dos índices de consumo.

Existe, assim sendo, um grande potencial para estimular a compra e a venda entre os dois países, além disso, são poucas as empresas brasileiras operando naquele país e a recíproca é verdadeira em relação às empresas da Índia no Brasil. Além dessa possibilidade comercial, existe a oportunidade de parcerias entre empresas públicas e privadas dos dois lados, além de associações e fusões para enfrentar mercados continentais e internacionais.

Evidentemente, existe um mútuo desconhecimento de como fazer negócios entre os dois países. Nesse sentido, é de funda-

mental importância conhecer esses mercados e estimular o seu intercâmbio comercial, científico, tecnológico e cultural, o que pode oferecer uma nova fronteira de negócios e de uma aliança estratégica no contexto internacional. Para tanto, temos que superar as barreiras e romper com a inércia, sem medo do desconhecido, aproximando as duas nações.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Paradoxo Indiano

A Índia hoje se apresenta como um dos países com maiores potenciais de crescimento e de transformações em sua economia e sociedade. Essa nação continente deve, em 2030, superar a população da China e tornar-se o país mais populoso do mundo; hoje ela possui mais de 1,1 bilhão de habitantes e deve chegar a mais de 1,5 bilhões.

O país é atualmente a maior democracia do planeta e, nos últimos anos, foi capaz de retirar da pobreza absoluta aproximadamente 200 milhões de pessoas, ou seja, um Brasil. Apesar desse avanço, ainda persistem nas piores condições de vida outros 600 milhões de pessoas.

No panorama mundial, apenas a Índia e a China apresentaram um ritmo de crescimento econômico sustentável desde a década de 1980, sendo que, nos últimos 10 anos, o crescimento médio do país foi de 7% ao ano. Além disso, a participação internacional da economia indiana vem crescendo a cada ano, sendo que o peso das exportações no seu PIB aumentou de 7%, em 1994, para 19%, em 2004, e deve posicionar-se em 25%, ao final deste ano.

A Índia também fez uma aposta bem sucedida na área tecnológica e na formação de recursos humanos altamente qualificados, especialmente nas áreas de engenharia e computação. Levando-se em conta o cálculo segundo a metodologia de paridade do poder de compra para o cálculo do produto interno bruto – PIBppc, ela é atualmente a quarta economia mundial e nesse ano deve tornar-se a terceira.

Assim sendo, uma das suas áreas de maior afirmação internacional é a indústria tecnológica, alavancada pela qualidade e quantidade de profissionais formados pelas suas Universidades e, especialmente, seus Institutos. Hoje, ela tem um custo de seus recursos humanos muito mais barato e qualificado do que a maioria das outras nações, além de facilidades tributárias às empresas de tecnologia voltadas às exportações.

A Índia também foi favorecida pela incorporação da língua inglesa como um de seus idiomas oficiais, desde o tempo da colonização britânica, tanto que atualmente a Inglaterra e os Estados Unidos são o ponto central de seu comércio e de sua indústria tecnológica. O país, ainda, aproximou-se fortemente da China e

pretende criar um corredor de comércio bilionário entre as duas nações e vislumbra a possibilidade de integração com outros países emergentes, como a Rússia, a Coreia e, até mesmo, o Brasil.

Nesse sentido, devemos ter a visão e não apenas ficarmos atentos ao que acontece na Índia. É preciso ter uma atitude pró-ativa e “redescobrir o caminho às Índias”, como foi feito pelos navegadores portugueses nos séculos XV e XVI.

Certamente devemos aprofundar nossos contatos culturais, comerciais, educacionais e tecnológicos com esse país, pois essa é uma oportunidade real ao Brasil de associar-se a esse importante motor da economia mundial e com um enorme mercado potencial. Além disso, a Índia fez opções extremamente interessantes, mesmo que grande parte da população ainda viva na miséria e que as vacas sagradas circulem pelas ruas de suas cidades, paradoxalmente, elas convivem com as altas tecnologias.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Índia: a visão do outro

Normalmente pensamos, agimos e tomamos atitudes de acordo com a nossa visão do mundo e do ordenamento dos fatos. Nesse espaço, nos últimos anos, semanalmente, escrevi opiniões formuladas levando em conta a experiência adquirida e suas análises. É curioso quando invertemos essa lógica e, ao invés de relatarmos e analisarmos os outros, são eles que escrevem sobre nosso comportamento, atitudes e fazem suas considerações.

Na semana passada, escrevi sobre “O paradoxo indiano”, descrevendo ao mesmo tempo sua pobreza e liderança no desenvolvimento de novas tecnologias. Hoje, faço uma reflexão ao contrário, trazendo um pouco do que os indianos pensam sobre o Brasil e as dificuldades que enfrentamos.

Para alguns indianos que conhecem a realidade brasileira, entre eles o Diretor da PSG College of Technology, uma das mais importantes Universidades da Índia, prof. C. Swaminathan, para o Brasil desenvolver-se necessita fazer uma revolução no ensino. Uma frase simples para quem representa uma das mais conceituadas instituições de ensino indianas, um país que cresce cerca de 30% ao ano nas áreas de tecnologia da informação e tem seus alunos recrutados pelas principais empresas do mundo, como a Google, a Microsoft, a Motorola, a Intel entre outras, tornando-se sinônimo de excelência em formação e empregabilidade internacional.

Segundo Swaminathan, o Brasil está defasado em relação aos demais países líderes em tecnologia e seria importante acelerar as parcerias com outras instituições e empresas internacionais para agilizar esse processo e aproximar o país dos grandes produtores de conhecimento e tecnologias.

Entretanto, existe uma trava que segura o desenvolvimento brasileiro, que é o pequeno domínio do inglês pela maioria dos estudantes e profissionais tecnicamente capacitados. A falta de um número expressivo de profissionais em todas as áreas, mas especialmente nas tecnologias que dominem fluentemente a língua inglesa, impede o Brasil de cooperar e avançar no competitivo mercado internacional.

Por sua vez, a mesma língua que nos barra é uma vantagem competitiva da Índia e, mesmo a China, que enfrentou esse problema no passado, está superando-o com a introdução em todos

os níveis de ensino da importação de milhares de professores americanos e ingleses, preparando grande parte da população para que daqui a alguns anos tenha total fluência no inglês.

Esse problema do idioma é tão sério entre nós que uma das maiores empresas indianas, a Tata Consultancy Services-TCS, emprega hoje, somente no Brasil, 2.000 pessoas, entretanto, poderia empregar 10.000, caso houvesse estudantes de áreas de tecnologia com fluência na língua de Shakespeare.

Essa análise indiana sobre a realidade brasileira é extremamente pontual, mas importante para que pensemos em políticas educacionais, transformações profissionais e em uma mudança urgente de atitude de todos frente ao domínio de línguas estrangeiras, especialmente o inglês.

Não vai adiantar nenhum esforço de internacionalização da economia, abertura de novos mercados, parcerias entre universidades, empresas e governos, se as pessoas não estiverem técnica e culturalmente preparadas. O primeiro passo é a língua!

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Sherlock, pistas e sinais

Alguns ainda não perceberam que o mundo movimenta-se com rapidez e forma redes de afinidades, principalmente quando a questão são as oportunidades. Muitos ainda se assustam com algumas situações que se apresentam no panorama econômico e no delicado quadro do equilíbrio internacional. Esse fenômeno de surpresa, normalmente acontece com aqueles que, mesmo se considerando bem informados, não prestam a atenção ao que realmente acontece mundo afora, além disso, grande parte das pessoas não consegue interpretar os sinais que se apresentam.

Some-se, ainda, a falta de uma visão internacional e uma prática de desconhecer ou ignorar as culturas de outros povos, perdendo, assim, sua capacidade de avaliar os potenciais e o grau de expansão que essas nações apresentam. Por isso, espantam-se quando países como a Índia e a África do Sul surgem com força no cenário internacional, pois só conseguem perceber o que todos antes já viram. Quando isso acontece, normalmente é tarde e se passa a um patamar de reproduzido do que já foi dito, sem nenhum grau de novidade ou de capacidade de reação, se a questão forem os negócios.

É como aqueles times de futebol que para alguns surpreendem nos campeonatos, pois a maioria dos técnicos vê o que parte da imprensa lhes mostra, sendo incapazes de ter o seu próprio olhar.

A Índia é um desses times onde os técnicos não viram, mas apenas ouviram falar. Por isso, é considerado um país exótico, colorido, propenso a experiências espirituais e turístico. Na verdade, essa nação há muito tempo trabalha em um redirecionamento econômico muito interessante, mas se vai ser uma potência econômica ainda não sabemos.

De toda forma, estamos diante de uma grande oportunidade que se coloca pela janela internacional de negócios e das alianças que podem se realizar. No entanto, temos que estar atentos e perceber esses movimentos e não apenas esperar que ocorram e sejamos comunicados.

Um dos exemplos dessas oportunidades é o que está acontecendo hoje na Índia, onde um grupo internacional de telecomunicações vai construir a primeira conexão direta de fibra

ótica de alta velocidade entre o Reino Unido e a Índia. Esse investimento será de US\$ 700 milhões e vai ampliar a capacidade e a diversidade de transferência de dados entre os países envolvidos e o cabo vai passar por 13 países e terá 16 empresas internacionais envolvidas.

O que parece ser apenas um cabo e uma ferramenta tecnológica, esconde os negócios e o posicionamento da Índia frente aos desafios tecnológicos e o bilionário mercado de tecnologia mundial.

Esse é um sentido que os gestores e pessoas de decisão devem desenvolver, a capacidade de transformar a informação em decisão, aliada ao conhecimento local e internacional e a possibilidade de uma visão do futuro. Fazer como Sherlock Holmes, saber olhar as pistas, indícios e os sinais que emanam das sociedades.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

De Colombo a Hugo Chávez

Por mais esforços que tenham sido feitos ao longo dos últimos anos, com projetos de reestruturação, integração e erradicação da pobreza, a América Latina continua sendo uma região de pobres e figurando nos noticiários internacionais quase que folcloricamente.

Em nosso continente, existem mais de 200 milhões de pobres e quase 100 milhões de indigentes em toda a área da continental, que vai do México, ao norte, até a região da Patagônia, no sul da Argentina. É muito difícil acreditar que esse imenso e rico continente onde está a América Latina tenha aproximadamente 40% de sua população na pobreza e tenhamos 10% de subnutridos e que passam muita fome.

Para se ter uma idéia do descolamento que existe entre o crescimento econômico e o populacional na América Latina, ao longo dos anos 1990 e 2000, enquanto a média de crescimento econômico da região não superou 1%, houve um crescimento de 1,5% da população. Os países que mais contribuíram para o avanço da pobreza foram a Argentina e o Uruguai, justamente aqueles que tiveram as maiores crises econômicas, uma maior retração do PIB e, no passado, foram os de melhor qualidade de vida no continente.

O pior entre todos os casos foi o da Argentina, onde o número de pobres e indigentes duplicou nesse período, embora, nos últimos anos, tenha esboçado alguma melhora. Parece incrível, mas justamente a Argentina, que, ao longo dos anos, exibiu números que ajudaram nos indicadores latino-americanos, pois possuía uma boa distribuição de renda, uma qualidade de vida e uma forte e numerosa classe média, está numa situação lamentável.

Olhamos o mapa do mundo e vemos regiões que até poucos anos atrás se encontravam em situação difícil, enfrentaram guerras, ditaduras, sofrimento, e agora se transformaram em lugares com um bom padrão de vida. Isso ocorreu, por exemplo, com o leste europeu após a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética. Também o sudeste asiático e a Coreia transformaram-se muito nesses últimos anos, o que não pode se dizer da América Latina.

No México, por exemplo, um muro separa aquele país dos Estados Unidos, evitando a imigração mexicana em busca de uma vida melhor nos EUA. Na América do Sul, temos o fenômeno Chávez, na Venezuela, e Evo Morales, na Bolívia, teatralizando o continente e pouco fazendo para uma substancial melhoria de seus países. No Equador, Rafael Correa debate-se em uma campanha simplista e antiamericana, sem resultados práticos até agora; em Cuba, ainda são tímidas as iniciativas e o país parece que parou no tempo, mesmo reconhecendo seus avanços no passado e as dificuldades causadas pela pressão dos EUA. Salvo a exceção brasileira e chilena, nossa região não parece ter tomado o rumo de um desenvolvimento real.

Parece que o sofrimento dos povos da América Latina nunca vai ter fim; primeiro a conquista e exploração colonial, depois o caudilhismo, as ditaduras, o narcotráfico, a fome e a pobreza. Talvez tenhamos que esperar muitos anos mais para ver florescer neste continente o desenvolvimento e a qualidade de vida dos latino-americanos.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Redescobrimo as Índias

Desde a antigüidade clássica, o ocidente tem interesse pela Índia. Alexandre Magno lá chegou em 334 a.C., vindo da Macedônia, norte da Grécia. Os portugueses repetiram a proeza de Alexandre e, por outro caminho, contornando a África, lá aportaram em 1488. Depois, foi a vez dos Ingleses, que, entre 1808 e 1935, mantiveram a região sob seu domínio colonial. Por fim, a Índia tornou-se independente em 1947, graças aos esforços de Gandhi e à organização do estado feita por Nehru.

Essa civilização, com cerca de 5.000 anos de história e cultura, está, agora, no limiar do século XXI, de volta no panorama internacional, não pela seda, pelo cravo, a canela ou outras especiarias, mas pela tecnologia. É um continente, país fascinante e de contrastes paradoxais.

A Índia, hoje, apresenta-se como um dos países com maiores potenciais de crescimento e de transformações em sua economia e sociedade. Essa nação continente deve, em 2030, superar a população da China e tornar-se o país mais populoso do mundo; hoje, ela possui mais de 1.1 bilhões de habitantes e deve chegar a mais de 1.5 bilhões.

A Índia é, atualmente, a maior democracia do planeta e, nos últimos anos, foi capaz de retirar da pobreza absoluta aproximadamente 200 milhões de pessoas, ou seja, um Brasil. Apesar desses avanços econômicos, persistem nas piores condições de vida outros 600 milhões de pessoas. De todo modo, esse país fez uma aposta bem sucedida na área tecnológica e na formação de recursos humanos altamente qualificados, especialmente nas áreas de engenharia e computação. Levando-se em conta o cálculo segundo a metodologia de paridade do poder de compra para o cálculo do produto interno bruto- PIBppc, a Índia é, atualmente, a quarta economia mundial e neste ano deve tornar-se a terceira.

No panorama mundial, apenas a Índia e a China apresentaram um ritmo de crescimento econômico sustentável desde a década de 1980. A área de maior afirmação internacional da Índia é a indústria tecnológica, alavancada pela qualidade e quantidade de profissionais formados pelas suas Universidades e Institutos. A Índia também foi favorecida pela incorporação da língua inglesa como um de seus idiomas oficiais, além de ter hoje um custo de

seus recursos humanos muito mais baixo e qualificado do que na maioria das outras nações, além de facilidades tributárias para as empresas de tecnologia voltadas às exportações.

Ultimamente, a Índia aproximou-se fortemente da China e pretende criar um corredor de comércio bilionário entre as duas nações. Além disso, vislumbra a possibilidade de integração com outros países emergentes, como a Rússia, a Coreia e, até mesmo, o Brasil. Nesse sentido, devemos ter a visão e não apenas ficarmos atentos ao que acontece na Índia. É preciso ter uma atitude pró-ativa e “redescobrir o caminho às Índias”.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

O fim da utopia

Corremos o perigo de viver em um mundo muito chato e igualzinho. Hoje, o modo de vida das pessoas, em qualquer lugar do mundo, está muito parecido, seja em São Paulo, Hong Kong, Déli ou Dubai. As distâncias geográficas e as peculiaridades locais deram lugar aos produtos globais e a uma forma de vida internacional, muito ligada ao *american way of life*.

Esse movimento de pasteurização dos países, cidades e culturas é cada vez mais intenso. Encontramos Shoppings Centers no mundo todo, assim como os Mc Donalds, Tv a cabo com CNN, internet, coca-cola, etc. Corremos o risco da mesmice e da chaticice, além de reproduzir no Marrocos a vida que levamos aqui no Rio Grande do Sul. No máximo, iremos trocar os bois pelos camelos. Evidentemente, em um mundo cada vez mais interligado e instantâneo, a vida e as diferenças aproximam-se e o conforto, o consumo e as maravilhas do bem-estar tendem a ser apreciados em todas as culturas e latitudes do planeta.

Além disso, parece que, ultimamente, especialmente após a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética, tudo pode ser dirigido e controlado por uma entidade chamada mercado. Esse ente presente em nosso cotidiano está nas falas de nossos professores, políticos e empresários. O mercado parece ditar as normas de conduta e de direção das pessoas e das sociedades. Parece, mas, nos últimos dias, percebemos que nem tudo que parece realmente é, o que se aplica também aos mercados.

A bilionária crise que eclodiu nos Estados Unidos alastrou-se e atingiu a maioria dos países, em maior ou menor grau. O chamado mercado enlouqueceu, o dólar subiu no Brasil, as Bolsas de Valores despencaram mundo a fora, os Bancos Centrais agitaram-se e tomaram medidas para estancar a crise e não permitir que o mercado destruísse as nações e, por conseguinte, as sociedades e as pessoas.

Ainda nesse rastro da crise americana, instituições financeiras internacionais, algumas centenárias e bilionárias, naufragaram e arrastaram os pequenos poupadores, as viúvas, os aposentados e as economias nacionais para o buraco. Incrivelmente, países que durante anos receitaram remédios amargos e pregaram a economia de mercado e a não intervenção do Estado na

Percebemos que nem tudo que parece realmente é, o que se aplica também aos mercados

Economia foram os primeiros a jogarem essa cartilha liberal no lixo e intervieram pesadamente na economia. Belo exemplo.

O pior de tudo é entender que a maior potência econômica, ícone do capitalismo internacional, do dia para a noite, teve uma poderosa intervenção na economia e virou socialista. Sim, amigos, os EUA, com as medidas que tomaram, socializaram com o mundo seus prejuízos. Vamos aguardar e veremos o reflexo desse socializante movimento norte-americano no Brasil.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Surpresas, mudanças e superações

É inimaginável como, nas últimas duas ou três décadas, o mundo tem superado barreiras historicamente intransponíveis. Para muitos de nós, a sociedade que vivenciamos hoje é muito diversa daquela com que nos acostumamos na infância, na adolescência e até mesmo na vida adulta. Certas conquistas de há poucos anos viraram rotina e, por isso mesmo, acabam sendo pouco valorizadas e não recebem a devida importância, passando a fazer parte das chamadas coisas naturais, com a aparência de que foram sempre assim. De fato foram conquistas importantes, mas que se banalizaram.

Quem vivenciou todo o conflito político, militar e ideológico da Guerra Fria e a disputa entre a União Soviética e os Estados Unidos jamais poderia imaginar que o Muro de Berlim cairia pacificamente e que meses depois seria a vez da União Soviética desfazer-se e surgirem dezenas de repúblicas independentes e afastadas do regime comunista, centralizado por cerca de 70 anos. Hoje vivemos a consequência disso, com uma hegemonia norte-americana, mas que em dificuldades aponta para um mundo multipolar, em contraposição à hiperpotência americana.

Quem imaginaria, também, que o Brasil retornaria à democracia depois da ditadura militar e elegeria um presidente operário e de esquerda como Lula. Quem pensaria que um dos ícones do Rio Grande do Sul e do Brasil, a VARIG, por exemplo, fosse sucumbir e seria liquidada da maneira triste como aconteceu. Quem sonhou que o Brasil teria uma liderança mundial, que a Embraer seria uma das maiores empresas na fabricação de aviões do planeta, que o álcool viraria etanol e seria o símbolo e a alternativa para o planeta em termos de biocombustíveis e fontes renováveis e limpas, ou, então, que o Internacional, mesmo muito depois do Grêmio, fosse tornar-se Campeão do Mundo...

Nos últimos meses, mais surpresas e superações. Nos Estados Unidos, um afro-americano chegou ao posto mais alto da nação, Barak Obama tornou-se presidente do país. Para quem acompanhou a trajetória social da vida norte-americana, esse foi um feito notável. Ainda na década de 1960, os EUA viviam uma forte segregação racial, que limitava os casamentos interétnicos,

o acesso dos negros às Universidades, impunha lugares definidos na parte de trás dos ônibus e ditava banheiros públicos exclusivos. Na verdade, houve uma grande reviravolta em poucos anos, que culminou com a eleição de Obama.

Parece que começamos a vivenciar outro tempo, em que as questões de gênero, cor, raça e condição social recebem outro tipo de tratamento. Será que a sociedade tornou-se mais flexível e compreende mais a diversidade? Talvez nosso mundo globalizado, onde diariamente convivemos com as diferenças, esteja ajudando na superação de alguns tabus históricos. Ou será que estamos mais indiferentes com o mundo que nos cerca e que nosso extremo individualismo impõe-nos uma conduta relaxada com o bem comum e as grandes questões da sociedade? Difícil resposta, mas é inegável que avançamos e retrocedemos ao mesmo tempo, tipicamente humano e desafiador.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Quem é o cara?

O Brasil vive dias excepcionais, especialmente em alguns de seus fundamentos internos e externos. Internamente, mesmo convivendo com situações de denúncias de corrupção, as quais não afetam o sistema, temos um processo democrático consolidado. Além disso, a economia tem respondido relativamente bem frente à crise internacional e o país parece que sobreviveu a essa “marolinha”. Fora de nossas fronteiras, também experimentamos certa perspectiva de liderança internacional, especialmente se pensarmos no agronegócio, nos biocombustíveis e no petróleo da camada pré-sal. São tempos de vislumbrar nosso país como um possível protagonista do cenário internacional e, mais uma vez, nos deparamos com uma oportunidade ou janela de futuro para a nação.

Por outro lado, esse olhar positivo e quase ufanista do Brasil está ligado a um presente que pode ser efêmero e pouco representar de fato para o futuro do país se não tivermos uma visão e ação estratégica para os próximos e futuros anos. Isso é o que parece estar fazendo o Presidente norte-americano Barack Obama, que, em meio a uma grave crise que abala o império americano, está tentando reposicionar sua nação.

O pensamento político, econômico e estratégico do atual governo dos Estados Unidos está tentando virar a página do atual modelo de hegemonia militar e do uso da força como sinônimo de potência, adequando-se à perspectiva de futuro que esse novo século oferece. Não se trata de abrir mão de seu poder bélico, mas migrar para outra lógica, compatível com a sociedade do conhecimento do século XXI. A palavra de ordem de Obama deixa de ser a guerra e o militarismo e passa a ser a inovação em altas tecnologias, o desenvolvimento de tecnologias verdes e sustentáveis, de uma revolução na educação e da capacitação das pessoas, além de um forte investimento em pesquisa e desenvolvimento de produtos e processos inovadores.

Nessa nova ordem prevista pelos norte-americanos, a saúde, por exemplo, passa a ter papel fundamental, não apenas o atendimento e o sistema de previdência, mas principalmente a pesquisa médica e o desenvolvimento de tecnologias revolucionárias nessa área.

Pelo menos a intenção, e a direção a que apontam os Estados Unidos, e muitos países ditos desenvolvidos, é sair da caverna e trocar o tacape, a lança e o porrete pelo uso do cérebro e das descobertas como elemento primordial da civilização.

Estamos, pois, no limiar de uma evolução de nossa sociedade nesse novo milênio, descolada de uma prática armamentista e muito mais tecnológica e voltada ao conhecimento e à sua transformação em bens universais.

Essa guinada, no entanto, não deve ser brusca, mas gradual; durante muito tempo, teremos que conviver com os velhos padrões e modelos do século passado coexistindo com o novo. O que podemos fazer é aprender rapidamente as lições e deixar de andar na rabeira dos processos históricos, sendo, de fato, protagonista de uma possível mudança civilizatória.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

O fôlego do dragão chinês

Muitas pessoas acham que o surgimento da China no cenário internacional é um fenômeno recente. Esquecem que desde os anos 70 iniciou-se uma aproximação com os Estados Unidos, quando Richard Nixon era presidente e ensaiou-se esse salto econômico fantástico.

A China é um país milenar, onde o planejamento, a longo prazo, além de não ser novidade, ganhou fôlego e suas ações são estudadas no contexto internacional. Ela lidera a lista de países que mais crescem no mundo, nada menos do que há 26 anos, com uma média anual de 9,4%.

Evidentemente, existem grandes desigualdades internas, principalmente entre Pequim e Xangai e os cerca de 800 milhões de chineses que vivem no campo.

Nesse sentido, o Partido Comunista da China estará empenhado, nos próximos anos ou décadas, em combater o que classificam como sendo os "cinco desequilíbrios" da nação. São eles: o desequilíbrio entre a cidade e o campo; entre as regiões; entre desenvolvimento social e econômico; entre homem e natureza e entre o desenvolvimento interno e a abertura ao exterior.

Nos últimos meses, o governo chinês passou a sinalizar sua preocupação com a frágil proteção social existente e uma possível instabilidade da população. A grande maioria das pessoas não possui aposentadoria e a população não possui um sistema de assistência médica. Para sanar esse e outros latentes problemas sociais, os governantes chineses adotaram um lema: "colocar as pessoas em primeiro lugar".

O amplo crescimento econômico dos últimos anos desequilibrou o sistema social, principalmente com as migrações campo-cidade; entretanto, parece que mesmo com um custo econômico, esses problemas entraram na pauta governamental, mas isso requer um grande planejamento e o dragão chinês parece se mover nesse sentido.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

10

**TECNOLOGIA,
INOVAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO**

O País do curto prazo

Vivemos no país do imediato, das coisas feitas na hora, no imprevisto e na esperança dos resultados acontecerem. É assim que a maioria da população brasileira pensa vive e age. Achamos que nessa eleição tudo se resolve ou naquela olimpíada seremos potência esportiva, pior, de que da noite para o dia o mundo nos reconheça como um gigante econômico e nos respeite e admire.

Para a maioria de nós brasileiros, a idéia de planejamento e do longo prazo ainda não é muito difundida. Em nosso jovem país, pensamos em curto prazo e esperamos, também, colher os resultados de nosso trabalho dessa mesma forma.

Muitos acham que seus negócios e suas carreiras devam dar muitos frutos em um curto espaço de tempo, pensamento que em países mais desenvolvidos, contraria a lógica dos negócios e da sociedade. Assim também lidamos com as crises, temos uma grande capacidade criativa e de superação, mas seguidamente nos debatemos com problemas que se tornaram cíclicos, e sem uma solução duradoura.

Um dos melhores modos de enfrentar a crise é se antecipar a ela, planejando e investindo antes que o fantasma obscureça a realidade. Dentre os investimentos de maior retorno encontramos as pessoas, nosso capital humano.

Esses números parecem irrealis diante de nossos problemas, mas convém lembrar que esse é um dos caminhos que a China está adotando em sua estratégia de crescimento e desenvolvimento, ao aliar desenvolvimento econômico, escolaridade e qualidade na formação básica, técnica e superior. Não é apenas de produtos baratos que vive o dragão oriental, mas de muito investimento em ciência e educação.

Essa simples fórmula têm sido aplicada ao longo da história recente, não somente na China, mas em muitos países que até há pouco tempo atrás, tinham um desenvolvimento econômico e social inferior ao nosso, entretanto, estão nos superando um após o outro.

Até quando vamos assistir outras nações emergirem e se tornarem um lugar melhor para seus cidadãos, enquanto nosso crescimento brasileiro avança a passos de tartaruga?

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Muitos acham que seus negócios e suas carreiras devam dar muitos frutos em um curto espaço de tempo

Carvão e desenvolvimento

O mundo contemporâneo está cada vez mais sedento por energia e química aplicada, e o Brasil não pode abrir mão de suas fontes naturais sob pena de limitar o desenvolvimento do país, especialmente de algumas regiões de grande potencial energético como as carboníferas.

O carvão voltou a figurar na agenda energética do país depois de anos de ostracismo, por conta da necessidade crescente de energia elétrica no sistema interligado e em decorrência das preocupantes variações climáticas e de regime de chuvas que alimentam nossas usinas hidroelétricas. Hoje a geração de energia térmica, que tem como fonte o carvão, representa cerca de 6% do total de energia primária do Brasil. O Rio Grande do Sul possui cerca de 90% das reservas nacionais e estima-se que, apenas na região de Candiota, estejam enterradas 40% das reservas conhecidas.

Entretanto, ainda é muito forte o preconceito relacionado ao uso do carvão mineral, especialmente em função da baixa qualidade, do alto grau de cinzas e das restrições ambientais que sua utilização poderia causar. Como contraponto a essa questão, está o custo da energia do carvão, que gira em torno de R\$ 176,00 por MWh contra R\$ 625,00 do óleo combustível e R\$ 780,00 do gás natural. Ao mesmo tempo, o Estado, que concentra cerca de 90% do carvão nacional, ainda poderia utilizar alguns subprodutos e agregados do carvão para criar cadeias de desenvolvimento, especialmente a argila de alta qualidade para a produção cerâmica e as cinzas, tão amplamente estudadas e patenteadas com respostas na construção civil e na pavimentação de estradas.

Além disso, atualmente existem tecnologias que tornam muito mais limpas as usinas termelétricas a carvão. Novas pesquisas realizadas na Europa e nos Estados Unidos revelam processos limpos e eficientes. Mas nem é preciso ir tão longe! Aqui no Estado, a Fundação de Ciência e Tecnologia – CIENTEC é detentora de um patrimônio de pesquisa e de desenvolvimento tecnológico e de patentes na área do carvão e de seus subprodutos, além de possuir condições de desenvolver novas tecnologias para o setor junto com outras universidades da região.

O carvão pode e deve ser aproveitado não só para gerar energia elétrica mas também para a produção de matérias-primas para a indústria química, especialmente para a cadeia do meta-

nol e dos materiais poliméricos, como solventes e ácidos. Pode ser usado até mesmo como combustível ou matéria-prima para a produção de biodiesel. Em suma, a exploração do carvão, além da energia, poderá criar uma cadeia carboquímica importante e economicamente consistente em nosso Estado. O carvão não é uma fonte de energia do passado. A pesquisa e as novas tecnologias têm condições de atender as necessidades atuais e futuras da sociedade sem abrir mão dessa força desenvolvimentista com sustentabilidade.

Texto originalmente publicado no Jornal Folha do Sul, de Bagé/RS, no ano de 2014.

(Re)inventando

A história das pessoas, das famílias, das organizações e das empresas nem sempre tem um desenrolar linear com um crescimento positivo. A vida é repleta de momentos nos quais avançamos, mas, muitas vezes, também andamos para trás ou, quem sabe, na melhor das hipóteses, de lado. Isso acontece também com países e com todas as formas de organização social.

As causas desse movimento, nem sempre positivo, são muitas e entre elas estão as mudanças do meio econômico, político ou social, guerras e revoluções, descuidos, falta de uma visão de futuro sobre o mundo, crença na imutabilidade, excesso de autoconfiança, desejo divino e ignorância.

Cada caso pode ser analisado, se encaixar em múltiplas categorias e até criar novos fatores para explicar os acontecimentos, entretanto, alguns ícones pessoais e empresariais que conhecemos se tornam casos de estudo e servem para que possamos entender esse fenômeno e agir antecipadamente.

Há poucos dias, deparei-me com uma notícia que dava conta da recuperação financeira da Kodak, uma das empresas mais icônicas do século XX, que agora volta ao mercado lançando uma linha de smartphones. A Kodak é uma empresa de mais de 130 anos que foi crucial na popularização da fotografia. Com dificuldades na passagem para a era digital, anunciou, em 2012, a falência e o pedido de proteção contra os credores.

Com suas máquinas com um custo mais reduzido, a marca Kodak permitiu o acesso de amplas camadas da sociedade, no mundo todo, ao prazer da fotografia pessoal e das histórias de famílias. Suas películas ou filmes eram os donos do mercado e sinônimo de qualidade, de fato um produto global. Esse império foi à lona com a mudança da tecnologia, que deixou os filmes/películas de lado e colocou no mercado as câmeras digitais e um novo conceito de fotografar, ver o resultado e, instantaneamente, poder tirar novas fotos, sem a necessidade de esperar a revelação.

Nesse mundo digital, instantâneo e sem revelação obrigatória de imagens, novos produtos, como as câmaras digitais, revolucionaram os mercados e apresentaram ao mundo outro tipo de concorrência que a Kodak não soube ou não teve visão para superar.

A mudança tecnológica é um fator importante na sociedade do conhecimento que vivemos nesse século, e a falta de capacidade de inovar é fatal para as pessoas e as empresas, para que elas possam avançar positivamente.

Nesse mundo acelerado e repleto de conexões globais, está sendo necessário, cada vez mais, inovar e se reinventar, pensando em novas perspectivas e alternativas. Não sei se é bom ou ruim, mas é a realidade que está posta.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2015.

Quanto vale o conhecimento?

Ainda encontramos muita resistência em diversos setores da sociedade em aceitar a importância da geração de conhecimento e sua transferência para a sociedade e encarar esse movimento como atividades produtivas e de forte conteúdo de desenvolvimento econômico e social. As resistências acontecem por muitos fatores, que vão desde o desconhecimento da importância da ciência e sua difusão como elemento de crescimento das comunidades, até o entendimento de seu conceito.

Um importante passo no sentido de incorporar a pesquisa e o desenvolvimento de produtos e processos - P&D - como um fator de desenvolvimento foi dado agora nos Estados Unidos e acontece de modo a reconhecer que a fórmula atualmente adotada para o cálculo do Produto Interno Bruto - PIB não leva em consideração os investimentos realizados em P&D, mesmo que esse seja um dos fatores primordiais da nova economia.

Nos Estados Unidos, onde se investe cerca de 2,9% do PIB em P&D, calcula-se que a incorporação desse dispêndio elevaria em média 3% o PIB nacional e que em alguns estados americanos, como Novo México, por exemplo, seria maior do que 10%.

Não se trata apenas de se elevar os valores nominais do PIB, mas de reconhecer que os investimentos em ciência, tecnologia e inovação não são despesas, mas investimentos que impactam em transformações na sociedade como a competitividade das empresas, melhores e mais qualificados empregos, aumento da média salarial e melhoria da qualidade de vida da população.

Países como Israel, que investe cerca de 4,4% do PIB, a Finlândia com 3,9% e a Coreia com 3,7% estão na liderança desse investimento e possuem hoje diferenciais sócioeconômicos significativos. No Brasil, onde tem se elevado esse investimento, nos encontramos próximo da faixa de 2% e estamos seguindo uma trajetória de crescimento.

O mesmo tem acontecido no Rio Grande do Sul, que nos últimos dois anos passou a reconhecer que ciência, tecnologia e inovação são importantes elementos de investimento na sociedade. Nesse sentido, temos dedicado parte significativa de recursos para P&D, além de criar políticas públicas que facilitem o acesso de empresas, institutos e universidades a investimentos, com a

preocupação de multiplicar o conhecimento e a inovação, diversificar e qualificar as matrizes produtivas, transformar as diversas regiões do Estado e desenvolver sustentavelmente o Rio Grande do Sul. Em um Estado onde se produz muito conhecimento, o desafio está sendo transformá-lo em PIB.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2013.

Criativas e inovadoras

Algumas cidades do Rio Grande do Sul têm vocação para tornarem-se cidades criativas e inovadoras; para tanto, é importante potencializar os seus diferenciais, criando uma dinâmica econômica e uma governança que permita o desenvolvimento de projetos e ações efetivas na área da criatividade e da inovação.

Cabe destacar que essa vocação criativa e inovadora está alicerçada em uma interessante diversidade cultural, em uma tradição empreendedora local, na presença de um tecido industrial e de serviços que sustenta um grande número de atividades econômicas e, na existência de centros tecnológicos, escolas técnicas e universidades, que são os ativos do conhecimento, matéria prima essencial dessa nova atividade econômica. Soma-se a isso as diversas iniciativas sociais e empresariais em diferentes setores da economia, ou seja, a existência de uma animação produtiva.

Temos aqui mesmo na nossa região do Vale do Sinos um grande potencial para implementar um verdadeiro sistema produtivo criativo, como já acontece em algumas cidades mundo a fora como Helsinque, na Finlândia, Montreal, no Canadá ou, ainda, da experiência espanhola de Barcelona no seu espetacular projeto chamado @22.

Mesmo no Brasil, existem tentativas positivas, como a que acontece nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, que começam a configurar núcleos de empresas criativas e já podem contabilizar alguns resultados. No Brasil os empregos em áreas criativas já envolvem cerca de 10% dos trabalhadores e as principais áreas criativas que surgem são as de Jogos Digitais, Moda, Design, Conteúdo para Internet, Software, Artes Visuais, Publicidade, entre outras.

As profissões e atividades profissionais criativas demandam um elevado grau de formação e contribuem para a elaboração de produtos com alto valor agregado. Os trabalhadores criativos apresentam salários superiores à média mensal dos trabalhadores locais em cerca de 40%. Além disso, essas atividades hoje representam mais de 7% do PIB mundial. Um desafio para nós seria criar e desenvolver esses ambientes criativos de forma economicamente viável e sustentável, com significativo retorno para a economia local.

Além disso, precisamos desenvolver e atrair mais pessoas criativas e inovadoras, implantando espaços urbanos adequados como ambientes de inovação, onde os empreendedores tenham apoio do poder público e das universidades e uma capacidade de sinergia com as empresas locais já instaladas, gerando a criação de empresas e empregos altamente qualificados.

Esse é um processo portador de futuro com elementos inovadores que evidenciam os diferenciais para a existência de cidades criativas e inovadoras, em oposição às cidades tradicionais. Vale a pena investir nesse processo e criar alternativas sustentáveis e rentáveis de novas oportunidades e negócios.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2015.

O futuro já começou

Começa a funcionar a primeira cidade virtual do mundo, ela fica no bairro de Arabianranta em Helsinki, a capital da Finlândia. Conhecida no passado como a terra de papai Noel, a Finlândia vêm despontando nas últimas décadas como um país desenvolvido, com qualidade de vida e alto nível de desenvolvimento científico e tecnológico. Hoje em dia, a sua empresa de maior destaque é a gigante na fabricação de telefones celulares, a Nokia.

Esse será um grande laboratório das experiências mais modernas de tecnologia da informação a serviço da comunidade. Com 1 km² de extensão, está sendo construída para ser um modelo de comunidade do futuro, onde a casa, o escritório de trabalho, escola, biblioteca, serviços públicos, entre outros, estarão conectadas 24 horas aos moradores. Cada habitante, além de usuário de um sistema moderno, rápido e inteligente de serviços, será participante do próprio conteúdo dessa rede.

Todos os tipos de serviços inteligentes que existem farão parte da vila virtual, sendo possível, assistir filmes domesticamente ou sair de casa para jantar e, no caminho reservar suas entradas ao cinema além da reserva no restaurante e do acesso ao cardápio e programação do pedido, além disso, será possível monitorar sua casa e escritório e acessar todos os controles possíveis, mesmo estando a muita distância do local.

Esse é um conceito radical de incorporação da alta tecnologia a vida cotidiana das pessoas, procurando facilitar a vida e torná-la mais confortável e prazerosa. Se essa inserção da tecnologia vai gerar facilidades e prazer é uma incógnita, pois esse verdadeiro laboratório vai explorar também as resistências do uso amplo da tecnologia em larga escala aplicada a grupos de pessoas.

Deverão emergir dessa experiência, além das melhorias no próprio uso de altas tecnologias para aplicações pessoais e coletivas, as dificuldades de convívio entre as pessoas e as tecnologias. Assim como será possível rastrear as compras e a vida escolar de seu filho na escola, será possível saber o que é feito no escritório e se realmente esteve-se no local de trabalho.

A sociedade virtual vai estar expondo a todos os avanços, mas também as novas questões sócio-culturais que envolvem as tecnologias e a sociedade moderna. Esse deve se tornar um

importante caso para o estudo dos impactos das novas e inovadoras tecnologias sobre a vida humana, seja na sua individualidade, ou no coletivo.

A escolha da Finlândia não foi à toa, é um pólo de excelência em novas tecnologias. Somente em Helsinki existem 500 empresas de alta tecnologia e uma importante Universidade Tecnológica.

É a terra de Linus Torvalds, idealizador do Linux. Além disso, possui o mais alto percentual europeu de casas ligado a Internet (32%), o maior número de celulares per capita (70%) e de utilização de computadores residenciais (32%). Ou seja, é uma sociedade com acesso e grande incorporação das novas tecnologias ao seu cotidiano, deixando essa imagem de terra do papai Noel, cada vez mais distante.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

(In)dependência

Uma das formas de medir a capacidade de um país e seu desenvolvimento é através da qualidade da sua educação, especialmente seu número de estudantes, mas também a independência que possui em relação a outras nações. Não é uma tarefa fácil tornar o Brasil um país desenvolvido, pois são muitas as dificuldades de promover o desenvolvimento nacional e a disseminação de uma cultura científica, crescer economicamente e distribuir a riqueza mantendo a saúde e a educação em níveis altos e de qualidade para a maioria da população.

Um dos nossos grandes desafios atuais dá-se pelo elevado grau de dependência das soluções tecnológicas importadas, o que, muitas vezes, confunde importar máquinas e processos com assimilar e incorporar de fato novas tecnologias. Isso nem sempre ocorre e, em alguns casos, aumenta nossa dependência em relação a soluções e serviços que vêm de fora e são pagos em moedas fortes. Aí se cria um paradoxo, quanto mais modernos nos tornamos mais dependentes ficamos.

Esse gargalo nacional de ciência e tecnologia pode comprometer os esforços do Brasil em outros campos, como, por exemplo, no agronegócio. Enquanto batemos recordes de produção a cada safra e lutamos com a Comunidade Europeia e os Estados Unidos para garantir uma fatia do mercado internacional de produtos agrícolas, vemos nossa balança internacional sendo corroída pela importação de produtos e serviços de tecnologia avançada.

Podemos formular perguntas básicas para termos uma ideia da diferença que existe entre o valor dos produtos e a chamada agregação de valor com a tecnologia. Basta perguntarmos quanto custa 1 quilo de soja? Ou 1 quilo de sapato ou couro? E se compararmos a 1 quilo de computador? Ou a 1 quilo de equipamentos médicos e de saúde ou 1 quilo de satélite?

O pior é que a conta da tecnologia tende a ficar cada vez mais negativa em função de nossa dependência. Além disso, o sucesso do nosso agronegócio é fruto de muita pesquisa e desenvolvimento, o que nos leva a concluir que sem pesquisa, ciência e tecnologia não temos muito futuro.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Pensar, criar e inovar

Neste século XXI, estamos em pleno cenário de uma nova ordem econômica mundial, em que se destaca não apenas a produção de bens, mas, acima de tudo, a geração de conhecimento, especificamente, o processo de criação e seu controle. Nesse campo, tem mais valor não apenas produzir, mas ter o domínio intelectual desses produtos e seus processos, o que está mudando a maneira como as pessoas devem ser educadas para a vida e o mundo do trabalho, assim como determinando uma transformação na organização e ação das empresas e países.

Esse processo é tão acelerado que nações como o Brasil, que ao longo do século XX fizeram grandes avanços em termos científicos, tecnológicos e industriais, podem retornar à pré-história do novo modelo econômico baseado na sociedade do conhecimento. Temos uma grande necessidade de criar estruturas produtivas que geram empregos, renda e ajudam a implantar as estruturas de que a sociedade tanto necessita. Da mesma forma, ainda carecemos de ações mais efetivas de alguns setores industriais e de grande parte de nossas empresas, apoiadas pelas universidades, escolas técnicas e institutos de pesquisa, no sentido de avançarem para além da produção e investirem em pesquisa, desenvolvimento e domínio de áreas estratégicas de conhecimento aplicado, superando uma visão estritamente produtiva, dando lugar ao domínio intelectual.

Nosso desafio no Brasil é triplo; consolidar uma estratégia industrial competitiva para as empresas, alargar o mercado interno e a inserção de grandes grupos sociais ainda marginalizados na sociedade, além de avançar na melhoria qualitativa e na universalização do ensino em todos os níveis. De quebra, trabalhar o estado da arte do conhecimento e de sua transferência, ou seja, a inovação. Esses movimentos impedirão que aumentem a nossa dependência criativa e tecnológica, que pode, nos próximos anos, inviabilizar, de maneira irreversível, nossa economia e sociedade. O mundo ingressou de vez na chamada sociedade do conhecimento, na qual criar, pensar e inovar é a prioridade de todas as organizações.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

Tecnologia e desenvolvimento regional

Acada dia vem se reforçando a tese que indica a tecnologia como um dos motores de desenvolvimento das sociedades. O marco deste movimento foi o relatório do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e do IDT (Índice de Desenvolvimento Tecnológico), divulgado pela ONU a partir de 2001.

Dentro do conceito de tecnologia, a serviço da diminuição das desigualdades e da pobreza, destaca-se que a tecnologia de informação e de comunicação, além da biotecnologia, podem transformar-se em molas propulsoras do desenvolvimento e da erradicação da miséria.

As tecnologias de informação e de comunicação seriam capazes de romper as barreiras geográficas, garantindo o acesso à educação de qualidade para um número maior de pessoas. Também, levaria os programas de saúde pública e outras informações aos bolsões de extrema pobreza, em regiões como os conglomerados urbanos terceiro-mundistas.

Por outro lado, a biotecnologia, ao mesmo tempo em que é capaz de refinar e tornar, de altíssima qualidade, produtos como o vinho, o queijo, a fruta e outros artigos de consumo seletos, proporciona um grande rendimento na agricultura voltada à alimentação humana.

O Brasil aparece em 43º lugar, entre 72 países, no IDT e 73º no IDH, mas possui muitos centros de excelência. Somos o único país terceiro-mundista que possui dois pólos de inovação tecnológica reconhecidos internacionalmente, São Paulo e Campinas. Além disso, empenha-se em formar cerca de 5.000 doutores por ano e configura-se como o 4º país em número de incubadoras.

Para melhorarmos nosso desempenho, os desafios são muitos. Dentre eles, aumentar a taxa de inovação nas empresas, dar mais recursos para a implantação de empresas de tecnologia, capacitar melhor os técnicos e universitários, nas áreas de ciência e tecnologia, desenvolver as atividades industriais e de pesquisa aplicada e, acima de tudo, romper as barreiras entre as Universidades, Centros de Pesquisa e as Empresas.

Talvez, resida aí a maior dificuldade cultural brasileira, isto é, o fato de Universidades e Empresas nem sempre trabalharem juntas e, quando o fazem, atuam de forma muito tímida.

O apoio dos empresários aos programas universitários e a entrada da Universidade no “chão de fábrica” devem promover, em curto período e a custos extremamente baixos, a transferência de tecnologia aplicada a processos específicos de cada setor ou atividade.

Cabe ressaltar que o progresso da ciência e tecnologia não é feito somente de máquinas e equipamentos; o componente humano é de fundamental importância e, provavelmente, é o mais sensível e que precisam de um maior tempo para desenvolver-se.

O entrave tecnológico não reside apenas em nossa capacidade de incorporar tecnologias prontas, mas na ineficácia em desenvolver, ao máximo, esses recursos através de nossos colaboradores. Assim, um bom começo para as Empresas e Universidades seria apoiar programas de educação à distância, empreendedorismo, criatividade, gestão tecnológica, design e outros que proporcionariam um ganho importante na qualificação do capital humano das empresas.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

Inovação, pesquisa e desenvolvimento

Até poucos anos, convivemos com a idéia de que era mais vantajoso copiar ao invés de criar. Grande parte das empresas e Universidades, mais preocupados em sobreviver, não desenvolveram uma cultura inovadora e um ambiente criativo.

Esse quadro permaneceu inalterado até que começamos a experimentar uma estabilidade econômica e a conviver com o acirramento de uma competição internacional em busca da competitividade. Esta conjuntura alterou o equilíbrio das forças que passaram a pender para o lado daquelas empresas que possuíam melhores respostas tecnológicas, crescendo a necessidade de inovar e criar.

O surto de inovação encontrou o país, relativamente, organizado do ponto de vista científico e tecnológico, e com uma massa crítica de pesquisadores e centros de excelência qualificados. Apesar da produção científica brasileira crescer a cada ano, o país está, infinitamente, longe do desenvolvimento tecnológico de outras nações, mesmo em relação a Coréia, que se encontra em grau de desenvolvimento similar ao nosso. Segundo dados do Ministério de Ciência e Tecnologia, o Brasil depositou, no ano de 2000, 113 patentes de novos produtos nos Estados Unidos, enquanto a Coréia patenteou 3472 produtos ou processos inovadores.

Essa situação custou ao país, em 2001, uma remessa ao exterior de US\$ 3 bilhões, por conta do pagamento da tecnologia que importou. Esta conta tende a crescer nos próximos anos, transformando-se em um dos maiores problemas de nossa balança de pagamento, assim como o petróleo o foi em outras décadas.

A dificuldade em superar a distância entre as Universidades, Centros de Pesquisa e empresas emperra a transferência de tecnologia, deixando de atender os setores produtivos nacionais. Quanto à inovação, deixa de existir devido a falta de pesquisa e desenvolvimento, ensejando, no máximo, a importação de bens, tecnologicamente avançados, que se incorporam à produção, mas que aumentam nossa dependência tecnológica e intelectual. Nessa perspectiva, remetemos dólares e exportamos postos de trabalho com nosso baixo desenvolvimento tecnológico.

Diante desse quadro, precisamos de alguns estímulos importantes, não somente ações de caráter nacional, que coloquem essas questões como centrais em um processo de desenvolvimento regional sustentado e autônomo; mas também ações para mudar esta situação. Destacamos a criação de empresas de base tecnológica, a aproximação das universidades e empresas, com uma articulação das demandas empresariais e as competências acadêmicas. Além disso, ressaltamos o apoio às incubadoras e condomínios de base tecnológica e a criação e consolidação de Parques Tecnológicos.

Muitas outras ações podem ser tomadas, mas o desenvolvimento científico e tecnológico do país passa pelo fortalecimento da pesquisa e inovação. Muitas empresas e Universidades têm se movimentado nesse sentido, cabe-nos apoiar e criar um ambiente de inovação e pesquisa, propício ao desenvolvimento regional.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

A democratização das tecnologias

O Brasil, embora figure entre as maiores economias do planeta com uma liderança continental, sofre de uma enorme carência quanto ao acesso de seus cidadãos à Internet e às novas tecnologias da informação.

Recentemente, a Organização das Nações Unidas – ONU, publicou seu primeiro estudo sobre a situação dos países no que se refere ao acesso às novas tecnologias da informação como, por exemplo, a Internet.

Um dos fatores que provocou este estudo foi a revolução nas comunicações e na democratização do conhecimento causado pela Internet, que justifica a intenção da ONU em medir, em forma de ranking, as condições que cada país oferece à sua população quanto ao acesso a essas novas e importantes tecnologias.

Esse estudo foi realizado por uma agência internacional ligada à ONU, a International Telecommunications Union – ITU. Nesse ranking internacional, embora esteja entre as dez maiores economias mundiais, o Brasil ficou com a 65ª posição entre aqueles países com maior acesso ao mundo digital.

O contraponto do Brasil foi a Suécia, a nação que oferece as melhores condições de acesso às novas tecnologias aos seus cidadãos. Na seqüência dos primeiros lugares e líderes na inclusão digital, aparecem a Dinamarca, Islândia, Coréia do Sul, Noruega e Holanda.

Esse estudo levou em consideração cinco quesitos básicos: qualidade e número de usuários, preço dos serviços, alfabetização e nível de instrução dos usuários e infra-estrutura.

A posição brasileira é inferior a de países como a Costa Rica (58ª posição), Jamaica (57ª), Argentina (54ª), Uruguai (51ª) e Chile (43ª), só para citar alguns exemplos da América latina onde somos o gigante econômico e populacional.

Esse estudo aponta como principal problema dos países como o Brasil a renda da população, que é incompatível com o custo do serviço dos provedores de acesso a Internet, e o custo de equipamentos como computadores. Outro problema muito grave é o acesso à telefonia. Os dados brasileiros de 2002, que

foram usados pela ITU, apontam que apenas 22,3% da população brasileira possuem telefones fixos.

Em resumo, na 65ª posição mundial, com menos de um quarto da sua população tendo acesso a linhas telefônicas fixas, no Brasil, apenas 8,2% da população têm de fato acesso a tecnologias da informação como a Internet. É relevante pensarmos que as tecnologias, que surgiram e revolucionaram o acesso à informação e ao conhecimento, ainda permanecem elitizadas em nosso país.

É necessário que esse acesso ao mundo digital sofra uma verdadeira revolução e que passe, o mais rapidamente possível, a fazer parte do cotidiano destas pessoas, especialmente dos estudantes, que estão em seu processo mais intenso de formação.

As novas tecnologias devem estar a disposição das pessoas para melhorarem suas vidas e a de seus semelhantes. Portanto, a democratização e disseminação dessas tecnologias ser um ideal a se perseguir. Essa é uma das maneiras para diminuir a distância que nos separa dos países mais desenvolvidos, democratizar o conhecimento e o acesso às novas tecnologias.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2003.

A pesquisa Brasil-França

Neste mês de maio, mais um passo histórico nas relações científico-tecnológicas entre o Brasil e a França foi dado. Trata-se do seminário de avaliação do convênio entre Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e o Institut pour le Développement – IRD.

Com cerca de 40 pesquisadores brasileiros e franceses de alto nível, o seminário apoiou a criação de projetos conjuntos entre os dois países, priorizando áreas como o meio-ambiente, geociências, ciências sociais e ciências da saúde. Todas as ações dos pesquisadores, apoiadas pelas políticas do CNPq/IRD, visam à interdisciplinaridade dos projetos.

O que se espera desse esforço de aproximação bilateral é que possam contribuir para a melhoria da cooperação científica e tecnológica entre os dois países, possibilitando o acesso de pesquisadores brasileiros a metodologias, dados e empresas francesas e européias.

Em poucas semanas, é o segundo acordo bilateral com a França. Com a outra ação, o Programa Delta, serão apoiados projetos que envolvam empresas brasileiras e francesas nas áreas de nanotecnologia, microeletrônica, software, agricultura e pesquisa do mar. Agora, novas áreas do conhecimento vão se beneficiar com este programa.

Essa maior aproximação da pesquisa brasileira com parceiros europeus, especialmente franceses, vem se consolidando como uma tendência da política externa brasileira que busca alternativas econômicas, políticas, comerciais e tecnológicas fora do pólo central exercido pelos Estados Unidos.

A diversidade e a ampliação de parcerias estratégicas do país na área de ciência e tecnologia devem levar o Brasil a um patamar superior na transferência de tecnologia as suas empresas, bem como a um número maior de patentes e registros de novos produtos, beneficiando muito a indústria nacional e a comunidade científica também.

O país necessita desenvolver sua pesquisa e promover sua difusão e transferência para a sociedade, especialmente em setores estratégicos em que a dependência internacional pode ser fatal para os planos de desenvolvimento nacional.

Basta observar as áreas nas quais as parcerias com a França e, por conseguinte, com a Comunidade Européia apontam, para saber que áreas são estratégicas para o Brasil. Parece que a inovação, a tecnologia e a aproximação com as empresas e o conhecimento europeu são uma baliza importante das políticas de ciência e tecnologia no país. Em boa hora, novos horizontes são apontados à sociedade brasileira, retomando caminhos que no passado já foram referência e voltam agora a sê-lo.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Tecnologia e inovação

O Brasil é um dos países que mais se desenvolveram ao longo do século XX. Várias áreas podem atestar esse crescimento, como, por exemplo, a industrialização de nosso país, que foi reforçada com a vinda dos imigrantes europeus entre os séculos XIX e XX, importante força impulsionadora dos processos industriais. Entretanto, somente com as políticas públicas de apoio à industrialização, a partir dos governos Vargas e Juscelino, formou-se um parque industrial, consolidado ao longo da década de 70.

Entretanto, esse processo todo provocou uma revolução industrial no país, projetando-o como uma das maiores economias mundiais, sem, no entanto, contar com uma efetiva revolução tecnológica. Industrializamos-nos, mas não realizamos o desenvolvimento de tecnologias que sustentem e ampliem esse processo. Ainda hoje, nos ramos mais modernos de nossa indústria, grande parte da tecnologia e dos avanços significativos vêm do exterior.

Ao contrário dos países chamados de Primeiro Mundo, o Brasil promoveu um desenvolvimento econômico e industrial sem um processo de sustentação tecnológico ou de inovação, fazendo esse caminho sem pesquisa e desenvolvimento próprios. Salvo áreas como petróleo e sua produção em grandes profundidades e a agricultura tropical, para citar alguns exemplos, as outras atividades foram se desenvolvendo sem a sustentabilidade tecnológica e um programa nacional de pesquisa, desenvolvimento e transferência de tecnologias dos centros de pesquisa e Universidades para as empresas.

O Brasil funciona de modo contrário à Europa, Japão e Estados Unidos, onde os avanços do conhecimento foram gerados e financiados em uma estrutura triangular, tendo nas pontas a Universidade, a empresa privada e o governo. Estes últimos apoiam com recursos a pesquisa aplicada e sua transferência aos setores produtivos.

Cabe ressaltar que nem tudo em pesquisa, inovação e tecnologia é dinheiro, pois jogam papel importante as políticas públicas para o desenvolvimento e a pesquisa, bem como a integração mais orgânica entre as Universidades e as empresas. Nesse sentido, devemos trabalhar cada vez mais em nosso

país, para aproximar a pesquisa e a Universidade das empresas e das políticas públicas.

Somos um país de capitalismo tardio, industrialização tardia e criação tardia das Universidades e centros de pesquisa, o que nos impediu de ver os processos andando juntos e funcionando em apoio mútuo. Cabe ressaltar, no entanto, que muitos governos têm se esforçado na criação de políticas de industrialização, pesquisa e inovação.

Além disso, algumas empresas sentiram há muito tempo essas necessidades e encontraram meios individuais de avançar, tendo o domínio científico e tecnológico. Entretanto, isso é muito pouco para um país como o nosso, que, precisa de uma sólida política de tecnologia sustentada e transferência de tecnologia, que enquanto não se consolida, deve ser empreendida pelos diversos atores, principalmente as universidades e as empresas.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

A Lei de Inovação

Elaborado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, está no Congresso Nacional importante instrumento jurídico que pode modificar as condições de pesquisa, desenvolvimento e transferência de tecnologia em nosso país. Trata-se da Lei de Inovação. Esse documento aborda as medidas de políticas públicas, visando atingir ações macroeconômicas que fomentem as atividades de pesquisa e inovação nos diversos setores produtivos do Brasil.

Um dos pilares desse processo é o incentivo às empresas a investirem em pesquisa e desenvolvimento dentro de seu ambiente, procurando desenvolver produtos e processos mais competitivos e tecnologicamente atualizados, livres de exploração externa.

Entretanto, para que isso de fato ocorra, é importante que haja a presença efetiva de doutores trabalhando diretamente nas empresas e não somente em Centros de Pesquisas e Universidades.

Nos Estados Unidos, Europa, Japão, Coréia do Sul, é cada vez maior o número de doutores absorvidos pelas empresas e que desenvolvem pesquisa e inovação no seio do produtivo. O resultado tem sido o considerável avanço dessas empresas na liderança dos mercados e da tecnologia. Embora nesses países exista uma estreita colaboração entre essas empresas e as Universidades, devemos lembrar que existem também diferenças entre seu foco de ação.

Já no Brasil, a maioria dos doutores estão nas Universidades. A absorção desses profissionais por parte das empresas pode gerar novos empregos em departamentos de pesquisa, permitindo, também, a proliferação de novas empresas de base tecnológica, seja em Incubadoras, Condomínios ou Parques Tecnológicos.

A incorporação de profissionais com formação requintada, de alta qualidade às empresas, especialmente aos departamentos de pesquisa e desenvolvimento, pode propiciar que o Brasil tenha, a médio prazo, desenvolvimento tecnológico autônomo e sustentável.

Percebemos, cada vez mais claramente, que é possível produzir em qualquer local do planeta, e isso é explorado com competência pelas grandes empresas transnacionais. Entretanto, a

criação, a inovação e o desenvolvimento de novos produtos e processos cada vez se concentra mais em países centrais, deixando a produção para a periferia.

Seria preciso, para nosso país, garantir a continuidade da produção industrial, que gera empregos e recursos, e adicionar a isso a pesquisa e a inovação, que garantam e atualização das empresas e do país em relação às tecnologias. Além disso, podem agregar valores aos produtos exportados e diminuir a conta tecnológica cada vez mais pesada em nosso balanço de pagamentos internacionais.

Nós, aqui no Brasil, temos todos os elementos para fazer prosperar, via pesquisa, o desenvolvimento industrial e tecnológico. Entretanto, precisamos de políticos que atendam a essas aspirações. Para tanto, a Lei de Inovação serve como boa base.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Tecnologia e solidariedade

Hoje é possível as pessoas realizarem um grande número de atividades de sua vida cotidiana sem sair de suas casas. Com o auxílio das tecnologias, como telefone e o computador, pode-se fazer compras no supermercado, na floricultura, comprar livros no Brasil e no exterior, ingressos, reservas de passagens e se livrar das filas dos bancos. A tecnologia nos permite viver com mais conforto, aproveitando melhor nosso tempo e adequando-o ao novo modo de vida, mais dinâmico por conta das próprias facilidades tecnológicas.

Contudo, se de um lado a tecnologia nos cria facilidades, de outro nos abre novas possibilidades de ações e de ocupação de nosso tempo. Sem dúvida, as tecnologias nos proporcionam o contato com uma grande variedade de possibilidades em nosso dia-a-dia, especialmente a Internet, que se tornou uma grande ferramenta e proporcionou uma revolução em termos de comunicação entre pessoas. Ela nos possibilita, por exemplo, que além das compras e do entretenimento, possamos realizar o bem e sermos solidários via rede mundial de computadores, sem sairmos do conforto de nosso lar.

Um dos grandes exemplos dessa possibilidade chama-se Instituto Enio. Esse Instituto é uma ONG cujo objetivo é resgatar a criança que existe em nós, através da realização de “um pequeno desejo” concedido, com a ajuda de voluntários, a crianças que estejam em tratamento médico.

O exemplo e a inspiração para a criação dessa ONG foi a passagem do adolescente Enio e sua família pelos hospitais. Esse adolescente de 14 anos foi acometido de uma leucemia rara e incurável e, durante 10 meses de luta pela vida, Enio e seus familiares conheceram a dura realidade de dezenas de crianças doentes em situação de abandono e esquecimento nos dos hospitais. Surgiu daí a idéia de montar um Instituto com voluntários para evitar que as crianças se sintam esquecidas e sem o direito de serem crianças. A fórmula é simples, pois para ajudar basta acessar o site www.pequenodesejo.org e realizar o desejo de uma criança doente, sem sair de casa.

Embora não se exija grandes investimentos, essa ação fará uma grande diferença para as crianças doentes e suas famílias. Talvez o que mais pese não seja receber o desejo, mas saber que

alguém se importa com seu bem-estar. Ou ainda, melhor do que receber é poder dar um pouco de amor e solidariedade a quem realmente precisa.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

O inovador Santos Dumont

O Brasil é um país interessante e curioso. Quando os portugueses aqui chegaram em 1500, já viviam nesta terra milhões de indígenas, motivo pelo qual o uso do termo descoberto não seria o correto, mas revelado talvez o fosse.

Quando iniciamos no século XVI, no cenário internacional, muitos acharam que, devido à nossa natureza exuberante, aqui seria o paraíso terreal. O tempo passou e, alguns séculos depois do descobrimento, passamos de paraíso a inferno, especialmente para todos aqueles que sofreram com a escravidão.

Em contrapartida, no século XX, fomos o país que mais cresceu, avançou e se modernizou no mundo, adquirimos um outro status e novas pretensões, mas, em algumas áreas, continuamos a viver longe da nossa plenitude e capacidade. Uma dessas áreas é a inovação. Muitos já se perguntaram o que falta ao Brasil para tornar-se um país inovador.

Nesse sentido, cabe destacar a conceituada revista *Technology Review*, editada pelo Massachusetts Institute of Technology - MIT, nos Estados Unidos, que vai destacar Alberto Santos Dumont como o único brasileiro a constar na lista dos grandes feitos da humanidade.

Neste ano, comemoramos 100 anos do feito de Santos Dumont, que fez voar o primeiro avião mais pesado que o ar, o "14 Bis"; e declarou após seu vôo que o Brasil um dia seria o "maior centro de novas idéias do mundo". Dumont foi um grande inventor e inovador; a cada seis meses apresentava uma inovação revolucionária e apenas foi barrado em seu brilhante trabalho pela doença que o impediu de prosseguir seu caminho.

Mais do que uma fala patriótica e ufanista, as palavras do pai da aviação são hoje em parte verdadeiras. Somos um país diferente, criativo, dinâmico e que busca alternativas, mas, ao mesmo tempo, estamos longe de tornar isso um diferencial naquilo que fabricamos e criamos. Temos conhecimento científico, criatividade e necessidade de fazer o Brasil diferente, infelizmente, falta aos setores produtivos nacionais a força inovadora que, por exemplo, encontramos em outros países, como na China, na Coréia, na Índia, para ficar apenas nas principais nações emergentes.

Muitos já se perguntaram o que falta ao Brasil para tornar-se um país inovador

Cem anos após o vôo do maior inovador nacional, o país recriou as condições de ser uma força e potência na criação e inovação. Está faltando, porém, reunir esses elementos e buscar novos caminhos, pois os antigos e tradicionais já estão sendo trilhados.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

O desenvolvimento e a tecnologia

O Brasil é um país fascinante, combina índices notáveis e indicadores positivos em algumas áreas e uma situação que beira o ridículo em outras. Nessa gangorra de indicadores, vemos diminuir nos últimos anos nossa importância no cenário econômico internacional.

Nosso país já foi a oitava economia do planeta, passando para a 15ª, sendo suplantado inclusive pelo México que se tornou a maior economia da América Latina com um PIB em 2002 de US\$ 497 bilhões, contra US\$ 493 do Brasil no mesmo ano.

Existem vários elementos que colaboram para isso, por exemplo, as políticas econômicas equivocadas e o baixo investimento em tecnologia. Nesse último item, se compararmos o Brasil não diretamente com outros países, mas com algumas empresas internacionais, teremos uma noção do pouco que investimos em pesquisa e desenvolvimento tecnológico.

Somente no ano de 2003 a empresa Nokia, gigante finlandesa famosa por seus telefones celulares, investiu US\$ 4,07 bilhões em pesquisa e desenvolvimento tecnológico. Esse investimento representou 0,82% do nosso PIB naquele período, enquanto isso, o Brasil tem investido em média 0,9 a 1% de seu PIB na mesma atividade, em resumo, uma única empresa investe praticamente o mesmo que o País todo nessa área.

Os resultados desses investimentos são esclarecedores, pois no mesmo ano de 2003 a Nokia faturou cerca de R\$ 100 bilhões enquanto toda a indústria eletrônica do Brasil faturou perto de R\$ 64 bilhões. Evidentemente o pouco investimento do país e das empresas brasileiras em ciência e tecnologia colabora para nossa dependência e para o baixo faturamento nacional na área estratégica da micro-eletrônica.

Um dos fatores dessa realidade é a distância das empresas com a pesquisa e a transferência de tecnologia. Para se ter uma idéia, o Ministério da Ciência e Tecnologia do Brasil-MCT, estima que no país 73% dos cientistas e pesquisadores estejam nas universidades e centros de pesquisa e apenas 11% deles nas empresas. Nossa realidade é diversa dos Estados Unidos, onde 72%

dos pesquisadores estão nos setores produtivos e apenas 18% nas universidades.

Algumas políticas públicas no país estão sendo implantadas via MCT e Finep, procurando-se incentivar as empresas juntamente com o governo a investir mais e melhor em ciência e tecnologia. Essas ações podem surtir um efeito importante em termos de desenvolvimento, representando um quadro mais favorável de negócios, especialmente daqueles onde os produtos que tem um alto valor agregado via tecnologia embarcada, são menos sujeitos as pressões, controles de preços e barreiras internacionais.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Fomentando a inovação

Em artigo publicado na renovada revista Inglesa "Nature", sob o título de "The Scientific Impact of Nations", David A. King, seu autor, demonstra que o Brasil é o 19º em um grupo de 31 países que produzem 98% dos artigos científicos do planeta.

Esse artigo de King teve uma ampla repercussão no meio acadêmico nacional e também dentro dos órgãos de fomento à pesquisa e desenvolvimento, alinhando-se significativamente à lei de Inovação e à política industrial brasileira.

Embora façamos parte da elite mundial na produção da ciência, temos muita dificuldade em transformar esse conhecimento em projetos reais, de ultrapassar a pesquisa e transferir o conhecimento para os setores produtivos e a efetiva criação de novas tecnologias.

Além disso, embora no primeiro time da ciência internacional, ficamos atrás de muitos outros países em desenvolvimento como nós que além de produzirem mais ciência, transformam-na em tecnologia e patentes industriais. É o caso, por exemplo, da China e Coréia do Sul. Esses e outros países que estão na elite da Ciência Mundial foram capazes de expandir sua produção científica e serem acompanhados pelo crescimento industrial, econômico e do PIB.

Esse avanço combinado da ciência, ou seja, do conhecimento e do domínio da tecnologia industrial é um dos fatores determinantes para a afirmação econômica e industrial dos países desenvolvidos e dos emergentes.

Uma análise rápida da elite científica mundial evidencia que a competência no uso dos conhecimentos para gerar inovações capazes de tornar os setores produtivos mais competitivos, tanto nos seus produtos ou processos, é o que faz e fará nos próximos anos a economia crescer rápida e sustentavelmente.

A inovação tecnológica não deve ser medida apenas por artigos científicos; sem dúvida, esse é um excelente indicador, mas ela tem um parâmetro internacional, que é o número de patentes advindos de pesquisa, ou seja, daquele conhecimento que é transformado em inovação tecnológica.

Os números do escritório de marcas e patentes nos Estados Unidos – USPTO – mostram que, enquanto o Brasil cresceu 1%

no depósito de patentes, a China avançou 32% e a Coréia do Sul 76%, revelando a importância dada por esses países à geração do conhecimento e de inovações, que impulsionam as novas tecnologias, esteio da produção baseada em tecnologias próprias.

Outro dado importante, é que tanto a China quanto a Coreia avançam paralelamente no número de patentes, quanto em produção de artigos científicos, base para a inovação tecnológica. Esse processo todo é uma grande bola de neve; a criação de inovação estimula a ciência e o conhecimento, que faz crescer o número de empresas inovadoras, que demandam pesquisadores e mais patentes, e esse sistema pressiona as universidades por mais formação e pesquisa.

Tal método já consolidado em muitos países, está em evolução no Brasil. Com a política industrial brasileira, a lei de Inovação e as ações de expansão do comércio exterior, demos um passo importante para conjugar excelência acadêmica e científica, com o crescimento do país.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

As lições da história

No momento histórico em que experimentamos mudanças significativas em nossa civilização, percebemos que vários conceitos e contextos vão coexistir por algum tempo até serem suplantados. Isso acontece no campo das idéias e na nossa própria organização sócio-econômica e produtiva, afetando significativamente nosso modo de vida.

Para tanto, devemos observar atentamente os movimentos econômicos e tecnológicos que acontecem em nosso cotidiano e que se processam como verdadeiras revoluções, como por exemplo, o uso da Internet. Essa ferramenta criou uma nova visão sobre a informática e o uso dos computadores, criou uma inteligência coletiva e uma estrutura descentralizada de conhecimento.

Além disso, operou uma transformação na velocidade e na disponibilidade de acesso ao conhecimento, tornando as redes pessoais e institucionais em um poderoso instrumento de transformação. A instantaneidade do acesso, as integrações das múltiplas inteligências e as formações de redes criaram um novo padrão de trabalho e de disseminação do conhecimento.

Quem geograficamente esteja isolado, através da rede mundial de computadores pode estar inserido em um grupo de estudos e tendo acesso ao que de mais moderno se pesquisa em qualquer área do conhecimento humano.

O conhecimento vence a barreira do geográfico e da delimitação política. Pode-se encontrá-lo, assim como a expertise, em qualquer país, a qualquer tempo; entretanto, o domínio desse conhecimento e sua transformação em tecnologias e aplicações está restrito ao mundo do domínio das patentes e dos licenciamentos e da transformação dos preceitos teóricos em aplicativos práticos e rentáveis.

Esse processo se dá cada vez mais nos países centrais com forte estrutura de pesquisa e desenvolvimento em detrimento da capacidade de produção. Essa está sendo deslocada para países com mão-de-obra barata, matérias primas, mercados locais interessantes e capacidade de energia abundante e barata, para atender as demandas da produção.

O sucesso da sociedade do conhecimento tem tudo a ver com o sucesso da experiência da Internet, que promoveu o aperfei-

çoamento das múltiplas visões do mundo do trabalho em rede, da cooperação e da experimentação coletiva em nível global.

Esses dois movimentos que as sociedades experimentam, nem sempre são percebidos, entretanto, fazem parte do longo caminho que nossa civilização percorre desde a Antigüidade, mas que aponta a cada ciclo que passa para o conhecimento, o uso de nossas capacidades intelectuais e o aprimoramento das experiências anteriores.

A história tem essa característica, alterar a forma com que os indivíduos e as sociedades se organizam, se expressam e se transformam.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

O ganho tecnológico

Estudos mais recentes do Massachusetts Institute of Technology – MIT, demonstram que modelos de desenvolvimento econômico baseado em fontes de investimentos internacionais, que fortaleçam apenas a produção e a expansão do mercado interno, estão prestes a esgotar-se.

Segundo os pesquisadores do MIT, esse tipo de modelo pode fazer o país crescer mas ficar longe do status de uma potência mundial. Isso é o que deve acontecer com a China e mesmo com o Brasil, se certos rumos não forem alterados significativamente.

No caso chinês, hoje o mercado mais promissor do mundo, o modelo tende a esgotar, caso não seja investida uma parcela significativa dos recursos acumulados pelo crescimento econômico em pesquisa científica e inovação tecnológica.

Embora o crescimento chinês seja visto com admiração e também com receio por parte dos governos e empresários internacionais, grande parte das empresas chinesas vive do apoio estatal e adquirem pouca ou nenhuma tecnologia nacional. Enquanto isso, dentro da China, as multinacionais lá instaladas pouco transferem de tecnologia ao país.

Dados mais recentes apontam que as empresas da China investem apenas 1% em pesquisa e desenvolvimento próprios. Essa distância da pesquisa própria produzirá efeito na sustentabilidade desse crescimento e na sua consolidação, mantendo frágil e dependente a economia chinesa dos investimentos estrangeiros referentes a capitais e tecnologia.

Desde 1978, quando a China iniciou um processo de abertura econômica e quando os EUA foram pioneiros nesse processo, cerca de US\$ 500 bilhões foram injetados por parceiros internacionais.

Em contrapartida, nos últimos dez anos a balança comercial chinesa em produtos de alta tecnologia, apresentou um déficit médio de US\$ 12 bilhões ao ano; além disso, 55% das exportações chinesas para o mundo, são feitas por empresas com participação de capital estrangeiro, embora 65% dos investimentos na China não sejam feitos mais em parcerias com empresas chinesas, mas diretamente por capitais externos, ao contrário do que foi feito pelo Japão e Coréia nos seus momentos de maior crescimento.

Mesmo assim, caso a China permaneça com esse ritmo de crescimento, em 20 anos ultrapassará a Alemanha e o Japão e se colocará como a segunda economia maior do planeta, atrás somente dos Estados Unidos.

Entretanto, segundo o MIT, sem uma mudança do seu modelo, tenderá a se transformar em um grande país industrializado e emergente, a mesma classificação dada ao Brasil e Índia, por exemplo, mas longe de ser uma potência econômica e tecnológica.

Nesse estudo do MIT existe uma análise muito interessante, que serve muito ao Brasil, também. Nossa pretensão, no futuro, de ser um país que supera suas dificuldades sociais e econômicas, deve necessariamente passar por uma análise de projeto que se monta para o país, pensando sempre na sustentabilidade tecnológica.

Observar os movimentos internacionais, ter uma ambição não apenas imediatista e projetar com inovação os rumos do país deve ser a palavra de ordem. Além disso, ter um modelo não apenas industrial, mas criativo, inovador e fundamentado na ciência e tecnologia.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

Competitividade e inovação

Recente pesquisa divulgada pela Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia de Empresas Inovadoras – ANPEI, aborda a questão da inovação no cenário produtivo brasileiro.

Esse trabalho é de extrema importância, pois torna mais claro e transparente o “quem é quem” em matéria de produtos e serviços realmente inovadores. Segundo este trabalho, 31,5% das empresas nacionais investem em novas tecnologias. Isoladamente e solto no mercado, esse parece ser um número expressivo e compatível com os das maiores economias globais.

Comparando esse percentual brasileiro de 31,5% com as principais economias, temos a Espanha com 37%, a Itália com 38%, Portugal com 42% e a Alemanha com 60% das empresas investindo em inovações, principalmente as tecnológicas.

Entretanto, esses índices, principalmente no Brasil, escondem uma realidade diferente. A primeira questão é que no nosso país, enquanto algumas empresas se preocupam em criar e colocar no mercado constantemente novos e diferenciados produtos, outras tratam de modernizar suas fábricas e apenas torná-las mais competitivas, via introdução de processos tecnologicamente mais avançados.

De todo modo, além do tipo de investimento que é realizado, chamou a atenção do estudo da ANPEI, as diferenças que existem entre empresas de capital nacional e as estrangeiras. Essa diferença aponta para uma divergência na visão empresarial acerca da importância da inovação tecnológica nos setores produtivos. Enquanto 30,6% das empresas controladas por capitais nacionais investem em inovação, as de capital internacional pulam para 61,8%, portanto, maior do que a média alemã.

Para agravar o hiato entre empresas nacionais e estrangeiras, a maioria dos investimentos das nacionais é dirigida apenas à modernização e à compra de máquinas e equipamento de última geração. Enquanto isso, as empresas de capital internacional fazem, além disso, investimentos em pesquisa e desenvolvimento de novos processos e produtos.

O resultado desse diferencial de visão e de investimentos é que mesmo representando apenas 3% do total das empresas do

país, aquelas com capital estrangeiro são responsáveis por 30% da receita líquida nacional.

Evidentemente existem muitos fatores como capitais e transferência de tecnologias entre matriz e filial brasileira, além de tipos diferenciados de produtos e de mercados. Entretanto, esse estudo da ANPEI não pode ser negligenciado, pois mostra como as empresas internacionais estão se preparando e fazendo da inovação uma poderosa ferramenta para alavancar seus negócios e expandir seus mercados com uma competitividade de seus produtos e serviços.

Muitas empresas nacionais e, mesmo de nossa região são exemplos bem sucedidos de incorporação da cultura de inovação em seu meio empresarial. Talvez tenhamos que explorar melhor esses bons exemplos e seus resultados.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Empresas e inovação

O estudo realizado pela Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia de Empresas Inovadoras – ANPEI, através da pesquisa “Como Alavancar a Inovação Tecnológica nas Empresas” analisou 72 mil indústrias no país e entrevistou empresários entre agosto de 2003 e maio de 2004.

O primeiro retrato desse estudo da ANPEI aponta que as empresas estrangeiras instaladas no país são as que mais investem em inovação tecnológica. Além disso, dentre as nacionais, aquelas que fazem um grande esforço inovativo estão mais voltadas à exportação ou concorrem no mercado interno com os grandes grupos internacionais instalados no país.

Mesmo assim, as empresas nacionais que mais investem em inovação tendem a buscar uma redução de custos de produção e um preço final competitivo, mas pouco se dedicam ao lançamento e desenvolvimento de novos produtos. Essa ação leva grande parte das empresas nacionais que ainda investem em inovação a concorrer no preço final dos produtos, reduzindo seu ciclo de sucesso, pois ao se dedicarem à redução do preço final, descuidam-se dos novos processos e produtos realmente inovadores.

O estudo da ANPEI, ao analisar o índice de inovação referente a processos comparando empresas de capital nacional e estrangeiro, apontou que as brasileiras possuem um índice de 24,5%, enquanto as de capital externo possuíam em média 47,3% de desenvolvimento de inovação.

Pode-se também mensurar em termos de investimentos a diferença entre as empresas nacionais e internacionais aqui instaladas: enquanto as brasileiras têm em média R\$ 2,7 milhões em investimentos por unidade em inovação, suas concorrentes de capital estrangeiro investem R\$ 5,6 milhões. De todo modo, os investimentos das grandes companhias nacionais se aproximam muito das suas similares internacionais.

O grande problema é que quanto menor o tamanho da empresa nacional, menor é também seu investimento em inovação tecnológica. Esse vácuo deixado pelas pequenas e médias empresas brasileiras, externa os problemas de sistemas de gestão inadequados, falta de crédito, sem processos ou produtos inovadores, pouca participação na difusão tecnológica e sérios proble-

mas de comercialização de seus produtos, para citar alguns dos problemas detectados.

Deve-se buscar melhorar esse desempenho com algumas ações emergenciais, entre elas, o barateamento dos custos de investimentos necessários à inovação tecnológica, criar e ampliar os programas e as políticas públicas para o setor de inovação, ampliar os recursos para a pesquisa e a transferência de tecnologia entre universidades e centros de pesquisa e as empresas, além de ampliar os grupos de estudos dedicados à inovação tecnológica.

Essas ações devem ser rapidamente implantadas sob pena de se ampliar ainda mais o fosso que separa a maioria das pequenas e médias empresas nacionais da inovação e da competitividade internacional.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Criar e pensar

No cenário da nova ordem econômica mundial neste século XXI, destaca-se não apenas a produção de bens, mas acima de tudo, a geração do conhecimento, especificamente, o processo de criação e seu controle.

O domínio intelectual dos produtos e processos é o que vai determinando o futuro econômico de empresas, países e economias. Esse processo é tão acelerado que nações como o Brasil que, ao longo do século XX fizeram grandes avanços em termos científicos, tecnológicos e industriais, podem retornar à pré-história do novo modelo econômico baseado na sociedade do conhecimento.

Um dos indicadores dessa mudança de modelo é a produção de tecnologia e, se tomarmos por base a economia norte-americana como a maior do mundo, podemos ter uma idéia desse processo. O escritório de patentes norte-americano, conhecido como USPTO registrou entre 1976 e 2005 1.226.000 patentes a empresas americanas; no mesmo período, 556000 japonesas, 183.000 alemãs, 74000 francesas, 54000 inglesas; 35000 canadenses e 28000 para empresas italianas.

Na mesma época, o Brasil registrou apenas 975 patentes, contra 3300 da Coreia, que parece ser agora nossa referência imediata.

Tomando como base outros países, mesmo aqueles que não são da vanguarda tecnológica, o Brasil, com suas 975 patentes, ainda representa muito pouco. Basta olhar a Espanha com 2600, China 1600, Índia 1170, Austrália, 10100, Holanda 2085 e África do Sul com 1380.

Um olhar interno sobre nossas empresas, revela que, das 975 patentes brasileiras nos EUA, 144 foram da Petrobrás, 17 de Furnas, 13 do Vale do Rio Doce, 9 da Fiocruz, 3 da Embrapa, 1 da USP e assim por diante.

Comparando nossa maior empresa depositária de patentes, a Petrobrás, com suas concorrentes internacionais, vemos que mesmo ela patenteia pouco suas idéias ou cria pouco em relação aos concorrentes. A Mobil tem, no mesmo período, 6000 patentes, a Shell 5700, Texaco 3500. Só para citar algumas.

No campo das universidades, a USP, a maior universidade do país, tem apenas uma patente, enquanto que as norte-americanas como a Universidade do Texas 2000, Harvard 644, Columbia 1500 e o MIT 2850.

Essas diferenças cada vez mais aumentam, criando uma dependência criativa e tecnológica que pode, nos próximos anos, inviabilizar nossa economia e sociedade de maneira irreversível. Isso se torna real e perceptível, uma vez que o planeta ingressou de vez na chamada sociedade do conhecimento, onde criar e pensar assumem a vanguarda e o primeiro posto de importância, na frente mesmo do produzir.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

A tecnologia da informação

No ano de 2004, nosso país apresentou o seu melhor desempenho econômico nos últimos dez anos, podendo manter, ainda, um crescimento considerável neste ano de 2005.

Mesmo diante dessa expansão econômica, do ponto de vista da educação e, principalmente, do domínio e do uso das tecnologias, o Brasil mostra-se ainda resistente. Além disso, a cada ano o país tem piorado seu desempenho em relação a outros países.

Em recente pesquisa realizada em 104 países pelo Fórum Econômico Mundial, ocorrido no início do ano e apresentado em Davos, na Suíça, foi montado um ranking do desenvolvimento tecnológico ICT (a sigla em inglês para tecnologia da informação e comunicação).

Nesse estudo o Brasil apareceu, no ano de 2004, na 39ª posição; entretanto, o estudo desse ano coloca nosso país na 46ª posição, ou seja, caímos mais lugares.

Esse fenômeno de queda atingiu todos os países latino-americanos com exceção do Chile, país latino-americano mais bem ranquiado, e que passou de 32º para 35º colocado, todos os demais tiveram quedas consideráveis no ranking da tecnologia de informação.

O México, por exemplo, caiu da 44ª posição para a 60ª e a Argentina da 50ª para 76ª. Esse descompasso latino-americano deve continuar no futuro imediato, principalmente pela falta de políticas públicas, baixa penetração de Internet nas comunidades e sua aplicação empresarial, além da evasão de cérebros e técnicos especializados na implantação das tecnologias.

Em oposição a esse atraso de nosso continente, os países do leste europeu e do Oriente são aqueles que mais crescem no ranking da tecnologia. Os 10 países mais bem colocados em 2005 são: Cingapura 1º, Islândia 2º, Finlândia 3º, Dinamarca 4º, Estados Unidos 5º, Suécia 6º, Hong Kong 7º, Japão 8º, Suíça 9º e Canadá 10º. Dentro desse Clube de privilégios, os Estados Unidos também experimentaram uma queda, passando da 1ª posição para a 5ª.

Esse estudo, além de ranquiar os países, aponta para uma questão importante que é a relação entre a posição no ranking e a competitividade global de cada economia.

Por sua vez, essa competitividade está relacionada aos investimentos que cada país faz com pesquisa, ciência, tecnologia, inovação e educação. Portanto, ao melhorarmos e potencializarmos os investimentos públicos e privados do nosso país em áreas fundamentais como o ensino, a ciência e a tecnologia, estaremos investindo em um retorno de qualidade e alto desenvolvimento econômico e humano para nossa população.

Não existe milagre econômico e social, e nenhuma experiência bem sucedida de países que avançaram, que não leve em consideração esses fatores.

Nossos dirigentes devem tomar as medidas necessárias para efetivamente alavancar o desenvolvimento de nossa sociedade de maneira sustentada e contínua. Nesse sentido, todos os planejamentos devem eleger a educação, a ciência e a tecnologia como prioridades dentro de um processo real de mudanças.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Não existe
milagre
econômico
e social

O abismo digital

Desde o início da nossa civilização estão presentes o desenvolvimento e domínio de ferramentas e de tecnologias. Esse desenvolvimento sempre esteve ligado ao processo histórico e a ampliação dos horizontes da humanidade.

Dos tempos imemoráveis do domínio do fogo a nanotecnologia e a biotecnologia, houve um grande período decorrido; entretanto, o aperfeiçoamento e as novas descobertas científicas do final do século XIX até os nossos dias, possibilitaram um avanço muito mais rápido do que o percebido anteriormente.

Nos dias de hoje temos a impressão de que pisamos no acelerador da história e do avanço tecnológico, o tempo parece passar mais rápido, assim como diminuiu o período de duração de equipamentos, tornados obsoletos em poucos anos ou meses, pelo avanço da ciência e da tecnologia.

Esses fenômenos não são meras impressões, vivemos em um mundo extremamente dinâmico e competitivo, cheio de estímulos e nossa percepção está permanentemente ligada nas opções que a vida moderna oferece, como diferenciais, trabalho, filhos etc. Portanto, nosso cérebro está sempre atento e ocupado, o que nos dá a sensação de passagem muito rápida do tempo.

Quanto às tecnologias e seu “boom”, nunca tantas pessoas estiveram dedicadas à pesquisa e a inovação no mundo todo. Além disso, nunca tantos recursos materiais foram disponibilizados para o descobrir e inovar.

Para se ter uma idéia, três países no mundo disponibilizam mais de 3% de seu Produto interno bruto PIB para a pesquisa e o desenvolvimento, isso apenas com as verbas estatais, sem contar com os investimentos privados. Os campeões de investimento são: a Suécia, com 3,90%, a Finlândia, com 3,9% e o Japão, com 3% de seu PIB.

Essa ação diferenciada de alguns países está levando a um processo de distanciamento cada vez maior, aprofundando as diferenças econômicas e tecnológicas entre as nações, como nunca antes visto.

Esse processo criou, nos últimos anos, um verdadeiro abismo digital entre os países. Mais do que nunca, os elementos de criação vão distinguindo as nações, a ponto concentrando a produ-

ção do conhecimento, que países periféricos da África e América Latina estão ficando cada vez mais marginalizados no processo, a tal ponto de serem vistos como o mundo da barbárie.

Se no passado remoto, a diferença entre a civilização e a barbárie, foi marcada, entre outras coisas, pelo sistema legal e organização sócio-política e econômica, hoje é delimitado pelo avanço tecnológico, pela inclusão digital e, principalmente pela produção do conhecimento.

No limiar do século XXI, é o conhecimento o grande diferencial e o propulsor da nossa civilização. Quem não observar isso, se desloca gradualmente do processo civilizatório, para a periferia, onde está o mundo considerado bárbaro.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

O fim do mundo

Não, hoje não estou escrevendo sobre o final dos tempos ou sobre o Apocalipse, falo literalmente das terras do fim do mundo, a Finlândia.

Desde os tempos do Império Romano há dois milênios atrás, as terras do que hoje conhecemos como Finlândia, um país localizado no extremo norte da Europa acima do paralelo 60° norte, já era conhecido como o fim do mundo, por isso Finlândia, Finland ou Suomi, na língua local, o finlandês.

Nesse sentido, o que se poderia esperar de um país quase nove meses do ano coberto de gelo, próximo ao círculo polar ártico, terras de renas e tendo em seu território a região da Lapônia, conhecida internacionalmente como a terra do papai Noel.

Além disso, nesse país é falado um idioma completamente diferente dos troncos lingüístico europeus, tão diferente quanto o Basco, na Espanha. Um idioma somente falado naquele país e que se estruturou como língua escrita somente na primeira metade do século XIX.

O que esperar de um país e de um povo isolado, que durante séculos viveu a barbárie e o frio glacial, depois foi dominado por suecos e russos até 1917, quando finalmente conseguiu sua independência política, mas com uma fragilidade no quadro geral das guerras mundiais do século XX.

O que esperar de um país que tinha no manejo de suas geladas florestas e milhares de lagos sua principal atividade e que ainda na década de 1980 enfrentou a fome e uma profunda crise econômica, pois seu principal parceiro comercial, a então União Soviética, entrou em colapso e deixou de importar madeira, polpa, papel e produtos siderúrgicos finlandeses, arrastando o país a uma grave depressão.

O que esperar de um país que, no passado recente, possuía uma empresa no interior e que produzia madeira e sub-produtos, depois deu um salto tecnológico e de diversificação e passou a produzir derivados da borracha como pneus e galochas. Esse país é a Finlândia e essa empresa é a Nokia, a maior empresa mundial na fabricação de telefones celulares e se tornou o motor de um país, que seguindo seu exemplo, empreendeu de tal forma que

passou a figurar na liderança de muitos indicadores internacionais, como os índices de desenvolvimento humano e tecnológico.

A Finlândia conseguiu, em menos de trinta anos, passar da condição de nação extrativista e da periferia econômica da Europa, para se tornar um país de grandes perspectivas de futuro, juntando-se à Dinamarca, Noruega e Suécia como nações mais desenvolvidas do planeta.

Parece que estar no fim do mundo têm feito bem a esses países do norte europeu, enquanto isso, aqui abaixo do Equador, nos trópicos, não temos sabido aproveitar as oportunidades.

Então, onde estamos, já que a Finlândia é o fim do mundo?

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

A China veloz

Uma das últimas imagens que guardo da China é a saída de Xangai para seu aeroporto. Pode-se despachar as malas e embarcar em um moderníssimo trem desenvolvido entre a Siemens e a China. Trata-se do Meglev, um trem que flutua no ar, e movimenta-se sem atritos e sem rodas através do magnetismo.

O Meglev liga o centro de Xangai ao seu aeroporto em um trajeto de pouco mais de 30 km, atingindo a fantástica velocidade máxima de 434 km/h. Esse me parece o retrato da China hoje, um país milenar, onde convivem o velho e o novo que se move a mais de 400 km/h.

Essa nação alia a alta tecnologia e a parceria internacional e coloca a funcionar melhorias importantes nas questões de infraestrutura do país. Quem conheceu a China há alguns anos atrás, percebe que mudanças significativas estão ocorrendo em todos os campos, inclusive nas questões sociais, relações de trabalho e condições de vida.

A China é um grande canteiro de obras em suas principais cidades, centenas de construções estão sendo erguidas e quarteirões inteiros estão vindo abaixo, dando lugar a prédios novos, jardins, praças e muitas avenidas largas.

O processo de modernização é intenso e rápido, parecem querer tirar um atraso histórico. Nas ruas, as tradicionais bicicletas dão lugar a novos automóveis e embora o governo limite o número de licenças a cada mês, têm se multiplicado rapidamente. Com isso, o trânsito é confuso e as manobras dos motoristas se tornam verdadeiras façanhas no volante; além disso, o pedestre e as bicicletas não têm vez.

Os chineses dirigem automóveis como se estivessem na condução de bicicletas, será um longo aprendizado para uma transição mais civilizada de trânsito. Bem, nesse quesito do trânsito, nós, brasileiros, não somos um modelo exemplar, embora tenhamos feito progressos.

O importante é que a China está ficando cada vez mais veloz e a introdução em massa do automóvel, do trem magnético e da expansão alucinante do mercado aeroviário, está determinando um novo padrão e conceito no transporte de massas.

A China se movimenta e o grande dragão tem rodas, asas e flutua no ar. Não é um modelo exemplar de sociedade que possamos imitar ou seguir. Nem tudo o que acontece naquele país é positivo, entretanto, é inegável seu avanço para um futuro melhor.

Continuo com a convicção de devemos olhar o que acontece e porque acontece na China, analisando quais são os fatores que fizeram a grande nação do Oriente despertar de um sono profundo; talvez sua cultura milenar dê o fôlego necessário para seu avanço.

Penso também, que nós, brasileiros, devemos olhar para dentro de nossa sociedade e procurar as alternativas inovadoras para também avançar no quadro geral das nações e das culturas desenvolvidas.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Competitividade e Inovação

Nas últimas semanas escrevi um pouco sobre a China, seus avanços, pontos de crescimento e algumas comparações daquele país com outros emergentes, entre eles o Brasil.

Em todos os artigos procurei chamar a atenção para o potencial chinês, mas acima de tudo, colocar nosso potencial e problemas internos como o ponto chave para um crescimento autêntico e possível de ser realizado.

Essa observação parece se confirmar quanto analisamos as informações sobre a competitividade internacional, divulgadas pelo Fórum Econômico Global. Nesse ranking, o Brasil, no último ano, caiu 8 posições, ficando em 65º lugar.

No topo desse ranking aparecem a Finlândia (1º); USA (2º); Suécia (3º); Dinamarca (4º); Taiwan (5º); Singapura (6º); Islândia (7º); Suíça (8º), Noruega (9º) e Austrália (10º lugar). Coincidentemente, esses são os países que nos últimos anos têm mais investido em pesquisa e inovação tecnológica.

A Finlândia mantém-se no topo da lista há três anos e não dá mostras de sair dessa posição, pois lá, as políticas públicas transformaram a inovação em crescimento econômico real.

Enquanto isso, os Estados Unidos, que antes da Finlândia ocupara a liderança, estacionou no segundo lugar, mesmo com a fragilização de sua economia e a desvalorização de sua moeda frente ao Euro, mas graças a sua altíssima capacidade de inovar.

Entre os países emergentes, o grande destaque é o Chile (23º), primeiro da América Latina e que está nessa posição graças ao controle de gastos do governo e importantes investimentos na educação, saúde e na legislação para o funcionamento das empresas e pagamento de impostos, feito de maneira mais simplificada.

No Brasil, mesmo o controle da inflação e o recorde de exportações, somado ao ajuste fiscal, não permitiram uma melhoria, pois principalmente as questões ligadas à corrupção e à perda da credibilidade pública, aliada à falta de reformas estruturais empurraram o país oito posições para baixo. Somente para citar, nessa pesquisa realizada em 117 países, estamos atrás da China (49º); Índia (50º); Uruguai (54º) e México (55º).

Caímos várias posições, principalmente pela percepção da má qualidade das instituições públicas e sua precariedade de ação, formulação e manutenção de políticas.

Começa a se formar de forma definitiva, uma sensação de perda de uma nova oportunidade no panorama internacional. Estamos desperdiçando uma oportunidade atrás da outra, mais por incapacidade nossa de gerenciar e planejar nossa ação, do que apenas por méritos dos países, como a China, Índia e Chile, apenas para citar alguns, que têm operado transformações importantes e com resultados efetivos.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Desenvolvimento regional sustentável

Cada vez mais as questões que envolvem o uso de novas tecnologias, tanto na produção quanto na conservação ambiental, estão se tornando vitais para o desenvolvimento das empresas e das regiões.

O uso adequado e dosado dessas tecnologias pode produzir a diminuição das desigualdades e da pobreza, assim com pode também, acirrar mais ainda o processo. Na ponta positiva do uso das tecnologias, destacam-se a tecnologia da informação e de comunicação e a biotecnologia, como possíveis propulsores do desenvolvimento sustentável das sociedades do futuro.

As tecnologias de informação e de comunicação seriam capazes de romper as barreiras geográficas, garantindo o acesso à educação de qualidade para um número maior de pessoas. Também, levaria os programas de saúde pública e outras informações aos bolsões de extrema pobreza, em regiões como os conglomerados urbanos.

Enquanto isso, a biotecnologia, ao mesmo tempo em que é capaz de refinar e tornar, de altíssima qualidade, produtos como o vinho, o queijo, a fruta e outros artigos de consumo seletos, proporciona um grande rendimento na agricultura voltada à alimentação.

Deve-se pensar também, que o progresso da sociedade e, por conseguinte, da ciência e tecnologia, não são feitos somente de máquinas, equipamentos e de algumas áreas específicas. O componente humano e a interdisciplinaridade são de fundamental importância e, pela sua sensibilidade, precisam de mais tempo para firmar-se e desenvolver-se. Assim sendo, não apenas a tecnologia, mas as pessoas, sua capacidade de aprendizado, formação e capacitação devem ser enfocadas.

Nesse momento muito difícil que vivemos em nossa região, com as dificuldades de produção, o fechamento de empresas, a falta de emprego, renda e perspectiva, a tecnologia não pode dar uma resposta sozinha.

As políticas públicas, os juros altos, as dificuldades de crédito, o pouco investimento na formação das pessoas e a qualidade da gestão de muitas empresas, são outros empecilhos importantes.

Além disso, nossa situação se torna mais precária pela canibalização que se realiza em nosso próprio país. Basta folhar as páginas dos jornais e ver ofertas de outros Estados brasileiros, oferecendo vantagens para atrair nossas empresas, numa verdadeira guerra fiscal.

São oferecidas vantagens que têm levado muitas empresas locais para outras regiões do país. Se isso acontece, devemos repensar ou considerar quais são os elementos da crise, até que ponto esses elementos de fato interferem ou são ainda utilizados de forma contraditória.

Qualquer alternativa que seja buscada deve levar em conta as múltiplas necessidades e as completas relações, sob pena de nunca atingirmos um desenvolvimento regional, realmente sustentável.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

Investir em inovação

Em um mundo globalizado, cada vez se torna mais acirrada e competitiva a vida das pessoas e das empresas. Essa tendência tem caracterizado o mundo dos negócios nos últimos anos e, ao que parece, está longe de se encerrar.

Diante desse quadro de transformações, muitas empresas que hoje experimentam o sucesso e a expansão são aquelas que optaram pelo caminho da melhoria de seus processos produtivos e de gestão, e, dentro desse grupo, sobressaem-se, principalmente, aqueles que investiram na inovação tecnológica de produtos e processos.

Em termos de Brasil, no período entre 2001 e 2003, apenas um terço das empresas melhorou seus processos produtivos ou lançou um novo produto, ou seja, fez alguma inovação, em sua ação.

Esse quadro de baixa inovação, sobretudo na indústria nacional, cria, na opinião da Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia das Empresas Inovadoras - ANPEI, uma certa falta de apetite inovador no setor produtivo nacional.

Esse fator não ocorre apenas por desejo de não inovar ou desconhecer o jogo internacional dos negócios, mas, sobretudo, por alguns fatores que ainda travam a inovação nacional.

Dentre os principais problemas da tímida inovação tecnológica da indústria brasileira, surge o cenário macroeconômico nacional, confuso e cheio de incertezas e turbulências. Além disso, mesmo com todo o esforço dos últimos anos, é dúbia a estratégia nacional de inovação e os recursos ainda são restritos e com pouca amplitude.

Somando a esses aspectos aparece um outro elemento de extrema importância que é a ausência de uma cultura inovadora no empresariado nacional. Esse fator é determinante para alterar os fatores anteriores e realmente impulsionar o país rumo a uma qualificação, evolução e sustentabilidade de seu parque industrial com foco na pesquisa e desenvolvimento de maneira inovadora.

Enquanto pensamos e não agimos rumo a uma inovação tecnológica de fato, países como a Índia, China, Israel, Coréia, México, entre outros, têm avançado muito mais do que o Brasil nessa área, sinalizando um cenário de novas dificuldades para os produtos e

a indústria nacional. Essas nações vão gradativamente ocupando espaço de produtos nacionais no mercado internacional.

Além disso, devido ao avanço das nações mais desenvolvidas no plano da inovação e das novas tecnologias, se não atentarmos às tendências internacionais teremos um quadro de muitas dificuldades de produção. Como inovar pressupõe planejar e para implantar é preciso de um tempo para acontecer, assim é necessário empreender o mais cedo possível.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Buscando o novo, o inovador

Um dos maiores desafios que se colocam às Instituições de Ensino e às empresas é a busca de um perfil ideal de formação para seus alunos e colaboradores. Alguns pregam a necessidade extrema de um sólido conhecimento teórico, outros, na extremidade oposta, ditam um atrelamento automático ao mercado. No meio do caminho, estão aqueles que até criaram um jargão nacional, que diz: “conjuguar a teoria e a prática”.

Todas essas posições foram forjadas durante muitas décadas, principalmente no século XX, quando muitos de nós acreditaram que a extrema especialização das pessoas e dos profissionais seria o perfil indicado para um mundo industrializado e diversificado. Dentro dessa premissa, apregoaram-se mudanças no ensino, na contratação de profissionais, no discurso dos governantes e nas práticas dos professores e empresários.

A afirmação do mundo especializado parecia ser um caminho sem volta e determinante para o sucesso pessoal e profissional. Marcou-se assim a apologia do técnico e do especialista, subdividindo o conhecimento humano em sub-áreas cada vez menores, tornando o especialista uma pessoa que sabe cada vez mais sobre cada vez menos.

Nessa visão, o conhecimento se afunila e reduz a experiência humana a microcosmos cada vez menores e isolados. Essa experiência se opõe a grandes momentos da história da humanidade, por exemplo, com Confúcio, Sócrates, Platão e Leonardo da Vinci, para citar alguns. Esses homens foram valorizados exatamente por sua capacidade de enxergar o todo e dominar vastas áreas do conhecimento.

Esses espíritos mais amplos, abrangentes e sistêmicos, proporcionaram uma abertura maior, um caráter inovativo e criativo em busca da resolução dos problemas do mundo, mas mantendo a complexidade da existência humana. Essa visão ampla do mundo se opõe à especialização e percebemos agora uma significativa mudança novamente ocorrendo. Não se nega a necessidade de especialização em determinadas áreas, mas cada vez mais se valoriza e torna competitivo quem tem uma ampla visão do mundo.

Nas economias mais importantes do planeta e nas corporações mais competitivas e inovadoras, têm ascendido cada vez mais aos cargos diretivos os indivíduos sistêmicos. Em um mundo cada vez mais igual, a compreensão da diversidade, seu entendimento e a saída do ostracismo intelectual determinam os diferenciais.

A sociedade do conhecimento que se ergue no século XXI aponta na direção dos valores universais, multiculturais e multidisciplinares, que possibilitam ao homem saber da vastidão do universo e também de sua própria existência. Sobre essa base e esses conceitos, parece se assentar hoje o perfil de formação das pessoas, acima de tudo, múltiplo e inovador.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Ciência e riqueza

A produção científica brasileira vem crescendo significativamente a cada ano. Para se ter uma idéia desse avanço, podemos tomar por base o número de trabalhos científicos publicados em periódicos qualificados; esse volume evoluiu de 1.923 publicações, em 1981, para 16.950, em 2005.

O crescimento da produção científica, porém, não necessariamente tem se transformado em inovação para os setores produtivos nem acrescido positivamente na competitividade das empresas nacionais.

Para tanto, basta olhar que embora em pouco mais de 24 anos, a publicação científica tenha crescido 10 vezes, o número de patentes de produtos evoluiu pouco; foram de 178, em 2000, e apenas 283, em 2005.

Esses indicadores apontam que o Brasil não aprendeu ainda a pensar na ciência e sua transformação efetiva em riqueza. Somos capazes de produzir 1,8% do conhecimento científico global, mas não transformamos essa criação em riqueza efetiva, uma vez que respondemos por apenas 0,2% das patentes internacionais.

É muito difícil medir a transferência do conhecimento científico criado e a sua aplicação prática, por isso o registro de patentes é significativo, pois é uma das formas de medir o grau de transferência de conhecimento e inovação a processos e produtos.

As causas para esse distanciamento são muitas, mas, de um modo geral é provável que nosso país não tenha aprendido a fazer a ciência chegar dentro das empresas, não superando os muros que separam a academia dos empresários.

Na visão do Ministério da Ciência e Tecnologia – MCT, existem muitas causas, entretanto, três delas respondem pela maioria das situações. Primeiramente, o Brasil forma pesquisadores de maneira organizada e criteriosa há apenas 40 anos e em um número reduzido, não atendendo a todas as áreas necessárias. Isso levou a um inicial atendimento da demanda do meio acadêmico, não permitindo que esses pesquisadores chegassem aos setores produtivos do país, o que estimulou a separação da pesquisa em relação à empresa.

Também se deve levar em conta que a tardia industrialização brasileira ajudou a formar, de forma geral, um empresariado con-

servador no âmbito da investigação e da pesquisa, com pouca cultura científica, tecnológica e de inovação.

Finalmente, muitas vezes, as políticas públicas de pesquisa e inovação não se conectam ou, então, atendem a um grupo muito restrito de empresas e segmentos produtivos. Além disso, são pouco atrativas as ofertas para incentivar e financiar essas atitudes por parte das empresas.

Mesmo diante de grandes dificuldades, observamos, nesses últimos anos, um despontar por parte das universidades, centros de pesquisa e empresas, diante da necessidade da pesquisa e do trabalho conjunto.

Melhor para o país e todos os cidadãos, pois, em todos os lugares onde a ciência avançou, ela transformou-se em riqueza e houve uma significativa evolução das sociedades.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Universidade, inovação e conhecimento

A universidade tem sido uma das instituições mais duradouras da história da Humanidade. Deve isso, em grande parte, a sua grande capacidade de adaptação e de mudança, ao longo dos últimos milênios. Ela nasceu à sombra das catedrais, ligada ao ensino, à prática docente e fechada em suas paredes e muros, com a preocupação inicial quanto à formação intelectual de uma elite letrada.

Entretanto, ela foi transformando-se ao longo dos séculos e incorporando a pesquisa e a extensão, que lhe deram, no final do século passado, uma estrutura mais equilibrada, mas, por outro lado, descortinaram um mundo de oportunidades e interações, que, nem sempre, foram creditadas a ela. Dessa forma, no limiar do século XXI, ganhou ares de agente de transformação local e regional, agregado ao seu apelo universalista.

Cada vez mais, criam-se as condições de superação dos seus muros, o que, aliás, acelerou-se devido às transformações tecnológicas, ideológicas e doutrinárias desse início de milênio. Hoje, existe um grande movimento mundial que prevê que as Universidades, cada vez mais, respondam por suas comunidades e desempenhem um papel inovador, acompanhando as mudanças incrementadas pela nova sociedade que surge, denominada por alguns como a Sociedade do Conhecimento.

De qualquer forma, é preciso compreender que vivemos uma nova era, um novo paradigma social, marcado pelo acelerado ritmo da globalização econômica e cultural. Vivemos, também, o acelerar dos paradigmas, especialmente os tecnológicos. Basta olhar para algumas áreas do conhecimento e perceber. Por exemplo, no campo da eletrônica, passamos das válvulas para os transistores, daí, aos circuitos Integrados; da eletrônica para a informática e às nanotecnologias.

Do ponto de vista social, também vivenciamos um acelerar dos paradigmas sociais. Basta ver, do ponto de vista histórico e temporal, quanto e quão rápido avançamos desde as primeiras civilizações e a invenção da escrita, há alguns milhares de anos, passando pelo mundo clássico greco-romano, as cidades-Estado, a explosão criativa e inovadora do Renascimento, com a in-

rodução no Ocidente da Imprensa e a fantástica multiplicação das idéias e do conhecimento. Da mesma forma e com uma velocidade maior ainda, entramos no iluminismo e na sociedade industrial, revolucionando nosso modo de produção, acelerando a destruição da natureza e alterando, de forma nunca antes vista, as relações de trabalho, do Estado e da vida pública e privada.

Agora, é perceptível a transformação de áreas da nossa civilização em um novo paradigma de atitude. Essa nova sociedade, na qual o conhecimento ganha uma força propulsora, comparada à energia ou às matérias-primas da sociedade industrial, é o novo desafio que apresenta a inovação, como ponta de lança dessa transformação.

A maioria das pessoas, porém, não está preparada para as mudanças, especialmente as paradigmáticas. Isso se agrava, se essas alterações começam a ocorrer em intervalos de tempo cada vez menores e com mais profundidade. Esses elementos agravam a percepção sobre a crise e a mudança dos paradigmas e tocam o ponto de equilíbrio e conforto das pessoas e das organizações.

Pior ainda para aqueles que não perceberam as mudanças e continuam, nostálgicos, falando dos "velhos tempos" que não voltam mais.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

A bananada da vovó

Circulou na internet, há algumas semanas, o discurso que um professor universitário carioca teria proferido durante a formatura de uma turma de engenharia, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro –UERJ. Não chequei se isso de fato aconteceu e se o professor existe, mas ao ler o texto, achei-o incrivelmente criativo, de grande importância para uma reflexão mais ampla das pessoas sobre nosso país e a condição de cidadania. Por essas e outras razões, fiz um apanhado geral da fala do professor, procurando resgatar seus principais pontos.

Esse professor iniciou seu discurso aos formandos falando sobre as bananas e a bananada da vovó. Segundo ele, a banana é um recurso natural que não sofreu nenhuma transformação, enquanto a bananada é a soma da banana a outros ingredientes, mais o conhecimento da vovó. Portanto, a banana é um produto pronto, que também pode ser chamado de riqueza, e a vovó é a dona do conhecimento. Além disso, 1 kg de banana custa cerca de R\$ 1,00, e o da bananada, R\$ 5,00. Porque essa diferença de preço??

Quando colhemos as bananas, criamos um emprego, que é o do colhedor de cachos. Já na produção da bananada, estimulamos a criação de postos de trabalho nas fábricas de açúcar, painéis, fogões, embalagens, gás, etc. Portanto, 1 kg de bananada é mais caro do que o mesmo peso em bananas, porque se agregaram novos produtos, serviços e conhecimento.

Pode-se fazer a mesma comparação média com 1 kg de soja custando US\$ 0,10; 1 kg de automóveis, US\$ 10,00; 1 kg de aparelhos eletrônicos, US\$ 100,00; 1 kg de avião, US\$ 1.000,00; e 1 kg de satélite, US\$ 50.000,00. Em resumo, quanto mais tecnologia e conhecimento agregado a um produto, maior é o seu preço, mais empregos ele vai gerar na sua cadeia de fabricação.

Essa é a mesma lógica aplicada quando compramos uma placa de computador que pesa 100g e pagamos aproximadamente US\$ 250,00. Para pagar esse material importado, precisamos exportar cerca de 20 toneladas de minério de ferro. Quantos empregos são gerados na fabricação da placa e quanto na extração do minério?? Além disso, onde se geram esses empregos?

Infelizmente, quando, no Brasil, fabricamos bens com alta tecnologia, quase sempre fazemos apenas a montagem final do

produto. Por exemplo, produzimos 5 milhões de televisores ao ano, mas nenhum brasileiro projeta televisores. O Brasil normalmente entra com a mão-de-obra barata, enquanto os projetos e a tecnologia ficam no estrangeiro.

Compartilho da visão do professor carioca que acredita que o desenvolvimento científico e tecnológico do nosso país garantirá aos brasileiros a soberania das decisões econômicas, políticas e tecnológicas.

Além disso, devemos refletir se continuamos a colher bananas, que podem ser produzidas e colhidas em qualquer outro país com clima e mão-de-obra barata, ou optamos pelas bananadas. Sábia a vovó que já entendia desse negócio chamado conhecimento.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Devagar, quase parando

Em tempos de apagão aéreo, neblina, acidentes, problemas climáticos e busca de combustíveis e energias alternativas mais limpas, os trens aparecem, mais uma vez, como uma bela alternativa.

Em vários lugares do mundo, a opção de transporte através de trens manteve-se firme, mesmo com o barateamento da aviação comercial, a expansão de rodovias e o uso de ônibus e automóveis como meios de transporte.

Enquanto isso, no Brasil, o sistema ferroviário parou e foi visto como sendo ultrapassado e lento. Isso foi parte da política de alguns governos e de empresas que procuravam colocar o transporte rodoviário como sendo o preponderante no país.

Há alguns anos, conseguimos reaver algumas linhas férreas, mas quase que exclusivamente realizando o transporte de carga, mantendo os passageiros longe dos trilhos. Observa-se, ao mesmo tempo, a lenta expansão do metrô e dos trens de superfície nas grandes cidades e nas regiões metropolitanas; em São Paulo, arrasta-se em obras intermináveis, enquanto na superfície o trânsito e a poluição deixam a cidade caótica.

Nós, gaúchos, empacamos o nosso trensuburb, criado como uma alternativa de transporte na Grande Porto Alegre, não conseguiu expandir-se. Na verdade, não conseguiu nem licitar a obra de extensão de São Leopoldo a Novo Hamburgo, muito menos a implantação da outra linha, que nem saiu ainda do papel. Enquanto isso, a ligação do interior com a capital experimenta o inferno de uma BR-116 congestionada e a falta de uma qualidade no transporte metropolitano de passageiros.

Para desespero nacional, observamos, em várias regiões do planeta, serem implantados novos e modernos trens, cada vez mais rápidos, confortáveis e adequados ao modo de vida urbana das pessoas. Na China, na cidade de Xangai, por exemplo, um moderníssimo trem desenvolvido pela empresa alemã Siemens, o Maglev, liga a cidade ao aeroporto e atinge 430 km/h, sem tocar os trilhos, movido pelo magnetismo.

Na semana passada, na Europa, começou a funcionar a primeira de uma série de novas linhas de trens de alta velocidade, que vai conectar as principais cidades do velho mundo. Essa primeira linha de 300 km vai de Paris a Estrasburgo, dali, através de

conexões, pode-se chegar a Luxemburgo, à Alemanha e à Suíça. Além disso, seis novas linhas estão sendo construídas, todas projetadas para atingir velocidades superiores a 250 km/h e, para nossa surpresa, devem estar sendo inauguradas ainda em 2007.

Enquanto a velha Europa aposta em linhas de trens de alta velocidade, nós, brasileiros, vamos convivendo com a falta de planejamento e, quando ele acontece, parece estar desconectado das principais tendências tecnológicas internacionais.

Em um ano, a Europa foi capaz de implantar seis linhas de alta velocidade, enquanto isso, em mais de 10 anos, nós, gaúchos, não conseguimos estender o trensurb em mais duas estações.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

A revolução da inovação

Uma nova revolução está em marcha no mundo todo: é a da indústria do conhecimento. Esse fenômeno ganhou mais força nos últimos 20 anos, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. Entretanto, neste início de século, está tomando corpo e traçando suas diretrizes de atuação.

Dentro desse processo, os países que lideram a produção de novos conhecimentos, sua aplicação e transformação em produtos preocupam-se mais em criar do que produzir. De certo modo, é a continuidade das ondas de inovação que, por exemplo, permitiram à Europa a Revolução Industrial e que agora preparam a Revolução do Conhecimento.

Nessa nova onda, além de economias globalizadas, produtos internacionais e cultura massificada, é importante ter acesso aos talentos e à criatividade que são produzidos sem fronteiras. Se durante a Revolução Industrial as matérias-primas tiveram peso na geopolítica de época, agora elas se transformaram nos talentos criativos, que são prospectados no mundo todo e abrigados em ambientes de criação e inovação, predominantemente na Europa e nos Estados Unidos.

Nesse movimento liderado pelos EUA e a Europa, surgem com muita força a Coreia do Sul e a China. Mesmo na Europa, também conhecida como o Velho Mundo, esse movimento de criação e inovação parece estar dando fôlego às suas sociedades. Hoje, em muitos países europeus, parece que a inovação e as novas tecnologias realizam um movimento de animação e rejuvenescimento através do trabalho humano altamente qualificado.

A Europa, que vem se desindustrializando ao longo das últimas décadas do século XX e que aparentemente estava fadada a envelhecer, parece ter encontrado um novo modelo de desenvolvimento que se apóia nas universidades criativas, nas empresas inovadoras e nos governos com políticas de Estado focadas na inovação e nas novas tecnologias.

Essa tendência é muito clara na Espanha, onde os Parques Científicos e Tecnológicos reúnem a produção de conhecimento em todas as áreas do conhecimento e fazem sua transferência para aqueles setores que vão aplicar e fazer a transformação dessa inovação em produtos e em recursos.

Cidades de norte a sul da Espanha que tiveram suas empresas e indústrias tradicionais arrasadas pela concorrência internacional se reconverteram em centros produtivos de conhecimento e de novas cadeias produtivas. Outras regiões espanholas que sofriam de atraso crônico e que viviam do sol hoje aparecem no mapa internacional da ciência e da inovação como exemplos de cidades do conhecimento.

Aqui, no Brasil, vivemos na periferia dessa onda, pois ainda necessitamos de indústrias que sejam intensivas em mão-de-obra. Precisamos de empregos, renda e educação. Vivemos ainda, em grande parte, no mundo dos séculos XIX e XX, ou seja, na era da Revolução Industrial.

Entretanto, alguns atores e setores brasileiros experimentam a coexistência com essa vanguarda internacional e, provavelmente, teremos que conviver com esses dois processos para permitir que o país se desenvolva.

De toda forma, as experiências internacionais de ciência, tecnologia e inovação devem ser perseguidas e aplicadas nas nossas comunidades. A educação e o conhecimento devem estar na primeira fila das ações dos governos e das universidades brasileiras, sob pena de nosso país permanecer como exportador de matérias-primas, entre as quais, nossos cérebros.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

A ciência brasileira

A ciência brasileira vai bem. É o que diz um estudo de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, órgão do MEC responsável pelos Programas de Mestrado e Doutorado no país, apresentado durante uma reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC.

Segundo esse estudo, o Brasil ocupa hoje a 20ª posição no ranking dos países quanto ao índice de impacto científico pelos seus pesquisadores. Essa é uma fórmula que se aplica para medir a qualidade dos trabalhos científicos produzidos e procura avaliar o progresso científico nacional em relação às outras nações.

Levando-se em conta os dados de 2004 a 2006, o Brasil ganhou dois postos em sua produtividade científica, superando a Suíça e a Suécia. De todo modo, o grande líder mundial em produção científica continua sendo os Estados Unidos, que, sozinho, produz cerca de 33% da ciência global. Atrás dele, aparecem a Alemanha, o Japão, a China e a Inglaterra. O crescimento científico brasileiro ocorre em várias áreas do conhecimento, mas destaca-se na medicina que, sozinha, cresceu 17%, entre 2004 e 2006.

Um dado interessante no estudo apresentado pela CAPES é que o Brasil, embora seja o 20º colocado no ranking do índice de impacto, tem uma posição melhor na produção de artigos científicos. Se fosse levada em conta apenas a quantidade e não a qualidade da ciência produzida, o nosso país seria a 15ª nação que mais produziu artigos científicos em 2006, superando outras nações muito representativas no campo da ciência.

Diante desse quadro, podemos nos perguntar: produzimos tanta ciência e dependemos tanto das conquistas vindas do exterior? Produzimos tanto conhecimento, compramos tecnologias e pagamos *royalties* para outros países?

Essa é uma questão central e de muita importância. De modo geral, ainda privilegiam-se os artigos científicos e não as patentes e a inovação de produtos e processos; temos uma política governamental e de grande parte da comunidade científica que incentiva e premia o artigo e não o produto/processo inovador. Some-se a isso o distanciamento de muitas Universidades e Centros de Pesquisa em relação às empresas e a falta

de cultura de muitos empresários em investir em idéias e pesquisadores nacionais.

Além disso, somos um país onde poucos doutores estão trabalhando nas empresas, em sua maioria, estão nos laboratórios das Universidades, o que faz com que pouco conhecimento transfira-se aos setores transformadores e de produção.

Temos, pois, uma grande competência para produzir conhecimento, necessitamos transferir esse rico material à sociedade, por isso, além de produzir a ciência, é preciso financiar a inovação.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

O impacto das organizações

É inegável o impacto que algumas empresas, organizações e universidades exercem sobre cidades, regiões e mesmo estados. Basta reparar no que acontece quando uma crise atinge um pólo de desenvolvimento e ver o quanto sofrem aqueles atores que direta e indiretamente dependem dessas organizações. Também é verdadeiro que o seu desenvolvimento faz florescer uma grande gama de novos negócios e ajuda a promover um desenvolvimento real.

Infelizmente nós, brasileiros, não temos o hábito nem a tradição de avaliar o impacto que essas organizações exercem sobre a economia regional, por isso perdemos nossa capacidade de potencializar e valorizar essas empresas. Esses movimentos apenas se realizarão quando existir uma ameaça real de seu fechamento, desaparecimento ou de mudança.

Nos Estados Unidos, por exemplo, não apenas as empresas de um modo geral, mas também as universidades, são citadas e estudadas por seu peso e importância no desenvolvimento das regiões. Um dos grandes exemplos mundiais que vêm dos EUA é o Massachusetts Institute of Technology – MIT.

Ao analisarmos o efeito multiplicador causado pela ação do MIT e as realizações que desencadearam em nível local e nacional, percebemos o quanto ele é valorizado, basta ver que sempre é citado como um exemplo internacional de instituto de pesquisa que deu certo, pois cria, produz e vive com recursos bilionários, contrata e tem em seus quadros mais professores e pesquisadores ganhadores do Prêmio Nobel do que qualquer outra instituição mundial, 59 ganhadores do Nobel para ser exato.

Ao longo dos últimos anos, os graduados do MIT criaram 4.000 empresas com 1.100.000 empregos, responsáveis por US\$ 232 bilhões em vendas. Esse foi o resultado do primeiro estudo nacional do impacto econômico de uma universidade de pesquisa, realizado pelo BankBoston.

Esse mesmo relatório afirmou que se as companhias fundadas por MIT estivessem em um país independente, os rendimentos produzidos por elas fariam a essa fictícia nação a 24ª maior economia do mundo.

Um dos principais economistas que acompanhou a pesquisa afirmou que instituições como o MIT são fundamentais para as economias que enfatizam a inovação, pois são fundamentais para gerar negócios novos por todo o país. O MIT não é a única universidade que teve um impacto nacional deste tipo, mas por causa de sua importância histórica se constitui em um grande exemplo junto com outras universidades que contribuíram para o desenvolvimento da economia.

Pode parecer um exemplo distante, mas existem muitas organizações perto de nós que deveriam ser preservadas e observadas com mais atenção, pois desempenham um importante papel no desenvolvimento regional.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

O computador

O Brasil é um país de interessantes contrastes e posições. Há alguns anos dizia-se que éramos ao mesmo tempo a Bélgica e a Índia, levando em conta o nosso desenvolvimento humano. Por certo, ainda convivemos com sérios contrastes onde a vanguarda de alguns setores convive com o atraso de outros.

Dessa forma, também se comporta o acesso e o uso dos computadores no país, que, embora seja uma das dez maiores economias do planeta, figura positivamente em 4 lugar em venda de computadores. Isso mesmo, nesse ano de 2007, o Brasil passou da 7ª posição para a 4ª em vendas de computadores. Esse avanço está diretamente ligado à venda de 2,1 milhões de unidades entre abril e junho deste ano.

Segundo estimativa da Consultoria IDE, o ano de 2007 deve fechar com vendas na ordem de 9 milhões de computadores no país, isso representará um aumento de 25% em relação ao ano de 2006.

Esse forte crescimento nas vendas pode ser explicado por alguns fatores. Primeiro, houve uma significativa redução nos preços, especialmente nos computadores portáteis ou *notebooks*. Segundo, uma importante redução dos juros das parcelas e um aumento nos prazos de pagamento, o que alguns analistas estão chamando de efeito “Casas Bahia”, numa referência a essa rede de lojas com uma proposta mais popular.

Essa diminuição dos juros e aumento dos prazos, fez com que especialmente as classes C e D se incorporassem a esse mercado, tanto que hoje, esse segmento da sociedade possui uma intenção de compra de computadores, maior do que as classes mais ricas. A intenção de compra de computadores da classe D é de 20%, da classe C de 25%, da classe B de 24% e da classe A de apenas 4%.

O uso do computador e a sua ampliação de consumo estão diretamente ligados ao uso dessa ferramenta na escola, no trabalho e, principalmente, pela expansão do uso e acesso à internet. Segundo dados internacionais, no Brasil, cerca de 40% das pessoas usam a internet. Também está fortemente associado às pessoas, que o domínio do computador e de outras ferramentas computacionais, de certa forma proporciona um progresso pessoal e profissional.

Cada vez mais vamos nos deparar com a popularização do acesso aos meios computacionais e a novas tecnologias. Quem não se atualizar, nem dinheiro do banco vai conseguir sacar. Evidentemente, não adianta somente o computador, a máquina e a internet, será cada vez mais necessária uma forte ação educativa para o usuário e criativa, para desenvolvimento de novas ferramentas e interfaces mais amigáveis.

Hoje, ainda, é muito “complicado” usar o computador, é necessário adaptá-lo as pessoas e torná-lo mais simples e ágil. É necessário que aprendamos a explorar essa ferramenta, sermos educados e capacitados para o seu domínio criativo. Caso isso não ocorra, o computador por si só, vai virar apenas mais uma máquina, uma máquina de escrever eletrônica, ou um vídeo game, ou ainda, uma nova televisão.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Internet, internautas

O mundo assiste a um verdadeiro *boom* de expansão da rede mundial de computadores, conhecida como internet. Mesmo países que estavam fechados e que impunham restrições aos seus cidadãos estão sendo obrigados a abrir essa possibilidade de conexão. É o caso agora de Cuba e, há alguns anos, da China.

A internet é um processo tão forte e agressivo que alguns estudiosos creditam que ela tenha sido uma das principais forças que levaram ao fim, de fato, da Guerra Fria e do Comunismo, fazendo com que se rompesse o isolamento de muitos países, com regimes fechados e autoritários.

Bem, essa é uma teoria, mas o que vemos são nações empenhando-se em conectar-se e usar essa ferramenta tecnológica para a comunicação, os negócios e a educação. Esse é um fenômeno que assola a China, que hoje conta com 220 milhões de cidadãos ligados à Internet, número que fez com neste ano ultrapassasse os Estados Unidos em número de internautas; os norte-americanos conectados são 217 milhões. No Brasil, os recentes estudos indicam a presença de 52,9 milhões de usuários da rede mundial de computadores.

Evidentemente, existem diferenças significativas entre as populações e o poder aquisitivo de cada país, no entanto é muito forte esse movimento que está acontecendo na China. No Brasil, o número de internautas e de computadores também tem crescido muito nos últimos anos, mas ainda é pouco diante do potencial brasileiro e do avanço em outras nações, como na China e na Índia, por exemplo.

No nosso país, apenas 24% das residências possuem computadores e desses apenas 17% estão ligados à Internet. Outra característica brasileira é que 49% do acesso à rede mundial de computadores acontece em *Lan Houses* ou *cyber* cafês. O uso doméstico de computadores e acesso à Internet no Brasil possui alguns gargalos, entre eles encontramos o custo ainda elevado dos computadores e equipamentos de informática, embora tenha caído muito nos últimos anos, some-se a isso o custo do acesso à Internet e, também, a necessidade de um provedor. Essa combinação de valores afasta o brasileiro dessa ferramenta tecnológica.

Enquanto países como a China e a Índia a cada dia se conectam ao mundo e transformam suas sociedades através da Internet, aqui no Brasil esse movimento é mais lento. De toda forma, os avanços estão acontecendo num ritmo positivo e não adianta apenas máquinas, é preciso uma mentalidade mais aberta ao mundo e as suas transformações, apoio no desenvolvimento das pessoas e oportunidades de desenvolvimento pessoal.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2008.

Cidades criativas

Várias cidades do Rio Grande do Sul têm vocação para tornarem-se cidades criativas, especialmente em nossa região metropolitana e Vale do Sinos. Para tanto, é importante observar os seus diferenciais e os ativos que contribuem para essa nova formatação econômica e social.

Cabe destacar que essa vocação criativa e inovadora está alicerçada em uma interessante diversidade cultural local, além de existir uma tradição empreendedora e uma nova geração que cresce com esse espírito das gerações passadas. Nesse sentido, há na região diversos centros tecnológicos, escolas técnicas e universidades, bem como inúmeras iniciativas sociais e empresariais em diferentes setores da economia.

Temos aqui na nossa região também um grande potencial para desenvolver um verdadeiro *cluster* criativo, como os clássicos exemplos da cidade do futuro em Helsinque, na Finlândia, da cidade multimídia em Montreal, no Canadá, ou, ainda, da experiência espanhola de Barcelona 22.

Mesmo no Brasil, existem tentativas positivas, como a que acontece na cidade de São Paulo, que começou a configurar um núcleo de empresas criativas e já pode contabilizar alguns resultados. Esse movimento paulistano é muito inicial, mas seus resultados mostram que atualmente cerca de 8% dos empregos na região já vêm de setores criativos e inovadores, como as áreas de *games*, moda, *design* e de novas tecnologias.

Um grande desafio para nós, gaúchos, seria criar e desenvolver esses ambientes criativos de forma economicamente viável e sustentável, com significativo retorno para a economia local, possibilitando o desenvolvimento de nossas potencialidades. Além disso, precisamos desenvolver e atrair mais pessoas criativas e inovadoras, desenvolvendo espaços urbanos adequados como ambientes de inovação, onde os empreendedores tenham apoio do poder público e das universidades e uma capacidade de sinergia com as empresas locais já instaladas.

Nesse sentido, a instalação e o desenvolvimento de ambientes e de empresas criativas é um desafio que pode se configurar como importante alternativa para a criação de empresas e empregos altamente qualificados. As novas tecnologias, os empreendedores

Temos aqui na nossa região também um grande potencial para desenvolver um verdadeiro *cluster* criativo

culturais, o *design*, a moda, os *games* e as questões ambientais são apenas alguns exemplos de negócios que usam como matéria-prima inesgotável o conhecimento.

Esses são ativos renováveis e alguns dos elementos que evidenciam os diferenciais do futuro das cidades criativas e inovadoras, em oposição às cidades tradicionais. Vale a pena investir nesse processo e criar alternativas sustentáveis e rentáveis de novos negócios.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Revolução, conhecimento e inovação

Existem vários tipos de revolução, as mais conhecidas são aquelas lideradas pelas massas, pelas armas, pelo conflito e destruição, que movimentavam as nações e deixam cicatrizes imensas e que duram anos. Outras, porém, são silenciosas, ocorrem no dia a dia com avanços grandiosos e, quando percebemos, o mundo mudou em pouco tempo. Dentre estas, está a revolução tecnológica que vivemos atualmente que, muito ligada a obsolescência de produtos cada vez mais rápida e a troca de tecnologias mais veloz, tem mudado nosso cotidiano de maneira surpreendente.

Outra revolução em marcha no mundo todo é a do conhecimento. Esse fenômeno ganhou mais força no final do século passado e está ligado à produção de novos conhecimentos e sua aplicação está mais dirigida a criar do que produzir.

Se no passado as matérias-primas tiveram peso na geopolítica e na definição do desenvolvimento dos países baseados na industrialização, sendo um dos principais ativos das nações, agora essa força migra rapidamente para os talentos criativos, que são prospectados no mundo todo e abrigados em ambientes de criação e inovação, predominantemente na Europa e nos Estados Unidos.

No mundo desenvolvido como em alguns países emergentes, esse movimento de criação e inovação parece estar dando fôlego às suas sociedades. Hoje, em muitos países europeus parece que a inovação e as novas tecnologias realizam um movimento de animação e rejuvenescimento através do trabalho humano altamente qualificado.

A Europa, que vem se desindustrializando ao longo das últimas décadas do século XX e que aparentemente estava fadada a envelhecer e os EUA que fecha suas fábricas e perde seus empregos na indústria, parecem ter encontrado um novo modelo de desenvolvimento que se apóia nas universidades criativas, nas empresas inovadoras e nos governos com políticas de Estado focadas na inovação e nas novas tecnologias.

Aqui, no Brasil vivemos na periferia dessa onda, pois ainda necessitamos de indústrias que sejam intensivas em mão-de-obra. Precisamos de empregos, renda e educação. Entretanto,

alguns atores e setores experimentam a coexistência com essa vanguarda internacional.

Para que possamos, de fato, buscar um lugar de destaque na economia internacional e alcançar um desenvolvimento sustentável, a educação e o conhecimento devem estar na primeira fila das ações dos governos e das universidades brasileiras, sob pena de nosso país permanecer como exportador de matérias-primas, entre as quais, nossos cérebros.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Cidades e governos inteligentes

Atualmente desfrutamos das melhores condições que a humanidade teve ao longo de sua história para transformar a nossa vida e a da maioria das pessoas que vivem nas cidades. Isso parece irreal diante das situações que enfrentamos, principalmente aqui no Brasil, mas, a despeito dos problemas com que nos deparamos, podemos fazer de nosso espaço urbano um local melhor para se viver.

Para tanto, não existe uma fórmula mágica. Podemos começar, por exemplo, com a aplicação de um pouco do conhecimento de nossa civilização, ou seja, daquilo que nós mesmos desenvolvemos, ter vontade política e uma mínima visão de futuro; nem tudo na vida é recurso e grande parte das possibilidades concretiza-se com mais criatividade e inovação.

Pensando nessas possíveis transformações é que observamos surgir em todo mundo experiências das chamadas cidades inteligentes, que seriam aquelas que integram seus serviços de educação, cultura, lazer, saúde, esporte, trabalho, informações e serviços a sistemas de comunicação com a sociedade. A cada dia, surgem novas e diferentes experiências que põem em prática essas questões e que vão permitindo aos cidadãos a participação ativa na vida das cidades, não apenas durante as eleições, mas na gestão, tudo isso aproveitando o uso de novas tecnologias aplicadas à melhoria da vida de todas as pessoas e à criação de facilidades urbanas.

Nesse sentido, cabe destacar algumas cidades estadunidenses – isso citando apenas os Estados Unidos, uma vez que há outros exemplos mais: Em Nova Iorque, com o projeto *Bairros do Futuro*, que integra serviços básicos, desde saúde infantil até a revitalização de áreas públicas, emprego, passando por projetos de arte e cultura, esporte e até ajuda para as lições de casa a estudantes das escolas do bairro. Já, em Boston, as bibliotecas estão totalmente conectadas às escolas, aos centros comunitários, aos serviços públicos e aos cidadãos. Em Baltimore, por sua vez, o cidadão pode acompanhar em tempo real as questões do trânsito, segurança, recolhimento de lixo, atendimento de saúde e outros serviços federais, estaduais e municipais.

Também no Brasil, algumas cidades estão investindo em portais pela internet que façam algum tipo de integração; outras

estão colocando à disposição informações locais e regionais que informam sobre questões de interesse coletivo; outras, ainda, disponibilizam internet gratuita, ampliando a capacidade individual de acesso a esses serviços colocados nos portais.

Quem sabe a utilização de novas tecnologias nas nossas cidades, juntamente com a integração de serviços e informações, possa qualificá-las para o futuro. Creio que essa é uma das muitas questões que deveriam estar em debate, na pauta das cidades, pois concretamente vão contribuir para um futuro mais positivo de nossas comunidades.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

O cotidiano e as máquinas

O Brasil é um país de interessantes contrastes e posições. Há alguns anos, dizia-se que éramos, ao mesmo tempo, a Bélgica e a Índia, levando em conta o nosso desenvolvimento humano. Por certo, ainda convivemos com sérios contrastes - a vanguarda de alguns setores convive com o atraso de outros -, mas hoje é inegável que progredimos em quase todas as áreas e passamos a outro patamar de desenvolvimento do país.

Dessa forma, também se comporta o acesso e o uso dos computadores no país, que, embora seja uma das dez maiores economias do planeta, figura positivamente entre os primeiros países do mundo em venda de computadores. Isso mesmo, no ano de 2007, o Brasil passou da 7ª para a 4ª posição em vendas de computadores e, no ano passado, passou a disputar a segunda posição mundial nesse mercado.

Esse forte crescimento nas vendas pode ser explicado por alguns fatores. Primeiro, houve uma significativa redução nos preços, especialmente dos computadores portáteis ou *notebooks*. Segundo, houve uma importante redução dos juros das parcelas e um aumento nos prazos de pagamento, o que alguns analistas estão chamando de efeito "Casas Bahia", em referência a essa rede de lojas com uma proposta mais popular.

Essa diminuição dos juros e o aumento dos prazos fizeram com que, especialmente as classes C e D, se incorporassem a esse mercado, tanto que hoje esse segmento da sociedade possui uma intenção de compra de computadores maior do que a das classes mais ricas.

Cabe destacar que o uso do computador e a sua ampliação de consumo também estão diretamente ligados ao uso dessa ferramenta na escola, no trabalho e, principalmente, pela expansão do uso e acesso à internet. Segundo dados internacionais, no Brasil, mais de 40% das pessoas usam a internet.

Cada vez mais, vamos nos deparar com a popularização do acesso aos meios computacionais e a novas tecnologias. Quem não se atualizar nem dinheiro do banco vai conseguir sacar. Evidentemente, não adianta somente o computador, a máquina e a internet, será cada vez mais necessária uma forte ação educativa

para o usuário e criatividade para o desenvolvimento de novas ferramentas e interfaces mais amigáveis.

Hoje ainda é muito “complicado” usar o computador; é necessário adaptá-lo às pessoas e torná-lo mais simples e ágil. É necessário que aprendamos a explorar essa ferramenta, sermos educados e capacitados para o seu domínio criativo. Caso isso não ocorra, o computador por si só vai virar apenas uma máquina de escrever eletrônica, um videogame ou, ainda, uma nova televisão.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

Sem Tecnologia

Sem crescimento

Dentro do conceito de tecnologia a serviço da diminuição das desigualdades e da pobreza, o relatório destaca que a tecnologia de informação e a comunicação, além da biotecnologia, podem se transformar em molas propulsoras do desenvolvimento e da erradicação da miséria, em qualquer ponto do planeta e em todas as culturas. Tudo isso, em um espaço de tempo muito pequeno e com ganhos reais mensuráveis a cada ano através do desenvolvimento do PIB e do IDH.

A tecnologia de informação e as comunicações seriam capazes de romper as barreiras geográficas, lingüísticas, econômicas e sociais, aumentando a informação e garantindo o acesso à educação de qualidade de um número significativamente maior de pessoas, em todo o globo. Também, levaria os programas de saúde pública e outras informações a bolsões de extrema pobreza em regiões isoladas geograficamente e a grandes aglomerações urbanas, típicos de metrópoles terceiro-mundistas.

Por outro lado, a biotecnologia, proporciona um grande rendimento na agricultura voltada à alimentação humana. Claro que alguns tabus como os transgênicos e outras alterações estão no corpo desses trabalhos, mas basta olhar o Brasil que últimos anos, vem elevando sua produção de grãos sem, no entanto, aumentar sua área cultivada para comprovar a veracidade do que afirmamos.

Infelizmente, o Brasil aparece em 43º lugar, entre 72 países, no IDT, mas começa a esboçar uma reação significativa.

Os desafios são muitos, entre eles, aumentar a taxa de inovação nas empresas, dar mais recursos para a implantação de empresas de tecnologia, capacitar melhor os técnicos e universitários, nas áreas de ciência e tecnologia, desenvolver as atividades industriais e de pesquisa aplicada e, acima de tudo, romper as barreiras entre as Universidades e centros de pesquisa e as Empresas.

Talvez resida aí a maior dificuldade cultural brasileira, o fato de Universidade e Empresas nem sempre trabalharem juntas e, quando o fazem, atuam de forma muito tímida.

O apoio dos empresários a programas universitários e a entrada da Universidade, definitivamente, no “chão de fábrica” devem promover, em curto período e a custos extremamente baixos, a transferência de tecnologia e a sua aplicação a processos específicos de cada setor ou atividades.

Cabe ressaltar que o progresso da ciência e tecnologia não são feitos somente de máquinas e equipamentos. O componente humano é de fundamental importância e, provavelmente, aquele mais sensível e que necessita de maior tempo para seu desenvolvimento.

O entrave tecnológico reside na ineficiência de desenvolver e explorar ao máximo esses recursos através de nossos colaboradores. Assim, um bom começo para as Empresas e Universidades seria apoiar programas de educação à distância, empreendedorismo, criatividade, gestão tecnológica, design e outros, que proporcionariam um ganho importante na qualificação do capital humano das empresas.

Começar a nossa lição de casa pode ser extremamente importante, para uma posição mais condizente com relação a nossa realidade industrial e pretensões internacionais. Portanto, vamos trabalhar para que o futuro não espere toda a eternidade para acontecer.

Texto originalmente publicado no Jornal O Empresário, de Juiz de Fora/MG.

Vivendo a inovação

Nos últimos anos, estamos experimentando uma nova revolução, em marcha no mundo todo: a da indústria do conhecimento. Esse fenômeno ganhou mais força nos últimos anos, iniciando principalmente nos Estados Unidos, na Europa ocidental e expandindo pelo continente asiático. Essa transformação está tomando corpo e envolvendo cada vez mais um grande número de nações, e colocou o Brasil no centro desse movimento.

Dentro desse processo, os países que lideram a produção de novos conhecimentos, sua aplicação e transformação em produtos preocupam-se mais em criar do que em produzir. De certo modo, é a continuidade das ondas de inovação que, por exemplo, permitiram à Europa a Revolução Industrial e que agora preparam a Revolução do Conhecimento.

Nessa nova onda, além de economias globalizadas, produtos internacionais e cultura massificada, é importante ter acesso aos talentos e à criatividade que são produzidos sem fronteiras. Se durante a Revolução Industrial as matérias-primas tiveram peso na geopolítica de época, agora elas se transformaram nos talentos criativos, que são prospectados no mundo todo e abrigados em ambientes de criação e inovação, predominantemente na Europa e nos Estados Unidos.

Nesse movimento liderado pelos EUA e a Europa, surgem com muita força a Coreia do Sul e a China. Mesmo na Europa, também conhecida como o Velho Mundo, esse movimento de criação e inovação parece estar dando fôlego às suas sociedades. Hoje, em muitos países europeus, parece que a inovação e as novas tecnologias realizam um movimento de animação e rejuvenescimento, através do trabalho humano altamente qualificado.

A Europa, que vem se desindustrializando ao longo das últimas décadas do século XX e que aparentemente estava fadada a envelhecer, parece ter encontrado um novo modelo de desenvolvimento que se apóia nas universidades criativas, nas empresas inovadoras e nos governos com políticas de Estado focadas na inovação e nas novas tecnologias.

Aqui, no Brasil, vivemos na periferia dessa onda e ainda necessitamos de indústrias que sejam intensivas em mão-de-obra. Precisamos de empregos, renda e educação. Entretanto, alguns

atores e setores experimentam a coexistência com essa vanguarda internacional e, provavelmente, teremos que conviver com esses dois processos para permitir que o país se desenvolva. Para isso, a educação e o conhecimento devem estar na vanguarda da visão de desenvolvimento, sob pena de nosso país permanecer como exportador de matérias-primas, entre as quais, os nossos cérebros.

Texto originalmente publicado no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre/RS, no ano de 2011.

Criatividade e globalização

Vivemos um momento ímpar de nossa civilização, marcado pela integração de todo o planeta de forma quase instantânea, *on-line*. Essa significativa mudança trouxe consigo uma expectativa perturbadora pela busca constante de informações e contatos, tanto que está cada vez mais difícil nos afastarmos da informação, sem falar da *internet* e do celular.

Essas mudanças que experimentamos são significativas em nossa sociedade. Basta observar que vários conceitos e valores que tínhamos estão sendo superados e perceber como nossos filhos reagem a esses estímulos e como são capazes de ser pessoas multimídia. Está em operação uma transformação na velocidade e na disponibilidade de acesso ao conhecimento, tornando as redes pessoais um poderoso instrumento de transformação.

A instantaneidade do acesso e a formação de redes criaram um novo padrão de trabalho e de disseminação do conhecimento e da informação. Quem está isolado geograficamente pode, através da rede mundial de computadores, inserir-se em um grupo e ter acesso ao que de mais moderno se discute em qualquer área do conhecimento humano. Desse modo, o conhecimento vence a barreira geográfica.

Esse mundo global e instantâneo em que vivemos, mas que nem sempre conseguimos acompanhar, é a terra da chamada indústria criativa, aficionada por tecnologia e fortemente agregadora de diferentes setores em que os insumos principais são a inovação e a criatividade. Essa indústria reúne quase 2% dos trabalhadores formais do país, representando quase 1 milhão de pessoas, e responde por cerca de 2,7% do PIB nacional, superando os R\$ 100 bilhões.

Esse expoente da nova economia produz riquezas em diferentes setores, como design, engenharia, artes, música, computação, telecomunicações, arquitetura, moda, publicidade, audiovisual e muitos outros. É responsável por salários médios quase duas vezes maiores do que a média nacional e tem elevado sua participação na economia interna a cada ano. Além disso, tem um foco internacional em seus produtos e representa hoje uma nova concepção e possibilidade de desenvolvimento econômico baseado na inovação. Essa nova indústria da economia do conhecimento tem um grande potencial no nosso Estado e seu

desenvolvimento poderá criar um dos principais polos no Brasil com a possibilidade de alavancar diversos segmentos de forma transversal, sustentável e inovadora.

Texto originalmente publicado no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre/RS, no ano de 2013.

Criando e inovando

Estamos vivendo um novo cenário e uma nova ordem econômica mundial neste começo do século XXI, sobretudo pela quebra quase secular de uma polaridade política e econômica marcada pela presença de um conjunto de nações capazes de disputar um protagonismo multipolar. Em contrapartida, toma corpo uma nova economia orientada não apenas na produção de bens, mas, acima de tudo, na geração do conhecimento, especificamente, no processo de criação e seu controle. Vivemos também um espetacular processo de comunicação e conectividade global que proporciona um mundo interligado e quase “on-line”, onde as descobertas e sua aplicabilidade chegam com uma velocidade surpreendente a todos os cantos do planeta.

Nesse sentido, não apenas produzir, mas ter o domínio intelectual dos produtos e processos passou a ter um peso considerável na vida das organizações e dos próprios cidadãos. Isso está mudando a maneira como as pessoas são educadas para a vida e o mundo do trabalho, assim como vai influenciando mudanças na forma de agir das universidades, das empresas e dos governos.

Esse processo é tão acelerado que nações, como o Brasil, por exemplo, que, ao longo do século XX, fizeram grandes avanços em termos científicos, tecnológicos e industriais podem ter um grande retrocesso diante desse novo modelo econômico da sociedade do conhecimento. Sem esquecer que nosso país ainda possui uma grande necessidade de manter, criar e desenvolver cadeias produtivas industriais que geram empregos, renda e ajudam a disseminar resultados para a sociedade.

Ainda carecemos de ações mais efetivas de alguns setores econômicos, no sentido de constituir laços sólidos entre as nossas empresas e as universidades, as escolas técnicas e os institutos de pesquisa. É preciso avançar para além da produção e, investindo na pesquisa, passar ao desenvolvimento e domínio de áreas estratégicas de conhecimento, fazendo com que se supere uma visão estritamente produtiva e se avance para as áreas de domínio intelectual.

Assim sendo, nosso desafio no Brasil é triplo: consolidar uma estratégia industrial competitiva para as empresas, alargar o mercado interno e a inserção de grandes grupos sociais ainda marginalizados na sociedade e avançar na melhoria qualitativa

e na universalização do ensino em todos os níveis. De quebra, ainda trabalhar o estado da arte do conhecimento e de sua transferência, ou seja, a inovação. Esses movimentos impedirão que aumente a nossa dependência criativa e tecnológica, que pode, nos próximos anos, inviabilizar nossa economia e sociedade de maneira irreversível.

O mundo ingressou de vez na chamada sociedade do conhecimento, em que pensar, criar e inovar tornaram-se prioridades em todas as organizações, quer públicas ou privadas, sejam elas de atividades industrial, de serviços ou de educação.

Texto originalmente publicado no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre/RS, no ano de 2011.

O Conhecimento e o PIB

Ainda encontramos muita resistência em diversos setores da sociedade em aceitar a importância da geração de conhecimento e sua transferência para a sociedade e encarar esse movimento como atividades produtivas e de forte conteúdo de desenvolvimento econômico e social. As resistências acontecem por muitos fatores, que vão desde o desconhecimento da importância da ciência e sua difusão como elemento de crescimento das comunidades, até o entendimento de seu conceito.

Um importante passo no sentido de incorporar a pesquisa e o desenvolvimento de produtos e processos - P&D - como um fator de desenvolvimento foi dado agora nos Estados Unidos e acontece de modo a reconhecer que a fórmula atualmente adotada para o cálculo do Produto Interno Bruto - PIB não leva em consideração os investimentos realizados em P&D, mesmo que esse seja um dos fatores primordiais da nova economia.

Nos Estados Unidos, onde se investe cerca de 2,9% do PIB em P&D, calcula-se que a incorporação desse dispêndio elevaria em média 3% o PIB nacional e que em alguns estados americanos, como Novo México, por exemplo seria maior do que 10%.

Não se trata apenas de se elevar os valores nominais do PIB, mas de reconhecer que os investimentos em ciência, tecnologia e inovação não são despesas, mas investimentos que impactam em transformações na sociedade como a competitividade das empresas, melhores e mais qualificados empregos, aumento da média salarial e melhoria da qualidade de vida da população.

Países como Israel, que investe cerca de 4,4% do PIB, a Finlândia com 3,9% e a Coreia com 3,7% estão na liderança desse investimento e possuem hoje diferenciais sócioeconômicos significativos. No Brasil, onde tem se elevado esse investimento, nos encontramos próximo da faixa de 2% e estamos seguindo uma trajetória de crescimento.

O mesmo tem acontecido no Rio Grande do Sul, que nos últimos dois anos passou a reconhecer que ciência, tecnologia e inovação são importantes elementos de investimento na sociedade. Nesse sentido, temos dedicado parte significativa de recursos para P&D, além de criar políticas públicas que facilitem o acesso de empresas, institutos e universidades a investimentos, com a preocupação de

multiplicar o conhecimento e a inovação, diversificar e qualificar as matrizes produtivas, transformar as diversas regiões do Estado e desenvolver sustentavelmente o Rio Grande do Sul. Em um Estado onde se produz muito conhecimento, o desafio está sendo transformá-lo em PIB.

Texto originalmente publicado no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre/RS, no ano de 2013.

Mais protagonismo

Nosso Estado vive um momento de florescimento, após anos de abandono nos investimentos voltados ao desenvolvimento das empresas e das universidades do ponto de vista da ciência, da tecnologia e da inovação.

Em tempos recentes, chegamos a figurar em penúltimo lugar em recursos investido na Fundação de Amparo a Pesquisa do RS (Fapergs), ficando atrás apenas do Piauí. Além disso, em investimentos estaduais de Ciência e Tecnologia, aparecemos nas estatísticas do Ministério de Ciência e Tecnologia em 2003 com apenas 0,11% e, em 2008, 0,12 % da receita estadual em investimentos tecnológicos, um dos mais baixos do país.

Felizmente, desde 2011 essa realidade vem mudando de forma acelerada, e o Rio Grande recupera-se com competência, entusiasmo e uma parceria muito forte entre o Governo do Estado, o Governo Federal, as universidades, empresas e a sociedade.

Nesses últimos 3 anos, o sistema de Ciência e Tecnologia do RS já investiu R\$ 436,4 milhões em projetos e programas voltados à tecnologia e inovação, e até o final do ano vai superar os R\$ 500 milhões. Somente em 2014 estão sendo investidos R\$ 95 milhões em novos editais e, se compararmos com o período 2007-2010, serão mais de 612% de crescimento real em investimentos realizados somente pela Secretaria de Ciência Inovação e Desenvolvimento Tecnológico.

Evidentemente que os desafios ainda são muitos, entre eles a criação de uma cultura da inovação na sociedade que faça com que as empresas e organizações invistam mais em tecnologia e inovação, pois no Brasil falta um protagonismo da iniciativa privada, que ainda é muito dependente dos recursos do Governo para investimentos nestas áreas. Os dados oficiais do Ministério apontam que em 2011, no Brasil, o dispêndio público em ciência e tecnologia foi de 0,64% do PIB e o privado apenas 0,55%. Se compararmos com o Japão, que registra no público 2,59%, enquanto o privado injeta apenas 0,56%, e com a Coreia, onde o público foi de 0,86% e o privado de 2,46%, podemos perceber a importância da parceria entre empresas e governo para o desenvolvimento dos países.

Nunca houve tanto recurso disponibilizado para a tecnologia no Rio Grande do Sul. O que faltam são bons projetos.

Texto originalmente publicado no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre/RS, no ano de 2014.

11

**TEMÁTICAS
GERAIS**

A Universidade Feevale

Vivemos hoje a passagem das sociedades industriais para as sociedades do conhecimento. A primeira, com uma política clara de tecnologia, substituição de mão de obra pela mecanização, automação de processos, tem suas atenções voltadas aos grandes mercados internacionais, apoiada maciçamente nas grandes corporações transnacionais.

A sociedade do conhecimento, por sua vez, revela uma dinâmica diversa, também chamada de economia do conhecimento. Comandada pelas pequenas e médias empresas, está focada em criar e inovar, valorar suas atividades e aplicar diferenciais de produtos e serviços, que, cada vez mais, exigem um desenvolvimento permanente das habilidades de aprendizagem do ser humano.

Nesse contexto de contínuo aprendizado durante a vida, que, diga-se de passagem, está cada vez mais longa, o papel das escolas e universidades é o de garantir que a sociedade seja permanentemente capacitada. Aprender e desaprender serão tópicos permanentes nesse ambiente de contínua apreensão do conhecimento, sendo que a maior dificuldade será desaprender. Aqui reside uma das maiores dificuldades da sociedade do conhecimento, pois teremos que estar constantemente sensibilizados em nosso ponto de conforto, compelidos a avançar e aprender continuamente.

Essas duas sociedades deverão coexistir por muito tempo, entretanto, cada vez mais, o centro da economia mundial deriva para o domínio do conhecimento, enquanto a periferia se industrializa. Assim, o motor dessa nova sociedade passa a ser o processo de inovação e a cooperação entre as universidades, as empresas e a sociedade.

Nesse contexto, o papel que desempenham instituições como a Feevale configura-se em uma forte relevância para as comunidades progredirem e se desenvolverem dentro das novas tendências internacionais. Essa Instituição foi gerada das necessidades regionais e está focada em constantemente retribuir sua criação, não apenas atendendo a essas demandas, mas antecipando-se e oferecendo opções à sociedade. Essa é a importância de termos instituições locais, como a Feevale, fortes e comprometidas, pois podemos trabalhar juntos e contribuirmos para o sucesso de pessoas, cidades e organizações.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2010.

A Universidade do passado e do futuro

Atualmente vivemos um momento quase de refundação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, graças ao abandono e o desmonte que ela foi vítima nos últimos anos. Ao iniciarmos a gestão do Governo Tarso Genro a situação da instituição era de extrema penúria e abandono, uma calamidade.

Desde o início da atual gestão estadual, se aposta na reorganização e reestruturação da UERGS, baseado no desenvolvimento de três eixos de ações importantes: o primeiro deles, implantado nos primeiros meses de 2011, está relacionado às ações conjunturais e emergenciais que garantiram a continuidade e sobrevivência da instituição. Cabe citar a nomeação imediata de 23 professores, no momento em que a universidade registrava a péssima marca histórica de apenas 116 docentes e mais de 600 alunos que precisavam terminar os seus cursos. Em caráter de urgência foi autorizada a contratação emergencial de mais 60 professores e 40 servidores e, automaticamente, a abertura de concurso para substituir, dentro do prazo de dois anos, esses docentes e agora nesse mês a autorização de mais 57 contratações, totalizando em nosso Governo um acréscimo de 140 novos professores.

Em um segundo movimento, uma ação estrutural permitiu a criação do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) estabelecendo as diretrizes de funcionamento da UERGS com uma visão de futuro. O documento, elaborado pela Universidade e com a ajuda de técnicos especializados da Capes, estabelece as bases fundamentais da instituição e, somado ao histórico plano de carreira, permite que se mantenham os professores no quadro e exista perspectiva de contratar novos docentes que não usem a universidade como trampolim de concurso, mas se fixem e permitam melhorar a qualidade do ensino e organizar a pesquisa, a Pós-Graduação e a extensão universitária.

Por fim, outra ação efetiva do Governo junto a UERGS é a busca pelo aprimoramento da gestão da universidade. Não é somente a falta de professores que aflige a instituição, já que, de acordo com o MEC, a média nacional é de 12,25 alunos por professor, e a UERGS conta com uma média de 12,14 atualmente. É impres-

cindível, não somente ampliar investimentos, mas investir na sua totalidade os recursos disponibilizados. O orçamento aumentou 63% em relação ao último ano do governo anterior, entretanto a dificuldade da gestão universitária é grande, mas existem todas as condições de melhorar processos e controles e garantir que o crescimento dos investimentos projetados sejam acompanhados de uma otimização dos resultados.

De todo modo, a discussão apaixonante sobre a UERGS deve estar hoje passando pelo repensar de seu papel em um contexto de desenvolvimento para o Estado. Mais do que nunca, o governo estadual e os diversos atores envolvidos no projeto UERGS estão olhando não apenas para o passado, para sua criação e evolução, mas projetando sua presença e atuação no futuro, no século XXI. O novo momento de desenvolvimento do Estado e do país, aliado às transformações que o Rio Grande sofreu em questões educacionais nos últimos 10 anos, com a expansão do ensino público e gratuito federal, inspira uma nova realidade sobre os campi e cursos da UERGS, hoje não condizentes com as necessidades da sociedade gaúcha.

Transformar a UERGS numa universidade moderna, atuante, dinâmica e viva, com uma gestão universitária exemplar e que coopere para concretização de um ensino superior público gratuito de qualidade, é o compromisso constante deste Governo.

Texto originalmente publicado no Jornal das Missões, de Santo Ângelo/RS, no ano de 2013.

Cinqüentenário

Experimentamos, atualmente, um mundo repleto de mudanças, onde a vida das pessoas se prolonga, aumentando a sua longevidade. As instituições, os clubes, as políticas, a tecnologia, a moda e mesmo as empresas, por outro lado, nem sempre têm esse destino duradouro; são efetivamente poucas as que se mantêm sólidas e atuantes e assim chegam a completar cinqüenta anos de existência.

Um dos exemplos bem sucedidos desse cinqüentenário atuante e modernizador de empresas locais é o Grupo Editorial Sinos. Um grupo de comunicação local, fruto do crescimento de uma empresa familiar que soube transformar-se e atender as comunidades em que está inserido. Vai longe o ano de 1957, quando, em São Leopoldo, os irmãos Mário Alberto Gusmão e Paulo Sérgio Gusmão fundaram o Grupo Editorial Sinos. Em 1960, estabeleceram-se em Novo Hamburgo e já em 19 de março do mesmo ano saiu a primeira edição do jornal NH.

O trabalho desenvolvido desde os primórdios da empresa pautou-se por princípios que carrega ainda hoje, sendo um importante catalisador e liderança das principais bandeiras econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais da região, notabilizando-se pelo contato direto com os seus públicos regionais. Nesse sentido, cabe destacar um dos princípios que sempre esteve em destaque e evidência, o seu espírito comunitário, que permitiu levar a bandeira das principais reivindicações e propostas regionais e defender os interesses de diversas municipalidades.

Ao longo dos anos, o Grupo Sinos modernizou-se, cresceu, tarefa difícil para uma empresa, especialmente para um grupo de comunicação, sem, contudo, perder as referências; manteve-se na proa dos movimentos e seguiu com seu caráter de informação e de construção de uma cidadania participativa e atenta. Atualmente, existe uma grande complexidade e diversidade de mídias existentes, mas elas foram incorporadas à empresa que sempre atuou de uma maneira pioneira em seus produtos, processos e parque tecnológico. Esses fatores serviram de inspiração para muitas outras organizações regionais e, hoje, com satisfação, reconhecemos o Grupo Sinos como, além de um dos maiores grupos de comunicação do país, possuidor de uma continuidade, de firmeza e convicção dos valores comunitários.

Parabéns ao Grupo Sinos, aos seus colaboradores, fundadores e a todos aqueles que trazem, a cada dia, seus veículos de comunicação aos lares e às empresas e entidades de nosso Estado, prestando um serviço fundamental para o desenvolvimento do país.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

Um adeus especial

Durante toda a nossa vida experimentamos perdas, frustrações e mudanças. Esses duros momentos, normalmente, são compensados pelo entendimento de que independentemente de nossas sensações e estado de espírito, o universo segue se movimentando, se renovando e completando eternos ciclos de existência.

O mundo não presta a atenção no individual, segue seu ritmo e seu caminho de constantes mudanças. Como num grande rio, leva as caudalosas águas para distante de nós, até que elas cheguem a um oceano maior ainda.

Entretanto, nós, seres humanos, temos uma clara consciência de nossa existência, do tempo, da passagem dos anos, da história e das pessoas que fazem parte disso tudo. Por isso, percebemos os momentos em que nossa vida se enche e se torna plena, assim como também, quando sentimos o vazio, a sensação de perda e a saudade dos nossos amigos.

Esse é o sentimento que, desde a semana passada, amigos, colegas e familiares da professora Luci Bridi têm experimentado no seu cotidiano. Quem teve o privilégio de conviver com ela, conheceu uma educadora sensível, uma mulher forte, de posições claras e de uma conduta pessoal e profissional exemplar.

Aliás, sua vida pessoal e profissional andaram quase sempre de mãos dadas. Seus anos de dedicação à educação e a administração universitária foram focados na moldagem de pessoas e de uma entidade séria, ética e responsável, refletindo muito bem seu jeito de ser e agir.

Atenciosa, boa ouvinte e disposta a resolver os problemas com que se deparava, construiu um ambiente de trabalho que sempre primou por pensar na educação e nas pessoas em primeiro lugar, especialmente, naqueles que iniciaram seus passos profissionais por sua mão e condução.

Nos últimos anos, se empenhava também em cuidar da memória da Feevale, instituição com a qual teve uma relação de vida diferenciada pela paixão e amor de sua atuação, e não apenas pelos longos anos de atividade.

A ausência deixada pela professora Luci provocou em todos que a conheciam e que com ela conviveram, uma grande sensação de saudade da amiga e profissional que nos deixou cedo demais.

O universo vai continuar fluindo, apesar de nossa dor e consternação com o duro e inesperado golpe, mas a sua grande comunidade de amigos perpetua o seu exemplo, amizade e memória.

Ficou uma grande saudade e um nó em nossa garganta, mas também uma admiração pela educadora que se manteve firme no rumo de sua vida e de seu trabalho, cujos ideais e exemplos vão perdurar e nos renovar a cada lembrança que tivermos da amiga Luci.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2004.

A imprensa comunitária

Inegavelmente, a imprensa desempenha um importante papel na vida das mais diversas sociedades, principalmente por seu papel de informativo e, muitas vezes, formativo de seus leitores.

Especialmente na história brasileira do século XX, a imprensa foi decisiva pelo seu espírito engajado e até mesmo passional nos grandes momentos de nossa história recente. Seu papel de democratização das informações e de encampamento de bandeiras históricas no plano nacional foi determinante, por exemplo, no processo de redemocratização do país pós-ditadura militar, na campanha pelas Diretas Já, no “impeachment” do presidente Collor e no caminho dos últimos anos de redemocratização do país.

De um modo geral, a imprensa livre é um dos importantes componentes de uma sociedade democrática e sua força reside justamente na sua capacidade informativa, mobilizadora e vigilante nos diversos momentos da vida política, econômica e social.

Dentro desse contexto, o Estado do Rio Grande do Sul e, especialmente Novo Hamburgo podem agregar a esses fatos citados, um grande diferencial que é o papel comunitário do mais importante jornal regional, o NH, principal veículo de comunicação do Grupo Editorial Sinos.

Nessa sua grande trajetória de 45 anos, enfrentou os mais variados desafios, e consolidou-se não apenas como mais um jornal, mas “o jornal da comunidade”. Esse conceito não se refere apenas a sua procedência ou a uma limitação geográfica. O NH se tornou o veículo da comunidade, pois esteve sempre ao lado dessa, nas principais lutas do município e região.

Dentre suas bandeiras memoráveis estão a criação da FENAC, da Feevale, do Projeto Agora, da municipalização da água e criação da COMUSA, da Ação 21, Rodovia do Progresso, Ler é Saber e tantas outras importantes causas da comunidade de Novo Hamburgo e do Vale do Sinos.

Essa trajetória do sucesso empresarial e jornalístico representada pelo Jornal NH nesses 45 anos, é um tributo ao trabalho dos empreendedores e de sua aliança com a comunidade.

Se a imprensa, hoje, possui uma grande força, chegando a ser chamada de quarto poder, pois é capaz de influenciar nas decisões públicas e privadas, pode também dirigir seu poder de co-

municação para as grandes causas da comunidade. Esse é um dos principais focos do Jornal NH, que nessas suas quatro décadas de trabalho, nos ofereceu um potente canal de comunicação com a população e abriu espaços para a introdução de diferenciais em nossa comunidade.

Reconhecido pelo seu expressivo número de assinaturas e de circulação, além de uma vanguarda tecnológica, cabe-nos dizer que o Jornal NH desempenha um importante papel no desenvolvimento de Novo Hamburgo e da região, onde sua liderança está associada a seu compromisso com as comunidades.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

A memória

Um dos elementos mais importantes nas culturas ao longo da história é a sua memória. Ela é responsável pela preservação de valores e tradições, além de criar condições para o crescimento e avanço das sociedades.

A preservação da memória e da cultura material das comunidades é uma tarefa por demais importante, mas que, à falta de iniciativas, recursos e, principalmente de compreensão da coletividade, tem feito perder-se ao longo dos anos em nosso país e região.

A maioria das cidades brasileiras, incluindo as gaúchas, pôs em risco e, algumas de forma irrecuperável, esse rico material de nossa história. Felizmente, algumas iniciativas em Novo Hamburgo têm dado fôlego a essa cultura material, garantindo, se não em tudo, pelo menos em parte a memória desta comunidade.

Dentre as diversas ações, destacamos o Museu Nacional do Calçado - MNC, pensado de uma maneira pioneira e criado em articulação entre o setor público, a universidade, os setores culturais e de produção do município.

Com essa ampla rede de apoio, o MNC surgiu não apenas como depositário de uma história passada, mas olha para frente, sendo um espaço também de pesquisa de moda da cidade e região, um espaço utilizado pelo cidadão e pelas empresas que, cada vez em maior número, fazem seus profissionais de moda, criação e marketing conhecer o acervo e as exposições do MNC.

O MNC foi criado e está se expandindo também com a preocupação de ser um espaço cultural dirigido aos setores produtivos do couro, calçados e componentes, criadores de moda e designers. Já contamos hoje com mais de 17000 peças entre calçados, acessórios, equipamentos, roupas, utensílios, ferramentas e fotografias. Embora com uma capacidade reduzida de exposição (300 peças), os esforços de todos os envolvidos com o Museu, têm garantido uma grande visitação e visibilidade ao seu patrimônio.

Esse riquíssimo acervo vem se completando a cada dia e tem o constante apoio daqueles pioneiros do calçado, que abrem mão de peças raras e os têm ofertado ao MNC. Muitos acervos particulares importantes foram doados, garantindo a preservação e

conhecimento público dessas representativas peças que são incorporadas ao Museu.

As diversas exposições que se realiza, têm procurado atingir vários públicos, sempre chamando a atenção para a questão de memória, história e de cultura. Esse é um espaço que está crescendo fisicamente e em importância para a cultura regional, tornando-se uma referência.

Com esse trabalho do MNC, seus idealizadores e colaboradores podem servir de inspiração a outros municípios que, como NH, viram a transformação de uma realidade “colonial”, artesanal em uma sociedade industrial. Aos historiadores, homens ligados à cultura, à educação e à produção, cabe não permitir que essa história seja esquecida.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

A memória coureiro-calçadista

No dia 08 de setembro, tivemos o prazer de lançar um livro extremamente importante para as comunidades do Vale do Sinos, trata-se da publicação “Memória do setor coureiro-calçadista: Pioneiros e empreendedores do Vale do Sinos”.

Esse trabalho, longe de ser único e definitivo, marca o início da construção de um acervo que procura a história e a memória daqueles que ajudaram a construir o Vale, tendo como conceito fundamental o trabalho.

A preservação da memória e da cultura material da comunidade é uma tarefa de grande importância, mas a falta de recursos e de compreensão da coletividade, do poder público e das instituições têm sido responsáveis pela perda de grande parte desse rico material de nossa história.

Nesse sentido, através do Museu Nacional do Calçado – MNC, nos empenhamos seriamente na tarefa de preservação da memória do setor coureiro-calçadista. Com o apoio da Feevale e da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS, iniciamos em 2002 um inovador projeto de preservação da memória de um dos mais importantes segmentos produtivos do Estado e do País.

Esse trabalho aliou a pesquisa histórica a uma metodologia diferenciada, oferecida pelos pressupostos da História Oral. Para tanto, procuramos entrevistar alguns dos atores desse empreendimento e dividimos os depoentes em grupos por atividade profissional: representantes comerciais, trabalhadores, estilistas, empresários, imprensa, exportadores, homens públicos e ativistas comunitários.

Entrevistamos um total de 23 representativas lideranças pioneiras em mais de 50 horas de gravações e 12 meses de pesquisa histórica, que envolveu 4 pesquisadores e 3 bolsistas de iniciação científica. Muitas outras lideranças poderiam ser entrevistadas, mas as limitações de recursos e de tempo nos fizeram objetivar grandemente nosso trabalho.

Aos pesquisadores Claudia Schemes, Rodrigo Perla Martins, Ida Helena Thön e Cleber Prodanov, que desenvolveram esse trabalho, não foi permitido esquecer o quanto o setor coureiro-calçadista está ligado à pujança, ao crescimento regional e

a transformação do mapa político, econômico e social do Rio Grande do Sul.

Esse foi um primeiro passo que garantiu a preservação da memória de 23 agentes de transformação do setor coureiro-calçadista. Outros trabalhos estão em andamento e, coletivamente, vão nos ajudar a compreender esse fabuloso processo sócio-histórico.

O Vale do Sinos ergueu-se magnificamente e foi construído com o trabalho e o desejo de transformar uma realidade colonial em uma sociedade industrial; cabe a nós, historiadores e homens da ciência, não permitir que essa história seja esquecida.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2005.

O professor

Não tive a oportunidade de trabalhar com o professor Ernest Sarlet, entretanto, desenvolvemos um grande diálogo através de artigos, conversas e troca de idéias, fazendo crescer mutuamente o respeito e a admiração.

Nos últimos anos, muitas vezes, fui convidado a fazer-lhe uma visita ou a receber-lhe, sempre para tratar de vários temas ao mesmo tempo, numa explosão criativa de idéias. Ultimamente, além da educação e da cultura, preocupava o professor, o Rio do Sinos, as águas e a educação ambiental. Isso mais uma vez nos aproximou e acabamos escrevendo e trabalhando um pouco nessa direção.

Na verdade, o professor Sarlet tinha muito planos, idéias para muitas vidas, pois somente uma não daria para implementar todos aqueles planos e ações pensados e elaborados. Conversar com ele, era adentrar na sua marcante personalidade, que, em muitas ocasiões, teve que ser dura, firme e forte, para romper a inércia local, o que convenhamos, não é fácil.

Em nossas conversas, a sua fala variava entre a dureza e a energia para o doce acalento, com a mesma facilidade que rompia com a fúria inovadora e depois terminava com a paciência didática de um experiente mestre e educador, com sua arte de falar, convencer e fazer-se entendido. Com certeza, muitos de seus interlocutores não tenham compreendido esse movimento, mas ele era real e marcante no seu trabalho.

Essa multiplicidade revelada, marcava um homem complexo, multifacetado, dinâmico e que vivia para ensinar e aprender. Embora não tenha sido soldado, ao contrário, trocou os campos de guerra da Europa pelo Brasil, aqui travou inúmeras batalhas pela educação, pelo conhecimento, pela cultura e pela transformação do homem e da sociedade. Difícil e intrincada dedicação, que trouxe reconhecimento pelo seu trabalho, mas, cotidianamente, o fez refletir e exasperar para encontrar uma maneira de superar os enormes obstáculos que se antepunham entre ele e suas idéias.

Educar e transformar, como prática do professor Sarlet, também tocou no ponto de conforto da comunidade, mexeu com os valores, com práticas e provocou diversas reações. Isso o fez, muitas vezes, refletir. Mas, como humanista, visionário, homem

complexo e com poder de visão de futuro e de inovação, nunca desistiu das pessoas e das mudanças.

Foi embora o homem, ficou a lição, ficaram suas idéias. Mais do que frases bonitas, discursos e reverências, o melhor seria praticarmos um pouco de seus ideais. Essa seria, de fato, uma real oportunidade de homenagear o homem que dedicou uma vida inteira a transformar o mundo em um lugar melhor, mais bonito e mais culto.

Adeus, professor Sarlet, esperamos que outros homens estejam seguindo aquilo que plantaste para que possam operar as mudanças de que tanto precisamos.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2006.

Parabéns, Novo Hamburgo

Novo Hamburgo, neste ano, comemora seus 80 anos de emancipação política. No início do século XX, mesmo antes da sua emancipação, vários empreendedores desenvolviam aqui suas atividades industriais, entre eles: Libório Muller, Guilherme Ludwig, Arthur Haas, Augusto Jung, Pedro Alles e Pedro Adams Filho, somente para citar alguns.

Esses empreendedores foram capazes de transformar uma realidade colonial em um crescente centro industrial. As questões tecnológicas, por sua vez, estiveram sempre presentes, como uma forma de ter produtividade e qualidade em seus produtos, que iam cada vez mais longe no território nacional.

Como ponto de partida desse processo de modernização da produção estava a questão da maquinaria. As primeiras máquinas utilizadas na confecção dos produtos foram importadas da Alemanha, depois dos Estados Unidos e, aos poucos, iniciaram sua produção também na cidade, constituindo-se em mais um setor produtivo local.

Outro grande problema inicial foi a energia para essa jovem indústria. Em agosto de 1927, a municipalidade publicou um edital, no jornal O 5 de Abril, abrindo uma concorrência pública para o fornecimento de energia elétrica a Novo Hamburgo. Mais uma vez, a ousadia e a inserção tecnológica foram decisivas.

De fato, a criação da empresa Energia Elétrica Hamburguesa, que entrou em funcionamento em 1928, inicialmente, adicionou mais energia à rede municipal, através de um motor de combustão, e, em 1928, iniciou a construção de uma usina hidrelétrica na cascata do Herval, no rio Cadeia.

O ato de empreender e as soluções tecnológicas que garantiram a prosperidade local e regional lançaram as bases do complexo industrial de Novo Hamburgo e região, ajudando a desenvolver a comunidade hamburguesa e semeando prósperas cidades ao longo dos vales do Sinos e Paranhana.

Diante de um cenário de mudanças e transformações e procurando resgatar nossa história e trajetória como comunidade, é importante pensar e repensar nossa atuação e empreendê-la na dimensão futura. Nesse sentido, a ciência e a tecnologia apre-

sentam-se como elementos a nos auxiliar, a fim de que possamos prosseguir na tarefa iniciada por nossos antepassados.

Deve-se pensar, também, que o progresso da sociedade e, por conseguinte, da ciência e da tecnologia não é feito somente de máquinas, equipamentos e de algumas áreas específicas. O componente humano é de fundamental importância, assim sendo, não apenas a tecnologia, mas as pessoas, sua capacidade de aprendizado, formação e capacitação devem ser enfocadas.

Parabéns, Novo Hamburgo, pelos seus 80 anos. Uma saudação especial a todos aqueles que ajudaram a construir essa história de muito trabalho.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007.

40 anos e um grande orgulho para nós

As escolas e as universidades têm sido as instituições mais duradouras na história da Humanidade. Devido a isso, em grande parte, a sua grande capacidade de adaptação e de mudança, ao longo dos últimos milênios. Especialmente a tradição universitária, nasceu à sombra das catedrais, ligada ao ensino, à prática docente e fechada em suas paredes e muros, com a preocupação inicial focada na formação intelectual de uma elite letrada.

Entretanto, ela foi transformando-se ao longo dos séculos e incorporando a pesquisa e a extensão, que lhe deram, no final do século XX, uma estrutura mais equilibrada e que descortinava, assim, um mundo de oportunidades e interações. Dessa forma, no limiar do século XXI, muitas instituições universitárias ganharam ares de agente de transformação local e regional, agregado ao seu apelo universalista e acadêmico.

Cada vez mais, criam-se as condições de superação dos seus muros, o que, aliás, acelerou-se devido às transformações tecnológicas, ideológicas e doutrinárias desse início de milênio. Hoje, existe um grande movimento mundial que prevê que as Universidades, cada vez mais, devam responder por suas comunidades e desempenhar um papel inovador, acompanhando as mudanças incrementadas pela nova sociedade que surge, denominada por alguns como a Sociedade do Conhecimento.

De qualquer forma, é preciso compreender que vivemos uma nova era, marcada pelo acelerado ritmo da globalização econômica e cultural. Nesse sentido, grande parte das pessoas ainda não está preparada para as mudanças. Isso se agrava, porque as alterações começam a ocorrer em intervalos de tempo cada vez menores e com mais profundidade. Esses elementos agravam a percepção sobre a crise e a mudança dos paradigmas e tocam o ponto de equilíbrio e conforto das pessoas e das organizações.

Nesse contexto de transformações, nossa região pode ter orgulho de suas instituições, especialmente da Aspeur/Feevale. Essa instituição comunitária, inegavelmente, ao longo de seus 40 anos de existência, vem se transformando e ajudando a transformar as comunidades. Nascida de um desejo coletivo e comunitário, foram lançadas, no ano de 1969, as bases de uma instituição

que vem se consolidando como importante agente regional de formação e transformação. Profundamente comunitária, tem hoje um papel decisivo no desenvolvimento de várias comunidades gaúchas, mas sem perder o espírito de seus fundadores.

Parabéns àqueles que no passado empreenderam uma instituição como a Aspeur/Feevale, também àqueles que a ajudaram a transformar-se e a todos que estão comprometidos com o seu futuro. A Aspeur/Feevale, nascida de um desejo e uma visão de futuro, é hoje realidade e com um grande potencial para as próximas gerações.

Parabéns, Aspeur/Feevale, pelos seus 40 anos.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2009.

O viajante

Conheci, no final dos anos 90, o representante comercial Lauro Senger. Sempre alegre e disposto, mantinha sua coluna Malas e Falas no Jornal Exclusivo e era uma referência em termos de sapatos. Suas histórias descreviam as dificuldades e as engenhosas estratégias para desbravar os mercados onde seu trabalho alcançou. Conheci-o enquanto Diretor do Museu Nacional do Calçado - MNC, sempre em busca de doações para compor o acervo. Assim como o Gilberto Simon e o Carrasco, Lauro Senger nos ajudou muito a compor o acervo do MNC e a garantir que uma parte importante da memória material de Novo Hamburgo e da região calçadista não fosse para no lixo ou simplesmente esquecida.

Mais do que as doações que ele realizou, ficaram a amizade e o respeito pelo trabalho do homem que representava uma categoria de pessoas empreendedoras, que levaram os produtos, aqui manufaturados, aos mais distantes rincões do país.

Quando conversamos pela primeira vez a respeito de uma doação de parte do seu acervo pessoal, o Lauro Senger ficou curioso, queria saber o que seria feito, como seria exposto e em que condições suas peças seriam guardadas. Com a doação, passamos a receber, durante um longo período, sua visita quase diária ao MNC, zeloso por suas peças e sempre meticuloso com as questões do acervo. Através dos sapatos, vieram amizade e as histórias de seu trabalho durante os anos.

Depois de um tempo, as visitas ao museu se tornaram mais raras, mas a cada encontro nosso pela cidade, assomavam sempre novas histórias de suas viagens e aventuras. Infelizmente, o ciclo do amigo foi encerrado, mas permanecerão, entre nós, a lembrança e a história de vida deste cidadão que, com o orgulho pelo seu trabalho, ajudou a preservar a memória do setor coureiro calçadista do Vale do Sinos.

Texto originalmente publicado no Jornal NH, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2015.

CLEBER C. PRODANOV



Reitor da Universidade Feevale na gestão 2018-2024, possui ampla experiência em gestão na área educacional, tendo atuado, também, em empresas nacionais e multinacionais ligadas à área de tecnologia. Na esfera pública, foi secretário de Estado da Ciência, Inovação e Desenvolvimento Tecnológico do RS. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), foi do Conselho de Administração da Banrisul Corretora e da Ceitec S.A. Atuou na criação e implantação de diversos ambientes inovadores como o Feevale Techpark,

Hub One de Inovação, Centro de Design e Museu Nacional do Calçado (MNC), tendo trabalhado ainda, como consultor do Ministério de Educação (MEC/INEP) e do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE).

Como gestor educacional, desenvolve ações para fomentar o empreendedorismo e a inovação e promover parcerias estratégicas com empresas públicas, privadas, governos e universidades nacionais e internacionais. Busca aproximar essas organizações a partir de experiências sólidas entre a academia e o mundo dos negócios, voltadas aos desafios do mercado global. Dedicou sua carreira a cultivar ambientes de aprendizado inspiradores e impactantes e uma educação transformadora, impulsionando a construção de líderes visionários, inovadores e proativos.

Na esfera corporativa, sempre focou em novos desafios e programas que estimulam a criatividade e a cooperação. Essa expertise colaborou para impulsionar a inovação, incentivar a cultura empreendedora e a busca de diferenciais e resultados, transformando ideias em negócios e criando um futuro de sucesso para as pessoas e as organizações.

ISBN:
978-65-86341-32-4

Realização:



Apoio Cultural:

